FILOSOFIA
ESPIRITUALISTA

O Livro dos Espíritos

Contendo os Princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma,
a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais,
a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade.

Segundo o ensinamento dos Espíritos superiores, através de diversos médiuns,
recebidos e ordenados por

Allan Kardec

---

tradução para **português de Portugal** / 2018 – **3ª EDIÇÃO**
José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites
https://**espiritismocultura**.com/

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, DE ALLAN KARDEC

3ª Edição revista

da tradução para português de Portugal de

José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites

Abril 2018

https://espiritismocultura.com
https://palavraluz.wordpress.com

espiritismo.cultura@gmail.com

Índice

Nota de entrada

O livro que estão a começar a ler contém **1.018 perguntas** que foram feitas aos Espíritos daqueles que existiram antes de nós, a respeito do mundo que nos rodeia antes e depois da vida e das leis pelo qual se rege.

As PERGUNTAS constituintes da matéria deste livro e os NÚMEROS respetivos estão em texto de **tipo negrito**.

As RESPOSTAS dos ESPÍRITOS são dadas logo após a pergunta, em texto de **TIPO ITÁLICO, sendo esse o formato reservado aos textos que lhes são atribuíveis.**

Os COMENTÁRIOS de esclarecimento que foram feitos por **Allan Kardec** seguem-se em texto de **tipo normal**, antecipados de um **travessão**.

Também em texto de **tipo normal** estão as **observações e considerações elaboradas por Allan Kardec** fora do contexto das perguntas, a saber:

Número 59 - Considerações e concordâncias bíblicas referentes à criação;
Números 100/113 - Escala espírita;
Número 222 - Considerações sobre a pluralidade das existências;
Número 257 - Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos;
Número 455 - Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista;
Número 872 - Resumo teórico do motivo das ações humanas;

São ainda da autoria de **Allan Kardec:**
– a **Introdução ao Estudo do Espiritismo** e os **Prolegómenos**, inseridos antes do Livro propriamente dito e, a **Conclusão**, inserido no fim da obra.

Notas de rodapé:
No corpo desta obra são inseridas apenas as notas originais de Allan Kardec, com a respetiva identificação (AK), de modo a respeitar o formato do texto original francês.

Uso de maiúsculas:
As palavras redigidas com letra maiúscula são as que a gramática portuguesa recomenda para esse efeito.

A palavra **Deus** e as expressões que se lhe referem também são grafadas com maiúscula, bem como as palavras **Humanidade** e **Universo**. A palavra **Espírito** igualmente, nos casos em que Allan Kardec adotou esse critério.

NOTAS FINAIS

São publicadas, no fim do livro, um conjunto de notas redigidas pelos tradutores, que foram julgadas muito importantes para a contextualização de algumas palavras, expressões ou temas tratados.

Vão sendo referenciadas ao longo do texto, com a indicação do tema e respetiva numeração, entre parêntesis retos.

Saudações espirituais, com votos da mais intensa LUZ para o nosso querido amigo **Joaquim Inácio Zapata de Vasconcelos** que, por iniciativa generosa, nos entregou com entusiasmo espontâneo uma nova e maravilhosa imagem do mundo e da vida.

Já lá vão uns bons sessenta anos, passeando à noite, ao longo das margens do Rio Lis.

JCB/MCB

Prefácio à tradução portuguesa

de **João Xavier de Almeida** – Gaia, PORTUGAL, 1 de Março de 2017

A ideia de prefaciar esta tradução de O Livro dos Espíritos para Português luso, por deferente convite dos Editores, quase intimidou a desvalia inteletual do convidado. Com fortes razões: a grandiosidade da Obra original de 1857, pelo conteúdo e metodologia inovadores; a sua tradução esmerada, fiel, valorizada com notas dos eruditos Tradutores a contextualizar cultural e semanticamente, nos nossos dias, alguns termos de há século e meio.

Jamais nos demitamos do dever de gratidão ao Brasil, pelas diversas traduções (totalizando, todas, muitos milhões de exemplares editados) que facultaram ao leitor português a obra colossal de Allan Kardec; convenhamos porém: a tradução que ora ouso prefaciar supre finalmente uma nada lisonjeira omissão editorial lusitana, tão longa e desconfortável aos nossos brios.

Dizer grandiosa e transcendente a obra traduzida, O Livro dos Espíritos, nada tem de exagero. Ela integra um pentateuco hodierno de que é o volume basilar, e configura um relevante marco civilizacional judaico-cristão de cultura universal. Sagra-se como a terceira dum ciclo de grandes revelações, iniciado com Moisés e aperfeiçoado por Cristo. Mas... revelação agora em estilo direto, lógico, assertivo, coerente com a profundeza latente das duas precedentes; uma revelação já não necessitada de alegorias e formalismos requeridos outro ra pelo verdor evolutivo do Homem. Enfim, uma revelação sobre factos e leis naturais sistematizados com inatacável metodologia científica. Consistente, elucidativa, ela emerge vigorosa duma época onde o racionalismo, inebriado pela emancipação da opressiva tutela eclesiástica, derrapava no materialismo presunçoso que decretou "a morte de Deus" e entronizou a Deusa Razão.

Ante cenário tão perturbador, a religião instituída reagia infantilmente. Em 1861, em Barcelona, a Santa Inquisição cremava piamente, em público, uma remessa de trezentos livros espíritas oriundos de França (demência repressiva que só promoveria a Doutrina dos Espíritos, onde revive pujante a Boa Nova de Jesus). Em 1870, Pio IX, com o desastrado Concílio Vaticano I blindou em dogma a sua "infalibilidade", e calou minaz, autoritário, a sensata oposição do bispo Joseph Strossmayer e dezenas dos seus pares. Entretanto a imparável

Terceira Revelação alastrava na Europa e no Mundo, luz serena de bom senso e racionalidade, vergando à eloquência dos factos a dura cerviz do paradigma mecanicista-materialista, tal como o não menos duro paradigma religioso da fé cega e sectária (Tertuliano: credo quia absurdum, creio porque é absurdo), que pontificou por mais de mil anos até ao primeiro questionamento, o saudável princípio do livre exame luterano.

Da contradição dialética entre a tese tertulianista da fé cega e a antítese materialista do racionalismo cartesiano-newtoniano, a Terceira Revelação extrai fecunda síntese: a fé raciocinada, luz que de algum modo vemos fulgir também, cem anos depois, no princípio da liberdade de consciência estatuído no refrescante Concílio Vaticano II (1962-1966, convocado pelo ecumenismo salutar do bom papa João XXIII, cristianíssimo, sequioso de converter a sua igreja para Cristo, audaz empreendedor dos primeiros passos nesse sentido. Brutalmente impedido João Paulo I de os continuar, só os retomou o também grande cristão Papa Francisco, um resoluto e cativante Mikhail Gorbatchev do Vaticano).

O poderoso impulso benfazejo da Terceira Revelação não deixaria incólume a quase sacralidade da ciência convencional. Muitos académicos prestigiosos (ao contrário da maioria deles) compreenderam e acolheram individualmente a surpreendente Revelação, depois de a testarem com rigor. Um dos maiores do século 19, Sir William Crookes, empenhou-se de 1870 a 1874 em exaustiva e

frutuosa investigação à mediunidade da então famosíssima Florence Cook, com intenção inicial de dissecá-la e explicá-la à luz da ciência académica. Mas, rendido à límpida evidência dos factos, verificados e reverificados, relatou em sucessivos números do Quarterly Journal of Science as minúcias da experimentação rigorosa que conduzia. Estarreceu os seus pares na London Royal Society com a declaração tornada célebre, acerca da fenomenologia espírita investigada: "Já não digo que tais factos são possíveis, afirmo que eles são reais".

O sadio abalo ao mundo científico não poupou o núcleo duro do materialismo: Engels, culto e perspicaz parceiro inteletual de Karl Marx, não pôde ignorar na Dialética da Natureza a impecável investigação espírita de Sir William. É certo, não a aceitou nem abonou; mas não tendo como refutá-la, abandonou airosamente o assunto (que desconstruía pela base a sua paixão intelectual, o materialismo histórico), alegando possibilidade duma porta secreta no recinto das experiências, a qual poderia permitir à equipa de Crookes enganar ou ser enganada. Os artigos científicos deste, sobre a mediunidade que

investigou, foram mais tarde compilados e editados em livro pela Federação Espírita Brasileira (Factos Espíritas - em Português, Castelhano, Esperanto e outras línguas). Nunca antes ou depois disso, que se saiba, alguém lhes impugnou a veracidade ou sequer pôs em dúvida a probidade intelectual do laureado sábio britânico, falecido em 1919. Há porém que reconhecer um mérito a Frederico Engels: a sua tímida abordagem à Terceira Revelação foi feita num contexto de natureza (não de religião nem filosofia), e implicitamente assim acompanhava uma noção básica do Espiritismo, que encara sempre como naturais (sem nada de sobrenatural) os fenómenos espíritas.

Com o impacte salutar da Terceira Revelação e ante a evidência de fenómenos que não podia negar, nem conseguia explicar, a ciência convencional viu-se compelida a investigá-los. Ainda no século 19, surgia na França a disciplina científica da Metapsíquica, com Charles Richet; e no século seguinte: a Parapsicologia, na Universidade de Duke, USA (professores Joseph e Louise Rhine); a Psicotrónica, Universidade de Leninegrado, URSS (professores Raikov e Vasiliev). Tais ciências, mesmo quando teimam em situar no cérebro humano a razão e fonte da fenomenologia paranormal, constituem sem dúvida um progresso para a Humanidade.

Em 13 de março de1971, com chamada na primeira página, o "Diário de Notícias", de Lisboa, informava sobre uma cadeira de paranormologia regida pelo padre Andrea Resch, no Instituto de Latrão. Em rápida visita à Internet com a chave "paranormologia + prof andrea resch", constata-se por exemplo que Paulo VI criou em 1970 a Pontifícia Universidade Lateranense (de Latrão) e a cátedra Paranormologia; que o termo paranormalidade foi introduzido pelo redentorista Andrea Resch, docente de psicologia clínica e paranormologia; e ser o referido padre um "convicto espiritista". (Disto, permita-se-me duvidar: um espírita medianamente culto distingue bem entre afincado estudo ou mesmo docência dos fenómenos paranormais, e ser-se convicto espiritista, ou espírita). Não se deixa porém de cismar: Roma sabe hoje muito mais sobre tal matéria, do que permite imaginar o historial de proibições e condenações, mais o galardão aos livros da Doutrina Espírita, que relegou ao Index librorum prohibitorum de triste memória (suprimido - louvado seja Deus! - após o fecundo Concílio convocado por João XXIII).

Estas pinceladas de historiografia contemporânea, e também mais recente, procuram dar alguma ideia da grandiosidade providencial e ativa da Terceira Revelação, chave para tantos "enigmas" e para entendermos a atual fase de óbvia transição vivida pela Humanidade terrena. Apresentado agora em

Português de Portugal o livro-base de tão significativa Revelação, feliz augúrio dum labor a continuar - bem hajam, senhores Tradutores e senhores Editores, pelo relevante préstimo à nossa comunidade.

João Xavier de Almeida:

Curso complementar dos liceus (equiv. atual 12º ano);
Aposentado do Estado (Finanças Públicas);
Aderiu ao Espiritismo em Angola, anos 60;
Serviu em centros de: Grande Porto, Grande Lisboa, desde 1976; na direção da Federação Espírita Portuguesa, de 1984 a 31/12/1998;
Como presidente da mesma, de 1993 a1998;
Serve atualmente na:
ADEP e na
Associação Espírita Fraterna Francisco de Assis (Porto).

Palavras de acolhimento e abertura de horizontes

de **João Donha,** 3 de Abril de 2018

Para inspirar à leitura mais proveitosa deste Livro que nos oferece:

"...o novo paradigma do Espírito, da imortalidade, da responsabilidade individual pelos próprios atos, e da multiplicação ao infinito das oportunidades de correção e progresso."

Na observação da História costumamos dar mais atenção às revoluções violentas, abruptas, distraindo-nos, amiúde, em relação àquelas despretensiosas, quase invisíveis, que desenrolam seus efeitos lentamente ao longo do tempo, quebrando velhos paradigmas e erigindo novos. Ousamos dizer que o presente livro, lançado em sua primeira versão no dia 18 de abril de 1857, representa uma dessas revoluções silenciosas: a Revolução do Espírito. Pois os fatos, também demonstrados pela História, estão a nos dizer que durante muitos séculos, milênios mesmo, a ênfase dos interesses humanos foi, ao menos pretensamente, direcionada a Deus. Era um paradigma teocrático, que gerava um Estado teocrático, sustentado por uma poderosa instituição sacerdotal, com sua hierarquia sólida, seus ritos mágicos e sua capacidade de sugestão controlando as massas. O comportamento era subordinado à suposta vontade divina e, a adoração aos seus desejos. E, muito sangue foi derramado pelas religiões em nome da Divindade. Depois, com a evolução humana, chegamos ao mundo moderno, no qual a filosofia universalizou-se e foi construída uma ciência baseada na dúvida, na observação, na pesquisa e experimentação, mas, principalmente, na ausência do medo de pensar. Construiu-se, assim, o paradigma humanista, onde a ênfase é retirada da Divindade e passa a ser dada ao Homem, suas necessidades, seus direitos, suas aspirações e suas destinações. E, novamente, muito sangue foi derramado pelas revoluções em nome da Humanidade. Com este livro, e a consequente elaboração de uma nova mundividência, podemos enxergar no horizonte a emersão de um novo paradigma, onde a ênfase que já foi exclusiva da Divindade e, depois do Homem, transcende o imediato e passa a ser dada ao Espírito, ou seja, à nossa individualidade que sobrevive à extinção do corpo físico. Esperamos, pelas próprias características desta revolução e, com um pedido de desculpas pela irreverência da comparação, que nenhum sangue venha a ser derramado em prol da Espiritualidade ou de suas possíveis interpretações.

Neste novo paradigma, a própria Teologia deixa de ser dependente da crença, tornando-se um conhecimento conseguido pela razão, onde se retira de Deus suas conformações antropomórficas para redesenhá-lo em nossas mentes e em nossos corações através dos atributos que consigamos lhe conferir. A Cosmologia não é mais ditada pela mitologia, mas construída a partir do método experimental das Ciências, tão falível quanto perfectível. A Psicologia passa a contemplar um ser inter-existente, que existia antes do próprio nascimento, existe durante a vida e, continua a existir após a

morte, retornando à História quantas vezes necessárias para o seu pleno desenvolvimento e progresso; além de manter constante comunicação entre as diferentes etapas da existência permanente. A Sociedade deixa de ser concebida como resultado da simples soma dos esforços das várias gerações, e passa a ser entendida como o resultado da sinergia entre essas diversas gerações, pois que, elas não mais apenas se sucedem, como convivem, ainda que em situações existenciais diferentes. E as angústias do homem quanto ao seu futuro, quanto às penas e gozos que eventualmente o esperem após a passagem solitária pela morte, são-lhe delineadas pelo testemunho mesmo dos que se foram, através do mecanismo da mediunidade, experimentado e testado sob os rigores da observação científica. Este é o novo paradigma que o presente livro e as obras subsequentes que o completam está construindo. O Paradigma do Espírito, da imortalidade, da responsabilidade individual pelos próprios atos e, da multiplicação ao infinito das oportunidades de correção e progresso.

Com este caráter e destinação, "O Livro dos Espíritos" mereceu várias traduções em diferentes idiomas, permitindo a extensão de sua influência a diversos povos e países. Aos falantes da língua de Camões (última flor colhida no canteiro da latinidade, parodiando os poetas), têm sido oferecidas, até então, traduções feitas por brasileiros. Traduções bem esmeradas; elegantes umas, simples e práticas outras. Porém, agora, somos brindados com uma tradução feita diretamente para o português europeu, enriquecendo a bibliografia espírita com uma versão na expressão genuína de um idioma que, por estender- se em vasto território, de quatro continentes, não poderia deixar de gerar suas diferenças regionais. Mas, não é somente neste ineditismo que se assentam as qualidades da presente tradução. Existem outras; e, para falarmos delas, é mister que teçamos algumas considerações sobre os rumos tomados pelo Espiritismo em sua história.

Apesar de ser um movimento de ideias que apela constantemente à razão, ao bom senso, à pesquisa e à experimentação, o Espiritismo não logrou livrar-se das imperfeições daqueles que tomaram para si a tarefa de levá-lo ao conhecimento de todos os agrupamentos humanos. Allan Kardec deixou um roteiro seguro para que os novos conhecimentos científicos ou as novas informações porventura transmitidas pelos Espíritos passassem a compor com segurança o rol dos fundamentos doutrinários. Foi o método que ele próprio usou e que detalhou na Introdução de uma de suas Obras, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", chamando-o de "Controle Universal do Ensino dos Espíritos". Entretanto, seus continuadores negligenciaram o método, e o Espiritismo começou a sofrer desde os primórdios, logo após o desencarne do Mestre, de enxertias místicas tributárias de velhos atavismos religiosos. E tal misticismo, ressurgido das profundezas do inconsciente coletivo das massas, agregou-se de tal modo às práticas espíritas que até hoje influencia as opiniões de seus adeptos, ainda que de forma subjacente e de difícil conscientização, gerando toda uma literatura e um conjunto de crenças, quase sempre incompatíveis com a simplicidade e pureza dos princípios originais identificados pelo fundador do movimento.

É precisamente neste ponto que ressaltam as qualidades da presente tradução. Por um lado, há a preocupação com a linguagem. A língua é uma substância viva, em evolução permanente, gerando novos falares, alterando significados, sempre ao sabor dos acontecimentos fortuitos vividos pela coletividade dos falantes dos diferentes idiomas. Os tradutores investiram seu "engenho e arte" na apreensão dos significados contextualizados no momento do surgimento da obra, traduzindo-os, o mais fielmente possível, não somente para outro idioma, mas, também, para outra época. Além disso, enriqueceram a edição com preciosas Notas, nas quais são trazidas, para ampliar a compreensão da obra, tanto informações valiosas sobre novas descobertas ou conceituações científicas, quanto

conjeturas de cunho interpretativo e esclarecedor, seja da própria lavra dos tradutores, seja garimpada na contribuição de diversos outros pensadores espíritas. Em sua busca pela fidelidade ao pensamento do autor, pela simplicidade na exposição do conteúdo, e pelas Notas referidas, os tradutores conseguiram construir um texto que contribui, sem dúvida nenhuma, para o retorno do próprio pensamento espírita às suas origens racionais e sóbrias, dignas de um movimento científico e filosófico.

Eis a tradução que ora se coloca à disposição não apenas dos portugueses, mas de todos os habitantes do oceano lusófono. Uma tradução viva, no dizer dos próprios autores. Uma contribuição valiosa para a compreensão do Espiritismo conforme o pensamento do seu fundador. Oxalá, sirva de exemplo para outros trabalhadores desta promissora seara.

João Alberto Vendrani Donha

Nasceu no Estado de São Paulo, Brasil, em 1950.
Reside em Curitiba, Estado do Paraná, onde, desde 1969, frequenta o Centro Espírita Luz Eterna, casa conhecida pela elaboração do COEM -Centro de Orientação e Educação Mediúnica.
Foi professor de Português e História para crianças e jovens.
Publicou livros de literatura infantil e juvenil.
É casado, pai e avô.

Prefácio dos tradutores

Com sugestões de leitura e requisitos essenciais para entender a obra

Esta nova tradução de O Livro dos Espíritos, da autoria de Hipólito Leão Denisard Rivail, sob o pseudónimo de Allan Kardec, foi feita pelos abaixo-assinados diretamente da língua francesa, conforme a segunda edição original de 1860, de modo a torná-lo acessível a todas as pessoas que falam a língua portuguesa dos dias de hoje, isto é, do ano de 2018.

Destina-se tanto a leitores espíritas como não espíritas, tendo sido este prefácio especialmente redigido para pessoas não espíritas, dando a conhecer as condições essenciais para aceder à mensagem da obra e aos seus ensinamentos. Além da renovação linguística, esta versão do livro contém algumas dezenas de comentários de contextualização cultural, publicadas no fim do mesmo e designadas como "Notas finais". Têm a finalidade de esclarecer certas palavras e ideias que se encontram deslocadas ou desatualizadas, devido à antiguidade histórica do escrito original.

O que aqui fica dito resulta da imensa admiração e respeito que temos pelo ensinamento dos Espíritos, na forma que foi metodicamente organizada por Hipólito Leão Dénisard Rivail, aliás Allan Kardec.

Como autores da tradução, deste prefácio e das Notas finais, obedecemos exclusivamente, na forma e no conteúdo desse trabalho, à nossa consciência cultural e moral, visto que não somos membros de qualquer organização religiosa, ideológica ou política.

O espiritismo falado em português de Portugal

Tendo procurado traduções de acordo com o português de Portugal dos dias de hoje, só encontrámos versões revistas para português, mas visivelmente subsidiárias das antigas traduções brasileiras, com todas as respetivas características.

Pensamos que não é prestigiante para os espíritas portugueses terem deixado passar tanto tempo sem afirmarem uma desejável autonomia cultural, que tivesse realizado a tradução completa de todos os muito notáveis trabalhos de Allan Kardec, incluindo a Revista Espírita, que teriam ganho, junto dos utilizadores da esplêndida língua portuguesa, mais vigor e trato familiar.

Carácter da obra e suas qualidades essenciais

O Livro dos Espíritos trata de assuntos de índole universal, cujo conhecimento é indispensável a todos os seres humanos conscientes do seu devir ontológico.

O Livro dos Espíritos fornece informações concretas e baseadas em factos, explicando de onde viemos antes de nascer e para onde vamos depois da morte, bastando uma consulta cuidadosa ao índice para ter uma ideia dos seus conteúdos científico-filosóficos e bem assim dos seus objetivos morais.

Pormenoriza a natureza e o significado de fenómenos de todos os dias, dos mais simples aos mais complexos, e qual a atitude mais recomendável para enfrentá-los. Esclarece-nos acerca da alegria, da tristeza, da saúde e das enfermidades, da razão de existirem ricos e pobres e por que razão há pessoas

que nascem belas, inteligentes e afortunadas e há outras que nascem com dificuldades, tristezas e até desfiguradas fisicamente.

O Livro dos Espíritos fala com profundidade do bem e do mal, ajudando-nos a compreender a sua complexidade, por vezes desconcertante. A cultura que nos apresenta tem o intuito de melhorar o entendimento do mundo e de reforçar a nossa consciência em clima de responsabilidade sem medo; não obriga ninguém a nada, não é uma religião, não configura um catecismo; apresenta uma visão otimista da vida e alarga os caminhos que conduzem à paz dos indivíduos e da sociedade no seu conjunto.

[1 - O espiritismo é uma religião?]

(**NOTA:** esta numeração passa a ser inscrita em certos pontos do texto e diz respeito às **"Notas Finais"** de contextualização cultural, que convirá ir consultando.)

Sugestões para a leitura de O Livro dos Espíritos:

Para quem começa, este não é um livro para ler de empreitada, como uma peregrinação e, muito menos, como uma penitência. Alguns conselhos que aqui registamos aumentarão a recetividade de muitos leitores, dando-lhes a exata noção do que vão encontrar pela frente.

Allan Kardec dedicou uma parte muito importante da sua argumentação com os leitores dirigindo-se, naturalmente, às pessoas do seu tempo. Um número significativo de textos é dirigido aos “opositores”, aos “incrédulos” e aos “adversários” do espiritismo. Nesse tempo, diferentemente do que se passa hoje, escasseavam as atividades lúdicas, e a comunicação social, como a conhecemos hoje, estava à distância de muitos anos. Havia, portanto, certas pessoas que, com a popularidade das “mesas girantes” e das “reuniões espiritas” em geral, se aproximavam desse fenómeno para o contestar, argumentando das mais diversas formas.

É a essas pessoas que Allan Kardec se dirigia em larga porção da “Introdução”, da “Conclusão” e de muitos parágrafos dos extensos comentários espalhados ao longo do Livro.

O leitor da atualidade, posto de sobreaviso, vai compreender o que foi escrito e saberá levar esses textos na devida conta. Estar a argumentar com opositores incrédulos e adversários do espiritismo não faz sentido nenhum na atualidade, porque esses, muito dificilmente abrirão sequer “O Livro dos Espíritos”.

O livro propriamente dito só começa depois de toda a complicada “Introdução” e vem a seguir a um pequeno texto chamado “Prolegómenos”, palavra que quer dizer: “introdução” ou “noções preliminares de uma obra ou de uma ciência”.

O leitor deve ter a liberdade de procurar inicialmente no livro o que mais lhe interessar, lendo por aqui e por ali os temas mais apetecíveis. Poderá, para esse efeito, consultar primeiramente o Índice.

Leia e releia com atenção o que achar mais válido e interessante.

Se não estiver de acordo com o que está explicado em certo ponto, tenha a coragem de prosseguir. Adie as certezas difíceis de atingir com facilidade imediata, para que a longa jornada da vida possa abrir-lhe uma outra maneira de ver as coisas que agora não alcança, mas que tanta falta lhe fazem: o sentido otimista da vida, a esperança, a serenidade e a confiança. Se quiser prosseguir desse modo, é nossa convicta opinião que a leitura deste livro poderá ser um precioso auxiliar para atingir esses objetivos.

Não se pode esperar que a vida e o mundo, a natureza e todo o Universo sejam de entendimento imediato e fácil. Deve, pois, continuar a explorar, mais na atitude de quem estuda do que na atitude de quem lê por simples curiosidade.

O leitor que queira aprender, realmente, deve estar preparado para relacionar diversas partes do livro entre si, tentando encontrar relações coerentes entre os diversos ensinamentos. Só depois de ter feito estas explorações iniciais, com todo o interesse e vontade, valerá a pena ler o livro de uma assentada, ou passar, em alternativa favorável, à leitura de todos os escritos de Allan Kardec, incluindo o formidável conjunto da Revista Espírita, também publicada em vida pelo seu autor.

Requisitos essenciais para entender o livro e a origem dos seus ensinamentos

Sendo muito difícil avaliar a complexidade extraordinária do Universo e configurar com facilidade o significado da vida e da morte, há pessoas que desistem de compreender a realidade como projeto coerente, justo e generoso.

A ciência de observação baseada no estudo dos fenómenos espirituais, associada à enorme coerência de tudo o que nos rodeia desde o átomo às estrelas permite, pelo contrário, concluir que nada acontece de forma gratuita ou casual.

A par dessa conclusão fortemente documentável, todos nós necessitamos de construir reservas de convicção e de energia que nos auxiliem a vencer os obstáculos com êxito, podendo, desejavelmente, ajudar quem nos rodeia, familiares, amigos e a sociedade, com vista ao progresso, à felicidade, à verdade e à justiça, tais como se encontram fielmente configurados pelo conhecimento espírita.

A conclusão contrária de que o mundo e a vida resultam de acasos sem nexo, sem origem nem destino perfeitamente harmonizados, é uma desistência negligente que conduz à desmoralização, à dureza e ao medo.

As provas da coerência do plano das vidas e da natureza são tão volumosas e eloquentes, estão aqui tão próximas de cada um de nós, que não será necessário gastarmos muito tempo argumentando em seu favor. Os que ainda não atingiram esta ideia comecem a prestar atenção: ler "O Livro dos Espíritos" pode ser um bom começo.

Pensamos, portanto, de forma inabalável, que tudo o que existe deriva de uma inteligência suprema criadora de todas as coisas.

Fiquemos agora apenas por essa expressão, à qual não é necessário dar nome. É mais um sentimento que uma ideia definida que reside no íntimo intuitivo da sensibilidade. Deixemos que ela permaneça aí, onde melhor se compreende e onde mais perto está de tudo o que somos.

Quanto ao leitor que ainda duvida, esperamos com toda a convicção que nos encontre mais tarde, comungando da mesma fé que nos anima, com esperança e vontade esclarecida, harmonia e paz no coração. A criação magnânima da vontade superior que nos trouxe aqui não tem pressa. A jornada, que começou não se sabe onde nem como, continuará a desenvolver-se por todo o sempre. Tenhamos, pois, a serenidade que corresponde a esse devir sem limites nem fronteiras.

Como parte mais técnica e prática, sem cujo entendimento é impossível avançar para a leitura, é favor considerar o seguinte: apesar de dotados de importantíssimo património de capacidades orgânicas e racionais, os seres humanos entendem o Universo com ferramentas muito modestas e limitadas.

Os nossos cinco sentidos, a vista, o ouvido, o olfato, o paladar e o tato, deixam-nos a distâncias inimagináveis da realidade das coisas concretas, do mais perto ao mais longínquo, do mais pequeno ao infinitamente grande.

Tudo o que existe é muito mais do que podemos entender com essas limitadas ferramentas sensoriais, por muito completas e exigentes que sejam a nossa imaginação e a nossa inteligência.

No Universo (ou nos Universos?...) é muito mais aquilo que não se vê e não se entende, do que aquilo que se percebe e se sente com a vista e com o entendimento. A espantosa marcha da ciência

tem dado passos de gigante ao tentar aproximar-se dessa enormidade de segredos. Mas quanto mais avança, mais profunda é a noção das coisas ignoradas.

Teremos que regressar ao grande Sócrates e à ideia que lhe conferiu a categoria do homem mais sábio de toda a Grécia: aquele que tinha a noção máxima de tudo o que desconhecia.

Existimos, pois, antes de nascermos neste mundo, num outro plano de que não temos conhecimento, no qual continuaremos a existir depois de falecido o corpo que nos serve de veículo existencial. O nascimento e a morte, portanto, não são o começo e o fim de tudo, e esse é um dos ensinamentos fundamentais de **“O Livro dos Espíritos”**.

Para confirmar factualmente essa realidade são conhecidas fontes de informação, de cuja existência há provas abundantes, que estão documentadas ao longo de toda a existência da Humanidade.

A mediunidade e a troca direta de informações entre o mundo dos vivos e o dos mortos

Havendo pessoas especialmente dotadas com mais um do que os normalíssimos cinco sentidos, têm por isso a capacidade, incompreensível para a maioria, de poderem sentir, ver e até dar voz às entidades espirituais que, depois da vida material, passam a existir no plano a que chamamos “mundo espiritual”.

Essa capacidade, esse sentido raro, chama-se **“mediunidade”**, porque são chamados “médiuns” os que a possuem.

Médium é uma palavra latina que signifíca “meio”, e que serve para designar o “intermediário” ou “tradutor” das inumeráveis mensagens que têm sido trocadas entre os dois planos da existência, de forma que pode ser comprovada pela realidade dos factos.

A mediunidade é muito mais abundante do que se julga, tem graus de operacionalidade e modalidades muito diversas e já foi estudada em meio científico por diversas autoridades isentas e da maior competência, para além de se tornar evidente para qualquer pessoa que dela tenha o conhecimento direto.

“Mundo material” é o nosso, o do corpo físico que conhecemos, o mundo das coisas que vemos e palpamos à nossa volta.

O “mundo espiritual” é o mundo que não vemos, mas que se faz sentir poderosamente, porque é nele que existimos antes e iremos existir depois, por toda a eternidade. Os contactos entre o “mundo material” e o “mundo espiritual” são contínuos e realizam-se de diversas formas desde há uma imensidade de anos.

O autor de “O Livro dos Espíritos”, Hipólito Leão Denisard Rivail, aliás Allan Kardec, organizou e sistematizou de modo filosófico um grande conjunto de apontamentos tirados de conversas tidas, ao longo de anos, entre pessoas vivas e entidades espirituais, que puderam “conversar” normalissimamente por intermédio de médiuns. Esse trabalho foi desenvolvido em França, em meados do século dezanove. O autor referido designou essa cultura como sendo: “o espiritismo, ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como das suas relações com o mundo corporal".

É destas conversas, e dos comentários feitos pelo autor da obra a respeito das ideias por ele organizadas, que é feito “O Livro dos Espíritos”.

Segundo as conclusões seguras a que o “espiritismo” chegou, todos nós somos Espíritos, temporariamente ocupados por um breve intervalo de aprendizagens e experiências diversas através da vida no nosso corpo material.

Depois regressaremos, em paz e na maior das liberdades, ao nosso estado natural e mais permanente de Espíritos. Não se esqueçam: com letra maiúscula, por todas as razões mais nobres e mais válidas.

Notas breves sobre o método de tradução que seguimos

Sendo o francês e o português línguas da mesma família latina, tivemos a preocupação de fugir ao critério erróneo da "tradução à letra", respeitando o fundo e não a forma das palavras do grande livro, tal como os ensinamentos nele contidos recomendam. O autor teve o intuito de escrever um livro que fosse acessível a todos os leitores da sua época. Sabemos, contudo, as profundas modificações que registaram, entretanto, todas as técnicas de comunicação. A frase mais curta, a economia de recursos de carácter retórico e enfático, a simplificação dos tempos verbais e muitos outros meios, foram usados por nós para facilitar a aproximação aos leitores, respeitando, entretanto, o carácter próprio que foi conferido à obra pelo seu autor.

Para além das versões em português, procurámos esclarecer muitos dos seus aspetos através de traduções noutras línguas e da pesquisa de outras obras do mesmo autor.

Consultámos, por exemplo, a tradução em castelhano de Alberto Giordano, publicada na Argentina em 1970 e influenciada pela que foi feita pelo professor brasileiro José Herculano Pires, que também analisámos com cuidado; e a excelente tradução em língua inglesa da autoria da jornalista Anna Blackwell, profunda conhecedora da cultura espírita, que foi contemporânea e amiga da família Rivail durante o tempo que viveu em Paris. A edição de que nos servimos tinha por intuito revelar a obra de Allan Kardec no universo cultural anglo-saxónico e foi publicada em Boston em 1893, mas o prefácio da autora está assinado de 1875, em Paris.

Também lemos as conhecidíssimas traduções de Guillón Ribeiro, a seu tempo dirigente da Federação Espírita Brasileira que, quando pelas primeiras vezes nos vieram à mão, desde logo despertaram em nós a determinação de fazer uma tradução para português de Portugal dos nossos dias. Com o devido respeito por esse trabalho, não foi o modelo que procurámos seguir, por razões muito concretas, mas que não é oportuno detalhar nesta breve apresentação.

A escolha das palavras

Sabendo que as palavras têm alma, usámos uma estrutura lexical coerente com o carácter filosófico e moral da obra, no contexto da sua visão otimista da magnânima obra da criação e do glorioso destino da Humanidade.

No texto original de Allan Kardec, por tendências de época que serão compreensíveis e estão bem estudadas, é usado em certas passagens do Livro algum vocabulário herdado das teorias penalizantes do universo filosófico das antigas religiões.

O aproveitamento dessas expressões nas traduções dos dias de hoje, deixou em absoluto de fazer sentido. Prosseguimos, nesta edição, no uso de referências lexicais compatíveis com a cultura que nos orienta com todo o rigor moral e toda a exigência intelectual. Porém, com uma visão do mundo, que encoraje a conquista da paz e do progresso pelo raciocínio, e da ultrapassagem do erro pelo conhecimento racional. Para colocar esta questão plano histórico cultural, sugerimos a leitura da Nota Final nº 39, que trata da "queda do homem", e do ensino primordial das religiões dogmáticas.

Hipólito Leão Denisard Rivail,

organizador dos ensinamentos dos Espíritos

No início deste prefácio de tradutores escolhemos a grafia do nome Hipólito Leão Denisard Rivail, com os dois nomes próprios traduzidos e Denisard com "s", como está na sua certidão de nascimento. Fizemos isso por ser a versão que nos parece mais perto da nossa língua e, especialmente, porque nos temos habituado a pensar nele como um semelhante, nosso amigo íntimo.

O destino fez com que Hipólito Leão/Allan Kardec tivesse ficado sem biografia oficial propriamente dita, feita por um contemporâneo seu. Por alguma coisa foi: a obra é o que interessa, ditada por narradores invisíveis, configurada pelo autor que organizou a mensagem.

[2 - Henry Sausse, o primeiro biógrafo de Allan Kardec]

Vale muito a pena ler tudo o que deixou escrito, sobretudo este "Livro dos Espíritos", trabalho estruturador da mensagem de que se encarregou. De cada vez que se lê, novas coisas se descobrem e melhor se entendem o todo e os pormenores. Será estudo útil para os que desejam encontrar o fio da vida, tantas vezes encarada como drama sem solução, e serem capazes de construir agora um destino que valha a pena, com alegria e entusiasmo, porque há um depois!...

Hipólito Leão começou a interessar-se pelo tema que iria tratar de forma tão brilhante e generosa numa posição distanciada de qualquer crença, outros- sim cuidadosamente positivista e até cautelosamente cético, numa idade de plena maturidade, apenas por ter sido insistentemente convidado por amigos para esse efeito.

O trabalho, que começou aos 55 anos de idade (numa época em que a esperança de vida era muito inferior à da atualidade), foi levado a cabo com dedicação total, mediante um esforço hercúleo, sem medida, que de certa forma conduziu ao desenlace da sua vida.

Convém referir que o modelo expositivo que serve à estruturação de O Livro dos Espíritos, desenvolvido nas restantes obras de Allan Kardec, obedece ao formato que durante os séculos XVIII e XIX constituía **os princípios da exposição cientifica clássica**, definindo ordenadamente:

1° - A escolha do objeto de estudo, que se conclui ser o Espírito, tratado no Livro Primeiro (As Causas Primárias);

2° - A análise do objeto de estudo, ou seja, a consideração e avaliação de toda a fenomenologia que constitui a sua razão de ser, que é tratada no Livro Segundo (O Mundo Espírita ou dos Espíritos);

3° - O estabelecimento das leis que regulam esse conjunto de fenómenos, que é feito no Livro Terceiro (sobre as Leis Morais);

4° - A dedução das consequências da aplicação dessas leis, que é feita no Livro Quarto (sobre as Esperanças e Consolações).

O critério de Hipólito Leão, em todo o imenso trabalho que efetuou, nunca foi o de se promover pessoalmente à condição de dirigente ou autoridade ideológica e muito menos religiosa. A metodologia utilizada para a estruturação do "corpus" de informações e saberes científico-filosóficos que levou a cabo foi isenta de segundos sentidos de proveito pessoal ou institucional.

O professor Hipólito Rivail desaconselhou os grandes coletivos espiritas

Obedecendo a critérios que foi enunciando em diversas intervenções, nunca favoreceu o agrupamento de grande número de adeptos em instituições federativas as quais, de antemão, declarou perniciosas, por facilitarem **a arquitetura do poder e a manipulação das consciências.**

Toda a realidade que se seguiu ao seu falecimento, quer em França, quer no estrangeiro, deu plena razão às previsões e avisos que formulou.

Os pequenos grupos de cidadãos, harmonicamente associados numa convivência produtiva de pensamento claro e de reta consciência, na obediência da razão crítica e do diálogo construtivo, formam o modelo mais claramente por si recomendado para constituir a sociedade espírita.

[3-Allan Kardec e a organização do espiritismo]

Em síntese, fique esclarecido que a obra traduzida e a filosofia que encerra oferecem uma visão otimista da vida, liberta de dogmatismo, verdadeiramente emancipadora da Humanidade e produtora de paz, na igualdade entre todos os seres humanos.

Consideramos ainda que O Livro dos Espíritos defende, com o máximo respeito, a integridade ecológica do planeta que habitamos, o direito à dignidade, à justiça e à máxima felicidade de todos os seres que nele habitam.

A característica essencial desta tradução, que sugere a passagem de toda a obra de Kardec para o português de Portugal/2018, num clima cultural aberto, é propor o regresso metódico a uma obra muito conhecida pelo seu nome, mas escassamente debatida; abrindo o seu acesso, se possível, a novos públicos e a jovens inquietos pelo grande mistério da sua origem e do seu destino.

Para esta terceira edição foram cuidadosamente revistos e ampliados os seus conteúdos de referenciação cultural, além de se ter procurado com mais abertura uma versão mais próxima da nossa linguagem de todos os dias, usando as prodigiosas qualidades estético-culturais de que dispõe a magnífica língua portuguesa.

Consideramos, não obstante, que a nossa tarefa de ler atentamente o que nos deixou Allan Kardec, não fica por aqui. A sua leitura em português dos nossos dias faz parte de um debate de ideias que gostaríamos de ver partilhado e enriquecido pelo maior número de leitores, espíritas e não espíritas.

O destino adequado para O Livro dos Espíritos não é permanecer imóvel, como peça sacralizada de ideias petrificadas. Julgamos que deve ser entendido por todos os seus leitores de antes, de agora e do futuro, como uma obra energicamente VIVA e justificadamente ABERTA.

Entregamo-la a todos os prezados leitores com os melhores votos de feliz e proveitosa leitura
José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites
Setembro de 2018

Documentação e apoio cultural

Para possibilitar aos leitores interessados fontes de estudo e termos de interesse relativos a esta obra, está publicada uma página na internet com o título "O Livro dos Espíritos, obra viva, obra aberta / Allan Kardec" em português de Portugal, alojada no domínio:

https://espiritismocultura.com

Igualmente ficamos à disposição dos leitores para observações, reparos e perguntas, através do seguinte endereço:

espiritismo.cultura@gmail.com

Introdução ao estudo do espiritismo

I

Para ideias novas são precisas palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem, para evitar a confUsão que causam termos com múltiplos sentidos.

As palavras: espiritual, espiritualista e espiritualismo têm significados bem definidos. Dar-lhes outros no ensino dos espíritos, seria multiplicar equívocos.

O espiritualismo é o oposto do materialismo.

Quem julgue ter em si algo mais do que matéria é espiritualista, não podendo concluir-se daí que acredite na existência dos espíritos ou nas comunicações destes com o mundo visível.

Em vez das palavras espiritual e espiritualismo, empregamos, para designar esta última crença, as palavras espírita e espiritismo, cuja forma faz lembrar a origem, o sentido de raiz e que são perfeitamente compreensíveis.

Para o termo espiritualismo reservamos o significado que mais habitualmente se lhe dá.

A CULTURA ESPÍRITA, OU ESPIRITISMO, TEM POR PRINCÍPIOS AS RELAÇÕES DO MUNDO MATERIAL COM OS ESPÍRITOS OU SERES DO MUNDO INVISÍVEL. Os adeptos do espiritismo serão os espíritas (ou espiritistas).

Em sentido estrito, "O Livro dos Espíritos" contém o conhecimento espírita.

Em sentido lato, liga-se ao conhecimento espiritualista, apresentando um dos seus aspetos. Esta é a razão pela qual mostra, na capa, em antetítulo as palavras: FILOSOFIA ESPIRITUALISTA.

II

Há outra palavra importante, por ser a pedra angular de qualquer filosofia moral: **a palavra alma.**

A divergência de opiniões sobre a sua natureza deriva da aplicação especial que cada um faz desta palavra. Um idioma perfeito, no qual cada ideia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões.

Para alguns a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e acaba quando termina a vida: é o significado que lhe atribui **o materialismo**. Segundo esta opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal de que cada ser absorve uma porção. Haveria apenas uma alma para todo o Universo, que distribui centelhas a cada um dos seres inteligentes, durante a sua vida. Depois da morte, cada centelha regressa à fonte comum, onde se dilui no todo, como todos os rios que regressam ao mar de onde saíram.

Esta opinião difere da anterior pela hipótese de haver em nós algo mais do que a matéria e que sobrevive à morte. O que é mais ou menos como se nada ficasse, visto que, perdida a individualidade, já não teríamos consciência de nós mesmos. Nesta opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade: **é uma variante do panteísmo**.

Segundo outros, enfim, a ALMA É UM SER MORAL, DIFERENTE, INDEPENDENTE DA MATÉRIA E QUE CONSERVA A SUA INDIVIDUALIDADE APÓS A MORTE.

Este significado é o mais geral, porque com um ou com outro nome, a ideia de um ser que sobrevive ao corpo encontra-se no estado da crença instintiva e independente de todo o ensino, em

todos os povos, qualquer que seja o grau da sua civilização**. Esta teoria, segundo a qual a alma é a causa e não o efeito, é a do espiritualismo.**

Sem discutir o mérito destas opiniões, e vendo nelas só o lado linguístico, diremos que estes três sentidos da palavra alma constituem **três ideias diferentes**, necessitando cada uma de um nome próprio.

A palavra tem, pois, um **triplo significado** e cada pessoa tem razão do seu ponto de vista no uso que lhe queira dar. Para evitar equívocos, seria necessário restringir o significado da palavra alma a uma destas três ideias.

O mais lógico é adotar o significado mais vulgar, por isso designamos como alma: O SER IMATERIAL E INDIVIDUAL QUE RESIDE EM NÓS E QUE SOBREVIVE AO CORPO.

Mesmo que não existisse tal ser e que não passasse de produto da imaginação, seria, mesmo assim, necessário um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra específica para os outros dois significados da palavra alma, vejamos o seguinte: chamamos **Princípio Vital** ao princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua origem, comum a todos os seres vivos, desde as plantas ao homem.

[4 - A palavra “princípio”]

No caso de existir vida, independentemente da capacidade de pensar, o princípio vital é algo diferente e independente, que não corresponde à ideia de vitalidade.

Para uns, o princípio vital seria uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em determinadas circunstâncias.

Segundo outros, e essa é a ideia mais comum, reside numa forma de energia universalmente presente, da qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, tal como vemos os corpos inertes absorver a luz. Esse seria então o fluido vital, ou fluido elétrico animalizado, também chamado fluido magnético, fluido nervoso, etc.

[5 - A palavra “fluido”]

Resulta da observação:

Que **os seres orgânicos** têm em si uma força íntima que produz o fenómeno da vida enquanto essa força existe;

Que **a vida material** é comum a todos os seres orgânicos e é independente da inteligência e do pensamento;

Que **a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas**, entre as quais EXISTE UMA QUE É DOTADA DE ESPECIAL SENTIDO MORAL, QUE LHE DÁ INCONTESTÁVEL SUPERIORIDADE SOBRE AS OUTRAS: É A ESPÉCIE HUMANA.

Na multiplicidade de sentidos que possui, portanto, a palavra ALMA não se encontra excluída nem da definição do materialismo, nem da do panteísmo.

O espiritualismo pode muito bem entender a alma segundo uma das duas primeiras definições, independentemente da entidade imaterial que lhe corresponda e do respectivo nome. Deste modo, a palavra não representa uma só noção ou entidade. É uma expressão adaptável, que cada um pode usar a seu gosto. Daí, ter-se tornado origem de tão diversas disputas.

Evitar-se-iam certos equívocos usando a palavra alma nos três casos, acrescentando-lhe um qualificativo esclarecedor do ponto de vista que se tenha em mente ou da aplicação que dela se faz.

Seria então um termo genérico representando simultaneamente o princípio da vida material, da inteligência e do sentido moral, que se distinguiria mediante um atributo, como se faz com os gases, que se diferenciam acrescentando os nomes respetivos: gás hidrogénio, gás oxigénio ou gás azoto, por exemplo.

Quanto à alma, seria a melhor solução dizer-se assim:

A **alma vital** para o princípio da vida material;

A **alma intelectual** para o princípio da inteligência;

A **alma espírita** para o princípio da nossa individualidade após a morte.

Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas muito importante para o nosso entendimento. Assim:

A alma vital seria comum a todos os seres orgânicos - plantas, animais e seres humanos;

A alma intelectual seria própria dos animais e dos seres humanos;

A alma espírita pertenceria apenas ao ser humano.

Acreditamos ser nosso dever insistir sobre estas explicações, tanto mais que **o** ESPIRITISMO SE BASEIA NA EXISTÊNCIA EM NÓS DE UM SER INDEPENDENTE DA MATÉRIA, QUE SOBREVIVE AO CORPO.

Uma vez que a palavra alma deverá surgir frequentemente ao longo deste livro, importa determinar com segurança o sentido que lhe damos, a fim de evitar qualquer confusão. Passemos então, agora, ao tema principal desta introdução.

III

O espiritismo, como tudo o que é novo, tem os seus adeptos e os seus opositores. Vamos tentar **responder a algumas objeções** destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem, todavia, ter a pretensão de convencer toda a gente, dado que há pessoas que julgam que a luz foi criada só para si. Dirigimo-nos às pessoas de boa fé, sem ideias fixas ou preconcebidas, mas sinceramente interessadas em instruir-se.

Demonstraremos que a maioria das objeções que são apresentadas ao espiritismo deriva de uma observação incompleta dos factos e de juízos formados com demasiada ligeireza e precipitação.

LEMBREMOS PRIMEIRO, EM BREVES PALAVRAS, **A SÉRIE PROGRESSIVA DE FENÓMENOS** QUE DERAM ORIGEM A ESTE ESTUDO:

o primeiro facto observado foi o de **diversos objetos postos em movimento** - designaram-no vulgarmente como o fenómeno das mesas girantes ou dança das mesas.

Parece que foi primeiramente observado na **América**, ou melhor, que tornou a ser visto nesse país, porque a História prova que a sua origem já vem da Antiguidade e surgiu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como **ruídos insólitos ou pancadas produzidas sem causa notória conhecida.**

O fenómeno propagou-se na Europa e nas outras partes do mundo. Causou, de início, grande incredulidade, mas a multiplicidade das ocorrências não consentiu que se duvidasse da sua realidade.

Se o fenómeno se tivesse limitado ao movimento dos objetos materiais, poderia ter-se esclarecido por causas puramente físicas. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza e bem assim todas as propriedades daqueles que conhecemos. A eletricidade, aliás, multiplica continuamente os recursos que dia a dia oferece e parece apostada em lançar sobre a ciência uma nova luz.

[6 - A energia elétrica no século XIX]

Não seria de todo impossível que a eletricidade, modificada por certas circunstâncias, ou outro qualquer agente desconhecido fossem a causa de tais movimentos. O aumento da potência, resultante da ação conjunta de várias pessoas, parecia apoiar esta teoria, dado que poderia funcionar como uma pilha múltipla, cuja força seria proporcional ao número dos elementos.

O movimento circular não tinha nada de extraordinário - é um fenómeno natural, visto que todos os astros se movimentam dessa forma. Poderíamos ter, pois, um pequeno reflexo do movimento geral do Universo ou, para dizer melhor, uma causa desconhecida até ao presente poderia produzir, acidentalmente, sobre pequenos objetos e em determinadas circunstâncias, uma corrente análoga àquela que impele os mundos nas suas órbitas.

Mas o movimento nem sempre era circular, muitas vezes era brusco e desordenado. O objeto era violentamente sacudido, virado de cima para baixo, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, quando elevado do chão, era mantido suspenso.

Estes factos, contudo, podiam ainda explicar-se pela potência de um agente físico invisível. Acaso não se vê o potencial da energia elétrica deitar abaixo edifícios, arrancar árvores pela raiz, atirar à distância ou puxar os objetos mais pesados?

Os ruídos insólitos, as pancadas vibradas, supondo que não fossem efeitos casuais da dilatação das madeiras ou de qualquer outra causa acidental, poderiam muito bem ter sido produzidos por energias ocultas. Sabe-se que a eletricidade pode causar ruídos violentos.

Até aqui, como se vê, tudo cabe no domínio dos **factos puramente físicos e fisiológicos**.

Sem sair deste círculo de ideias, havia neles matéria para estudos sérios e dignos de atrair a atenção dos interessados. Por que razão não foi assim? É penoso dizê-lo, mas deriva de causas que provam, entre mil casos idênticos, a frivolidade do espírito humano. Primeiro, a vulgaridade do objeto principal, que serviu de base às primeiras experiências, talvez tenha tido algo a ver com essa indiferença. O simples nome de um objeto tem muitas vezes tido influência em casos muito sérios. Sem considerar que o movimento podia ser transmitido a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, porque se tratava sem dúvida de um objeto mais cómodo do que qualquer outro para que à sua volta, naturalmente, se sentassem pessoas. Os homens que se julgam superiores são, por vezes, tão infantis, que certos espíritos de elite julgaram não estar à sua altura ocuparem-se de uma coisa batizada como "a dança das mesas". Se o fenómeno observado por Luigi Galvani o tivesse sido por uma pessoa qualquer e passasse a ser designado por um nome ridículo, teria certamente permanecido à distância das mentes iluminadas. Que sábio estaria disposto a assumir o ridículo de tratar de um assunto chamado "a dança das rãs"?

[7 - Luigi Galvani]

Alguns, no entanto, suficientemente diligentes para prosseguirem as suas pesquisas até esclarecerem os factos, quiseram ver tudo para ficarem de consciência tranquila. Acontece que o fenómeno nem sempre correspondeu às suas expetativas. Porque nem sempre se repetiu à sua vontade e de acordo com os seus próprios métodos, concluíram pela negativa e pararam de se interessar pelo assunto. Outro tanto não fizeram as mesas girantes, que não pararam de mover-se e, por isso, como Galileu, podemos dizer que, "contudo, elas movem-se".

[8 - Galileo Galilei]

Diremos mais, **os factos multiplicaram-se de tal forma que adquiriram plena legitimidade e já só se procura, para eles, uma explicação racional.**

Poderá deduzir-se seja o que for contra a realidade de um fenómeno, pelo simples facto de ele não se repetir de forma sempre idêntica e segundo as exigências da vontade do observador? Os próprios fenómenos da eletricidade e da química, que só se produzem em determinadas condições, terão que ser rejeitados por não se reproduzirem fora dessas condições?

Não admira que o movimento de objetos pelo fluido humano só se produza de acordo com determinadas regras, deixando de produzir-se quando o observador, de acordo com os seus pontos de vista, deseja conduzi-lo de acordo com os seus caprichos ou procura sujeitá-lo às leis dos fenómenos

comuns, sem ter em conta que, para factos novos, podem e devem existir leis novas. Para conhecer essas leis é preciso estudar as circunstâncias favoráveis à produção desses factos. Esse estudo exige observação sustentada, atenta e por vezes muito demorada. Certas pessoas contrapõem que há muitas fraudes evidentes. Perguntaremos, primeiro, se têm a certeza disso e se não tomaram como tal efeitos que não poderiam avaliar por si mesmas, à imagem do camponês que tomou um sábio professor de física, que fazia experiências, por um esperto ilusionista. Supondo que possam ter acontecido fraudes, será isso razão para negar o facto? Será necessário rejeitar a Física por existirem pessoas menos honestas que se apresentam nessa área da ciência com o título de investigadores ?

É necessário, aliás, levar em conta o caráter das pessoas e que interesse poderiam ter em enganar. Seria por brincadeira? Uma brincadeira distrai por instantes, mas, indefinidamente prolongada, seria tão aborrecida para o enganador como para o enganado. De resto, numa mistificação propagada no mundo, de uma ponta à outra e perante as pessoas mais sérias, mais respeitáveis e mais esclarecidas, haveria algo pelo menos tão extraordinário como o próprio fenómeno.

IV

Se os fenómenos de que nos ocupamos se limitassem ao movimento de objetos, teriam ficado, como dissemos, no domínio das ciências físicas.

Mas não foi assim, porque a sua importância havia de nos pôr perante factos estranhos. Alguém julgou ter descoberto, ignoramos por iniciativa de quem, que o impulso dado aos objetos não era apenas resultante de uma força mecânica cega, mas que HAVIA NELE A INTERVENÇÃO DE UMA CAUSA INTELIGENTE.

Uma vez aberta essa via, era um campo completamente novo de observações, um véu que se levantava diante de muitos mistérios.

Existirá realmente uma força inteligente? Essa é a questão.

Se tal força existe, qual é, que natureza possui e qual a sua origem? Estará para além da Humanidade?

Tais são as outras perguntas que derivam da primeira. As primeiras manifestações inteligentes tiveram lugar através de mesas que se levantavam e que vibravam com uma das pernas um número determinado de pancadas no chão, respondendo com um sim ou um não, conforme fosse combinado, às questões colocadas. Até aqui nada de seguramente convincente para os céticos, dado que poderia pensar-se nos efeitos da casualidade.

Obtiveram-se a seguir **respostas mais elaboradas, mediante letras do alfabeto.**

Vibrando o objeto móvel um número de pancadas correspondentes ao número de ordem de cada letra, conseguia-se assim formar palavras e construir frases que respondiam às perguntas formuladas. A exatidão das respostas e a sua relação com a pergunta provocaram admiração.

O ser misterioso que assim respondia, interrogado a seu respeito, declarou ser Espírito ou génio, disse o nome e forneceu várias informações sobre si mesmo. Esta é uma circunstância muito importante a registar.

Ninguém tinha imaginado os Espíritos como meio de explicar o fenómeno, **foi o próprio fenómeno que revelou a palavra.** Nas ciências exatas formulam-se frequentemente hipóteses para ter uma base de raciocínio, mas aqui não foi esse o caso.

Este meio de conversar era demorado e incómodo. O Espírito, e aqui temos outra circunstância digna de nota, indicou outro. **Foi um desses seres invisíveis** que deu o conselho de se adaptar um lápis a uma cesta ou outro objeto. Essa cesta, colocada em cima de uma folha de papel, foi posta em movimento pela mesma força oculta que fazia mover as mesas. Contudo, em vez de um simples

movimento regular, o lápis traçou, por si próprio, os caracteres que formam as palavras, as frases e o discurso inteiro de várias páginas, tratando das mais altas questões da filosofia, da moral, da metafísica, da psicologia, etc., e com tanta rapidez como se fossem escritas à mão.

ESSE CONSELHO FOI DADO SIMULTANEAMENTE NA AMÉRICA, EM FRANÇA E NOUTROS PAÍSES.

Eis os termos pelos quais foi dado em Paris, a 10 de Junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos destas experiências, que já desde 1849 se ocupava da evocação dos Espíritos: “Vai buscar à sala ao lado uma pequena cesta, ata-lhe um lápis, coloca-a em cima de uma folha de papel; coloca os dedos em cima da borda da cesta”.

A seguir, alguns instantes depois, a cesta começou a mover-se e o lápis escreveu muito legivelmente esta frase: “O que aqui digo, proíbo-vos expressamente de dizê-lo a alguém. A próxima vez que escrever, escreverei melhor”.

O objeto ao qual se fixava o lápis não passava de um instrumento, a sua natureza e o seu formato eram completamente indiferentes. Procurou-se a disposição mais cómoda, por isso muitas pessoas usavam uma prancheta pequena.

A cesta ou a prancheta só podiam ser movimentadas por influência de certas pessoas dotadas de uma capacidade especial para este efeito, designadas como “médiuns”, ou seja, “meios” ou intermediários entre os Espíritos e os homens.

As condições que conferem este poder especial dependem de causas inteiramente físicas e morais ainda imperfeitamente conhecidas, porque há médiuns de todas as idades, dos dois sexos e de todos os graus de desenvolvimento intelectual. Esta faculdade, de resto, desenvolve-se pelo treino.

V

Mais tarde, reconheceu-se que a cesta e a prancheta não eram mais do que uma extensão da mão, e o médium, empunhando diretamente o lápis ou a caneta, começou a escrever por impulso involuntário e quase febril. Desta forma, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas. É hoje o mais habitual, tanto mais que o número de pessoas com esta capacidade é muito considerável e cresce a olhos vistos.

A experiência, por fim, deu a conhecer outras variedades da faculdade de mediação, e descobriu-se **que as comunicações podiam igualmente ter lugar pela palavra, pelo ouvido, pela vista, pelo tato e mesmo pela escrita direta dos Espíritos,** isto é, sem o concurso da mão do médium nem do lápis.

Alcançado o facto, restava comprovar o ponto essencial: **qual a função do médium nas respostas** e que papel pode desempenhar nelas, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias fundamentais, que não poderiam escapar a nenhum observador atento, podem dar resposta à questão:

A primeira é a maneira como a cesta se coloca sob a sua influência, pela simples colocação dos dedos na borda da mesma. A observação demonstra a impossibilidade que o médium tem de impulsionar o lápis numa direção qualquer. Tal impossibilidade torna-se sobretudo evidente quando duas ou três pessoas se aplicam simultaneamente a movimentar a mesma cesta. Seria necessário, entre elas, uma coordenação de movimentos verdadeiramente fenomenal. Seria preciso, além disso, concordância de pensamentos para poderem entender-se quanto à resposta a dar.

Outro facto, não menos singular, vem aumentar a dificuldade: a mudança radical das caligrafias consoante o Espírito que se manifesta. Cada vez que o mesmo Espírito se apresenta, a caligrafia que usa é exatamente a mesma. Para forjar tal situação, seria necessário que o médium modificasse a sua

própria maneira de escrever em cada uma das comunicações e que pudesse lembrar-se da caligrafia pertencente a tal ou tal Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas, que estão quase sempre, sobretudo quando se trata de perguntas abstratas ou científicas, notoriamente fora do conhecimento e também do alcance intelectual do médium. Este, o mais habitualmente, não tem nenhuma consciência do que é escrito por seu intermédio e, muitas vezes, não ouve nem entende a pergunta, porque pode ser feita numa língua estrangeira, ou mesmo mentalmente, e a resposta pode ser dada nessa mesma língua.

Acontece também, por vezes, que a cesta escreve espontaneamente, sem questionamento prévio, sobre qualquer assunto completamente inesperado.

Essas respostas, em certos casos, têm um tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, derivam de pensamentos de tal forma evoluídos, tão sublimes, que só podem ter origem numa **inteligência superior**, marcada pela moralidade mais pura.

Outras vezes são tão superficiais, tão frívolas, mesmo tão triviais, que a razão se recusa a aceitar que tenham a mesma origem. Tal diversidade de linguagens só pode explicar-se pela diferença das inteligências que se manifestam.

Essas inteligências residem na Humanidade ou fora dela?

Esse é o ponto a esclarecer, cuja explicação completa pode ser encontrada nesta obra, tal como ela foi dada pelos próprios Espíritos.

São estes os fenómenos evidentes que ocorrem fora do círculo habitual da nossa experiência, que não acontecem envolvidos pelo mistério, mas às claras, e que todos podem presenciar e entender: a sua observação não é privilégio de um só indivíduo e milhares de pessoas têm a possibilidade de repeti-la à sua vontade.

Tais fenómenos têm necessariamente uma causa e, visto que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico. Várias teorias foram criadas a seu respeito. Examiná-las-emos de seguida e veremos se podem justificar todos os factos que acontecem. Admitamos, entretanto, a existência de seres diferentes dos seres humanos, já que é essa a explicação dada pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que nos dizem.

VI

Os seres que deste modo comunicam connosco designam-se a si mesmos - como já dissemos - pelo nome de ESPÍRITOS ou génios, e como tendo pertencido, pelo menos alguns, a pessoas que viveram na Terra.

Constituem **o mundo espiritual**, como nós constituímos, durante a vida, **o mundo corporal.**

Resumimos a seguir, em poucas palavras, os pontos mais salientes dos ensinamentos que eles nos transmitiram, a fim de respondermos mais facilmente a certas objeções:

DEUS é eterno, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom. Criou o Universo que inclui todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais constituem o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.

O MUNDO ESPÍRITA é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário, poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

OS ESPÍRITOS animam temporariamente um corpo material perecível, cuja morte os devolve à liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, **Deus escolheu A ESPÉCIE HUMANA para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento**, o que lhe dá superioridade moral e intelectual sobre as outras.

A alma é um Espírito encarnado num corpo material.

Há nos seres humanos três coisas:

1º - **O corpo** ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º - **A alma** ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

3º - O sistema de ligação que une a alma ao corpo, **o perispírito**, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

O ser humano tem assim duas naturezas: Pelo CORPO participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; Pela ALMA participa da natureza dos Espíritos.

O sistema de ligação entre corpo e Espírito, O PERISPÍRITO, é um complexíssimo sistema semimaterial.

[9 - O perispírito na visão científica atual]

A MORTE é o falecimento do corpo mais denso.

O Espírito conserva o organismo de ligação, ou perispírito, que lhe serve como corpo semimaterial, de muito baixa densidade, invisível para nós no seu estado normal.

O Espírito pode torná-lo circunstancialmente visível e mesmo tangível, como acontece no fenómeno das visões e das aparições.

O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode compreender. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato.

OS ESPÍRITOS pertencem a diferentes níveis, não sendo iguais em poder, inteligência, saber ou moralidade:

Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela perfeição, pelos conhecimentos, pela proximidade de Deus, pela pureza dos sentimentos e pelo seu amor ao bem: são os anjos ou Espíritos puros.

Os dos outros níveis distanciam-se progressivamente desta perfeição.

Os dos níveis inferiores são propensos às nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc., e comprazem-se no mal.

Neste número, há os que não são muito bons nem muito maus, são mais perturbadores e intrigantes do que maus. A malícia e as inconsequências parecem ser as suas características: são os Espíritos superficiais ou descuidados.

OS ESPÍRITOS não pertencem eternamente à mesma ordem. **Todos se vão aperfeiçoando, passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita**. Esta evolução dá-se mediante a encarnação, imposta a uns como expiação e a outros como missão.

A VIDA MATERIAL é uma prova a que devem submeter-se repetidas vezes até atingirem a perfeição absoluta: é uma espécie de filtro purificador, do qual vão saindo mais ou menos aperfeiçoados.

Deixando o corpo, a alma regressa ao MUNDO DOS ESPÍRITOS, do qual saíra para reiniciar uma nova existência material, durante um lapso de tempo mais ou menos longo, em que fica no seu estado normal de Espírito entre vidas.

Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra, seja noutros mundos. A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria um erro acreditar que a alma ou Espírito pudesse encarnar no corpo de um animal.

(Ver pergunta 611 e seguintes) [1]

As diversas existências corporais do Espírito são sempre de evolução positiva e nunca de evolução negativa ou retrógrada: a rapidez desse progresso evolutivo, contudo, depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós.

Assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso a de um Espírito impuro.

A alma tinha a sua individualidade antes da encarnação e conserva-a após a separação do corpo.

No seu regresso ao mundo dos Espíritos, a alma reencontra ali todos os que conheceu na Terra e todas as suas existências anteriores desfilam na sua memória, com a recordação de todo o bem e de todo o mal que fez. (Ver perguntas 305 a 307)

O Espírito encarnado está sob a influência da matéria.

O ser humano que supera essa influência, pela elevação e purificação da sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos com os quais estará um dia.

Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites mais rudes, aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam a multiplicidade dos astros do Universo.

Os Espíritos não encarnados, livres do seu corpo material, não ocupam nenhuma região determinada ou circunscrita.

Estão por toda a parte, no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e convivendo connosco com grande proximidade: é toda uma população invisível que se agita em nosso redor.

Os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenómenos até agora inexplicados ou mal explicados, que só encontram solução racional no espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos estimulam-nos para o bem, apoiam-nos nas provas da vida e ajudam-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus instigam-nos ao mal: para eles é um prazer ver-nos sucumbir e tornarmo-nos iguais a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas.

As comunicações ocultas têm lugar pela boa ou má influência que exercem sobre nós sem o sabermos, cabendo ao nosso julgamento discernir as más e as boas inspirações.

---

[1] Há entre o princípio da reencarnação e o da metempsicose, como a admitem certas seitas, uma diferença característica, que é explicada no curso da obra. (AK)

As ostensivas realizam-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes através dos médiuns que lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos manifestam-se espontaneamente ou pela evocação.

Podemos evocar todos os Espíritos:

- Os que animaram homens obscuros e os das personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que tenham vivido;

Os dos nossos parentes, dos nossos amigos ou inimigos, e deles obter, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se acham além-túmulo, sobre os seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes seja permitido fazer-nos.

[10 - A valorização da mediunidade, conforme o exemplo de Allan Kardec]

Os Espíritos são atraídos em função da sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. **Os Espíritos superiores** gostam das reuniões sérias, dominadas pelo amor do bem e pelo desejo sincero de instrução e de melhoria.

A sua presença afasta os **Espíritos inferiores** que, pelo contrário, têm acesso fácil e liberdade de ação entre pessoas frívolas guiadas apenas pela curiosidade, onde quer que predominem os maus instintos.

Longe de obter bons conselhos e informações úteis, só é possível esperar desses Espíritos futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois servem-se frequentemente de nomes veneráveis para melhor induzirem em erro.

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil.

A linguagem dos **Espíritos superiores** é constantemente digna, nobre, cheia da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior. Os seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por alvo o nosso progresso e o bem da Humanidade.

A dos **Espíritos inferiores**, pelo contrário, é inconsequente, frequentemente banal e mesmo grosseira; se dizem por vezes coisas boas e verdadeiras, dizem com mais frequência falsidades e absurdos, por malícia ou por ignorância. Troçam da credulidade e divertem-se à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e alimentando os seus desejos com falsas esperanças.

Em resumo, as comunicações sérias, na verdadeira aceção da palavra, só se verificam nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos dirigidos para o bem.

A moral dos Espíritos superiores resume-se, como a de Jesus, nesta máxima evangélica: "Fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam", ou seja, fazer o bem e não o mal. O ser humano encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as ações menores.

[11 - O nome de Jesus]

Os Espíritos superiores ensinam-nos que: O egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria;

Aqueles que neste mundo se libertam da matéria, pelo desprezo das futilidades mundanas e pelo exercício do amor ao próximo, se aproximam da natureza espiritual;

Cada um de nós se deve tornar útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos, como prova;

O forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante viola a lei de Deus.

Ensinam-nos, enfim, que:

No mundo dos Espíritos, onde nada pode estar escondido, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas reveladas;

A presença inevitável e incessante daqueles que prejudicámos é um dos castigos que nos estão reservados;

- Ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e alegrias que nos são desconhecidas na Terra.

Os Espíritos superiores ensinam-nos, também, que não há faltas cujo perdão seja impossível e que não possam ser apagadas pela expiação.

É nas sucessivas existências que o ser humano encontra os meios que lhe permitem avançar, segundo o seu desejo e os seus esforços, no caminho do progresso que conduz à perfeição, que é o seu objetivo final.

Este é o resumo do espiritismo tal como resulta do ensino dado pelos Espíritos superiores. Vejamos de seguida as objeções que se lhe opõem.

[12 - Uma visão resumida das obras de Allan Kardec]

VII

Para muita gente, a oposição dos meios científicos ao espiritismo, se não é uma prova, é pelo menos uma opinião muito desfavorável.

Nada temos contra os cientistas, pelo contrário. Temos por eles grande estima e muito gostaríamos que estivessem do nosso lado, mas a sua opinião não poderá ser, em qualquer matéria, um julgamento definitivo.

Logo que a ciência sai da observação material dos factos e começa a apreciá-los e a explicá-los, abre-se espaço para as conjeturas. Cada qual apresenta a sua opinião pessoal, que deseja afirmar e que defende com acérrimo. Todos os dias se observam as mais divergentes opiniões, alternadamente propostas e rejeitadas, ora negadas como erros absurdos, ora proclamadas como verdades incontestáveis. Por isso, o verdadeiro critério dos nossos juízos são os factos, argumento contra o qual não há objeção possível. Na ausência dos factos, a dúvida é a atitude prudente!...

Para todas as coisas já conhecidas, a opinião dos cientistas dá garantias seguras, porque sabem mais e melhor do que as pessoas comuns. Quando se trata de princípios novos sobre coisas desconhecidas, os seus modos de ver nunca são mais do que hipotéticos, porque não estão mais livres do que outras pessoas de cair no preconceito. Diria mesmo que os sábios têm talvez mais preconceitos do que os outros, porque, por tendência natural, são levados a subordinar tudo aos pontos de vista da sua especialidade: o matemático só vê provas numa demonstração algébrica, o químico relaciona tudo com a ação dos elementos e assim por diante. Todo aquele que adquiriu uma especialidade é nela que projeta todas as suas ideias. Se o retirarmos desse domínio perde as referências, porque quer submeter todas as questões ao mesmo filtro: é uma consequência da fraqueza humana. Teria muito gosto e toda a confiança em consultar um químico sobre análises laboratoriais, um físico sobre potência elétrica, um mecânico sobre força motriz; mas, sem menosprezo pelos seus saberes especiais, compreende- se que não leve em conta a sua opinião negativa quanto a factos de natureza espírita, mais do que os juízos de um leigo a respeito de questões especializadas. As ciências, em geral, baseiam-se nas propriedades da matéria, que se podem experimentar e manipular à vontade. Os fenómenos espíritas baseiam-se na ação de inteligências que têm vontade própria e que nos demonstram, a cada passo, que não se encontram à disposição dos nossos caprichos. As observações neste domínio não podem fazer-se da mesma maneira, requerem condições especiais e diferentes pontos de partida. Querer submetê-las a processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita, como ciência, é incompetente para se pronunciar em questões de espiritismo. Não tem de ocupar-se com isso e, qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou desfavorável, não poderia constituir

razão de peso. O espiritismo resulta de uma convicção pessoal, que os sábios podem ter como indivíduos, independentemente da sua condição de sábios. Remeter tal assunto à ciência valia o mesmo que fazer decidir a questão da existência da alma por uma assembleia de físicos ou de astrónomos. O espiritismo trata exatamente da existência da alma e do seu estado após a morte, sendo soberanamente ilógico que um indivíduo possa ser versado no conhecimento da alma só porque é grande matemático ou grande biólogo. O anatomista, ao dissecar o corpo humano, procura a alma e, como não a encontra na ponta do bisturi do mesmo modo que encontra um nervo, ou porque a não vê abandonar o corpo como um gás, conclui que ela não existe, porque se coloca exclusivamente num ponto de vista material. Poderá concluir-se que tem razão contra a opinião universal? Não. Por aqui podeis ver que o espiritismo não se encontra no domínio da ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem generalizadas, quando forem aceites pelas massas e, se tivermos em conta a rapidez com que se propagam, é de crer que esse tempo não virá muito longe, dar-se-á o mesmo que com as ideias novas que sempre encontraram oposição: os sábios render-se-ão às evidências. Chegarão a essa conclusão individualmente, pela força das coisas. Até lá, não é oportuno distraí-los dos seus estudos especializados, constrangendo-os a ocuparem-se de um tema estranho, que não está nas suas atribuições nem no seu programa. Entretanto, aqueles que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e menosprezam todos os que não são da sua opinião, esquecem que aconteceu exatamente assim com a maioria das grandes descobertas que dignificaram a Humanidade. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentarem a lista dos ilustres que condenaram sumariamente ideias novas, tal como os membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com gargalhadas a tese de Franklin a respeito dos pararraios, julgando-a indigna de figurar no número das comunicações que lhe eram dirigidas. Ou dos daquela outra, que fez a França perder a iniciativa da marinha a vapor, ao declararem o princípio de Fulton como sonho impraticável. Eram, no entanto, assuntos da sua competência.

Se essas assembleias, que contavam no seu seio com a elite dos sábios, só tiveram troça e sarcasmo para as ideias que eles não compreendiam e que, anos mais tarde, iriam revolucionar a ciência, os hábitos e a indústria, como esperar que um assunto alheio aos seus trabalhos obtenha melhor acolhimento? Esses erros de alguns, lamentáveis para a sua memória, não poderiam tirar-lhes os graus académicos que em relação a outros assuntos mereceram a nossa consideração. Contudo, não é necessário um diploma para ter bom senso, nem é menor o valor dos que não ganharam lugar nas academias. Observando bem os adeptos do espiritismo ver-se-á que não são pessoas ignorantes, e que o grande número de pessoas de mérito que o abraçaram não permite relegá-lo para o plano das crendices ingénuas. O seu caráter e o seu saber permitem que se diga: se tais pessoas afirmam o que afirmam, é porque qualquer coisa existe. Repetimos ainda que, se os factos de que nos ocupamos se confinassem ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física deste fenómeno entraria no domínio da ciência. Como se trata de manifestações fora das leis da Humanidade, saem da competência da ciência material, porque nem podem exprimir-se por números nem pela potência mecânica. Quando surge um facto novo que não é possível situar no domínio de qualquer ciência conhecida, o investigador, para estudá-lo, deve pôr de lado a sua ciência e considerar que é para si um novo tema de estudos, que não pode fazer-se com base em ideias preconcebidas. Aquele que julga que a sua razão é infalível vive à beira do erro. Mesmo os que possuem as ideias mais falsas é na sua razão que as baseiam. É por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que já alguma vez rejeitaram descobertas admiráveis de que a Humanidade se ufana, recorriam todos ao mesmo juiz para rejeitá-las - o que chamam a razão não passa de orgulho disfarçado e aquele que se julga infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, àqueles que são suficientemente sábios para duvidar daquilo

que não viram e que, avaliando o futuro conforme avaliam o passado, não acreditam que o ser humano já sabe tudo e que a natureza já nada tem para lhes ensinar.

VIII

Acrescentemos que o estudo de um tema como o espiritismo, que nos lança de repente numa certa ordem das coisas tão nova e tão grande, só pode ser feito produtivamente por pessoas sérias, perseverantes, sem reservas e animadas de firme e sincera vontade de chegar a resultados. Não poderíamos classificar assim os que julgam "apríorí", pela rama, sem observar as coisas com profundidade, e que não concedem aos seus estudos a persistência, o método e o recolhimento necessários. Ainda menos os que, para não mancharem a sua reputação de conhecedores, se especializam em ridicularizar as coisas mais verdadeiras, ou assim julgadas por pessoas cujo saber, caráter e convicções têm direito à melhor consideração. Que se abstenham pois os que não julgam os factos dignos de si e da sua atenção. Ninguém pretende violentar as suas conceções. Eles que se dignem, portanto, respeitar as dos outros. O que carateriza um estudo sério é a sequência que se lhe dá. Não é possível obter respostas sensatas a questões sérias quando elas são colocadas ao acaso, na confusão de perguntas ridículas. Há questões complexas que, para serem esclarecidas, requerem perguntas preliminares ou complementares. Quem desejar aprender uma ciência deve fazer um estudo metódico a seu respeito, começando pelo princípio e seguindo o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Se uma pessoa sem os mínimos conhecimentos científicos fizer uma pergunta a um grande cientista, o que é que adianta com isso? O sábio, por muito boa vontade que tenha, que género de resposta poderá dar-lhe? Se lha der será certamente incompleta ou impossível de entender, parecendo absurda ou contraditória. É isso exatamente o que se passa no relacionamento que estabelecemos com os Espíritos. Se queremos ser instruídos por eles, é com eles que teremos que estudar. Do mesmo modo que entre nós, durante a vida material, também é preciso escolher bons professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só frequentam reuniões sérias e apenas aquelas em que reina uma comunhão de pensamentos e sentimentos para o bem. A superficialidade e as questões ociosas afastam esses Espíritos, como nas conversas entre os homens afastam as pessoas sensatas. O campo fica então livre para a multidão dos Espíritos mentirosos e fúteis, sempre à espera do momento favorável para troçarem e se divertirem à nossa custa. Numa reunião dessas, o que acontecerá a uma pergunta séria? Tal pergunta terá resposta; mas dada por quem? É como se numa reunião de brincalhões perguntássemos: o que é a alma? O que é a morte? Ou outras perguntas desse teor. Se desejais respostas sérias, sede vós mesmos sérios em todo o sentido da palavra e colocai-vos nas melhores condições desejadas. Só então obtereis resultados importantes. Sede o mais trabalhadores e dedicados possível nos vossos estudos. Se assim não for, os Espíritos superiores abandonar-vos-ão como qualquer professor faz aos seus estudantes pouco aplicados.

IX

O movimento dos objetos é um facto comprovado. Resta saber se, nesse movimento, há ou não manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual é a origem dessa manifestação. Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem de comunicações verbais, nem mesmo daquelas que são escritas diretamente pelo médium. Esse género de manifestações, evidente para aqueles que viram e aprofundaram as coisas, não é, à primeira vista, suficientemente independente da vontade para

convencer um principiante. Só vamos referir--nos à escrita por intermédio de um lápis associado a um objeto qualquer, cesta, prancheta, etc. A maneira como os dedos do médium se apoiam sobre o objeto desafia, como dissemos, a habilidade mais extraordinária para poder chegar a traçar letras. Suponhamos ainda que, por uma destreza maravilhosa, possa ludibriar os olhos mais atentos. Como explicar a natureza das respostas, sobretudo se elas estão completamente fora das ideias e dos conhecimentos do médium? Note-se bem que não se trata de respostas monossilábicas, mas, muitas vezes, de várias páginas escritas a uma rapidez impressionante, quer espontaneamente, quer sobre determinado assunto. Pela mão do médium mais alheio à literatura nascem, por vezes, poesias sublimes de uma pureza irrepreensível, que não desmereceriam os melhores poetas humanos. Há que acrescentar à estranheza destes acontecimentos, o facto de sucederem por todo o lado e de que os médiuns se multiplicam indefinidamente. Esses factos são reais, ou não? A isso só temos uma coisa para responder: vede e observai, as oportunidades não irão faltar-vos. Mas, sobretudo, observai repetida, demoradamente e dispondo das condições requeridas. Face às provas, que respondem os antagonistas? Sois, dizem eles, enganados pelo charlatanismo ou joguetes de uma ilusão. Diremos, primeiro, que é necessário rejeitar a palavra charlatanismonas instituições onde ninguém pensa em ganhar dinheiro, os charlatães não trabalham de graça. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas, por que estranha coincidência poderiam esses mistificadores estar combinados em tão diferentes partes do mundo, para agirem da mesma forma, chegarem às mesmas conclusões e, sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas, darem respostas idênticas, se não pelas mesmas palavras, exatamente pelo mesmo sentido?

Como poderiam pessoas sérias, honradas e instruídas prestarem-se a tais manobras e com que finalidade? Como seria possível encontrar crianças com paciência e os dotes necessários? Isto porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, faltam-lhes dotes e conhecimentos incompatíveis com a infância ou certas condições sociais. Além disso, se não há fraude, de ambos os lados pode estar-se cego pela ilusão. De acordo com a lógica, a qualidade das testemunhas tem certo peso. É, então, caso para perguntar se o espiritismo, que conta hoje adeptos aos milhares, só vai procurá-los entre os ignorantes. Os fenómenos sobre os quais se apoia são tão extraordinários que poderia admitir-se a dúvida, mas o que não poderia admitir-se é que certos descrentes se julguem donos exclusivos do bom senso e que, sem respeito pelas inclinações ou pelo valor moral de outras pessoas, classifiquem negativamente todos os que não são da sua opinião. Aos olhos de gente ponderada, a opinião das pessoas esclarecidas que durante muito tempo observaram e estudaram certo tema, será sempre, se não uma prova, pelo menos um argumento a seu favor, dado que pôde captar a atenção de homens sérios que não desejam enganar ninguém, nem perdem tempo com futilidades.

X

Entre as dúvidas apresentadas há algumas mais enganosas, pelo menos na aparência, dado que derivam da observação e são feitas por pessoas sérias. Uma delas baseia-se na linguagem de certos Espíritos, que não parece digna da elevação que se supõe própria de seres sobrenaturais.

Será bom recordar o resumo do espiritismo que apresentámos no ponto VI, e ali se verá que os próprios Espíritos nos ensinam que não são iguais em conhecimentos nem em qualidades morais e que não deve tomar-se à letra tudo o que dizem.

Cabe às pessoas sensatas distinguir o bom do mau. Aqueles que concluem que só nos aparecem seres maldosos, cuja única ocupação é enganar-nos, é porque não conhecem as comunicações que têm lugar nas reuniões em que se manifestam seres superiores; contrariamente, não pensariam assim.

É lamentável que o acaso os tenha servido mal, mostrando-lhes apenas o lado mau do mundo espírita. Não queremos supor que uma tendência simpática lhes tenha atraído, em vez de bons Espíritos, os que são maus, mentirosos e que usam linguagem imprópria.

Poderíamos concluir, quando muito, que a elevação dos seus princípios não é suficientemente forte para manter o mal à distância e que, encontrando certo prazer em satisfazer a sua curiosidade a esse respeito, os maus Espíritos aproveitem para se aproximarem deles, enquanto os bons se afastam. Julgar a questão dos Espíritos à base de tais factos seria tão pouco lógico como avaliar o caráter de um povo por aquilo que se diz e se faz numa reunião de tontos ou de gente impreparada, que nada tem a ver com a cultura ou a sensatez.

Essas pessoas encontram-se na posição de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital, ficasse nos subúrbios mais deprimidos, julgando todos os habitantes da cidade pelos modos e pela linguagem dos habitantes desse local.

No mundo dos Espíritos há também uma boa e uma má sociedade. Se alguém quiser estudar o que se passa entre os Espíritos elevados, compreenderá que a cidade celeste não é apenas habitada pela gente mais desprezível.

Perguntarão: será que os Espíritos elevados também vêm até nós? A isso responderemos: não se fiquem pelos subúrbios, olhem, observem e julguem. Os factos estão lá, todos podem ver. A menos que a essas pessoas sejam aplicáveis as palavras de Jesus: "Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem".

Uma variante desta opinião consiste em ver nas comunicações espíritas, e em todos os factos materiais aos quais elas dão lugar, só a máscara de uma potência diabólica, disfarce mutável sempre pronto para melhor nos enganar.

Tal opinião não merece crédito, por isso não vamos demorar-nos nela: está desmentida por aquilo que acabámos de dizer. Acrescentaremos apenas que, se assim fosse, teríamos que admitir que o diabo é por vezes sábio, razoável e sobretudo moral; ou então concluir que também há diabos bons.

Como poderemos acreditar que Deus só autorize ao Espírito do mal que se manifeste para nos perder, sem nos dar como contrapartida o conselho dos bons Espíritos?

Se não pode fazê-lo, é impotência. Se pode e não o faz, é incompatível com a sua bondade. Uma ou outra das duas suposições seria uma blasfémia. Notai que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações. Admitindo que existem, isso só pode acontecer com a permissão de Deus. Como acreditar, sem impiedade, que Deus só permitiria o mal, excluindo o bem? Tal ideia é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

Acrescenta-se que é muito estranho que apenas se fale de Espíritos de personalidades conhecidas e que se pergunte porque apenas elas se manifestam.

É um erro derivado, como muitos outros, de uma observação superficial.

Entre os Espíritos que comunicam espontaneamente são mais numerosos os desconhecidos do que os ilustres, os quais têm nomes vulgares, muitas vezes alegóricos ou característicos. Quanto aos que são evocados, a menos que sejam parentes ou amigos, é mais natural que nos dirijamos aos que conhecemos bem do que àqueles que não conhecemos.

O nome das personalidades ilustres impressiona mais, por isso são mais notados. Também parece estranho que os Espíritos de homens eminentes acorram familiarmente ao nosso chamamento e se ocupem, às vezes, de coisas simples, por comparação com os cargos que exerciam durante as suas vidas.

Isso nada tem de impressionante para aqueles que sabem que, o poder ou a consideração de que tais pessoas usufruíram enquanto vivas, nenhuma supremacia lhes confere no mundo espiritual. Os Espíritos confirmam neste ponto as palavras do Evangelho: "Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados", o que deve entender-se quanto ao nível hierárquico que cada um de nós ocupará entre eles.

É assim que, aquele que foi primeiro na Terra, pode encontrar-se ali entre os últimos; aquele, diante do qual curvávamos a cabeça durante uma vida, pode voltar como o mais humilde dos artesãos, pois que, deixando a vida, também deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca pode regressar depois abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um facto demonstrado pela observação, e confirmado pelos próprios Espíritos, é de que os que são inferiores assumem, muitas vezes, a identidade de nomes conhecidos e admirados.

Quem nos pode garantir que os que dizem ter sido Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc., tenham realmente animado essas personagens?

Esta dúvida surge entre certos adeptos muito fervorosos do espiritismo. Admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas têm dúvidas quanto à sua identidade.

O seu controlo é, de facto, bastante difícil de efetuar. Não podendo ser feito como pelo registo civil, pode sê-lo, pelo menos pela suposição, baseada em certos indícios. Quando o Espírito de alguém que nos é pessoalmente conhecido se manifesta, parente ou amigo, por exemplo, sobretudo se tiver falecido há pouco, **a sua linguagem está perfeitamente de acordo com a que nós lhe conhecíamos**; já é um indicador de identidade.

A dúvida desaparece por completo **quando esse Espírito fala de coisas privadas e lembra circunstâncias de família que só são conhecidas pelo interlocutor.**

Um filho seguramente não vai enganar-se quanto à linguagem usada pelo seu pai ou pela sua mãe, nem os pais pela dos seus filhos.

Sucedem às vezes coisas impressionantes neste tipo de evocações íntimas, capazes de convencer o mais incrédulo.

Os céticos mais endurecidos ficam frequentes vezes aterrorizados com revelações inesperadas que lhes são feitas. Outra circunstância muito característica facilita a identificação. Dissemos que a caligrafia do médium muda conforme o Espírito evocado e que a forma da escrita é exatamente igual cada vez que o mesmo Espírito se apresenta. Verificaram-se muitas vezes, sobretudo no caso das pessoas recentemente falecidas, semelhanças flagrantes de caligrafia com as que as pessoas tinham enquanto vivas, bem como se têm observado assinaturas de uma perfeita exatidão. Estamos longe de considerar este facto uma regra e ainda menos uma constante. Mencionamo-lo apenas como facto digno de nota.

Os Espíritos que alcançaram um certo nível de aperfeiçoamento são os únicos que estão libertos de qualquer influência corporal. Porém, quando não estão completamente desmaterializados (é esta a expressão que utilizam), conservam a maior parte das ideias, das tendências e mesmo das manias que tinham durante a sua vida terrena e esse é também um meio de que dispomos para reconhecer a sua identidade, depois de analisar grande quantidade de detalhes que só uma observação atenta e persistente pode revelar.

Vemos Espíritos de escritores discutir as suas próprias obras ou ideias, aprovar ou condenar certa parte delas; vemos outros Espíritos lembrar circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas da sua vida

ou da sua morte, referências que são, no mínimo, provas morais de identidade, as únicas que é possível invocar no âmbito do que é abstrato.

Portanto, se a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto, estabelecida em alguns casos, não há motivo para que não o seja noutros; se não existem os mesmos meios de controlo para as pessoas cuja morte já se deu há muito, fica sempre a linguagem e o caráter, dado que o Espírito de um homem de bem não falará como o de um libertino ou de um perverso.

Quanto aos Espíritos que se servem de nomes respeitáveis, depressa são traídos pela sua linguagem e pelos seus conceitos. Um que afirme ser Fénelon e que ofenda, ainda que ao de leve, o bom senso e a moral, revela só por isso a fraude. Se, pelo contrário, os pensamentos que exprime forem sempre puros, sem contradições e à altura do caráter de Fénelon, não há motivo para duvidar da sua identidade.

Contrariamente, seria necessário supor que um Espírito que só propaga o bem possa deliberadamente usar a mentira sem qualquer utilidade. A experiência ensina-nos que os Espíritos do mesmo nível de evolução, com o mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos, estão organizados em grupos e famílias. Sendo incalculável o número dos Espíritos e estando nós muito longe de conhecê-los a todos, a maior parte deles nem sequer tem nome para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode apresentar-se em seu nome e em seu lugar, ou ser enviado por ele como mandatário. Apresenta-se com o seu nome porque é idêntico a ele e pode substituí-lo e porque necessitamos de um nome que fixe as nossas ideias.

Que importa, ao fim e ao resto, que um Espírito seja ou não o de Fénelon? Se apenas disser coisas boas e se falar como teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. O nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente e muitas vezes serve apenas para nos fixar as ideias. Já não seria o mesmo nas evocações íntimas. Nessas, como dissemos, a identidade pode ser estabelecida em função das provas que se tornarem evidentes. No mais, é certo que a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma multidão de equívocos dos quais podem resultar erros e, muitas vezes, mistificações. **Essa é uma das dificuldades do espiritismo prático.** Contudo, nunca dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que possa ser aprendida a brincar, o que é regra válida para todas as outras.

Não será demais repetir que esta ciência exige estudo assíduo e muito demorado. Não se podendo provocar os factos, é necessário que eles se apresentem por si mesmos e, muitas vezes, são trazidos por circunstâncias que ninguém imagina. Para o observador atento e paciente os factos abundam, porque descobre inúmeros detalhes característicos que são, para si, traços de luz. É isso que se passa nas ciências: enquanto o homem comum só vê numa flor a forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

As observações feitas acima levam-nos a dizer algo a respeito de outra dificuldade, a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos. Sendo muito diferentes uns dos outros quanto aos conhecimentos e à moralidade, é evidente que a mesma pergunta pode ser respondida pelos Espíritos em sentido oposto, segundo o nível hierárquico de evolução que ocupem. Exatamente como se fosse colocada entre pessoas, em alternativa, a um sábio, a um ignorante ou a um brincalhão de mau gosto. O essencial, como dissemos, é ter a ideia exata de com quem estamos a falar. Contudo, como pode acontecer que Espíritos reconhecidos como superiores não estejam sempre de acordo? Digamos primeiro que, para além da causa que acabámos de assinalar, há outras que podem ter certa influência sobre as respostas, independentemente da qualidade dos Espíritos. Este ponto é da máxima

importância e a sua explicação será dada pelo estudo. Por esta razão afirmamos que estes estudos requerem uma atenção contínua, uma observação profunda e, sobretudo, como de resto em todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. São precisos anos para fazer um médico medíocre e três quartas partes da vida para fazer um sábio. Quem poderia desejar que toda a ciência do infinito pudesse adquirir-se em poucas horas?

Não nos enganemos: **o estudo do espiritismo é imenso, toca todas as questões da metafísica e da ordem social.**

É um mundo que se abre diante de nós. Quem terá o direito de surpreender-se do tempo, do muito tempo necessário para adquiri-lo? A contradição, aliás, nem sempre é tão real como pode parecer. Todos os dias vemos homens que professam a mesma ciência variar as definições que dão de uma coisa, seja por usarem palavras diferentes, seja porque se situam noutro ponto de vista, embora sendo idêntica a ideia fundamental. Contem-se, se for possível, as definições que já foram dadas da noção de "gramática"! Acrescente- se que a resposta depende muitas vezes da forma de fazer a pergunta. Seria infantil encontrar contradição onde, o mais frequentemente, só existe diferença de palavras.

Os Espíritos superiores não consideram minimamente a forma, para eles o fundo do pensamento é tudo. Tomemos por exemplo a definição de alma. Não tendo a palavra apenas um significado, podem os Espíritos, tal como nós, diferir na definição que dela apresentam. Um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamar-lhe centelha anímica, um terceiro dizer que é interna, um quarto que é externa, etc., e todos terão razão segundo o seu ponto de vista. Até poderia julgar-se que alguns professam teorias materialistas e, contudo, não ser assim. O mesmo no que toca à palavra Deus: pode ser o princípio de todas as coisas, o Criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito, etc. Em última análise será sempre Deus. Citemos por último a classificação dos Espíritos. Formam uma sequência ininterrupta, desde o grau inferior até ao grau superior. A classificação é, pois, arbitrária.

Poderão definir-se três classes, cinco, dez ou vinte, à vontade, sem cairmos em erro. Todas as ciências humanas oferecem exemplos disso. Cada sábio usa o seu sistema, os sistemas variam, mas a ciência não muda. Quer se aprenda a Botânica pelo sistema de Lineu, de Jussieu ou de Tournefort, não é por isso que se sabe menos de Botânica. Deixemos, pois, de dar ao que é convencional mais importância do que merece, e dediquemo-nos só ao que é verdadeiramente sério. A reflexão far-nos-á muitas vezes descobrir, naquilo que pode parecer o mais divergente, uma semelhança que nos tinha escapado à primeira vista.

XIV

Não daríamos grande importância à objeção de certos céticos a respeito dos erros ortográficos cometidos por alguns Espíritos, se isso não nos desse a oportunidade de esclarecer uma coisa essencial. A ortografia dos Espíritos, de facto, nem sempre é perfeita; mas é preciso ter grande falta de razões para fazer disso o tema de críticas sérias ao dizer-se que, se os Espíritos sabem tudo, também deveriam saber de ortografia. Poderíamos refutar com os numerosos pecados desse género cometidos por bom número de sábios da Terra, o que em nada diminui o seu mérito, mas há nesse facto uma questão mais grave: para os Espíritos, e sobretudo para os Espíritos superiores, a ideia é tudo e a forma é nada.

Libertos da matéria, a linguagem entre eles é rápida como o pensamento, porque é o próprio pensamento que comunica sem intermediários. Devem, pois, sentir-se muito pouco à vontade quando se veem obrigados a falar connosco, usando a longa e embaraçada linguagem humana e, sobretudo, a sua insuficiência e imperfeição para comunicar todas as ideias. É o que eles mesmos dizem. Também é

curioso analisar os meios de que tantas vezes se servem para atenuar tais inconvenientes. Passar-se-ia o mesmo connosco, se tivéssemos que nos exprimir numa língua de construção mais pesada, de vocabulário e expressões mais pobres do que aquelas que conhecemos. É a dificuldade que sente o homem de génio, impaciente com a lentidão da sua caneta, sempre mais atrasada do que o pensamento. De acordo com isto, percebe-se que os Espíritos deem pouca importância à básica questão da ortografia, sobretudo quando se trata de ensinamentos graves e sérios. Maravilhoso já é que se exprimam, sem dificuldade, em todas as línguas e que as compreendam a todas! Não pode concluir-se, por isso, que a correção convencional da língua lhes seja desconhecida. Respeitam-na quando é necessário - a poesia por eles ditada desafia, muitas vezes, o purista mais meticuloso, e isso, apesar da ignorância do médium.

XV

Há pessoas que veem perigo em tudo e, sobretudo, no que não conhecem. Também tiram conclusões desfavoráveis do facto de algumas pessoas que se dedicaram ao estudo do espiritismo terem perdido a razão. Pensamos que não é sensato ver nisso uma objeção séria, visto que sucede o mesmo com todas as atividades intelectuais, quando realizadas por um cérebro fraco. Quantos loucos e maníacos terão produzido os estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? Será necessário por essa razão proibir tais estudos? O que é que isso prova? Com os trabalhos corporais podem estropiar-se braços e pernas, instrumentos que são da ação material. Pelos trabalhos da inteligência pode estropiar-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento se quebra, o Espírito não sofre com isso. Permanece intacto. Quando se libertar da matéria beneficia plenamente das suas faculdades. No seu género, enquanto pessoa viva, foi um mártir do trabalho. Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes, mesmo as religiões, todas produzem vítimas. A loucura tem como causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Havendo predisposição para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal da pessoa, que se torna então numa ideia fixa. Tal ideia fixa pode ser a dos Espíritos, nos que se ocuparam em estudá-los, tal como poderá ser a ideia do próprio Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, da arte, de uma ciência, da maternidade ou de um sistema político ou social. É possível que o louco religioso se tenha tornado louco espírita, se a sua preocupação dominante foi o espiritismo, como o louco espírita o tivesse sido de outro modo, segundo as circunstâncias. Digo, portanto, que o espiritismo não tem nenhum privilégio neste domínio. Vou mais longe dizendo que, bem compreendido, o espiritismo é uma proteção contra a loucura. Entre as causas mais numerosas de sobre-excitação cerebral é necessário contar as deceções, as infelicidades, os afetos contrariados, que são ao mesmo tempo as causas principais do suicídio. O verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado, elas parecem-lhe tão pequenas, tão mesquinhas perante o futuro que o espera, a vida para si é tão curta, tão fugidia, que as dificuldades não são mais do que desagradáveis incidentes de percurso. O que para outros produziria uma violenta emoção, afeta-o de forma limitada. Sabe, aliás, que as dificuldades da vida são provas que servem para o seu adiantamento se as suporta sem se queixar, porque será compensado na medida da coragem com a qual as tenha suportado. As convicções dão-lhe uma resignação que o preservam do desespero e, por consequência, defendem-no de uma causa permanente de loucura e de suicídio. Sabe, além disso, pela visão que lhe apresentam as comunicações com os Espíritos, a sorte daqueles que encurtam voluntariamente os seus dias, quadro suficientemente nítido para o fazer refletir. São numerosos, aliás, aqueles que foram defendidos de enveredar por esse caminho, e esse é um dos resultados do

espiritismo. Os incrédulos podem rir-se quanto quiserem. O que lhes desejo são as consolações que o espiritismo oferece a todos aqueles que se deram ao trabalho de sondar as suas misteriosas profundidades. Ao número das causas da loucura é preciso acrescentar o pânico, e o que é causado pelo diabo já transtornou muitos cérebros. Quem sabe o número de vítimas causadas, fustigando as imaginações mais débeis com esse quadro, que foi sempre engenhosamente tornado mais assustador com os seus horríveis detalhes? O diabo, diz-se, só assusta as crianças, é uma maneira de as convecer a serem bem comportadas, assim como os papões e os lobisomens. Porém, quando lhes perdem o medo, ficam piores do que antes. Entretanto, para este resultado, ficam por contar o número de epilepsias causadas pelos abalos provocados em cérebros vulneráveis. Muito fraca seria a religião se, por não meter medo, perdesse o seu poder. Felizmente não é assim, há outros meios de agir sobre as almas. O espiritismo fornece os melhores e os mais sérios, se a religião souber aproveitá-los. Mostra a realidade das coisas e, desse modo, neutraliza os efeitos prejudiciais do medo exagerado.

XVI

Falta-nos examinar duas objeções, as únicas que merecem esse nome, porque são baseadas em teorias racionais. Uma e outra admitem a realidade de todos os fenómenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos. Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos seriam apenas efeitos magnéticos. Os médiuns estariam num estado que poderíamos chamar de sonambulismo lúcido, fenómeno que qualquer pessoa que tenha estudado magnetismo pode testemunhar. Neste estado as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal, o círculo das perceções intuitivas alarga-se para fora dos limites da nossa capacidade normal. O médium colheria nele mesmo, por efeito da sua própria lucidez, tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre os assuntos que lhe são mais estranhos no seu estado habitual. Não somos nós quem irá contestar a potência do sonambulismo, cujos prodígios observámos e que estudámos mais de trinta e cinco anos. Estamos de acordo que muitas manifestações espíritas podem explicar-se por esse meio; mas uma observação alargada e atenta revela uma multidão de factos em que a intervenção do médium, para além de instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham esta opinião, diremos como aos outros: "Vede e observai porque certamente ainda não vistes tudo". Opor-lhes-emos, de seguida, dois considerandos tirados da sua própria opinião: de onde veio a teoria espírita? Será um sistema imaginado por um grupo de pessoas para explicar os factos? De modo nenhum. Quem a revelou? Exatamente os próprios médiuns, cuja lucidez exaltais. Se essa lucidez é realmente conforme supondes, qual a razão que levaria esses médiuns a atribuir aos Espíritos informações colhidas em si mesmos? Como teriam dado informações tão exatas, tão lógicas, tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas?

Das duas uma, ou são lúcidos ou não. Se o são, e se confiamos na sua própria verdade, para não cair em contradição, temos que admitir que falam verdade. Em segundo lugar, se todos os fenómenos tivessem origem no médium, seriam sempre idênticos no caso de um mesmo indivíduo e não se veria a mesma pessoa usar linguagens diferentes, nem exprimir, em ocasiões diversas, opiniões contraditórias. A falta de unidade nas manifestações obtidas pelo mesmo médium prova a diversidade das fontes. Portanto, se não podemos situá-las todas nele mesmo, é necessário procurá-las fora dele. Segundo outra opinião, o médium é, de facto, a fonte das manifestações, mas em vez de as obter em si mesmo, tal como pretendem os artesãos da teoria sonambúlica, obtém-nas no meio ambiente. O médium seria, deste modo, uma espécie de espelho refletor de todas as ideias e de todos os pensamentos e conhecimentos das pessoas que o rodeiam. Nada diria fora dos conhecimentos de, pelo menos,

algumas. Não é possível negar, e é mesmo um princípio do espiritismo, a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações. Mas essa influência é completamente diferente da que se supõe existir. Daí, até se considerar o médium como eco dos pensamentos dos assistentes, vai um longo caminho, dado que há milhares de factos que estabelecem firmemente o contrário. Há nisso um erro grave que prova mais uma vez o perigo das conclusões prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existência de um fenómeno que a ciência vulgar não pode conhecer, e não querendo admitir a presença dos Espíritos, explicam-no a seu modo. A sua teoria seria especial se pudesse abarcar todos os factos, mas não é de modo nenhum assim. Quando lhes demonstramos comprovadamente que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, mesmo às opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações são muitas vezes espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, não se perturbam por tão pouco. A irradiação, dizem, estende-se muito para além do círculo imediato que nos rodeia. O médium é o reflexo da Humanidade inteira, de tal modo que, se não busca as suas inspirações nos que se encontram a seu lado, vai encontrá-las mais longe, na cidade, no país, em todo o nosso planeta e até mesmo nos outros. Não penso que haja nesta teoria uma explicação mais simples e mais provável do que a do espiritismo, dado que supõe uma causa muito diferentemente elaborada. Perante a ideia de que há seres que povoam os espaços, e que, estando em contacto permanente connosco, nos comunicam os seus pensamentos, nada há que choque mais a razão do que a suposição de que essa irradiação proveniente de todos os pontos do Universo venha concentrar-se no cérebro de um só indivíduo. Insistimos de novo num ponto de importância capital, e nunca será demais fazê-lo: a teoria sonambúlica e aquela que poderia chamar-se refletíva foram imaginadas por alguém, são opiniões individuais criadas para explicar um facto, ao passo que o espiritismo não é de conceção humana. Foi ditado pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém pensava nele e mesmo a opinião geral o rejeitava. Perguntamos, pois, onde puderam os médiuns ir buscar uma ideia que não existia no pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos, além disso, por que estranha coincidência milhares de médiuns disseminados por todos os pontos do globo, que nunca se viram uns aos outros, concordam em dizer as mesmas coisas?

Se o primeiro médium surgido em França sofreu a influência de opiniões já acreditadas na América, por que capricho foi buscar essas ideias a 2 000 léguas, do outro lado do mar, num país estrangeiro nos hábitos e na língua, em vez de as procurar aqui mesmo, ao pé de si? Mas há outra circunstância sobre a qual não se pensou o bastante. As primeiras manifestações, em França como na América, não tiveram lugar nem pela escrita nem pela palavra, mas por pancadas vibradas de acordo com as letras do alfabeto, formando palavras e frases.

Foi por esse meio que as inteligências que se revelaram declararam ser Espíritos. Se se pudesse conceber a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, o mesmo não poderia acontecer relativamente a pancadas, cujo significado não podia ser conhecido antecipadamente. Poderíamos citar uma quantidade de factos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Remetemos os discordantes para uma observação mais atenta e, se desejarem estudar bem, sem reservas e sem tirar conclusões antes de ter observado cuidadosamente os factos, reconhecerão a impotência das suas teorias para justificar seja o que for. Limitamo-nos a fazer as perguntas seguintes:

- Porque será que a inteligência que se manifesta, seja ela o que for, se recusa a responder a certas perguntas sobre temas perfeitamente conhecidos como, por exemplo, o nome ou a idade do interrogante, que coisa tem na mão, o que fez na véspera, os seus projetos para o dia seguinte, etc.?

Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada para ele seria mais simples do que responder. Os adversários replicam o argumento perguntando, por seu turno, por que razão os Espíritos, que tudo devem saber, não podem dizer coisas tão simples, segundo o axioma "quem pode o

mais pode o menos", donde concluem que não se trata de Espíritos. Se um ignorante ou um brincalhão, apresentando-se perante um grupo de pessoas sensatas, perguntasse, por exemplo, porque é dia claro ao meio dia em ponto, alguém acredita que haveria quem se desse ao trabalho de responder com seriedade? Seria lógico concluir, perante o silêncio do grupo ou perante os risos com os quais presenteassem o interrogante, que os seus membros seriam tolos? É precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem a perguntas ociosas e ridículas e não querem ser colocados em situações embaraçosas. Por isso se calam ou dizem ter coisas mais sérias para tratar. Perguntaremos, enfim, por que razão os Espíritos chegam junto de nós e partem a certa altura, e por que razão, passado esse momento, não há preces nem súplicas que possam fazê-los regressar? Se o médium só agisse pelo impulso mental dos assistentes é evidente que, nessa circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas devia estimular a sua clarividência. Se não cede ao desejo da assembleia, fortalecido pela sua própria vontade, é porque o médium obedece a uma influência exterior a si mesmo e aos que o rodeiam, influência que, desse modo, afirma a sua independência e a sua individualidade.

XVII

O ceticismo, no que toca ao espiritismo, quando não é resultado de uma oposição sistemática deliberada, tem quase sempre origem num conhecimento incompleto dos factos, o que não impede algumas pessoas de abordar a questão como se a conhecessem perfeitamente.

Pode ser-se muito sensato, mesmo instruído, e ter fraca capacidade de julgamento. A primeira prova disso é julgar que se é infalível. Muitos também só veem nas manifestações espíritas um motivo de curiosidade. Esperamos que, pela leitura deste livro, encontrem nestes fenómenos estranhos algo mais do que um simples passatempo.

A **ciência espírita** é constituída por duas partes:

Uma experimental, sobre as manifestações em geral;

Outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes.

Os que se ficaram apenas pela primeira estão na posição dos que conhecem a Física apenas pelas experiências recreativas, sem ter penetrado a fundo na ciência.

O VERDADEIRO ESPIRITISMO ESTÁ NOS ENSINAMENTOS DADOS PELOS ESPÍRITOS E OS CONHECIMENTOS QUE COMPORTA SÃO DA MÁXIMA SERIEDADE.

Estes, só podem ser adquiridos pelo estudo sério e continuado, feito no silêncio e no recolhimento. Só assim pode observar-se um número infinito de factos e de detalhes que escapam à observação superficial e que permitem alicerçar uma opinião.

Se ESTE LIVRO conseguir mostrar o lado sério da questão e estimular estudos nesse sentido, já será muito, e ficamos muito felizes por termos sido escolhidos para realizar uma obra de que não queremos nenhum mérito pessoal, dado que os princípios que encerra não são criação nossa.

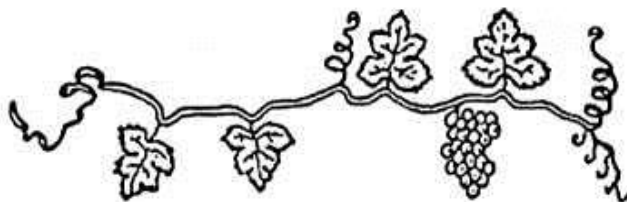
O MÉRITO PERTENCE POR INTEIRO AOS ESPÍRITOS QUE A DITARAM. Esperamos que tenha ainda outro resultado, o de guiar os homens que têm o desejo de se esclarecerem, mostrando-lhes, nestes estudos, um objetivo grande e sublime: **o do progresso individual e social e o de lhes mostrar o caminho a seguir para consegui-lo.**

Terminemos com uma última consideração. Alguns astrónomos, sondando o espaço, encontraram na repartição dos corpos celestes lacunas não justificáveis e em desacordo com a lei do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por corpos que não conseguiam ver. Por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram: ali deve existir um mundo, pois tal lacuna não pode existir e estes efeitos devem ter uma causa. Julgando então a causa

pelo efeito, puderam calcular os elementos, e mais tarde, os factos vieram justificar as suas previsões. Apliquemos este raciocínio a uma outra ordem de ideias. Se se observarem a série dos seres, conclui-se que formam uma cadeia sem interrupção, desde a matéria bruta até ao homem mais inteligente. Mas entre o homem e Deus, que é o alfa e o ómega de todas as coisas, que imensa lacuna!

Será racional pensar que é com o homem que terminam os elos da cadeia? Que percorre, num só passo, a distância que o separa do infinito? A razão diz-nos que entre o homem e Deus deve haver outros escalões, como disse aos astrónomos que entre os mundos conhecidos devia haver mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que já preencheu esta lacuna? O espiritismo no-la mostra repleta pelos seres de todas as categorias do mundo invisível, que são os Espíritos dos homens chegados aos diferentes graus que conduzem à perfeição. Tudo se liga, então, tudo se encadeia, desde o alfa ao ómega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vazio que eles ocupam, e os que deles se riem, é das obras de Deus e da sua omnipotência que ousam rir-se!

Allan Kardec

Prolegómenos

Fenómenos que se situam para além das leis da ciência manifestam-se por todo o lado e revelam, nas suas causas, a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz-nos que um efeito inteligente deve ter uma causa inteligente e há factos que provaram que essa força pode entrar em contacto com os homens por meio de sinais materiais.

Essa força, interrogada a respeito da sua natureza, declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do seu corpo material de seres humanos. Foi assim que foi revelado o espiritismo.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal pertencem à natureza das coisas e não constituem facto sobrenatural. É por esse motivo que se encontram vestígios desse fenómeno junto de todos os povos de todas as épocas. Hoje têm caráter geral e evidente por todo o mundo.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos designados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo ministros de Deus e agentes da sua vontade, a sua missão é de instruir e esclarecer os homens, abrindo uma era nova para a regeneração da Humanidade.

Este livro é a recolha dos seus ensinamentos. Foi escrito por ordem dos Espíritos superiores e ditado por eles para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, liberta de preconceitos teóricos. Contém apenas a expressão do seu pensamento, elaborada sob a sua orientação. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como os comentários e a forma de certas partes da sua redação, são o único contributo daquele que recebeu a missão de publicá-lo.

No número dos Espíritos que concorreram para a realização desta obra, muitos viveram na Terra em diversas épocas, onde divulgaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros não pertencem nominalmente a personagens das quais a História tenha guardado lembrança, mas a sua elevação é atestada pela pureza das suas ideias e pela proximidade com aqueles que têm nomes venerados.

Eis os termos em que deram, por escrito e por intermédio de vários médiuns, a missão de escrever este livro:

"Ocupa-te com zelo eperseverança do trabalho que empreendeste com a nossa participação, porque é trabalho nosso. Nele colocámos os alicerces do novo edifício que se ergue e que deve um dia reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e de caridade; mas, antes de o divulgares, revê-lo- -emos em conjunto, a fim de verificarmos todos os detalhes.

Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudar nos teus outros trabalhos, porque esta é só uma parte da missão que te foi confiada e que um de nós já te revelou.

Nos ensinamentos que te são dados, há alguns que deves guardar só para ti mesmo, até nova ordem; indicar-te-emos quando chegar o momento de os publicar. Esperando por isso, medita sobre eles a fim de estares pronto quando te avisarmos.

Porás no cabeçalho do livro a cepa que desenhámos [2], porque é o símbolo do trabalho do Criador. Nela se encontram reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito: o corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma, ou espírito ligado à matéria, é o bago. O ser humano purifica o espírito pelo trabalho e tu sabes que só pelo trabalho do corpo é que o espírito adquire conhecimentos.

Não te deixes desencorajar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os corruptos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, porque aqueles que não estão completamente desmaterializados procuram muitas vezes semear a dúvida, por maldade ou por ignorância. Segue sempre em frente, crê em Deus e caminha confiante. Estaremos contigo para te apoiar e está próximo o tempo em que a verdade será abertamente divulgada em todas as direções.

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, dará origem a opiniões dissidentes. Contudo, todos os que tenham em vista o grande princípio de Jesus, associar-se-ão no mesmo sentimento de amor pelo bem, unidos num abraço fraterno que envolverá o mundo inteiro. Deixarão de lado as mesquinhas disputas de palavras para tratarem apenas das coisas essenciais, e a ideia será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem as comunicações dos Espíritos superiores.

É com perseverança que conseguirás colher o fruto dos teus trabalhos. O prazer que dará ver o espiritismo propagar-se de forma bem compreendida, será para ti uma recompensa, cujo valor total conhecerás, talvez, mais no futuro do que no presente. Não te inquietem os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus espalharão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao objetivo e merecerás sempre ser ajudado.

Lembra-te de que os Bons Espíritos apenas ajudam os que servem a Deus com humildade e desinteresse e repudiam aqueles que procuram no caminho do Céu um degrau para as coisas da Terra, afastando-se dos orgulhosos e dos ambiciosos. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus: são um véu lançado sobre as claridades celestes e Deus não pode servir-se do cego para fazer-nos compreender a luz".

Sao Joao Evangelista, Santo Agostinho, Sao Vicente de Paulo, Sao Luiz, O Espírito da Verdade, Sócrates, Platao, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc.

[13 - Os nomes veneráveis]

---

[2] A cepa que se vê acima é o fac-símile da que foi desenhado pelos Espíritos. (AK)

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

LIVRO PRIMEIRO – AS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I – Deus

I - Deus e o infinito

1. **O que é Deus?**

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

2. **O que devemos entender por infinito ?**

Aquilo que não tem princípio nem fim: o desconhecido. Tudo o que é desconhecido é infinito.

3. **Poderíamos dizer que Deus é o infinito?**

Essa definição é incompleta e revela a pobreza da linguagem dos seres humanos, insuficiente para definir as coisas que estão para além da sua inteligência.

– Deus é infinito nas suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o "infinito" é tomar o atributo pela coisa em si e definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não o é.

II - Provas da existência de Deus

4. **Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus ?**

Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a razão responder-vos-á.

– Para acreditar em Deus basta contemplar as obras da criação. O Universo existe; tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo o efeito tem uma causa, e supor que o nada pode fazer alguma coisa.

5. **Que conclusão podemos tirar do sentimento intuitivo da existência de Deus, que todos os homens trazem consigo?**

Que Deus existe. De onde lhes viria esse sentimento, se em nada se apoiasse? É outra consequência do princípio de que não há efeito sem causa.

6. **O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não será efeito da educação, produto de ideias adquiridas?**

Se assim fosse, porque teriam também esse sentimento os povos “ditos primitivos”?

[14 - A palavra “sauvages”]

– Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de ensinamento, não seria universal, nem existiria, como as noções científicas, senão junto dos que tivessem podido receber esse ensinamento.

7. Seria possível encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É sempre necessária uma causa primária.

– Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são em si mesmas um efeito que deve ter uma causa.

8. A formação primária foi uma combinação da matéria, resultante do acaso?

Outro absurdo! Nenhum homem de bom senso poderia considerar o acaso como um ser inteligente. Além disso, o que é o acaso? Nada.

– A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e fins determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria uma falta de senso, porque o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente já não seria um acaso.

9. Onde pode ver-se, na causa primária, uma inteligência suprema e superior a todas as outras?

Tendes um provérbio que diz que pela obra se conhece o autor. Vede a obra e procurai o autor! É o orgulho que gera a incredulidade. O orgulhoso nada admite acima de si e é por isso que se considera um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!

– Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a natureza produz, a causa primária é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade. Sejam quais forem os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem ela própria uma causa, e quanto mais conseguir realizar, maior deverá ser a causa primária. Essa suprema inteligência é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome pelo qual tenha sido designada.

III - Atributos da divindade

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

Não. Há um sentido que lhe falta para isso.

11. Ser-lhe-á um dia permitido compreender o mistério da Divindade?

Quando o seu espírito já não estiver obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, se tiver aproximado dela, então vê-la-á e compreendê-la-á.

– A inferioridade das faculdades do ser humano não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade confunde muitas vezes o Criador com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui. À medida que o seu sentido moral se desenvolve, o seu pensamento penetra

melhor no fundo das coisas e faz delas uma ideia mais exata e mais de acordo com a razão, embora sempre incompleta.

12. Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma ideia de algumas das suas perfeições?

Sim, de algumas. O ser humano compreende-as melhor à medida que se eleva sobre a matéria. Pressente-as pelo pensamento.

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom, temos uma ideia completa dos seus atributos?

Do vosso ponto de vista, sim, porque julgais abarcar tudo. Deveis ter a noção de que há coisas acima da inteligência do ser humano mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e às vossas sensações, não encontra expressão.

A razão diz-vos que Deus deve ter essas perfeições no mais alto grau; porque se apenas uma lhe faltasse, ou que não a tivesse no grau infinito, já não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas Deus não deve estar sujeito a dificuldades nem às imperfeições que a imaginação é capaz de conceber.

− Deus é:

Eterno: se tivesse tido um começo teria saído do nada, ou então teria sido criado por um ser anterior. retrocedendo sempre, acabamos por alcançar o infinito e a eternidade.

Imutável: se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

Imaterial: a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outra forma não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

Único: se houvesse muitos deuses não haveria unidade de propósitos nem unidade de poder na ordenação do universo.

Todo poderoso: porque é único. se não tivesse o poder soberano haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa como ele. nesse caso não teria feito todas as coisas, e aquelas que não tivesse feito seriam obra de um outro deus.

Soberanamente justo e bom: a sabedoria providencial das leis divinas revela-se tanto nas mais pequenas coisas como nas maiores, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça nem da sua bondade.

IV – Panteísmo

14. Deus é um ser único ou será resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

Se assim fosse não existiria, porque seria efeito e não causa. Deus não pode ser ao mesmo tempo uma coisa e outra. Não podeis duvidar que Deus existe, é o essencial. Acreditai em mim e não queirais ir mais além. Não vos percais num labirinto sem saída; não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque julgaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai de lado todas essas teorias, tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições para vos libertardes delas: ser-vos-á mais útil do que querer penetrar no que é impenetrável.

15. Todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os astros do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade? Ou seja, que pensar da teoria panteísta?

Não podendo ser Deus, o homem quer, pelo menos, ser uma parte dele.

16. Os que professam o panteísmo pretendem encontrar nele a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo infinitos os mundos existentes, Deus é, por isso mesmo, infinito. Não existindo o vácuo ou o nada em parte alguma, Deus está em toda a parte; estando em toda a parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenómenos da natureza uma razão de ser inteligente. O que pode opor-se a este raciocínio?

A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.

- Esta teoria faz de Deus um ser material que, embora dotado de inteligência suprema, seria em ponto grande aquilo que somos em ponto pequeno. Como a matéria se transforma sem cessar, Deus não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as dificuldades e mesmo a todas as necessidades da Humanidade. Faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade.

As propriedades da matéria não podem associar-se à ideia de Deus sem que o rebaixemos no nosso pensamento, e todas as subtilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema da sua natureza íntima.

Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos aquilo que não pode ser. Esta teoria está em contradição com as suas propriedades mais essenciais, pois confunde o criador com a criatura, precisamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu. A inteligência de Deus revela-se nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

CAPÍTULO II – Elementos gerais do Universo

I – Conhecimento do princípio das coisas

17. É permitido ao homem conhecer o princípio das coisas?

Não. Deus não permite que tudo lhe seja revelado aqui na Terra.

18. Compreenderá um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

Compreenderá à medida que for evoluindo. Para a compreensão de certas coisas, porém, faltam-lhe faculdades que ainda não possui.

19. Poderá, pelas investigações da ciência, descobrir alguns dos segredos da natureza?

A ciência permite-lhe avançar em todas as áreas do conhecimento, mas não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.

– Quanto maior for esse avanço, maior deve ser a sua admiração pelo poder e pela sabedoria do Criador. Mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, a sua própria inteligência torna-o frequentemente vitima da ilusão. Acumula teorias sobre teorias e, cada dia que passa, mostra quantos erros tomou como verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São outras tantas deceções para o seu orgulho.

20. Fora das investigações da ciência, será dado ao ser humano receber comunicações de ordem mais elevada sobre aquilo que escapa ao testemunho dos sentidos?

Sim, se Deus julgar útil pode revelar-lhe aquilo que a ciência não consegue ensinar.

– É através dessas comunicações que recebe, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu destino futuro.

II – Espírito e matéria

21. A matéria existiu desde sempre, como Deus, ou foi criada por ele num certo momento?

Só Deus o sabe. Há, entretanto, uma coisa que a razão vos deve mostrar: Deus, modelo de amor e de caridade, jamais esteve inativo. Qualquer que seja a distância a que possa situar-se o início da sua ação, é impossível imaginá-lo ocioso um só instante.

22. Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os sentidos e que é impenetrável. Esta definição é exata?

Do vosso ponto de vista, sim, porque só falais daquilo que conheceis. Mas a matéria existe em estados que vos são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão imponderável que vos seja sensorialmente impercetível; entretanto, será sempre matéria, embora não vos seja possível entendê-la como tal.

22 - a. Que definição podeis dar da matéria?

A matéria é o corpo denso que prende o espírito, é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, simultaneamente, exerce a sua ação.

− Segundo este ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com a ajuda do qual e sobre o qual o espírito age.

23. O que é o espírito?

O princípio inteligente do Universo.

23 - a. Qual é a natureza íntima do espírito?

Não é fácil descrever o espírito na vossa linguagem. Para vós não é nada, por não ser palpável. Para nós, contudo, é alguma coisa. Ficai sabendo: nenhuma coisa é nada e o nada não existe.

24. Espírito é sinónimo de inteligência?

A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas um e outro associam- se num princípio comum, de forma que para vós são uma e a mesma coisa.

25. O espírito é independente da matéria ou apenas uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som propriedade do ar?

São diferentes, mas a união com o espírito é necessária à matéria para torná-la inteligente.

25 - a. Esta união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, independentemente das individualidades designadas por esse nome).

É necessária para vós, porque a vossa constituição física não está preparada para entender o espírito sem a matéria. Os vossos sentidos não foram feitos para isso.

26. Pode conceber-se o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito ?

Pode, sem dúvida, pelo pensamento.

27. Haverá, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

Sim, e acima de tudo Deus, criador e pai de todas as coisas. Estas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Ao elemento material é necessário juntar o fluido universal, que exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, demasiado densa para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, se pudesse considerá-lo como elemento material, o fluido universal distingue- se por propriedades especiais. Se fosse matéria de facto, haveria razão para que o Espírito também o fosse. O fluido universal está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais só conheceis uma mínima parte. Este fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se serve, é o princípio sem o qual a matéria permaneceria em perpétuo estado de dispersão e não adquiriria jamais as propriedades que lhe confere o peso.

27- a. Será esse fluido o que designamos por eletricidade?

Dissemos que o fluido universal é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que é matéria mais perfeita, mais subtil e que se pode considerar como independente.

[15 - Ainda a palavra “fluido”]

28. Sendo o espírito, em si mesmo, alguma coisa, não será mais exato e menos sujeito a confusões designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente?

As palavras pouco nos importam, usai a vossa linguagem de maneira compreensível. Os vossos mal-entendidos resultam, quase sempre, de desacordos sobre palavras, dado que a vossa linguagem é incompleta para as coisas que não impressionam os sentidos.

− Um facto evidente domina todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a relação entre estas duas coisas são-nos desconhecidas. Que tenham ou não uma fonte comum epontos de contacto necessários, que a inteligência tenha existência própria ou que seja uma propriedade, um efeito, que seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanação da Divindade, é o que ignoramos. Parecem-nos diferentes e é por isso que as consideramos formando dois princípios constituintes do Universo. Vemos, acima de tudo, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que delas se distingue por atributos essenciais: é a essa inteligência suprema que chamamos Deus.

III − Propriedades da matéria

29. O peso é atributo essencial da matéria?

Da matéria como a entendeis, sim, mas da matéria considerada como fluido universal, não. A matéria muito subtil que forma esse fluido não tem peso para vós; é, não obstante, o princípio da vossa matéria pesada.

− O peso é uma propriedade relativa. Fora da atração dos mundos não há peso, da mesma maneira que não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?

De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.

31. De onde derivam as diversas propriedades da matéria?

Das modificações que as moléculas elementares sofrem ao unirem-se entre si em determinadas circunstâncias.

32. De acordo com isso, o sabor, o odor, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos, serão modificações de uma única substância primitiva?

Sim, sem dúvida, e só existem pelas características dos órgãos destinados a percebê-las.

− Esse princípio é demonstrado pelo facto de que nem todos percebem as qualidades dos corpos da mesma maneira. Uma pessoa acha uma coisa agradável ao gosto, outra acha-a desagradável. Uns veem azul o que outros veem vermelho. O que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de passar por todas as modificações e adquirir todas as propriedades?

Sim, é isso que deve entender-se quando dizemos que tudo está em tudo.[3]

− O oxigénio, o hidrogénio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são apenas modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que nos encontramos, até ao presente, de só conceber essa matéria elementar pelo pensamento, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem inconveniente, considerá-los assim até nova ordem.

33-a. Esta teoria parece dar razão à ideia de que a matéria possui apenas duas propriedades essenciais: a energia e o movimento. Serão todas as outras propriedades apenas efeitos secundários que variam segundo a intensidade da energia e a direção do movimento?

Essa opinião é exata, mas falta acrescentar outra variante: a disposição das moléculas. Como se vê, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.

34. As moléculas têm uma forma determinada?

Sem dúvida, mas não é percetível pelos vossos sentidos.

34-a. Essa forma é constante ou variável?

Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são apenas associações das primeiras; porque o que chamais molécula está ainda longe da molécula elementar.

IV - Espaço universal

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

É infinito. Supondo que tivesse limite, o que haveria para além dele? Isso confunde a tua razão, bem sei. No entanto, a razão diz-te que não pode ser de outra maneira, tão impossível é entender a ideia de infinito, seja em que domínio for. Não é na vossa pequena esfera que podeis compreendê-lo.

− Supondo que o espaço tem um limite, por muito distante que opensamento possa concebe-lo, a razão diz que para lá desse limite alguma coisa existe. Deste modo será, sucessivamente, até ao infinito, porque essa alguma coisa, mesmo que fosse o vazio absoluto, ainda seria espaço.

36. O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal?

Não, nada é vazio. O que é vazio para ti está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos.

---

[3] Este princípio explica o fenómeno conhecido de todos os magnetizadores, que consiste em dar-se, pela vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, as mais diversas propriedades: um gosto determinado e mesmo as qualidades ativas de outras substâncias. Só havendo um elemento primitivo, e sendo as modificações dos diferentes corpos apenas modificações desse elemento, resulta que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais impura. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigénio e duas de hidrogénio, torna-se corrosiva, se duplicarmos a proporção do oxigénio. Uma modificação análoga pode produzir-se pela ação magnética, dirigida pela vontade. (AK)

CAPÍTULO III – Criação

I – Formação dos mundos

– O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço e os fiuidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado ou existiu eternamente, como Deus?

Sem dúvida que não se pode ter feito a si mesmo, e se tivesse existido desde sempre, como Deus, não poderia ter sido obra dele.

– A razão diz-nos que o Universo não poderia fazer-se a si próprio e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.

38. Como criou Deus o Universo?

Para me servir de uma expressão conhecida: por sua vontade. Nada descreve melhor essa vontade todo-poderosa do que estas belas palavras do Génesis: "Deus disse: Faça-se a luz, e a luz foi feita".

39. Podemos conhecer o modo de formação dos mundos?

Tudo o que pode dizer-se, e que podeis compreender, é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.

40. Os cometas seriam, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria e mundos em vias de formação ?

É exato. Absurdo, porém, é acreditar na sua influência. Quero dizer, a influência que vulgarmente lhes atribuem; porque todos os corpos celestes têm a sua parte de influência em certos fenómenos físicos.

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe disseminar-se de novo no espaço ?

Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos.

42. Podemos saber há quanto tempo se formaram os mundos? A Terra, por exemplo?

Não posso dizer-te isso, porque somente o Criador o sabe, e bem louco seria quem pretendesse sabê-lo ou conhecer o número de séculos dessa formação.

II - Formação dos seres vivos

43. Quando começou a Terra a ser povoada?

No começo tudo era caos, os elementos estavam dispersos. Pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar. Então, apareceram os seres vivos adequados ao estado do planeta.

44. De onde vieram os seres vivos para a Terra ?

A Terra continha os germes que esperavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos reuniram-se a partir do instante em que cessou a força que os mantinha isolados e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas, até ao momento propício à eclosão de cada espécie. Então, os seres de cada espécie reuniram-se e multiplicaram-se.

45. Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

Estavam sob diversas formas no espaço, no meio dos Espíritos, ou noutros planetas, esperando a criação da Terra para começar uma nova existência num novo planeta.

− A Química mostra-nos as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de uma regularidade constante, segundo cada espécie, desde que estejam nas condições desejadas. A menor perturbação destas condições é suficiente para impedir a reunião dos elementos ou, pelo menos, a disposição regular que constitui o cristal. Porque não se passaria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos germes de plantas e de animais que só se desenvolvem a uma dada temperatura e num meio apropriado; já houve grãos de trigo que germinaram vários séculos depois. Há, portanto, nesses germes, um princípio latente de vitalidade, que só espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que se passa diariamente sob os nossos olhos pode muito bem ter existido desde a origem do planeta. Esta formação dos seres vivos, saindo do caos pela própria força da natureza, diminui em algo a grandeza de Deus? Longe disso, corresponde melhor à ideia que fazemos do seu poder, exercendo-se sobre mundos infinitos através de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais, mas Deus tem os seus mistérios e estabeleceu limites às nossas investigações.

46. Ainda há seres que nascem espontaneamente?

Sim, mas o germe primitivo já existia em estado latente. Sois todos os dias testemunhas desse fenómeno. Os tecidos dos homens e dos animais conservam em si os germes de uma multidão de vermes que esperam, para eclodir, as condições físico-químicas necessárias à sua existência. É um pequeno mundo que dormita e desperta.

[16 - A "geração espontânea"]

47. A espécie humana fazia parte dos elementos orgânicos do globo terrestre?

Sim, e veio a seu tempo. Por isso se diz que o homem foi feito do pó da terra.

[17 - Kardec e a teoria evolucionista de Darwin]

48. Podemos conhecer a época da aparição do homem e de outros seres vivos sobre a Terra?

Não, todos os vossos cálculos são imaginários.

49. Se o germe da espécie humana fazia parte dos elementos orgânicos do globo, por que motivo os homens já não se formam espontaneamente, como de início ?

O princípio das coisas está nos segredos de Deus. No entanto, podemos dizer que os homens, uma vez dispersos na Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua formação, para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo aconteceu com as demais espécies de seres vivos.

[18 - A teoria evolucionista de Alfred Russel Wallace]

III– Povoamento da Terra. Adão

50. A espécie humana começou por um só indivíduo?
Não, aquele a que chamais Adão não foi o primeiro nem o único a povoar a Terra.

51. Podemos saber em que época viveu Adão ?
Mais ou menos naquela que lhe é atribuída: cerca de quatro mil anos a. C.

− O indivíduo que a tradição perpetuou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveu algures, depois dos grandes cataclismos que assolaram a superfície do planeta em diversas épocas e deu origem a um dos troncos da Humanidade que hoje o povoam. As leis da natureza contradizem a opinião de que os progressos da Humanidade, verificados muito tempo a.C., pudessem ter sido alcançados em escasso número de séculos, o que aconteceria se os seres humanos só existissem na Terra desde a época a que se atribui a existência de Adão. Alguns, com muita razão, consideram Adão como um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.

IV - Diversidade dos grupos humanos

[19 - A palavra “raça”]

52. De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem os diversos grupos humanos?
Do clima, da vida e dos hábitos. É o que acontece com duas crianças da mesma mãe que, educadas uma longe da outra e de maneira diferente, não serão parecidas em nada quanto à moral.

53. Os seres humanos apareceram em muitos pontos do planeta?
Sim, e em diversas épocas: é uma das causas da diversidade dos tipos humanos. As populações, depois, dispersando-se pelos diferentes climas e cruzando-se entre si, formaram novos tipos.

53-a. Esses novos tipos representam espécies diferentes?
Certamente que não, pois todos pertencem à mesma família. As variedades do mesmo fruto não o impedem de pertencer à mesma espécie.

[20 - Família, Género, Espécie e Variedade]

54. Se a espécie humana não procede de um só, deverão por isso os homens deixar de considerar-se como irmãos?
Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e avançam para o mesmo objetivo. Quereis sempre tomar as palavras à letra.

V – Pluralidade dos mundos

[21 - A imensidade dos corpos celestes e a condição humana]

55. Todos os astros que circulam no espaço são habitados?
Sim, e os habitantes da Terra estão bem longe de ser, como julgam, os primeiros em inteligência, bondade e perfeição. Alguns, contudo, julgam-se muito fortes e imaginam que só este pequeno planeta

tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Creem que Deus criou o Universo só para eles.

− Deus povoou os mundos de seres vivos e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados ao único ponto do Universo em que habitamos, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que serem um regalo para a vista. Aliás, nem a posição, nem o volume, nem a constituição física da Terra podem razoavelmente fazer supor que só ela tem o privilégio de ser habitada, no conjunto da infinidade de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diferentes planetas é a mesma?

Não, em nada se parecem uns com os outros.

57. Sendo diferentes os planetas quanto à sua constituição física, serão também fisiologicamente diferentes os seus habitantes?

Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.

58. Os planetas mais distanciados do Sol terão falta de luz e de calor, visto que o Sol apenas se lhes mostra sob a aparência de uma estrela?

Julgais que não há outras fontes de luz e de calor, além do Sol? Tende em conta a eletricidade que, em certos planetas, desempenha funções que vos são desconhecidas, de forma completamente diferente do que se passa na Terra. Aliás, já foi dito que nem todos os seres são feitos da mesma matéria, nem têm órgãos semelhantes aos vossos. (Ver nota final n° 6)

– As condições de existência dos seres nos diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados à vida. Se nunca tivéssemos visto peixes, não poderíamos compreender como alguns seres podem viver na água. O mesmo acontece com outros mundos que, sem dúvida, possuem elementos para nós desconhecidos. No planeta Terra é possível ver as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais. Há outros planetas, porém, em que a eletricidade é mais abundante do que na Terra, provocando fenómenos que não podemos compreender. Esses mundos podem conter em si mesmos as fontes de luz e calor necessários aos seus habitantes.

VI- Considerações e concordâncias bíblicas referentes à criação

59.

– Os povos conceberam ideias bastante divergentes sobre a criação, segundo o grau dos seus conhecimentos. A razão, apoiada na ciência, reconheceu a falta de credibilidade de algumas teorias. Aquela que é dada pelos Espíritos confirma a opinião desde há muito admitida pelos homens mais esclarecidos. A objeção que se pode fazer a esta teoria é a de estar em contradição com os textos da Bíblia. Um exame sério, contudo, leva-nos a reconhecer que essa contradição é mais aparente do que real e resulta da interpretação de textos com sentido muitas vezes alegórico. O facto de o primeiro indivíduo, personificado por Adão, ter sido considerado como a origem comum de toda a Humanidade, não foi a única situação sobre a qual as crenças religiosas tiveram de se modificar. O movimento da Terra pareceu, numa certa época, tão contrário aos textos da Bíblia, que deu pretexto às mais injustas

perseguições. No entanto, a Terra gira, mau grado os anátemas, e ninguém, hoje em dia, poderia contestá-lo sem ofender a razão. A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa a data desse momento cerca de quatro mil anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia, foi tirada do nada. O texto é formal, e eis que a ciência positiva, a ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do planeta está gravada em caracteres indeléveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação representam outros tantos períodos, cada um deles talvez de centenas de milhares de anos.

[22 - A idade da Terra]

Isto não é uma teoria, uma opinião isolada, mas um facto tão confirmado como o do movimento da Terra, e que a Teologia não pode negar-se a admitir, prova evidente do erro em que pode cair-se levando à letra as expressões de uma linguagem figurada. Será necessário concluir que é um erro aquilo que nos diz a Bíblia? Não, mas que os homens se enganaram ao interpretá-la.

A ciência, escavando os arquivos da Terra, descobriu a ordem pela qual os diferentes seres vivos apareceram à sua superfície. Esta ordem concorda com a indicada no Génesis. Com a diferença de que esta obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em apenas algumas horas, foi realizada, sempre pela sua vontade, mas segundo a lei das forças naturais, em muitos milhões de anos.

Será que, por este facto, Deus não é tão grande nem tão poderoso? A sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade ? Evidentemente que não. Seria preciso ter da Divindade uma ideia muito mesquinha para não reconhecer a sua omnipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A ciência, longe de diminuir a obra divina, mostra-a sob um aspeto mais grandioso e mais de acordo com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pelo próprio facto de ter sido realizada sem desrespeitar as leis da natureza. A ciência, de acordo neste ponto com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, coloca o dilúvio universal no ano 1654 da formação do mundo. A Geologia indica-nos que o grande cataclismo foi anterior à aparição dos seres humanos, tendo em vista que até agora não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço da sua presença, nem da presença dos animais que, sob o ponto de vista físico, são da sua mesma categoria, mas nada prova que isso seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a este respeito. É possível, portanto, que de um momento para o outro se adquira a certeza material da anterioridade da espécie humana, e então se reconhecerá que neste ponto, como noutros, o texto bíblico é figurado.

[23 - Moisés e o Génesis]

A questão está em saber se o cataclismo geológico é o mesmo de Noé. A duração necessária à formação das camadas fósseis não permite que as confundamos e, no momento em que se encontrarem os traços da existência humana anteriores à grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não foi o primeiro indivíduo, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não adianta argumentar, e ter-se-á que aceitar esse facto como se aceitou o do movimento da Terra e o dos seis períodos da criação.

A existência humana antes do dilúvio geológico é ainda motivo de dúvida. Vejamos, contudo, que não é tanto assim:

Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos a.C., se 1.650 anos mais tarde toda a espécie humana foi destruída - apenas com a exceção de uma família - conclui-se que o povoamento da Terra só se fez a partir de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século a.C., encontraram esse país bastante povoado e já bem avançado em civilização. A História prova que nessa época a Índia e outros países eram igualmente florescentes, mesmo sem levarmos em conta a cronologia de certos povos, que recua a épocas anteriores. Teria sido então necessário que do vigésimo quarto século a.C. ao décimo

oitavo, quer dizer, num espaço de seiscentos anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não estivessem povoadas, mas também que - nesse curto intervalo - a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas. A diversidade dos tipos humanos vem ainda em apoio desta opinião. O clima e os hábitos produzem, sem dúvida, modificações das características físicas. Sabe-se, porém, até onde pode chegar a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova a existência, entre alguns tipos, de diferenças de constituição mais profundas do que as que o clima pode produzir. O cruzamento de tipos humanos diferentes origina tipos intermédios. Esse facto tende a apagar as características extremas desses tipos, mas não os cria, produzindo apenas novas variedades. Ora, para que tivesse havido cruzamentos, era necessário que houvesse tipos humanos diferentes. Como explicarmos a sua existência, dando-lhes um tronco comum, sobretudo se surgiram em tão curtos períodos de tempo? Como admitir que, no decurso de alguns séculos, certos descendentes de Noé se tivessem transformado, a ponto de produzirem os etíopes, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível do que a hipótese de um tronco comum para o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, a ave e o peixe. Mais uma vez, nada poderia levar a melhor contra a evidência dos factos. Tudo se explica, pelo contrário, admitindo-se:

A existência do ser humano antes da época que lhe é vulgarmente atribuída; a diversidade das origens; que Adão viveu há seis mil anos e tenha povoado uma região ainda inabitada; o dilúvio de Noé, como catástrofe parcial, que se confundiu com o cataclismo geológico.

Por fim, a forma alegórica peculiar, ao estilo oriental e que faz parte dos livros sagrados de todos os povos. Por isso, é prudente não classificar precipitadamente como falsas as ideias que podem, mais cedo ou mais tarde, como tantas outras, desmentir quem as combate. As ideias religiosas, longe de ficarem a perder, engrandecem-se caminhando a par com a ciência. É a única forma de não mostrar vulnerabilidade perante o ceticismo.

[24- Escavações arqueológicas]

CAPÍTULO IV – Princípio vital

I – Seres orgânicos e inorgânicos

− Os seres orgânicos são os que têm uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. Dispõem de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida e apropriados ás necessidades da sua sobrevivência: são os homens, os animais e as plantas.

– Os seres inorgânicos são todos aqueles que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar, etc..

60. A força que une os elementos materiais nos corpos orgânicos e nos inorgânicos é a mesma?

Sim, a lei de atração é a mesma para todos.

61. Há uma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e dos inorgânicos?

É sempre a mesma matéria, mas nos corpos orgânicos está animalizada.

62. Qual é a causa da animalização da matéria?

A sua união com o princípio vital. (Ver pergunta 21 e seguintes)

63. O princípio vital reside num agente especial ou é apenas uma propriedade dos organismos materiais? Numa palavra, é um efeito ou uma causa?

É ambas as coisas. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, da mesma forma que a matéria não pode viver sem o agente. Dá vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam.

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital formará um terceiro?

É um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas tem a sua fonte na matéria universal modificada. Para vós, é um elemento como o oxigénio e o hidrogénio que, contudo, não são elementos primitivos, pois todos procedem de um mesmo princípio. (ver a nota final n° 4- A palavra princípio)

64-a. Parece resultar daí que a vitalidade não tem o seu princípio num agente primitivo específico, mas numa propriedade especial da matéria universal devida a certas modificações?

É a consequência do que dissemos.

65. O princípio vital reside num dos corpos que conhecemos?

Tem como fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, a ligação entre o espírito e a matéria.

[Nota final 15, Ainda a palavra “fluido” - Pergunta 27 e 27-a]

66. O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

Sim, modificado segundo as espécies. É o que lhes dá movimento e atividade, e os distingue da matéria inerte; porque o movimento não é a vida, a matéria recebe esse movimento, não o produz.

67. A vitalidade é um atributo permanente do agente vital, ou somente se desenvolve com o funcionamento dos órgãos?

Só se desenvolve com o corpo. Já dissemos que esse agente sem a matéria não é vida. É necessária a união de ambos para produzir a vida.

67-a. Podemos dizer que a vitalidade permanece em estado latente quando o agente vital ainda não se uniu ao corpo?

Sim, é isso.

– O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo impulsionado pela atividade íntima ou princípio vital que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital impulsiona os órgãos, a ação destes faz funcionar e desenvolve a atividade daquele agente, mais ou menos como o atrito produz o calor.

II - A vida e a morte

68. Qual é a causa da morte dos seres orgânicos?

O esgotamento dos órgãos.

68-a. Pode comparar-se a morte à cessação do movimento numa máquina que deixou de funcionar?

Claro. Se uma máquina estiver seriamente avariada o seu movimento cessa, se o corpo estiver seriamente doente a vida esvai-se.

69. Porque é que uma lesão do coração, mais do que a de outros órgãos, causa a morte?

O coração é um órgão vital, mas não é o único em que uma lesão causa a morte. É, contudo, um dos órgãos essenciais.

70. Em que se transformam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos após a morte?

A matéria inerte decompõe-se e contribui para novas formações de matéria. O princípio vital regressa à massa geral do fluido cósmico universal.

– Após a morte do ser orgânico, os seus elementos entram em novas combinações, contribuindo para a formação de novos seres. Estes procuram na fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvendo-o e assimilando-o, para lho devolverem quando deixarem de existir.

Em vida, os órgãos estão impregnados de fluido vital que possibilita ao organismo a sua atividade e que, no caso de certas lesões, pode até restabelecer funções temporariamente prejudicadas. Porém, quando os elementos essenciais do organismo deixam de funcionar ou ficam profundamente lesados, o fluido vital não pode transmitir-lhes o movimento da vida e o ser morre.

Os órgãos agem entre si de forma conjugada e harmónica de acordo com as necessidades. Quando uma causa impede essa harmonia, as suas funções podem ser afectadas, como um mecanismo cujas engrenagens se descordenam e deixam de funcionar. Como um relógio que se gasta com o tempo ou se desmonta por acidente, cuja força motriz não consegue colocá-lo em movimento.

Os aparelhos eléctricos dão-nos um exemplo claro da morte quando avariam ou lhes falta a energia. Enquanto estão em perfeito estado e a corrente não falta, pode dizer-se que estão vivos. Quando sofrem avarias graves ou há falta de electricidade, ficam como mortos.

Os corpos vivos, tal como os aparelhos elétricos em pleno funcionamento, chegam à morte se lhes falta a energia ou a capacidade de usá-la.

A quantidade de fiuido vital não é a mesma em todos os seres orgânicos: varia segundo as espécies e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos vários indivíduos de uma mesma espécie. Há os que estão praticamente saturados de fiuido vital, enquanto outros possuem apenas quantidade suficiente. É por isso que uns são mais enérgicos, plenos de vitalidade, e outros menos ativos.

A quantidade de fiuido vital esgota-se. Pode tornar-se insuficiente para garantir a sobrevivência, se não for renovado pela absorção e assimilação de substâncias que o contêm.

O fiuido vital pode transmitir-se pessoalmente. Aquele que tem maior quantidade pode dá-lo ao que tem menos e, em certos casos, reanima uma vida prestes a extinguir-se.

III – Inteligência e instinto

71. A inteligência é um atributo do princípio vital?

Não, visto que as plantas vivem e não pensam, têm apenas vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, visto que um corpo pode viver sem inteligência, mas a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais: somente a união com o espírito dá inteligência à matéria animalizada.

– A inteligência é uma faculdade especial própria de certas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência da sua existência e da sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de satisfazer as suas necessidades. Assim, podemos fazer a seguinte distinção:

1º - Os seres inanimados, formados apenas de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos inorgânicos;

2º - Os seres animados não pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência;

3º - Os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade, e tendo ainda um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

72. Qual é a fonte da inteligência?

Já o dissemos: a inteligência universal.

72-a Poderá dizer-se que cada ser tira e assimila uma porção de inteligência da fonte universal, como tira e assimila o princípio da vida material?

É só uma comparação, mas não é exata. A inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. De resto, como sabeis, há coisas que não são dadas a conhecer ao homem, e esta inclui-se nesse número, por enquanto.

73. O instinto é independente da inteligência?

Não exatamente, porque é uma espécie de inteligência. O instinto é uma inteligência não raciocinada: é pelo instinto que todos os seres satisfazem as suas necessidades.

74. Pode determinar-se um limite entre o instinto e a inteligência, ou seja, indicar onde acaba um e onde começa a outra?

Não, porque se associam em muitos casos; mas podemos muito bem distinguir os atos que pertencem ao instinto dos que pertencem à inteligência.

75. É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?

Não. O instinto existe sempre, mas o homem dá-lhe pouca atenção. O instinto pode também conduzir ao bem, guia-nos quase sempre e às vezes mais seguramente do que a razão: nunca se deixa enganar.

75-a. Porque é que a razão não é sempre um guia infalível?

Seria infalível se não estivesse alterada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina, a razão permite ao homem escolher e dá-lhe o livre arbítrio.

– O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita, visto que as suas manifestações são quase sempre espontâneas, enquanto as da inteligência são a combinação de um raciocínio e de um ato dirigido pela vontade.

O instinto varia nas suas manifestações segundo as espécies e as suas necessidades. Nos seres dotados de consciência e de perceção das coisas exteriores, alia-se à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

LIVRO SEGUNDO – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I – Dos Espíritos

I – Origem e natureza dos Espíritos

76. Como podemos definir os Espíritos?

São os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.

– NOTA: A partir deste ponto, a palavra “Espírito” é empregada para designar as individualidades dos “seres extracorporais” e não o “elemento inteligente universal”, como acontecia no LIVRO PRIMEIRO.

77. Os Espíritos são seres diferenciados da Divindade, ou simples emanações ou porções da Divindade, chamados, por essa razão, filhos de Deus?

São obra de Deus, precisamente como acontece com um operário que faz uma máquina. Esta obra é sua, mas não é ele próprio. Quando alguém faz uma coisa bela e útil, chama-lhe sua filha, sua criação. Dá-se o mesmo com Deus: nós somos seus filhos porque somos obra sua.

78. Os Espíritos tiveram um princípio ou existiram desde sempre, como Deus?

Se os Espíritos não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus. Pelo contrário, são criação sua e estão submetidos à sua vontade. Deus é eterno, isso é incontestável, mas quando e como nos criou, não sabemos. Se dissermos que não tivemos princípio, entender-se-á por isso que Deus, sendo eterno, deve ter criado sem cessar. Porém, quando e como cada um de nós foi feito, repito, ninguém o sabe: é nisso que está o mistério.

79. Uma vez que há dois elementos gerais no Universo, o inteligente e o material, poderá dizer-se que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do elemento material?

É evidente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos inertes são individualizações do princípio material: a época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.

80. A criação dos Espíritos é permanente ou verificou-se apenas na origem dos tempos?

É permanente, o que quer dizer que Deus nunca cessou de criar.

81. Os Espíritos formam-se espontaneamente ou procedem uns dos outros?

Deus criou-os, como criou todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mais uma vez, porém, a sua origem é um mistério.

82. É exato dizer-se que os Espíritos são imateriais?

Como podemos definir uma coisa quando não há termos de comparação e usamos uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é o termo apropriado. Incorporal seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito deve ser alguma

coisa. É matéria muito purificada, mas nada conheceis que se lhe compare. É tão pura que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.

− Dizemos que os Espíritos são imateriais porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos como matéria. Um povo de cegos não teria termos para exprimir a luz e os seus efeitos. O cego de nascença julga ter todas as perceções pelo ouvido, o olfato, o paladar e o tato; não compreende as ideias que lhe dariam o sentido que lhe falta. Da mesma maneira, quanto à essência dos seres espirituais, somos como verdadeiros cegos. Apenas podemos defini-los por comparações sempre imperfeitas ou por um esforço da imaginação.

83. Os Espíritos terão fim? Compreende-se que o princípio de que provêm seja eterno, mas o que perguntamos é se a sua individualidade terá um termo e se, ao fim de certo tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados se desagregará, regressando à massa de que foram produzidos, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo não tenha fim.

Há muitas coisas que não compreendeis, porque a vossa inteligência é limitada, mas não é razão para rejeitá-las. A criança não compreende tudo o que o pai compreende, nem o ignorante compreende o mesmo que o sábio. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim: é tudo quanto podemos dizer agora.

II− Mundo normal primitivo

84. Os Espíritos formam um mundo à parte, além daquele que vemos?

Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorporais.

85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corporal, é o principal na ordem das coisas?

O mundo espírita pré-existe e sobrevive a tudo.

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita?

Sim, são independentes e, contudo, o seu relacionamento é permanente, porque atuam incessantemente um sobre o outro.

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço ?

Os Espíritos estão por toda a parte, povoam sem limite os espaços infinitos. Alguns permanecem a vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós sem o saberdes, porque os Espíritos são uma das forças da natureza e instrumentos de que Deus se serve para cumprimento dos seus desígnios. Contudo, nem todos vão a toda a parte, porque há regiões interditas aos menos evoluídos.

III − Forma e ubiquidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. São uma chama, um clarão ou uma centelha puríssima.

88-a. Essa chama ou centelha tem cor?

Para vós, varia do escuro ao brilho do rubi, de acordo com a menor ou maior pureza do Espírito.

− Representam-se habitualmente os anjos com um brilho ou uma estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam- na no alto da cabeça, por ser ali que se encontra a sede da inteligência.

89. Os Espíritos levam tempo para atravessar o espaço?

Sim, mas rápido como o pensamento.

89-a. O pensamento não é a própria alma que se transporta?

Quando o pensamento está algures a alma também, pois é ela que pensa. O pensamento é uma faculdade.

90. O Espírito que se transporta de um lugar para outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa ou é subitamente transportado para onde deseja ir?

− Ambas as coisas. O Espírito pode perfeitamente, se quiser, saber a distância que atravessa, mas esta pode também apagar-se por completo. Isso depende da vontade do Espírito e também do seu estado, mais ou menos evoluído.

91. A matéria oferece obstáculo aos Espíritos?

Não, os Espíritos atravessam tudo: o ar, a terra e as águas. Podem igualmente atravessar o fogo.

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade ou, por outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou estar ao mesmo tempo em vários pontos?

Não pode haver divisão de um Espírito, mas cada um deles é um centro que irradia em várias direções, e é por isso que parecem estar em vários lugares ao mesmo tempo. Repara no Sol, que é único e, não obstante, irradia em todas as direções e envia os seus raios até muito longe. Apesar disso, não se divide.

92-a. Todos os Espíritos irradiam com o mesmo poder?

Bem longe disso, o seu poder de irradiação depende do grau de pureza de cada um.

− Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um deles pode estender o seu pensamento em diversas direções, sem por isso se dividir. É apenas nesse sentido que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos; como uma centelha que projeta ao longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte; como uma pessoa que, sem mudar de lugar e sem se dividir, pode transmitir ordens, sinais e movimentos para diferentes lugares.

IV – Perispírito

93. O Espírito propriamente dito vive a descoberto ou é envolvido por alguma substância?

O Espírito é envolvido por uma substância que é subtil para os humanos, mas ainda bastante densa para os Espíritos. É suficientemente ténue, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser.

− Como a semente de um fruto é envolvida pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é envolvido por um corpo semimaterial que, por comparação, pode chamar-se perispírito.

[25 - A palavra "enveloppe"]

94. De onde tira o Espírito o seu perispírito?

Do fluido universal de cada planeta. É por isso que não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo para outro, o Espírito muda de perispírito, como vós mudais de roupa.

94-a. Dessa maneira, quando os Espíritos de mundos superiores vêm até nós, tomam um perispírito mais denso?

É-lhes necessário um corpo semimaterial da matéria colhida no vosso planeta, como já dissemos.

95. O perispírito apresenta formas determinadas pelo Espírito e percetíveis por terceiros?

Apresenta uma forma ao gosto do Espírito e é assim que vos aparece às vezes, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, podendo assumir forma visível e mesmo palpável.

V – As várias ordens de Espíritos

[26 - A palavra "ordem"]

96. Os Espíritos são todos iguais ou existem hierarquias entre eles?

Os Espíritos são de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição que tenham alcançado.

97. Há um número determinado de ordens ou graus de perfeição entre os Espíritos?

O número é ilimitado pois não há entre essas ordens linhas de demarcação traçadas como uma barreira. Desta maneira podem multiplicar-se ou restringir-se essas divisões à vontade. Não obstante, se considerarmos as características gerais, poderemos reduzi-las a três principais:

Na primeira ordem podemos colocar os que já chegaram à perfeição: os Espíritos puros.

Na segunda estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação - são os Espíritos bons.

Na terceira e mais baixa das ordens encontram-se os Espíritos imperfeitos. São caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e por todas as más paixões que atrasam o seu desenvolvimento.

98. Os Espíritos da segunda ordem só têm o desejo do bem; terão também o poder de o fazer?

Têm esse poder à medida do seu grau de perfeição. Uns possuem o conhecimento, outros a sensatez e a bondade, mas todos têm ainda provas a prestar.

99. Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?

Não, uns não fazem bem nem mal, outros, pelo contrário, agrada-lhes o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Há ainda os Espíritos superficiais ou tolos, mais trapalhões do que maus, que se comprazem mais em diabruras do que na maldade, encontrando prazer em enganar e causar pequenas contrariedades, das quais se riem.

VI – Escala espírita

100. Observações preliminares

A classificação dos Espíritos é baseada no seu grau de evolução espiritual, nas qualidades que adquiriram e nos defeitos de que ainda têm de libertar-se. Esta classificação nada tem de absoluto. Cada categoria só apresenta caráter rigorosamente definido em termos de conjunto. A transição de uma para outra é gradual, por isso, impercetível. Nos limites, a transição apaga-se como nos fenómenos naturais, como nas cores do arco-íris ou como na passagem dos diferentes períodos da vida do homem.

Podem formar-se, portanto, um maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista adotado. Passa-se aqui o mesmo que em todos os sistemas de classificação científica, podem ser mais ou menos completos, racionais ou cómodos para a inteligência. Quaisquer que sejam, porém, nada mudam relativamente à ciência. Os Espíritos interrogados quanto a este ponto variaram no número das categorias, sem que isso tivesse tido consequências. Houve quem pegasse nesta contradição aparente sem reparar que os Espíritos não ligam importância nenhuma ao que é puramente convencional. Para eles o pensamento é tudo e deixam de lado a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, a teoria.

Acrescentemos ainda uma consideração que não deve ser perdida de vista: entre os Espíritos, tal como entre nós, há muitos que são ignorantes e nunca é demais que nos defendamos contra a tendência de acreditar que devem saber tudo só porque são Espíritos. Todas as classificações exigem método, análise e conhecimento profundo do tema. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados, como entre nós os ignorantes, são incapazes de abarcar um conjunto e formular uma teoria: só conhecem e compreendem imperfeitamente, seja qual for a classificação. Para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores são da primeira ordem, sem que se apercebam das diferenças de conhecimento, da capacidade e da moralidade que os distinguem, como entre nós um homem que é rude comparado com pessoas civilizadas. Mesmo aqueles que são capazes disso podem variar nos detalhes segundo o seu ponto de vista, sobretudo quando a divisão nada tem de absoluto. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método e a botânica não mudou por causa disso: não inventaram nem as plantas, nem as suas características, observaram as analogias, de acordo com as quais formaram os respetivos grupos ou classes.

Foi também assim que procedemos. Não inventámos os Espíritos nem as suas características, vimos e observámos, julgámo-los de acordo com as suas palavras e os seus atos. Classificámo-los depois por semelhanças, com base nos dados que nos tinham fornecido.

Os Espíritos admitem geralmente três categorias principais ou três grandes divisões.

Na última, a que está na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela tendência para o mal.

Os da segunda são caracterizados pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem. São os Espíritos bons.

O primeiro grupo, por fim, inclui os Espíritos puros, que são aqueles que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão parece-nos perfeitamente racional e apresenta características bem definidas. Só nos restava colocar em evidência, por um número suficiente de subdivisões, as diferenças principais no conjunto. Foi o que fizemos com a ajuda dos Espíritos, cujas benévolas instruções nunca nos faltaram.

Com a ajuda deste quadro, será fácil determinar a posição e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em contacto e, por conseguinte, o grau de confiança e de estima que merecem. É, de certo modo, a chave da ciência espírita, pois só ele pode dar-nos conta das anomalias que nos apresentam as comunicações, esclarecendo-nos quais as desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Chamaremos a atenção, todavia, para o facto de os Espíritos nem sempre pertencerem exclusivamente a uma ou outra classe. Como o seu progresso só se concretiza gradualmente e muitas vezes mais num sentido do que noutro, os Espíritos podem reunir características de diversas categorias, o que é fácil de ajuizar pela sua linguagem e pelos seus atos.

[27 - A palavra "classe"]

Terceira ordem - Espíritos imperfeitos

101. Características gerais

Predominância da matéria sobre o Espírito. Tendência para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões consequentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais frivolidade, inconsequência e travessura do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem, nem o mal, mas só porque não fazem o bem, revelam a sua inferioridade. Outros, pelo contrário, agrada-lhes praticar o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião para isso.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à travessura. Porém, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, as suas ideias são pouco elevadas e os seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados e o pouco que sabem confunde-se com as ideias e os preconceitos da vida corporal. Só podem dar-nos, desse mundo, noções falsas e incompletas; mas o observador atento encontra nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores. O seu caráter revela-se na linguagem. Qualquer Espírito que, nas suas comunicações, denuncia um mau pensamento, pode ser colocado na terceira ordem. Por conseguinte, todo o mau pensamento que nos for sugerido provém de um Espírito dessa ordem. Veem a felicidade dos bons e essa visão é para eles um peso difícil de suportar, porque lhes faz passar por todas as angústias que derivam da inveja e do ciúme.

Conservam a lembrança dos sofrimentos da vida corporal e essa impressão é mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, pelo que passaram em vida e pelo que causaram aos seus semelhantes. Como essas provas são longas, julgam que irão durar indefinidamente. Deus, para pô-los à prova, quer que tenham essa impressão.

Podemos dividi-los em cinco classes principais:

102. Décima classe - Espíritos Impuros

Têm tendência para o mal e fazem dele objetivo das suas preocupações. Como Espíritos, dão maus conselhos, inspiram a discórdia e a desconfiança e usam todos os disfarces para melhor enganar. Apegam-se às pessoas de caráter fraco para ceder às suas sugestões e levá-las à sua perda, satisfeitos por poderem atrasar o seu avanço espiritual e fazendo-as sucumbir nas provas que têm que prestar. Nas manifestações reconhecem-se pela linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, entre os

Espíritos, como entre os homens, são sempre um indicador de inferioridade moral ou intelectual. As suas comunicações revelam o baixo nível das suas inclinações e, se tentam induzir em erro, falando de maneira sensata, não podem manter por muito tempo esse papel e acabam sempre por denunciar a sua origem. Alguns povos fizeram deles divindades malfazejas, outros deram-lhes o nome de demónios, génios maus ou Espíritos do mal. Os seres vivos que animam, quando encarnados, são inclinados a todos os vícios causados pelas paixões negativas: a sensualidade, a crueldade, a traição, a hipocrisia, a ambição e a avareza sem escrúpulos. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, o mais frequentemente sem motivos e, pela aversão ao bem, quase sempre escolhem as suas vítimas entre as pessoas honestas. Constituem flagelos para a Humanidade, seja qual for a posição social a que pertençam, e o verniz da civilização não os livra da vergonha e da desonra.

103. Nona classe - Espíritos Superficiais ou Descuidados

São ignorantes, maldosos, inconsequentes e trocistas. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. Gostam de causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, gostam de incomodar, de induzir ao erro maldosamente, por meio de enganos e travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados como elfos, duendes, gnomos ou diabretes. Estão sob a dependência de Espíritos superiores que muitas vezes se servem deles como criados.

Nas suas comunicações com os homens a sua linguagem é muitas vezes espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade. Apanham as falhas e as idiotices humanas que interpretam de maneira mordaz e satírica. Assumem nomes supostos, mais por brincadeira do que por maldade.

104. Oitava classe - Espíritos Pseudo-Sábios

Os seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos em diversos sentidos, a sua linguagem tem um caráter sério, que pode iludir quanto à sua capacidade e aos seus conhecimentos. Muitas vezes é só um reflexo dos preconceitos e das ideias sectárias que tiveram na vida terrena, é uma mistura de algumas verdades a par dos erros mais absurdos, entre os quais se salientam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia de que não puderam libertar-se.

105. Sétima classe - Espíritos Neutros

Nem são suficientemente bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Tendem tanto para um como para outro e não se elevam acima da condição vulgar dos humanos, quer pela moral, quer pela inteligência. Agarram-se às coisas deste mundo, sentindo a falta das alegrias de baixo nível.

106. Sexta classe - Espíritos Barulhentos e Perturbadores

Estes Espíritos não formam uma classe propriamente dita, do ponto de vista das suas qualidades pessoais, podendo pertencer a todas as classes da terceira ordem. Manifestam frequentemente a sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de objetos, agitação do ar, etc..

Parecem, mais do que outros, apegados à matéria. Serão, talvez, os agentes principais da agitação dos elementos do planeta, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos ou as próprias entranhas da Terra. Reconhece- se que estes fenómenos não são devidos a uma causa fortuita e física, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenómenos, mas os Espíritos evoluídos deixam-nos geralmente a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos para

coisas materiais do que para coisas inteligentes. Quando julgam que as manifestações desse género são úteis, servem-se destes Espíritos como auxiliares.

Segunda ordem - Espíritos bons

107. Características gerais

Predomínio do Espírito sobre a matéria. Desejo do bem. As suas qualidades e o seu poder de fazer o bem são proporcionais ao nível evolutivo que alcançaram. Uns têm conhecimento, outros têm bom senso e bondade. Os mais evoluídos associam ao seu saber as qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo o seu nível, vestígios da existência corporal, seja na linguagem seja nos hábitos, nos quais se encontram até algumas das suas manias. De contrário, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e gozam já a felicidade dos bons. Sentem- se felizes quando fazem o bem e quando impedem o mal. O amor que os une é para eles uma fonte de felicidade indescritível, imune à inveja, aos remorsos e a todas as más paixões que atormentam os Espíritos imperfeitos. Todos eles, porém, estão ainda sujeitos a provas até atingirem a perfeição absoluta.

Como Espíritos, sugerem bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem durante a vida aqueles que se tornam dignos, e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos junto daqueles que não estão dispostos a sofrer tal influência.

Quando encarnados, são bons e benevolentes para com os semelhantes. Não se deixam levar pelo orgulho, pelo egoísmo ou pela ambição. Não sentem ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem. A esta ordem pertencem os Espíritos que nas crenças vulgares são conhecidos como bons génios, génios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos da superstição e da ignorância foram considerados divindades benfazejas. Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

108. Quinta classe - Espíritos bondosos

A sua qualidade dominante é a bondade. Gostam de prestar serviços aos homens e de os proteger, mas o seu saber é limitado. Progrediram mais no sentido moral do que no intelectual.

109. Quarta classe - Espíritos sábios

Distinguem-se pela vastidão dos seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais aptidão. Porém, só encaram a ciência pela sua utilidade, livres das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. Terceira classe - Espíritos Sensatos

Caracterizam-se pelas qualidades morais da ordem mais elevada. Sem possuir conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite julgar com retidão os homens e as coisas.

111. Segunda classe - Espíritos Superiores

Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. A sua linguagem só respira benevolência, é sempre digna, elevada e muitas vezes sublime. A sua superioridade dá-lhes mais capacidades, do que a outros, de nos dar noções mais justas sobre as coisas do mundo espiritual, dentro dos limites do que é dado ao ser humano conhecer. Comunicam com boa vontade com os que procuram a verdade de boa fé e cuja alma esteja suficientemente liberta dos vínculos terrenos para compreendê-la, mas afastam-se dos que são motivados apenas pela curiosidade ou que, sob a influência da matéria, se desviam da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de progresso, e revelam então o tipo de perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem - Espíritos puros

112. Características gerais

Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

113. Primeira classe - Classe única

Percorreram todos os graus da escala e despojaram-se de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a totalidade das perfeições de que é suscetível a criatura, não têm que passar por mais provas ou expiações. Já não estando sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna no seio de Deus.

Gozam uma felicidade inalterável porque não estão sujeitos às necessidades nem às dificuldades da vida material. Essa felicidade, contudo, não é de uma ociosidade monótona vivida em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para conservação da harmonia universal. Dirigem todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a aperfeiçoarem-se e determinam as suas missões. Assistir os homens nas suas angústias, incitá-los ao bem ou à expiação de faltas que os distanciam da felicidade suprema é, para eles, uma ocupação agradável. São designados, por vezes, como anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem comunicar com eles, mas seria pretensioso julgar que estão permanentemente à nossa disposição.

VII – Progressão dos Espíritos

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que procuram evoluir?

Os Espíritos evoluem por si mesmos. Aperfeiçoando-se, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior.

115. Os Espíritos foram criados uns bons e outros maus?

Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimentos. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e de os fazer chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade e para os aproximar dele. Nesta perfeição encontrarão a felicidade eterna e pura. Os Espíritos adquirem o saber passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais rapidamente ao seu destino. Outros não conseguem sofrê-las sem se rebelarem e assim permanecem, por sua culpa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida.

115-a. Nesse caso, os Espíritos, na sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e sem experiência, mas adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrer as diferentes fases da vida?

Sim, a comparação é justa. A criança rebelde permanece ignorante e imperfeita. O seu menor ou maior aproveitamento depende da sua docilidade. Mas a vida do ser humano tem limite, enquanto a dos Espíritos se prolonga até ao infinito.

116. Há Espíritos que ficarão perpetuamente nas classes inferiores?

Não, todos se tornarão perfeitos. Mudam, mas leva tempo. Como já dissemos uma vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente os seus filhos. Querias que Deus, tão grande, tão bom e tão justo, fosse pior do que vós mesmos?

117. Depende dos Espíritos apressar o seu avanço para a perfeição ?

Certamente. Chegam mais ou menos rapidamente, segundo o seu desejo e a sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil aprende mais depressa do que uma rebelde.

118. Os Espíritos podem degenerar?

Não. À medida que avançam, compreendem o que os afastava da perfeição. Quando o Espírito conclui uma prova adquiriu conhecimento e já não o perde. Pode estacionar, mas não recua no seu aperfeiçoamento.

119. Poderia Deus libertar os Espíritos das provas que devem prestar para chegar à primeira ordem?

Se tivessem sido criados perfeitos, não teriam mérito para gozar os benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta? Aliás, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade. A missão que realizam nos diferentes graus encontra-se nos desígnios da Providência para a harmonia do Universo.

− Uma vez que na vida social todos os homens podem chegar aos primeiros postos, também poderíamos perguntar por que motivo o soberano de um país não promove a generais todos os seus soldados, porque é que todos os empregados subalternos não são diretores gerais e porque é que todos os alunos não são professores. Entre a vida social e a espiritual existe, portanto, a diferença de que a primeira é limitada e não consente a todos a subida até ao topo, enquanto a segunda éilimitada epermite a todos a possibilidade de chegarem ao mais alto nível.

120. Todos os Espíritos passam pela via do mal para chegar ao bem?

Pela via do mal não, mas pela da ignorância, sim.

121. Porque há Espíritos que seguiram o caminho do bem e outros o caminho do mal?

É por serem dotados de livre arbítrio. Deus não criou Espíritos maus, criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem como para o mal. Os que são maus tornaram-se assim por sua vontade.

122. Como podem os Espíritos, na sua origem, quando ainda não têm a consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um lado do que para o outro?

O livre-arbítrio desenvolve-se à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. A escolha com liberdade tem como origem a vontade própria do Espírito. Estando fora dele a causa da sua decisão, esta deriva de influências às quais desejou obedecer. É a grande figura da queda do homem | e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram-lhe.

[28 - O espiritismo rejeita o pecado original]

122-a. De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele e dominá-lo, e que ficam felizes por fazê-lo sucumbir. Foi o que quis representar-se na figura de Satanás.

122-b. Esta influência só se exerce sobre o Espírito na sua origem?

Segue-o durante a sua vida de Espírito, até que já tenha adquirido tal domínio de si mesmo que os maus desistam de obsidiá-lo.

123. Porque terá Deus permitido que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal?

Como ousais pedir a Deus conta dos seus atos? Pensais poder penetrar os seus desígnios? A sabedoria de Deus encontra-se na liberdade de escolha que concede aos homens. Dessa forma, cada um tem o mérito das suas obras.

124. Havendo Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, haverá situações intermédias entre esses dois extremos?

Certamente, e são a grande maioria.

125. Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

Sim, mas as "eternidades" serão mais longas para eles.

− Por "eternidades" devemos entender a ideia que têm os Espíritos inferiores da perpetuidade dos seus sofrimentos, visto que não lhes é dado saber se eles irão ter fim, ideia que se renova de cada vez que sucumbem nas suas provas.

126. Os Espíritos que chegam ao mais alto grau de evolução, depois de passarem pelo mal, têm menos mérito do que os outros, aos olhos de Deus?

Deus olha os Espíritos extraviados da mesma maneira que os outros e a todos ama igualmente. Diz-se que são maus, porque sucumbiram. Antes disso, eram simplesmente Espíritos, como tantos outros.

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às suas faculdades intelectuais?

São criados iguais. Não sabendo de onde vêm, contudo, é necessário que o livre-arbítrio siga o seu curso. Progridem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.

− Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem, nem por isso são Espíritos perfeitos. Se não têm tendências más, não estão dispensados de adquirir experiência e conhecimentos, necessários para atingir a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade dos seus instintos naturais, têm necessidade de se desenvolver, de se esclarecer, e não passam diretamente da infância à maturidade. Há homens que são bons e outros que são maus desde a infância e o mesmo acontece aos Espíritos desde o seu princípio. Com a diferença fundamental de que a criança traz os seus instintos completamente formados e o Espírito não possui, de início, mais maldade do que bondade. Tem todas as tendências e toma uma direção ou outra, por efeito do seu livre-arbítrio.

VIII − Anjos e demónios

128. Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial de natureza diferente da dos outros Espíritos?

Não. São Espíritos puros que estão no mais alto grau da escala evolutiva e reúnem em si todas as perfeições.

− A palavra anjo desperta geralmente a ideia da perfeição moral. No entanto, é frequentemente aplicada a todos os seres bons e maus que não pertencem à Humanidade. Diz-se: anjo bom e anjo mau, anjo de luz e anjo das trevas. Nesse caso, é sinónimo de Espírito ou de génio. Aqui tomamos a palavra anjo no seu sentido mais elevado.

129. Os anjos também percorreram todos os graus?

Percorreram-nos todos. Mas, como já dissemos, uns aceitaram a sua missão sem queixumes e chegaram mais depressa. Outros levaram tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição.

130. Se é errado admitir a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica a sua presença na tradição de quase todos os povos?

Repara bem que o teu mundo não existiu desde sempre e que, muito antes de existir, já havia Espíritos no grau supremo da evolução. Os homens, por isso, foram levados a crer que eles tinham sido sempre assim.

131. Há demónios, no sentido que se dá a essa palavra?

Se houvesse demónios, seriam obra de Deus. Seria Deus justo e bom criando seres infelizes, eternamente votados ao mal? Se há demónios, é no teu mundo inferior e noutros semelhantes que eles residem. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo, e que pensam ser-lhe agradáveis pelas abominações que cometem em seu nome.

− A palavra demónio só implica a ideia de Espírito mau no seu significado moderno, porque a palavra grega “daimôn , de onde derivou, significa génio, inteligência, e usava-se para designar os seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção.

Considera-se que os demónios, no significado vulgar da palavra, são seres essencialmente maléficos. Seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Porém, dado que Deus é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres destinados, pela sua própria natureza, a fazerem o mal e condenados

eternamente. Se não foram criados por Deus, teriam existido como ele desde sempre e, nesse caso, haveria uma pluralidade de potências soberanas.

A primeira condição de qualquer ideologia é a de ser lógica: a teoria dos demónios, no sentido estrito, peca por carecer dessa base essencial. Que nas crenças dos povos não evoluídos, que ignoravam os atributos de Deus, se admitissem as divindades maléficas e também os demónios, compreende-se.

Mas, para os que admitem a bondade de Deus, como atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que tenha podido criar seres dedicados ao mal e destinados a fazê-lo perpetuamente. Seria negar a sua bondade.

Os partidários dos demónios baseiam-se nas palavras de Jesus. Sem contestar a autoridade dos seus ensinamentos preferiríamos, porém, que eles estivessem mais no coração do que na boca dos homens. Haverá, entretanto, a certeza absoluta do sentido que ele atribuía àpalavra demónio? Sabemos claramente que a forma alegórica era uma das marcas fundamentais da sua linguagem, pelo que as suas afirmações contidas nos Evangelhos não devem ser tomadas em sentido literal. Outra prova disso não será necessária para além da passagem seguinte: "Logo depois da aflição daqueles dias, o Sol escurecerá e a Lua não dará o seu resplendor, e as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas. (...) Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas essas coisas aconteçam". (Mateus, 24-29 e 34)

Já tínhamos visto o texto bíblico ser desmentido pela ciência no que toca à criação e ao movimento da Terra. O mesmo pode acontecer a certas alegorias usadas por Jesus, que devia falar de acordo com o tempo e o lugar onde viveu. Jesus não poderia ter dito falsidades de forma deliberada; portanto, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão é porque não as compreendemos ou porque as interpretamos mal.

Os homens trataram a ideia dos demónios do mesmo modo que trataram a dos anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde sempre, tomaram os Espíritos inferiores como seres perpetuamente maus.

“Demónios” foi a palavra usada para designar os Espíritos impuros que não são melhores do que os outros designados por este nome, com a diferença de que o seu estado é apenas transitório. São Espíritos imperfeitos que se rebelam contra as provas a que são submetidos e que, por isso, levam mais tempo a cumpri-las, o que - coerentemente com o espiritismo - acabarão por fazer quando se dispuserem voluntariamente a isso.

Poderia, pois, aceitar-se a palavra “demónio” com esta restrição. Como atualmente a palavra é usada com um significado específico, poderia induzir em erro e fazer crer na existência de seres especialmente criados para o mal.

Satanás é, evidentemente, a personificação do mal sob forma alegórica, dado que ninguém poderia admitir um ser lutando de igual para igual com a Divindade e cuja única preocupação fosse a de contrariar os seus desígnios.

Como o homem necessita de figuras simbólicas para chocar a imaginação, criou imagens de seres incorpóreos, sob formas materiais, com atributos que fazem lembrar as suas próprias qualidades e defeitos. Foi assim que os antigos, desejando personificar o Tempo, criaram a figura de um velho com uma foice e uma ampulheta, atributos impensáveis no caso de um jovem. O mesmo se passou com as figuras alegóricas da Fortuna, da Verdade, etc.

Os modernos representaram os anjos, ou Espíritos puros, como figuras radiosas, de asas brancas, emblemas de pureza. Satanás foi representado com cornos, garras e atributos da bestialidade, símbolos das baixas paixões. As pessoas simples, que tomam as coisas à letra, viram nessas simbologiaspersonagens reais, como noutro tempo tinham visto Saturno na alegoria do Tempo.

CAPÍTULO II – Encarnação dos Espíritos

I – Finalidade da encarnação

132. Qual é a finalidade da encarnação dos Espíritos?

Deus impõe a encarnação aos Espíritos para fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é uma expiação, para outros, uma missão. Para chegar a esta perfeição, contudo, devem passar por todas as dificuldades da existência corporal. É nisso que está a expiação.

A encarnação tem ainda outra finalidade: a de pôr o Espírito em condições de assumir a sua parte na obra da criação. É para executá-la que ele toma posse, em cada mundo, de um corpo em harmonia com a matéria essencial desse mundo, para nele cumprir, do ponto de vista dessa finalidade, as ordens de Deus. De tal sorte que, concorrendo para a obra geral, também ele progride.

– A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que eles encontrassem nessa mesma ação um meio de progredir e de se aproximarem dele. É assim que, por uma lei admirável da sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133. Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?

Todos são criados simples e ignorantes. Instruem-se através das lutas e adversidades da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes só alguns, sem dificuldades e sem trabalhos e, por conseguinte, sem mérito.

133 a. Mas então, de que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os dispensa das dificuldades da vida corporal?

Chegam mais depressa ao objetivo. Além disso, as dificuldades da vida são a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeito for, menos consequências desagradáveis enfrentará, tal como os que não têm inveja nem ciúmes e os que não praticam a avareza nem são ambiciosos.

II – A alma

134. O que é a alma?

É um Espírito encarnado.

134 a. O que era a alma, antes de unir-se ao corpo?

Era um Espírito.

134 b. As almas e os Espíritos são a mesma coisa?

Sim, as almas são apenas os Espíritos. Antes de se ligar ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que assume temporariamente um corpo material para se purificar e esclarecer.

135. Há no ser humano alguma outra coisa além da alma e do corpo?

Há o elemento de ligação entre a alma e o corpo.

135 a. Qual é a natureza desse elemento de ligação?

É semimaterial, isto é, intermediário entre o Espírito e o corpo. É necessário para que possam comunicar um com o outro. É através desse elemento de ligação que o Espírito age sobre a matéria e vice-versa.

− O ser humano é, assim, formado de três partes essenciais:

1º − O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º − A alma, Espírito encarnado, cujo corpo é a sua habitação;

3º − O elemento de ligação ou perispírito, princípio intermediário que serve de primeiro corpo semimaterial do Espírito e que une a alma ao corpo material. Este conjunto é semelhante a um fruto, com a semente, a polpa e a casca.

[29 - Necessidade lógica do perispírito, Gabriel Delanne]

136. A alma é independente do princípio vital?

O corpo é apenas a parte material, sempre o repetimos.

136 a. O corpo pode existir sem a alma?

Sim, quando o corpo deixa de viver a alma abandona-o. Antes do nascimento, não há ainda união definitiva entre a alma e o corpo. Depois desta união ter sido estabelecida, só a morte do corpo pode cortar as ligações que o unem à alma, o que permite que esta o abandone. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.

136-b. O que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

Seria uma massa de carne sem inteligência, tudo o que se quiser, menos um ser humano.

137. O mesmo Espírito pode encarnar simultaneamente em dois corpos diferentes?

Não. O Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente duas criaturas diferentes. (Ver, no Livro dos Médiuns, o capítulo "Bicorporeidade e transfiguração")

138. Podemos considerar a alma como o princípio da vida material?

Simples questão de palavras, indiferente para nós. Começai por entendermos.

139. Alguns Espíritos e, antes deles, alguns filósofos, definiram a alma como "centelha anímica emanada do grande todo". Porquê essa contradição?

Não há contradição, depende do significado das palavras. Porque não tendes uma palavra para cada coisa?

− A palavra alma é empregada para exprimir coisas muito diferentes. Uns chamam alma ao princípio da vida, e nesta aceção é exato dizer, em sentido figurado, que a alma é uma centelha anímica emanada do grande todo. Estas últimas palavras descrevem a fonte universal do princípio vital, de que cada ser absorve uma porção que regressa ao todo após a morte. (Fluido cósmico universal; ver "A Génese "de Allan Kardec, n.° 2, capítulo XIV - Os fluidos) [30 - Alterações em "A Génese"]

Esta ideia não exclui a de um ser moral diferente, independente da matéria e que conserva a sua individualidade. É a este ser que se chama igualmente “alma” e é nesta aceção que pode dizer-se que a alma é um Espírito encarnado.

(Ver número II da Introdução de "O Livro dos Espíritos"- Alma, princípio vital e fluido vital)

Dando à alma definições diferentes, os Espíritos falaram segundo as aplicações que faziam da palavra e segundo as ideias terrestres de que estavam ainda mais ou menos imbuídos. Isso decorre da insuficiência da linguagem humana, que não tem um termo para cada ideia, o que acarreta uma multidão de mal-entendidos e discussões. Eis porque os Espíritos superiores dizem que devemos primeiro entendermo-nos quanto às palavras.[4]

140. Estará a alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos, presidindo cada uma às diferentes funções do corpo?

Isso também depende do sentido que se atribui à palavra alma. Se por ela se entende o fluido vital, está certo; se se entende o Espírito quando encarnado, está errado. Já dissemos que o Espírito é indivisível: transmite o movimento aos órgãos através do elemento de ligação, o perispírito, sem por isso se dividir.

140-a. Não obstante, há Espíritos que deram esta definição.

Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.

- A alma atua por meio dos órgãos. Estes são animados pelo fiuido vital que se reparte entre eles, com mais abundância nos que são os centros ou focos de movimento. Essa explicação, porém, não pode aplicar-se à alma como sendo o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa com a morte.

141. É exato que a alma é externa e envolve o corpo?

A alma não está encerrada no corpo, como o pássaro numa gaiola. Irradia e manifesta-se no exterior, como a luz através de um globo de vidro ou como o som em redor de um centro sonoro. Por isso pode dizer-se que é externa, mas não como um revestimento do corpo. A alma tem dois revestimentos existenciais: um subtil e leve, o primeiro, a que chamamos perispírito; o outro mais denso, material e pesado, que é o corpo. A alma é o centro desses dois revestimentos, à semelhança do germe no núcleo, já o dissemos.

142. A alma, na criança, vai-se completando a cada período da vida?

O Espírito é apenas um, inteiro na criança, como no adulto. São os órgãos os instrumentos das manifestações da alma que se desenvolvem e se completam. Pensar assim seria tomar o efeito pela causa.

143. Porque é que todos os Espíritos não definem a alma da mesma maneira?

Os Espíritos não são todos igualmente esclarecidos sobre estas questões. Há Espíritos ainda limitados que não compreendem as coisas abstratas, como as crianças. Há também Espíritos pseudossábios que, para se imporem, fazem jogos de palavras, como acontece também entre vós. Além disso, mesmo os Espíritos esclarecidos podem exprimir-se em termos diferentes, que no fundo têm o

[4] Nota: ver, na Introdução desta obra, explicações a respeito da palavra “alma”. (AK)

mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem é incapaz de esclarecer. Há então necessidade de imagens, de comparações que aceitais como se fossem a realidade.

144. Que deve entender-se por alma do mundo?

É o princípio universal da vida e da inteligência de que nascem as individualidades. Mas os que se servem dessa expressão não se entendem frequentemente a si mesmos. A palavra alma tem aplicação tão elástica que cada um a interpreta de acordo com as suas fantasias. Tem-se atribuído, simbolicamente, uma alma à Terra, entendida como o conjunto dos Espíritos devotados que dirigem as vossas ações no bom sentido, quando os escutais, e que são os delegados de Deus no vosso planeta.

145. Como é que tantos filósofos, antigos e modernos, têm tão longamente discutido sobre a ciência psicológica sem terem chegado à verdade?

Esses homens eram os precursores da ideia espírita eterna: prepararam os caminhos. Eram homens e podem ter-se enganado porque tomaram as suas próprias ideias pela luz. Os seus próprios erros colocam a verdade em evidência, mostrando os prós e os contras das suas conceções. Aliás, por entre esses erros se encontram grandes verdades, que um estudo comparativo vos dá a compreender.

146. A alma tem lugar próprio e circunscrito no corpo?

Não, mas atua mais particularmente na cabeça, no caso dos grandes génios e de todos aqueles que usam bastante o pensamento, e no coração, para as pessoas muito sensíveis cujas ações se relacionam com toda a Humanidade.

146-a. Situar-se-á a alma num centro vital?

Isso significaria que o Espírito se liga principalmente com essa área do vosso organismo, uma vez que é ali que convergem todas as sensações. Os que a situam no local que consideram como centro da vitalidade, confundem-na com o princípio vital. Não obstante, pode dizer-se que a alma se liga mais especialmente aos órgãos que servem as manifestações intelectuais e morais.

III – Materialismo

147. Porque é que os anatomistas, os fisiólogos e em geral os que se especializam nas ciências naturais são frequentemente levados ao materialismo?

O fisiólogo relaciona tudo com aquilo que vê. Orgulho dos homens que julgam saber tudo e não admitem que alguma coisa possa ultrapassar o seu entendimento. A sua própria ciência torna-os presunçosos. Pensam que a natureza nada lhes pode ocultar.

148. Será de lamentar o materialismo como consequência de estudos que deveriam, pelo contrário, mostrar ao ser humano a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deverá concluir-se que esses estudos são perigosos?

Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. São os homens que tiram falsas conclusões, já que podem enganar-se com tudo, mesmo com as melhores coisas. O nada, aliás, apavora-os mais do que querem deixar entender e os espíritos fortes são muitas vezes mais fanfarrões do que valentes. A maior parte deles são materialistas apenas porque não dispõem de nada para preencher o vazio. Diante desse abismo que se abre ante eles, mostrai- lhes uma tábua de salvação e a ela se agarrarão ansiosamente.

– Por uma aberração da inteligência há pessoas que veem nos seres orgânicos apenas a ação da matéria à qual atribuem todos os nossos atos. Encaram o corpo humano tal como uma máquina elétrica. Estudaram a vida pelo funcionamento mecânico dos órgãos e viram-na extinguir-se como se fosse pela rutura de um fio, nada mais tendo observarado para além disso.

Procuraram saber se algo restara e, tendo encontrado apenas matéria inerte, como não viram a alma escapar-se nem puderam deitar-lhe a mão, concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria da qual, após a morte, nada resta da consciência.

Triste conclusão se assim fosse, porque então o bem e o mal perderiam o sentido. O ser humano teria surgido apenas para pensar em si próprio, colocando acima de tudo a satisfação de finalidades materiais. Os valores humanos e sociais quebrar-se-iam e os mais profundos afetos se perderiam.

Felizmente estas ideias estão longe de ser gerais. Pode dizer-se mesmo que são muito circunscritas e apenas constituem opiniões individuais, porque em parte alguma foram constituídas como ideologia. Uma sociedade construída nestas bases teria em si mesma o germe da desagregação e os seus membros destruir-se-iam uns aos outros como animais ferozes.

O ser humano tem instintivamente a convicção de que o fim da vida não é o fim de tudo; tem horror ao vazio e de nada vale obstinar-se contra a ideia do futuro. Quando chega o momento supremo, poucos há que duvidem do que vai acontecer-lhes, porque a ideia de perder a vida para sempre é desoladora. Quem poderia, com efeito, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que se amou? Quem poderia ver, sem pavor, abrir-se perante si o abismo imenso do nada, onde se afundassem para sempre todas as nossas faculdades e esperanças, dizendo consigo mesmo:

- "...O quê, depois de mim o vazio, nada mais do que o vazio? Tudo acabado definitivamente? Apenas alguns dias passados e ficará apagada a recordação de mim junto de todos os que me vão sobreviver, em breve nenhum vestígio restará da minha passagem pela Terra. Mesmo o bem que tenha feito será esquecido pelos ingratos a quem fiz favores, nada para compensar tudo isso, nenhuma outra perspetiva senão a do meu corpo consumido pelos vermes!..."

Este quadro é sem dúvida assustador e gélido. A religião ensina-nos que não pode ser assim e a razão no-lo confirma. Mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça o nosso amor pelo positivo, facto que para muitas pessoas engendra a dúvida.

Temos uma alma, seja. Mas o que é de facto a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros que é parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência. Mas que é que tudo isso nos dá a conhecer? Que nos importa ter uma alma se, depois de nós, ela se dispersa na imensidade como as gotas de água no oceano! A perda da nossa identidade não será para nós como cair no nada? Diz-se ainda que a alma é imaterial; mas algo imaterial não poderia ter proporções definidas, o que para nós equivale ao nada.

A religião também nos ensina que seremos felizes ou infelizes de acordo com o bem ou com o mal que tenhamos feito. Mas que felicidade é essa que nos espera no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra finalidade que cantar hossanas ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou uma imagem? A própria Igreja o entende neste último significado, mas quais são esses sofrimentos? Onde se situa esse lugar de suplícios? Numa palavra, o que se faz ou que coisas se veem nesse mundo que nos espera a todos? Ninguém regressou, como se diz, para nos contar como é. É um erro, e a missão do espiritismo é exatamente esclarecer-nos a respeito desse futuro, de nos fazer, até certo ponto, vê-lo com os olhos e tocá-lo com os dedos, já não apenas pelo raciocínio, mas pelos próprios factos.

Graças às comunicações espíritas, já não é uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um lavra a seu modo, que os poetas embelezam de ficções ou semeiam de imagens alegóricas que nos enganam. É a realidade que nos aparece, porque são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm

descrever a sua situação, dizer-nos que coisas fazem e que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da sua vida nova: por esse meio vêm mostrar-nos a sorte inevitável que nos está guardada, segundo os nossos méritos e deméritos. Será que há nisso algo de antirreligioso? Muito pelo contrário, porque os incrédulos aí encontram a fé e os fracos uma renovação do fervor e da confiança. O espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Se assim acontece é porque Deus o permite: para reanimar as nossas esperanças vacilantes e fazer-nos regressar ao caminho do bem pela perspetiva do futuro.

CAPÍTULO III – Retorno da vida corporal à vida espiritual

I – A alma após a morte

149. Que se passa com a alma no instante da morte?

Volta a ser Espírito, isto é, regressa ao mundo dos Espíritos, que por pouco tempo tinha deixado.

150. A alma conserva a sua individualidade após a morte?

Sim, nunca a perde. O que seria ela, se não a conservasse?

150-a. Como pode a alma verificar a sua individualidade, se já não tem corpo material?

Tem um corpo semimaterial que lhe é próprio, que toma da matéria própria do seu planeta e que representa a sua aparência na encarnação anterior: o seu perispírito. (Ver pergunta 187)

150-b. A alma leva consigo alguma coisa deste mundo?

Só a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança está cheia de doçura ou de amargura, segundo o uso que tenha dado à sua vida. Quanto mais pura é, melhor compreende a futilidade daquilo que deixou na Terra.

151. Após a morte, a alma regressa ao todo universal?

O conjunto dos Espíritos forma um todo. Não será o mundo um todo? Quando alguém está numa assembleia, faz parte integrante da mesma e, não obstante, conserva a sua individualidade.

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

Tendes essa prova pelas comunicações que recebeis. Se não estiverdes cegos vereis, se não estiverdes surdos ouvireis. Frequentemente há uma voz que vos fala e vos revela a existência de um ser que está perto de vós.

– Os que pensam que a alma regressa, com a morte, ao todo universal, estão errados se por isso entendem que ela perde a sua individualidade, como uma gota dágua que caia no oceano. Estão certos se entenderem pelo todo universal o conjunto dos seres incorpóreos, de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se mesclassem no todo, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria entre si. Não teriam inteligência nem qualidades próprias. Entretanto, em todas as comunicações elas revelam a consciência do eu e uma vontade diferente. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspetos, é a consequência da sua individualização.

Se após a morte houvesse apenas o que se chama o grande todo, absorvendo todas as individualidades, esse todo seria uniforme e todas as comunicações recebidas do mundo invisível seriam idênticas. Visto que nele encontramos seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes, visto que os encontramos dos mais diversos feitios, alegres e tristes, descuidados e sérios, etc, é evidente que são seres diferentes.

A individualidade da alma torna-se ainda mais evidente quando estes seres provam a sua identidade através de sinais incontestáveis, de detalhes pessoais relativos à vida terrena que podem ser verificados: não pode ser posta em dúvida quando eles se manifestam por meio das aparições. A

individualidade da alma foi teoricamente ensinada como um artigo de fé, mas o espiritismo torna-a observável e, de certa maneira, material.

153. Em que sentido deve entender-se a vida eterna?

É a vida do Espírito que é eterna, a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre a alma retoma a vida eterna.

153-a. Não seria mais exato chamar vida eterna à dos Espíritos puros, daqueles que, tendo atingido o grau de perfeição, não têm mais provas a prestar?

É mais exato dizer a felicidade eterna, mas é uma questão de palavras. Chamai as coisas como quiserdes, desde que vos entendais.

II Separação da alma e do corpo

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

Não, o corpo sofre mais durante a vida do que no momento da morte e a alma nada sente. Os sofrimentos por que se passa às vezes no momento da morte são um prazer para o Espírito, que vê chegar ao fim o seu exílio.

Na morte natural, aquela que acontece pelo esgotamento dos órgãos devido à idade, o ser humano deixa a vida sem se aperceber disso. É uma lâmpada que se apaga por falta de energia.

155. Como se efetua a separação da alma e do corpo?

Desfazendo-se as ligações que a retinham, a alma desprende-se.

155-a. A separação dá-se instantaneamente e por uma transição brusca? Há uma linha divisória bem marcada entre a vida e a morte?

Não, a alma desprende-se gradualmente e não foge como um pássaro cativo subitamente restituído à liberdade. Os dois estados tocam-se e um interpenetra o outro. O Espírito desprende-se pouco a pouco das suas ligações. Estas soltam-se, não se quebram.

− Durante a vida, o Espírito está ligado ao corpo pelo seu revestimento semimaterial ou perispírito. A morte é só o falecimento do corpo material e não do perispírito, que se separa do corpo quando cessa a vida orgânica.

A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente. Égradual e ocorre com uma lentidão variável segundo os indivíduos. Para uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é também o da libertação, que se verifica em poucas horas. Noutros, porém, sobretudo para aqueles cuja vida foi inteiramente material e sensual, o desprendimento é muito mais demorado e dura às vezes alguns dias, semanas e até mesmo meses. Esse facto não implica a mínima existência de vitalidade no corpo nem a possibilidade de retorno à vida, mas a simples persistência de uma afinidade entre o corpoe o Espírito, que é proporcional à preponderância que durante a vida o Espírito deu à matéria.

É racional admitir que, quanto mais o Espírito estiver identificado com a matéria, mais soírerá para separar-se dela, ao passo que a atividade intelectual e moral e a elevação dos pensamentos produzem um começo de desprendimento mesmo durante a vida corporal e, quando a morte chega, é

quase instantâneo. Tal é o resultado dos estudos efetuados sobre todos os indivíduos observados no momento da morte.

Essas observações provam ainda que a afinidade que persiste, em certos indivíduos, entre a alma e o corpo, é às vezes muito penosa, porque o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excecional epeculiar em certos géneros de vida e em certos géneros de morte, verificando-se no caso de alguns suicidas.

156. A separação definitiva entre a alma e o corpo pode verificar-se antes da cessação completa da vida orgânica?

Na agonia, por vezes, a alma já deixou o corpo, que só tem vida orgânica. A pessoa já não tem consciência de si mesma e ainda lhe resta um sopro de vida, visto que o corpo é uma máquina que o coração põe em movimento. Existe enquanto o coração fizer circular o sangue pelas veias e não necessita da alma para isso.

157. No momento da morte, há na alma algum desejo ou êxtase, que lhe faz pressentir o mundo para o qual regressa?

Sente, frequentemente, quebrarem-se as ligações que a prendem ao corpo e faz todos os esforços para rompê-las inteiramente. Já parcialmente liberta da matéria, a alma vê o futuro desenrolar-se diante de si e frui, antecipadamente, da condição de Espírito.

158. O exemplo da larva, que primeiro se arrasta pela terra e depois se fecha na crisálida numa morte aparente, para renascer numa existência brilhante, pode dar-nos uma ideia da vida terrena, seguida do túmulo e, por fim, de uma nova existência?

Uma pálida ideia. A imagem é boa, mas não deve ser tomada à letra, como frequentemente vos acontece.

159. Que sente a alma no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?

Depende. Se fez o mal com o desejo de fazê-lo estará, no primeiro momento, envergonhada de tê-lo feito. Para o justo é muito diferente, sente-se aliviada de um grande peso, porque não teme nenhum olhar inquiridor.

160. O Espírito encontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

Sim, segundo a afeição que tenham mantido reciprocamente. Quase sempre vêm recebê-lo no regresso ao mundo dos Espíritos e ajudam-no a libertar-se dos restos de matéria. Reencontra também muitos dos que havia perdido de vista durante a passagem pela Terra: vê os que estão desencarnados bem como os que se encontram encarnados, que vai visitar.

161. Na morte violenta ou acidental, quando os órgãos ainda não se debilitaram pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e a cessação da vida são simultâneas?

Geralmente é assim, mas em todos os casos o instante que os separa é muito curto.

162. Nos casos de decapitação, por exemplo, o ser humano conservava, por alguns instantes, a consciência de si mesmo?

Conservava-a por alguns minutos até que a vida orgânica se extinguia completamente. Porém, a angústia da morte podia provocar antecipadamente a perda da consciência.

– É a consciência que os supliciados têm de si mesmos por meio do corpo, e não como Espíritos. Se não a perdiam antes do suplício, conservavam-na por alguns instantes, antes da morte cerebral. Isto não quer dizer, em tais situações, que o perispírito esteja inteiramente desligado do corpo, pelo contrário. Em todos os casos de morte violenta, quando esta não resulta da extinção gradual das forças vitais, as ligações que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes e o desprendimento completo é mais lento.

III – Perturbação espiritual

163. Deixando o corpo, a alma tem imediata consciência de si mesma?
Consciência imediata não é o termo, fica perturbada por algum tempo.

164. Todos os Espíritos ficam perturbados, no mesmo grau e pelo mesmo tempo, a seguir à separação da alma e do corpo?
Isso depende da sua elevação. Os mais evoluidos reconhecem-se quase imediatamente, porque se desprendem da matéria durante a vida corporal. O homem carnal, cuja consciência não é pura, conserva por muito mais tempo a impressão da matéria.

165. O conhecimento do espiritismo tem alguma influência benéfica sobre a duração da perturbação?
Uma influência muito grande, visto que o Espírito compreende antecipadamente a sua situação. A prática do bem e a pureza de consciência, contudo, são o que exerce maior influência.

– No momento da morte, tudo é confuso a princípio. A alma necessita de algum tempo para se reconhecer. Sente-se como atordoada, como quem sai de um sono profundo e procura compreender a situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam à medida que se apaga a influência da matéria de que acaba de se libertar e se dissipa a espécie de nevoeiro que lhe turva os pensamentos.

A duração da perturbação é muito variável. Pode ser de algumas horas, de muitos meses e mesmo de vários anos. Os casos menos demorados são os das pessoas que se identificaram durante a vida com o seu estado futuro, porque então compreendem imediatamente a sua posição.

Esta perturbação apresenta circunstâncias especiais segundo o caráter dos indivíduos e, sobretudo, com o género de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita que esteja morto. Teima que não morreu e argumenta com determinação. Contudo, vê o seu corpo, sabe que é seu, mas não compreende que esteja separado dele. Procura as pessoas da sua afeição, fala-lhes e não entende porque não o ouvem. Esta ilusão dura até ao completo desprendimento do perispírito. O Espírito só então reconhece o seu estado e compreende que já não faz parte do mundo dos vivos. Esse fenómeno explica-se com facilidade. Surpreendido pela morte imprevista, o Espírito fica aturdido com a brusca mudança que nele se operou. Para ele, a morte é ainda sinónimo de extinção, de aniquilamento. Como continua a pensar, a ver e a ouvir, julga que não está morto. O que aumenta a ilusão é o facto de se ver num corpo semelhante ao que deixou na Terra, cuja natureza imaterial ainda não teve tempo de averiguar. Julga-o sólido e compacto como o que tinha antes. Quando se chama a sua atenção para esse ponto, admira-se de não poder senti-lo.

Este fenómeno assemelha-se ao dos sonâmbulos novatos, que julgam não estar a dormir. Para eles o sono equivale à suspensão das faculdades. Como podem pensar e ver com normalidade, acham que não estão a dormir. Alguns Espíritos apresentam essa particularidade, embora a morte não os tenha colhido inesperadamente. Ela acontece mais frequentemente entre os que, apesar de doentes, não pensam morrer já. Vê-se então o espetáculo raro de um Espírito que assiste ao seu próprio funeral como se fosse o de um estranho, falando como se nada lhe dissesse respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penoso para o homem de bem. É calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não está tranquila é cheia de ansiedade e angústias, que aumentam à medida que se reconhece.

Nos casos de morte coletiva, foi observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre se reencontram imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para o seu lado, ou somente se preocupa com aqueles que lhe interessam.

CAPÍTULO IV – Pluralidade das existências

I – Da reencarnação

166. A alma que não atingiu a perfeição durante a vida corporal, como acaba de purificar-se?

Submetendo-se à prova de uma nova existência.

166-a. Como é que a alma leva a bom termo essa nova existência? Pela sua transformação como Espírito?

Ao evoluir espiritualmente, a alma passa por uma transformação, mas para isso necessita da prova da vida corporal.

166-b. A alma, portanto, tem muitas existências corporais?

Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem manter-vos na ignorância em que eles mesmos se encontram: é o seu desejo.

166-c. Parece resultar desse princípio que, após ter deixado o corpo, a alma toma outro. Dito de outra maneira, que ela reencarna num novo corpo. É assim que deve entender-se?

É evidente.

167. Qual é a finalidade da reencarnação?

Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?

168. O número das existências corporais é limitado ou o Espírito reencarna perpetuamente?

Em cada nova existência o Espírito dá um passo na via do progresso. Quando se despojou de todas as suas impurezas já não precisa das provas da vida corporal.

169. O número das encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?

Não, aquele que avança rapidamente poupa no número de provas. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.

170. Em que se torna o Espírito depois da sua última encarnação?

Torna-se um Espírito bem-aventurado, um Espírito puro.

II – Justiça da reencarnação

171. Em que se baseia o princípio da reencarnação?

Na justiça de Deus e na revelação. Como temos repetido, um bom pai deixa sempre uma porta aberta ao arrependimento dos filhos. A razão diz-nos que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles que não puderam progredir por motivos alheios à sua vontade. Todos os homens são filhos de Deus. Somente entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.

− Todos os Espíritos estão destinados à perfeição e Deus oferece-lhes os meios de consegui-la pelas provas da vida corporal. Na sua justiça, porém, garante-lhe realizar em novas existências aquilo que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova.

Não estaria de acordo com a igualdade, nem com a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram, no meio em que viveram, obstáculos ao seu melhoramento que foram alheios à sua vontade. Se o destino do ser humano fosse irrevogavelmente fixado após a morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade.

O princípio da reencarnação, que consiste em admitir para o ser humano muitas existências sucessivas, é o único que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus, em relação aos que se encontram colocados numa condição moral inferior; é o único que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, dado que nos oferece o meio de redimir os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz e os Espíritos nos ensinam. O ser humano, que tem a consciência da sua inferioridade, encontra na perspetiva da reencarnação uma consoladora esperança. Se crê na justiça de Deus não pode esperar ser, por toda a eternidade, igual aos que agiram melhor do que ele.

O conhecimento de que essa inferioridade não o deserdará para sempre da felicidade suprema, e de que poderá conquistá-la através de novos esforços, apoia-o e reforça a sua coragem. Quem não lamentará, no fim da sua carreira, ter adquirido demasiado tarde uma experiência que já não pode aproveitar? Essa experiência tardia não está perdida, será aproveitada numa nova existência.

III − Encarnação nos diferentes mundos

172. As nossas diversas existências são todas cumpridas na Terra?

Todas não, também acontecem noutros mundos. A que se passa aqui não é a primeira nem a última e é uma das mais materializadas e das mais distanciadas da perfeição.

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro, ou pode viver muitas vidas no mesmo mundo ?

Pode reviver muitas vezes no mesmo mundo, se não estiver suficientemente adiantada para passar para outro superior.

173-a. Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?

Certamente.

173-b. Podemos voltar a ela, depois de ter vivido noutros mundos?

Seguramente, podeis ter já vivido noutros, bem como na Terra.

174. É uma necessidade reviver na Terra?

Não, mas se não avançais, podereis ir para outro planeta que não seja melhor do que este e que poderá até ser pior.

175. Há vantagem em regressar à Terra?

Nenhuma vantagem especial, a não ser que se venha em missão. Nesse caso, progride-se aí como em qualquer outro mundo.

175 a. Não seria melhor ficar como Espírito?

Não, não, estacionar-se-ia! E o que se quer é avançar para Deus.

176. Os Espíritos, depois de terem encarnado noutros mundos, podem encarnar neste, sem nunca cá terem vindo?

Sim, como vós noutros planetas. Todos os mundos são solidários, o que não se faz num, pode fazer-se noutro.

176 a. Desse modo, existem homens que estão na Terra pela primeira vez?

Há muitos e em diversos graus.

176 b. Pode reconhecer-se, por um sinal qualquer, quando um Espírito se encontra pela primeira vez na Terra?

Isso não teria a mínima utilidade.

177. Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela série de todos os mundos que existem no Universo?

Não, porque há muitos mundos no mesmo grau, onde o Espírito nada aprenderia de novo.

177 a. Como explicar, então, a pluralidade das suas existências num mesmo planeta?

Pode encontrar-se sucessivamente em posições bastante diferentes, que serão outras tantas oportunidades para adquirir experiência.

178. Os Espíritos podem renascer num mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?

Sim, quando têm uma missão a cumprir para ajudar o progresso. Nesse caso, aceitam com alegria as dificuldades dessa existência, porque lhes proporcionam um meio de progredirem espiritualmente.

178 a. Poderá isso acontecer também como expiação, enviando Deus os Espíritos rebeldes a mundos inferiores?

Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas nunca regridem. Nesse caso, a sua punição é a de não avançar e recomeçar as existências mal aproveitadas num meio conveniente à sua natureza.

178-b. Quais são os que devem recomeçar a mesma existência?

Os que falharam nas suas missões ou nas suas provas.

179. Os seres que habitam cada mundo estão todos no mesmo grau de perfeição?

Não. Tal como na Terra, há os que estão mais e os que estão menos adiantados.

180. Ao passar deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que tinha aqui?

Sem dúvida. A inteligência nunca se perde, mas o Espírito pode não dispor dos mesmos meios para manifestá-la. Isso depende da sua superioridade e do estado do corpo em que venha a encarnar. (Ver Influência do organismo, pergunta 367e seguintes)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?

Sem dúvida que têm corpos, porque é necessário que cada Espírito disponha de um corpo material para agir sobre a matéria. Esses corpos têm maior ou menor teor de materialidade, segundo o grau de pureza a que chegaram os Espíritos respetivos. É isso que determina a diferença entre os mundos que temos de percorrer. Porque há muitas moradas na casa do nosso Pai e muitos graus hierárquicos de Espíritos. Alguns sabem e têm consciência disso aqui na Terra, mas outros nada sabem.

182. Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diversos mundos?

Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de evolução em que vos encontrais. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las e isso iria perturbá-los.

− À medida que o Espírito se purifica, o corpo no qual está encarnado aproxima-se igualmente da natureza espírita. A sua matéria torna-se menos densa, já não se arrasta penosamente pelo solo, as suas necessidades físicas são menos rudes e os diversos seres vivos nesses mundos superiores já não têm necessidade de abater os seus semelhantes para se alimentarem. Um Espírito encarnado nesses mundos é mais livre e tem, para as coisas distanciadas, perceções que desconhecemos: veem pelos olhos do corpo aquilo que só podemos ver pelo pensamento. A purificação dos Espíritos determina o nível moral dos seres nos quais estão encarnados. As paixões animais enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento fraterno.

Desta forma, nos mundos superiores ao nosso as guerras são desconhecidas, os ódios e as discórdias não têm motivo porque ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão: veem-na aproximar-se sem medo e como uma simples transformação.

A duração da vida nos diferentes mundos parece ser proporcional ao seu grau de superioridade física e moral, o que éperfeitamente racional. Quanto menos material é o corpo, menos sujeito está às dificuldades que o debilitam. Quanto mais puro é o Espírito, menos sujeito está às paixões que o consomem. Este émais um auxílio da Providência, que deseja deste modo abreviar os sofrimentos.

[31 - A palavra “grossier”]

183. Passando de um mundo para outro, o Espírito passa por uma nova infância?

A infância é por toda a parte uma transição necessária, mas não é sempre tão ingénua como entre vós.

184. O Espírito pode escolher o novo mundo onde vai habitar?

Nem sempre, mas pode pedir e obter o que deseja, se o merecer, porque os mundos só são acessíveis aos Espíritos de acordo com o grau da sua elevação.

184-a. Se o Espírito nada pede, o que determina o mundo onde irá reencarnar?

O seu grau de elevação.

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

Não, os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se tornarem bons.

− É assim que alguns povos que atualmente povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídos por seres cada vez mais perfeitos. Esses povos transformados sucederão aos atuais, como estes sucederam aos anteriores ainda mais atrasados.

186. Há mundos em que o Espírito, deixando de viver num corpo material, só tem um corpo semimaterial, o perispírito?

Sim, esse mesmo corpo torna-se de tal maneira purificado que é como se não existisse. É o estado dos Espíritos puros.

186-a. Pode concluir-se que não existe uma demarcação precisa entre o estado das últimas encarnações e o estado do Espírito puro?

Essa demarcação não existe. A diferença dilui-se pouco a pouco e torna-se impercetível, como a noite se dissipa perante as primeiras claridades do dia.

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

Não, é mais purificado nuns do que noutros. Ao mudar de mundos o Espírito adota um corpo formado a partir da matéria própria de cada um, num lapso de tempo tão breve como um relâmpago. (Ver pergunta 132)

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais ou encontram-se no espaço universal sem estarem ligados a um mundo em particular?[5]

Os Espíritos puros habitam determinados mundos, mas não estão confinados a eles como os homens à Terra. Podem, melhor do que os outros, estar em toda a parte. [32 - A vida noutros planetas]

---

[5] Quanto aos Espíritos de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é dos que têm habitantes menos adiantados física e moralmente. Marte seria ainda inferior e Júpiter muito superior em todos os aspetos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião de Espíritos superiores que de lá irradiam os seus pensamentos para os outros mundos que dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-lhes o seu pensamento por meio do fluido universal. Considerado do ponto de vista da sua constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis estarão numa situação idêntica. O volume e a distância do Sol a cada um dos planetas do sistema solar não têm relação necessária com o grau evolutivo dos mesmos, visto que Vénus seria mais adiantado do que a Terra e Saturno menos do que Júpiter. Muitos Espíritos que na Terra animaram personalidades conhecidas disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição. Causou espanto ver que, nesse globo tão adiantado, estivessem homens a que a opinião geral, aqui, não atribuíra muita elevação. Isso nada deve surpreender, se for entendido, primeiramente, que certos Espíritos que habitam nesse planeta podem ter sido enviados à Terra para aqui desempenharem uma missão que, aos nossos olhos, não os colocava no primeiro plano. Em segundo lugar, que entre a existência que tiveram na Terra e a de Júpiter podem ter tido outras existências intermédias que lhes serviram para se aperfeiçoarem. Em terceiro lugar, enfim, que nesse mundo, como no nosso, há diferentes graus de evolução, entre os quais pode haver grandes distâncias, equivalentes às que, entre nós, separam um homem primitivo de um civilizado. Assim, do facto de um Espírito habitar Júpiter, não se pode concluir que esteja ao nível dos seres mais adiantados, do mesmo modo que ninguém pode considerar-se sábio só porque reside em Paris. As condições de longevidade também não são noutros mundos as mesmas que na Terra e as idades não se podem comparar. Tendo sido feita a evocação de um Espírito de uma pessoa falecida há alguns anos terrestres, disse ter encarnado há seis meses num mundo cujo nome nos era desconhecido. Interrogado a respeito da sua idade nesse mundo, respondeu: "Não posso dar uma ideia, porque não contamos como vós. Além disso, o modo de existência não é o mesmo e o desenvolvimento aqui é muito mais rápido. Contudo, e embora aqui viva apenas há seis meses dos vossos, posso dizer que - quanto à inteligência - tenho o que corresponde aos trinta anos de vida na Terra" Muitas respostas análogas foram dadas por outros espíritos, o que nada tem de inverosímil. Existe na Terra uma imensa quantidade de animais que, em poucos meses, adquirem o seu desenvolvimento normal. Porque não poderia dar-se o mesmo com o homem noutras esferas ? Notemos, além disso, que o desenvolvimento que o homem alcança na Terra aos trinta anos talvez não passe de uma espécie de infância, comparado com o que lhe cumpre atingir. Bem curto de vista se revela quem nos toma em tudo por protótipos da criação, assim como é rebaixar a Divindade imaginar-se que, para além do que nós somos, nada mais seja possível a Deus. (AK)

IV – Transmigração progressiva

189. O Espírito goza da plenitude das suas faculdades desde o princípio da sua formação?

Não, porque o Espírito, como o ser humano, também tem a sua infância. Na sua origem os Espíritos têm apenas uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e dos seus atos. A inteligência apenas se desenvolve pouco a pouco.

190. Qual é o estado da alma na sua primeira encarnação?

Corresponde ao estado da infância na vida corporal. A sua inteligência apenas desponta, ensaia-se para a vida.

191. As dos nossos povos "ditos primitivos" são almas no estado de infância?

De infância relativa, mas são almas já desenvolvidas, dotadas de paixões.

191-a. As paixões são, então, sinal de desenvolvimento?

De desenvolvimento, sim, mas não de perfeição. São sinal de atividade e de consciência de si mesmo, ao passo que na alma primitiva a inteligência e a vida estão em estado embrionário.

−A vida do Espírito, no seu conjunto, segue as mesmas fases que se observam na vida corporal. Passa gradualmente do estado de embrião ao da infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que:

Não existe o declínio nem a decrepitude como acontece na vida corporal;

A sua vida, que teve um começo, não terá fim;

Lhe é necessário, do nosso ponto de vista, um tempo imenso para passar da infância espiritual a um desenvolvimento completo;

O seu progresso tem lugar não apenas num mundo, mas através de diversos mundos.

A vida do Espírito é composta, assim, por uma série de existências corporais, cada uma das quais representa para si uma oportunidade de progresso, como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o ser humano adquire um acréscimo de experiência e de instrução.

Mas, da mesma maneira que na vida humana há dias infrutíferos, também na vida do Espírito há existências sem proveito algum, porque ele não soube aproveitá-las.

192. Seria possível, já nesta vida, por uma conduta perfeita, poder vencer todos os graus de aperfeiçoamento e chegar a Espírito puro, sem ter de passar pelos graus intermediários?

Não, porque o que o ser humano julga perfeito está longe da perfeição; há qualidades que desconhece e nem pode compreender. Pode ser tão perfeito quanto lhe permita a sua natureza terrena, mas essa não é a perfeição absoluta. Também uma criança, por mais precoce que seja, deve passar pela juventude antes de chegar à maturidade; e também um doente, antes de recuperar a saúde, deve passar pela convalescença.

Além disso, o Espírito deve avançar em conhecimento e moralidade. Se progrediu apenas num sentido, é necessário que o consiga também no outro, para chegar ao cimo da escala. Porém, quanto mais a pessoa se adiantar na vida presente, menos longas e penosas serão as provas seguintes.

192-a. O ser humano pode, pelo menos, assegurar já nesta vida uma existência futura menos cheia de amarguras?

Sim, sem dúvida. Pode abreviar o caminho e reduzir as dificuldades. Só o negligente fica sempre no mesmo ponto.

193. Nas novas existências, será possível que alguém desça abaixo do que já havia atingido?

Na sua posição social, sim; como Espírito, não.

194. A alma de um homem de bem pode animar, noutra encarnação, o corpo de um patife?

Não, porque a alma não pode degenerar.

194-a. A alma de um homem perverso pode transformar-se na de um homem de bem?

Sim, se ele se arrepender. Desse modo, será uma recompensa.

- A marcha dos Espíritos é sempre progressiva e nunca retrógrada. Elevam-se gradualmente na hierarquia e não descem abaixo do plano já atingido. Nas suas diferentes existências corporais podem descer como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar um humilde artesão e vice-versa; porque as posições entre os homens são, muitas vezes, determinadas pelo inverso da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei e Jesus carpinteiro.

195. A possibilidade de melhorar numa outra existência não levará certas pessoas a permanecerem no mau caminho, com o pensamento de que poderão corrigir-se mais tarde?

Aquele que assim pensa não acredita em nada e a ideia de um castigo eterno não iria melhorar a sua atitude. A sua razão não lho permite e é levado à incredulidade a respeito de tudo.

Se apenas se tivessem empregado meios racionais para orientar os homens, não existiriam tantos céticos. Um Espírito imperfeito pode pensar como dizes durante a vida corporal, mas uma vez liberto da matéria pensará de outra maneira, porque logo perceberá que calculou mal. É então que trará sentimentos diversos para uma nova existência.

É assim que se progride e é por isso que existem na Terra homens mais evoluidos do que outros. Uns já têm uma experiência que os outros ainda não alcançaram, mas que adquirirão pouco a pouco. Deles depende impulsionar o seu próprio progresso ou retardá-lo indefinidamente.

− O ser humano que evolutivamente se encontra numa má posição, deseja mudá-la o mais rapidamente possível. Aquele que se convenceu de que as dificuldades desta vida são a consequência das suas imperfeições, procurará assegurar uma nova existência menos penosa. Este pensamento desviá-lo-á mais da senda do mal do que o pensamento do fogo eterno, no qual não acredita.

196. Se os Espíritos só podem evoluir pelas adversidades da existência corporal, conclui-se que a vida material seria uma espécie de crivo ou filtro purificador, pelo qual devem passar os seres do mundo espiritual, para chegarem à perfeição?

Sim, é exatamente isso. Evoluem através dessas provas, evitando o mal e praticando o bem. Mas só depois de muitas encarnações ou purificações sucessivas atingem, num tempo mais ou menos longo, segundo os seus esforços, o fim para o qual se dirigem.

196-a. É o corpo que influencia o Espírito, para o melhorar, ou é o Espírito que influencia o corpo?

O Espírito é tudo, o corpo é um organismo que se consome, apenas isso.

− Encontra-se uma comparação material dos diversos níveis de evolução da alma no sumo das uvas. Contém o licor, chamado espírito ou álcool, mas enfraquecido por grande quantidade de matérias estranhas, que lhe alteram a essência. Esse licor só chega à pureza absoluta depois de muitas destilações, em cada uma das quais se despoja de alguma impureza. O alambique é o corpo no qual deve entrar para purificar-se. As matérias estranhas são como o perispírito que se purifica a si mesmo, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

V − Sorte das crianças após a morte

197. O Espírito de uma criança morta em tenra idade é tão evoluído como o de um adulto?

Às vezes muito mais, porque pode ter vivido mais e ter tido mais experiências, sobretudo se progrediu.

197-a. O Espírito de uma criança pode então ser mais adiantado do que o do seu pai?

Isso é bastante frequente. É o que tantas vezes a vida vos revela.

198. O Espírito da criança que morre em tenra idade, não tendo podido fazer o mal, pertence aos graus superiores?

Se não fez o mal, também não fez o bem. Deus não a dispensa das provas a que deve sujeitar-se. Se é puro, não é pelo facto de ser criança, mas por já estar mais evoluído.

199. Porque se interrompe a vida com frequência na infância?

A duração da vida da criança pode ser, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de uma vida interrompida antes do termo devido. A sua morte é muitas vezes uma prova ou uma expiação para os seus pais.

199-a. Em que se transforma o Espírito de uma criança que morre de tenra idade?

Recomeça uma nova existência.

− Se o ser humano tivesse só uma existência e se, depois dela, a sua sorte futura fosse determinada para sempre, qual seria o mérito de metade da espécie humana, que morre de tenra idade, para disfrutar sem esforço da felicidade eterna? E com que direito ficaria desobrigada das condições, quase sempre duras, impostas à outra metade?

Essa ordem das coisas não poderia estar de acordo com a justiça de Deus. Pela reencarnação, a igualdade é para todos. O futuro pertence a todos, sem exceção e sem favores para ninguém. Os últimos a chegar só poderão queixar- se de si mesmos. O ser humano deve ter o mérito das suas ações, do mesmo modo que é responsável por elas. Aliás, não é razoável considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Há crianças dotadas dos piores instintos numa idade em que a educação ainda não pode ter exercido a sua influência. Há algumas que parecem trazer de nascença a astúcia, a falsidade, a maldade, o instinto, mesmo do roubo e do assassínio, não obstante os bons exemplos de que estão rodeadas. A lei civil absolve as suas maldades, por considerar que elas agem sem discernimento. Tem razão ao fazê-lo, porque as crianças agem mais por instinto do que por intenção deliberada. Porém, qual é a origem desses instintos, tão diferentes em crianças da mesma idade,

educadas nas mesmas condições e submetidas às mesmas influências? De onde vem essa perversidade precoce, a não ser da inferioridade do Espírito, já que a educação nada tem a ver com ela ? Aqueles que são cruéis é porque os seus Espíritos progrediram menos e têm então de sofrer as consequências, não dos seus atos da infância, mas dos atos das suas existências anteriores. É assim que a lei se mostra a mesma para todos e a justiça de Deus a todos alcança.

VI – O sexo nos Espíritos

200. Os Espíritos têm sexo?

Não como o entendeis, porque o sexo depende da constituição orgânica. Entre os Espíritos há amor e simpatia, mas com base na afinidade dos sentimentos.

201. O Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher, numa nova existência, e vice-versa?

Sim, porque são os mesmos Espíritos que animam homens e mulheres.

202. Quando somos Espíritos, preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher?

Isso pouco importa ao Espírito. Depende das provas que ele tiver de prestar.

− Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, assim como cada posição social lhes oferecem provas, deveres especiais e oportunidades para adquirirem experiência. Quem fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens.

VII – Parentesco, filiação

203. Os pais transmitem aos filhos uma porção da sua alma, ou limitam-se a dar-lhes a vida animal, à qual uma nova alma vem juntar depois a vida moral?

Somente a vida animal, porque a alma é indivisível. Um pai pouco dotado pode ter filhos inteligentes, e vice-versa.

204. Uma vez que tivemos muitas existências, o parentesco tem origens para além da nossa existência atual?

Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos relações que recuam às vossas existências anteriores, donde a causa de simpatias entre vós e certos Espíritos que vos parecem completamente estranhos.

205. Aos olhos de certas pessoas, a reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os recuar a existências anteriores?

A reencarnação amplia esses laços e não os destrói. Baseando -se o parentesco em afetos anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A reencarnação aumenta os deveres da fraternidade, pois num vizinho ou num inferior hierárquico pode encontrar-se um Espírito que foi do vosso sangue.

205-a. A reencarnação diminui, entretanto, a importância que alguns atribuem à sua filiação, porque se pode ter tido como pai um Espírito que pertencia a um outro grupo étnico, ou que tivesse vivido em condições totalmente diversas?

É verdade, mas essa importância baseia-se no orgulho. O que a maioria honra nos antepassados são os títulos, a classe social, a fortuna. Certa pessoa terá vergonha de ser neto de um sapateiro honesto e gaba-se de descender de um aristocrata sem caráter. Digam ou façam o que quiserem, não impedirão que as coisas sejam como são, porque Deus não regulou as leis da natureza com base na vaidade dessas pessoas.

206. Não havendo relações de filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, o culto dos antepassados será uma coisa ridícula?

Claro que não, porque devemos sentir-nos felizes de pertencer a uma família na qual encarnam Espíritos evoluídos. Embora os Espíritos não descendam uns dos outros, não têm menos afeição pelos que lhes estão ligados por laços de família, porque os Espíritos são normalmente atraídos a esta ou aquela família por causa de simpatias ou ligações anteriores. Reparai, no entanto, que os Espíritos dos vossos antepassados em nada se sentem honrados com o culto que lhes é prestado por orgulho. O seu mérito só beneficia aqueles que se esforçarem por seguir os seus bons exemplos. Somente nesse caso a vossa lembrança lhes pode ser, não apenas agradável, mas até útil.

VIII – Semelhanças físicas e morais

207. Os pais transmitem aos filhos semelhanças físicas. Transmitem-lhes também semelhanças morais?

Não, visto que têm almas ou Espíritos diferentes. O corpo descende do corpo, mas o Espírito não descende do Espírito. Entre os descendentes de um casal só existe a consanguinidade.

207-a. De onde vêm as semelhanças morais que existem às vezes entre os pais e os filhos?

São Espíritos simpáticos atraídos pela parecença das suas inclinações.

208. O Espírito dos pais não exerce influência sobre o do filho, após o nascimento?

Exerce e muito grande. Como já dissemos, os Espíritos devem concorrer para o progresso uns dos outros. O Espírito dos pais tem a missão de desenvolver o dos filhos pela educação. É uma tarefa para eles. Se falharem, serão responsáveis.

209. Por que motivo pais bons e virtuosos têm filhos de natureza perversa? Dito de outra forma: porque as boas qualidades dos pais não atraem sempre, por simpatia, bons Espíritos para os seus filhos?

Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que os seus conselhos o dirijam por um caminho melhor e, muitas vezes, Deus atende tais pedidos.

210. Os pais poderão, pelos seus pensamentos e pelas suas preces, chamar para o corpo do filho um bom Espírito, em vez de um Espírito inferior?

Não, mas podem melhorar o Espírito da criança que deram ao mundo e que lhes foi confiada. É o seu dever. Filhos maus são uma prova para os pais.

211. De onde vem a semelhança de caráter que existe normalmente entre os irmãos, sobretudo entre os gémeos?

São Espíritos simpáticos que se aproximaram pela parecença dos seus sentimentos e que se sentem felizes por estarem juntos.

212. Nas crianças cujos corpos nascem ligados e que têm certos órgãos comuns, há dois Espíritos, ou seja, duas almas?

Sim, mas a sua semelhança faz com que vos pareçam apenas uma.

213. Visto que os Espíritos encarnam nos gémeos por simpatia, de onde vem a aversão que às vezes se nota entre eles?

Não é uma regra que os gémeos tenham de ser Espíritos simpáticos. Espíritos imperfeitos podem querer lutar entre si na vida.

214. E a história das crianças que lutam entre si, no ventre da mãe?

É uma fantasia! Para acentuar ódios enraizados, dizem que tiveram origem antes do nascimento dessas crianças, o que é fazer mau uso das imagens poéticas.

215. De onde vêm as diferenças de caráter que se observam entre os povos ?

Os Espíritos também formam famílias pela semelhança de tendências mais ou menos purificadas, segundo a sua elevação. Pois bem, um povo é uma grande família em que se agrupam Espíritos simpáticos. A origem da semelhança que determina o caráter próprio de cada povo está na tendência que os membros dessas famílias têm de se unirem. Julgas que Espíritos bons e humanos vão querer viver num povo duro e rude? Não. Os Espíritos simpatizam com as coletividades como simpatizam com os indivíduos: procuram o seu meio.

216. O ser humano conserva, nas suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores?

Isso pode acontecer, mas à medida que evolui, modifica-se. A sua posição social pode também ser outra: de homem de poder pode tornar-se subordinado. As suas inclinações serão muito diferentes e será difícil reconhecê-lo. As manifestações do Espírito, sendo ele o mesmo nas diversas encarnações, podem ter, de uma para a outra, certas semelhanças, modificadas entretanto pelos costumes da nova posição; até que um aperfeiçoamento importante venha mudar completamente o seu caráter, pois de orgulhoso e mau pode tornar-se humilde e humano, desde que se tenha arrependido.

217. Nas suas sucessivas encarnações, o ser humano conserva as características físicas das existências anteriores?

O corpo falece e o novo não tem nenhuma relação com o anterior. Contudo, o Espírito reflete-se no corpo. Este, sendo apenas matéria, é modelado pelas qualidades do Espírito que lhe imprime certas características, principalmente no semblante.

É com verdade que se diz que os olhos são o espelho da alma, o que quer dizer que o rosto, de forma mais eloquente, é o seu reflexo. Há até pessoas excessivamente feias que, no entanto, têm alguma coisa que agrada quando acolhem um Espírito bom, sensato e humano, ao passo que há rostos belos que nada revelam ou até provocam repulsa.

Poderias supor que os Espíritos mais perfeitos só encarnam em corpos perfeitos, entretanto todos os dias encontras homens de bem sob a aparência de fealdade. Sem ter uma parecença pronunciada, a

semelhança dos gostos e das tendências podem dar o que se chama um "aspeto familiar" a certas pessoas.

− O corpo que é animado por uma alma numa nova encarnação, não tem relação necessária com o que ela deixou antes, visto que pode recebê-lo de origem muito diversa. Seria absurdo concluir que existem parecenças numa sucessão de existências. Se acontecer, isso será apenas casual. No entanto, as qualidades do Espírito modificam tantas vezes o organismo físico, ou o corpo de que se serve para manifestar-se, que imprime no rosto, e mesmo nas maneiras, um cunho próprio.

É assim que no corpo mais humilde pode encontrar-se a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto no do grande senhor se veem algumas vezes os sinais da inferioridade e da maldade. Certas pessoas, saídas da mais ínfima posição, adquirem sem esforços os hábitos e as maneiras da sociedade evoluída, parecendo que reencontraram o seu próprio ambiente. Outras, mau grado o seu nascimento e a sua educação, estão nesse mesmo nível sempre deslocadas. Como explicar esse facto de outra maneira, senão pelo reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

IX – Ideias inatas

218. O Espírito encarnado conserva vestígios das perceções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

Resta-lhe uma vaga lembrança, que lhe dá o que chamamos ideias inatas.

218-a. A teoria das ideias inatas será fantasiosa?

Não, dado que os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem. O Espírito, liberto da matéria, sempre se recorda deles. Durante a encarnação pode esquecê-los em parte, momentaneamente, mas a intuição que lhe fica deles ajuda a sua evolução. Sem isso, teria sempre de recomeçar. A cada nova existência o Espírito toma como ponto de partida aquele a que chegou na existência precedente.

218-b. Deve então haver uma grande ligação entre duas existências sucessivas?

Nem sempre tão grande como poderás julgar, porque as posições são frequentemente muito diferentes e, no intervalo de ambas, o Espírito pode ter progredido. (Ver a pergunta 216)

219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como as línguas, a matemática, etc.?

São uma lembrança do passado, progresso anterior da alma, mas do qual ela mesma não tem consciência. De onde queres que venham tais faculdades? Os corpos mudam, mas o Espírito não muda, embora troque de veículo existencial.

220. Com a mudança dos corpos podem perder-se certas faculdades intelectuais, deixando de ter-se, por exemplo, o gosto pelas artes?

Sim, desde que se tenha desonrado essa vocação, empregando-a mal. Uma faculdade pode, também, ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito quer exercer outra que não se relacione com ela. Nesse caso, permanece em estado latente, para reaparecer mais tarde.

221. É a uma lembrança retrospetiva que o homem deve, mesmo no estado primitivo, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

É uma lembrança que ele conserva daquilo que sabia como Espírito, antes de ter encarnado, mas o orgulho sufoca muitas vezes esse sentimento.

221-a. É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas ao espiritismo encontradas em todos os povos?

Estas crenças são tão antigas como o mundo. É por isso que as encontramos por toda a parte, o que é prova da sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito como tal, tem a consciência instintiva do mundo invisível, mas frequentemente é falseada pelos preconceitos e pela ignorância que lhe mistura a superstição.

CAPÍTULO V – Considerações sobre a pluralidade das existências

[33 - A palavra "dogma"]

222. Dizem algumas pessoas que o princípio da reencarnação não é novo, dado que já era do conhecimento de Pitágoras. Pela nossa parte nunca apresentámos o espiritismo como invenção moderna. Sendo uma lei natural, deve ter existido desde a origem dos tempos, e sempre nos esforçámos por provar que se encontram vestígios dela desde a Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor da teoria da metempsicose, que foi buscar aos filósofos indianos e egípcios, entre os quais existia desde épocas imemoriais.

A ideia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum admitida pelos homens mais eminentes. De que maneira surgiu? Pela revelação ou pela intuição? Não o sabemos. Seja como for, uma ideia que atravessa os tempos e é aceite pelas inteligências mais avançadas, tem de ter algo de sério. A sua antiguidade, portanto, é mais uma prova a seu favor do que um argumento contrário.

Todavia, entre a metempsicose dos antigos e o moderno princípio da reencarnação, há uma grande diferença: os Espíritos rejeitam de modo absoluto a transmigração do homem para os animais e reciprocamente. (Ver pergunta 611 e seguintes)

Os Espíritos, ao ensinarem o princípio da pluralidade das existências corporais, renovaram uma ideia que nasceu nos primeiros tempos do mundo e que se conservou até aos nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas. Apresentam-na, porém, de um ponto de vista mais racional, mais de acordo com as leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, livre de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que eles a ensinaram nos últimos tempos: já antes da sua publicação foram obtidas numerosas comunicações da mesma natureza, em diversos países, e multiplicaram-se consideravelmente desde então. Seria o caso, talvez, de examinar aqui, porque nem todos os Espíritos parecem estar de acordo sobre este ponto. É o que faremos mais adiante.

Examinemos o assunto de outro ponto de vista, independentemente de qualquer intervenção dos Espíritos. Deixemo-los de lado por um instante. Suponhamos que esta teoria não é da sua autoria e que nunca, sequer, se tenha falado de Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, numa posição neutra, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma e outra hipótese, a saber, a pluralidade e a unicidade das existências corporais, e vejamos para que lado nos levam a razão e o nosso próprio interesse.

Certas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação pelo único motivo de que ela não lhes convém, dizendo que lhes basta uma existência e que não gostariam de recomeçar outra semelhante. Bem sabemos que a simples ideia de regressar à Terra pode incomodar certas pessoas. A essas, perguntamos apenas se julgam que Deus lhes terá pedido opinião, ou consultado o seu gosto, para reger o Universo. Portanto, das duas, uma: ou a reencarnação existe ou não existe. Se existe, por muito que ela os contrarie, terão de aceitá-la sem que Deus lhes peça autorização para isso. Parece-nos ouvir um doente dizer: Já sofri hoje demais e não quero tornar a sofrer amanhã.

Por maior que seja o seu mau humor, não sofrerá menos amanhã e nos dias seguintes, até que consiga curar-se. Portanto, se tiverem de viver de novo corporalmente, reviverão, reencarnarão. De nada adianta revoltarem-se, como a criança que não quer ir à escola ou o condenado que não quer ir para a prisão: terão de passar por isso.

Objeções deste género são demasiado infantis para merecerem melhor reflexão. Diremos, entretanto, a essas pessoas, para tranquilizá-las, que o conceito espírita da reencarnação não é tão

terrível como pensam, e que se o estudassem a fundo não teriam que se assustar. Saberiam que a situação dessa nova existência depende delas, será feliz ou infeliz segundo o que tiverem feito cá em baixo. Poderão, já nesta vida, elevar-se tão alto que não terão de recear nova queda no pântano.

Supomos estar a falar com pessoas que acreditam num futuro qualquer depois da morte, e não com aquelas que têm o nada como perspetiva ou que querem afogar a sua alma num todo universal, sem individualidade, exatamente como as gotas de chuva que caem no oceano, o que resulta quase no mesmo.

Se, portanto, acreditais num futuro qualquer, não é de admitir que ele seja igual para todos. Se fosse igual para todos, qual seria a utilidade do bem? Porquê contrariarmo-nos, porquê não satisfazer todas as paixões e todos os desejos, mesmo à custa dos outros, se isso não tivesse quaisquer consequências?

Acreditais que esse futuro será mais ou menos feliz ou infeliz, de acordo com o que tivermos feito durante a vida. Desejais, portanto, ser tão felizes quanto possível, uma vez que será para toda a eternidade. Teríeis, por acaso, a pretensão de ser uma das criaturas mais perfeitas que já passaram pela Terra, tendo assim o direito imediato à felicidade dos eleitos ? Não. Admitis, então, que há criaturas que valem mais do que vós e que têm direito a uma situação melhor, sem por isso terdes que vos contar entre os reprovados.

Pois bem: colocai-vos por um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária que será a vossa, como acabais de concordar, e suponhamos que alguém vos pergunta: Sofreis, não sois tão felizes quanto poderíeis sê-lo, enquanto perante vós há seres que gozam de uma felicidade sem mácula. Quereis trocar a vossa posição com a deles? Respondereis: Sem dúvida, mas o que é preciso fazer? Quase nada, recomeçar o que fizestes mal e tratar de fazê-lo melhor.

Hesitaríeis em aceitar, mesmo que fosse ao preço de muitas existências de provas? Façamos uma comparação mais prosaica. Se a um indivíduo que, sem estar na miséria extrema, passa pelas privações decorrentes da sua pobreza de recursos, viessem dizer: Há uma imensa fortuna que poderás receber, sendo, porém, necessário trabalhar duramente durante um minuto. Mesmo que fosse ele o maior preguiçoso da Terra, diria sem hesitar: Trabalharei um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso! O que será isso, para acabar a minha vida na abundância ?

O que é a duração da vida corporal comparada com a eternidade? Menos do que um minuto, menos do que um segundo!...

Ouvimos algumas vezes este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao ser humano o reinício de uma série de privações e dificuldades. Acharão, por acaso, que há mais bondade em condená-lo a um sofrimento perpétuo, por alguns momentos de erro, do que em conceder-lhe os meios de reparar as sua faltas?

Dois fabricantes tinham, cada qual, um operário que podia aspirar a tornar-se sócio da firma. Aconteceu que esses dois operários empregaram mal, certa vez, o seu dia de trabalho e mereceram ser despedidos.

Um dos fabricantes despediu o seu empregado, apesar das suas súplicas e este, não tendo encontrado emprego, morreu na miséria. O outro disse ao seu empregado:

- Perdeste um dia e deves-me, por isso, um dia de compensação. Fizeste mal o trabalho, tens que me indemnizar. Dou-te autorização para recomeçares. Trata de trabalhar bem e continuarás comigo, podendo manter a esperança de obter a posição superior que te prometi.

Será necessário perguntar qual dos dois fabricantes foi mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais impiedoso do que um homem?

É lamentável a ideia de que a nossa sorte possa ser decidida para todo o sempre, depois de escassos anos de provas na Terra, ainda por cima, não dependendo inteiramente de nós alcançar a

perfeição. A ideia contrária é, por seu turno, eminentemente consoladora, visto que nos concede o direito à esperança.

Assim, sem nos pronunciarmos a favor ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese mais do que a outra, diremos que - podendo escolher - ninguém preferiria um julgamento sem apelo. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo para a felicidade do género humano. O mesmo se poderia dizer da pluralidade das existências.

[34 - Voltaire (1694-1778)]

Mas, como já dissemos, Deus não nos pede licença, não consulta as nossas preferências: as coisas são ou não são. Vejamos de que lado estão as probabilidades e tomemos a questão sob outro ponto de vista, independentemente do ensino dos Espíritos e apenas como estudo filosófico. Se não há reencarnação, é evidente que só há uma existência corporal. Se a nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada criatura foi criada por ocasião do nascimento, a menos que admitamos a anterioridade da alma. Nesse caso, perguntaríamos o que era a alma antes do nascimento e se esse estado não constituía uma qualquer forma de existência. Não há meio termo: ou a alma existia ou não existia antes do corpo. Se existia, qual era a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não a tinha, era quase como se não existisse. Se a tinha, a sua individualidade era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso, qual era a sua situação ao chegar ao corpo?

Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que dá no mesmo, que antes da encarnação só tinha faculdades negativas, perguntamos:

Porque é que a alma revela aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?

De onde vem a aptidão supranormal de algumas crianças de pouca idade para tal arte ou tal ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a vida?

De onde vêm as ideias inatas ou intuitivas para alguns, que não existem para outros?

De onde vêm, para certas crianças, os impulsos precoces de vícios ou virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza que contrastam com o meio em que nasceram?

Por que motivo algumas pessoas, independentemente da educação, são mais adiantadas do que outras?

Por que motivo há povos primitivos e povos civilizados? Se tomarmos uma criança hotentote de peito e a educarmos, enviando-a depois para escolas do mais alto nível, faremos dela um Laplace ou um Newton?

[35 - Antropologia cultural, os hotentotes]

Perguntamos, qual é a Filosofia ou a Teosofia que pode resolver esses problemas ? Ou as almas são iguais ao nascer, ou não são: não há a menor dúvida disso. Se são iguais, porquê essas tamanhas diferenças de aptidões ? Será que isso depende do organismo? Nesse caso, teríamos a teoria mais monstruosa e mais imoral. O ser humano seria apenas uma máquina, joguete da matéria, não teria a responsabilidade dos seus atos, poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. [36 - A Teosofia, em sentido geral]

Se as almas são desiguais, foi Deus quem as criou assim. Então, porquê essa superioridade inata, concedida a alguns? Estaria essa parcialidade de acordo com a sua justiça e o amor que dedica por igual a todas as criaturas? Admitamos, pelo contrário, uma sucessão de existências anteriores progressivas e tudo se explicará.

As pessoas trazem, ao nascer, a intuição do que antes tinham adquirido. São mais ou menos evoluídas segundo o número de existências por que passaram ou conforme estejam mais ou menos distanciadas do ponto de partida. Precisamente como numa reunião de pessoas de todas as idades,

cada uma terá um desenvolvimento de acordo com o número de anos vividos. Para a vida da alma, as existências sucessivas serão o que os anos são para vida do corpo.

Convocai um dia para uma reunião mil indivíduos de todas as idades, de um até aos oitenta anos. Suponhamos que um véu é lançado sobre todos os dias anteriores das suas vidas e que, na vossa ignorância, julgais que todos tinham nascido no mesmo dia. Perguntareis, naturalmente, por que motivo uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Mas, se a nuvem que vos oculta o passado for afastada, se compreenderdes que todos viveram mais ou menos tempo, tudo estará explicado. Deus, na sua justiça, não podia ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas. Mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada tem que se oponha à mais rigorosa equidade. Nós é que só vemos o presente e não o passado.

Este raciocínio baseia-se sobre alguma teoria, sobre alguma suposição gratuita ? Não, partimos de um facto evidente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral. Verificamos que esse facto é inexplicável por todas as teorias correntes, ao passo que a sua explicação é simples, natural, lógica, por meio de uma nova teoria. Seria racional preferir aquela que nada explica à outra que tudo explica? No tocante à sexta pergunta, dirão, sem dúvida, que o hotentote é de um grupo étnico inferior. [37 - A diversidade humana]

Perguntaremos então se o hotentote é ou não humano. Se é humano, por que motivo teria Deus, a ele e a todos os do seu grupo, deserdado dos privilégios concedidos ao grupo caucasiano ? Se o não é, porquê procurar fazê--lo cristão ? A conceção espírita é mais ampla do que tudo isso. Para ela, não há várias espécies de seres humanos, há apenas seres humanos cujos Espíritos são mais ou menos avançados, mas sempre suscetíveis de progredir. Não estará isto mais conforme a justiça de Deus? Vimos a alma no seu passado e no seu presente. Se a considerarmos quanto ao futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

Se a nossa existência atual deve, por si só, ser decisiva para a nossa sorte, qual é, na vida futura, a posição respetiva do primitivo e a do civilizado ? Estão no mesmo nível ou estão a distâncias diferentes da felicidade eterna?

Aquele que trabalhou toda a vida para progredir está no mesmo plano daquele que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve o tempo nem a possibilidade de melhorar?

Aquele que praticou o mal por não ter podido esclarecer-se, é culpado por um estado de coisas de que não tem a mínima responsabilidade?

Trabalha-se para esclarecer as pessoas, para as moralizar e civilizar. Mas, para cada uma que se esclarece, há milhões que morrem cada dia, antes que a luz consiga tocá-las. Qual é o seu destino? Serão tratadas como os condenados? Caso contrário, o que fizeram elas, para merecerem estar no mesmo plano que as outras?

Qual é o destino das crianças que morrem em tenra idade, antes de poderem ter feito o mal ou o bem? Se estão entre os eleitos, porquê tal favor, sem nada terem feito para o merecer? Porque lhes foi concedido o privilégio de serem poupadas às dificuldades da vida?

Haverá alguma explicação que possa esclarecer estas dúvidas ? Se for bem compreendido o princípio das existências sucessivas, tudo estará explicado de acordo com a justiça de Deus. Aquilo que não podemos fazer numa existência, faremos noutra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu mérito real e que ninguém é excluído da felicidade suprema a que pode aspirar, sejam quais forem os obstáculos que encontre no seu caminho.

Estas questões poderiam ser multiplicadas sem limite, porque os problemas psicológicos e morais que só encontram solução na pluralidade das existências são imensos. Limitámo-nos apenas aos mais

gerais. Seja como for, dir-se-á talvez que a reencarnação não é admitida pela Igreja, isso seria derrubar a sua religião. O nosso objetivo não é tratar dessa questão neste momento.

Basta-nos ter demonstrado que o princípio da pluralidade das existências ou da reencarnação é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclame Deus como a bondade e a razão por excelência.

O que teria acontecido à religião se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, tivesse resistido à realidade evidente e expulsado do seu seio quem não acreditasse no movimento do Sol e nos seis dias da criação? Que crédito mereceria e que autoridade teria, entre os povos esclarecidos, uma religião baseada nos erros evidentes oferecidos como artigos de fé ? Quando a realidade foi demonstrada, a Igreja sabiamente alinhou a seu lado.

Se está provado que existem coisas que seriam impossíveis sem a reencarnação, se certos pontos desse princípio só podem ser explicados por este meio, será necessário admiti-la e reconhecer que o antagonismo entre ela e essas coisas é apenas aparente.

Mais tarde mostraremos que a religião talvez esteja menos afastada da reencarnação do que se pensa, e que ela não sofreria mais, ao admiti-la, do que com a descoberta do movimento da Terra à volta do Sol e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareciam opor um desmentido aos textos sagrados. O princípio da reencarnação ressalta, aliás, de muitas passagens das Escrituras encontrando-se especialmente formulado, de maneira explícita, no Evangelho:

- "Descendo eles da montanha (após a transfiguração), Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o filho do homem seja ressuscitado dos mortos. Os seus discípulos interrogaram-no, dizendo: porque dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro? Jesus, respondendo, disse-lhes: em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também farão padecer o filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista. (São Mateus, 17, 9-13)

Como João Baptista tinha sido Elias, houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Seja qual for a opinião que se tenha sobre a reencarnação, quer a aceitem ou não, ninguém lhe escapará só por não acreditar nela.

O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão: apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio dos seres humanos, na moral de Jesus; portanto, não é antirreligioso.

Raciocinamos, como dissemos, sem levar em conta todo o ensinamento espírita que, para certas pessoas, não tem autoridade. Se nós, como tantos outros, adotámos a opinião referente à pluralidade das existências, não é somente porque nos vem dos Espíritos, mas porque nos parece a mais lógica e a única que resolve as questões até então insolúveis.

Mesmo que fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos adotado da mesma maneira, não hesitando em renunciar às nossas próprias ideias. Logo que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar quando se obstina numa ideia falsa. De igual forma a rejeitaríamos, ainda que viesse dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, como repelimos muitas outras. Isto porque sabemos pela experiência que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem da sua parte, da mesma forma que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem da parte dos homens.

A melhor razão que, a nosso ver, recomenda a ideia da reencarnação é, antes de tudo, a sua lógica.

Mas ainda tem outra, que é a de ser confirmada pelos factos. Factos positivos e por assim dizer materiais, que um estudo atento e raciocinado pode revelar a quem se der ao trabalho de observá-los

com paciência e perseverança, e diante dos quais a dúvida já não é permitida. Quando esses factos se popularizarem, como os da criação e do movimento da Terra à volta do Sol, forçoso será que todos se rendam à evidência. Os que se opuserem terão gasto em vão os seus argumentos. Reconheçamos, em resumo, que a pluralidade das existências é a única forma de explicar aquilo que, sem ela, é inexplicável; que é eminentemente consoladora e conforme a justiça mais rigorosa, sendo para o ser humano a tábua de salvação que Deus lhe concedeu, na sua misericórdia. As próprias palavras de Jesus não podem deixar dúvidas a este respeito. Eis o que se lê no Evangelho segundo São João, capítulo III, números 3 a 5:

"Jesus, respondendo a Nicodemos, disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Disse- lhe Nicodemos: como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode ele entrar de novo no ventre da sua mãe, e nascer de novo? Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que, se um homem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito. Não te maravilhes de eu te ter dito: necessário vos é nascer de novo". (Ver pergunta 1.010)

CAPÍTULO VI – Vida espírita

I - O intervalo entre as reencarnações

[38 - As palavras “errante” e “erraticidade”]

223. A alma reencarna imediatamente após a sua separação do corpo?

Às vezes reencarna imediatamente, porém, na maioria das vezes, depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo a matéria corporal menos densa, o Espírito encarnado nesses mundos goza de quase todas as suas faculdades de Espírito. O seu estado normal é o dos vossos sonâmbulos lúcidos.

224. Em que se torna a alma no intervalo entre as reencarnações?

Torna-se num Espírito livre do seu corpo material, esperando nova fase evolutiva

224-a. Qual poderá ser a duração desse intervalo?

De algumas horas a alguns milhares de séculos. De resto, não existe, propriamente falando, limite máximo determinado na espera de uma nova encarnação, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpétuo. O Espírito tem sempre a oportunidade, mais cedo ou mais tarde, de recomeçar uma existência que sirva para purificação das anteriores.

224-b. Essa duração está subordinada à vontade do Espírito ou pode ser-lhe imposta como expiação?

É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas para alguns é também uma prova imposta por Deus. Outros pedem o seu prolongamento para prosseguir estudos que só podem ser feitos com proveito no estado de Espírito.

225. A condição entre vidas é, por si mesma, um sinal de inferioridade entre os Espíritos?

Não, porque os Espíritos que se encontram nessa situação pertencem a todos os níveis evolutivos e, uma vez desencarnados encontram-se no seu estado normal. A encarnação é um estado transitório, como já dissemos. No seu estado normal o Espírito encontra-se liberto da matéria.

226. Todos os Espíritos não encarnados se encontram na mesma condição ?

Os que devem reencarnar, sim; mas para os Espíritos puros, que chegaram à perfeição, o seu estado é definitivo.

- No tocante às suas qualidades íntimas os Espíritos pertencem a diferentes níveis de evolução, pelos quais passam sucessivamente, à medida que se purificam. No tocante ao seu estado podem ser: Espíritos encarnados quando unidos a um corpo material; libertos do seu corpo material, após a morte deste, são Espíritos no seu estado normal, na expectativa de uma nova encarnação, para se aperfeiçoarem. Os Espíritos puros, ou seja, no estado de perfeição, deixam de ter a necessidade de encarnar.

227. De que maneira se instruem os Espíritos que estão nessa situação? Da mesma forma que nós?

Estudam o seu passado e procuram meios para se aperfeiçoarem. Veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem, escutam os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais evoluídos do que eles e isso dá-lhes ideias que não tinham.

228. Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

Os Espíritos evoluídos, ao perderem o corpo material, deixam as más paixões e só guardam as do bem. Os Espíritos inferiores conservam-nas, de contrário pertenceriam à primeira ordem.

229. Por que razão os Espíritos, ao deixarem a Terra, não abandonam todas as suas más paixões, uma vez que veem os seus inconvenientes?

Há neste mundo pessoas que são excessivamente invejosas. Acreditas que logo que o deixam perdem esse defeito ? Fica, depois da partida, sobretudo às que tiveram paixões entranhadas, uma espécie de atmosfera que as envolve e lhes conserva todas essas coisas más, porque o Espírito não está inteiramente liberto. É apenas por momentos que pressente a verdade, como para lhe mostrar o bom caminho.

230. O Espírito progride no intervalo entre as encarnações?

Pode aperfeiçoar-se bastante, sempre de acordo com a sua vontade e o seu desejo; mas é na existência corporal que ele põe em prática as novas ideias que adquiriu.

231. Os Espíritos, entre as encarnações, são felizes ou infelizes?

Mais ou menos, segundo o seu mérito. Sofrem paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes conforme estão mais ou menos desmaterializados. Nesse estado, o Espírito pressente o que lhe falta para ser mais feliz. É então que procura os meios para consegui-lo, mas nem sempre lhe é permitido reencarnar à sua vontade, o que é uma prova.

232. Durante esse periodo, o Espírito pode ir a todos os mundos?

Depende. Quando o Espírito deixou o corpo, não está, só por isso, inteiramente desprendido da matéria. Pertence ainda ao mundo em que viveu, ou a um mundo do mesmo nível, a menos que, durante a sua vida, se tenha aperfeiçoado, e é para esse objetivo que deve orientar-se: sem isso nunca se aperfeiçoaria.

Pode, entretanto, ir a certos mundos superiores, onde irá na condição de estrangeiro. Só consegue vê-los de relance, por assim dizer. É isso que lhe dá o desejo de evoluir, para ser digno da felicidade que neles se desfruta e poder habitá-los mais tarde.

233. Os Espíritos já purificados vêm aos mundos inferiores?

Vêm, frequentemente, para os ajudar a progredir. Sem isso, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para os orientar

II Mundos transitórios

234. Existem, como foi dito, mundos que servem aos Espíritos como lugares de repouso?

Sim, há mundos especialmente destinados a estes espíritos, nos quais podem habitar temporariamente. São lugares para descansarem de uma condição que pode ser muito longa, situação que é sempre um pouco penosa. São posições intermediárias entre os outros mundos, classificadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem dirigir-se, beneficiando aí de maior ou menor bem-estar.

234-a. Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade?

Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los para seguir para onde devem. Imaginai aves de arribação descendo numa ilha para recuperarem forças e seguirem para o seu destino.

235. Os Espíritos progridem durante essas estadias nos mundos transitórios?

Certamente. Os que assim se reúnem têm o objetivo de se aperfeiçoarem para atingir a posição dos eleitos.

236. Os mundos transitórios são perpetuamente, pela sua natureza especial, destinados aos Espíritos no intervalo das suas encarnações?

Não, a sua posição é apenas temporária.

236-a. São ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

Não, a sua superfície é estéril. Os seres que os habitam não precisam de nada.

236-b. Essa esterilidade é permanente e liga-se à sua natureza especial?

Não, são estéreis temporariamente.

236-c. Esses mundos serão então desprovidos de belezas naturais?

A natureza traduz-se pelas belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que as que chamais belezas naturais.

236-d. Sendo transitório o estado desses mundos, a Terra terá um dia de estar entre eles?

Já esteve.

236-e. Em que época?

Durante a sua formação.

- Tudo é útil na natureza. Tudo tem propósito e finalidade; nada é vazio, tudo é habitado, a vida está em toda a parte. Durante a longa sucessão de séculos, antes da aparição do homem na Terra, nos lentos períodos de transição comprovados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, sobre a massa informe do árido caos, não havia ausência de vida. Seres que não tinham as nossas necessidades, nem as nossas sensações físicas, aqui encontravam refúgio. Deus quis que, mesmo nesse estado imperfeito, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria pensar que, entre muitos triliões de mundos que circulam na imensidade, apenas um, e dos mais pequenos perdido na multidão de planetas, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria então a

utilidade dos outros? Tê-los-ia feito Deus só para regalo da vista ? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que resplandece em todas as suas obras e inadmissível quando se pensa em todas aquelas de que nem nos apercebemos. Ninguém poderá negar que há nesta ideia dos mundos ainda impróprios para a vida material e, entretanto, povoados de seres apropriados ao seu estado, alguma coisa de grande e sublime, onde talvez se encontre a solução de muitos problemas.

III Perceções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237. A alma, uma vez no mundo dos Espíritos, ainda tem as perceções que tinha nesta vida?

Sim, e outras que não possuía, porque o seu corpo material era como uma cortina que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, que se manifesta mais livremente quando não tem entraves.

238. As perceções e os conhecimentos dos Espíritos são muito extensos, numa palavra, saberão tudo?

Quanto mais se aproximam da perfeição mais sabem. Se são superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes em todos os assuntos.

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

É conforme a sua elevação e a sua pureza. Os Espíritos inferiores não sabem mais do que os homens.

240. Os Espíritos compreendem a duração do tempo como nós?

Não. É por isso que nem sempre somos compreendidos quando se trata de fixar datas ou épocas.

− Os Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos. A passagem do tempo, para eles, praticamente não existe. Os séculos, tão longos para nós, são a seus olhos apenas instantes que desaparecem na eternidade, da mesma maneira que as irregularidades do solo se apagam e desaparecem para aquele que se eleva no espaço.

241. Os Espíritos têm do presente uma ideia mais exata e mais justa do que nós?

Mais ou menos como aquele que vê claramente tem uma ideia mais exata do que o cego. Os Espíritos veem o que não vedes e, por isso, julgam de modo diferente do vosso. Mas também, nesse caso, tudo depende do seu nível de evolução.

242. Como têm os Espíritos conhecimento do passado? Esse conhecimento é ilimitado?

O passado, quando o estudamos, é um presente, exatamente como te lembras de coisas que te impressionaram durante a vida terrena. Como nós, Espíritos, já não temos o véu material do esquecimento que nos limita a inteligência, lembramo-nos de coisas que para ti se encontram apagadas da memória. Mas nem tudo é conhecido pelos Espíritos, a começar pela sua própria criação.

243. Os Espíritos conhecem o futuro?

Isso também depende do seu grau de perfeição. Muitas vezes apenas o pressentem, mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o veem, parece-lhes presente. O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abarca de relance as suas

migrações passadas, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para isso é necessário que, depois de muitas existências, esteja totalmente integrada nele.

243-a. Os Espíritos chegados à perfeição absoluta têm completo conhecimento do futuro?

Completo não é o termo, porque Deus é o único e soberano senhor e ninguém o pode igualar.

244. Os Espíritos veem Deus?

Somente os Espíritos superiores veem e compreendem Deus. Os Espíritos inferiores sentem-no e adivinham-no.

244-a. Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como sabe que a ordem é dele?

Esse Espírito não vê Deus, mas sente a sua soberania. Quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, há uma espécie de intuição ou conselho invisível, que o inibe. Vós mesmos tendes pressentimentos que são como avisos secretos para fazerdes ou não alguma coisa. O mesmo acontece com os Espíritos, mas em grau superior. Compreendes que sendo a essência dos Espíritos mais subtil do que a vossa, podem receber mais facilmente os conselhos de Deus.

244-b. A ordem é-lhe transmitida diretamente por Deus ou por intermédio de outros Espíritos?

Não lhe chega diretamente de Deus. Para comunicar com ele é preciso ser digno disso. Deus transmite-lhe as suas ordens pelos Espíritos que estão mais evoluídos em perfeição e instrução.

245. A vista dos Espíritos é circunscrita como nos seres corporais?

Não, reside em todo o seu ser.

246. Os Espíritos precisam de luz para ver?

Veem por si mesmos sem necessidade de luz exterior. Para eles não há trevas, exceto aquelas em que podem encontrar-se por expiação.

247. Os Espíritos precisam transportar-se para ver em dois lugares diferentes ? Podem, por exemplo, ver simultaneamente em dois hemisférios do planeta?

Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, podemos dizer que vê por toda a parte simultaneamente. O seu pensamento pode irradiar e dirigir-se, ao mesmo tempo, a vários pontos diferentes. Mas essa faculdade depende da sua pureza. Quanto menos puro for, mais limitada é a sua vista. Somente os Espíritos superiores podem ter visão de conjunto.

− A faculdade de ver dos Espíritos é uma propriedade inerente à sua natureza, que se manifesta por todo o seu ser, como a luz na totalidade de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, envolve simultaneamente o espaço, o tempo e as coisas, e para a qual não há trevas nem obstáculos materiais. Compreende-se que assim deva ser: se no ser humano a vista funciona através de um órgão que recebe a luz, sem luz fica na obscuridade.

Nos Espíritos, sendo a faculdade de ver um atributo próprio que não depende de qualquer agente exterior, a vista éindependente da luz. (Ver pergunta 92)

248. O Espírito vê as coisas tão nitidamente como nós?

Mais ainda, porque a sua vista penetra o que a vossa não pode penetrar. Nada a obscurece.

249. O Espírito percebe os sons?

Sim, e percebe neles o que os vossos sentidos imperfeitos não podem perceber.

249-a. A faculdade de ouvir, como a de ver, está em todo o seu ser?

Todas as perceções são atributos do Espírito e fazem parte da sua totalidade. Quando habita um corpo material, só as recebe através dos órgãos fisiológicos da audição, da vista, etc.. No estado de liberdade, porém, deixam de estar localizadas.

250. Sendo as perceções atributos do próprio Espírito, podem prescindir delas?

O Espírito só vê e ouve o que quer. Isto é, de uma maneira geral e sobretudo a respeito dos Espíritos evoluídos. Os que são imperfeitos ouvem e veem muitas vezes, queiram ou não, aquilo que pode ser útil à sua evolução espiritual.

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

Estás a falar da vossa música? O que é ela perante a música celeste, essa harmonia da qual ninguém na Terra pode dar-vos uma ideia ? Uma relativamente à outra é como o canto selvagem comparado com suave melodia. Não obstante, os Espíritos em geral podem fruir um certo prazer ao ouvir a vossa música, porque não lhes é dado ainda compreender outra mais sublime. A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, à medida das suas qualidades sensíveis muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas naturais?

As belezas naturais dos vários mundos são tão diversas que estamos longe de as conhecer. Os Espíritos são sensíveis a elas, conforme a sua aptidão para apreciá-las e compreendê-las. Para os Espíritos evoluídos há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas de pormenor.

253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e os nossos sofrimentos físicos?

Conhecem-nos, porque passaram por eles, mas não lhes estão sujeitos materialmente como vós, porque são Espíritos.

254. Os Espíritos sentem a fadiga e a necessidade do repouso ?

Não podem sentir cansaço como o entendeis e, por consequência, não necessitam de repouso corporal como o vosso, uma vez que não possuem órgãos cujas forças devam ser restauradas. Os Espíritos descansam, no sentido em que não estão numa atividade constante. Não atuam materialmente: a sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Há momentos em que o seu pensamento deixa de estar tão ativo e não se dirige a um propósito determinado. É um verdadeiro repouso, mas que não pode comparar-se com o repouso corporal. O género de fadiga que os Espíritos podem sentir é proporcional ao seu nível evolutivo: quanto mais evoluídos são, menos repouso lhes é necessário.

255. Quando um Espírito diz que sofre, qual é a natureza do sofrimento que o aflige?

São angústias morais que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos.

256. Qual o motivo de alguns Espíritos se queixarem de frio ou de calor?

É a lembrança do que sofreram durante a vida, algumas vezes tão penosa como a realidade. É uma comparação pela qual, à falta de melhor, exprimem a sua situação. Quando se lembram do corpo experimentam uma espécie de impressão, como quando se despe um casaco e algum tempo depois ainda se pensa tê-lo vestido.

IV – Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos

257. O corpo é o instrumento da dor. Se não é a sua causa fundamental é, pelo menos, a causa imediata. A alma conhece a dor como efeito da perceção de que está dotada. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter consequências físicas. Com efeito, o frio e o calor não podem afetar o tecido da alma. A alma não pode gelar nem arder fisicamente.

Muitas vezes nos acontece que a lembrança ou a angústia do mal estar físico podem ter o efeito da própria realidade, causando grande transtorno, até causar a morte. É sabido que as pessoas que sofreram amputações sentem dor no membro que já não existe. Seguramente, não é nesse membro que está localizada a dor, nem onde tem a sua origem. O cérebro conservou a impressão causada por ela, é tudo.

Portanto, podemos supor que o sofrimento sentido pelos Espíritos, depois da morte, tem uma natureza semelhante a essa. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha papel tão importante em todos os fenómenos espíritas - nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado dos Espíritos no momento da morte, na ideia tão frequente de que ainda estão vivos, na situação tão impressionante dos suicidas, dos supliciados, dos que se sentem absorvidos pelos prazeres da sensualidade e tantos outros factos - veio lançar luz sobre esta questão, dando lugar às explicações que vamos resumir:

O perispírito é o elemento de ligação que une o Espírito à matéria do corpo; é tomado do meio ambiente, do fluido universal, e participa simultaneamente da natureza elétrica, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. (Ver pergunta 27)

Poderíamos dizer que é matéria, no seu mais elevado estado de pureza, e o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, porque esta pertence ao Espírito. O perispírito é também o agente das sensações externas. No corpo, estas sensações estão localizadas nos órgãos que lhes servem de canais; falecido o corpo, as sensações tornam-se generalizadas. É por isso que o Espírito não diz que lhe dói a cabeça ou os pés. É preciso não confundir as sensações do perispírito, uma vez tornado independente pela morte, com as do corpo. Só podemos tomar estas últimas como termo de comparação e não como analogia.

Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o do corpo. No entanto, não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, pois que se queixa do frio e do calor. Não sofre mais no inverno do que no verão. Já vimos Espíritos passarem através das chamas sem nada experimentarem de penoso. A temperatura não exerce sobre eles a mínima impressão.

A dor que sentem não é uma dor física propriamente dita, é um vago sentimento íntimo de que o próprio Espírito nem sempre tem uma ideia exata, porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes exteriores. É mais uma recordação do que uma realidade, mas uma recordação igualmente penosa. No entanto há, por vezes, algo mais do que uma lembrança, como vamos ver.

A experiência ensina-nos que, no momento da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo. Nos primeiros instantes o Espírito não compreende a sua situação. Não acredita

que morreu, dado que se sente vivo. Vê o seu corpo de lado, sabe que é o seu e não entende porque está separado. Esse estado continua enquanto exista a mínima ligação entre o corpo e o perispírito.

Um suicida dizia-nos: Não, eu não estou morto, e acrescentava: No entanto, sinto os vermes a roerem-me. Ora, seguramente, os vermes não roíam o perispírito, e menos ainda o Espírito, só roíam o corpo. Como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, havia uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão não será bem o termo, pois poderia dar ideia de um efeito demasiado material. É mais a visão do que se passava no corpo, ao qual o ligava o perispírito, que produzia uma ilusão, que ele tomava pela realidade. Não se tratava, pois, de uma lembrança, porque durante a vida nunca fora roído pelos vermes, era o sentimento daquilo que estava a acontecer. Assim se veem as deduções que os factos nos permitem, quando observados atentamente.

Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e transmite-as ao Espírito por intermédio do perispírito, o que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. O corpo, quando morto, não sente mais nada, porque já não possui em si nem Espírito nem perispírito. O perispírito, desligado do corpo, experimenta sensações, mas como estas não lhe chegam por um canal limitado, tornam-se gerais. Como o perispírito é na realidade apenas um agente de transmissão, visto que é o Espírito que tem a consciência, daí resulta que, se pudesse existir um perispírito sem Espírito, já não teria a possibilidade de registar mais sensações do que o corpo depois de morto. Da mesma maneira que, se um Espírito não tivesse perispírito seria inacessível a todas as sensações penosas. É o que acontece com os Espíritos completamente purificados.

Sabemos que quanto mais o Espírito se purifica, menos materializada se torna a essência do perispírito, de maneira que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, ou seja, à medida que o perispírito se torna menos denso.

Diríamos que as sensações agradáveis, tal como as desagradáveis, são transmitidas ao Espírito pelo perispírito. Se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Quanto às sensações que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos, como o som dos nossos instrumentos ou o perfume das nossas flores, não lhe produzem nenhuma impressão. O Espírito, todavia, goza de sensações íntimas de um encanto indefinível, das quais não podemos fazer a mínima ideia, porque estamos para elas como os cegos de nascença estão para a luz. Sabemos que tais sensações existem, mas qual é o meio pelo qual se fazem sentir? Para nós, a ciência fica por aí. Sabemos que o Espírito tem perceção, sensação, audição e visão. Sabemos que essas faculdades são atributos do ser na sua totalidade, e não apenas, como nos humanos, de uma parte do ser. Mais uma vez, por intermédio de quê? É isso que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem esclarecer-nos, porque a nossa linguagem não foi feita para exprimir ideias que não possuímos, assim como nos idiomas rudimentares não há termos para a expressão das artes, das ciências e das filosofias.

Os Espíritos mais evoluídos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, porque o seu perispírito é muito mais purificado do que tudo o que existe no planeta Terra. Os que têm o perispírito mais denso, menos purificado, tomam conhecimento dos sons e dos odores, mas não por uma parte determinada do seu corpo, como quando vivos. As vibrações moleculares fazem-se sentir em todo o seu ser, chegando ao seu principal centro percetivo, que é o próprio Espírito, embora de uma maneira diferente e talvez também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na perceção. Ouvem o som da nossa voz e, contudo, compreendem-nos sem necessidade da palavra, pela simples transmissão do pensamento. Isso vem ao encontro do que dissemos quanto à penetração das ideias, que é tanto mais fácil quanto mais desmaterializado se encontrar o Espírito.

Quanto à vista dos Espíritos, é independente da luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para a qual não há obscuridade, e apresenta-se mais ampla e penetrante para os Espíritos mais

evoluídos. A alma, ou Espírito, tem em si mesmos a faculdade de todas as perceções. Na vida corporal elas são obliteradas pela densidade dos nossos órgãos. Na vida extracorporal, são-no cada vez menos, à medida que se purifica o corpo semimaterial.

Este, tomado do meio ambiente, varia segundo a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo para outro, os Espíritos colhem um novo perispírito como mudamos de roupa ao passar do inverno para o verão. Os Espíritos mais evoluídos, quando vêm visitar-nos, tomam o perispírito terrestre e então as suas perceções assemelham-se às dos Espíritos comuns. Mas todos eles, inferiores e superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. (Ver pergunta 250) Sem terem órgãos sensoriais podem, à vontade, ativar ou desativar as suas perceções, havendo apenas uma coisa que são forçados a ouvir: os conselhos dos bons Espíritos. A vista está sempre ativa, mas podem tornar-se invisíveis entre si. Conforme a classe a que pertençam, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não dos que lhes são superiores. Nos primeiros momentos após a morte a vista do Espírito é sempre turva e confusa. Aclara-se à medida que ele se liberta e pode adquirir a mesma clareza que tinha durante a vida, além da possibilidade de penetrar nos corpos opacos.

Quanto ao alargamento da capacidade de ver através do espaço infinito, ou através do tempo, em direção ao passado ou ao futuro, depende do grau de pureza e elevação do Espírito.

Poderá pensar-se que toda esta teoria não é muito tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do corpo material, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais e eis que somos informados que não é assim. Seja de uma forma ou de outra, não é por isso que menos nos custará. Ai de nós, que poderemos sofrer ainda, e muito, durante longo tempo, ou deixar de sofrer logo desde o instante em que deixamos a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo, às vezes, são independentes de nós, mas em grande parte são as consequências da nossa vontade. Buscando a sua origem, ver-se-á que a maioria deles é consequência de causas que poderiamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades se devem apenas aos excessos, à ambição, e às paixões! As pessoas sóbrias, que não abusem de nada, que tenham sempre gostos simples e desejos modestos, evitam muitas adversidades. O mesmo acontece ao Espírito: os sofrimentos que enfrenta são sempre consequência da maneira como viveu na Terra. Já não terá bronquite ou reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não serão menores. Já vimos que esses sofrimentos são o resultado das ligações que ainda existem entre o Espírito e a matéria, que quanto mais ele estiver desligado da influência da matéria, ou seja, quanto mais desmaterializado, menos sensações penosas sofrerá. Depende dele libertar-se dessa influência já nesta vida, pois tem o livre-arbítrio e, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer.

Que domine as suas paixões animais; que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não se deixe dominar pelo egoísmo; que purifique a sua alma pelos bons sentimentos; que pratique o bem; que só dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem. Então, mesmo habitando ainda o seu corpo material, já se terá purificado e desprendido da matéria. Quando deixar o corpo, já não sofrerá a sua influência.

Os sofrimentos físicos pelos quais passou não lhe deixam nenhuma lembrança penosa, deles não lhe resta nenhuma impressão desagradável, porque não afetaram o Espírito, mas apenas o corpo. Sentir-se-á feliz por se ter libertado e a tranquilidade de consciência afastá-lo-á de todo o sofrimento moral.

Interrogámos sobre o assunto milhares de Espíritos, oriundos de todos os grupos e posições sociais. Estudámo-los em todos os períodos da sua vida espiritual, desde o instante em que deixaram o corpo. Seguimo-los passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as modificações que neles se operavam, nas suas ideias, nas suas sensações. De notar, a este respeito, que foram as pessoas comuns que nos forneceram mais valiosos elementos de estudo. Concluímos que os sofrimentos estão sempre

relacionados com a conduta e respectivas consequências, e que a nova existência é uma fonte de felicidade inefável para aqueles que tomaram o bom caminho.

De onde se conclui que os que sofrem é porque assim quiseram e só devem queixar-se de si mesmos, tanto no outro mundo como neste.

IV – Escolha das provas

258. Desencarnado, antes de nova existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe vai acontecer durante a vida?

Ele mesmo escolhe o género de provas que deseja prestar e é nisso que consiste o seu livre-arbítrio.

258-a. É Deus que lhe impõe as dificuldades da vida como castigo?

Nada acontece sem o consentimento de Deus, que estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Pode perguntar-se porque fez uma lei em vez de outra. Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e das suas consequências. Nada lhe dificulta o futuro, o caminho do bem está à sua frente, assim como o do mal. Se fraquejar, contudo, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus, na sua bondade, permite-lhe recomeçar o que foi mal feito. É necessário distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do ser humano. Se um perigo o ameaça, não foi ele que o criou, mas Deus. Se teve a vontade de se lhe expor, por ter visto aí um meio de progredir, Deus consentiu-lho.

259. Se o Espírito pode escolher o género de provas que deve prestar, poderá concluir-se que todas as dificuldades que enfrentamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

Todas, não é bem o termo, pois não se pode dizer que é vossa a escolha e previsão de tudo o que vos acontece no mundo, até aos mínimos detalhes. Escolhestes o género de provas, os detalhes são consequência da situação criada e, muitas vezes, das vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, já sabia a que impulsos se sujeitava, mas não todos os atos que iria praticar. Esses atos são efeito da sua vontade ou do seu livre-arbítrio.

O Espírito sabe que, escolhendo um certo caminho, terá determinado género de lutas a travar, portanto, conhece a natureza das dificuldades que irá encontrar, mas não sabe em pormenor todos os acontecimentos que o aguardam. Os acontecimentos em detalhe nascem das circunstâncias e da força das coisas. Só estão previstos os acontecimentos principais que influenciam o seu destino. Quem tomar um caminho cheio de buracos sabe que deve ter precauções, porque corre o perigo de cair. Porém, não sabe quando e até pode não cair, se for suficientemente cauteloso. Se ao passares numa rua te cair uma telha na cabeça, não penses que estava escrito, como vulgarmente se diz.

260. Como pode o Espírito querer nascer entre gente de má vida?

O Espírito necessita de ser enviado para um ambiente em que possa sofrer a prova que pediu. É preciso, portanto, que haja condições. Para lutar contra o instinto do banditismo é necessário que ele se encontre entre gente dessa espécie.

260-a. Se não houvesse gente de má vida na Terra, o Espírito não poderia, então, encontrar nela o meio necessário a certas provas?

Isso não seria de lamentar. É o que acontece nos mundos superiores onde o mal não existe. É por isso que neles só existem bons Espíritos. Fazei com que o mesmo aconteça em breve na vossa Terra.

261. O Espírito, nas provas por que terá de passar para chegar à perfeição, deverá experimentar todos os géneros de tentações? Deverá enfrentar todas as circunstâncias que possam provocar-lhe o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade, etc.?

Certamente que não, uma vez que sabeis que há os que tomam, desde o princípio, um caminho que os livra de muitas provas, mas aquele que se deixa levar por mau caminho corre todos os perigos respetivos. Um Espírito, por exemplo, pode pedir a riqueza e esta pode ser-lhe dada. Então, segundo o seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. Isso, porém, não quer dizer que tenha de cair forçosamente em todas essas inclinações.

262. Como pode o Espírito, originariamente simples, ignorante e sem experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável pela sua escolha?

Deus complementa a sua inexperiência traçando-lhe o caminho que deve seguir, como se faz com uma criança desde o berço. Mas deixa-lhe, pouco a pouco, a liberdade de escolher, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve. É então que muitas vezes se extravia tomando o mau caminho, por não ouvir os conselhos dos bons Espíritos. É a isso que podemos chamar "a queda" do homem.

[39 - A queda do homem, o ensino primordial das religiões dogmáticas]

262-a. Quando o Espírito dispõe do seu livre-arbítrio, a escolha da existência corporal depende sempre, exclusivamente, da sua vontade ou essa existência pode ser-lhe imposta pela vontade de Deus, como expiação?

Deus sabe esperar, não precipita a expiação. Entretanto, pode impor uma existência a um Espírito, quando este, por inferioridade ou má vontade, não está apto a compreender o que lhe seria mais proveitoso, e quando vê que essa existência pode servir para a sua purificação e progresso, servindo-lhe igualmente de expiação.

263. O Espírito faz a sua escolha imediatamente após a morte?

Não. Muitos Espíritos acreditam na eternidade das penas: isso, como já vos foi dito, é uma expiação.

264. O que orienta o Espírito na escolha das provas que deseja prestar ?

Escolhe as que lhe podem servir de expiação, de acordo com a natureza das suas faltas, e fazê-lo progredir mais rapidamente. Uns podem impor a si mesmos uma vida de misérias e privações para tentar suportá-la com coragem. Outros querem experimentar-se nas tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas, pelo abuso e pelo mau emprego que lhes podem dar, e pelas más paixões que desenvolvem. Outros, enfim, querem ser postos à prova nas lutas que terão de enfrentar no contacto com o vício.

265. Se alguns Espíritos escolhem como prova o contacto com o vício, há os que o escolhem por simpatia e pelo desejo de viver num meio adequado aos seus gostos ou para poderem entregar-se livremente às suas inclinações materiais?

Há casos desses, por certo, mas só entre aqueles Espíritos cujo senso moral é ainda pouco desenvolvido. A prova surge por si mesma e eles sofrem-na por mais tempo. Cedo ou tarde compreenderão que a satisfação das paixões tem para eles consequências deploráveis, que terão de suportar durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado até que eles

tenham compreendido o seu erro, pedindo eles mesmos o modo de redimi-lo por meio de provas proveitosas.

266. Não é natural que os Espíritos escolham as provas menos penosas ?

Para vós sim, para o Espírito não. Quando está liberto da matéria cessa a ilusão e a sua maneira de pensar é diferente.

– O ser encarnado, colocado sob a influência das ideias terrenas, só vê nas provas o lado penoso. É por isso que lhe parece natural escolher as que, do seu ponto de vista, se encontram associadas a fruições materiais. Na vida espiritual, porém, compara a fruição desses prazeres transitórios e de baixo nível com a felicidade inalterável que pressente e, ao fim e ao resto, que importância têm alguns sofrimentos passageiros?

O Espírito pode escolher a prova mais árdua e, por conseguinte, a existência mais penosa, com a esperança de chegar mais depressa a uma melhor situação, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradávelpara se curar mais rapidamente.

Aquele que deseja ligar o seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe o caminho mais fácil. Sabe os perigos que corre, mas sabe também a glória que o espera se tiver êxito.

O princípio da liberdade de escolha das nossas existências e das provas que devemos prestar deixa de parecer-nos extraordinário, se considerarmos que os Espíritos, libertos da matéria, apreciam as coisas de maneira diferente da nossa. Apercebem-se do objetivo, muito mais sério para eles do que os prazeres efémeros do mundo. Depois de cada existência veem o progresso que fizeram e compreendem quanto ainda lhes falta em pureza para o atingirem. É por isso que se submetem voluntariamente a todas as dificuldades da vida corporal, pedindo eles mesmos aquelas que podem fazê-los chegar mais depressa.

É sem razão que nos admiramos por não ver o Espírito dar preferência a uma existência mais fácil. Uma vida isenta de amarguras não está ao seu alcance, no estado de imperfeição em que se encontra. Pressente-a, e é para atingi-la que procura melhorar-se.

Coisas como esta veem-se todos os dias. O homem que trabalha parte da sua vida sem tréguas nem descanso, para economizar o suficiente para desfrutar o bem estar, que será isso senão uma tarefa que impõe a si mesmo com vista a um futuro melhor? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajante que desafia perigos sérios no interesse da ciência ou da sua fortuna, são apenas provas voluntárias em busca de honra eproveito, se acaso conseguem vencê-las. A que coisas não se expõe o homem pelo seu interesse ou pela sua glória? Todos os esforços a que se submete são provas voluntárias para se elevar na carreira que escolheu. Nunca se consegue chegar a uma posição social de alto relevo nas ciências, nas artes ou na indústria, sem passar pelas dificuldades das posições mais inferiores, que constituem outras tantas provas a vencer. A vida humana é, desta maneira, um decalque da vida espiritual. Nela encontramos, em ponto pequeno, todas as mesmas peripécias. Se na vida terrena escolhemos às vezes as provas mais difíceis com vista a um fim mais elevado, porque será que o Espírito, que vê mais longe do que o corpo, cuja vida considera apenas um incidente passageiro, não haverá de escolher uma existência difícil e trabalhosa, se ela pode conduzi-lo a uma felicidade eterna? Aqueles que dizem que, se pudessem escolher a sua existência, teriam pedido vida de famosos ou milionários, são como os míopes, que só veem aquilo que tocam, ou como as crianças gulosas que, quando lhes perguntam o que querem ser quando forem crescidos, respondem que gostariam de ser fabricantes de caramelos ou chocolates. Tal é a situação do viajante no fundo de um vale obscurecido pelo nevoeiro, que não pode ver a extensão nem os pontos extremos do seu percurso. Chegando ao cume da montanha abrange o caminho percorrido e o que falta percorrer: vê o final da viagem e os

obstáculos que ainda tem de vencer. Pode então escolher com mais segurança os meios de o atingir. O Espírito encarnado é como o viajante no sopé da montanha. Uma vez liberto das ligações terrestres, domina tudo o que pode ver-se lá de cima. Para o viajante, o objetivo é o repouso após a fadiga; para o Espírito é a felicidade suprema, depois das adversidades e das provas. Todos os Espíritos dizem que, quando desencarnados, buscam, estudam, observam, para fazerem as suas escolhas. Passa-se a mesma coisa na vida corporal quando procuramos durante anos a carreira em que fizemos livremente a nossa escolha, porque a julgámos a mais apropriada para completar o nosso caminho. Se fracassamos numa carreira, procuramos outra, sendo cada uma delas uma fase, um período de vida, e cada um dos nossos dias é dedicado àpreparação do que faremos amanhã.

Nessa ordem de ideias, o que são as diferentes existências corporais para o Espírito senão fases, períodos, dias da sua vida espírita? Esta, como o sabemos, é que éa vida normal, enquanto a vida corporal éapenas transitória e passageira.

267. O Espírito poderia fazer a sua escolha durante a vida corporal?

O seu desejo pode ter influência, dependendo da intenção. No estado de Espírito, contudo, vê as coisas de maneira muito diferente. É apenas o Espírito que faz essa escolha, o que pode acontecer durante a vida material, porque sempre tem certos momentos em que atua, independentemente da matéria corporal que habita.

267-a. Muitas pessoas desejam grandezas e fortuna, mas, seguramente, não como expiação nem como prova?

Sem dúvida. É o seu instinto material que deseja essa grandeza para desfrutar os seus privilégios. O Espírito apenas poderia desejá-la para conhecer as dificuldades inerentes.

268. Até chegar ao estado de pureza perfeita, terá o Espírito de passar constantemente por provas?

Sim, mas não são como vós as entendeis, porque chamais provas às dificuldades materiais. Acontece que o Espírito, chegado a um certo grau de evolução, mesmo sem ser perfeito, já não tem que passar por provações desse género. Continua, porém, a ter deveres que o ajudam a aperfeiçoar-se e que nada têm de penoso, quanto mais não seja, o dever de ajudar os outros a aperfeiçoarem-se.

269. O Espírito pode enganar-se quanto à eficácia da prova que escolheu?

Pode escolher uma que esteja acima das suas forças e sucumbir. Pode também escolher uma prova que não lhe dê proveito algum, como um género de vida ociosa e inútil. Nesse caso, voltando ao mundo dos Espíritos, percebe que nada ganhou e pede para recuperar o tempo perdido.

270. A que se devem as vocações de certas pessoas e a sua vontade de seguir uma carreira e não outra?

Parece-me que podeis responder por vós mesmos a esta questão, visto que tais vocações são a consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado numa existência anterior.

271. No mundo espiritual, o Espírito, que estuda as diversas condições em que poderá progredir, como julga poder fazê-lo se nascer, por exemplo, num povo de canibais?

Não são os Espíritos já adiantados que nascem entre os canibais, mas os Espíritos da mesma natureza dos canibais ou que lhes são inferiores.

- Sabemos que os nossos antropófagos não estão no último grau da escala espiritual e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade ultrapassam tudo o que existe na Terra. Esses Espíritos são, portanto, ainda inferiores aos mais inferiores do nosso mundo. Vir para o meio dos nossos selvagens é para eles um progresso, como seria um progresso para os nossos antropófagos exercer entre nós uma profissão que os obrigasse a derramar sangue.

Se não têm melhores aspirações é porque a sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito só pode avançar gradualmente, não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização. É nisso que vemos a necessidade da reencarnação, verdadeiramente de acordo com a justiça de Deus. De outra maneira, em que se transformariam esses milhões de seres que morrem diariamente no último estado de degradação, se não tivessem meios de evoluir? Por que razão iria Deus deserdá-los dos favores concedidos a todos os outros homens?

[40 – "Derramar sangue"]

272. Os Espíritos procedentes dum mundo inferior à Terra ou dum mundo muito atrasado, como os canibais, poderiam nascer entre os povos civilizados?

Sim, há os que se desorientam ao quererem subir muito alto, mas ficam deslocados no vosso meio porque têm hábitos e instintos que brigam com os vossos.

– Esses seres dão o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização. Regressando ao estado dos canibais não será um retrocesso, mas sim retomar o seu lugar e talvez ainda com proveito.

273. Uma pessoa pertencente a uma sociedade civilizada poderia, por expiação, reencarnar numa sociedade primitiva?

Sim, mas isso depende do género de expiação. Um negreiro, que tenha sido duro para com os seus escravos, poderá vir a ser escravo e sofrer os maus tratos que infligiu a outros. Aquele que comandou numa época pode, numa nova existência, obedecer aos mesmos que se curvavam à sua vontade. É uma expiação se abusou do poder e Deus pode impor-lha. Um bom Espírito também pode, para fazer avançar povos atrasados, escolher uma existência de pessoa influente junto deles, o que será nesse caso uma missão.

VI - Relações de além-túmulo

274. As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre si uma hierarquia de poderes. Há entre eles subordinação e autoridade?

Sim, muito grande. Os Espíritos têm, uns sobre os outros, a autoridade relativa à sua superioridade e exercem-na por meio de uma ascendência moral irresistível.

274.a Os Espíritos inferiores podem subtrair-se à autoridade dos superiores?

Eu disse ascendência moral irresistível.

275. O poder e a consideração de que um indivíduo goza na Terra dão-lhe alguma supremacia no mundo dos Espíritos?

Não, porque os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lede os Evangelhos. (Lucas 14, 11)

275-a. Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

Já sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, segundo os seus méritos. O maior na Terra pode estar na última classe entre os Espíritos, enquanto o seu servidor estará na primeira. Compreendes isso? Jesus disse: "quem se humilhar será exaltado, e quem se exaltar será humilhado".

276. Aquele que foi grande na Terra e se encontra inferior entre os Espíritos sente humilhação?

Sente muitas vezes uma grande humilhação, sobretudo se era orgulhoso e invejoso.

277. O soldado que após a batalha encontra o seu general no mundo dos Espíritos, reconhece-o ainda como seu superior?

Os títulos nada significam, a superioridade verdadeira é tudo.

278. Os Espíritos de diferentes ordens hierárquicas convivem sem distinções?

Sim e não. Veem-se, mas diferenciam-se uns dos outros. Afastam-se ou aproximam-se segundo a semelhança, a analogia ou a antipatia dos seus sentimentos, como acontece entre vós. É todo um mundo, do qual o vosso é um reflexo obscurecido. Os da mesma ordem reúnem-se por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos unidos pela simpatia e pelos seus propósitos: os bons, pelo desejo de fazerem o bem, os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha das suas faltas e pela necessidade de encontrarem os que lhe são semelhantes.

− O mundo espiritual é como uma grande cidade, onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se misturarem; onde as associações se formam pela semelhança dos gostos; onde o vício e a virtude coabitam sem trocarem palavras.

279. Todos os Espíritos têm acesso uns aos outros?

Os bons movimentam-se por toda a parte. É necessário que assim seja, para exercerem a sua influência sobre os mais atrasados. As regiões habitadas pelos bons são vedadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que estes não possam transportar para ali a perturbação das suas más inclinações.

280. Qual é a natureza das relações entre os bons e os maus Espíritos?

Os bons procuram combater as más tendências dos outros, a fim de os ajudar a aperfeiçoarem-se. Essa tarefa é para eles uma missão.

281. Porque agrada aos Espíritos inferiores levar-nos ao mal?

Pela inveja de não terem merecido estar entre os bons. O seu desejo é o de impedirem, tanto quanto podem, que os Espíritos ainda inexperientes atinjam a felicidade. Querem que os outros passem pelo mesmo que eles mesmos passam. Não é isso que se passa também entre vós?

[41 - O mal, o livre-arbítrio e a justiça do Alto]

282. De que maneira comunicam os Espíritos entre si?

Os Espíritos veem-se e compreendem-se. A palavra é material, é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre os Espíritos uma comunicação constante, é o veículo de transmissão do pensamento, como no vosso mundo o ar é o veículo do som. É uma espécie de telégrafo universal que liga todos os mundos e permite aos Espíritos corresponderem-se de um mundo para outro.

283. Os Espíritos podem ocultar os pensamentos entre si? Podem esconder-se uns dos outros?

Não, para eles tudo está a descoberto, principalmente quando são perfeitos. Podem distanciar-se, mas veem-se sempre uns aos outros. Esta regra, porém, não é absoluta, porque certos Espíritos podem facilmente tornar-se invisíveis para outros, se julgarem útil fazê-lo.

284. Como podem os Espíritos que já não têm corpo, definir a sua própria individualidade e distinguirem-se dos outros que os rodeiam?

A sua individualidade pode ser observada pelo perispírito, que os torna seres diferentes uns dos outros, como os corpos entre os homens.

285. Os Espíritos reconhecem-se por terem convivido na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo o seu amigo?

Sim, e assim de geração em geração.

285-a. Como é que as pessoas que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

No mundo espiritual vemos a nossa vida passada e lemos nela como num livro aberto. Ao ver o passado dos nossos amigos e dos nossos inimigos vemos a sua passagem da vida para a morte.

286. A alma, ao deixar os seus despojos mortais, vê imediatamente os parentes e amigos que regressaram antes dela ao mundo dos Espíritos?

Imediatamente, nem sempre. Como já dissemos, é-lhe necessário algum tempo para retomar a consciência de si mesma e afugentar o véu da materialidade.

287. Como é recebida a alma na sua volta ao mundo dos Espíritos?

A do justo, como um irmão bem amado e longamente esperado, a do mau, como um ser pouco estimável.

288. Qual o sentimento dos Espíritos impuros à vista dos outros Espíritos menos evoluídos que chegam?

Ficam satisfeitos de verem os seus iguais e, como eles, privados da felicidade infinita, como acontece na Terra a uma pessoa malformada entre os seus parceiros.

289. Os nossos parentes e os nossos amigos vêm ao nosso encontro, quando deixamos a Terra?

Sim, vêm ao encontro da alma daqueles que amam. Felicitam-na como no regresso de uma viagem, se escapou aos perigos do caminho, e ajudam-na a desprender-se das ligações corpóreas. É uma graça para os bons Espíritos quando os seus entes queridos vêm ao seu encontro. Pelo contrário, a alma que está manchada fica no isolamento, ou cercada apenas pelos Espíritos seus semelhantes: é uma punição.

290. Os parentes e os amigos reúnem-se sempre após a morte?

Isso depende do seu grau evolutivo e do caminho que seguem para se aperfeiçoarem. Se um deles está mais adiantado e avança mais depressa do que outro, não poderão ficar juntos. Poderão ver-se ocasionalmente, mas só poderão reunir-se definitivamente quando caminharem a par ou tiverem atingido a igualdade na perfeição. Além disso, a privação de ver parentes e amigos é, em certos casos, uma expiação.

VII – Relações simpáticas e antipáticas entre Espíritos. Metades eternas

291. Além da simpatia geral de semelhança, há entre os Espíritos ligações afetivas especiais?

Há sim, como entre as pessoas no mundo material. Mas a ligação que une os Espíritos é mais forte na ausência do corpo, porque já não estão sujeitos às dificuldades causadas pelas paixões.

292. Há ódios entre os Espíritos?

Só há ódios entre os Espíritos menos evoluídos e são estes que semeiam entre vós as inimizades e as desavenças.

293. Dois seres que foram inimigos na Terra, conservarão os seus mútuos ressentimentos no mundo dos Espíritos?

Não, porque veem que o seu ódio era estúpido e infantil o motivo que lhe dava origem. Só os Espíritos imperfeitos conservam entre si uma espécie de animosidade até atingirem a perfeição. Se foi apenas um interesse material que os dividiu, não pensarão mais nisso, mesmo estando pouco desmaterializados. Se não houver antipatia entre eles e tendo passado o motivo para a desavença, podem rever-se com prazer.

− Da mesma maneira que dois miúdos da escola que, chegados à idade da razão, reconhecem a infantilidade das suas brigas e deixam de se querer mal.

294. A lembrança das más ações que dois homens cometeram um contra o outro é obstáculo à sua simpatia?

Sim, essa recordação leva-os a distanciarem-se.

295. Após a morte, quais os sentimentos daqueles a quem fizemos mal neste mundo?

Se são bons, perdoam, segundo o vosso arrependimento. Se são maus, podem conservar o ressentimento e perseguir-vos até numa outra existência. Deus pode permiti-lo, como um castigo.

296. Os afetos individuais dos Espíritos são suscetíveis de alteração?

Não, porque não podem enganar-se entre si. Já não têm a máscara sob a qual se ocultam os hipócritas. É por isso que os seus afetos são inalteráveis, quando são puros. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade.

297. O afeto que uniu dois seres na Terra continua a existir no mundo dos Espíritos?

Sim, sem dúvida, se estiver baseado numa verdadeira simpatia. Se as causas de ordem física tiverem maior influência do que a simpatia, esta cessa com a causa. Os afetos entre os Espíritos são mais sólidos e mais duráveis do que na Terra, porque não estão subordinados ao capricho dos interesses materiais e do amor próprio.

298. As almas que devem unir-se estão predestinadas a essa união desde a sua origem? Cada um de nós terá, algures no Universo, a sua metade, à qual um dia se unirá fatalmente?

Não existe união especial e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a ordem evolutiva que ocupam, isto é, conforme a perfeição que adquiriram.

Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males humanos, da concórdia resulta a felicidade completa.

299. Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que certos Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade de outro, uma vez separado estaria incompleto.

300. Dois Espíritos perfeitamente simpáticos, uma vez unidos, ficam assim para toda a eternidade ou podem separar-se e unir-se a outros Espíritos?

Todos os Espíritos são unidos entre si. Falo dos que já atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito passa a um nível superior já não tem a mesma simpatia por aqueles que deixou.

301. Dois Espíritos simpáticos serão complemento um do outro ou essa simpatia é resultado de uma perfeita identidade?

A simpatia que atrai um Espírito a outro é o resultado da perfeita concordância das suas inclinações, dos seus instintos. Se um tivesse que completar o outro perderia a sua individualidade.

302. A identidade necessária para a simpatia perfeita consiste na semelhança dos pensamentos e sentimentos ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

Está na igualdade dos níveis evolutivos.

303. Os Espíritos que não são simpáticos hoje, poderão sê-lo mais tarde?

Sim, todos virão a ser simpáticos entre si. O Espírito que está hoje numa determinada esfera inferior, quando se aperfeiçoar chegará à esfera em que reside um outro. O seu encontro realizar-se-á mais prontamente se o Espírito mais elevado, suportando mal as provas a que, entretanto, se submeteu, tiver permanecido no mesmo estado.

303-a. Dois Espíritos simpáticos entre si, podem deixar de sê-lo?

Certamente, se um deles for preguiçoso.

- A teoria das "metades eternas" (ou almas gémeas) é a representação simbólica da união de dois Espíritos simpáticos. É uma expressão usada, mesmo na linguagem vulgar, que não deve ser tomada à letra. Os Espíritos que dela se serviram não pertencem seguramente à ordem mais elevada. A esfera das suas ideias é necessariamente limitada e exprimiram-se pelos termos de que se teriam servido na vida corporal. É necessário, portanto, rejeitar a ideia de que dois Espíritos, criados um para o outro, devem um dia fatalmente reunir-se na eternidade, após terem permanecido separados durante um lapso de tempo mais ou menos longo.

VIII – Lembrança da existência corporal

304. O Espírito lembra-se da sua existência corporal?

Sim, tendo vivido muitas vezes, recorda-se do que foi e asseguro-te que, por vezes, se ri com dó de si mesmo.

- Comporta-se como o ser humano que, atingida a idade da razão, se ri das loucuras da juventude ou das puerilidades da infância.

305. A lembrança da existência corporal apresenta-se ao Espírito de maneira completa e inesperada após a morte?

Não. Manifesta-se pouco a pouco, como surgindo da névoa, à medida que nela vai fixando a sua atenção.

306. O Espírito lembra-se detalhadamente de todos os acontecimentos da sua vida, abrangendo esse conjunto num relance retrospetivo?

Lembra-se das coisas segundo as consequências que têm sobre a sua situação como Espírito, mas compreenderás que há circunstâncias da sua vida às quais não atribui nenhuma importância e de que nem mesmo procura recordar-se.

306-a. Poderia lembrar-se deles, se o quisesse?

Pode lembrar-se dos detalhes e dos incidentes mais minuciosos, seja de acontecimentos, seja mesmo dos seus pensamentos. Mas só o faz quando é útil.

306-b. Pressente a finalidade da vida terrena em relação à vida futura?

Seguramente que a vê e compreende muito melhor do que quando vivia no corpo. Compreende a necessidade de evoluir para chegar ao infinito e sabe que em cada existência se livra de algumas imperfeições.

307. Como se desenrola a vida passada na memória do Espírito? Por um esforço da imaginação ou como um quadro diante de si?

De ambas as formas. Todos os atos que tenha interesse recordar são vistos como se estivessem presentes. Os outros são como pensamentos vagos ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado estiver o Espírito, menos importância liga às coisas materiais. É frequente fazer-se a evocação de um Espírito, que acaba de deixar a Terra, e acontece que já nem se lembra dos nomes das pessoas que amava, nem de muitos detalhes que te parecem importantes. Pouco se importa com isso e tudo cai no esquecimento. Aquilo de que se lembra muito nitidamente são os factos principais que o ajudam a progredir.

308. O Espírito lembra-se de todas as existências que precederam a última que acabou de deixar?

Todo o passado se desenrola diante dele, como as etapas percorridas pelo viajante. Mas, como já dissemos, não se lembra de um modo absoluto de todas as suas ações passadas, recordando-as apenas à medida da influência que têm sobre o seu estado presente. Quanto às primeiras existências, as que podem considerar-se como a infância do Espírito, perdem-se no vazio e desaparecem na noite do esquecimento.

309. Como é que o Espírito considera o corpo que acabou de deixar?

Como um fato apertado que o incomodava, estando feliz por se ter visto livre dele.

309-a. Que sentimento lhe provoca ver o seu corpo em decomposição?

Quase sempre de indiferença, como por uma coisa à qual já não se encontra ligado.

310. Ao fim de certo lapso de tempo o Espírito reconhece os seus restos mortais ou outros objetos como lhe tendo pertencido?

Algumas vezes. Isso depende da maneira mais ou menos elevada como considera as coisas terrestres.

311. O respeito que se tem pelas coisas materiais que pertenceram ao Espírito atrai a sua atenção para esses objetos? Agrada-lhe esse respeito?

O Espírito sente-se sempre feliz por ser lembrado. As coisas que dele conservamos chamam-no à memória, mas é o pensamento o que o atrai para vós e não os objetos.

312. Os Espíritos conservam a lembrança dos sofrimentos por que passaram durante a sua última existência corporal?

Muitas vezes conservam-na. Essa recordação faz-lhes dar mais valor à felicidade que podem desfrutar como Espíritos.

313. Aquele que foi feliz neste mundo lamenta os prazeres perdidos ao deixar a Terra?

Somente os Espíritos inferiores podem ter pena das alegrias que a sua natureza impura lhes proporcionava, as quais expiam pelo sofrimento. Para os Espíritos evoluídos a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efémeros da Terra.

− Como o adulto que despreza as coisas que faziam as delícias da sua infância.

314. Aquele que iniciou grandes trabalhos com uma finalidade útil, e que os vê interrompidos pela morte, lamenta tê-los deixado inacabados?

Não, porque vê que outros irão dedicar-se a concluí-los. Por outro lado, trata de influenciar outros Espíritos humanos a continuá-los. O seu objetivo na Terra era o bem da Humanidade. Esse objetivo é o mesmo no mundo dos Espíritos.

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha durante a vida?

Segundo a sua elevação, julga-as por outro ponto de vista e, frequentemente, censura o que mais admirava.

316. O Espírito interessa-se ainda pelos trabalhos que se fazem na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

Isso depende da sua elevação ou da missão que pode ter que cumprir. Aquilo que vos parece magnífico é muitas vezes insignificante para certos Espíritos, que as admiram como o sábio admira a obra de um jovem estudante. O Espírito examina o que pode provar a elevação dos Espíritos encarnados e os seus progressos.

317. Os Espíritos, depois da morte, conservam o amor à pátria?

O princípio é sempre o mesmo, para os Espíritos evoluídos a pátria é o Universo. Na Terra, a pátria situa-se onde houver o maior número de pessoas que lhes são simpáticas.

− A situação dos Espíritos e a sua maneira de ver as coisas variam, sem limites, consoante o seu grau de evolução moral e intelectual. Os Espíritos de nível elevado só fazem na Terra permanências de

curta duração. Tudo o que aqui se passa é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, as coisas a que os homens ligam mais importância são tão infantis aos seus olhos que muito pouco os atraem, a menos que tenham sido chamados a contribuir para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de ordem média visitam a Terra mais frequentes vezes, embora observando as coisas de um ponto de vista mais elevado do que quando se encontravam encarnados. Os Espíritos de nível inferior são os que mais demoradamente permanecem na Terra e constituem a maior parte da população espiritual que nos rodeia e que éinvisível para nós. Conservam quase as mesmas ideias, gostos e tendências que tinham durante a sua vivência corporal. Tomam parte nas nossas reuniões, nas nossas tarefas, nos nossos divertimentos, nos quais desempenham papeis mais ou menos ativos, segundo o seu caráter. Não podendo satisfazer as suas paixões, usufruem dos prazeres dos encarnados que a elas se entregam e estimulam os seus comportamentos. Nesse número de Espíritos há os mais sérios, que observam o que se passa para se instruírem e aperfeiçoarem.

318. As ideias dos Espíritos modificam-se quando estão desencarnados?

As suas ideias sofrem modificações muito grandes à medida que o Espírito se desmaterializa. Pode ficar muito tempo com as mesmas ideias, mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e vê as coisas mais claramente. É então que procura meios para evoluir.

319. Uma vez que o Espírito já viveu vida espírita, antes da sua encarnação, de onde vem o seu espanto ao reentrar no mundo dos Espíritos ?

É apenas o efeito do primeiro momento e da perturbação a seguir ao despertar. Mais tarde, reconhece-se perfeitamente, à medida que recupera a lembrança do passado e se desfaz a impressão da vida terrestre. (Ver pergunta 163 e seguintes)

IX – Comemoração dos mortos. Funerais

320. Os Espíritos são sensíveis às lembranças daqueles que amavam na Terra?

Muito mais do que podeis supor. Se os Espíritos se encontram felizes, a lembrança dos seus entes queridos aumenta a sua felicidade. Se esses mesmos Espíritos se encontram infelizes, serve-lhes de consolo.

321. O dia da comemoração dos mortos tem alguma solenidade para os Espíritos? Preparam-se para vir visitar aqueles que vão orar sobre os seus restos mortais?

Os Espíritos atendem à chamada do pensamento nesse como nos outros dias.

321-a. Esse dia é para eles de reunião junto às suas sepulturas?

Comparecem aí em maior número nesse dia, porque há mais pessoas que os chamam, mas cada um só comparece pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.

321-b. Sob que forma comparecem, e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis ?

Sob a aparência pela qual foram conhecidos durante a sua vida.

322. Os Espíritos esquecidos, cujos túmulos ninguém visita, comparecem, apesar disso, e sentem algum desgosto por não verem nenhum amigo lembrar-se deles?

Que lhes importa a Terra? Somente pelo coração podem ligar-se a ela. Se ali já não reside amor, nada mais há que prenda os Espíritos. Resta-lhes o Universo inteiro.

323. A visita ao túmulo proporciona mais satisfação ao Espírito do que uma prece feita em casa?

A visita ao túmulo é uma maneira de manifestar que se pensa no Espírito ausente, é uma atitude simbólica. Já vos disse que o que santifica a recordação sentida é a prece, e pouco importa o lugar onde é feita, se for ditada pelo coração.

324. Os Espíritos das pessoas homenageadas com estátuas ou monumentos assistem às inaugurações e veem-nas com prazer?

Muitos assistem, quando podem, mas são menos sensíveis às honras que lhes tributam do que à sua recordação.

325. Qual a razão da preferência que certas pessoas têm de ser sepultadas em determinado lugar? Regressam a esse local com mais satisfação após a morte? Essa importância dada a uma coisa material é sinal de inferioridade do Espírito?

A afeição do Espírito por certos lugares representa inferioridade moral. Que mais pode significar um pedaço de terra do que outro para o Espírito elevado ? De resto, sabe que a sua alma se reunirá aos que ama, mesmo que os seus ossos estejam separados.

325-a. A reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família num jazigo deve ser considerada como futilidade?

Não. É um costume piedoso e um testemunho de simpatia por quem se amou. Se essa reunião pouco importa para os Espíritos, é útil para os homens. A celebração da lembrança tem mais recolhimento.

326. A alma que regressa à vida espiritual é sensível às honras prestadas aos seus restos mortais?

Quando o Espírito chegou a um certo grau de perfeição, já não tem a vaidade terrestre e compreende a futilidade de todas essas coisas. Há Espíritos, porém, que no primeiro momento da morte têm grande satisfação com as honras que lhes tributam, ou que se desgostam pela falta de cuidado com o seu corpo, por conservarem ainda alguns preconceitos deste mundo.

327. Os Espíritos assistem ao seu funeral?

Muito frequentemente assim acontece, mas algumas vezes não percebem o que se passa, se ainda estiverem na fase da perturbação.

327-a. Ficam lisonjeados com a presença de acompanhantes no seu funeral?

Mais ou menos, segundo os sentimentos que os animam.

328. O Espírito do falecido assiste à reunião de herdeiros?

Quase sempre. Deus o quer para a sua própria instrução e para castigo dos culpados. É nessa ocasião que vê quanto valiam os sentimentos que lhe demonstravam. Para si tudo se torna claro e a deceção que tem perante a ganância dos que dividem os seus bens, esclarece-o bem. A vez deles, contudo, também chegará um dia.

329. O respeito instintivo do ser humano pelos mortos, em todos os tempos e entre todos os povos, é um efeito da intuição que ele tem da vida depois da morte?

É a sua consequência natural. Sem isso tal respeito não teria sentido.

[42 - Respeito pelos mortos]

CAPÍTULO VII – retorno à vida corporal

I – Prelúdio do regresso

330. Os Espíritos conhecem a época em que irão reencarnar?

Pressentem-na, como um cego sente o fogo de que se aproxima. Sabem que devem retomar um corpo, como vós sabeis que ides morrer um dia, mas sem saber quando isso acontecerá. (Ver pergunta 166)

330-a. A reencarnação, portanto, é uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

Seguramente que assim é.

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

Há os que nem sequer pensam nela e que nem mesmo a compreendem, isso depende da sua natureza mais ou menos evoluída. Para alguns, a incerteza em que se encontram quanto ao seu futuro é uma punição.

332. O Espírito pode aproximar ou retardar o momento da sua reencarnação ?

Pode abreviá-lo, solicitando-o pelos seus desejos. Pode também retardá-lo, se recuar perante a prova, porque entre os Espíritos também há cobardes e indiferentes, mas não o faz impunemente. Sofre com isso, como aquele que recusa o remédio que o pode curar.

333. Se um Espírito desencarnado se sentir suficientemente feliz, numa condição mediana entre os Espíritos, e não tiver a ambição de se elevar, pode prolongar indefinidamente esse estado?

Indefinidamente, não. A evolução é uma necessidade que o Espírito sente, mais cedo ou mais tarde. Todos têm que evoluir, é o seu destino.

334. A união da alma com determinado corpo está predestinada ou é só no último momento que se faz a escolha?

O Espírito é sempre designado primeiro. Escolhendo a prova que deseja prestar, o Espírito pede para encarnar. Deus, que tudo sabe e tudo vê, soube e viu com antecedência que certa alma se uniria a certo corpo.

335. O Espírito tem o direito de escolher o corpo que deve ocupar ou somente o género de vida que lhe deve servir de prova?

Pode também escolher o corpo, porque as imperfeições desse corpo são provações que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados. A escolha nem sempre depende dele, mas pode pedir.

335-a. O Espírito pode, no último momento, recusar-se a entrar no corpo escolhido para si?

Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.

336. Poderá acontecer que uma criança que deve nascer não encontre um Espírito para encarnar nela?

Deus atenderia a essa situação. A criança, quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada. Nada foi criado sem um desígnio.

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

Pode ser imposta, da mesma maneira que as diversas provas a prestar, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a unir-se ao corpo de certa criança que, pelo seu nascimento e pelas condições que terá no mundo, poderá tornar-se para ele uma provação.

338. Se acontecesse que vários Espíritos se apresentassem para ocupar um mesmo corpo que vai nascer, como se decidiria entre eles?

Vários podem pedi-lo. É Deus que julga nesses casos qual é o Espírito mais capaz de cumprir a missão à qual a criança está destinada. Mas, como já disse, o Espírito é designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.

339. O momento da encarnação é seguido de perturbação semelhante ao que se verifica na desencarnação?

Muito maior e, sobretudo, mais longa. Na hora da morte, o Espírito deixa a escravidão. No momento em que nasce, entra nela.

[43 - A morte, transformação libertadora]

340. O instante em que o Espírito deve encarnar é para ele um instante solene? Cumpre esse ato como coisa grave e importante para si?

É como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se vai encontrar a morte nas vagas que enfrenta.

− O viajante que embarca sabe os perigos a que se expõe, mas ignora se irá naufragar, tal como acontece com o Espírito: conhece o género de provas a que vai submeter-se, mas não sabe se sucumbirá.

Tal como a morte do corpo é um renascimento para o Espírito, a reencarnação é, para ele, uma espécie de morte, ou antes, uma espécie de exílio e de clausura. Deixa o mundo dos Espíritos para entrar no mundo corporal, como o ser humano deixa o mundo corporal para reentrar no mundo dos Espíritos.

O Espírito sabe que reencarnará, como o ser humano sabe que morrerá. Como este, porém, só tem consciência disso no último momento, quando chega o tempo próprio. É nesse momento supremo que a perturbação causada pela mudança toma conta dele, como acontece aos que estão às portas da morte. Essa perturbação dura até que a nova existência esteja completamente estabelecida. Para o Espírito, o início da reencarnação é uma espécie de agonia.

341. A incerteza do Espírito, quanto à eventualidade do sucesso nas provas que vai prestar em vida, é uma causa de ansiedade antes da encarnação?

É uma grande ansiedade, uma vez que as provas da sua existência podem retardá-lo ou fazê-lo avançar, conforme as enfrentar bem ou mal.

342. No momento da reencarnação o Espírito é acompanhado por outros, seus amigos, que vêm assistir à sua partida do mundo espírita, como vêm recebê-lo quando regressar ?

Isso depende da esfera em que o Espírito habita. Se está nas esferas em que reina o afeto, os Espíritos que o amam acompanham-no até ao derradeiro momento, encorajam-no e, frequentemente, seguem-no até durante a vida.

343. Os Espíritos amigos que nos seguem durante a vida são aqueles que às vezes vemos em sonhos, que nos testemunham a sua afeição e que se nos apresentam com feições desconhecidas?

Muito frequentemente, sim. Vêm visitar-vos, como quem vai ver um prisioneiro detrás das grades.

II – União da alma com o corpo

344. Quando é que a alma se une ao corpo?

A união começa na conceção, mas só se completa no instante do nascimento. Desde o momento da conceção, o Espírito designado para tomar determinado corpo junta-se-lhe por uma ligação fluídica que se vai estreitando cada vez mais, até ao instante em que a criança vem à luz.

O grito, que a criança solta nesse momento, anuncia então que entrou para o número dos vivos e dos servidores de Deus.

345. A união entre o Espírito e o corpo é definitiva desde o momento da conceção? Durante esse primeiro período, o Espírito poderia renunciar a tomar o corpo que lhe foi designado?

A união é definitiva, no sentido em que outro Espírito não poderia substituir o que foi designado para aquele corpo. Porém, como os laços que o prendem são muito frágeis, quebram-se com facilidade, e podem sê-lo pela vontade do Espírito que recua ante a prova que escolheu. Nesse caso, a criança não vive.

346. Que acontece ao Espírito se o corpo que ele escolheu morre antes de nascer?

Escolhe outro corpo.

346-a. Qual pode ser a causa dessas mortes prematuras?

As causas mais frequentes dessas mortes são imperfeições físicas.

347. Que benefício pode ter para um Espírito a sua encarnação num corpo que morre poucos dias depois de nascer?

O ser não tem a consciência da sua existência suficientemente desenvolvida. A importância da morte é quase nula. É muitas vezes, como já dissemos, uma prova para os pais.

348. O Espírito sabe, antecipadamente, que o corpo que escolheu não tem possibilidade de viver?

Algumas vezes sabe, mas se o escolheu por esse motivo é porque recua diante da prova.

349. Quando a encarnação de um Espírito falha, por qualquer motivo, é substituída imediatamente por uma outra existência?

Nem sempre de forma imediata. O Espírito necessita de tempo para escolher de novo, a menos que a reencarnação instantânea provenha de uma determinação anterior.

350. O Espírito, uma vez unido ao corpo da criança e já não podendo desistir dessa ligação, lamenta alguma vez a escolha feita?

Queres perguntar se, como indivíduo, se queixa da vida que tem? Se desejaria ter outra? Sim. Quanto à escolha feita, não poderá queixar-se, porque não tem a consciência de que foi ele mesmo que a fez. O Espírito, uma vez encarnado, não pode lamentar uma escolha de que já não se recorda. Achando a carga muito pesada e considerando-a acima das suas forças, por vezes, recorre ao suicídio.

351. No período que vai da conceção ao nascimento, o Espírito dispõe de todas as suas faculdades?

Mais ou menos, segundo a fase desse intervalo, porque ainda não está encarnado. Encontra-se apenas ligado ao corpo. Desde o instante da conceção, a perturbação começa a envolver o Espírito, advertindo-o de que chegou o momento de tomar uma nova existência. Essa perturbação vai crescendo até ao nascimento. Nesse intervalo, o seu estado é, mais ou menos, o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo. À medida que o momento do nascimento se aproxima, as suas ideias apagam-se, bem como a lembrança do passado, do qual já não tem consciência uma vez entrado na vida. Mas recupera essa lembrança pouco a pouco, quando regressar de novo à sua condição de Espírito.

352. No instante do nascimento, o Espírito recupera imediatamente a plenitude das suas faculdades?

Não, essa plenitude é atingida gradualmente com o desenvolvimento dos órgãos. O Espírito encontra-se numa nova existência. É preciso que aprenda a servir-se dos seus instrumentos fisiológicos. As ideias regressam, pouco a pouco, como uma pessoa que acorda e se encontra numa posição diferente daquela que tinha antes de adormecer.

353. Uma vez que a união do Espírito com o corpo só está completa, e definitivamente consumada depois do nascimento, pode considerar-se que o feto já é uma alma?

O Espírito que deve animá-lo existe, de certa maneira, fora dele. Não há, portanto, falando com propriedade, uma alma, visto que a encarnação está apenas em vias de se realizar. Contudo, está ligado à alma que deve possuir.

354. Como se explica a vida intra-uterina?

É como a vida da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O ser humano tem em si a vida vegetal e a vida animal, que completa, ao nascer, com a vida espiritual.

355. Como indica a ciência, há crianças que desde o ventre da mãe não têm possibilidades de viver. Qual é a finalidade disso?

Acontece frequentemente. Deus permite-o como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar.

356. Há nados-mortos que não foram destinados à encarnação de um Espírito?

Sim, há os que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos. Nada devia cumprir-se neles. Foi somente pelos pais que essa criança veio.

356-a. Um ser dessa natureza pode ser dado à luz?

Nasce, mas não sobrevive.

356-b. Qualquer criança que sobrevive ao nascimento tem, necessariamente, um Espírito encarnado em si?

Que seria ela sem o Espírito ? Não seria um ser humano.

357. Quais são as consequências do aborto para o Espírito?

São as de uma existência nula e a recomeçar.

358. O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da conceção?

Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida à criança antes do seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.

359. Se a vida da mãe estiver em perigo pelo nascimento da criança, haverá crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

É preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.

360. É racional ter pelos fetos o mesmo respeito que se tem pelo corpo de uma criança que tenha vivido?

Vede em tudo isto a vontade de Deus e a sua obra. Não trateis com superficialidade as coisas que deveis respeitar. Por que motivo não respeitar as obras da criação, que estão incompletas às vezes por vontade do Criador? Isso pertence aos seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar.

III – Faculdades morais e intelectuais

361. Qual é a origem das qualidades morais do ser humano, boas ou más?

As qualidades do ser humano são as do Espírito que nele encarnou. Quanto mais puro for esse Espírito maior será a sua inclinação para o bem.

361-a. Parece resultar daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem cruel a de um mau Espírito?

Sim, mas diz antes tratar-se de um Espírito imperfeito. De outra forma, poderíamos acreditar nos Espíritos sempre maus, a que chamais demónios.

362. Qual é o caráter dos indivíduos em que encarnam os Espíritos superficiais e descuidados?

São estouvados, travessos e, algumas vezes, malfazejos.

363. Os Espíritos têm paixões que não pertencem à Humanidade?

Não. Se assim fosse ter-vos-iam dado a conhecer essas paixões.

364. É o mesmo Espírito que dá ao ser humano as qualidades morais e as da inteligência?

Seguramente que é o mesmo, de acordo com o nível evolutivo a que tenha chegado, visto que o ser humano não tem em si dois Espíritos.

365. Por que motivo certos homens muito inteligentes, o que constitui indício de existir neles um Espírito superior, são, em certos casos, ao mesmo tempo, profundamente cruéis?

É porque o Espírito encarnado não é suficientemente puro e o ser humano cede à influência de Espíritos inferiores. O Espírito progride numa marcha ascendente impercetível, mas o progresso não se realiza simultaneamente em todos os sentidos: num período pode avançar em conhecimento, noutro em moralidade.

366. As várias faculdades intelectuais e morais do ser humano seriam o produto de outros tantos Espíritos nele encarnados, tendo cada qual uma capacidade especial?

Essa opinião é absurda. O Espírito deve ter todas as capacidades. Para progredir necessita de uma vontade única. Se o indivíduo fosse uma amálgama de Espíritos, essa vontade não existiria e ele não teria individualidade, porque na sua morte, todos esses Espíritos seriam como um bando de pássaros fugindo de uma gaiola. O ser humano queixa-se, muitas vezes, de não compreender certas coisas, mas é curioso ver-se como multiplica as dificuldades, quando tem ao seu alcance uma explicação muito simples e natural. Isso é, de novo, tomar o efeito pela causa, é fazer em relação a si o que os pagãos faziam em relação a Deus. Acreditavam em tantos deuses quantos os fenómenos do Universo. Nesse conjunto, contudo, as pessoas sensatas viam apenas efeitos que tinham por causa um Deus único.

− O mundo físico e o mundo moral oferecem-nos, a este respeito, numerosos termos de comparação. Enquanto a atenção se confinou à aparência dos fenómenos, acreditou-se na existência de muitas qualidades de matéria. Hoje, compreende-se que esses fenómenos, tão variados, podem ser apenas modificações de uma única matéria elementar. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa que é a alma, ou o Espírito encarnado, e não de muitas almas, como os diferentes sons do órgão são produto de uma mesma espécie de ar, e não de tantas espécies de ar quantos os sons audíveis.

Resultaria dessa teoria que, quando um indivíduo perde ou adquire certas aptidões, certas tendências, isso significaria que outros tantos Espíritos se teriam afastado ou aproximado de si, o que faria dele um ser múltiplo, sem individualidade e, consequentemente, sem responsabilidade. Isto édesmentido, além do mais, pelos tão numerosos exemplos de manifestações em que os Espíritos provam a sua personalidade e a sua identidade.

IV − Influência do organismo

367. O Espírito, ao unir-se ao corpo, identifica-se com a matéria?

A matéria é só o revestimento do Espírito, como a roupa é o revestimento do corpo. O Espírito, ao unir-se ao corpo, conserva os atributos da natureza espiritual.

368. As faculdades do Espírito exercem-se com toda a liberdade após a sua união com o corpo?

O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento e são enfraquecidas pela densidade da matéria.

368-a. De acordo com isso, o corpo material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz?

Sim, e bastante opaco.

- Pode ainda comparar-se a ação da matéria densa do corpo sobre o Espírito à de uma água lamacenta, que tira a liberdade de movimentos ao corpo nela mergulhado.

369. O livre exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?

Os órgãos são instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Esta manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a qualidade de um trabalho está subordinado à qualidade da ferramenta.

370. Pode deduzir-se da influência dos órgãos uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais ?

Não deve confundir-se o efeito com a causa. O Espírito tem sempre as faculdades que lhe são próprias. Não são os órgãos que lhe dão as faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.

370-a. De acordo com isso, a diversidade das aptidões entre os homens deriva unicamente das qualidades do Espírito?

Unicamente não é o termo exato. As qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado, constituem o princípio. É necessário, porém, ter em conta a influência da matéria que impede, relativamente, o exercício dessas faculdades.

− O Espírito que encarna traz consigo certas predisposições. Se admitirmos a existência, para cada uma delas, de um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa.

Se as faculdades das pessoas fossem o resultado dos seus órgãos corporais, o ser humano seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem a responsabilidade dos seus atos. Teríamos de admitir que os maiores génios, sábios, poetas e artistas, só são génios porque o acaso lhes deu certos órgãos muito especiais, sem os quais não seriam génios; e que a menos dotada das criaturas poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, se tivessem tido órgãos com qualidade equivalente. Suposição esta que é ainda mais absurda se aplicada às qualidades morais.

Segundo esta teoria, São Vicente de Paulo, dotado pela natureza com determinado órgão, poderia ter sido um homem mau; e não faltaria ao pior dos homens mais do que um órgão especial para ser tão elevado como São Vicente de Paulo.

Admiti, pelo contrário, que se existem realmente tais órgãos, são uma consequência, que se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos pelo movimento, e tudo fará sentido.

Tomemos uma comparação trivial, por ser evidente: através de certos sinais fisionómicos é fácil reconhecer uma pessoa que seja dada à bebida. É o aspeto que faz dela aquilo que é, ou é o vício que produz o seu aspeto? Pode, portanto, afirmar-se que os órgãos é que são uma consequência das faculdades.

V – Debilidade mental e loucura

371. As pessoas com debilidade mental têm uma alma de natureza inferior?

Não. Têm uma alma humana, frequentemente mais inteligente do que pensais, e que sofre muito com a insuficiência dos meios de que dispõe para comunicar, como o mudo sofre por não poder falar.

372. Qual é o objetivo da Providência ao criar seres infelizes dessa natureza?

São Espíritos em punição que vivem em corpos enfermos. Sofrem com o constrangimento a que estão sujeitos e com a impossibilidade de se manifestarem através de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.

372a. Então os órgãos não têm influência sobre as faculdades?

Nunca dissemos isso. Têm grande influência na manifestação das faculdades, mas não as produzem. É aí que está a diferença. Um bom músico com um mau instrumento não fará boa música, o que não o impede de ser um bom músico.

– É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, a força moral supera o obstáculo que a matéria lhe opõe. Há casos, porém, em que a matéria oferece uma tal resistência que as manifestações do Espírito encarnado são dificultadas ou mesmo modificadas, como na debilidade mental e na loucura. São casos patológicos e, em tal estado, a alma não goza de toda a sua liberdade e a própria lei humana a liberta da responsabilidade dos seus atos.

373. Qual o mérito da existência para seres com debilidade mental? Não podendo fazer o bem nem o mal, não podem progredir?

É uma expiação imposta aos abusos que tenham feito de certas faculdades, é uma pausa na sua carreira.

373 a. Um corpo de um débil mental pode ser habitado por um Espírito que tivesse animado um homem de génio numa existência precedente?

Sim, o génio torna-se às vezes um flagelo, quando dele se abusa.

-A superioridade moral nem sempre éproporcionalàsuperioridade intelectual e os maiores génios podem ter muito a expiar. Isso traz-lhes, muitas vezes, uma situação inferior àquela que já cumpriram antes e uma causa de sofrimentos. Os entraves que o Espírito experimenta nas suas manifestações são como cadeias que constrangem os movimentos de um homem vigoroso. Pode dizer-se que os débeis mentais são estropiados do cérebro, como o coxo é das pernas e o cego dos olhos.

374. O débil mental, na condição de Espírito, tem consciência do seu estado?

Sim, muito frequentemente. Compreende que as cadeias que embaraçam o seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação.

375. Qual é a situação do Espírito de uma pessoa que sofre de loucura?

O Espírito, quando em liberdade, recebe diretamente as suas impressões e exerce diretamente a sua ação sobre a matéria. Se estiver encarnado, porém, encontra-se em condições totalmente diferentes e com a necessidade de só poder exprimir-se com a ajuda de órgãos especiais. Se uma parte ou um conjunto desses órgãos estiver alterado, a sua ação ou as suas impressões, no que diz respeito a esses órgãos, ficam comprometidas. Se perde os olhos, fica cego, sem os ouvidos, fica surdo, etc.

Imaginando que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade está parcial ou inteiramente atacado ou modificado, será fácil compreender que, só tendo o Espírito ao seu serviço órgãos incompletos ou alterados, disso resulta uma perturbação da qual o Espírito, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não tem capacidade de dominar.

375-a. Então, é sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado ?

Sim, mas é necessário não perder de vista que, da mesma maneira que o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre ele em certa medida, e que o Espírito pode encontrar-se então momentaneamente impressionado pela alteração dos órgãos através dos quais se manifesta e recebe as suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou muito, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual só se livrará depois da sua completa separação de todas as impressões materiais.

376. Por que razão a loucura leva algumas vezes ao suicídio?

O Espírito sofre pelo constrangimento a que está submetido e pela impotência de manifestar-se livremente. É por isso que procura na morte o meio de quebrar as suas cadeias.

377. O Espírito do doente mental ressente-se, após a morte, da perturbação das suas faculdades?

Pode ressentir-se, durante algum tempo após a morte, até se desligar completamente da matéria. Tal como a pessoa que, ao acordar, se ressente por algum tempo da perturbação em que o sono o mergulhou.

378. Como é que a alteração do cérebro pode atuar sobre o Espírito, após a morte?

É uma lembrança. Um peso oprime o Espírito e, como não teve conhecimento de tudo o que se passou durante a sua loucura, precisa de algum tempo para tomar conhecimento do que se passa. É por isso que, quanto mais tenha durado a loucura durante a vida, mais longamente durará o incómodo e o constrangimento após a morte. O Espírito, desligado do corpo, ressente-se por algum tempo da impressão das suas cadeias.

VI - Da infância

379. O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão evoluído como o de um adulto ?

Pode até ser mais evoluído, se estiver mais avançado. É apenas o seu organismo fisiológico, ainda incompletamente desenvolvido, que o impede de se manifestar. A criança age da forma que lhe permite a sua condição biológica.

380. O Espírito de uma criança de tenra idade, para além do obstáculo que a imaturidade do organismo opõe à sua livre manifestação, pensa como criança ou como adulto?

Enquanto criança, não estando desenvolvidos os órgãos da inteligência, é natural que não possam dar-lhe toda a intuição de um adulto. Tem a inteligência bastante limitada, até que a idade lhe amadureça a razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa de súbito com o nascimento e só se dissipa gradualmente com o desenvolvimento do organismo.

- Uma observação apoia esta resposta: os sonhos de uma criança não têm o caráter dos sonhos de um adulto, os seus temas são quase sempre infantis, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Com a morte da criança, o Espírito retoma imediatamente o seu vigor natural?

Assim deve ser, visto que está liberto do seu organismo corpóreo. Entretanto, não retoma a sua lucidez natural enquanto a separação não estiver completa, ou seja, enquanto não desaparecer toda a ligação entre o Espírito e o corpo.

382. O Espírito encarnado sofre, durante a infância, com o constrangimento imposto pela imperfeição dos seus órgãos?

Não, esse estado é uma necessidade, é natural e está de acordo com os desígnios da Providência. É um tempo de repouso para o Espírito.

383. Para o Espírito, qual é a utilidade de passar pela infância?

Como o Espírito encarna tendo como finalidade o seu aperfeiçoamento, é mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar a sua evolução, para a qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação.

384. Por que motivo são de choro os primeiros gritos da criança?

Para estimular o interesse da mãe e provocar os cuidados que lhe são necessários. Se só tivesse gritos de alegria quando ainda não sabe falar, aqueles que o rodeiam pouco se inquietariam com as suas necessidades. Admirai, pois, em tudo, a sabedoria da Providência.

385. De que deriva a mudança que se opera no seu caráter a uma certa idade e, particularmente, ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

É o Espírito que recupera a sua natureza e se mostra tal qual era.

Não conheceis o segredo que as crianças escondem por detrás da sua inocência. Não sabeis o que elas são, nem o que foram, nem o que serão. No entanto, são amadas e estimadas como se fossem uma parte de vós mesmos. De tal maneira, que o amor de uma mãe pelos seus filhos é tido como o maior amor que alguém possa ter por outro ser. De onde vem essa doce afeição, essa terna benevolência que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabeis de onde vem? Não. É isso que vou explicar.

As crianças são os seres que Deus envia a novas existências. Para que não possam acusá-lo de demasiada severidade, dá-lhes todas as aparências da inocência. Mesmo uma criança de natureza má tem as suas faltas cobertas pela falta de consciência dos seus atos.

Tal inocência não é uma superioridade real em relação ao que eram antes, é apenas a imagem do que deveriam ser. Se assim não são, é sobre elas somente que recai a pena.

Mas não é somente por elas que Deus lhes dá esse aspeto. É também, e sobretudo, pelos seus pais, cujo amor é necessário à fragilidade infantil. Esse amor seria extraordinariamente enfraquecido pela presença de um caráter intratável e recalcitrante. Supondo os filhos bons e ternos, os pais dão-lhes

toda a afeição e rodeiam-nos dos cuidados mais delicados. Porém, logo que as crianças já não necessitam dessa proteção, dessa assistência que lhes foi dispensada durante quinze a vinte anos, o seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom, se era fundamentalmente bom, mas sempre afetado por matizes que estavam ocultos na primeira infância. Vede que os caminhos de Deus são sempre os melhores e que, quando se tem o coração puro, é fácil encontrar justificação para todas as coisas.

Com efeito, é preciso ter em conta que o Espírito da criança pode vir de um mundo em que tenha adquirido hábitos inteiramente diferentes. Como desejar que vivesse convosco esse novo ser, com paixões tão diversas e gostos tão opostos aos vossos? Como desejar que se integrasse no vosso ambiente senão como Deus quis, ou seja, depois de ter passado pela fase da infância? Nesta vêm fundir-se todos os pensamentos, todas as características, todas as variedades de seres originados por essa multidão de mundos em que se desenvolvem criaturas. Vós mesmos, ao morrer, encontrar-vos-eis numa espécie de infância, rodeados de novos irmãos, e na nova existência não terrestre ignorareis os hábitos, os costumes, as formas de relação desse - para vós - mundo novo; manejareis com dificuldade uma língua que não estais habituados a falar, língua mais viva do que é atualmente o vosso pensamento. (Ver pergunta 319)

A infância tem ainda outra utilidade. Os Espíritos só ingressam na vida corporal para se aperfeiçoarem, para evoluírem, e a debilidade dos primeiros anos torna-os flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder.

É assim que a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mas ainda a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

VII – Simpatias e antipatias terrenas

386. Dois seres que se conheceram e se amaram podem encontrar-se noutra existência corporal e reconhecerem-se?

Reconhecerem-se, não, mas serem atraídos um pelo outro, sim. Frequentemente as ligações íntimas, fundadas numa afeição sincera, têm essa causa. Dois seres aproximam-se um do outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são o resultado da atração de dois Espíritos que se buscam através da multidão.

386-a. Não seria mais agradável para eles reconhecerem-se?

Nem sempre. A recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que pensais. Após a morte reconhecer-se-ão e terão conhecimento dos tempos que passaram juntos. (Ver pergunta 392)

387. A simpatia tem sempre por motivo um conhecimento anterior?

Não. Dois Espíritos com afinidade procuram-se naturalmente sem que se tenham conhecido antes como pessoas.

388. Os encontros que se dão entre certas pessoas e que se atribuem ao acaso, não serão o efeito de uma espécie de relacionamentos simpáticos?

Há entre os seres pensantes ligações que ainda não conheceis. O magnetismo é o mestre dessa ciência, que mais tarde compreendereis melhor.

389. De onde vem a repulsa instintiva que se sente à primeira vista por certas pessoas?

São Espíritos antipáticos que se adivinham e se reconhecem, sem sequer se falarem.

390. A antipatia instintiva é sempre um sinal de mau caráter ?

Dois Espíritos não são necessariamente maus pelo facto de não serem simpáticos. A antipatia deriva do diferente modo de pensar. Porém, à medida que esses Espíritos evoluem, as diferenças apagam-se e a antipatia desaparece.

391. A antipatia entre duas pessoas nasce em primeiro lugar da parte daquela cujo Espírito é pior ou daquela cujo Espírito é melhor?

De uma e de outra, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mau sente antipatia por quem o possa julgar e desmascarar. Vendo uma pessoa pela primeira vez, percebe que ela vai desaprová-lo, o seu afastamento transforma-se em ódio, inveja, e inspira-lhe o desejo de fazer o mal.

O bom Espírito sente repulsa pelo mau, porque sabe que não será compreendido e que não partilham os mesmos sentimentos. Seguro da sua superioridade, porém, não sente contra o outro nem ódio, nem inveja. Contenta-se em evitá-lo e lastimá-lo.

VIII – Esquecimento do passado

392. Porque perdem os Espíritos encarnados a lembrança do seu passado?

O ser humano nem pode nem deve saber tudo, Deus assim o quer na sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas ficaria deslumbrado, como aquele que passa sem transição da obscuridade para a luz. Pelo esquecimento do passado é mais igual a si mesmo.

393. Como pode o ser humano ser responsável por atos e reabilitar-se de faltas de que não se recorda? Como pode aproveitar-se da experiência adquirida em existências anteriores que caíram no esquecimento? Seria razoável que as dificuldades da vida fossem para ele uma lição, se pudesse lembrar-se daqueles que lhas causaram. Uma vez que não se recorda, cada nova existência é para ele como se fosse a primeira e a vida torna-se como um eterno recomeço. Como conciliar isso com a justiça de Deus?

A cada nova existência tem mais inteligência e pode distinguir melhor o bem e o mal. Onde estaria o seu mérito, se se recordasse de todo o passado? Quando o Espírito desencarna e regressa à sua vida de origem, a vida espiritual, toda a sua vida passada se desenrola diante dele. Vê as faltas cometidas e que são causa do seu sofrimento, bem como aquilo que poderia tê-lo impedido de cometê-las. Fica a compreender que a posição que lhe é dada é justa e procura então a existência futura adequada para aperfeiçoar a experiência da vida acabada de viver. (Ver resumo do espiritismo, no capítulo VI da Introdução desta obra eperguntas 305 a 307)

Procura provas semelhantes àquelas pelas quais já passou, ou as lutas que acredita apropriadas para melhorar a sua evolução. Pede a Espíritos que lhe são superiores para o ajudarem na nova tarefa a empreender, porque sabe que o Espírito que lhe será dado como guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar as suas faltas anteriores, dando-lhe perceções intuitivas a respeito das mesmas faltas.

Essa mesma intuição é como o desejo de fazer o mal que às vezes vos assalta e ao qual resistis instintivamente, atribuindo a vossa resistência moral aos princípios recebidos dos vossos pais. Contudo, é a voz da consciência que vos fala, voz que é recordação do passado que vos avisa para não cair nas faltas anteriormente cometidas.

O Espírito, entrado nessa nova existência, se presta as suas provas com coragem e se resiste, eleva-se e ascenderá na hierarquia dos Espíritos, quando regressar para junto deles. Se não temos, durante a vida corporal, uma recordação exata daquilo que fomos e do que fizemos de bem ou de mal nas existências anteriores, temos a intuição disso, e as nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado, às quais a consciência - que representa o desejo intencional de não voltar a cometer as mesmas faltas - nos avisa que devemos resistir.

394. Nos mundos mais evoluidos do que o nosso, onde as pessoas não são vítimas de todas as nossas necessidades físicas e das nossas enfermidades, os seus habitantes compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade em geral é relativa, sentimo-la por comparação com os estados menos felizes. Como esses mundos, embora melhores do que o nosso, não chegaram ao estado de perfeição, os que neles habitam devem ter motivos de aborrecimento relativos à sua situação. Entre nós, o rico, ainda que não sofra a angústia das necessidades materiais como o pobre, não está menos sujeito a preocupações que lhe amarguram a vida. Pergunto se os habitantes desses mundos, na sua posição, não se sentem tão infelizes como nós e não se lastimam da sua sorte, uma vez que lhes falta a lembrança de uma existência inferior para fazerem comparações?

A isso é preciso dar duas respostas diferentes. Há mundos, entre aqueles de que falas, cujos habitantes têm uma lembrança muito clara e exata das suas existências passadas. Esses, como compreendes, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite desfrutar. Mas há outros mundos onde os habitantes, situados como dizes em melhores condições que vós, nem por isso deixam de ter incómodos e mesmo infelicidades. Esses não apreciam a sua felicidade porque não têm termo de comparação com estados anteriores mais infelizes. Mas, se não a apreciam como seres humanos, apreciam-na como Espíritos.

− No esquecimento dessas existências passadas, sobretudo quando foram penosas, há algo de providencial que revela a sabedoria divina.

Nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes já não aflige ninguém, é que elas vêm à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades presentes seriam naturalmente agravadas pela recordação de todas aquelas que foram suportadas.

Concluamos, portanto, que tudo quanto Deus faz é bem feito, e que não nos cabe criticar as suas obras dizendo como deveria ter regulado o Universo.

A lembrança das nossas individualidades anteriores teria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos de forma estranha. Noutros casos poderia exaltar o nosso orgulho e, por isso mesmo, limitar o nosso livre-arbítrio. Deus deu-nos, para evoluirmos, justamente o que nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e as nossas tendências instintivas. Deus oculta-nos o que nos poderia fazer mal.

Acrescentemos ainda que, se tivéssemos a lembrança dos nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos atos alheios, e esse conhecimento poderia ter os mais desagradáveis efeitos sobre as relações sociais. Não tendo sempre motivo para nos orgulharmos do nosso passado, é muitas vezes uma felicidade que sobre ele seja lançado um véu de esquecimento.

Estas considerações estão perfeitamente de acordo com as informações dos Espíritos a respeito dos mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde reina o bem, nada há de penoso na lembrança

do passado. Épor isso que neles se recorda com frequência a existência precedente, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto às estadias que tenhamos podido fazer por mundos inferiores, a sua lembrança é apenas um sonho mau.

395. Podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências anteriores?

Nem sempre. Muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram. Se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam significativas revelações sobre o passado.

396. Algumas pessoas julgam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido, que se lhes apresenta como uma imagem fugidia de um sonho que em vão se procura fixar. Essa ideia não será uma ilusão?

Algumas vezes é real, mas muitas vezes é também uma ilusão perante a qual deve haver precaução. Pode ser o efeito de uma imaginação muito agitada.

397. Nas existências corporais de natureza mais elevada do que a nossa, a recordação das existências anteriores é mais exata?

Sim, à medida que o corpo se torna menos materializado, recorda-se melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam nos mundos de uma ordem superior.

398. O estudo das tendências instintivas das pessoas, que são uma reminiscência do seu passado, poderá revelar-lhe as faltas que cometeram?

Sem dúvida, até certo ponto, mas é necessário ter em conta o progresso espiritual que possam ter realizado e as resoluções que tomaram antes de regressarem à vida no corpo material. A existência atual pode ser muito melhor do que a precedente.

398-a. Poderá também ser pior? Por outras palavras, poderão as pessoas cometer numa existência faltas que não tenham cometido na precedente?

Isso depende da sua evolução. Se não sabem resistir à tentação, podem ser levadas a cometer novas faltas que serão a consequência da situação que escolheram. Em geral, esse género de faltas revela uma posição mais estacionária do que de retrocesso, porque o Espírito pode avançar ou deter-se, mas não recuar. (Ver pergunta 118)

399. Sendo as dificuldades da vida corporal ao mesmo tempo uma oportunidade de corrigir as faltas passadas e provas para o futuro, poderá, pela natureza dessas dificuldades, conhecer-se o género da existência anterior?

Muitas vezes, visto que cada um expia as suas faltas, mas essa regra não é absoluta. As tendências instintivas fornecem uma indicação mais exata, porque as provas pelas quais o Espírito passa são tanto para o futuro como para o passado.

- Chegado ao fim determinado pela Providência para a sua vida no mundo espiritual, o Espírito escolhe por si mesmo as provas a que deseja submeter- se para apressar o seu avanço, ou seja, o género de existência que julga mais apropriada para lhe fornecer os meios de evoluir. Essas provas correspondem sempre às faltas que deve expiar. Se triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que fazer tudo de novo.

O Espírito dispõe sempre de livre-arbítrio. É em virtude dessa liberdade que, desencarnado, escolhe as provas da vida corporal e que ao longo da encarnação decide o que fará ou não fará,

escolhendo entre o bem e o mal. Negar ao ser humano o livre-arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina.

Regressando à vida corporal, o Espírito perde a lembrança das suas existências anteriores, como se um véu lhas ocultasse. Todavia, conserva das mesmas uma vaga consciência e podem mesmo ser-lhe reveladas em certas circunstâncias. Mas isto só acontece pela vontade dos Espíritos superiores que o fazem espontaneamente, com um fim útil e jamais para satisfazer uma curiosidade supérflua. As existências futuras não podem ser reveladas em caso algum, por dependerem da maneira como cumpre a existência presente e da escolha ulterior do Espírito. O esquecimento das faltas cometidas não é obstáculo ao aperfeiçoamento do Espírito. O conhecimento que delas teve no mundo espiritual e o desejo que alimentou de as emendar, guiam-no pela intuição e inspiram-no a resistir ao mal. Este pensamento é a voz da consciência, na qual é apoiado pelos Espíritos que o assistem, se permanecer atento às boas inspirações que estes lhe sugerem.

Se não conhece exatamente os atos que cometeu nas existências anteriores, pode saber sempre qual o género de faltas que cometeu e quais as suas características. Basta que se estude a si mesmo e poderá julgar o que foi, não por aquilo que é, mas pelas suas tendências.

As dificuldades da vida corporal são simultaneamente oportunidade de correção das faltas passadas, e provas para o futuro. Purificam-nos e elevam-nos, sob a condição de as suportarmos com resignação e sem queixumes.

A natureza das dificuldades e das provas por que passamos pode também esclarecer-nos sobre o que fomos e sobre o que fizemos, como neste mundo avaliamos a gravidade dos atos de um culpado pelo tipo de pena que a lei lhe aplicou. Desta forma, aquele que errou por orgulho poderá vir a aperfeiçoar-se pela humildade de uma posição inferior; o mau rico, comodista e avarento, pela pobreza; aquele que foi duro para os outros, poderá corrigir-se pelas durezas que enfrentará; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão dos seus filhos; o preguiçoso, pelo trabalho forçado; etc.

CAPÍTULO VIII – Emancipação da alma

I – O Sono e os sonhos

400. O Espírito encarnado reside de boa vontade no seu corpo material?

É como perguntar ao prisioneiro se está satisfeito quando encarcerado na prisão. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação, e quanto mais denso for o corpo material, mais deseja ver-se livre dele.

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

Não, o Espírito nunca está inativo. Durante o sono, as ligações que o unem ao corpo afrouxam-se e, como o corpo não necessita da sua presença, percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.

402. Como podemos avaliar a liberdade do Espírito durante o sono?

Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, o Espírito tem mais faculdades do que quando está acordado. Tem a lembrança do passado e, às vezes, a previsão do futuro; adquire mais potencial e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, seja neste mundo, seja noutro.

Quem julgar que teve um sonho esquisito, medonho, mas inconcebível, está enganado. É quase sempre uma lembrança de lugares e de coisas que viu ou que verá numa outra existência ou noutro momento. Estando o corpo entorpecido, o Espírito quebra as suas cadeias para investigar o passado ou o futuro.

Pobres de vós, que tão pouco conheceis os fenómenos mais vulgares da vida! Julgais-vos muito sábios e qualquer coisa vos atrapalha. Perante uma pergunta de crianças: "O que é que fazemos quando dormimos, o que são os sonhos?" Ficais sem resposta.

O sono liberta em parte a alma do corpo. Durante o sono, fica-se temporariamente no estado em que se irá permanecer após a morte. Os Espíritos que, quando morrem, se desprendem rapidamente da matéria, tiveram durante a vida sonhos inteligentes. Esses, quando dormem, reúnem-se à sociedade dos outros seres que lhes são superiores: viajam, conversam e aprendem com eles. Trabalham mesmo em tarefas que vão encontrar concluídas, ao morrer. Isto deve ensinar-vos mais uma vez a não temer a morte, pois que todos os dias morreis durante certo tempo, conforme palavras conhecidas proferidas por um santo.

O que acabámos de afirmar diz respeito aos Espíritos evoluídos. Quanto ao grande número dos que, com a morte, vão permanecer longas horas na perturbação e na incerteza de que vos têm falado, esses vão, durante o sono, ou para os mundos inferiores à Terra, onde são convocados por velhos amigos ou procuram prazeres talvez ainda mais baixos do que os que têm no vosso mundo: vão colher influências ainda mais prejudiciais do que as que seguem quando acordados.

O que origina a simpatia na Terra é sentirmo-nos, ao acordar, ligados pelo coração àqueles com quem acabámos de passar sete ou oito horas de felicidade ou de prazer. O que explica também as antipatias invencíveis é sabermos, no fundo do coração, que aqueles com quem antipatizamos têm uma consciência diferente da nossa, porque os conhecemos sem nunca os termos visto com os olhos. É também o que explica a indiferença de certas pessoas: não procuram fazer novos amigos quando sabem ter outros que os amam e os acarinham. Numa palavra, o sono tem muito mais influência na vossa vida do que aquilo que pensais.

Pelo sono, os Espíritos encarnados estão sempre em contacto com o mundo dos Espíritos. É isso que faz com que os Espíritos superiores consintam, sem desagrado, encarnar entre vós. Deus quis que, durante o seu contacto com a vida terrena, pudessem retemperar-se na fonte do bem, para não falharem - eles que vieram instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para o contacto com os seus amigos do céu, é o recreio após o trabalho, enquanto esperam o grande alívio, a libertação final que deve restituí-los ao seu verdadeiro ambiente. [44 - O sono, a emancipação da alma e os seus atributos prodigiosos]

O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, porque nem sempre vos lembrais do que vistes ou de tudo aquilo que vistes. Isto porque a alma não se encontra plenamente ativa. É apenas, na maioria das vezes, a lembrança da perturbação que acompanha a partida para o sonho e a chegada, a que se junta a lembrança do que fazeis ou do que vos preocupa quando acordados.

Doutro modo, como explicar esses sonhos absurdos a que estão sujeitos tanto os mais sábios como os mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas.

[45 -Experiências fora do corpo]

De resto, aproxima-se de vós o momento em que sereis visitados por outra espécie de sonhos, tão antigos como os que conheceis, mas que ignorais: o sonho de Joana d'Arc, de Jacob, dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos. Sonhos como lembranças da alma inteiramente liberta do corpo, recordação dessa segunda vida de que vos falava há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonhos, entre aqueles de que vos lembrais. Sem isso, cairíeis em contradições e em erros que seriam funestos para a vossa fé.

− Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí, uma espécie de clarividência indefinida que se estende aos lugares mais distantes ou que nunca foram vistos e, algumas vezes mesmo, a outros mundos. Daí, também, a lembrança que assinala na memória os acontecimentos da existência presente ou das existências anteriores. A estranheza das imagens do que se passa ou do que se passou em mundos desconhecidos, entremeada de coisas do mundo atual, forma esses conjuntos bizarros e confusos que parecem não ter sentido nem nexo.

A incoerência dos sonhos explica-se ainda pelas lacunas produzidas pela lembrança incompleta do que nos apareceu em sonho. Tal como um relato ao qual se tivessem truncado frases inteiras ou partes de frases ao acaso: os fragmentos restantes, sendo reunidos, perderiam todo o significado compreensível.

403. Por que motivo não nos recordamos sempre dos sonhos?

Durante o sono só existe o repouso do corpo, porque o Espírito está sempre em atividade, recupera um pouco da sua liberdade e comunica com os que lhe são caros, seja neste ou noutros mundos. Como o corpo é de matéria pesada e densa, dificilmente conserva as impressões recebidas pelo Espírito, porque este não teve conhecimento delas através dos órgãos do corpo.

404. Qual é o significado dos sonhos?

Os sonhos não são verdadeiros como os interpretam os adivinhos, pelo que é absurdo admitir que uma certa espécie de sonho anuncie uma certa espécie de acontecimento. São verdadeiros no sentido que apresentam imagens reais para o Espírito, mas que não têm relação com o que se passa na vida corporal. Muitas vezes também, como já dissemos, são uma recordação. Os sonhos, às vezes, são um

pressentimento do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que se passa nesse momento num outro lugar a que a alma se transporta.

Há numerosos exemplos de pessoas que aparecem em sonhos para avisar parentes e amigos do que lhes está a acontecer. São aparições da alma ou do Espírito dessas pessoas que vêm comunicar com o vosso. Quando tiverdes a certeza de que aquilo que foi visto aconteceu na realidade, será uma prova de que não foi fruto da imaginação, sobretudo se o acontecimento não estava no vosso pensamento, quando acordados.

405. Veem-se em sonhos coisas que parecem pressentimentos e que não acontecem. De onde vêm tais coisas?

Podem concretizar-se para o Espírito e não para o corpo. Quer dizer que o Espírito vê aquilo que deseja, porque vai ao seu encontro. Não deve esquecer-se que, durante o sono, a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria e, por conseguinte, nunca se liberta completamente das ideias terrenas. Daí resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar, àquilo que se vê em sonhos, a aparência do que se deseja ou do que se teme. Isso é o que pode chamar-se um efeito da imaginação. Quando se está fortemente preocupado com uma ideia, liga-se a ela tudo o que se vê.

406. Quando vemos, em sonho, pessoas vivas que conhecemos perfeitamente praticarem atos em que não estão de modo nenhum a pensar, não será isso efeito de pura imaginação?

Em que não estão de modo nenhum a pensar? Como sabes isso? O seu Espírito pode visitar o teu, como o teu pode visitar o deles e nem sempre sabes em que estão a pensar. Além disso, aplicais por vezes às pessoas que conheceis, e segundo os vossos desejos, o que se passou ou que se passa noutras existências.

407. O sono profundo é necessário para a emancipação do Espírito?

Não, o Espírito recupera a sua liberdade quando a pessoa apenas dormita. Aproveita, para se emancipar, todos os instantes de pausa que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais o Espírito desprende-se e, quanto mais fraco estiver o corpo, mais livre estará o Espírito.

− É assim que o dormitar ou um simples entorpecimento dos sentidos apresentam as mesmas imagens do sonho.

408. Parece-nos, às vezes, ouvir no nosso íntimas palavras pronunciadas distintamente e que não têm nenhuma relação com o que nos preocupa. De onde vêm elas?

Sim, e até mesmo frases inteiras, sobretudo quando os sentidos começam a entorpecer-se. Pode ser o eco longínquo de um Espírito que deseja comunicar contigo.

409. Às vezes, num estado que não é ainda o dormitar, quando temos os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais captamos detalhes minuciosos. É efeito da visão ou da imaginação?

Quando o corpo dormita, o Espírito procura quebrar as suas cadeias, transporta-se e vê. Se realmente dormisse, já seria um sonho.

410. Têm-se, durante o sono ou a dormitar, ideias que parecem muito boas e que, apesar dos esforços para recordá-las, se apagam da memória. De onde vêm essas ideias?

São o resultado da liberdade do Espírito, que se emancipa e possui mais faculdades nesse momento. Às vezes também são conselhos dados por outros Espíritos.

410-a. De que servem essas ideias ou esses conselhos se a sua recordação se perde e não se podem aproveitar?

Essas ideias pertencem às vezes mais ao mundo dos Espíritos que ao mundo corporal. O mais frequente é que, se o corpo esquece, o Espírito lembra-se e a ideia volta no momento necessário, como uma inspiração.

411. O Espírito encarnado, nos momentos em que se desprende da matéria e age como Espírito, toma conhecimento da hora da sua morte?

Muitas vezes pressente-a. Às vezes tem dela uma consciência bastante clara e é isso que lhe dá, quando no estado de vigília, a intuição desse facto. É por isso que algumas pessoas preveem a própria morte com grande exatidão.

412. A atividade do Espírito durante o repouso, ou durante o sono do corpo, pode causar-lhe fadiga?

Sim, porque o Espírito está ligado ao corpo como um balão cativo está atado ao poste. Da mesma maneira que as sacudidelas do balão abanam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fatigá-lo.

II – Visitas espíritas entre vivos

413. Do princípio de emancipação da alma durante o sono pode concluir-se que temos duas existências simultâneas? A do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta?

No estado de emancipação, a vida do corpo dá lugar à vida da alma. Mas não existem, propriamente falando, duas existências. São antes duas fases da mesma existência, porque o ser humano não vive de maneira dupla.

414. Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono?

Sim, e muitas outras que pensam não se conhecerem, encontram-se e conversam. Podes ter, sem saber, amigos noutro país. O facto de ires ver, durante o sono, amigos, parentes, conhecidos e pessoas que te podem ser úteis, é tão frequente que quase todas as noites sucede.

415. Qual pode ser a utilidade desses encontros noturnos, se de tal não nos lembramos?

Às vezes deixam uma intuição, ao despertar, que dá origem a ideias espontâneas, sem explicação. São sugestões colhidas nesse género de encontros.

416. Uma pessoa pode provocar visitas espirituais por sua vontade? Pode, ao adormecer, dizer que se vai encontrar em Espírito com certa pessoa, falar-lhe e dizer-lhe determinada coisa?

O que se passa é o seguinte: quando o corpo adormece, o Espírito desperta, não estando em nada disposto a seguir o desejo formulado pela pessoa, porque a sua vida, quando emancipado da matéria, lhe interessa muito pouco. Este caso, entretanto, aplica-se a pessoas bastante evoluídas, visto que as outras passam de maneira inteiramente diferente a sua existência espiritual: entregam-se às paixões ou permanecem inativas. Pode acontecer, conforme o motivo em causa, que o Espírito vá visitar as entidades com quem pretendia encontrar-se, mas o desejo formulado antes de adormecer não é razão para que o faça.

417. Um certo número de Espíritos encarnados pode então reunir-se assim e formar assembleias?

Sem dúvida nenhuma. Os laços de amizade, antigos ou recentes, reúnem frequentemente diversos Espíritos, felizes por se encontrarem juntos.

− Pela palavra "antigos" é necessário entender os laços de amizade contraídos em existências anteriores. Trazemos ao acordar uma intuição das ideias que captámos nesses encontros ocultos, mas cuja fonte ignoramos.

418. Uma pessoa que julgasse morto um dos seus amigos, poderia encontrar-se com ele em Espírito, durante o sono, e saber assim que continuava vivo, tendo a intuição disso ao acordar?

Como Espírito, pode certamente vê-lo e saber como está. Se não lhe foi imposto como prova acreditar na morte do amigo, terá um pressentimento de que ele vive, como poderá ter o da sua morte.

III − Transmissão oculta do pensamento

419. Qual a razão pela qual uma ideia, de uma descoberta, por exemplo, surge ao mesmo tempo em vários locais e a diversas pessoas?

Já dissemos que, durante o sono, os Espíritos comunicam entre si. Quando o corpo desperta, o Espírito recorda-se do que aprendeu e a pessoa julga ter sido invenção sua. Assim, vários podem descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando se diz que uma ideia "está no ar", a expressão é mais exata do que pode pensar-se: cada um contribui para propagá-la sem ter consciência disso.

− O nosso próprio Espírito revela, muitas vezes, a outros Espíritos, e sem que o saibamos, aquilo que constitui o objeto das nossas preocupações, quando acordados.

420. Os Espíritos podem comunicar entre si, se o corpo estiver completamente acordado?

O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa, irradia em todos os sentidos. Por isso, poderá comunicar com outros Espíritos mesmo estando acordado, embora mais dificilmente.

421. Por que razão duas pessoas perfeitamente despertas têm, muitas vezes instantaneamente, o mesmo pensamento?

São dois Espíritos simpáticos que comunicam entre si e veem reciprocamente os seus pensamentos, mesmo quando não se encontram a dormir.

− Há, entre os Espíritos que se encontram, uma comunicação de pensamentos que permite que duas pessoas se vejam e se compreendam, sem necessidade da linguagem exterior. Poderia dizer-se que usam a linguagem dos Espíritos.

IV – Letargia, catalepsia, mortes aparentes

422. Os letárgicos e os catalépticos veem e ouvem geralmente o que se passa à sua volta, mas não podem manifestá-lo. É pelos olhos e pelos ouvidos do corpo que o fazem?

Não, é pelo Espírito, que está consciente, mas não pode comunicar.

422-a. Porque é que o Espírito não pode comunicar?

O estado do corpo opõe-se a isso. Esse estado específico do organismo é prova de que existe nas pessoas algo mais do que o corpo, visto que, não estando este em funcionamento, o Espírito continua a agir.

423. Na letargia, o Espírito pode separar-se inteiramente do corpo, de maneira a dar a este todas as aparências da morte e voltar a ele em seguida?

Na letargia, o corpo não está morto, pois há funções em atividade. A vitalidade encontra-se em estado latente, como na crisálida, mas não extinta. O Espírito está ligado ao corpo enquanto este se encontra vivo. Uma vez quebrada a ligação fluídica pela morte real e pela desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito já não regressa. Quando um indivíduo, aparentemente morto, volta à vida, é porque a morte não era completa.

424. Será possível, através de cuidados prestados em tempo útil, renovar a ligação prestes a quebrar-se e devolver à vida um ser que, por falta de socorro, morreria definitivamente?

Sim, sem dúvida, e disso há provas todos os dias. O magnetismo é, nesse caso, um meio poderoso, porque fornece ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos.

– A letargia e a catalepsia derivam da mesma causa, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada.

Diferem entre si porque, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral, dando ao corpo todas as aparências da morte. Na catalepsia, essa incapacidade é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, deixando a inteligência livre para manifestar-se, facto que não permite confundir a catalepsia com a morte.

A letargia é sempre natural. A catalepsia é, às vezes, espontânea, mas pode ser produzida ou desativada artificialmente por ação magnética.

V – Sonambulismo

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como explicar isso ?

O sonambulismo é um estado de independência da alma mais completo do que no sonho, durante o qual as faculdades se apresentam mais desenvolvidas. A alma atinge perceções que não atinge no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse total de si mesmo. O organismo material, encontrando-se numa espécie de catalepsia, não recebe impressões exteriores. Esse estado manifesta-se sobretudo durante o sono, dado que é o momento em que o Espírito pode deixar provisoriamente o corpo, que se acha entregue ao repouso físico indispensável.

Quando os factos do sonambulismo se produzem, é porque o Espírito, preocupado com qualquer coisa, se entrega a determinada ação que necessita do uso do corpo, servindo-se dele como faria com qualquer objeto no fenómeno das manifestações físicas ou usando até a mão de um de vós para redigir comunicações escritas.

Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar e recebem imperfeitamente as impressões produzidas pelos objetos ou pelas causas exteriores e comunicam-nas ao Espírito. Este, porque também se encontra em repouso, só disso capta sensações confusas e frequentemente fragmentárias, sem nenhuma razão de ser aparente, por estarem misturadas com vagas recordações, seja desta existência, seja de existências anteriores. É fácil compreender, então, por que motivo os sonâmbulos não se lembram de nada e por que razão os sonhos, que ficam na memória, não têm sentido, geralmente. Digo geralmente, porque esses sonhos são a consequência da recordação exata de acontecimentos de uma vida anterior e, às vezes, de uma espécie de intuição do futuro.

426. O chamado sonambulismo magnético tem relação com o sonambulismo natural?

É a mesma coisa, com a diferença de ser provocado.

427. Qual é a natureza do agente chamado fluido magnético?

É o fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.

428. Qual é a causa da clarividência sonambúlica?

Já o dissemos, é a alma que vê.

429. Como pode o sonâmbulo ver através dos corpos opacos?

Só há corpos opacos para os órgãos fisiológicos da visão. Já dissemos que para o Espírito a matéria não é obstáculo, visto que pode atravessá-la livremente. Frequentemente vos diz que vê pela testa, pelo joelho, etc., porque para vós, inteiramente imersos na matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o auxílio de órgãos de visão. Ele mesmo, pelo desejo que tendes, julga necessitar de tais órgãos; mas, se o deixais livre, compreenderá que vê por todas as partes do corpo ou, melhor dito, é fora do seu corpo que vê.

430. Visto que a clarividência do sonâmbulo é a da sua alma ou do seu Espírito, por que motivo não vê tudo e tantas vezes se engana?

Primeiro, não é dado aos Espíritos imperfeitos ver tudo e tudo conhecer. Sabes muito bem que eles ainda participam dos vossos erros e dos vossos preconceitos. Depois, quando estão ligados à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao ser humano esta faculdade com um fim útil e sério e não para lhe ensinar o que não deve saber. É por isso que os sonâmbulos não podem dizer tudo.

431. Qual é a origem das ideias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora estando acordado, isto é, no estado de vigília, e que estão acima da sua capacidade intelectual?

Acontece que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que os que lhe conheceis. Encontram-se adormecidos, porque o seu corpo material é demasiado imperfeito para que possa recordar-se deles.

Mas o que é o sonâmbulo, afinal? É, como nós, um Espírito encarnado num corpo material para cumprir a sua missão e o estado em que entra desperta-o dessa letargia. Já dissemos, repetidamente,

que revivemos muitas vezes. É essa mudança que lhe faz perder materialmente o que pode ter aprendido numa existência anterior.

Entrando no estado chamado "crise sonambúlica" lembra-se do que sabia antes, mas nem sempre de maneira completa. Sabe, mas não pode dizer de onde lhe vem, nem como possui tal conhecimento. Passado esse estado, a lembrança apaga-se e volta à obscuridade.

– A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer e completam a sua insuficiência. Isso vê-se, sobretudo, nas receitas médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal e outro indica-lhe o remédio.

Esta dupla ação torna-se por vezes evidente e revela-se por certas expressões usadas nas comunicações do sonâmbulo: "dizem-me que diga...", ou "proíbem- me dizer isto ou aquilo...", etc.. Neste último caso é sempre perigoso insistir em obter a revelação recusada, porque, então, podem entrar em ação os Espíritos sem escrúpulos que dizem tudo, mas sem se interessarem pela verdade.

432. Como explicar a visão à distância de alguns sonâmbulos?

A alma transporta-se à distância durante o sono. É isso mesmo que se passa no sonambulismo.

433. O maior ou menor desenvolvimento da clarividência sonambúlica depende do organismo físico ou da natureza do Espírito encarnado?

De ambas as coisas, mas há constituições físicas que permitem ao Espírito libertar-se mais ou menos facilmente da matéria.

434. As faculdades de que o sonâmbulo dispõe são as mesmas do Espírito após a morte?

Até certo ponto, pois é necessário ter em conta a influência da matéria a que ele ainda está ligado.

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

A maioria vê os Espíritos muito bem, isso depende do grau e da natureza da sua lucidez. Às vezes, não os reconhecem logo como Espíritos, tomando-os por seres corporais. Isso acontece sobretudo aos sonâmbulos que não têm conhecimentos de espiritismo: ainda não compreendem a essência dos Espíritos, ficam espantados e é por isso que julgam estar a ver pessoas do mundo material.

– O mesmo se produz no momento da morte dos que ainda se julgam vivos. Nada à sua volta lhes parece ter mudado, os Espíritos parecem-lhes ter corpos semelhantes aos nossos e eles tomam a aparência do seu próprio corpo por um corpo material.

436. O sonâmbulo, que vê à distância, vê do lugar onde está o seu corpo ou daquele onde está a sua alma?

Essa pergunta não se justifica, porque é a alma que vê e não o corpo.

437. Visto que é a alma que se transporta, como pode o sonâmbulo experimentar no corpo as sensações de calor ou de frio referidas pela sua alma, no lugar onde se encontra, às vezes bem longe do corpo?

A alma não deixou inteiramente o corpo, permanece sempre ligada a ele pela extensão semimaterial que os une. Essa extensão é o elemento condutor das sensações.

Quando duas pessoas se correspondem telefonicamente, entre lugares diferentes, por meio de vibrações eletromagnéticas, essa forma de energia é a ligação entre os seus pensamentos, é graças a ela que comunicam entre si, como se estivessem lado a lado.

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito, após a morte?

Muito, como o bom ou o mau uso de qualquer das faculdades que Deus concedeu ao ser humano.

VI.– Êxtase

439. Qual a diferença entre o êxtase e o sonambulismo ?

O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é ainda mais independente.

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

Sim, vê e compreende a felicidade dos que lá se encontram e é por isso que desejaria lá ficar. Mas há mundos que não são acessíveis aos Espíritos insuficientemente evoluídos.

441. Quando o extático exprime o desejo de deixar a Terra, está a falar a sério, não sentindo em perigo a sua sobrevivência?

Isso depende do grau de purificação do seu Espírito. Se vê a sua posição futura melhor do que a vida presente, faz esforços para romper a ligação que o prende à Terra.

442. Se abandonássemos o extático a si mesmo, a sua alma poderia abandonar definitivamente o corpo?

Sim, poderia morrer. É por isso necessário chamá-lo por meio de tudo o que pode prendê-lo a este mundo e, sobretudo, fazer-lhe ver que se quebrasse a cadeia que o retém aqui, arriscar-se-ia verdadeiramente a não ficar lá, onde vê que seria feliz.

443. Há coisas que o extático julga ver e que são o produto de uma imaginação impressionada pelas crenças e preconceitos terrenos. Tudo o que ele vê, não é, então, real?

O que vê é real para si mesmo. Contudo, como o seu Espírito permanece sob a influência das ideias terrenas, pode ver à sua maneira ou, melhor dito, exprimi-lo numa linguagem de acordo com os seus preconceitos e com as ideias em que foi criado, ou de acordo com as vossas ideias, a fim de melhor se fazer compreender. É sobretudo nesse sentido que ele pode errar.

444. Qual o grau de confiança que se pode atribuir às revelações dos extáticos?

O extático pode enganar-se, sobretudo quando quer penetrar naquilo que deve permanecer em segredo para vós. Nesse caso está a deixar-se ir atrás das suas próprias ideias ou é manipulado pelos Espíritos enganadores, que aproveitam o seu entusiasmo para fasciná-lo.

445. Que conclusões se podem tirar dos fenómenos do sonambulismo e do êxtase? Serão uma espécie de iniciação à vida futura?

Seria mais correto dizer que é a vida passada e a vida futura que são vistas de relance. Se forem estudados tais fenómenos, será encontrada a solução de mistérios que a razão procura inutilmente penetrar.

446. Os fenómenos do sonambulismo e do êxtase poderiam estar em concordância com o materialismo?

Aquele que os estudar, de boa fé e sem reservas, não continuará materialista nem ateu.

VII – Dupla vista

447. O fenómeno designado pelo nome de dupla vista tem relação com o sonho e o sonambulismo?

São uma e a mesma coisa. O que se chama dupla vista revela o Espírito ainda em maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma.

448. A dupla vista é permanente?

A faculdade sim, o seu exercício não. Nos mundos menos materializados do que o vosso, os Espíritos desprendem-se mais facilmente da matéria e comunicam apenas pelo pensamento, sem, no entanto, excluir a fala. Nesses mundos também a dupla vista é uma faculdade permanente para a maioria dos seus habitantes. O seu estado normal pode ser comparado com o dos vossos sonâmbulos lúcidos, e é também a razão pela qual eles se vos manifestam mais facilmente do que os encarnados em corpos materialmente mais densos.

449. A dupla vista desenvolve-se espontaneamente ou pela vontade de quem possui essa faculdade?

Na maioria das vezes é espontânea, mas a vontade também desempenha um grande papel. Note-se o exemplo de certos indivíduos a quem chamam "adivinhos", alguns dos quais possuem essa faculdade, e ver-se-á que a vontade os ajuda a entrar no estado de "dupla vista" ou das chamadas "visões".

450. A dupla vista é suscetível de se desenvolver pelo exercício?

Sim, o trabalho sempre ajuda e o véu que encobre as coisas dissipa-se.

450-a. Esta faculdade depende da constituição física?

O organismo tem muita influência, há casos em que oferece dificuldades.

451. Em certas famílias a dupla vista parece hereditária. A que se deve esse facto?

Deve-se a parecenças fisiológicas, que se transmitem como as outras qualidades físicas. Além disso, ao desenvolvimento da faculdade por uma espécie de educação, que também se transmite pessoalmente.

452. Quais as circunstâncias que desenvolvem a dupla vista?

A doença, a proximidade de um perigo ou uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo encontra-se às vezes em situações especiais que permitem ao Espírito ver o que não podeis ver com os olhos do corpo.

− Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas de grande alvoroço moral provocam às vezes o desenvolvimento da dupla vista. Parece que a Providência nos dá, frente ao perigo, o meio de o evitar. Os grupos perseguidos oferecem numerosos exemplos deste fenómeno.

453. As pessoas dotadas de dupla vista têm sempre consciência desse facto?

Nem sempre a têm. Para elas é uma coisa inteiramente natural e, muitas dessas pessoas acreditam que, se todos se observassem a si mesmos, verificariam ser iguais a elas.

454. Poder-se-ia atribuir a uma espécie de dupla vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais lucidez do que as outras?

É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que atrás da cortina de matéria.

454-a. Esta faculdade pode, em certos casos, dar o pressentimento dos factos?

Sim, também dá pressentimentos, porque a faculdade desenvolve-se em vários graus, e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus ou só ter alguns.

VIII − Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista

455. − Os fenómenos do sonambulismo natural produzem-se espontaneamente e são independentes de todas as causas exteriores conhecidas. Contudo, em certas pessoas especialmente dotadas, o estado de sonambulismo pode ser provocado artificialmente pela ação do agente magnético.

Esses dois estados de sonambulismo, o natural e o magnético, são perfeitamente equivalentes, com a única diferença de um ser espontâneo e o outro induzido.

O sonambulismo natural é um facto que ninguém pode pôr em dúvida, apesar do “maravilhoso” dos fenómenos que apresenta. O sonambulismo magnético, pelo facto de ser produzido artificialmente, como tantas outras coisas, nada tem de extraordinário ou irracional. Dizem que tem sido explorado pelos charlatães e essa é mais uma razão para que não ser deixado nas suas mãos. Quando a ciência se tiver ocupado esclarecidamente do sonambulismo, muito menos efeitos produzirá publicamente o charlatanismo.

Enquanto isso não acontece, como o sonambulismo natural ou arteficial são um facto, e contra factos não há argumentos, vai ganhando crédito, apesar da má vontade de alguns. Mesmo no âmbito científico vai entrando de modo subtil, embora não possa fazê-lo de modo notório. Entra, portanto, pelas pequenas portas laterais, quando poderia entrar pela porta principal. Quando for devidamente conhecido será inevitável conceder-lhe a justa credibilidade.

Para o espiritismo é mais do que um fenómeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a Psicologia, ou ciência da alma, visto que é nele que a alma se mostra a descoberto.

Um dos fenómenos pelos quais se pode caracterizar a alma é pela sua capacidade de ver, sem ser pelos órgãos da visão corporal. Os que contestam isso baseiam-se no facto de que o sonâmbulo não vê sempre e à vontade do experimentador, como através dos olhos.

Sendo diferentes os meios da visão, é muito natural que os resultados também o sejam e não é racional buscar efeitos semelhantes, quando o instrumento já não existe ou não está ativo.

A visão da alma e a visão como os olhos do corpo têm propriedades diferentes, que devem ser julgadas por si mesmas e não por analogia.

A causa de clarividência do sonambulismo natural e do sonambulismo magnético é exatamente a mesma: trata-se de um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós, com todo o seu potencial respectivo. Por isso o sonâmbulo vê em toda a parte onde a sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a distância.

No caso da visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas do lugar em que se encontra o seu corpo, como por efeito telescópico. Vê as coisas como estando presentes e como se estivesse no lugar em que elas existem, porque é aí que se encontra realmente a sua alma.

É por isso que o seu corpo fica como anulado e parece privado de sensações, até ao momento em que a alma toma de novo conta dele. Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal, que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida. Essa é a causa da fadiga que o corpo experimenta, após um certo tempo, sobretudo quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito, não sendo circunscrita e não tendo localização determinada, explica o motivo pelo qual os sonâmbulos não podem atribuir-lhe um órgão especial. Veem porque veem, sem saberem porquê nem como, porque a vista não tem para eles, como Espíritos, lugar próprio.

Se eles se referem ao seu corpo, esse lugar parece-lhes residir nos centros em que a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais intensa entre o Espírito e o corpo.

O poder de lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, é limitado nas suas faculdades e nos seus conhecimentos segundo o grau de perfeição que tenha atingido, e ainda é mais limitado quando ligado à matéria, cuja influência sofre.

Essa é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é universal nem infalível. Tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade quanto mais a desviem do fim proposto pela natureza e a transformem em objeto de curiosidade e de experimentação.

No estado de desprendimento em que se encontra o Espírito do sonâmbulo, este entra mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos, encarnados ou não. Essa comunicação estabelece-se pelo contacto dos seus perispíritos que servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico.

O sonâmbulo não tem necessidade que o pensamento seja articulado pela palavra, sente-o e adivinha-o. É isso que o torna eminentemente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral em que se encontra. É também por isso que uma influência numerosa de espetadores, e sobretudo de curiosos mais ou menos malévolos, prejudica essencialmente o desenvolvimento das suas faculdades que, por assim dizer, se fecham sobre si mesmas e só se desdobram com toda a liberdade na intimidade e num meio simpático. A presença de pessoas malévolas ou antipáticas produz sobre ele um efeito de rejeição natural.

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo. São, por assim dizer, dois seres que lhe mostram a dupla existência espiritual e corporal e, no entanto, se identificam pelas ligações que as unem. Nem sempre o sonâmbulo se apercebe dessa situação e essa dualidade faz com que frequentemente fale de si mesmo como de uma pessoa estranha. Num momento é o ser corporal que fala ao espiritual e noutro é o espiritual que fala ao corporal.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e de experiência em cada uma das suas existências corporais. Esquece-os em parte durante a sua encarnação numa matéria demasiado densa, mas recorda-se deles como Espírito.

É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução e mesmo à sua capacidade intelectual aparente. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo quando acordado, não permite pressupor coisa alguma sobre os conhecimentos que pode revelar no estado lúcido.

Segundo as circunstâncias e o objetivo que se tenha em vista, pode colhê-los da sua própria experiência, da clarividência das coisas presentes ou dos conselhos que recebe de outros Espíritos. Mas, como o seu próprio Espírito pode ser mais ou menos evoluído, pode dizer coisas mais ou menos certas.

Pelos fenómenos do sonambulismo, seja natural, seja magnético, a Providência dá-nos a prova irrecusável da existência e da independência da alma e faz-nos assistir ao espetáculo sublime da sua emancipação. Por esses fenómenos abre-nos o livro do nosso destino.

Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele vê o que descreve, mas não pelos olhos do corpo: vê-se a si mesmo no local e para lá se sente transportado. Nesse sítio existe, portanto, qualquer coisa dele mesmo. Essa qualquer coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser a sua alma ou o seu Espírito.

Enquanto os homens se perdem nas subtilezas de uma metafísica abstrata e incompreensível, na busca das causas da nossa existência moral, Deus põe, diariamente, perante os seus olhos e nas suas mãos, os meios mais simples e mais evidentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado pelo qual a independência entre a alma e o corpo se manifesta da maneira mais sensível, e se torna, de certa forma, palpável. No sonho e no sonambulismo a alma erra pelos mundos terrestres. No êxtase penetra um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação sem, entretanto, poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem romper inteiramente a ligação que a associa ao corpo. Rodeada por um novo esplendor, extasiada por harmonias que a Terra desconhece, penetrada por uma alegria serena e inefável, a alma goza por antecipação a beatitude celestial, podendo dizer-se que colocou um pé no limiar da eternidade. No estado de êxtase, a anulação do corpo é quase completa. Só conserva, por assim dizer, a vida orgânica, e sente-se que a alma permanece ligada a ele apenas por um fio, que um pequeno esforço a mais faria quebrar sem remédio.

Nesse estado, todos os pensamentos terrenos desaparecem, para darem lugar ao sentimento purificado que é a própria essência do nosso ser imaterial. Mergulhado nessa contemplação sublime, o extático encara a vida só como uma pausa momentânea: para ele, os bens e os males, as alegrias vulgares e as misérias deste mundo são fúteis incidentes de uma viagem da qual se sente feliz ao ver o seu termo.

Há extáticos como há sonâmbulos. A sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita e o seu próprio Espírito, conforme for mais ou menos elevado, está também mais ou menos apto para conhecer e compreender as coisas. Verifica- se neles, às vezes, mais exaltação do que verdadeira lucidez ou, melhor dito, a sua exaltação prejudica a lucidez. É por isso que as suas revelações são frequentemente uma mistura de verdades e de erros, de coisas sublimes e de coisas absurdas ou mesmo ridículas.

Espíritos inferiores aproveitam-se muitas vezes dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não se sabe dominá-la, para se aproveitarem do extático. Com este propósito, revestem-se a seus olhos de aparências que o aprisionam dentro das suas ideias ou preconceitos do estado de vigília. Este é um escolho, mas nem todos são assim. Cabe-nos julgar friamente e pesar as suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma manifesta-se, às vezes, no estado de vigília e produz o fenómeno designado pelo nome de dupla vista, que dá aos que o possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir para além dos limites dos nossos sentidos. Percebem as coisas ausentes por toda a parte onde a alma estende a sua ação, veem-nas, por assim dizer, através da vista normal, como se fosse uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenómeno da dupla vista, o estado físico é sensivelmente modificado: o olhar tem qualquer coisa de vago, olhando sem ver e toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão são alheios ao fenómeno ao verificar-se que a visão persiste mesmo com os olhos fechados.

Esta faculdade afigura-se, aos que a possuem, tão natural como a visão vulgar. É para eles um atributo do seu ser, que não lhes parece constituir exceção. O esquecimento segue-se em geral a essa lucidez passageira, cuja lembrança cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O potencial da dupla vista varia desde a sensação confusa até à perceção clara e nítida das coisas próximas ou distantes. No estado rudimentar, dá a algumas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança nos seus atos, a que se pode chamar o rigor de apreciação moral. Mais desenvolvida, desperta pressentimentos, e ainda mais desenvolvida mostra acontecimentos já realizados ou em vias de realização.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista, são apenas variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenómenos, da mesma maneira que os sonhos, pertencem à ordem natural. É por isso que existiram desde sempre. A História mostra-nos que foram conhecidos, e até explorados, desde a Antiguidade, e neles se encontra a explicação de uma infinidade de factos que os preconceitos fizeram passar como sobrenaturais.

CAPÍTULO IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corporal

I – Penetração dos Espíritos no nosso pensamento

456. Os Espíritos veem tudo o que fazemos?

Podem ver, porque estais permanentemente rodeados por eles. Contudo, cada um só vê o que lhe merece atenção, porque não dão importância às coisas que lhes são indiferentes.

457. Os Espíritos podem conhecer os nossos pensamentos mais secretos?

Muitas vezes conhecem mesmo aquilo que desejaríeis esconder de vós mesmos. Não se lhes podem ocultar atos nem pensamentos.

457-a. Sendo assim, parece mais fácil ocultar algo a uma pessoa viva do que fazer-lhe o mesmo depois de morta?

Certamente. Quando alguém se julga bem escondido, tem à sua volta uma multidão de Espíritos que tudo veem.

458. Que pensam de nós os Espíritos que nos rodeiam e nos observam?

Isso depende. Os Espíritos tolos riem das pequenas partidas que vos pregam e troçam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios lamentam as vossas falhas e esforçam-se para vos ajudar a vencê-las.

II- Influência oculta dos Espíritos sobre os pensamentos e ações

459. Os Espíritos influenciam os nossos pensamentos e as nossas ações?

A sua influência é maior do que se supõe. Frequentemente são eles que vos dirigem.

460. Temos pensamentos próprios e outros que nos são sugeridos?

A vossa alma é um Espírito que pensa. Sabeis certamente que há muitos pensamentos que vos ocorrem ao mesmo tempo, sobre o mesmo assunto, e que são bastante contraditórios entre si. Nesses pensamentos mesclam-se sempre os vossos e os nossos, é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.

461. Como distinguir os nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos?

Quando um pensamento é sugerido é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que vos ocorrem no primeiro impulso. De resto, não há grande interesse para vós nessa distinção e até é útil não saber fazê-la. A ação dos indivíduos é assim mais livre. Se decidir pelo bem, fá-lo mais deliberadamente; se tomar o mau caminho, é mais responsável por isso.

462. Os homens de inteligência e de génio encontram sempre as ideias no seu íntimo?

Algumas vezes as ideias surgem de seu próprio Espírito, mas muitas vezes são-lhes sugeridas por outros Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de transmiti-las. Quando não as encontram em si mesmos fazem um apelo inconsciente à inspiração. É uma evocação que fazem, sem terem consciência disso.

− Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus ter-nos-ia dado meios para isso, como nos dá o de distinguir o dia da noite. Quando uma coisa permanece vaga, é porque assim deve ser para o nosso bem.

463. Diz-se algumas vezes que o primeiro impulso é sempre bom. É verdade?

Pode ser bom ou mau, segundo a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que escuta as boas inspirações.

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

Estudai a sua qualidade, os bons Espíritos só nos aconselham o bem. A escolha pertence-vos.

465. Com que propósito os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

Para vos fazer sofrer como eles sofrem.

465-a. Isso diminui-lhes os sofrimentos?

Não, mas fazem isso por inveja de ver seres mais felizes.

465-b. Que espécie de sofrimentos querem causar-nos?

Os que resultam de pertencer a uma ordem inferior e distanciada de Deus.

466. Porque permite Deus que os Espíritos nos incitem ao mal?

Os Espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito. É com essa finalidade que passas pelas provas do mal, para alcançar o bem.

A nossa missão é pôr-te no bom caminho. Quando más influências agem sobre ti, és tu que as chamas pelo desejo do mal, visto que os Espíritos inferiores vêm ajudar-te no mal quando tens a vontade de cometê-lo. Eles só podem ajudar-te no mal quando tu o queres. Se estás inclinado a cometer um assassínio terás uma nuvem de Espíritos que reforçarão esse pensamento em ti. Terás também outros que tratarão de influenciar-te para o bem, o que faz com que a balança se reequilibre e te deixe senhor de ti mesmo.

− É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Alguém poderá ver-se livre da influência dos Espíritos que o incitam ao mal?

Sim, porque eles só se ligam aos que os solicitam pelos seus desejos ou os atraem pelos seus pensamentos.

468. Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade das pessoas renunciam às suas tentativas?

Que queres que eles façam? Quando não há nada a fazer, desistem. Não obstante, espreitam o momento favorável, como o gato espreita o rato.

469. De que forma pode neutralizar-se a influência dos maus Espíritos ?

Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruís a autoridade que desejam ter sobre vós. Evitai escutar as sugestões dos Espíritos que provocam em vós os maus pensamentos, que semeiam a discórdia e excitam todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho porque se aproveitam da vossa fraqueza. É por isso que Jesus vos ensinou a dizer na oração dominical: "Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal."

470. Os Espíritos que procuram conduzir-nos ao mal e que assim põem à prova a nossa firmeza no bem, receberam a missão de o fazer? Se é uma missão que eles cumprem, terão responsabilidade nela?

Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal. Quando o faz é pela sua própria vontade e naturalmente terá de passar pelas consequências. Deus pode consentir-lhe que o faça para vos pôr à prova, mas nunca lho ordena, sendo de vossa conta rejeitá-lo.

471. Quando experimentamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível, ou de satisfação interior sem causa conhecida, isso deriva unicamente de uma disposição física?

É quase sempre um efeito das comunicações que tendes com os Espíritos, sem o saber, ou do relacionamento mantido com eles durante o sono.

472. Os Espíritos que desejam incitar-nos ao mal limitam-se a aproveitar as circunstâncias em que nos encontramos, ou poderão eles mesmos criá-las?

Aproveitam a circunstância, mas frequentemente provocam-na, empurrando-vos, sem o perceberdes, para o objeto da vossa ambição. Por exemplo, uma pessoa encontra no seu caminho uma certa quantia em dinheiro. Não julgueis que foram os Espíritos que o puseram ali, mas podem ter-lhe dado a ideia de ir naquela direção e sugerido que se apodere dele, enquanto outros lhe sugerem devolvê-lo ao dono. Acontece do mesmo modo em todas as outras tentações.

III – Possessos

473. Um Espírito poderá temporariamente assumir o corpo de uma pessoa viva, quer dizer, introduzir-se num corpo animado e agir em substituição do Espírito que nele se encontra encarnado?

O Espírito não entra num corpo como se entra numa casa. Reúne-se com um Espírito encarnado que tem os mesmos defeitos e qualidades, para agir conjuntamente. Contudo, é sempre o Espírito encarnado que age como quer sobre o seu próprio corpo material. Nenhum Espírito pode ocupar o lugar de outro que se acha encarnado, porque o Espírito e o corpo estão ligados até ao tempo marcado para o termo da existência material.

474. Se não há possessão, quer dizer, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode encontrar-se na dependência de um outro Espírito, de maneira a ver-se por ele subjugada ou obsidiada, ao ponto de que a sua vontade seja paralisada?

Sim. São esses os verdadeiros possessos. Notem bem que essa dominação nunca se efetua sem a participação daquele que passa por isso, seja por fraqueza ou por desejo. Frequentemente se têm tomado por possessos criaturas epiléticas ou loucas, que necessitavam mais de médico do que de exorcismo.

− A palavra "possesso", no seu significado vulgar, supõe a existência de demónios, ou seja, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma, no corpo de um indivíduo. Uma vez que não há demónios nesse sentido, e como dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a ideia associada a essa palavra. A palavra "possesso" só deve entender-se como a dependência absoluta em que a alma pode encontrar-se relativamente a Espíritos imperfeitos que a subjugam.

475. Uma pessoa poderá, por si mesma, afastar os maus Espíritos e libertar-se da sua dominação?

Pode sempre sacudir-se um jugo, quando se tem uma vontade firme para isso.

476. A fascinação exercida por um mau Espírito pode ser tal que a pessoa subjugada não se aperceba dela? Poderá uma terceira pessoa fazer cessar a sujeição e, nesse caso, de que recursos deverá dispor?

Se for uma pessoa de bem, a sua vontade pode ajudar, pedindo a assistência dos bons Espíritos. Porque, quanto melhor for a pessoa, mais poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para os afastar, e sobre os bons, para os atrair. No entanto, será ineficaz a sua tentativa se aquele que está subjugado não se presta a ser ajudado. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lisonjeia os seus gostos e desejos. Em qualquer dos casos, aquele que não tiver o coração puro não pode ter influência alguma. Os bons Espíritos desprezam-no e os maus não o temem.

477. As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia contra os maus Espíritos?

Não. Quando os maus Espíritos veem alguém levar o assunto a sério, riem-se disso e persistem.

478. Há pessoas animadas de boas intenções e nem por isso são menos obsidiadas. Qual o melhor meio de se livrarem dos Espíritos obsessores?

Cansar-lhes a paciência, não dar nenhuma atenção às suas sugestões, mostrar-lhes que perdem tempo. Então, quando veem que nada têm a fazer, retiram-se.

479. A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

A prece é um poderoso socorro em tudo. Não é suficiente, porém, murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus ajuda os que agem e não os que se limitam a pedir auxílio. É necessário, entretanto, que o obsidiado faça da sua parte o que é necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos.

480. Que pensar da expulsão dos demónios de que se fala no Evangelho?

Isso depende da interpretação. Se chamais demónio a um mau Espírito que subjuga o ser humano, quando a sua influência for afastada, terá sido verdadeiramente expulso. Se atribuís o aparecimento de uma doença ao demónio, quando a doença for curada direis também que o demónio foi expulso.

Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, segundo o sentido que se der às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando apenas se observa a forma e se toma a alegoria pela realidade. Compreendei bem esta ideia e procurai retê-la, porque é de aplicação geral.

IV – Convulsionários

481. Os Espíritos desempenham algum papel nos fenómenos que se produzem entre os indivíduos chamados convulsionários?

Sim, e muito grande, assim como o magnetismo, que é a sua primeira causa. Mas o charlatanismo tem frequentemente explorado e exagerado os seus efeitos, o que os ridicularizou.

[46 – Convulsionários e crisíacos]

481-a. De que natureza são os Espíritos que ajudam a produzir essa espécie de fenómenos?

Pouco elevada. Acreditais que Espíritos superiores se divertem com tais coisas?

482. Como pode o estado anormal dos convulsionários e dos crisíacos desenvolver-se subitamente em toda uma população?

Por efeito simpático. As disposições morais comunicam-se muito facilmente em certos casos. Como conheceis estes casos pela familiaridade com os efeitos magnéticos, compreendereis o papel que certos Espíritos devem desempenhar neles, por simpatia por aqueles que os provocam.

- Entre as faculdades estranhas que se notam nos convulsionários, reconhecemos algumas de que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão de dores por efeito simpático, etc.. Quanto aos "crisíacos" não pode haver dúvidas de que se encontram num estado de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. São, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, sem o saberem.

483. Qual é a causa da insensibilidade física que se verifica, seja em certos convulsionários, seja noutros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

Nuns casos é um efeito exclusivamente magnético que age sobre o sistema nervoso, da mesma maneira que certas substâncias. Noutros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade, pelo que a vida parece ter-se retirado do corpo e transportado ao Espírito. É sabido que, quando o Espírito está fortemente preocupado com uma coisa, o corpo não sente, não vê e não ouve.

- A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem muitas vezes, nos casos de suplício, o exemplo de uma calma e de um sangue frio que não poderiam resistir a uma dor aguda, se não se admitisse que a sensibilidade está neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que no calor do combate não se percebe muitas vezes um ferimento grave, enquanto nas circunstâncias normais uma

arranhadura causa arrepios. Uma vez que esses fenómenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, pode perguntar-se de que modo a autoridade policial pôde fazê-los cessar em tais casos.

A razão é simples: a ação dos Espíritos é aqui apenas secundária porque se limitam a aproveitar uma disposição natural. A autoridade policial não suprimiu essa disposição, mas sim a causa que a originava e exaltava: de activa tornou-a latente. A razão de agir assim é justificada porque destes problemas podiam resultar abuso e escândalo. Sabe-se, contudo, que esta intervenção é impotente quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

VI – Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484. Os Espíritos têm preferências afetivas por certas pessoas?

Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou suscetíveis de progredir. Os Espíritos inferiores simpatizam com os homens cruéis ou que podem vir a sê-lo. Em ambos os casos se vê que a aproximação resulta da semelhança de sensibilidades.

485. O afeto dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?

O verdadeiro afeto nada tem de carnal. Mas quando um Espírito se liga a uma pessoa, não o faz somente por afeição, podendo existir, nesse caso, a lembrança de paixões humanas.

486. Os Espíritos interessam-se pelas nossas infelicidades e pela nossa prosperidade? Os que nos querem bem afligem-se pelos males que nos incomodam na vida?

Os bons Espíritos fazem todo o bem que podem e sentem-se felizes com todas as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, se não os suportais com resignação, porque assim esses males não vos trarão proveito. Esta atitude equivale à do doente que recusa tomar o bom remédio que vai curá-lo, só por ser amargo.

487. Qual é a espécie de mal que nos acontece que mais aflige os Espíritos que se interessam por nós: o mal físico ou o mal moral?

Com o que mais se afligem é com o vosso egoísmo e a vossa dureza de coração, porque deles deriva tudo o que é pior. Entretanto, riem-se de todos os vossos males imaginários que nascem do orgulho e da ambição, alegrando-se com os que possibilitam abreviar o vosso tempo de prova.

− Os Espíritos, sabendo que a vida corporal é apenas transitória e que as dificuldades que a acompanham são meios de conduzir ao nosso aperfeiçoamento, afiigem-se mais pelas causas morais que podem distanciar-nos desse avanço, do que pelos males físicos que são apenas passageiros. Preocupam-se pouco com as infelicidades que só afetam as nossas ideias mundanas, tal como nós fazemos perante as tristezas pueris da infância. O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de aperfeiçoamento para nós, considera-as como uma crise momentânea que pode salvar o doente. É solidário com os nossos sofrimentos, como nós o somos com os sofrimentos de um amigo. Vendo as coisas de um ponto de vista mais justo, avaliam-nas de maneira diversa da nossa: enquanto os bons Espíritos reforçam a nossa coragem no interesse do nosso futuro, os outros incitam-nos ao desespero com a finalidade de o comprometer.

488. Os nossos parentes e os nossos amigos que nos precederam na outra vida têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?

Sem dúvida. Frequentemente protegem-vos como Espíritos, conforme o seu poder.

488-a. São sensíveis ao afeto que lhes dedicamos?

São muito sensíveis a esse afeto, mas esquecem aqueles que os esquecem.

VI – Anjos da guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. Há Espíritos que se ligam a um indivíduo em particular para o proteger?

Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o bom Espírito ou o bom génio.

490. Que se deve entender por anjo da guarda?

O Espírito protetor de um nível elevado.

491. Qual a missão do Espírito protetor?

A de um pai para com os seus filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, apoiar a sua coragem nas provas da vida.

492. O Espírito protetor está ligado ao indivíduo desde o seu nascimento?

Desde o nascimento até à morte e frequentemente segue-o depois da morte, na vida espiritual e mesmo ao longo de numerosas existências corporais, porque estas são apenas fases muito curtas da sua existência como Espírito.

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

O Espírito é obrigado a velar por vós porque aceitou essa tarefa, mas pode escolher como protegidos os seres que lhe são simpáticos. Para uns, esta tarefa é um prazer, para outros uma missão ou um dever.

493-a. Ligando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

Não, mas faz isso de maneira menos exclusiva.

494. O Espírito protetor está fatalmente ligado ao ser humano confiado à sua guarda?

Acontece frequentemente que certos Espíritos deixam a sua posição para cumprirem diversas missões, mas nesse caso são substituídos.

495. O Espírito protetor abandona algumas vezes o protegido, se este se mostra rebelde aos seus conselhos?

"Afasta-se quando vê que os seus conselhos são inúteis e que é mais forte a vontade de seguir a influência dos Espíritos inferiores. Mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É o protegido que não lhe dá ouvidos. Volta a prestar-lhe auxílio logo que é chamado.

Há um princípio doutrinário que deveria converter os mais incrédulos pelo seu encanto e doçura: o dos anjos da guarda. Pensar que há sempre ao nosso lado seres superiores que estão ali para nos aconselhar, dar apoio, para nos ajudar a subir a montanha escarpada do bem, que são amigos mais

certos e mais dedicados do que as mais íntimas ligações que se possam contrair na Terra, é uma ideia muitíssimo consoladora.

Esses seres estão ali por ordem de Deus, que os colocou ao vosso lado. Foi ele que os colocou junto de vós, e aí permanecem pelo seu amor, cumprindo junto de vós uma bela, mas trabalhosa missão. Onde quer que estejais, o vosso anjo estará convosco: na prisão, nos hospitais, nas casas do vício, na solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, do qual a vossa alma recebe os mais doces impulsos e ouve os sábios conselhos.

É pena não reconhecerdes melhor esta verdade! Quantas vezes vos ajudaria nos momentos de crise, quantas vezes vos salvaria dos maus Espíritos! Esse anjo do bem terá de dizer-vos, não poucas vezes: "Eu bem te disse, e não fizeste! Bem te mostrei o abismo, e lançaste-te nele! Fiz tudo para que ouvisses, na consciência, a voz da verdade, e seguiste os conselhos da mentira!

Falem com os vossos anjos da guarda, estabeleçam entre vós e eles a terna intimidade que reina entre os melhores amigos! Não pensem em ocultar-lhes nada, pois eles são a vigilância de Deus e não é possível enganá-la! Pensem no futuro, procurem avançar nesta vida e as vossas provas serão mais curtas, as vossas existências mais felizes. Tenham coragem! Afastem para longe de vós, de uma vez por todas, preconceitos e pensamentos reservados! Entrem no novo caminho que se abre diante de vós, caminhai, caminhai! Tendes guias, segui-os. Não é possível falhar, porque a meta a atingir é o próprio Deus.

Aos que pensariam ser impossível a Espíritos verdadeiramente evoluídos sujeitarem-se a uma tarefa tão trabalhosa e permanente, diremos que influenciamos as vossas almas, embora estando a milhões de léguas de distância. Para nós o espaço não existe e, mesmo vivendo noutro mundo, os nossos Espíritos mantêm a sua ligação convosco.

Dispomos de faculdades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs uma tarefa acima das nossas forças, nem vos abandonou sozinhos na Terra, sem amigos e sem apoio. Cada anjo da guarda tem o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho. Sente-se feliz quando o vê no bom caminho, chora quando os seus conselhos são desprezados.

Não tenham medo de nos cansar com as vossas perguntas, pelo contrário, estejam sempre em contacto connosco. Dessa forma sereis mais fortes e mais felizes. São estas comunicações, de cada ser humano com o seu Espírito familiar, que fazem de cada um de vós "médiuns", hoje ignorados, mas que se manifestarão mais tarde, alastrando como um oceano sem margens para repelir a incredulidade e a ignorância.

Homens instruídos, instruí. Homens de talento, educai os vossos irmãos! Não sabeis a obra que realizais dessa forma. É a de Jesus, aquela que Deus vos impõe. Porque vos terá Deus concedido a inteligência e o conhecimento, senão para os repartir com os vossos irmãos, para os fazer avançar no caminho da bem-aventurança e da felicidade eterna?" /São Luís, Santo Agostinho.

− A ideia dos anjos da guarda velando pelos seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem de surpreendente. É, pelo contrário, grande e sublime.

Na Terra, o pai vela pelo filho, mesmo que esteja distante, e ajuda-o com os seus conselhos, por mensagens.

Nada admira que os Espíritos orientem, de um mundo para outro, os que tomaram sob a sua proteção. Para eles, a distância que separa os mundos é menor do que aquela que, na Terra, separa os continentes. Além disso, dispõem da energia universal que liga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão do pensamento como o ar é, para vós, o veículo da transmissão do som.

496. O Espírito que abandona o seu protegido, não continuando a fazer-lhe o bem, pode fazer-lhe mal?

Os bons Espíritos nunca fazem o mal, deixam-no fazer àqueles que tomam o seu lugar. Então, acusais a sorte das infelicidades que vos atormentam, quando a falta é vossa.

497. O Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de um Espírito que lhe queira mal?

Há união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons. Contudo, basta a vontade do protegido para devolver todo o poder ao seu bom Espírito. Este poderá, talvez, encontrar alguém de boa vontade a quem possa ajudar. Aproveita essa tarefa, esperando o momento de voltar para junto do seu protegido.

498. Quando o Espírito protetor deixa o seu protegido extraviar-se na vida, é por impotência da sua parte para lutar contra os Espíritos mal-intencionados?

Não é porque não possa, mas porque não quer. O seu protegido sai das provas mais perfeito e instruído. Ajuda-o com os seus conselhos, com os bons pensamentos que lhe sugere, mas que infelizmente nem sempre são ouvidos. É só a fraqueza, a incúria ou o orgulho dos homens que dão força aos maus Espíritos. O poder destes sobre vós deriva apenas do facto de não lhes oferecerdes resistência.

499. O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Existe alguma circunstância em que, sem o abandonar, o perde de vista?

Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor não é necessária junto do protegido.

500. Quando é que o Espírito deixa de precisar do anjo da guarda?

Quando chegar ao nível de poder guiar-se por si mesmo, tal como o estudante que já não precisa de mestre. Mas isso não acontece no planeta Terra.

501. Porque é oculta a ação dos Espíritos na nossa vida? Se nos protegem, porque não o fazem de modo percetível?

Se as pessoas estivessem à espera do seu apoio, não agiriam por si mesmas e os seus Espíritos não progrediriam. Para um Espírito evoluir, precisa de experiência, que deve ser adquirida à sua própria custa. Precisa de exercitar as suas próprias forças, para não ser como uma criança a quem não se deixa andar sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a deixar-vos usar o livre arbítrio, porque sem o sentido da responsabilidade não há progresso no caminho que vos conduz a Deus. Não vendo quem o ampara, o indivíduo tem que contar só com as suas próprias forças. Contudo, o seu guia vela por ele e, de vez em quando, avisa-o do perigo.

502. O Espírito protetor que consegue conduzir o seu protegido pelo bom caminho, alcança por isso algum mérito?

Esse mérito é-lhe levado em conta, seja para o seu próprio avanço, seja para a sua felicidade. Sente-se feliz quando vê os seus cuidados coroados de sucesso. É um triunfo, como o de um professor com os sucessos do seu aluno.

502-a. É responsabilizado, se não o consegue?

Não, visto que fez o que dependia dele.

503. O Espírito protetor que vê o seu protegido seguir por mau caminho, apesar dos seus avisos, sofre e vê perturbada com isso a sua felicidade?

Custam-lhe os seus erros, que lamenta. Essa aflição, contudo, não é como as angústias da paternidade terrena, porque sabe que há remédio para o mal e o que hoje não foi feito, amanhã se fará.

504. É possível saber o nome do nosso Espírito protetor ou anjo da guarda?

Como saber nomes que não existem para vós? Julgais que só existem os Espíritos que conheceis?

504-a. Como invocá-lo, se não o conhecemos?

Dai-lhe o nome que quiserdes, o de um Espírito superior pelo qual tendes simpatia e veneração. O vosso Espírito protetor atenderá à chamada, porque todos os bons Espíritos são irmãos e ajudam-se entre si.

505. Os Espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre realmente os das pessoas que tiveram esses nomes?

Não, mas de Espíritos que lhes são simpáticos e que muitas vezes vêm a seu pedido. Se necessitais de um nome, então adotam um que vos inspire confiança. Quando não podeis cumprir pessoalmente uma missão, enviais alguém de confiança que o faça em vosso nome.

506. Quando estivermos na vida espiritual reconheceremos o nosso Espírito protetor?

Claro que sim, porque se trata geralmente de um Espírito já vosso conhecido antes desta encarnação.

507. Os Espíritos protetores pertencem todos ao nível dos Espíritos superiores? Serão do nível intermédio? Um pai, por exemplo, pode tornar-se Espírito protetor do seu filho?

Sim, pode, mas a proteção supõe um certo grau de elevação e um poder ou uma virtude suplementar, concedidos por Deus. O pai que protege o filho pode ser assistido por um Espírito mais elevado.

508. Os Espíritos, que deixaram a Terra em boas condições, podem tornar-se protetores daqueles a quem amam e lhes sobrevivem?

O seu poder é mais ou menos restrito. A posição em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.

509. Os homens, em estado muito atrasado ou de inferioridade moral, também têm Espíritos protetores? Esses Espíritos são de nível equivalente aos dos que protegem pessoas muito evoluídas?

Cada pessoa tem um Espírito que vela por si, mas as missões são relativas aos seus objetivos. Não se dá a uma criança que aprende a ler um professor de Filosofia. O progresso do Espírito familiar está em conformidade com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito superior que vela por vós, podeis também vir a ser protetores de Espíritos que vos sejam inferiores e o progresso que ajudardes a fazer contribuirá para a vossa evolução. Deus só pede ao Espírito aquilo que comporte a sua natureza e o nível que tenha atingido.

510. Quando o pai que vela pelo filho reencarna, continua ainda a velar por ele?

Isso é mais difícil, mas pede a um Espírito simpático, num momento em que esteja disponível, que o ajude nessa missão. Aliás, os Espíritos só aceitam missões que possam cumprir até ao fim.

O Espírito encarnado, sobretudo nos mundos em que a existência é material, encontra-se demasiado subordinado ao corpo para estar inteiramente disponível, isto é, para dar assistência pessoal. Por essa razão, os que não são suficientemente evoluídos são auxiliados por Espíritos que lhes são superiores. De tal maneira que, se a ajuda de um Espírito faltar por um motivo qualquer, será apoiado por outro.

511. Além do Espírito protetor, há algum mau Espírito ligado a cada indivíduo, tendo em vista levá-lo a praticar o mal e fornecer-lhe a ocasião de lutar entre o bem e o mal?

Ligado, não é bem o termo. É certo que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho, quando têm a possibilidade disso. Mas quando um deles se liga a um indivíduo, fá-lo por sua própria iniciativa, porque espera que ele lhe dê ouvidos. Então, haverá luta entre o bom e o mau e vencerá aquele a cujo domínio o indivíduo se entregar.

512. Podemos ter vários Espíritos protetores?

Cada pessoa tem sempre consigo Espíritos simpáticos mais ou menos evoluídos, que lhe dedicam afeição e se interessam por ele, como há também os que o instigam ao mal.

513. Os Espíritos simpáticos atuam no cumprimento de uma missão?

Às vezes podem ter uma missão temporária, mas mais frequentemente são apenas solicitados pela proximidade de pensamentos e de sentimentos, para o bem ou para o mal.

513-a. Pode concluir-se que os Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus ?

Sim, as pessoas encontram sempre Espíritos que simpatizam consigo, seja qual for o seu caráter.

514. Os "Espíritos familiares" são os mesmos que os "Espíritos simpáticos" ou os "Espíritos protetores"?

Há muitas variantes na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é acima de tudo o amigo da casa.

- Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam aos seres humanos, pode deduzir-se o seguinte:

O Espírito protetor, anjo da guarda ou bom génio, é aquele que tem por missão segui-los na vida e ajudá-los a progredir. É sempre de uma natureza superior à do protegido.

Os Espíritos familiares ligam-se a certas pessoas por meio de laços mais ou menos duráveis, com o fim de ajudá-las na medida do seu poder, frequentemente bastante limitado. São bons, mas às vezes pouco avançados e mesmo descuidados. Ocupam-se voluntariamente de pormenores da vida íntima e só agem por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que atraímos a nós por afeições especiais e uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto no bem como no mal. A duração das suas relações está quase sempre subordinada às circunstâncias.

O mau génio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga às pessoas com o fim de as desviar do bem, mas age pelo seu próprio impulso e não em virtude de uma missão. A sua persistência éproporcionalà maior ou menor facilidade de acesso que lhe é concedida. As pessoas têm sempre a liberdade de o escutar ou de o repelir.

515. Há pessoas que se apegam a outras para levá-las à perdição ou para guiá-las no bom caminho?

Algumas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso acontece para o mal, são maus Espíritos de que se servem outros maus Espíritos para melhor subjugarem as suas vítimas. Deus pode permiti-lo para vos pôr à prova.

516. O nosso bom e o nosso mau génio poderiam encarnar para nos acompanharem na vida de maneira mais direta?

Isso acontece às vezes. Frequentemente encarregam dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.

517. Há Espíritos que se ligam a uma família inteira para protegê-la?

Alguns Espíritos ligam-se aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e são unidos por amizade, mas não é de acreditar em Espíritos protetores do orgulho de alguns povos.

518. Sendo os Espíritos atraídos pelos indivíduos por simpatia, sê-lo-ão igualmente pelas reuniões de grupos interessados em causas especiais?

Os Espíritos vão de preferência aos locais onde se encontram os seus iguais, pois nesses lugares estão mais à vontade e mais confiantes de ser ouvidos. As pessoas atraem os Espíritos a si em função das suas tendências, estejam sós ou formem uma coletividade, como uma associação, uma cidade ou um povo. Há, pois, associações, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos evoluídos, segundo o caráter e as paixões dominantes nesses meios. Os Espíritos imperfeitos afastam-se dos que os repelem. Daqui resulta que o aperfeiçoamento moral de todos os coletivos, como dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a chamar os bons, que estimulam e apoiam o aperfeiçoamento geral, da mesma maneira que outros podem estimular-lhes as más paixões.

519. As agremiações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm os seus Espíritos protetores especiais?

Sim, porque essas reuniões são de entidades coletivas que caminham para um objetivo comum e têm necessidade de orientação superior.

520. Os Espíritos protetores de coletivos são de natureza mais elevada do que aqueles que se ligam aos indivíduos?

Tudo é relativo ao grau de evolução espiritual das massas, como dos indivíduos.

521. Há Espíritos que auxiliam o progresso das artes, protegendo os que a elas se dedicam?

Há Espíritos protetores especiais que assistem aqueles que os invocam, quando os julgam dignos disso. Mas que quereis que façam com os que julgam ser o que não são? Não podem fazer os cegos ver, nem fazer os surdos ouvir.

- Os antigos fizeram desses Espíritos divindades especiais. As Musas eram a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, assim como designavam pelos nomes de "lares" e "penates" os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades e os países têm também os seus patronos ou protetores, que são Espíritos superiores, mas sob outros nomes. Tendo cada pessoa os seus Espíritos simpáticos, resulta que, em todos os coletivos, a generalidade dos Espíritos simpáticos está de harmonia com a generalidade dos seus membros, e que Espíritos estranhos são para eles atraídos pela identidade de gostos e de

pensamentos. Numa palavra, esses grupos, tal como os seus componentes, são mais ou menos bem enquadrados, ajudados e influenciados, segundo a natureza dos pensamentos da maioria.

Ao nível dos povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e sobretudo as leis, porque o caráter da nação reflete-se nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre eles combatem a influência dos maus Espíritos. Por toda a parte onde a lei consagra medidas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos estão em minoria. O número dos maus, que aflui, sujeita a nação às suas ideias e paralisa as boas influências parciais perdidas na multidão, como espigas isoladas no meio dos silvados. Estudando-se os costumes dos povos ou dos coletivos humanos é fácil, portanto, fazer ideia da população oculta que se insinua nos seus pensamentos e nas suas ações.

VII – Pressentimentos

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Está também na intuição das escolhas que fizemos, é a voz do instinto. O Espírito, antes de encarnar, tem conhecimento das fases principais da sua existência, ou seja, do género de provas a que irá dedicar-se. Quando estas têm um caráter relevante, o Espírito conserva uma espécie de impressão no seu íntimo. Essa impressão, que é a voz do instinto, desperta quando chega o momento, tornando-se pressentimento.

523. Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre qualquer coisa de vago. O que devemos fazer, na incerteza?

Quando estiveres inseguro invoca o teu Espírito bom, ou faz uma prece a Deus para que te envie um dos seus mensageiros, um de nós.

524. Os avisos dos nossos Espíritos protetores têm por único objetivo a conduta moral ou também a conduta que devemos ter em relação às coisas da vida privada?

Têm a ver com tudo. Procuram fazer-vos viver da melhor maneira possível, mas frequentemente fechais os ouvidos aos bons conselhos e tornais-vos infelizes por vossa culpa.

- Os Espíritos protetores ajudam-nos, com os seus conselhos, através da voz da consciência que fazem falar em nós. Como nem sempre lhes damos a necessária importância, fazem-no mais diretamente, servindo-se das pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias, felizes ou infelizes da sua vida, e verá que muitas vezes recebeu conselhos dos quais nem sempre aproveitou e que lhe teriam poupado muitos dissabores, se os tivesse escutado.

VIII – Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida

525. Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?

Seguramente, visto que te aconselham.

525-a. Exercem essa influência apenas pelos pensamentos que sugerem ou têm uma ação direta sobre a concretização das coisas?

Têm sim, mas nunca atuam fora das leis naturais.

- Pensamos erradamente que a ação dos Espíritos se manifesta apenas por fenómenos extraordinários. Desejaríamos que fizessem milagres e imaginamo-los empunhando uma varinha mágica. Mas não é assim. Épor isso que a sua intervenção nos parece oculta. Tudo aquilo que é feito com a sua ajuda tem toda a naturalidade. Sugerem, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que parece dar-se por acaso. Inspirarão alguém a passar algures, chamando a sua atenção para qualquer coisa, se isso puder dar o resultado que pretendem. De tal forma que, julgando seguir os seus próprios impulsos, essa pessoa conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Tendo ação sobre a matéria, poderão os Espíritos provocar certos acontecimentos? Por exemplo, alguém deve falecer: subindo uma escada, esta quebra-se e a pessoa morre. Foram os Espíritos que fizeram com que a escada se partisse para cumprir esse destino?

É certo que os Espíritos têm influência sobre a matéria, mas no total respeito pelas leis da natureza e não para as anular, fazendo surgir no momento exato acontecimentos inesperados e contrários a essas leis.

No exemplo citado, a escada quebrou-se porque estava cheia de caruncho ou não era suficientemente forte para aguentar o peso da pessoa. Se estivesse no seu destino morrer dessa maneira, ser-lhe-ia dada a sugestão de subir a escada, que se partiria com o seu peso. A morte teria, pois, uma causa natural, não havendo necessidade de um milagre para acontecer.

527. Tomemos outro exemplo, alheio ao estado natural da matéria. Um indivíduo deve morrer fulminado por um raio: esconde-se debaixo de uma árvore, o trovão faz-se ouvir e ele morre. Os Espíritos poderiam ter feito com que o raio o atingisse?

É a mesma coisa. O raio caiu sobre a árvore nesse momento porque estava nas leis da natureza que assim fosse. Não foi dirigido para a árvore porque alguém lá se encontrava. O indivíduo foi inspirado para refugiar-se ali, onde deveria cair um raio, o que sucederia mesmo se ele lá não estivesse.

528. Um homem mal-intencionado dispara um tiro contra outro, que passa de raspão sem o atingir. O tiro pode ter sido desviado por um Espírito bondoso?

Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benfazejo sugere-lhe a ideia de se desviar, ou poderá atrapalhar o inimigo de maneira a errar a pontaria. O projétil, uma vez disparado, segue a sua trajetória normal.

529. O que seriam as "balas encantadas" que atingiam fatalmente o alvo, a que se referem algumas lendas?

São pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não lhe bastam as maravilhas da natureza.

529-a. Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados por Espíritos que desejem o contrário?

O que Deus quer, acontece. Se houver atraso ou impedimento é por sua vontade.

530. Os Espíritos descuidados e trocistas podem provocar pequenos inconvenientes que venham frustrar os nossos projetos e transtornar asnossas previsões? Serão eles os autores do que vulgarmente chamamos os pequenos azares da vida?

Agradam-lhes aqueles contratempos que são provas destinadas a exercitar a vossa paciência, mas cansam-se quando veem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem exato, responsabilizá-los por todas as vossas deceções, dos quais sois os principais autores, por precipitação. Podes crer que, se a tua loiça se parte, é mais por causa da tua falta de cuidado do que por culpa dos Espíritos.

530-a. Os Espíritos que provocam incómodos agem por animosidade pessoal ou atacam o primeiro que encontram, sem motivo determinado, por simples maldade?

Por uma e outra coisa. Às vezes são inimigos que fizeste nesta vida ou noutra anterior e que te perseguem, outras vezes não têm motivo nenhum.

531. A maldade dos seres que nos causaram transtorno na Terra extingue-se com a sua vida corporal?

Muitas vezes reconhecem a sua injustiça e o mal que fizeram, mas outras vezes também vos perseguem com a sua animosidade, se Deus o permite, para continuarem a experimentar-vos.

531-a. Pode pôr-se termo a isso? Por que meio?

Sim, podeis orar por eles, e ao retribuir-lhes o mal com o bem acabarão por compreender os seus erros. De resto, sabendo colocar-vos acima das suas maquinações, cessarão de fazê-las ao verem que nada lucram.

- A experiência prova que certos Espíritos prosseguem a sua vingança de uma existência para outra, e assim expiaremos, mais cedo ou mais tarde, males que possamos ter feito a alguém.

532. Os Espíritos têm o poder de desviar os males de certas pessoas, atraindo para elas a prosperidade?

Não o podem fazer inteiramente, porque há males que foram decretados pela Providência, mas minoram as vossas dores dando-vos paciência e resignação. Notai que depende de vós desviar esses males ou, pelo menos, atenuá-los. Deus deu-vos a inteligência para ser usada. É sobretudo por esse meio que os Espíritos vos socorrem, sugerindo-vos pensamentos favoráveis. Mas só ajudam os que sabem ajudar-se a si mesmos. É esse o significado das palavras: Buscai e achareis, batei e abnr-se-vos-á. Notai ainda que aquilo que vos parece um mal nem sempre o é. Muitas vezes deve resultar daí um bem que será maior do que o próprio mal. É isso o que não compreendeis, porque pensais apenas no momento presente ou em vós mesmos.

533. Os Espíritos podem contribuir para a aquisição de meios de fortuna, se isso lhes for pedido?

Podem, algumas vezes como prova. Contudo, muitas vezes recusam, do mesmo modo que não se fazem a uma criança todas as vontades despropositadas.

533-a. São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

São uns e outros, isso depende da intenção. A maior parte das vezes são os Espíritos que querem arrastar-vos para o mal e que encontram um meio fácil para isso nos prazeres que a fortuna proporciona.

534. Quando os obstáculos parecem vir fatalmente contra os nossos projetos, seria isso por influência de algum Espírito?

Algumas vezes são os Espíritos, outras vezes, e o mais frequentemente, esses obstáculos surgem devido às vossas más inclinações. As atitudes e a personalidade influem muito. Se vos obstinais num caminho que não é o vosso, os Espíritos não têm culpa. Sois vós o vosso próprio génio mau.

535. Quando nos acontece alguma coisa feliz, é ao nosso Espírito protetor que devemos agradecer?

Agradecei sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se faz, depois aos bons Espíritos que foram os seus agentes.

535 - a. Que aconteceria se nos esquecêssemos de agradecer?

O que acontece aos ingratos.

535-b. Há, entretanto, muita gente que não ora nem agradece e para quem tudo sai bem?

Sim, mas é necessário observar as consequências. Pagarão bem caro essa felicidade passageira que não merecem. Quanto mais tenham recebido, mais terão de restituir.

IX – Ação dos Espíritos sobre os fenómenos da natureza

536. Os grandes fenómenos da natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos, são devidos a causas fortuitas ou têm uma finalidade providencial?

Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.

536 - a. Esses fenómenos têm sempre as pessoas como finalidade?

Algumas vezes relacionam-se diretamente com elas, mas também com o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza.

536 - b. Compreendemos que a vontade de Deus seja a causa primária, nesta como em todas as coisas. Como sabemos que os Espíritos têm ação sobre a matéria e são agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns deles exercem influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

É evidente, não pode ser de outro modo. Deus não se ocupa com a ação direta sobre a matéria, tem os seus agentes dedicados a isso em todos os níveis da escala dos mundos.

537. A mitologia dos antigos é inteiramente fundada sobre ideias espíritas, com a diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses, ou esses Espíritos, com atributos especiais. Uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros presidiam à vegetação, etc.. Essa crença tem algum fundamento?

Além de ter fundamento, está ainda muito aquém da verdade.

537 - a. Pela mesma razão, poderia haver Espíritos habitando o interior da Terra, dirigindo os fenómenos geológicos?

Esses Espíritos não habitam de facto na Terra, mas presidem e dirigem esses fenómenos, segundo as suas atribuições. Um dia tereis a explicação de todos esses fenómenos e compreendê-los-eis melhor.

538. Os Espíritos que presidem aos fenómenos da natureza formam uma categoria especial no mundo espiritual, são seres à parte ou são Espíritos que foram encarnados como nós?

Que o serão, ou que já o foram.

538 - a. Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?

É conforme as suas funções sejam mais de caráter material ou inteligente: uns mandam, outros executam. Os que executam as ações materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos como entre vós.

539. Na produção de certos fenómenos, das tempestades por exemplo, é somente um Espírito que age ou reúnem-se em massa?

Reúnem-se em multidões inumeráveis.

540. Os Espíritos que agem sobre os fenómenos da natureza fazem-no com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por um impulso instintivo ou irrefletido?

Uns sim, outros não. Faço uma comparação: imagina essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem surgir da superfície do mar ilhas e arquipélagos. Há nisso uma finalidade providencial e essa modificação da superfície do globo resulta necessária para a harmonia geral. Contudo, não passam de animais de ínfima categoria que realizam essas coisas enquanto satisfazem as suas necessidades, sem suspeitarem que são instrumentos de Deus.

Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto. Enquanto ensaiam os primeiros passos na vida e antes de ter plena consciência dos seus atos e do seu livre-arbítrio, operam certos fenómenos de que são agentes ativos, sem terem consciência disso. Primeiro, executam. Mais tarde, quando a sua inteligência já estiver desenvolvida, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral.

Desta forma, tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até ao arcanjo, dado que ele mesmo começou pelo átomo. Lei admirável da harmonia, cujo conjunto o vosso Espírito limitado ainda não pode apreender.

X – Os Espíritos durante os combates

541. Numa batalha há Espíritos que ajudam e apoiam cada uma das forças em luta?

Sim, e que estimulam a sua coragem.

– Tal como outrora os antigos representavam os deuses tomando partido por este ou aquele povo. Esses deuses eram Espíritos representados por figuras alegóricas.

542. Numa guerra, a justiça está sempre de um lado. Como é que os Espíritos tomam partido a favor dos que defendem princípios errados?

Sabeis perfeitamente que há Espíritos que só buscam a discórdia e a destruição. Para eles a guerra é a guerra, a justiça pouco lhes importa.

543. Certos Espíritos podem influenciar os generais na planificação de uma campanha de guerra?

Sem dúvida nenhuma. Os Espíritos podem influenciar nesse sentido como na formação de quaisquer outras ideias.

544. Os maus Espíritos poderiam sugerir-lhe planos errados com vista à derrota?

Sim, mas o general tem o seu livre-arbítrio. Se o seu raciocínio não lhe permite distinguir uma ideia certa de uma ideia errada terá de sofrer as consequências e melhor estaria a obedecer do que a comandar.

545. O general pode, algumas vezes, ser guiado por uma espécie de dupla vista, uma visão intuitiva que lhe mostra por antecipação o resultado dos seus planos?

É frequentemente o que acontece com os homens de génio. É o que classificam como inspiração e lhes permite agir com uma espécie de certeza. Essa inspiração vem-lhes dos Espíritos que os dirigem e colocam em ação as faculdades de que são dotados.

546. No tumulto do combate, o que acontece aos Espíritos dos que sucumbem? Ainda se interessam pela luta após a morte?

Alguns interessam-se, outros afastam-se dela.

- Nos combates acontece o mesmo que se verifica em todos os casos de morte violenta. No primeiro momento o Espírito fica surpreendido, confuso e não acredita que está morto, ainda lhe parece estar a combater. Só pouco a pouco é que compreende a realidade.

547. Os Espíritos daqueles que se combatiam reconhecem-se como inimigos após a morte e continuam encarniçados uns contra os outros?

O Espírito, nessas circunstâncias, nunca tem sangue frio. No primeiro instante ainda pode odiar o seu inimigo e mesmo persegui-lo. Mas, quando cai em si, vê que a sua animosidade já não tem sentido. Não obstante, poderá ainda conservar mais ou menos vestígios dela, de acordo com o seu caráter.

547-a. Ouvem ainda o fragor da batalha?

Sim, perfeitamente.

548. O Espírito que assiste friamente a um combate, como espetador, testemunha a separação entre a alma e o corpo daqueles que tombam? Como se lhe apresenta esse fenómeno?

Há poucas mortes instantâneas. Na maioria das vezes, o Espírito cujo corpo foi ferido de morte, não tem consciência disso instantaneamente. Quando começa a reconhecer-se é que pode distinguir o Espírito que se move ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a vista do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável. Uma vez que a vida passa a residir inteiramente no Espírito, só ele é que é motivo de atenção, é com ele que conversam ou a ele que dão ordens.

XI – Dos pactos

549. É verdade que podemos fazer pactos com os maus Espíritos?

Não, esses pactos não existem, apenas a simpatia entre uma pessoa de natureza má e Espíritos maus. Por exemplo: se alguém quiser atormentar um vizinho, não sabendo como fazê-lo, chamará os Espíritos inferiores que só querem o mal. Para prestarem a sua ajuda, exigem em troca apoio nas suas más intenções. Mas isto não quer dizer que o vizinho não possa livrar-se deles, por mudar de ideias ou pela sua própria vontade. Aquele que deseja cometer uma má ação, chama em seu auxílio os maus Espíritos. Fica por isso obrigado a servi-los como eles o fizeram, pois também necessitam dele para o mal que desejam fazer. É apenas nisso que consiste o pacto.

– A sujeição aos Espíritos inferiores em que às vezes alguém se encontra, provém da sua entrega aos maus pensamentos que eles lhe sugerem e não de qualquer espécie de combinações feitas com eles. O pacto, no sentido vulgar da palavra, é uma alegoria que retrata a aproximação entre um indivíduo de natureza má e Espíritos malfeitores.

550. Qual é o sentido das lendas fantásticas segundo as quais certos indivíduos teriam vendido a sua alma a Satanás em troca de favores?

Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral, o vosso erro é tomá-las à letra. Esta alegoria pode explicar-se assim: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter os dons da fortuna ou qualquer outro favor, conspira contra a Providência, renuncia à missão que lhe foi confiada, às provas que deve cumprir neste mundo e sofrerá as consequências disso na vida futura.

Isso não quer dizer que a sua alma esteja para sempre votada à infelicidade. Porém, em vez de se desligar da matéria, afunda-se nela cada vez mais. O que terá tido em alegrias na Terra não vai ter no mundo dos Espíritos, até que se redima por novas provas, talvez maiores e mais penosas. Pelo seu amor aos prazeres materiais coloca-se na dependência dos Espíritos impuros. É um pacto tácito com eles que o conduz à sua perda, mas que lhe será sempre fácil de romper a qualquer momento, com a ajuda dos bons Espíritos, se para isso dispuser de uma vontade firme.

XII – Poder oculto, talismãs, feiticeiros

551. Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe for devotado, pode fazer o mal ao seu próximo?

Não, Deus não o permitiria.

552. Que pensar da crença no poder que teriam certas pessoas de lançar feitiços?

Algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso, se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso poderão ser ajudadas por outros maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse suposto poder mágico, que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os atos de feitiçaria que referem são factos naturais mal observados e, sobretudo, mal compreendidos.

553. Qual será o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem fazer uso da vontade dos Espíritos?

O único efeito é de se tornarem ridículas se acreditarem em tais coisas. No caso contrário, são velhacos que merecem castigo. Todas essas fórmulas são patranhas. Não há "palavras sacramentais", nem "signos cabalísticos", nem "talismãs" que tenham a mínima ação sobre os Espíritos, porque os Espíritos são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.

553-a. Já houve Espíritos que ditaram fórmulas cabalísticas?

Sim, houve Espíritos que indicaram signos, palavras bizarras, ou que prescreveram certos atos, com a ajuda dos quais poderiam ser feitas as chamadas "conjurações". Mas podeis ter a certeza de que são Espíritos que troçaram e abusaram da credulidade de alguém.

554. Aquele que, com razão ou sem ela, confia naquilo a que chama "virtude" de um talismã, poderá, por essa mesma confiança, atrair um Espírito ? Visto que é o pensamento que age, o talismã é apenas um símbolo que ajuda a dirigir o pensamento?

Isso é verdade, mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos. É raro que aquele que é suficientemente ingénuo para crer na virtude de um talismã, preze mais a moral do que o material. Em todo o caso, isso indica estreiteza e fraqueza de ideias, que dão oportunidade aos Espíritos imperfeitos e trocistas.

555. Que sentido deve dar-se ao qualificativo de feiticeiro?

Os chamados feiticeiros são pessoas que, se forem honestas, possuem certas faculdades como o poder magnético ou a dupla vista. Como fazem coisas que não compreendeis, são julgados detentores de poder sobrenatural. Os vossos sábios não passaram muitas vezes por feiticeiros aos olhos das pessoas ignorantes?

− O espiritismo e o magnetismo esclarecem uma infinidade de fenómenos sobre os quais a ignorância teceu muitas fábulas, em que os factos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que se resumem numa só, mostrando a realidade das coisas e a sua verdadeira causa, é a melhor defesa contra as ideias supersticiosas, porque revela o que épossível e o que é impossível, o que está nas leis da natureza e o que não passa de crença ridícula.

556. Certas pessoas têm realmente o dom de curar pela simples aplicação das mãos?

O poder magnético pode chegar a isso, quando é secundado pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos auxiliam.

Mas é necessário desconfiar da maneira como as coisas são contadas por pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É necessário também desconfiar dos relatos interesseiros por parte de pessoas que exploram a credulidade em proveito próprio.

XIII – Bênção e maldição

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal sobre as pessoas visadas?

Deus não ouve uma maldição injusta e aquele que a lança é culpado a seus olhos. Como temos as duas influências opostas - a do bem e a do mal - pode haver uma influência momentânea, mesmo sobre a matéria. Mas tal influência só pode acontecer de acordo com a vontade de Deus. Além disso, na maior parte das vezes, amaldiçoam-se os maus e abençoam-se os bons. A bênção e a maldição nunca podem desviar a Providência do caminho da justiça; ela só atinge o amaldiçoado se ele for mau e só protege o que tiver merecimento.

CAPÍTULO X – Ocupações e missões dos Espíritos

558. Os Espíritos têm outras tarefas além de procurarem evoluir?

Concorrem para a harmonia do Universo executando as vontades de Deus, do qual são ministros. A vida espiritual é uma ocupação contínua, mas nada tem de penoso como na Terra, porque não há fadiga corporal nem as angústias da necessidade.

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham funções úteis no Universo?

Todos têm deveres a cumprir. O mais humilde pedreiro, tal como o arquiteto, também contribui para a construção do edifício. (Ver pergunta 540)

560. Cada um dos Espíritos tem atributos especiais?

Todos teremos de viver em toda a parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, servindo sucessivamente em todas as partes do Universo. Como é dito no Eclesiastes, há um tempo para cada coisa. Este cumpre hoje o seu destino neste mundo, aquele cumpri-lo-á ou já o cumpriu noutro tempo, na terra, na água, no ar, etc.

561. As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para todos, ou pertencem às atribuições exclusivas de certas classes?

Todos devem percorrer os diferentes graus da escala, para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter dado a uns o conhecimento sem trabalho, tendo outros que o adquirir com esforço.

- Da mesma maneira, entre os humanos, ninguém chega ao supremo grau de habilidade numa arte qualquer sem ter adquirido os conhecimentos necessários na prática das funções mais humildes dessa arte.

562. Quando os Espíritos do nível mais alto nada tiverem já para aprender, ficam em repouso absoluto ou ainda têm ocupações?

Que querias que fizessem durante toda a eternidade? A ociosidade permanente seria um suplício infinito.

562-a. Qual é a natureza das suas ocupações?

Recebem ordens diretamente de Deus, transmitem-nas por todo o Universo e velam pela sua execução.

563. As ocupações dos Espíritos são incessantes?

Incessantes, sim, se entendermos que o seu pensamento está sempre em atividade, porque vivem pelo pensamento. Porém, não é possível comparar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos humanos. A atividade dos Espíritos constitui um prazer, por terem a consciência de serem úteis.

563 - a. Entende-se que seja assim com os bons Espíritos. Acontece o mesmo com os Espíritos inferiores?

Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Ninguém confia, ao simplório ou ao ignorante, tarefas que são para os inteligentes.

564. Haverá Espíritos ociosos ou que nada fazem de útil?

Sim, mas esse estado é temporário e depende do desenvolvimento da sua inteligência. Certamente que há, como entre vós, os que vivem apenas para si mesmos. Porém, essa ociosidade pesa-lhes. Cedo ou tarde o desejo de progredir faz-lhes sentir a necessidade de atividade e sentem-se felizes por se tornarem úteis. Falamos de Espíritos que atingiram a consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio. De início, são como crianças recém-nascidas que agem mais por instinto do que por vontade determinada.

565. Os Espíritos examinam os nossos trabalhos artísticos, interessando-se por eles?

Examinam o que pode provar a elevação dos Espíritos e o seu progresso.

566. Um Espírito que teve uma especialidade na Terra, um pintor ou um arquiteto por exemplo, interessa-se pelos trabalhos da sua predileção durante a vida?

Tudo se insere num objetivo geral. Se for bom, interessa-se na medida em que esse trabalho ajude a elevação das almas para Deus. Um Espírito dedicado a determinada arte na existência que lhe conheceis, pode ter praticado outra numa existência anterior, porque é necessário saber tudo para atingir a perfeição. No grau de evolução a que chegou, pode não haver uma especialidade para ele. Tudo se insere num objetivo geral. Aquilo que é sublime no vosso mundo pouco evoluído, será infantil em comparação com o que há nos mundos mais avançados. Como quereis que os Espíritos que habitam mundos onde existem artes desconhecidas para vós, admirem o que, para eles, não é mais do que um trabalho escolar? Como já disse: os Espíritos apreciam os exemplos de progresso.

566-a. Julgamos que deva ser assim para os Espíritos muito evoluídos. E quanto aos Espíritos mais vulgares, que não se elevaram ainda acima das ideias do nosso planeta?

Para esses, é diferente. O seu ponto de vista é mais limitado e podem admirar o mesmo que vós.

567. Os Espíritos participam nas nossas ocupações e nos nossos gostos?

Os Espíritos vulgares, sim. Estão sempre junto de vós e, segundo a sua natureza, tomam parte, por vezes muito ativa, naquilo que fazeis. É muito necessário que o façam, para impulsionar os homens pelos diferentes caminhos da vida e estimular ou moderar as suas paixões.

− Os Espíritos ocupam-se das coisas deste mundo na medida da sua elevação ou da sua inferioridade. Os Espíritos superiores têm a faculdade de as apreciar nos seus mínimos detalhes, mas só fazem isso se for útil ao progresso. Só os Espíritos inferiores ligam uma certa importância às lembranças ainda presentes na sua memória e às ideias materiais que ainda não se apagaram.

568. Os Espíritos que têm missões a cumprir, fazem-no quando desencarnados ou encarnados?

Pode acontecer em ambos os casos. Para certos Espíritos essa é uma grande tarefa

569. Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos quando estão no mundo espiritual?

São tão variadas que é impossível descrevê-las. Existem, aliás, as que não podeis compreender. Os Espíritos executam a vontade de Deus e não podeis conhecer todos os seus desígnios.

− As missões dos Espíritos têm sempre o bem como finalidade. Quer como Espíritos quer como pessoas, são encarregados de ajudar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, num

círculo de ideias mais ou menos amplo ou mais ou menos especial; de preparar alguns acontecimentos e de velar por certas realizações. Alguns têm missões mais restritas, de certa maneira pessoais ou meramente locais, como de assistir aos doentes, aos agonizantes, aos aflitos, de vigiar aqueles de que se tornam guias e protetores, de os dirigir com conselhos ou de lhes sugerir bons pensamentos.

Pode dizer-se que há tantos géneros de missões quantas as espécies de interesses a vigiar, seja no mundo físico, seja no mundo moral. O Espírito avança segundo a maneira como desempenha a sua tarefa.

570. Os Espíritos compreendem sempre os projetos que estão encarregados de executar?

Não. Há os que são instrumentos cegos, mas outros sabem muito bem o objetivo da sua ação.

571. Só há Espíritos elevados no cumprimento de missões?

A importância das missões é proporcional à capacidade e à elevação do Espírito. O estafeta que leva uma mensagem também cumpre uma missão, mas não é equivalente à que cumpre um general.

572. A missão de um Espírito é-lhe imposta ou depende da sua vontade?

Ele pede-a e alegra-se por tê-la obtido.

572-a. A mesma missão pode ser pedida por vários Espíritos?

Sim, há sempre muitos candidatos, mas nem todos são aceites.

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

Instruir os homens, ajudá-los a evoluir, melhorar as suas instituições por meios diretos e materiais. As missões variam no seu grau de generalidade e na sua importância. Aquele que cultiva a terra cumpre uma missão, como aquele que governa ou aquele que instrui. Tudo se encadeia na natureza: ao mesmo tempo que o Espírito se purifica pela encarnação, concorre, nessa condição, para o cumprimento dos desígnios da Providência. Cada um tem a sua missão neste mundo, porque cada um pode ser útil seja no que for.

574. Qual pode ser a missão das pessoas que vivem na Terra deliberadamente inativas?

Há certas pessoas que só vivem para si mesmas e não sabem tornar-se úteis para nada. São pobres seres que devemos lamentar, porque expiarão duramente a sua inutilidade voluntária. As suas provas começam já neste mundo pelo tédio e falta de gosto pela vida.

574-a. Se tinham o direito de escolha, porque preferiram uma vida que em nada lhes seria proveitosa?

Entre os Espíritos há também os preguiçosos, que recuam diante de uma vida de trabalho. Deus permite-lhes isso. Compreenderão, mais tarde e à sua própria custa, os inconvenientes dessa inutilidade e serão eles os primeiros a pedir para recuperar o tempo perdido. Talvez tenham escolhido antes uma vida mais útil, mas perante a obra recuaram, deixando-se arrastar pelas sugestões dos Espíritos que os incitavam à ociosidade.

575. As ocupações vulgares mais nos parecem deveres do que missões propriamente ditas. A missão, segundo a ideia ligada a essa palavra, tem um sentido muito menos restrito e, sobretudo, menos pessoal. Desse ponto de vista, como podemos saber ao certo que cada pessoa tem uma missão real na Terra?

Pelas grandes tarefas que realiza e pelo progresso que possibilita aos seus semelhantes.

576. Os seres humanos que têm uma missão importante são predestinados a essa missão antes do nascimento e têm conhecimento disso?

Às vezes sim, mas ignoram esse facto na maioria dos casos. Têm apenas a vaga consciência de um objetivo ao descer à Terra. A missão que lhes toca configura-se gradualmente após o nascimento e segundo as circunstâncias. Deus guia-os pela via que devem tomar para cumprir os seus desígnios.

577. Quando alguém faz uma coisa útil é sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada ou pode receber uma missão imprevista?

Nem sempre o que as pessoas fazem é consequência de uma missão predestinada. Às vezes tornam-se o instrumento de um Espírito que se serve delas para executarem alguma coisa que considera útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo faria se estivesse encarnado. Procura alguém capaz de compreender o seu pensamento e de realizar a obra, dá-lhe essa ideia e dirige-o na execução. Essa pessoa não veio à Terra com essa missão, o que também acontece com alguns trabalhos de arte ou com descobertas. É preciso dizer ainda que, durante o sono do corpo, o Espírito encarnado comunica diretamente com o Espírito errante e que se entendem a respeito da execução.

578. O Espírito pode falhar na sua missão, por sua culpa?

Sim, se não for um Espírito superior.

578-a. Quais são para ele as consequências disso?

Terá de reiniciar a tarefa, é essa a sua prova. Depois, ficará sujeito às consequências do mal a que tenha dado origem.

579. Visto que o Espírito recebe a missão de Deus, como pode Deus confiar uma missão importante e de interesse geral a um Espírito com possibilidades de falhar?

Deus sabe muito bem se o seu general vai sair vitorioso ou se será vencido. Sabe isso, podeis estar certos, e os seus planos, quando são importantes, não dependem daqueles que poderão abandonar as suas obras a meio. O principal problema, para vós, está no conhecimento que Deus tem do futuro, mas que não vos é concedido.

580. O Espírito que encarna para desempenhar uma missão tem o mesmo receio que aquele que a faz como prova?

Não, porque já tem experiência.

581. As personalidades que são a vanguarda do género humano, que o iluminam pelo seu génio, têm certamente uma missão. Mas nesse grupo há os que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, difundem grandes erros. Como devem ser consideradas as suas missões?

Como falseadas por eles. Não estiveram à altura da tarefa que empreenderam. É necessário, porém, considerar as circunstâncias e os indivíduos geniais devem falar de acordo com as ideias do seu

tempo. Ensinamentos que parecem erróneos ou pueris numa certa altura, poderiam ter sido oportunos numa época anterior.

582. Ter filhos pode considerar-se uma missão?

É sem dúvida uma grande missão, tanto para a mãe como para o pai. É ao mesmo tempo um dever muito grande que compromete, mais do que se pensa, a responsabilidade de ambos. Deus põe a criança sob a sua tutela para que eles a dirijam no caminho do bem. Facilitou-lhes a tarefa, dando à criança a fragilidade e a delicadeza que a torna acessível a todas as influências.

Mas há muitos que se ocupam mais com a sua carreira profissional ou com os seus negócios do que em corrigir o caráter dos seus filhos. Se estes sucumbirem por negligência dos pais, são eles que carregarão essa pena. Também sobre eles recairão os sofrimentos da criança na vida futura, por não terem feito o que lhes competia para a sua evolução no caminho do bem.

583. Se uma criança se transviar, apesar dos cuidados dos pais, serão estes os responsáveis?

Não, mas quanto pior for a índole da criança mais pesada é a sua tarefa e maior será o mérito se conseguirem desviá-la do mau caminho.

583-a. Se uma criança se tornar uma boa pessoa, apesar da negligência ou dos maus exemplos dos pais, qual será o prémio que lhes cabe?

Deus é justo.

584. Qual é a natureza da missão do conquistador que só tem em vista satisfazer a sua ambição e que, para atingir o alvo, não recua diante de nenhuma calamidade por si mesmo provocada?

A missão desse conquistador, na maioria das vezes, é um instrumento de que Deus se serve para o cumprimento dos seus desígnios. As calamidades derivadas são o meio de fazer avançar mais rapidamente um povo. (Ver também nota final 51- A razão do bem e do mal)

584-a. Aquele que é instrumento dessas calamidades passageiras é alheio ao bem que delas possa resultar, dado que apenas buscava uma finalidade pessoal. Não obstante, que proveito lhe caberá?

Cada um é recompensado segundo as suas obras, o bem que desejou fazer e a retidão das suas intenções.

- Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes à sua existência corporal. No estado de desmaterialização, essas ocupações são proporcionais ao grau da sua evolução espiritual.

Uns percorrem os mundos, instruem-se e preparam-se para uma nova encarnação; Outros, mais avançados, ocupam-se do progresso dirigindo acontecimentos e sugerindo pensamentos propícios, prestam assistência às pessoas de génio que concorrem para o avanço da Humanidade; Outros encarnam com uma missão de progresso; Outros protegem indivíduos, famílias, associações de pessoas, cidades e povos dos quais são anjos guardiões, génios protetores e Espíritos familiares; Outros, enfim, presidem aos fenómenos da natureza, dos quais são agentes diretos;

Os Espíritos vulgares envolvem-se nas nossas ocupações e divertimentos; Os Espíritos impuros ou imperfeitos aguardam, em sofrimentos e angústias, o momento em que Deus se digne conceder-lhes meios para evoluir. Se praticam o mal, é por despeito do bem, do qual ainda não podem beneficiar.

CAPÍTULO XI Os – Os três reinos

I – Os minerais e as plantas

585. Qual é preferível das duas seguintes divisões da natureza: a dos três reinos (mineral, vegetal e animal), ao qual alguns naturalistas juntam um quarto reino, o da espécie humana, ou a das duas classes (os seres orgânicos e os seres inorgânicos)?

Todas são boas, conforme o ponto de vista. Sob o ponto de vista material, há apenas seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral há, evidentemente, quatro graus.

− Esses quatro graus têm características bem marcadas, embora separadas por limites mal definidos entre si:

A matéria inerte - que constitui o reino mineral, só tem em si mesma força mecânica;

As plantas - compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade;

Os animais - constituídos de matéria inerte e dotados de vitalidade têm, além disso, uma espécie de inteligência instintiva limitada, com consciência da sua existência e da sua individualidade;

O ser humano - tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, ultrapassa todas as outras classes por uma inteligência especial, sem limites definidos, que lhe dá consciência do seu futuro, perceção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus.

[47 - Os verbos dominar e ultrapassar]

586. As plantas têm consciência da sua existência?

Não, as plantas não pensam. Têm apenas vida orgânica.

587. As plantas têm sensações? Sofrem quando são mutiladas?

As plantas recebem impressões físicas que agem sobre a matéria, mas não têm perceções. Por conseguinte, não têm a sensação da dor.

588. A força que atrai as plantas umas às outras é independente da sua vontade?

Sim, porque não pensam. É uma força mecânica da matéria que age sobre a matéria. As plantas não poderiam opor-se a isso.

589. Certas plantas, como a sensitiva e a dioneia, têm movimentos que denotam uma grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade. A dioneia apanha com os lóbulos uma mosca que vem pousar sobre ela, para tirar-lhe o suco, e à qual parece ter preparado uma armadilha de morte. Essas plantas serão dotadas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? Serão uma transição entre as duas?

Tudo na natureza é transição, dado que, sendo tudo diferente, tudo está ligado entre si. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade própria. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm pensamento, têm apenas um instinto cego e natural.

− O organismo humano dá-nos exemplos de movimentos análogos sem a participação da vontade, como as funções digestiva e circulatória. O piloro fecha-se ao contacto de certos corpos para negar-lhes passagem. O mesmo deve acontecer com a planta sensitiva, na qual os movimentos não implicam a necessidade de uma perceção e ainda menos de uma vontade.

590. Haverá nas plantas, como há nos animais, um instinto de sobrevivência que as leva a procurar aquilo que lhes pode ser útil e a fugir do que pode prejudicá-las?

Há, se assim quisermos, uma espécie de instinto. Depende do alcance que se dê a essa palavra, mas é puramente mecânico. Nas reações químicas, quando dois corpos se unem, é porque há afinidade entre eles. Não é esse o conceito que tendes de instinto.

591. Nos mundos superiores as plantas são, como os outros seres, de natureza mais perfeita?

Tudo é mais perfeito, mas as plantas são igualmente plantas, como os animais são igualmente animais e os homens igualmente homens.

II – Os animais e os seres humanos

592. Se compararmos os seres humanos e os animais quanto à sua inteligência, é difícil estabelecer uma linha de demarcação entre eles, porque certos animais têm - nesse domínio - notória superioridade sobre certas pessoas. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

Sobre esse assunto, o pensamento dos vossos filósofos encontra-se dividido. Uns consideram o homem como sendo animal, considerando outros o animal como sendo homem. Ambas as perspectivas estão erradas.

O ser humano é um ser à parte, que desce às vezes muito baixo ou que pode elevar-se muito alto. Fisicamente é como os animais, e menos bem-dotado do que muitos deles. A natureza deu aos animais tudo aquilo que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfazer as suas necessidades e garantir a sua sobrevivência. O seu corpo extingue-se como o dos animais, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre.

Pobres humanos, que desceis abaixo do animal! Não sabeis distinguir-vos dele? Reconhecei o ser humano pelo pensamento de Deus.

593. Podemos dizer que os animais só agem por instinto?

Há nisso uma ideia preconcebida. É certo que o instinto domina na maioria dos animais, mas há muitos que agem com uma vontade determinada. É inteligência, embora limitada.

− Além do instinto, não pode negar-se a certos animais a prática de atos combinados que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles uma espécie de inteligência, cujo exercício é concentrado sobre os meios de satisfazer necessidades físicas e garantir a sobrevivência.

Não há entre eles criação ou aperfeiçoamento. Qualquer que seja a arte que admiremos nos seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas eproporções constantes e invariáveis. Os filhotes, isolados da sua espécie, não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem terem sido ensinados. Se alguns são recetivos a uma certa educação, o seu desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos. Esse progresso, contudo, é efémero e puramente individual, porque o animal, entregue a si mesmo, não tarda a voltar aos limites traçados pela natureza.

594. Os animais têm uma linguagem?

Uma linguagem formada por palavras articuladas, não. Quanto a um meio de comunicarem uns com os outros, sim. Dizem uns aos outros muito mais coisas do que se supõe, mas a sua linguagem é limitada, como as ideias, às suas necessidades.

594-a. Há animais que não possuem voz. Serão destituídos de linguagem?

Compreendem-se por outros meios. Vós não comunicais apenas pela palavra. Os mudos, por exemplo, também comunicam por gestos. Os animais, sendo dotados de vida de relação, têm meios de se avisarem uns aos outros e de exprimirem as suas sensações. Pensais que os peixes não se entendem entre si? O ser humano não tem o privilégio exclusivo da linguagem. A dos animais é instintiva e fica-se pelo círculo exclusivo das suas necessidades e das suas ideias, enquanto a do ser humano evolui e presta-se a todas as conceções da sua inteligência.

- Realmente, os peixes que migram em massa, bem como as andorinhas que obedecem ao guia que as conduz, devem ter meios de se avisar, ouvir e dialogar. Talvez seja pela visão mais penetrante que lhes permite distinguir sinais que trocam entre si e talvez a água seja também um veículo transmissor de certas vibrações. Éincontestável que os animais têm meios de se entenderem e, não sendo dotados da fala, conseguem colaborar entre si, de forma muito eficaz. Mais uma razão para não estranharmos que, sem o recurso à palavra articulada, também os Espíritos possam comunicar. (Ver pergunta 282)

595. Os animais são dotados de livre-arbítrio?

Não são simples máquinas, como julgais. A sua liberdade, contudo, é limitada às suas necessidades e não pode comparar-se à do ser humano. Sendo muito inferiores a este, não têm os mesmos deveres. A sua liberdade restringe-se aos atos da vida material.

596. De onde vem a aptidão de certos animais para imitarem a linguagem humana, e porque é que essa aptidão se encontra mais entre as aves do que entre os símios, por exemplo, cuja aparência tem mais analogia com a do homem?

Vem da configuração especial dos órgãos vocais, secundada pelo instinto da imitação. O símio imita os gestos, certos pássaros imitam a voz.

597. Uma vez que os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

Sim, e que sobrevive ao corpo.

597-a. Esse princípio é uma alma semelhante à do ser humano?

É também uma alma, depende do sentido que se dê à palavra, mas inferior à do ser humano. Há, entre a alma dos animais e a do homem, uma distância tão grande como entre a alma do homem e Deus.

598. A alma dos animais conserva após a morte a sua individualidade e a consciência de si mesma?

A individualidade, sim, mas não a consciência do "eu". A vida inteligente permanece em estado latente.

599. A alma dos animais pode escolher a espécie animal em que prefira encarnar?

Não, porque não tem o livre-arbítrio.

600. A alma do animal que sobrevive ao corpo fica, após a morte, num estado equivalente ao dos seres humanos desencarnados?

Fica em liberdade, visto que não está unida a um corpo, mas sem o pensamento ou a atividade dos Espíritos humanos. Estes, entre encarnações, são seres que pensam e agem por sua livre vontade. A consciência de si mesmo é o atributo principal do Espírito humano, tanto encarnado como desencarnado. O dos animais não tem essa faculdade.

O Espírito do animal é orientado após a morte pelos Espíritos incumbidos disso e, sendo dirigido quase imediatamente para novo destino, não dispõe de tempo livre para se relacionar com outras criaturas.

601. Os animais seguem uma lei de progresso como os seres humanos?

Sim. É por isso que nos mundos superiores, onde os seres humanos são mais evoluídos, os animais também o são, dispondo de meios de comunicação mais desenvolvidos. Porém, são sempre inferiores e estão submetidos aos seres humanos. São seus servidores inteligentes.

− Nada disso é extraordinário. Suponhamos os nossos animais de maior inteligência como o cão, o elefante e o cavalo, dotados de configuração apropriada para trabalhos manuais: o que não poderiam fazer sob a direção das pessoas?

602. Os animais progridem, como os seres humanos, por sua própria vontade ou pela força das coisas?

Pela força das coisas. É por isso que para eles não existe expiação.

603. Nos mundos superiores os animais conhecem a Deus?

Não. O ser humano é um deus para eles, como antigamente os Espíritos foram deuses para os homens.

604. Os animais, mesmo aperfeiçoados nos mundos superiores, são sempre inferiores aos seres humanos. Então, Deus teria criado seres com intelecto perpetuamente votados à inferioridade? Isto parece estar em contradição com a unidade de conceitos e de progresso que se nota em todas as suas obras.

Tudo se encadeia na natureza por ligações que não podeis ainda perceber, e as coisas aparentemente mais discordantes têm pontos de contacto que o ser humano jamais chegará a compreender no seu estado atual. Pode pressenti-los por um esforço da inteligência, mas só quando a sua inteligência tiver atingido todo o seu desenvolvimento e quando se tiver libertado dos preconceitos do orgulho e da ignorância, poderá ver claramente a profundidade da obra de Deus. Até lá, as suas ideias limitadas far-lhe-ão ver as coisas de um ponto de vista trivial e acanhado. Notai que Deus nunca se contradiz e que na natureza tudo se harmoniza, através de leis gerais que jamais se afastam da sublime sabedoria do Criador.

604-a. A inteligência é assim uma propriedade comum, um ponto de encontro entre a alma dos animais e a dos seres humanos?

Sim, mas os animais só têm a inteligência da vida material. Quanto aos seres humanos, a inteligência confere-lhes a vida moral.

605. Se considerarmos todos os pontos de semelhança existentes entre as pessoas e os animais, poderíamos pensar que elas possuem duas almas, a alma animal e a alma espírita, e que, se não tivessem esta última, poderiam viver, mas como os animais? Por outras palavras, será o animal um ser semelhante aos seres humanos, mas sem a alma espírita? Então, os bons e os maus instintos das pessoas seriam o efeito da predominância de uma ou de outra dessas duas almas?

Não, as pessoas não têm duas almas. O corpo, porém, tem os seus instintos, que são o resultado das sensações dos órgãos. Nelas há uma dupla natureza, a natureza animal e a espiritual. Pelo seu corpo, participam da natureza dos animais e dos seus instintos, pela sua alma, participam da natureza dos Espíritos.

605-a. Assim, além das próprias imperfeições de que o Espírito deve libertar-se, terá também que lutar contra a influência da matéria?

Sim, quanto mais imperfeito estiver, mais apertadas são as ligações entre o Espírito e a matéria. De facto, os humanos não têm duas almas, a alma é sempre única em cada ser. A alma do animal e a alma dos humanos são diferentes uma da outra, de tal maneira que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas se os humanos não possuem uma alma animal que, pelas suas paixões, os ponham ao nível dos irracionais, têm o corpo que, muitas vezes, os rebaixam para o nível deles, porque o seu corpo é um ser dotado de vitalidade que tem instintos, mas não inteligentes e apenas destinados à luta pela sobrevivência.

− O Espírito, ao encarnar num corpo humano, transmite-lhe o princípio intelectual e moral que o torna superior aos animais. As duas naturezas existentes nos humanos dao às suas paixões duas fontes diferentes: umas provenientes dos instintos da natureza animal, as outras das impurezas do Espírito encarnado que é o seu, que simpatiza, em maior ou menor grau, com a elementaridade dos apetites animais. O Espírito, ao purificar-se, liberta-se pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência está mais próximo do animal. Livre dessa influência eleva-se em direção ao seu verdadeiro destino.

606. De onde colhem os animais o princípio inteligente que constitui a qualidade própria da alma de que são dotados?

Do elemento inteligente universal.

606-a. A inteligência do ser humano e a inteligência dos animais emanam, portanto, de um princípio único?

Sem dúvida nenhuma. No ser humano, porém, passou por uma elaboração que o eleva acima daquela que anima os irracionais.

607. Foi dito que a alma do homem, na sua origem, se encontra num estado equivalente ao da infância da vida corporal, que a sua inteligência apenas desponta e que se ensaia para a vida (Ver pergunta 190). Onde cumpre o Espírito essa primeira fase?

Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.

607-a. A alma teria sido, portanto, o princípio inteligente dos seres inferiores da criação ?

Já dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade. É nesses seres, que estais longe de conhecer, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se prepara para a vida, como dissemos.

É, de certa maneira, um trabalho preparatório como o da germinação, a seguir ao qual o princípio inteligente passa por uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanização, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos, como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude, e por fim, a idade madura.

Nada há nessa origem que deva diminuir o ser humano. Os grandes génios sentem-se diminuídos por terem sido fetos informes no ventre materno? Se alguma coisa pode diminuí-los é a sua distância relativamente a Deus e a sua impotência para sondar a profundeza dos seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do Universo.

Reconhecei a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz com que tudo seja solidário na natureza. Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.

607-b. Esse período de humanização começa na Terra?

A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanização começa, geralmente, nos mundos ainda mais inferiores. Essa não é, entretanto, uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, estivesse apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente e seria uma exceção.

608. O Espírito, após a morte da pessoa, tem consciência das existências que precederam o período de humanização?

Não, porque não foi a partir deste período que começou a sua vida de Espírito. É mesmo difícil que se lembre das suas primeiras existências humanas, exatamente como as pessoas não se lembram dos primeiros tempos da infância e ainda menos do tempo que passaram no ventre materno. É por isso que os Espíritos vos dizem que não sabem como começaram. (Ver pergunta 78)

609. O Espírito, tendo entrado no período de humanização, conserva os traços do que era antes, no período a que poderíamos chamar “ante- humano”?

Isso depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações pode conservar reflexos do estado primitivo, porque na natureza nada se faz por transição brusca, há sempre elos que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Esses vestígios apagam-se com o desenvolvimento do livre arbítrio. Os primeiros progressos realizam-se lentamente, porque não são ainda apoiados pela vontade, seguindo-se depois uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire consciência mais perfeita de si mesmo.

610. Os Espíritos que disseram que o ser humano é um ser à parte na ordem da criação enganaram-se?

Não, mas a questão não tinha sido desenvolvida e há coisas que só podem vir a seu tempo. O ser humano é, com efeito, um ser à parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino.

A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que o podem conhecer.

III – Metempsicose

611. A mesma origem dos seres vivos quanto ao princípio inteligente não será a consagração da metempsicose?

Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelharem em nada daí em diante. Quem reconheceria a árvore, as suas folhas, flores e frutos no germe informe contido na semente de onde saíram?

Logo que o princípio inteligente atinge o nível necessário para ser Espírito e entra no período de humanização, deixa de ter relação com o seu estado primitivo, e tem tanto a ver com a alma dos animais como a árvore tem a ver com a semente que lhe deu origem.

No ser humano, o que fica do animal é o corpo e as paixões, que nascem sob a influência conjunta deste e do instinto de sobrevivência inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que determinada pessoa é a encarnação do Espírito de um certo animal. Por conseguinte, a metempsicose tal como é vulgarmente entendida, não existe.

612. O Espírito que animou o corpo de uma pessoa poderia encarnar num animal?

Não, porque isso seria retroceder e o Espírito nunca retrocede. Os rios nunca regressam à nascente. (Ver pergunta 118)

613. Por mais errónea que seja a ideia da metempsicose, teria resultado do sentimento intuitivo das múltiplas existências do homem?

Encontramos esse sentimento intuitivo nessa crença como em muitas outras. Porém, como na maior parte das suas ideias intuitivas, o homem alterou o seu significado.

− A metempsicose seria verdadeira se por ela se entendesse a progressão da alma de um estado inferior para um estado superior, com desenvolvimentos que transformassem a sua natureza. É falsa no sentido da transmigração direta do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a ideia de retrocesso ou de fusão.

A impossibilidade da fusão entre seres corporais de uma e de outra espécie indica que pertencem a níveis evolutivos incompatíveis. Acontece o mesmo com os respetivos Espíritos.

Se o mesmo Espírito pudesse animá-los alternadamente seria prova de compatibilidade natural que se traduziria na possibilidade de se reproduzirem entre si. A reencarnação ensinada pelos Espíritos, pelo contrário, baseia-se na marcha ascendente da natureza e na evolução do ser humano na sua própria espécie, o que em nada diminui a sua dignidade. O que o inferioriza é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu para evoluir. Seja como for, a antiguidade e a universalidade da metempsicose e o número de homens eminentes que a seguiram, provam que o princípio da reencarnação tem as suas raízes na própria natureza. Tais argumentos, aliás, são muito mais a favor da reencarnação, do que contrários a ela.

O ponto de partida do Espírito é uma questão que tem a ver com o princípio das coisas e está nos segredos de Deus. Não é dado ao ser humano conhecê-lo totalmente e só pode fazer a seu respeito meras suposições ou arquitetar teorias mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de saber tudo, e sobre o que desconhecem podem apenas formular opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim que nem todos pensam da mesma maneira a respeito das relações existentes entre os seres humanos e os animais. Segundo alguns, o Espírito só chega ao período humano depois de se ter

elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito dos humanos teria sempre pertencido à espécie humana, sem passar pela condição animal.

A primeira destas teorias tem a vantagem de dar uma finalidade ao futuro dos animais, que constituiriam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes, a segunda é mais conforme à dignidade do ser humano e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras pelo processo da evolução. Isto é, o Espírito da ostra não se torna sucessivamente no do peixe, no da ave, no do quadrúpede e depois no do símio. Cada espécie é um tipo absoluto, física e moralmente, e cada um dos seus indivíduos tira da fonte universal a quantidade de princípio inteligente que lhe é necessária, segundo a perfeição dos seus órgãos e a tarefa que deve desempenhar nos fenómenos da natureza e que, após a morte, devolve ao todo. (Fluido cósmico universal; ver A Génese de Allan Kardec, n° 2 do capítulo XIV - Os fluidos) As espécies animais dos mundos mais adiantados do que o nosso (ver pergunta 188) são igualmente diferentes entre si, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de evolução das pessoas de que são auxiliares, mas que espiritualmente não derivam de forma alguma das do planeta Terra.

Com os seres humanos já não se passa o mesmo. Do ponto de vista físico constituem um anel da cadeia dos seres vivos. Do ponto de vista moral, contudo, há uma quebra de continuidade entre o homem e o animal, porque o homem possui como particularidade a alma ou Espírito, a centelha divina que lhe dá o sentido moral e um alcance intelectual que falta aos animais. É em si que está o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando a sua individualidade.

Qual é a origem do Espírito? Onde se situa o seu ponto de partida? Forma- se do princípio inteligente individualizado? Esse é um mistério que seria inútil procurar desvendar e sobre o qual, como dissemos, só podemos formar teorias.

O que é inabalável, e ressalta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência, é a sobrevivência do Espírito, a conservação da sua individualidade após a morte, a sua faculdade de progredir, o seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu avanço na senda do bem e todas as verdades morais que são a consequência desse princípio.

Quanto às relações misteriosas existentes entre os seres humanos e os animais, repetimos que estão nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual nada importa para a nossa evolução e sobre as quais seria inútil insistir.

LIVRO TERCEIRO – AS LEIS MORAIS

CAPÍTULO I – A lei divina ou natural

I – Características da lei natural

614. O que deve entender-se por lei natural?

A lei natural é a lei de Deus, a única verdadeira para a felicidade do ser humano: indica-lhe o que deve fazer ou não fazer e só se torna infeliz se dela se afastar.

615. A lei de Deus é eterna?

É eterna e imutável, como o próprio Deus.

616. Terá Deus podido ordenar aos homens, num tempo, aquilo que lhes terá proibido noutro ?

Deus não se engana. Os seres humanos é que terão de modificar as suas leis, porque são imperfeitas. As leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral está fundada nas leis que Deus estabeleceu para toda a eternidade.

617. Quais são os objetivos que abrangem as leis divinas? Referem-se a algo mais do que à conduta moral?

Todas as leis da natureza são leis divinas, porque Deus é o autor de todas as coisas. O cientista estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e segue-as na sua prática.

617-a. É dado ao homem aprofundar umas e outras?

Sim, mas uma só existência não é suficiente para isso.

- O que vale um escasso número de anos para se adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, mesmo que se considere apenas a distância que separa o homem primitivo do civilizado? A mais longa vida possível na Terra é insuficiente, para mais quando ela é abreviada, como tantas vezes acontece.

Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria inerte: são as leis físicas. O seu estudo é do domínio da ciência. As outras dizem respeito ao ser humano em si mesmo e às suas relações com Deus e os seus semelhantes. Incluem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas para todos os mundos?

A razão diz-nos que elas devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e harmonizadas com o grau de evolução dos seres que os habitam.

II – Conhecimento da lei natural

619. Deus deu a todos os homens os meios de conhecerem a sua lei?

Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que desejam procurá-la. Não obstante, todos a compreenderão um dia, porque é necessário que o progresso se realize.

– A justiça das diversas encarnações dos seres humanos é uma consequência deste princípio, porque cada nova existência contribui para o desenvolvimento da sua inteligência e da sua melhor compreensão do que é o bem e do que é o mal. Se tudo tivesse que realizar-se numa só existência, qual seria a sorte de tantos milhões de pessoas que morrem diariamente no embrutecimento ou nas trevas da ignorância, sem terem tido a possibilidade de alcançar o esclarecimento? (Ver as perguntas 171 a 222)

620. A alma, antes da sua união com o corpo, compreende melhor a lei de Deus do que após a sua encarnação?

Compreende-a segundo o grau de perfeição a que tenha chegado e conserva dela a lembrança intuitiva após a sua união com o corpo. Os maus instintos do homem, contudo, fazem frequentemente com que ela a esqueça.

621. Onde está escrita a lei de Deus?

Na consciência.

[48 - A ideia de Deus]

621-a. Se o ser humano traz a lei de Deus na consciência, porque foi necessário revelar-lha?

Tinha-a esquecido e desprezado. Deus quis que ela lhe fosse lembrada.

622. Deus deu a alguns indivíduos a missão de revelar a sua lei?

Sim, certamente, sempre houve quem recebesse essa missão. São Espíritos superiores, encarnados com o propósito de fazerem progredir a Humanidade.

623. Os que pretenderam instruir as pessoas na lei de Deus algumas vezes se enganaram, fazendo-as afastar-se da retidão com falsos princípios ?

Os que não foram inspirados por Deus e se encarregaram, por ambição, de missões que não lhes foram confiadas, certamente fizeram com que alguém cometesse erros. Não obstante, como eram indivíduos de génio, juntamente com os erros que ensinaram encontram-se às vezes grandes verdades.

624. Qual é o caráter do verdadeiro profeta?

O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Deus não se serve da boca do mentiroso para ensinar a verdade.

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu aos seres humanos, para lhes servir de guia e modelo?

Vede o exemplo de Jesus.

– Jesus é, para os seres humanos, o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. O seu modelo é-nos oferecido por Deus como o mais perfeito, e os seus ensinamentos são a mais pura expressão da sua lei, porque estava animado pelo Espírito divino e por ter sido o ser mais puro que apareceu na Terra.

Se alguns dos que pretenderam instruir os seres humanos na lei de Deus algumas vezes os desviaram para falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos demasiado terrenos e por terem fundido leis aplicáveis às condições da vida da alma com aquelas que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas, criadas para servir as paixões e dominar os homens.

626. As leis divinas e naturais só terão sido reveladas por Jesus e antes dele só terão sido conhecidas por intuição?

As leis divinas, como já dissemos, estão escritas por toda a parte. Todos aqueles que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las, desde os séculos mais distantes. Pelos seus ensinamentos, mesmo incompletos, prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da natureza, o ser humano pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. É por isso que os preceitos que elas consagram foram proclamados desde sempre pelos homens de bem. É também por isso que os encontramos nas normas morais de todos os povos saídos da barbárie, embora incompletos ou alterados pela ignorância e pela superstição.

627. Visto que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensinamento dado pelos Espíritos? Há mais alguma coisa que possam ensinar-nos?

O ensino de Jesus era essencialmente alegórico e transmitido por parábolas, porque falava de acordo com o lugar e o tempo em que vivia. Agora é necessário que a verdade seja compreensível para todos. É preciso explicar bem e desenvolver as leis divinas, visto que poucos as compreendem e ainda menos são os que as praticam. A nossa missão é fazer com que se abram os olhos e os ouvidos, para surpreender os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, os que fingem exteriormente a virtude e a religião para ocultar as suas baixezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa desculpar-se com a ignorância e todos possam julgá-lo e apreciá-lo com a sua razão. Fomos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus. É por isso necessário que ninguém venha interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda de amor e de caridade.

628. Por que motivo a verdade não esteve sempre ao alcance de toda a gente?

É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz, é preciso que nos habituemos a ela pouco a pouco, pois de outra maneira pode deslumbrar-nos.

Deus nunca permitiu comunicações tão completas e instrutivas como aquelas que é possível receber atualmente. Havia na Antiguidade, como sabeis, alguns indivíduos que possuíam um conhecimento que consideravam ciência sagrada e da qual faziam mistério para aqueles a quem chamavam profanos. Deveis compreender, com o que conheceis das leis que regem estes fenómenos, que eles recebiam apenas algumas verdades esparsas, no meio de um conjunto equívoco e na maioria

das vezes alegórico. No entanto, não há para os estudiosos nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião que deva ignorar-se, porque todos encerram os germes de grandes verdades.

Estas, embora pareçam contraditórias entre si, espalhadas que se acham entre acessórios sem fundamento, são hoje muito fáceis de coordenar, graças à chave que vos dá o espiritismo de uma infinidade de coisas que até aqui vos pareciam sem razão e cuja realidade vos é agora demonstrada de maneira inegável. Não deixeis de pesquisar esses temas de estudo. São muito ricos e podem contribuir valiosamente para a vossa instrução.

[49 - As Experiências de Quase Morte, EQM ou NDE's]

III – O bem e o mal

629. Que definição pode dar-se da moral?

A moral é a regra da boa conduta, isto é, da distinção entre o bem e o mal. Baseia-se no cumprimento rigoroso da lei de Deus. O ser humano conduz-se bem quando tem em vista o bem de todos, cumprindo desse modo a lei de Deus.

630. Como se pode distinguir o bem e o mal?

O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Fazer o bem é seguir a lei de Deus, fazer o mal é infringi-la.

631. O ser humano tem meios para distinguir por si mesmo o bem e o mal?

Sim, quando crê em Deus e quando quer saber fazer essa distinção. Deus deu-lhe a inteligência para distinguir um do outro.

632. Aquele que está sujeito ao erro, poderá enganar-se na avaliação do bem e do mal e julgar que faz o bem quando, na realidade, faz o mal?

Jesus disse-vos: vede o que quereríeis que vos fizessem ou não, tudo se resume nisso. Assim não vos enganareis.

633. A regra do bem e do mal, que poderia chamar-se da reciprocidade ou da solidariedade, pode ser aplicada à conduta do ser humano para consigo mesmo. Encontrará ele na lei natural esta regra de conduta e um guia seguro?

[50 - Erro antigo de tradução da pergunta]

Quando comeis demais, faz-vos mal, é Deus que vos dá a medida do necessário. Quando a ultrapassais, sentis as consequências. O mesmo se dá com tudo o mais. A lei natural mostra ao ser humano o limite das suas necessidades, quando o ultrapassa colhe as respetivas consequências negativas. Se escutasse, em todas as coisas, essa voz que diz "chega!" evitaria a maioria dos males de que acusa a natureza.

634. Porque se encontra o mal na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não poderia ter criado a Humanidade em melhores condições ?

Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. (Ver pergunta 115). Deus permite às pessoas a escolha do caminho a seguir. Tanto pior para elas, se escolherem o mau, a sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, não poderiam compreender que se pode subir e descer, e se não existissem rochas, não compreenderiam que há corpos duros. É necessário que os Espíritos adquiram experiência e, para isso, é necessário que conheçam o bem e o mal. É por isso que existe a união do Espírito e do corpo. (Ver pergunta 119)

[51 - A razão do bem e do mal]

635. As diferentes situações sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os indivíduos. A lei natural pareceria assim não ser uma regra uniforme?

Essas diferentes situações são naturais e estão de acordo com a lei do progresso. Isso não impede a unidade da lei natural, que se aplica a tudo.

− As condições de existência variam segundo as épocas e os lugares e disso resultam necessidades diferentes e situações sociais apropriadas a essas necessidades. Visto que essa diversidade está na ordem das coisas, está conforme com a lei de Deus, pelo que a lei natural apresenta, por isso, completa unidade de princípios. Cabe à razáo distinguir as necessidades reais das necessidades fictícias ou convencionais.

636. O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

A lei de Deus é a mesma para todos, mas o mal depende sobretudo da vontade que se tenha de fazê-lo. O bem é sempre bem e o mal sempre mal, seja qual for a posição do ser humano; a diferença está no grau de responsabilidade.

637. O selvagem que cede ao seu instinto comendo carne humana é culpado?

Já disse que o mal depende da vontade. O ser humano é tanto mais culpado quanto melhor sabe o que faz.

− As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O ser humano comete muitas faltas que, embora sendo decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são por isso menos repreensíveis. A sua responsabilidade é, porém, proporcional aos meios que tem para compreender o bem e o mal. É assim que a pessoa esclarecida que comete uma simples injustiça é mais responsável, aos olhos de Deus, do que o selvagem que se entrega aos seus instintos.

638. O mal parece derivar, às vezes, da força das coisas. Em certos casos, até a decisão de tirar a vida ao nosso semelhante. Pode dizer-se então que há infração da lei de Deus?

O mal não deixa de sê-lo por ser necessário, mas essa necessidade desaparece à medida que a alma se purifica, passando de uma existência para outra. O ser humano torna-se então mais responsável quando o comete, porque compreende melhor aquilo que faz.

639. O mal que se comete resulta por vezes da situação em que os outros nos colocam. Nesse caso, quem serão os mais responsáveis?

O mal recai sobre aqueles que o causaram. Assim, a pessoa que for conduzida ao mal por atitudes tomadas por semelhantes seus, é menos responsável do que os seus causadores, porque cada um carregará consigo não somente a pena do mal que tenha feito, mas também do que tenha provocado.

640. Aquele que não faz o mal, mas que tira proveito do mal praticado por terceiros, é responsável no mesmo grau?

É como se ele mesmo o tivesse cometido. Aproveitar-se do ato é como participar nele. Talvez tivesse recuado diante da ação, mas, encontrando-a realizada, serve-se dela. É porque a aprova e tê-la-ia praticado, se pudesse ou se tivesse ousado.

641. O desejo do mal é tão condenável como o próprio mal?

É conforme. Há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo. Se a única coisa que faltou foi a oportunidade, o ser humano é responsável.

642. É suficiente não se fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar uma situação futura?

Não. É preciso fazer o bem até ao limite das próprias forças. Cada um responderá por todo o mal acontecido por causa do bem que deixou de fazer.

643. Há pessoas que, pela sua posição, não tenham possibilidade de fazer o bem?

Ninguém está impedido de fazer o bem, somente o egoísta nunca encontra ocasião de praticá-lo. Basta estar em contacto com outras pessoas para se poder fazer o bem, e cada dia da vida oferece essa possibilidade a quem não está cego pelo egoísmo. Fazer o bem não é apenas ser caridoso; é ser útil, na medida do possível, sempre que seja necessária uma ajuda.

644. O meio em que certas pessoas vivem não é para elas o motivo causador de muitos vícios e crimes?

Sim, mas também há nisso uma prova escolhida pelo Espírito no estado de liberdade. Quis expor-se à tentação para ter o mérito da resistência.

645. Quando o indivíduo está mergulhado na atmosfera do vício, o mal torna-se para ele uma provocação quase irresistível?

Provocação sim, irresistível não. Porque no meio dessa atmosfera de vícios manifestam-se, às vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, tiveram a missão de exercer uma boa influência sobre os seus semelhantes.

646. O mérito do bem que se faz está subordinado a certas condições, ou seja, haverá diferentes graus no mérito do bem?

O mérito do bem está na dificuldade. Não há mérito em fazer o bem sem dificuldade e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão, do que o rico que só dá do seu supérfluo. Jesus já o disse a propósito do óbolo da viúva.

IV – Divisão da lei natural

647. Toda a lei de Deus está contida no mandamento do amor ao próximo, ensinado por Jesus?

Certamente. Essa regra moral encerra todos os deveres recíprocos dos seres humanos. É necessário mostrar-lhes, contudo, a sua aplicação. De contrário negligenciá-la-ão, como o fazem hoje. Aliás, a lei natural inclui todas as circunstâncias da vida e essa regra moral é apenas uma parte dela. Os seres humanos necessitam de regras claras, porque os preceitos gerais e muito vagos deixam muitas portas abertas à interpretação.

648. Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, incluindo as leis sobre a adoração, o trabalho, a reprodução, a sobrevivência, a transformação, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade e, por fim, a de justiça, de amor e de caridade?

Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes segui-la, sem ser regra absoluta, como qualquer outro sistema de classificação, que sempre depende do ponto de vista sob o qual se considere. A última lei é a mais importante, é por ela que os seres humanos podem avançar mais na vida espiritual, porque resume todas as outras.

CAPÍTULO II – Lei de adoração

I – Finalidade da adoração

649. Em que consiste a adoração?

É a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração, o ser humano aproxima dele a sua alma.

650. A adoração é resultado de um sentimento inato ou de uma atitude aprendida?

É um sentimento inato, como o da Divindade. A consciência da sua fraqueza leva o ser humano a curvar-se diante daquele que pode protegê-lo.

651. Houve povos desprovidos de qualquer sentimento de adoração?

Não, porque nunca houve povos ateus. Todos compreendem que há acima deles um ser supremo.

652. Pode considerar-se a adoração como tendo origem na lei natural?

Está na lei natural, porque resulta de um sentimento inato. Por isso, se encontra em todos os povos, embora sob formas diferentes.

II – Adoração exterior

653. A adoração necessita de manifestações exteriores?

A verdadeira adoração está no coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa.

653-a. A adoração exterior é útil?

Sim, se não for um fingimento vazio. É sempre útil dar um bom exemplo, mas os que o fazem só por aparência e amor-próprio e cuja conduta desmente a sua piedade aparente, dão um exemplo mais negativo do que positivo e causam maior dano do que pensam.

654. Deus tem preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira ?

Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que pensam honrá-lo através de cerimónias que não os tornam melhores para os seus semelhantes.

Todos os homens são irmãos e filhos de Deus, que chama a si todos os que seguem as suas leis, seja qual for a maneira pela qual as praticam. Aquele que só tem a aparência da piedade é hipócrita, e aquele para quem a adoração é apenas fingimento, em contradição com a própria conduta, dá um mau exemplo. Aquele que faz declaração pública de adorar a Deus e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com os outros ou ambicioso dos bens deste mundo, digo-vos que a religião está nos seus lábios e não no seu coração.

Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais responsável pelo mal que faz do que o ignorante mais primário e será tratado em conformidade com a justiça. Se um cego vos derruba ao passar, é desculpado, mas se for uma pessoa que vê bem, é censurada e com razão. Não pergunteis, pois, se há uma forma de adoração mais conveniente, porque isso seria perguntar se é mais

agradável a Deus ser adorado numa língua do que noutra. Os cânticos só lhe chegam pela porta do coração.

655. Será reprovável praticar uma religião em que não se acredita do fundo da alma, só por respeito humano e para não escandalizar os que pensam de outra maneira?

A intenção, nisso como em muitas outras coisas, é a regra. Aquele que só tem em vista respeitar as crenças alheias não faz mal, faz melhor do que pondo-as a ridículo, o que é falta de caridade. Mas praticá-las por interesse ou por ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não pode aceitar como agradável a atitude dos que dão o aspeto de humildade perante ele para ganharem apenas a aprovação dos homens.

656. A adoração coletiva é preferível à adoração individual?

A reunião de pessoas pela comunhão de pensamentos e de sentimentos tem mais força para chamar a si os bons Espíritos. Acontece o mesmo quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não julgues por isso que a adoração em particular é menos boa, porque cada um de nós pode adorar a Deus elevando a ele o pensamento.

III – Vida contemplativa

657. As pessoas que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e só pensando em Deus, têm algum mérito a seus olhos?

Não, porque se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense nele, mas não quer que se pense apenas nele, visto que deu ao ser humano deveres a cumprir na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive apenas para si mesmo e de forma inútil para a Humanidade. Deus pedir-lhe-á contas do bem que não fez. (Ver pergunta 640)

IV – A prece

658. A prece é agradável a Deus?

A prece é sempre agradável a Deus quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para ele. A prece do coração é preferível à que podes ler num livro, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, fervor e sinceridade. Não julgues por isso que Deus é tocado pela prece do inútil, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.

659. Qual o caráter geral da prece?

A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele, aproximar-se dele, pôr-se em comunicação com ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.

660. A prece torna o ser humano melhor ?

Sim, porque aquele que ora com fervor e confiança torna-se mais forte contra as tentações do mal e Deus envia-lhe bons Espíritos para o ajudar. É um socorro nunca recusado, quando pedido com sinceridade.

660-a. Como se explica que certas pessoas que oram muito, sejam, apesar disso, de mau carácter, invejosas, pouco benevolentes ou mesmo cruéis?

O essencial não é orar muito, mas orar bem. Haverá pessoas que julgam que todo o mérito está na extensão da prece e fecham os olhos aos seus próprios defeitos. A sua prece será então uma ocupação, um passatempo, mas não um estudo de si mesmas. Não é o remédio que é ineficaz, neste caso, mas a maneira de aplicá-lo.

661. Serve de alguma coisa pedir a Deus o perdão das nossas faltas?

Deus sabe a diferença entre o bem e o mal; a prece não esconde as faltas cometidas. Aquele que pede a Deus o perdão das suas faltas só é atendido se mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.

662. Serve de alguma coisa orar pelos outros?

O Espírito daquele que ora, exerce influência pela vontade de fazer o bem. Pela prece, chama a si os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer.

− Possuímos em nós, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito para além dos limites da nossa esfera corporal. A prece por alguém é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar em seu auxílio os bons Espíritos, para lhe sugerir bons pensamentos e dar-lhe a força do corpo e da alma de que necessita. Mas também nesse caso a prece do coração é tudo e a dos lábios nada significa.

663. As preces que fazemos por nós mesmos podem modificar a natureza das nossas provas e desviar o seu curso?

As vossas provas estão nas mãos de Deus e há algumas que devem ser prestadas até ao fim. Deus, nesse caso, leva sempre em conta a resignação. A prece chama para junto de vós os bons Espíritos, que vos dão força para suportá-las com coragem, parecendo-vos menos duras.

Já dissemos antes que a prece é sempre útil quando bem feita, porque dá força, o que já é um grande resultado. Ajuda-te e o céu te ajudará, sabe-lo bem. Aliás, Deus não pode mudar a ordem natural das coisas ao gosto de cada um. Aquilo que é um grande mal segundo o vosso diminuto ponto de vista e para a vossa curta vida, é um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, há muitos males de que o ser humano é o próprio autor, por imprevidência ou por erros cometidos, e pelos quais será responsabilizado.

Não obstante, os vossos pedidos justos são, em geral, mais atendidos do que julgais. Pensais que Deus não vos ouviu porque não fez um milagre a vosso favor. Entretanto ajuda-vos por meios tão naturais que vos parecem efeito do acaso ou da força das coisas. Muitas vezes, ou até na maioria delas, desperta os pensamentos necessários para sairdes por vós mesmos das dificuldades.

664. Valerá a pena orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? Como podem, nesse caso, as nossas preces dar-lhes o consolo e abreviar-lhes os sofrimentos? Terão poder para desviar a justiça de Deus?

A prece não pode mudar os desígnios de Deus, mas a alma pela qual se ora experimenta alívio porque é um testemunho de interesse que se lhe dá, e porque o infeliz sempre se sente aliviado quando encontra almas caridosas que compartilham as suas dores. Por outro lado, pela prece estimula-se o arrependimento e o desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. É nesse sentido que se pode abreviar a sua pena, se do seu lado contribui com boa vontade. Esse desejo de aperfeiçoamento, estimulado pela

prece, atrai para o Espírito sofredor os Espíritos melhores que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe esperança. Jesus orava pelas ovelhas transviadas. Desta maneira mostra-vos que serieis culpados de nada fazer por aqueles que mais necessitam.

665. Será de rejeitar a prece pelos mortos, por não estar prescrita nos Evangelhos?

Jesus disse aos homens: "Amai-vos uns aos outros". Essa recomendação envolve o emprego de todos os meios possíveis de lhes testemunhar afeto, sem entrar em detalhes sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador da aplicação da justiça a todas as ações do Espírito, justiça de que ele é o máximo expoente, é um facto que a prece que lhe dirigis em favor daquele que vos inspira afeição é, para este, um testemunho de lembrança que contribui para aliviar os seus sofrimentos e dar-lhe consolo. Desde que ele revele o mais leve arrependimento, e somente nesse caso, é socorrido. Isso não lhe permitirá ignorar que uma alma simpática se preocupou com ele, ficando com o doce pensamento de que esse pedido a seu favor lhe foi útil.

Daí resulta necessariamente o seu reconhecimento e o afeto para com aquele que lhe deu essa prova de dedicação e de piedade. Por consequência, o amor recomendado aos seres humanos por Jesus, desenvolveu-se e aumentou entre eles. Ambos obedeceram, portanto, à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade - objetivo e finalidade do Espírito. [6]

666. Podemos orar aos Espíritos?

Podemos orar aos bons Espíritos na sua qualidade de mensageiros de Deus e executantes das suas vontades. O poder deles, contudo, é proporcional à sua superioridade espiritual e decorre sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. É por isso que as preces que dirigimos aos Espíritos só são eficazes se forem validadas por Deus.

V – Politeísmo

667. Por que razão o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais espalhadas no mundo, se é falsa?

A ideia de um Deus único só pode ter surgido no ser humano como resultado do desenvolvimento das suas ideias. Incapaz, na sua ignorância, de conceber um ser imaterial sem forma determinada, agindo sobre a matéria, imaginou-o com os atributos da natureza corporal, isto é, estatura e fisionomia. Desde então, tudo o que lhe parecia ultrapassar as proporções da inteligência comum passou a ser para ele uma divindade.

Tudo aquilo que não compreendia devia ser obra de um poder sobrenatural. Dessa ideia a acreditar em tantas potências quantos os diferentes efeitos que observava, foi apenas um passo. Mas sempre houve homens esclarecidos que compreenderam a impossibilidade dessa multidão de poderes para governar o mundo, sem uma direção superior, e elevaram-se à ideia de um Deus único.

---

[6] Resposta dada pelo Espírito do Sr. Monod, pastor protestante de Paris, falecido em Abril de 1856. A resposta precedente, número 664, é do Espírito de São Luís. (AK)

668. Os fenómenos espíritas, que se produziram desde sempre e foram conhecidos desde as primeiras idades do mundo, não poderão ter contribuído para a crença na pluralidade dos deuses?

Sem dúvida, porque para os homens que chamavam deus a tudo o que era sobre-humano, os Espíritos foram considerados deuses. Também por isso, quando um indivíduo se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu génio ou por um poder oculto que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e rendiam-lhe culto após a morte. (Ver pergunta 603)

− A palavra "deus" tinha entre os antigos um significado muito amplo. Não era, como nos nossos dias, uma personificação do Senhor da natureza, era uma qualificação genérica dada a todo e qualquer ser com características fora daquelas que eram próprias da Humanidade.

Tendo as manifestações espíritas revelado a existência de seres incorpóreos que agiam como forças da natureza, os antigos chamaram-lhes deuses, como nós os chamamos Espíritos. É apenas uma questão de palavras, com a diferença de que, devido à ignorância, a designação foi mantida propositadamente pelos que tinham interesse pessoal em mantê-la, tendo-lhes construído templos e altares muito lucrativos; para nós são simples criaturas mais ou menos perfeitas, que já se tinham despojado do seu corpo material, isto é, Espíritos. Se estudarmos com cuidado os diversos atributos das divindades pagãs, facilmente reconheceremos nelas todas as qualidades dos nossos Espíritos em todos os graus da escala espírita, o seu estado físico nos mundos mais evoluídos, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas do planeta Terra.

O cristianismo, ao vir iluminar o mundo com a sua luz divina, não pôde alterar o que estava na natureza das coisas, mas ensinou-nos a prestar adoração a quem ela é devida. Quanto aos Espíritos, a sua lembrança foi perpetuada sob diversos nomes, segundo os povos, e as suas manifestações, que não deixaram de produzir-se, foram interpretadas de várias maneiras e muitas vezes exploradas sob a cobertura do mistério. Enquanto a religião considerava essas manifestações como fenómenos miraculosos, para os observadores mais céticos não passavam de fraudes.

Hoje, graças a um estudo mais sério feito às claras, o espiritismo, liberto das ideias supersticiosas que o mantiveram na sombra através dos séculos, revelamos um dos maiores e mais sublimes princípios da natureza.

VI − Sacrifícios

669. A prática dos sacrifícios humanos é antiquíssima. Como é que a Humanidade foi levada a pensar que tais coisas pudessem agradar a Deus?

Primeiro, porque não compreendiam Deus como sendo a fonte da bondade.

Entre os povos primitivos a matéria domina o Espírito, os indivíduos abandonam-se aos instintos porque ainda não têm o sentido moral desenvolvido. Depois, deviam acreditar que uma criatura viva teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um objeto material. Foi isso que os levou a imolar primeiro animais e mais tarde criaturas humanas, visto que - de acordo com a sua crença falsa - pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, conforme é hábito, se fazeis uma oferta a alguém, escolheis sempre uma de valor tanto maior quanto mais amizade ou consideração desejais testemunhar à pessoa. Assim devia ser entre os homens ignorantes, em relação a Deus.

669-a. Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os humanos?

Não há dúvida quanto a isso.

669-b. Segundo esta explicação, os sacrifícios humanos não tiveram origem no sentimento de crueldade?

Não foi na crueldade, mas sim na ideia falsa do que seria mais agradável a Deus. Vede o episódio bíblico de Abraão. Mais tarde, os homens abastardaram a ideia dos sacrifícios praticando a imolação dos seus inimigos, mesmo nos casos pessoais.

Porém, Deus nunca exigiu sacrifícios de homens, nem sequer de animais. Deus não pode sentir-se honrado pela vitimização inútil de seres que ele mesmo criou.

[51 - Episódio bíblico de Abraão e Isaac]

670. Poderiam os sacrifícios humanos, realizados com intenção piedosa, ter algumas vezes agradado a Deus?

Não, nunca. Deus, contudo, julga a intenção. Os homens, na sua ignorância, podiam julgar que seria louvável imolar um dos seus semelhantes. Neste caso, Deus consideraria a intenção e não apenas o ato em si. Os homens, ao evoluírem, deviam reconhecer o seu erro e reprovar esses sacrifícios, inadmissíveis para Espíritos esclarecidos. Digo esclarecidos, porque os Espíritos se encontravam na condição de seres encarnados, podendo, pelo livre-arbítrio, ter o conhecimento da sua origem e do seu destino. Muitos compreendiam já, por intuição, o mal que faziam, não deixando de fazer sacrifícios humanos para satisfazer as suas paixões.

671. Como julgar as chamadas "guerras santas"? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar os que não partilham das suas crenças, com o fim de agradar a Deus, terá a mesma origem daquele que os impelia outrora a fazerem os sacrifícios dos seus semelhantes?

São impulsionados pelos maus Espíritos e, ao fazer a guerra aos seus semelhantes, vão contra a vontade de Deus, que diz que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos adoram um mesmo Deus, seja qual for o nome que lhe deem. Por que razão deverá um povo fazer uma guerra de extermínio contra outro, só porque a sua religião é diferente, ou porque não atingiu ainda o progresso daquela que professam os povos esclarecidos?

Os povos são desculpáveis por não acreditarem na palavra de Jesus, que estava animado pelo Espírito de Deus e que tinha sido enviado por ele, sobretudo não o tendo visto nem tendo testemunhado diretamente os seus atos. Como quereis que acreditem nessa mensagem de paz, quando ides comunicar-lha de espada em punho? Esses povos devem esclarecer-se, e devemos procurar fazê-los conhecer a mensagem de Jesus pela persuasão e pela doçura e não pela força, nem com derramamento de sangue. A maioria de vós não acredita nas comunicações que fazemos a certos mortais. Como achais possível que estranhos acreditem no que lhes dizeis, quando os vossos atos desmentem as ideias que apregoais?

672. A oferta dos frutos da terra teria mais mérito aos olhos de Deus do que o sacrifício dos animais?

Já vos disse que Deus julgaria a intenção e que o facto em si teria pouca importância. Para Deus seria evidentemente mais agradável a oferta de frutos da terra do que a do sangue das vítimas. Como já dissemos, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que lhe possam ser feitas. Repetimos que a intenção é tudo, e o facto, nada.

673. Não seria possível tornar essas ofertas mais agradáveis a Deus, destinando-as ao auxílio dos que carecem do necessário? O sacrifício dos animais, realizado com uma finalidade útil, não seria mais meritório do que o sacrifício abusivo sem préstimo? Não seria mais piedoso dar aos pobres as primícias da terra que Deus nos concede?

Deus abençoa sempre os que praticam o bem. Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-lo. Não quero dizer com isto que Deus desaprove o culto e as preces que lhe dirigis, mas é um facto que há muito dinheiro que poderia ser gasto de modo mais útil. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O indivíduo que se dedica às aparências exteriores e não ao sentimento interior é um Espírito com visão estreita. Julgai por vós mesmos se é a forma ou o conteúdo aquilo que mais apraz a Deus.

CAPÍTULO III – Lei do trabalho

I – Necessidade do trabalho

674. A necessidade do trabalho é uma lei da natureza?

O trabalho é uma lei da natureza, até porque se impõe como uma necessidade. A civilização obriga o ser humano a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e os meios ao seu dispor.

675. Só devemos entender por trabalho as ocupações materiais?

Não, o Espírito também trabalha, como o corpo. Toda a ocupação útil é trabalho.

676. Por que razão o trabalho é imposto ao ser humano?

É uma consequência da sua natureza corporal. É uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar a inteligência. Sem o trabalho, permaneceria na infância intelectual. A alimentação, a segurança e o bem-estar devem-se à atividade e ao trabalho. Aos indivíduos de físico franzino, Deus concedeu-lhes a inteligência para os compensar, mas o exercício da inteligência também é trabalho.

677. Porque é que a natureza satisfaz, por si só, todas as necessidades dos animais?

Tudo trabalha na natureza. Os animais trabalham como tu, mas o seu trabalho, assim como a sua inteligência, é limitado aos cuidados da sobrevivência. É por isso que, no caso dos animais, o trabalho não conduz ao progresso, enquanto para o ser humano tem um duplo objetivo: o alimento do corpo e o desenvolvimento intelectual, que é também uma necessidade que o eleva acima de si mesmo.

Quando digo que o trabalho dos animais é limitado aos cuidados da sobrevivência, refiro-me ao fim a que eles se propõem. Contudo, e sem saberem, ao mesmo tempo que satisfazem as suas necessidades materiais, são agentes que servem os objetivos do Criador. Concorrem com o seu trabalho para o objetivo final da natureza, embora muitas vezes não seja claro o seu resultado imediato.

678. Nos mundos mais aperfeiçoados, o ser humano é submetido à mesma necessidade de trabalho?

A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades: quanto menos materiais são as necessidades, menos material é o trabalho. Mas não julgues, por isso, que permanece inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício em vez de ser um benefício.

679. Aqueles que possuem bens suficientes para assegurarem a sua subsistência estão libertos da lei do trabalho?

Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de serem úteis segundo os meios ao seu alcance, de aperfeiçoarem a sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho. Se as pessoas a quem Deus concedeu bens suficientes para assegurarem a sua subsistência não estão obrigadas a comerem o pão com o suor do seu rosto, a obrigação de serem úteis aos seus semelhantes ainda é maior, porque mais lhes foi concedido e de mais tempo dispõem para poderem fazer o bem.

680. Haverá pessoas que estão impossibilitadas de trabalhar, seja no que for, e cuja existência é inútil?

Deus é justo e só condena aqueles cuja existência for voluntariamente inútil, porque esses vivem na dependência do trabalho alheio. Deus quer que cada um se torne útil na medida das suas faculdades. (Ver pergunta 643)

681. A lei da natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem para os pais?

Certamente que sim, exatamente como os pais devem trabalhar para os filhos. Foi por isso que Deus fez, do amor filial e do amor paterno, sentimentos naturais, para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família fossem levados a auxiliarem-se mutuamente. É o que, por vezes, não é posto em prática na vossa sociedade atual. (Ver pergunta 205)

II – Limite do trabalho. Repouso.

682. A necessidade do repouso depois do trabalho é uma lei da natureza?

Sem dúvida, o repouso serve para reparar as forças do corpo e é também necessário para deixar um pouco mais de liberdade à inteligência, para elevar-se acima da matéria.

683. Qual é o limite do trabalho?

O limite das forças. De resto, Deus dá liberdade ao ser humano.

684. Como julgar os que abusam da autoridade para impor aos seus inferiores um excesso de trabalho?

É uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de comandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus inferiores, porque transgride a lei de Deus. (Ver pergunta 273)

685. O ser humano tem direito ao repouso em idade avançada?

Sim, só está obrigado a trabalhar segundo as suas forças.

685-a. Mas o que fará o idoso que precisa de trabalhar para viver e não pode?

O forte deve trabalhar para o fraco. Na falta da família, a sociedade deve ampará-lo: é a lei da caridade.

– Não basta dizer ao ser humano que deve trabalhar, é necessário também que aquele que se sustenta do seu trabalho encontre emprego, e isso nem sempre acontece. Quando a falta de trabalho se generaliza, toma as proporções de um flagelo, como a miséria.

A ciência económica procura o remédio no equilíbrio entre a produção e o consumo. Esse equilíbrio, contudo, supondo-se que seja possível, terá sempre intermitências e, durante essas fases, o trabalhador também tem necessidade de viver. Há um elemento que não tem sido suflcientemente tratado e sem o qual a ciência económica não passa de teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral, aquela que não se aprende nos livros, mas que forma o caráter, que cria hábitos, porque a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Quando se pensa na massa de indivíduos diariamente lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues aos próprios

instintos, teremos o direito de ficar surpreendidos com as consequências desastrosas que disso resultam?

Quando essa arte for conhecida, compreendida epraticada, o ser humano criará no mundo hábitos de ordem e de previdência para si mesmo e para os seus, de respeito pelo que é respeitável; hábitos que lhe permitirão atravessar, de maneira menos penosa, os inevitáveis dias difíceis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que somente uma educação bem compreendida pode curar. Nisso está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos.

[52 - A educação moral e o carácter]

CAPÍTULO IV – Lei de reprodução

I – População do Globo

686. A reprodução dos seres vivos é uma lei natural?

Isso é evidente. Sem a reprodução o mundo corporal deixaria de existir.

687. Se a população continuar na progressão constante que se verifica, chegará algum momento em que se tornará excessiva na Terra?

Não. Deus cuida e mantem sempre o equilíbrio, porque nada faz sem utilidade. O homem, que só vê uma pequena parte do quadro geral da natureza, não pode avaliar a harmonia do conjunto.

II – Sucessão e aperfeiçoamento dos grupos humanos

688. Há neste momento povos que decrescem. Chegará um momento em que terão desaparecido da Terra?

Isso é verdade, mas porque outros ocuparam o seu espaço, como ainda outros tomarão o vosso, um dia.

689. Os seres humanos de hoje são uma nova criação ou descendentes aperfeiçoados dos seres mais primitivos?

São os mesmos Espíritos que regressaram para se aperfeiçoarem em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. A espécie humana atual que, devido ao seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e substituir os povos que se extinguem, terá também o seu período de decréscimo e extinção. Outros seres mais aperfeiçoados, descendentes da espécie atual, substituí-la-ão, como os civilizados de hoje descendem dos seres menos evoluídos dos primeiros tempos da existência da Humanidade.

690. Do ponto de vista puramente físico, os corpos da espécie atual são uma criação especial ou procedem dos corpos mais primitivos, por via de reprodução?

A origem dos grupos étnicos perde-se na noite dos tempos, mas, como todos pertencem à grande família humana, qualquer que tenha sido a causa originária de cada um deles, puderam cruzar-se entre si e produzir novos tipos.

691. Qual é, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante dos grupos mais primitivos?

Desenvolvimento da força física em detrimento da força intelectual. Atualmente dá-se o contrário: o ser humano faz mais pela inteligência do que pela força física e produz cem vezes mais, porque colocou ao seu serviço as forças da natureza, o que não conseguem fazer os animais.

692. O aperfeiçoamento das espécies animais e vegetais pela ciência é contrário à lei natural? Seria mais de acordo com essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal?

Deve fazer-se tudo para chegar à perfeição. O próprio ser humano é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a natureza, tentar alcançá-la corresponde àqueles fins.

[53 - A Microbiologia]

692-a. Nos esforços que faz para o melhoramento das espécies, o ser humano é geralmente movido pelo interesse pessoal, tendo apenas como objetivo o aumento do seu bem-estar. Isso diminui o seu mérito?

Que importa que o seu mérito seja nulo, desde que haja progresso? Compete-lhe tornar meritório o seu trabalho, pela intenção que o anima. Aliás, com esse trabalho exercita e desenvolve a inteligência e é nisso que tira o maior proveito.

III – Obstáculos à reprodução

693. As leis e os costumes humanos que têm por objetivo ou por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei natural?

Tudo o que dificulta a marcha da natureza é contrário à lei geral.

693-a. Não obstante, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria prejudicial às outras espécies e das quais, em breve, os próprios seres humanos seriam vítimas. Seria repreensível deter essa reprodução?

Deus deu ao ser humano, sobre todos os seres vivos, um poder que ele deve usar para o bem, mas sem abusar. Pode regular a reprodução segundo as conveniências, mas não deve entravá-la sem necessidade. A sua ação inteligente é um contrapeso estabelecido por Deus para restabelecer equilíbrios entre as forças da natureza, e isso também o distingue dos animais, pois fá-lo com conhecimento de causa. Os animais concorrem, por sua vez, para esse equilíbrio, pois os instintos que lhes foram dados fazem com que, ao defenderem a sua sobrevivência, detenham o desenvolvimento excessivo e talvez perigoso das espécies animais e vegetais de que se nutrem.

694. É legítimo deter a reprodução com vista à satisfação da sensualidade?

Isso prova o predomínio do corpo sobre a alma e o nível de materialização do ser humano.

IV – Casamento e celibato

695. O casamento, ou seja, a união permanente de dois seres, é contrário à lei da natureza?

É um progresso na marcha da Humanidade.

696. Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

O regresso à animalidade.

– A união livre e fortuita dos sexos pertence ao estado natural. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas porque estabelece a solidariedade fraterna e encontra-se

em todos os povos, embora em condições diversas. A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o ser humano até abaixo de alguns animais, que lhe dao o exemplo de uniões duradouras.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento pertence à lei natural ou apenas à lei humana?

É uma lei humana muito contrária à lei natural. Mas os homens podem modificar as suas leis, somente as naturais são imutáveis.

698. O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

Não, e os que vivem assim, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam toda a gente.

699. O celibato não será um sacrifício feito por certas pessoas para se dedicarem mais inteiramente ao serviço da Humanidade?

Isso é muito diferente. Eu disse: por egoísmo. Todo o sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, maior o mérito.

- Deus não pode contradizer-se nem considerar mau o que ele mesmo fez. Não pode ver mérito na violação da sua lei. Porém, se o celibato não é, por si só, um estado meritório, já assim não é quando constitui, pela renúncia às alegrias da vida familiar, um sacrifício realizado a favor da Humanidade. Todo o sacrifício pessoal que tenha em vista o bem, sem egoísmo de segunda intenção, eleva o ser humano acima da sua condição material.

V – Poligamia

700. A aproximada igualdade numérica entre os sexos é um indício da proporção em que eles se devem unir?

Sim, porque na natureza tudo tem razão de ser.

701. A poligamia ou a monogamia, qual é a que está mais de acordo com a lei natural?

A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, nos desígnios de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há verdadeira afeição, não há mais do que sensualidade.

− Se a poligamia estivesse de acordo com a lei natural devia poder ser universal, o que seria materialmente impossível, em virtude da igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada como um costume ou uma legislação especial, apropriada a certos costumes, e que o aperfeiçoamento social fará desaparecer pouco a pouco.

CAPÍTULO V – Lei de sobrevivência

I – Instinto de sobrevivência

702. O instinto de sobrevivência é uma lei da natureza?

Sem dúvida. Foi dado a todos os seres vivos, qualquer que seja o seu grau de inteligência. Nuns é puramente mecânico e noutros é racional.

[55 - A palavra sobrevivência]

703. Com que finalidade concedeu Deus a todos os seres vivos o instinto de sobrevivência?

Porque todos devem colaborar nos desígnios da Providência. Foi por isso que Deus lhes deu a vontade de viver. Além disso, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres, eles sentem-no instintivamente, sem disso se aperceberem.

II – Meios de sobrevivência

704. Deus, tendo dado ao ser humano a vontade de viver, sempre lhe forneceu os meios para isso?

Sim, e se nem sempre os encontra, é porque não dispõe do talento para isso. Deus não podia dar-lhe a vontade de viver sem lhe dar também os meios. Por isso dotou a Terra com a capacidade de produzir para todos os seus habitantes o que é necessário à vida, porque só o que é necessário é útil. O supérfluo nunca é útil.

705. Por que razão a Terra nem sempre produz o suficiente para fornecer o necessário ao homem?

É porque o homem não cuida dela, é ingrato, sendo a Terra uma mãe excelente. Chega a acusar a natureza pelas consequências da sua falta de jeito ou da sua imprevidência. A Terra produziria sempre o bastante se o homem soubesse contentar-se com isso. Se ela não basta a todas as suas necessidades é porque os seres humanos gastam no supérfluo o que poderia ser dado à satisfação do necessário. Vejam como os povos que vivem em áreas geográficas com recursos muito fracos, encontram sempre com que viver, porque não criam falsas necessidades. Porém, quando metade dos produtos da Terra é desperdiçada em fantasias, não poderão admirar-se pelas dificuldades futuras. Fará sentido lastimarem-se pelas privações quando chegar o tempo da escassez? Em verdade vos digo que não é a natureza que é imprevidente, o homem é que não se sabe governar.

706. Como produtos da terra devemos entender apenas aqueles que são cultivados no solo?

O solo é a origem de todos os outros recursos que, ao fim e ao resto, são o resultado de transformações deles conseguidas. É por isso que devemos considerar como produtos da terra tudo quanto os seres humanos podem usufruir neste mundo.

707. Os meios de subsistência escasseiam para alguns, mesmo no meio da abundância que os cerca. De quem é a responsabilidade ?

Do egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem e, ainda por cima, consigo mesmos assim procedem. Procurai e achareis - estas palavras não significam que basta olhar para o chão em busca do que se deseja, mas que é necessário procurar com ardor e perseverança e não com indiferença, sem se deixar desanimar pelos obstáculos, que não passam de meios de pôr à prova a vossa persistência, paciência e determinação. (Ver pergunta 534)

− Se a civilização multiplica as necessidades, também multiplica as possibilidades de trabalho e os meios de vida. Contudo, é preciso ter em conta que, nesse sentido, ainda falta fazer muita coisa. Quando for atingido um nível geral de progresso, ninguém poderá dizer que lhe falta o necessário, a menos que seja por culpa própria.

O mal, para muitos, é terem seguido um caminho que não foi aquele que a natureza lhes traçou, ficando nesse caso incapacitados de serem bem-sucedidos. Há para todos um lugar ao Sol, mas com a condição de ocupar cada um o seu lugar e não o que é dos outros. A natureza não é responsável pelos erros da organização social, nem pelas consequências da ambição e do amor próprio.

Seria preciso ser cego, entretanto, para não se reconhecer o progresso que nesse sentido têm realizado os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que a solidariedade e a ciência reunidas continuam a fazer para melhorar a condição material dos seres humanos, e apesar do crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção tem sido atenuada e, pelo menos em grande parte, os anos mais calamitosos nada têm de comparável com os de outrora. A higiene pública, tão essencial para a robustez e para a saúde, desconhecida no tempo dos nossos antepassados, é objeto de um cuidado esclarecido. O infortúnio e as carências encontram amparo em instituições de assistência: por toda a parte a ciência éposta em ação, contribuindo para o acréscimo do bem-estar. Pode dizer-se que foi atingida a perfeição? Certamente que não. Mas o que já foi feito dá a medida do que pode ser continuado com perseverança, se o ser humano for suficientemente sensato para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias e não nas utopias que o fazem recuar em vez de progredir.

708. Há situações em que os meios de subsistência não dependem da vontade dos homens e a falta do necessário resulta da força das coisas?

É uma prova muitas vezes cruel que devem vencer, e à qual sabiam que iriam ser sujeitos. O seu mérito está na submissão à vontade de Deus, se a sua inteligência não achar processo de resolver a situação. Se a morte chegar deverão submeter-se sem lamentações, pensando que a hora da verdadeira libertação chegou e que o desespero do último momento pode fazer-lhes perder o fruto da sua resignação.

709. Aqueles que, em situações críticas, se viram obrigados a sacrificar os semelhantes para matar a fome, cometeram um crime? Será atenuante o desespero do instinto de sobrevivência?

Já respondi a essa pergunta, dizendo que há mais mérito em suportar todas as provas da vida com abnegação e coragem. No caso referido, há homicídio e crime contranatura, falta que deve ser duplamente castigada.

710. Nos mundos onde os corpos são mais purificados do que na Terra, os seres vivos têm necessidade de alimentos?

Sim, mas os seus alimentos são adequados à sua constituição física. Não seriam suficientemente substanciais para os vossos estômagos mais exigentes, não podendo eles digerir os vossos alimentos mais pesados.

III – Fruição dos produtos da terra

711. O uso dos produtos da terra é um direito de todos os homens?

Esse direito é consequência da necessidade de viver. Deus não poderia ter imposto um dever sem ter dado os meios para poder cumpri-lo. [56 - A Ecologia]

712. Com que finalidade associou Deus atrativos à posse dos bens materiais?

Para instigar o ser humano ao cumprimento da sua missão e também para o pôr à prova pela tentação.

712-a. Qual o objetivo dessa tentação?

Desenvolver a razão que deve preservá-lo dos excessos.

– Se os seres humanos forem levados ao consumo dos produtos da terra sem o devido cuidado, isso poderá comprometer a harmonia do ambiente. Deus dotou-os com o sentido do prazer, que os estimula à realização dos desígnios da Providência. Por meio desse mesmo sentido, porém, Deus quis também pôr os homens à prova pela tentação que arrasta ao abuso, do qual devem defender-se pelo uso da razão.

713. Os prazeres têm limites traçados pela natureza?

Sim, para vos mostrar os limites do necessário. Pelos excessos, contudo, chegais ao exagero, que acaba por ser uma autopunição.

714. Que pensar dos que procuram, nos excessos de toda a espécie, um refinamento dos seus prazeres?

São pobres criaturas, que devemos lastimar e não invejar, porque estão bem próximo da morte !

714-a. É da morte física ou da morte moral que se aproximam?

De uma e de outra.

– Aquele que procura, nos excessos de toda a espécie, um refinamento dos prazeres, coloca-se num nível inferior ao dos animais, porque estes sabem limitar-se à satisfação das suas necessidades. Abdica da razão que Deus lhe deu como guia e, quanto maiores forem os seus excessos, maior é a influência que a sua natureza animal ganha em relação à sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades, mesmo a morte, são consequências do abuso e, ao mesmo tempo, punições pela transgressão à lei de Deus.

IV – O necessário e o supérfluo

715. Como é possível conhecer o limite do necessário?

Os sensatos conhecem-no por intuição. Muitos outros conhecem-no por experiência e à sua custa.

716. A natureza traçou o limite das nossas necessidades pelo nosso organismo físico?

Sim, mas o homem é insaciável. A natureza traçou o limite das suas necessidades pelo seu organismo, mas os vícios alteraram a sua constituição, criando necessidades que não são reais.

717. Que pensar dos que açambarcam os bens da terra para obter o supérfluo em prejuízo dos que não têm o necessário?

Desconhecem a lei de Deus e terão de responder pelas privações que impuseram.

– O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que não existem nas sociedades primitivas, e os Espíritos que ditaram estes preceitos não querem que o homem civilizado viva como selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão colocar cada coisa no seu lugar. A civilização desenvolve o senso moral e ao mesmo tempo o sentimento de caridade que leva os homens a apoiarem-se mutuamente. Os que vivem à custa das privações alheias exploram os benefícios da civilização em proveito próprio; da civilização têm somente o verniz, como há pessoas que da religião só guardam as aparências.

V – Privações voluntárias. Mortificações

718. A lei de sobrevivência obriga-nos a satisfazer as necessidades do corpo?

Sim, sem força e saúde o trabalho é impossível.

719. O ser humano é censurável por procurar o bem-estar?

O bem-estar é um desejo natural. Deus só proíbe o abuso, porque os abusos são contrários à sobrevivência; não considera um crime a procura do bem-estar, se este não for conquistado à custa de terceiros e se não enfraquecer nem as vossas forças morais, nem as vossas forças físicas.

720. As privações voluntárias, com vista a uma expiação igualmente voluntária, têm algum mérito aos olhos de Deus?

Fazei o bem aos outros e tereis maior mérito.

720-a. Há privações voluntárias meritórias?

Sim, a privação dos prazeres inúteis, porque afasta o ser humano da matéria e eleva a sua alma. O que é meritório é resistir à tentação dos excessos ou ao prazer das coisas inúteis, é retirar do que vos é necessário para dar aos que não têm o suficiente. Se a privação for só um fingimento, não terá o mínimo significado.

721. A vida de penitências ascéticas tem sido praticada desde a Antiguidade por vários povos. Qual é o seu mérito?

Perguntai a quem ela aproveita e tereis a resposta. Se só serve ao que a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, qualquer que seja o pretexto sob o qual se disfarce. Passar por dificuldades e trabalhar para os outros é a verdadeira generosidade produtiva, de acordo com a caridade cristã.

722. A abstenção de certos alimentos, prescrita entre diversos povos, funda-se na razão?

Tudo aquilo com que o homem possa alimentar-se, sem prejuízo para a sua saúde, é permitido. Mas certos legisladores entenderam proibir alguns alimentos, com uma finalidade útil. Para dar maior crédito às suas leis apresentaram-nas como provindas de Deus.

723. A alimentação animal, para o ser humano, é contrária à lei natural?

Na vossa constituição física a carne alimenta a carne, pois de contrário o ser humano enfraquece. A lei de sobrevivência impõe-lhe o dever de cuidar da saúde e das forças, para poder cumprir a lei do trabalho. Deve alimentar-se, portanto, segundo exige a sua constituição física.

724. A abstenção de alimentos animais ou outros, como expiação, é meritória?

Sim, se o ser humano se priva em favor dos outros. Deus, contudo, só entende a privação séria e útil. Por isso dizemos que aqueles que só se privam na aparência são hipócritas. (Ver pergunta 720)

725. Que pensar das mutilações praticadas no corpo humano ou no dos animais?

Para quê semelhante pergunta? Deveis certificar-vos sempre da utilidade do que fazeis. O que é inútil não pode ser agradável a Deus e o que é prejudicial é-lhe sempre desagradável. Tomai nota que Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma para ele. É praticando a sua lei, em vez de violá-la, que podereis afugentar a materialidade terrena.

726. Se os sofrimentos deste mundo nos elevam, dependendo da maneira como os suportamos, poderemos elevar-nos pelos que criarmos voluntariamente?

Os únicos sofrimentos que elevam são os naturais, porque vêm de Deus. Os "sofrimentos voluntários" não servem para nada, se nada valem para o bem de alguém. Julgas que os que abreviam a vida através de rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de várias seitas, avançam no seu caminho? Porque não trabalham, de preferência, em favor dos seus semelhantes ? Que vistam os pobres, consolem os que choram, trabalhem pelos enfermos; que sofram privações para alívio dos infelizes e então a sua vida será útil e agradável a Deus. Quando alguém se sujeita a sofrimentos voluntários, pensando apenas em si mesmo, pratica o egoísmo, quando se fazem esforços pelos outros, é um ato de caridade. São esses os preceitos de Jesus.

727. Se não devemos criar para nós sofrimentos voluntários de nenhuma utilidade para os outros, será justo precavermo-nos dos que são previsíveis ou dos que nos ameaçam?

O instinto de sobrevivência foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustigai o Espírito e não o corpo, reprimi o orgulho, sufocai o egoísmo que se assemelha a uma serpente que devora o coração, e fareis mais pela vossa evolução do que por meio de penitências que já não são deste tempo.

CAPÍTULO VI – Lei de transformação

I – Transformação necessária e destruição abusiva

728. A transformação é uma lei natural?

É necessário que tudo se extinga, para que renasça e se regenere; porque aquilo a que chamais a morte dos seres vivos é apenas uma transformação que tem por objetivo a renovação e o melhoramento de todos eles.

[57 - A palavra "transformação"]

728-a. O instinto que leva certos animais a comerem seres da mesma ou de outras espécies, que matam para esse efeito, ter-lhes-ia sido dado com fins providenciais?

As criaturas de Deus são os instrumentos de que ele se serve para atingir os seus fins. Para se alimentarem, os animais comem-se entre si, e isso com o duplo objetivo de manter o equilíbrio da reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e de utilizar a matéria residual do corpo. Na morte dos seres humanos, o que se extingue é apenas o corpo material - parte acessória e não essencial do ser pensante. Indestrutível é o princípio inteligente, que se aperfeiçoa através das diferentes metamorfoses por que passa.

729. Se a morte é necessária para a regeneração dos seres, por que razão a natureza os cerca de meios de se alimentarem e de sobreviverem?

Para evitar que a vida acabe antes do tempo necessário. Toda a extinção antecipada impede o desenvolvimento do princípio inteligente. Foi por isso que Deus deu a cada ser a vontade de viver e de se reproduzir.

730. Se a morte deve conduzir-nos a uma vida melhor, livrando-nos dos males deste mundo, sendo mais de desejar do que de temer, porque é que o ser humano tem por ela um horror instintivo que a torna motivo de receio?

Já o dissemos antes, cada um deve procurar prolongar a sua vida para cumprir a sua tarefa. Foi por isso que Deus lhe deu o instinto de sobrevivência, que o ajuda nas suas provas, sem o qual perderia muitas vezes a coragem. A voz secreta que faz repelir a morte diz-lhe que ainda pode fazer qualquer coisa para evoluir. Quando um perigo o ameaça, essa voz é um aviso para aproveitar a pausa que Deus lhe concede. Nesses casos, acontece frequentemente que ele, por desconhecimento, agradece à sua "boa estrela" a ajuda recebida, em vez de a agradecer ao Criador.

731. Por que motivo, a par dos meios de subsistência, a natureza colocou ao mesmo tempo os agentes perigosos?

É o remédio ao lado do mal, já o dissemos, para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.

732. A vontade de consumir animais para alimentação é a mesma em todos os mundos?

É proporcional ao estado mais ou menos materializado dos mundos e desaparece num estado mais evoluido. Nos mundos mais avançados do que o vosso, as condições de existência são completamente diferentes.

733. A necessidade de abater animais existirá sempre na Terra?

Diminui à medida que o Espírito supera a matéria. É por isso que o horror à morte dos animais cresce com o desenvolvimento intelectual e moral.

734. No seu estado atual o ser humano tem direito ilimitado de abater animais?

Esse direito é regulado pela satisfação das suas necessidades alimentares e de segurança, o abuso jamais foi um direito.

735. E quanto a matar animais, ultrapassando os limites das necessidades e da segurança, como na caça, por exemplo, só pelo prazer de aniquilar sem utilidade?

É o predomínio da brutalidade sobre a natureza espiritual. A ação destrutiva que ultrapassa os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais não matam mais do que necessitam, mas o ser humano, que tem o livre-arbítrio, aniquila sem necessidade. Prestará contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida pois, nesses casos, cede aos maus instintos.

736. Os povos que levam ao excesso o escrúpulo no tocante ao consumo dos animais têm mérito especial?

É o exagero de um sentimento que em si mesmo é louvável, mas que se torna abusivo e cujo mérito acaba neutralizado por abusos em muitas outras áreas. Mostram mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.

II – Flagelos destruidores

737. Com que finalidade Deus sujeita a Humanidade a flagelos destruidores?

Para estimular processos de mudança. Já dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem em cada nova existência um novo grau de perfeição. É necessário ver o fim para apreciar os resultados. Julgais essas coisas apenas do vosso ponto de vista pessoal, dando-lhes o nome de flagelos por causa dos prejuízos que causam. Esses transtornos, contudo, são muitas vezes necessários para fazerem com que as coisas cheguem mais prontamente a uma melhor ordem, realizando-se em alguns anos o que levaria muitos séculos. (Ver pergunta 744)

[57 - Os difíceis questionamentos]

738. Para melhorar a Humanidade, Deus poderia empregar outros meios que não os flagelos destruidores?

Sim, e diariamente os emprega, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal; o ser humano é que não tira o proveito devido. Então, é necessário levá-lo a ultrapassar o seu orgulho e fazê-lo ter consciência da sua fraqueza.

738-a. É justo que nesses flagelos os homens de bem sucumbam como os menos evoluidos?

Durante a vida o ser humano relaciona tudo com o corpo mas, após a morte, pensa de outra maneira. Como já dissemos, a vida do corpo significa pouco. Um século do vosso mundo, perante a eternidade, é breve como um relâmpago. Os sofrimentos que duram alguns dos vossos meses ou dias, nada representam. É um ensinamento que vos serve para o futuro. O mundo real é o dos Espíritos, preexistente e sobrevivente a tudo. São eles os filhos de Deus e motivo de toda a sua solicitude. (Ver

pergunta 85). *Os corpos são apenas disfarces sob os quais aparecem no mundo material. Nas grandes calamidades que dizimam os homens, é como um exército que, durante a guerra, vê os seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general tem mais cuidado com os soldados do que com as fardas que envergam.*

738-b. Mas as vítimas desses flagelos, nem por isso são menos vítimas!

Se considerássemos a vida pelo tão pouco que ela é em relação ao infinito, menos importância lhe daríamos. Essas vítimas encontrarão noutra existência uma enorme compensação para os seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem protestos.

− Suceda a morte por causa de um flagelo ou por uma simples casualidade, morremos de uma forma ou de outra quando chegar a nossa hora: a única diferença é que, no primeiro caso, parte um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Se pudéssemos elevar-nos pelo pensamento, de maneira a abranger toda a Humanidade num relance, esses flagelos tão terríveis pareceriam só tempestades passageiras no destino do mundo.

739. Os flagelos destruidores têm utilidade do ponto de vista físico, apesar dos males que ocasionam?

Sim, modificam algumas vezes o estado de uma região. Mas o bem que deles resulta, geralmente, só é sentido pelas gerações futuras.

740. As calamidades são igualmente provas morais para o ser humano, pondo-o a braços com necessidades mais duras?

São dificuldades que lhe proporcionam a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar paciência e resignação ante a vontade de Deus e permitem-lhe ao mesmo tempo desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se não estiver dominado pelo egoísmo.

741. É concedido ao ser humano afastar as calamidades que o afligem?

Sim, em parte, mas não como geralmente se pensa. Muitos desses problemas são consequência da sua imprevidência. À medida que adquire conhecimentos e experiências pode afastá-los, quer dizer, preveni-los, se souber pesquisar as suas causas. Mas, entre os males que afligem a Humanidade, há os que são de natureza geral e pertencem aos desígnios da Providência, recebendo cada indivíduo uma parcela maior ou menor das respetivas consequências. Quanto a essas, nada é possível opor para além da resignação perante a vontade de Deus. Além do mais, esses males são geralmente agravados pela negligência dos indivíduos.

− Entre os flagelos destruidores, resultantes de desastres naturais e independentes do ser humano, devem ser colocados na primeira linha a peste, a fome, as inundações e as intempéries, fatais aos produtos da terra. Entretanto, o homem já achou na ciência, nas obras de engenharia, no aperfeiçoamento da agricultura, na rotação das culturas, nas irrigações e no estudo das condições higiénicas, os meios de neutralizar ou pelo menos de atenuar muitos desses desastres.

Algumas regiões antigamente devastadas por essas calamidades já estão hoje resguardadas. O que não fará o ser humano pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar todos os recursos da sua inteligência e quando, a par da satisfação das suas necessidades, souber aliar o sentimento de uma verdadeira caridade para com os seus semelhantes? (Ver pergunta 707)

III – Guerras

742. Qual a causa que conduz o ser humano à guerra?

A predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e a satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte e é por isso que a guerra, para eles, é um estado normal. À medida que o ser humano progride, torna-se menos frequente, porque evita as suas causas. Quando é necessário, sabe aliar-lhe a humanidade.

[59 - A causa da guerra]

743. A guerra desaparecerá um dia da face da Terra?

Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa altura, todos os povos serão irmãos.

744. Qual o objetivo da Providência ao tornar a guerra necessária?

A liberdade e o progresso.

[60 - A liberdade e o progresso]

744-a. Se a guerra deve ter por efeito chegar à liberdade, como se explica que ela tenha geralmente por fim e por resultado a subjugação dos povos?

Subjugação momentânea para estimular os povos, a fim de os fazer chegar mais depressa.

[61 - Estimular os povos]

745. Que pensar daqueles que provocam a guerra em seu proveito?

Esses são os verdadeiros culpados e necessitarão de muitas existências para expiarem todos os assassínios de que foram responsáveis, porque responderão por cada pessoa cuja morte tenham causado para satisfazerem a sua ambição.

IV – Assassínio

746. O assassínio é um crime aos olhos de Deus?

Sim, um grande crime, porque aquele que tira a vida ao seu semelhante interrompe uma vida de expiação ou de missão, e aí é que está o mal.

747. O assassinato tem sempre o mesmo grau de culpabilidade?

Já dissemos, Deus é justo e julga mais a intenção do que o facto.

748. Deus desculpa o assassínio em caso de legítima defesa?

Só a necessidade imperiosa pode desculpá-lo. Contudo, se pudermos preservar a nossa vida sem atentar contra a do agressor, é o que devemos fazer.

749. O ser humano é responsável pelos assassínios que comete na guerra ?

Não, quando é obrigado pela força, mas é responsável pelas crueldades que comete. Os seus sentimentos de humanidade serão levados em conta.

750. Qual é o mais responsável aos olhos de Deus, o parricídio ou o infanticídio?

Um e outro são igualmente graves, porque todo o crime é crime.

751. Porque será que em certas sociedades já avançadas do ponto de vista intelectual, o infanticídio é um costume consagrado pela legislação?

O desenvolvimento intelectual não traz consigo a necessidade do bem. Um Espírito de inteligência superior pode ser mau: é de alguém que muito viveu e muito sabe, sem se ter aperfeiçoado.

V – Crueldade

752. Podemos ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição ?

É o instinto de destruição no que ele tem de pior, porque se a destruição é às vezes necessária, a crueldade nunca o é. É sempre a consequência de uma natureza má.

753. De onde vem a ideia de que a crueldade é o caráter dominante dos povos "ditos primitivos"?

Nos povos primitivos a matéria sobrepõe-se ao espírito. Entregam-se aos instintos animais e como não têm outras necessidades além das do corpo, só pensam na sua sobrevivência pessoal: é isso que geralmente os torna cruéis. Além disso, os povos de desenvolvimento imperfeito estão sob o domínio de Espíritos igualmente imperfeitos que lhes são simpáticos, até que entidades mais adiantadas venham anular ou enfraquecer essa influência.

[62 - Os povos "ditos primitivos"]

754. É a ausência de sentido moral que dá origem à crueldade?

A fraqueza de sentido moral, sim, mas não a sua ausência, visto que este existe, em princípio, em todos os homens. É esse sentido que os transforma mais tarde em seres bons e humanos. Existe no selvagem como o aroma no botão de uma flor que ainda não desabrochou.

− Todas as faculdades existem no ser humano em estado rudimentar ou latente e desenvolvem-se segundo as circunstâncias lhe são mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas impede ou neutraliza o desenvolvimento de outras. A exaltação dos instintos materiais asfixia, por assim dizer, o sentido moral, como o desenvolvimento deste enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

755. Como se explica que nas civilizações mais adiantadas existam criaturas às vezes tão cruéis como os selvagens?

Da mesma maneira que numa árvore carregada de bons frutos existem alguns podres. Eles são selvagens que só têm da civilização a aparência, lobos extraviados no meio de cordeiros. Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens evoluídos, com a esperança de também evoluírem. Porém, se a prova for muito pesada, o natural primitivo vem ao de cima.

756. A sociedade dos homens de bem ver-se-á livre, um dia, dos malfeitores?

A Humanidade progride. Os malfeitores dominados pelo instinto do mal, que se encontram deslocados entre os homens de bem, desaparecerão pouco a pouco como o mau grão é separado do bom, quando joeirado, mas renascerão com outro corpo. Então, com mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Tens disso um exemplo nas plantas e nos animais que o ser humano aprendeu a

aperfeiçoar, desenvolvendo-lhes qualidades novas. Só depois de muitas gerações é que o aperfeiçoamento se torna completo. É a imagem das diversas existências do homem.

VI – Duelo

757. O duelo pode ser considerado como um caso de legítima defesa?

Não, é um assassínio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Numa civilização mais avançada e mais moral, o ser humano compreenderá que o duelo é tão ridículo como os combates antigamente encarados como "julgamento de Deus".

[63 - Os duelos]

758. O duelo pode ser considerado como um assassínio por parte daquele que, conhecendo a sua própria fraqueza, está quase certo de sucumbir?

É um suicídio.

758-a. Quando as probabilidades são iguais, é um assassínio ou um suicídio?

Ambas as coisas.

− Em todos os casos, mesmo naqueles em que as possibilidades são iguais, o duelista éresponsável, primeiro, porque atenta fria e deliberadamente contra a vida do seu semelhante, segundo, porque arrisca a sua própria vida inutilmente e sem proveito para ninguém.

759. Qual o valor daquilo que se chama “o ponto de honra” em matéria de duelos?

O do orgulho e da vaidade, duas chagas da Humanidade.

759-a. Há casos em que a honra está verdadeiramente empenhada e a recusa seria uma covardia?

Isso depende dos usos e dos costumes. Cada país e cada época têm, a esse respeito, uma maneira diferente de ver. Quando os homens forem melhores e moralmente mais evoluidos, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando ou fazendo-se matar que se repara uma falta.

− Há mais grandeza e verdadeira honra em reconhecer a culpa, quando se erra, ou em perdoar, quando se tem razão. Em última análise, em não dar importância a insultos que não podem atingir-nos.

VII – Pena de morte

760. A pena de morte desaparecerá um dia da legislação humana?

A pena de morte desaparecerá incontestavelmente e a sua abolição assinalará um progresso na Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Os homens já não terão necessidade de ser julgados pelos homens. Falo de uma época que ainda está muito longe de vós.

− O progresso social ainda deixa muito a desejar, mas seríamos injustos para com a sociedade moderna se não víssemos um progresso nas restrições impostas à pena de morte, entre os povos mais

adiantados, e à natureza dos crimes aos quais se limita a sua aplicação. Se forem comparadas as garantias com que a justiça desses mesmos povos se esforça por rodear o acusado, a humanidade com que o trata - mesmo que reconhecidamente culpado - com os modos praticados em tempos ainda não muito recuados, não podemos deixar de reconhecer a via progressiva na qual avança a Humanidade.

761. A lei de sobrevivência dá às pessoas o direito de defenderem a sua vida. Será esse o direito aplicado quando se elimina da sociedade um membro perigoso?

Há outros meios de se preservar do perigo, sem ser o de matar. É necessário, aliás, abrir ao criminoso a porta do arrependimento e não o contrário.

762. Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido uma necessidade em tempos menos adiantados?

Necessidade não é o termo. O ser humano sempre julga uma coisa necessária quando não encontra nada melhor. À medida que se esclarece, contudo, vai compreendendo melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância em nome da justiça.

763. A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte é um indício do progresso da civilização?

Não tenhas dúvidas. O teu Espírito revolta-se, certamente, ao leres os relatos dos morticínios humanos que antigamente se faziam em nome da justiça e frequentemente em honra da Divindade, das torturas a que se submetia o condenado e mesmo o acusado para lhe arrancar, a peso de sofrimento, a confissão de um crime que ele muitas vezes não tinha cometido. Se tivesses vivido nesses tempos acharias tudo muito natural e talvez tu mesmo, sendo juiz dessas causas, tivesses feito o mesmo. O que parece justo numa época parece bárbaro noutra. Somente as leis divinas são eternas. As leis humanas modificam-se com o progresso e continuarão a modificar-se até que sejam harmonizadas com as leis divinas.

764. Jesus disse: Quem matar pela espada, pela espada perecerá, palavras que consagram a pena de talião. A morte imposta ao assassino não será a aplicação dessa pena?

Tende cuidado! Estais enganados quanto a estas palavras, como a respeito de muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus, é ele quem a aplica. Todos vós sofreis a cada instante essa pena, porque sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta vida ou numa outra.

Aquele que fez sofrer o seu semelhante, estará numa situação em que sofrerá do mesmo modo que fez sofrer. É esse o sentido das palavras de Jesus. Mas também vos disse "perdoai aos vossos inimigos". E também vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as vossas ofensas, da mesma maneira que perdoais a quem vos ofendeu, isto é, na mesma proporção que tereis perdoado. Reparai bem nisto.

765. E quanto à pena de morte imposta em nome de Deus?

Equivale a tomar o lugar de Deus na prática da justiça. Os que agem assim mostram que estão longe de compreender a vontade de Deus e que ainda têm muitas faltas a expiar. É um crime aplicar a pena de morte em nome de Deus e os que o fazem são responsáveis por assassínio.

CAPÍTULO VII – Lei de sociedade

I – Necessidade da vida social

766. A vida social é um fenómeno natural?

Certamente, Deus fez o ser humano para viver em sociedade. Por isso dotou-o com a palavra e com todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.

767. O isolamento absoluto é contrário à lei natural?

Sim, visto que os seres humanos buscam a sociedade por instinto e devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.

768. O ser humano, ao procurar a sociedade, obedece apenas a um sentimento pessoal ou procura também uma finalidade providencial, de ordem geral?

O homem deve progredir. Sozinho, porém, não conseguirá, porque não possui todas as faculdades. Precisa do contacto com outros seres humanos. No isolamento, embrutece e estiola.

– Ninguém é completo nas suas faculdades. Pelo convívio social as pessoas completam-se umas às outras, para assegurar o seu bem-estar eprogredir. É por isso que, tendo necessidade umas das outras, são feitas para viver em sociedade e não isoladas.

II – Vida de isolamento. Voto de silêncio

769. Admite-se, como princípio geral, que a vida social está nas leis da natureza. Como todos os gostos são também naturais, por que motivo será condenável o gosto pelo isolamento absoluto?

É uma satisfação egoísta. Será aceitável a satisfação que alguns encontram na dependência alcoólica? Deus não pode considerar agradável uma vida em que o ser humano se condena à inutilidade.

770. E viver em reclusão absoluta para fugir ao contacto pernicioso do mundo?

É egoísmo duplicado.

770-a. Essa reclusão, como expiação com renúncia penosa, terá algum mérito?

Praticar mais o bem do que o mal, essa é a melhor expiação. Evitando um mal o indivíduo cai noutro, pois esquece a lei do amor e da caridade.

771. E fugir do mundo para amparar os infelizes ?

Esses elevam-se, rebaixando-se. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos prazeres materiais e de fazerem o bem pelo cumprimento da lei do trabalho.

771-a. E os que procuram no seu retiro a tranquilidade necessária a certas tarefas?

Essa retirada não será egoista: quem a fizer, não se isola da sociedade, porque trabalha para ela.

772. E o voto de silêncio estabelecido por algumas seitas desde a Antiguidade?

Se o uso da palavra é um direito natural do ser humano porque razão Deus lho teria dado? Deus condena o abuso e a não utilização das faculdades por ele concedidas. Não obstante, o silêncio do recolhimento é útil, porque torna o Espírito mais livre para entrar em comunicação connosco. O voto de silêncio, porém, é um disparate. Aqueles que consideram essas privações voluntárias como atos de virtude têm boa intenção, mas enganam-se por não compreenderem suficientemente as verdadeiras leis de Deus.

- O voto de silêncio absoluto, tal como o voto de isolamento, priva o indivíduo das relações sociais que lhe podem fornecer as ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

III – Laços de família

773. Porque é que entre os animais, os pais e os filhos deixam de se reconhecer quando estes já não precisam de cuidados?

Os animais vivem a vida material e não a vida moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de sobrevivência aplicado aos seres que deu à luz. Quando esses seres já podem cuidar de si mesmos, a sua tarefa está cumprida e a natureza nada mais lhe exige. É por isso que os abandona para se ocupar de outros que vêm a caminho.

774. Há pessoas que, devido ao abandono das crias pelos animais, concluem que os laços de família entre os seres humanos são apenas o resultado de costumes sociais e não uma lei natural. Será assim?

O ser humano tem um destino diferente do dos animais. Por que razão querer sempre equipará-los? Para aquele há mais do que as necessidades físicas, há a necessidade do progresso. As relações sociais são necessárias ao progresso e os laços de família reforçam as ligações sociais. É por isso que as ligações de família constituem uma lei natural. Deus quis que os seres humanos aprendessem assim a amar-se como irmãos. (Ver pergunta 205)

775. Qual seria, para a sociedade, o resultado do enfraquecimento dos laços de família?

Um acréscimo do egoísmo.

CAPÍTULO VIII – Lei do progresso

I – Estado de natureza

776. O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?

Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com essa condição, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da Humanidade. [64 - O "estado de natureza"]

– O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. O ser humano, com capacidade de aperfeiçoar-se, que traz em si o germe da evolução, não foi destinado a viver para sempre nesse estado, tal como não foi destinado a viver perpetuamente na infância. O estado de natureza é transitório e a criatura humana deixa esse estado mediante o progresso e a civilização. A lei natural, pelo contrário, rege a Humanidade inteira e o ser humano vai progredindo na medida em que melhor compreende e melhor pratica essa lei.

777. No estado de natureza, tendo menos necessidades, o ser humano não sofre todas as dificuldades que cria para si mesmo num estado mais adiantado. Será esse estado o da mais perfeita felicidade na Terra?

É ser feliz à maneira dos animais. Há pessoas que não compreendem outra felicidade. As crianças também são mais felizes do que os adultos.

778. O ser humano pode retroceder para o estado de natureza?

Não, deve progredir sem cessar e não pode regressar ao estado da infância. Se progride, é porque Deus assim o quer. Pensar que poderia retroceder para a sua condição primitiva seria negar a lei do progresso.

II – Marcha do progresso

779. O ser humano encontra em si a força para progredir ou é apenas o ensino que produz o progresso?

Em sociedade, desenvolve-se por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os mais adiantados ajudam os outros a progredir pelo contacto social.

780. O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?

É consequência dele, mas não o segue sempre imediatamente. (Ver perguntas 192 e 365)

780-a. Como é que o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

Fazendo compreender o bem e o mal, o indivíduo pode então escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue o desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos seus atos.

780-b. Porque são os povos mais esclarecidos frequentemente os mais pervertidos?

O progresso completo é o objetivo a atingir, mas os povos, como os indivíduos, só conseguem alcançá-lo gradualmente. Até que tenham desenvolvido o senso moral, podem mesmo servir-se da inteligência para fazer o mal. A moral e a inteligência são duas forças que só atingem níveis equivalentes com a passagem do tempo. (Ver perguntas 365 e 751)

781. É permitido ao ser humano deter a marcha do progresso?

Não, mas pode dificultá-la algumas vezes.

781-a. Como julgar aqueles que tentam deter a marcha do progresso e fazer retroceder a Humanidade?

Pobres seres que Deus responsabilizará; serão derrubados pela torrente que pretendem deter.

− Sendo o progresso uma condição da natureza humana, ninguém tem poder para se lhe opor É uma força viva que a má legislação pode retardar, mas nunca inviabilizar. Quando tais leis se tornam incompatíveis, o progresso derruba-as, bem como todos os que querem conservá-las.

Será assim, até que o ser humano ponha as suas leis de harmonia com a justiça divina, que quer o bem de todos, e não leis feitas pelos fortes em prejuízo dos fracos.

782. Há indivíduos que entravam o progresso de boa fé, acreditando favorecê-lo segundo o seu ponto de vista, e tantas vezes onde o progresso não se encontra?

São pequenas pedras postas sob a roda de um grande carro que não o impedem de avançar.

783. O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?

Há o progresso constante e lento, que resulta da força das circunstâncias; mas, quando um povo não avança o suficiente, Deus fornece-lhe um abalo físico ou moral que o transforma.

− O ser humano não pode ficar para sempre na ignorância, porque deve alcançar os objetivos determinados pela Providência: esclarece-se pela força das circunstâncias. As revoluções morais, como as revoluções sociais, infiltram-se pouco a pouco nas ideias, germinam durante séculos e, de repente, explodem, desmoronando o edifício carcomido do passado, que já não serve as necessidades e as novas aspirações.

O ser humano muitas vezes só percebe, nessas mudanças bruscas, a desordem e a confusão momentânea que chocam com os seus interesses materiais. Aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais admira os desígnios da Providência, que do mal fazem surgir o bem. São como o temporal que purifica a atmosfera, depois de a ter transtornado.

784. A perversidade de certas pessoas é bastante grande, parecendo que recuam em vez de avançar, pelo menos do ponto de vista moral...

Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que avança, compreendendo melhor onde está o mal e corrigindo cada dia alguns erros. Os excessos do mal também são úteis, para fazer compreender a necessidade do bem e das reformas.

785. Quais são os maiores obstáculos ao progresso?

O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porque o progresso intelectual avança sempre. Numa primeira observação, o progresso intelectual parece dar a esses vícios uma redobrada energia, ao desenvolver a ambição e o amor pelas riquezas que, por seu turno, estimulam as pesquisas feitas para esclarecer o seu Espírito. É assim que tudo se relaciona no mundo moral como no mundo físico e que do próprio mal pode sair o bem. Mas esse estado de coisas durará apenas algum tempo; modifica-se à medida que o ser humano compreende melhor que, além do prazer dos bens terrenos, existe uma felicidade infinitamente maior e mais durável. (Ver Egoísmo, no número III do capítulo XII - Perfeição Moral).

− Há duas espécies de progresso que mutuamente se apoiam e, entretanto, não caminham juntos: o progresso intelectual e o progresso moral. Nos povos civilizados, o primeiro recebeu nesta época todos os estímulos desejáveis e, por isso, atingiu um grau até hoje desconhecido. Seria necessário que o segundo estivesse ao mesmo nível. Entretanto, se compararmos os costumes sociais de alguns séculos atrás com os de hoje, seria necessário sermos cegos para negar o progresso realizado. Porquê, pois, um avanço mais lento da moral do que da inteligência? Porque não será possível entre os séculos XIX e XXIV a mesma evolução que entre os séculos XIV e XIX? Duvidar disso seria pretender que a Humanidade já atingiu o máximo da perfeição, o que é absurdo, ou que ela não é suscetível de evoluir moralmente, o que é desmentido pela experiência.

III − Povos que regrediram historicamente

786. A História mostra-nos uma multidão de povos que, após convulsões, recaíram na barbárie. Onde está neste caso o progresso?

Quando a tua casa ameaça cair, derruba-la para reconstruí-la de maneira mais sólida e mais cómoda. Entretanto, até que ela esteja reconstruída haverá desarranjos e confusões.

Imagina o seguinte: sendo em certa altura pobre, habitavas num casebre. Tendo melhorado a tua situação, deixaste aquele lugar para ir morar numa boa casa, o que representou uma notável evolução. Entretanto, um outro pobre como tu eras e a sua família foram morar no casebre, muito contentes porque não tinham abrigo algum.

Repara que os Espíritos que encarnaram nos povos que regrediram não são aqueles que o compunham no tempo do seu esplendor. Os que eram mais evoluídos progrediram e foram habitar em moradas de melhor qualidade. Enquanto os outros, menos avançados, tomaram o seu lugar e irão também, por sua vez, progredir mais tarde.

787. Haverá grupos humanos rebeldes ao progresso, por sua própria natureza?

Sim, mas esses grupos vão-se extinguindo, corporalmente.

787-a. Qual será o destino futuro das almas que animam esses grupos?

Chegarão à perfeição, como todas as outras, passando por várias existências. Deus não deserda ninguém.

787-b. Então os indivíduos mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?

Tu mesmo o foste, mais de uma vez, antes de seres o que és.

788. Os povos são entidades coletivas que passam pela infância, pela idade madura e pela decrepitude. Essa verdade, verificada pela História, permitirá supor que os povos mais avançados deste século terão o seu declínio e o seu fim, como os da Antiguidade?

Os povos que apenas vivem a existência do corpo, cuja grandeza se funda na força e na extensão territorial, crescem e morrem, porque a força de um povo esgota-se como a de uma pessoa. Aqueles cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz aniquila as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas há para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma. Aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e serão guias orientadores para outros povos.

789. O progresso reunirá um dia todos os povos da Terra numa só nação?

Numa só nação é impossível, porque da diversidade dos climas derivam costumes e necessidades diferentes que constituem as nacionalidades. Assim, serão sempre necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades. A caridade, contudo, não conhece latitudes e não diferencia os homens pela cor da pele. Quando a lei de Deus constituir por toda a parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade entre eles como os indivíduos entre si, vivendo felizes e em paz, porque ninguém tentará fazer mal ao vizinho ou viver à sua custa.

− A Humanidade evolui pelos indivíduos que melhoram pouco a pouco e se esclarecem, e que, quando podem influenciar a maioria, tomam a iniciativa e conduzem os seus semelhantes na senda do progresso. De tempos a tempos surgem cidadãos com superiores qualidades que, aliados a outros com autoridade, se tornam instrumentos de Deus e que, em alguns anos, fazem a Humanidade avançar séculos.

O progresso dos povos na sucessão das gerações torna evidente a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem esforços louváveis para fazer as nações avançarem moral e intelectualmente: a nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro.

Contudo, a lentidão do progresso obriga-nos a perguntar qual será a sorte daqueles que, durante a longa marcha através dos séculos, vão sendo afastados pelo inevitável processo da morte.

A sua inferioridade relativa não lhes dá a felicidade reservada aos que foram chegando à vida depois deles? Sendo real ou relativa essa felicidade, a justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça.

Pela pluralidade das existências, isto é, pela reencarnação, o direito à felicidade é sempre igual para todos, porque ninguém é deserdado do progresso. (Ver pergunta 166 e seguintes a respeito da reencarnação).

Os que viveram no tempo da barbárie podem regressar ao seio do mesmo povo ou de outro qualquer, nos períodos da civilização, em vidas futuras. Como resultado dos seus esforços e trabalhos anteriores, todos irão beneficiar da marcha ascendente dos povos.

A teoria de uma única existência para cada espírito criado apresenta, neste caso, mais uma dificuldade. Segundo essa teoria, a alma é criada quando o corpo nasce. Portanto, se um indivíduo émais evoluído do que outro é porque Deus criou para ele uma alma mais evoluída. Qual o motivo para tal favor? Que mérito terá, não tendo vivido mais do que o outro, às vezes menos, para ser dotado de uma alma superior?

Mas nisso não está a principal dificuldade: uma nação passa, ao fim de milénos, da barbárie à civilização. Se os indivíduos vivessem mil anos podería acontecer que, nesse intervalo, tivessem tempo de progredir; mas diariamente morrem muitos deles de todas as idades, renovando-se essa população sem cessar: dia a dia vemos aparecerem e desaparecerem muitos indivíduos.

Ao fim de milénios já não há o mais pequeno vestígio dos antigos habitantes; a nação, de bárbara que era, tornou-se disciplinada. Quem foi então que progrediu? Os indivíduos outrora bárbaros? Esses já estão mortos há muito tempo.

Os únicos beneficiários da longa marcha dos povos seriam apenas os que chegam por último. Contudo, se a sua alma tivesse sido criada no momento do nascimento, essas almas não existiriam antes, no tempo da barbárie. O que nos obrigaria a admitir que os esforços desenvolvidos para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar as almas imperfeitas, fazendo-as evoluir em igualdade de direitos, mas de dar a Deus a oportunidade de criar outras almas mais perfeitas.

Comparemos esta teoria do progresso com aquela que nos foi comunicada pelos Espíritos:

As almas nascidas numa nação no seu período mais civilizado tiveram a sua infância, como todas as outras, mas já viveram outras vidas e trouxeram com elas a evolução resultante do trabalho feito. Vêm atraídas por um meio que lhes ésimpático e que tem relacionamento próximo com o seu estado atual de evolução.

Dessa maneira, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm por efeito determinar a criação futura de almas mais perfeitas, mas sim de atrair aquelas almas que já progrediram, seja as que já viveram nesse mesmo povo em tempos anteriores, seja as que procedem de outra origem.

Nisso está a chave do progresso para a Humanidade inteira: quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra só será ponto de encontro para bons Espíritos, que viverão entre si em união fraterna. Os maus Espíritos, que na Terra se sintam repelidos ou deslocados, irão procurar nos mundos inferiores, numa outra encarnação, o ambiente que lhes convém, até que, em vidas futuras, se tornem dignos de voltar ao nosso mundo, transformado e mais feliz.

A teoria de uma única vida para cada pessoa teria ainda outra consequência: o progresso e os melhoramentos sociais só aproveitariam aos que vivessem nessa mesma altura e aos seus descendentes.

O seu resultado seria nulo para as gerações anteriores, que tivessem cometido o erro de vir ao mundo demasiado cedo, e que tiveram de avançar como puderam, sobrecarregadas pelo peso de uma época de barbárie.

Segundo o espiritismo, os progressos ulteriores são úteis igualmente a essas gerações, que regressam à vida em melhores condições epodem, assim, aperfeiçoar-se no seio da civilização. (Ver pergunta 222)

IV – Civilização

790. A civilização é um progresso ou, segundo afirmam alguns filósofos, uma decadência da Humanidade?

É progresso incompleto, visto que o ser humano não passa subitamente da infância à maturidade.

790-a. É razoável condenar-se a civilização?

Condenai antes os que abusam dela e não a obra de Deus.

791. A civilização evoluirá um dia ao ponto de fazer desaparecer no futuro os males que tenha produzido?

Sim, quando a moral estiver tão desenvolvida como a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor.

792. Porque é que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que poderia produzir?

Porque os seres humanos ainda não se encontram prontos nem dispostos a obter esse benefício.

792-a. Será também porque, criando novas necessidades, estimula novas paixões?

Sim, e porque todas as faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo, é necessário tempo para tudo. Não podeis esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta. (Ver perguntas 751 e 780)

793. Quais são os sinais que dão a conhecer uma civilização completa?

Reconhecer-se-á pelo desenvolvimento moral. Julgais estar muito evoluidos por terdes feito grandes descobertas e invenções maravilhosas, porque estais mais bem instalados e melhor vestidos que os selvagens. Mas só tereis verdadeiramente o direito de dizer que sois civilizados quando tiverdes banido da vossa sociedade os vícios que a desonram e quando passardes a viver como irmãos, praticando a caridade cristã. Até esse momento sereis apenas povos esclarecidos, que só percorreram a primeira fase da civilização.

− A civilização tem os seus graus, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição, que origina determinados males, desconhecidos no estado primitivo. Mas é um estado de progresso natural necessário, que traz consigo o remédio para os males que origina. À medida que a civilização se aperfeiçoa, vai resolvendo os problemas a que deu origem, que desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que tenham atingido o melhor nível de organização social, só poderá dizer-se mais avançado, no verdadeiro sentido da palavra, aquele em que:

− Se encontre menos egoísmo, cobiça e orgulho;

− Os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais;

− A inteligência possa desenvolver-se com mais liberdade;

− Exista mais bondade, boa fé, benevolência egenerosidade recíprocas;

− Os preconceitos de casta e de nascimento estejam menos enraizados, porque são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo;

− As leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro;

− A justiça se exerça com a menor parcialidade;

− O fraco encontre sempre apoio perante o forte;

− A vida do ser humano, as suas crenças e as suas opiniões sejam mais respeitadas;

− As pessoas sejam mais felizes;

Por fim, que todos os seres humanos de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.

V − Progresso da legislação humana

794. A sociedade poderia ser regida somente pelas leis naturais, sem recorrer a leis humanas?

Se os indivíduos as compreendessem bem e quisessem praticá-las, seriam suficientes. Mas a sociedade tem as suas exigências e precisa de leis específicas.

795. Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

Nos tempos de barbárie foram os mais fortes que fizeram as leis, e fizeram- mas a seu favor. Foi preciso modificá-las à medida que os indivíduos melhor compreenderam a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, quer dizer, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural.

- A civilização criou novas necessidades para os seres humanos e essas necessidades são relativas à organização social que instituiu. Teve que regular os direitos e os deveres dessa organização através de leis humanas. Porém, sob a influência das suas paixões, criou direitos e deveres imaginários que a lei natural rejeita e que os povos vão apagando dos seus códigos à medida que progridem. A lei natural éim utável e igualpara todos. A lei h umana é variável eprogressiva: na infância das sociedades só consagrou o direito dos mais fortes.

796. A severidade das leis penais é uma necessidade, no estado atual da sociedade?

Uma sociedade corrupta tem certamente necessidade de leis mais severas. Infelizmente essas leis aplicam-se mais a punir o mal praticado do que a secar a fonte donde deriva. Só a educação pode regenerar os homens, que assim já não necessitarão de leis tão rigorosas.

797. Como poderá o ser humano ser levado a reformar as suas leis?

Isso acontece naturalmente pela força das circunstâncias e pela influência das pessoas de bem, que o conduzem para o progresso. Há muitas leis que já foram reformadas e muitas outras ainda o serão. Aguarda!

VI – Influência do espiritismo no progresso

798. O espiritismo tornar-se-á uma crença generalizada, ou vai continuar a ser partilhado apenas por alguns?

Certamente que se tornará crença geral, e marcará uma nova era na história da Humanidade, porque pertence à ordem natural e chegou o tempo em que deve tomar o devido lugar no conhecimento humano.

Terá, no entanto, que enfrentar muitos ataques violentos, originados mais por interesses do que por convicções, porque não se pode esquecer que há pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio e outras por motivos puramente materiais. Porém, os seus contraditores, por ficarem cada vez mais isolados, serão afinal forçados a pensar como toda a gente, sob pena de se tornarem ridículos.

- As ideias só se transformam com o tempo, nunca subitamente. Enfraquecem de geração em geração e acabam por desaparecer com os que as professavam, que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como se verifica com as ideias políticas. O caso do paganismo: não há ninguém, certamente, que professe hoje as ideias religiosas daquele tempo; não obstante, muitos séculos depois da chegada do cristianismo, deixaram vestígios que somente a completa transformação dos povos pode apagar. O mesmo acontecerá com o espiritismo: progride muito, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. Todavia, a sua marcha será mais rápida do que a do cristianismo, porque é o próprio cristianismo que lhe abre o caminho e lhe serve de apoio. O cristianismo tinha que destruir; o espiritismo só tem que construir.

799. De que maneira pode o espiritismo contribuir para o progresso?

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, o espiritismo faz compreender aos homens onde está o seu verdadeiro interesse. Uma vez que a vida futura já não está velada pela dúvida, o ser humano compreenderá melhor que pode assegurar o seu futuro pelo presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor, ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos.

800. Será de temer que o espiritismo não consiga vencer a indiferença dos seres humanos e o seu apego às coisas materiais?

Seria conhecer muito pouco as pessoas, pensar que uma causa qualquer pudesse transformá-las como por encanto. As ideias modificam-se muito lentamente, conforme os indivíduos, e são necessárias gerações para apagar completamente os restos dos velhos hábitos. A transformação só se faz a longo prazo, gradualmente, de pessoa a pessoa. Em cada geração, apenas uma parte do véu se dissipa e o espiritismo vem rasgá-lo por completo. Na expetativa, mesmo que corrigisse apenas um homem de um só dos seus defeitos, seria um passo em frente e por isso mesmo um grande bem, porque este primeiro passo tornar-lhe-á os outros mais fáceis.

801. Porque não ensinaram os Espíritos desde sempre o que ensinam hoje?

Não ensinais às crianças o que ensinais aos adultos e não dais ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa a seu tempo. Os Espíritos ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desfiguraram, mas que atualmente podem compreender. Pelo seu ensinamento, mesmo incompleto, prepararam o terreno para receber a semente que vai agora frutificar.

802. Uma vez que o espiritismo deve marcar um progresso na Humanidade, por que razão não apressam os Espíritos esse progresso através de manifestações tão gerais e patentes que possam levar a convicção aos mais incrédulos?

Desejaríeis milagres, mas Deus semeia-os às mãos cheias bem diante de vós e há tanta gente que os ignora. Terá Jesus, em pessoa, convencido os seus contemporâneos com os prodígios que realizou? Não vedes ainda hoje certos indivíduos negarem os factos mais patentes que se passam diante dos seus olhos? Não há tantos que dizem que não acreditariam, mesmo se vissem? Não, não é com prodígios que Deus quer conduzi-los: na sua bondade, quer deixar-lhes o mérito de se convencerem pela razão.

CAPÍTULO IX Lei de igualdade

I − Igualdade natural

803. Todos os seres humanos são iguais perante Deus?

Sim, todos caminham para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos. Dizeis frequentemente: Quando o Sol brilha, é para todos. Essa é uma verdade muito maior e mais geral do que aquilo que pensais.

− Todos são submetidos às mesmas leis naturais, todos nascem com a mesma fraqueza, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico morre como o do pobre. Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte; todos são iguais perante ele.

II − Desigualdade de aptidões

804. Por que razão Deus não deu as mesmas aptidões a todos os seres humanos?

Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, uns fizeram mais aquisições evolutivas do que outros. A diferença está no nível da sua experiência e no exercício da vontade própria, que é o livre-arbítrio. Uns aperfeiçoam-se mais rapidamente, o que lhes confere aptidões diferentes. A mescla de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência no limite do desenvolvimento das suas forças físicas e intelectuais: o que um não fizer faz outro, é assim que cada um tem uma tarefa útil.

Além disso, sendo todos os mundos solidários entre si, é necessário que os habitantes dos mundos superiores, na sua maioria criados antes do vosso, venham habitar no planeta Terra, para vos dar bons exemplos. (Ver pergunta 361)

805. Ao passar de um mundo superior para um mundo inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?

Sim, já o dissemos, o Espírito que progrediu já não regride. Pode escolher, no estado de Espírito, um corpo mais insensível ou uma situação mais precária do que aquela que viveu na encarnação anterior, mas sempre para lhe servir de lição e ajudá-lo a progredir. (Ver pergunta 180)

− A diversidade das aptidões dos indivíduos não deriva da natureza específica da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que chegaram os Espíritos neles encarnados. Deus não criou Espíritos com faculdades desiguais, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento estivessem em contacto entre si, a fim de que os mais avançados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir; e também a fim de que os indivíduos, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que deve uni-los.

III – Desigualdades sociais

806. A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

Não, é obra dos homens e não de Deus.

806-a. Essa desigualdade desaparecerá um dia?

Só as leis de Deus são eternas. Deixará de haver desigualdade à medida que o orgulho e o egoísmo também percam influência. Somente a desigualdade do mérito se manterá. Um dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se em função do sangue que lhes corre nas veias, pois somente o Espírito é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social.

807. Que pensar dos que abusam da sua posição social para oprimir os mais fracos em seu proveito?

Esses merecem uma forte reprovação. Serão oprimidos por seu turno e renascerão numa existência em que irão passar por tudo o que fizeram passar a outros. (Ver pergunta 684)

IV – Desigualdade das riquezas

808. A desigualdade dos meios de fortuna terá origem na desigualdade das faculdades, que dá a certas pessoas mais possibilidades de enriquecer?

Sim e não. Que dizer da astúcia e do roubo ?

808-a. A riqueza hereditária poderá ser fruto das más paixões?

Como podes fazer essa suposição ? Verifica se riqueza herdada é legítima, ou se derivou da espoliação ou da injustiça. Além da origem, é preciso considerar os sentimentos pouco louváveis da avidez de bens, e do desejo secreto de possuí- los. É isso que Deus julga e garanto que o seu julgamento é mais severo que o dos homens.

809. Se uma fortuna foi mal adquirida na sua origem, os herdeiros que dela irão beneficiar serão responsáveis por alguma coisa?

Não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, tanto mais que até podem desconhecer o que se passou. Há heranças que cabem a alguém só para oferecerem a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz daquele que o compreender! Se o fizer em nome de quem cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta a favor de ambos, porque muitas vezes é este último que a provoca.

810. Sem nos afastarmos da legalidade, podemos dispor dos nossos bens de maneira mais ou menos equitativa. Quem assim faz é responsável, depois da morte, pelas decisões que tomou?

Todas as ações têm consequências. Os frutos das boas ações são doces e os das outras são sempre amargos. Sempre, escutai bem o que vos digo!

811. A igualdade absoluta das riquezas é possível e terá alguma vez existido ?

Não, não é possível. A diversidade das faculdades e do caráter das pessoas opõe-se a isso.

811-a. Há quem acredite que é nessa igualdade que está o remédio para os males sociais. Que pensais a esse respeito?

São dogmáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade com que sonham seria logo desfeita pela força das circunstâncias. Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, sem correr atrás de quimeras.

812. Se a igualdade das riquezas não é possível, passa-se o mesmo com o bem-estar?

Não. O bem-estar é relativo e todos poderiam ter acesso a ele se houvesse um bom entendimento entre os homens. O verdadeiro bem estar consiste no emprego do tempo de acordo com as nossas tendências e não em trabalhos pelos quais não temos o mínimo gosto. Com a diversidade de aptidões das pessoas, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, são os indivíduos que querem transtorná-lo.

812-a. É possível que todos se entendam?

Os seres humanos entender-se-ão quando praticarem a lei de justiça.

813. Há pessoas que caem em privações e na miséria por culpa sua. A sociedade pode ser responsabilizada por isso?

Sim, já dissemos que a sociedade é muitas vezes a primeira causa desses erros; aliás, é seu dever cuidar da educação moral. É a falta de educação que deturpa o julgamento das pessoas, em vez de corrigir as suas tendências negativas. (Ver pergunta 685)

V – Provas da riqueza e da miséria

(Como preparação deste tema: ver LIVRO SEGUNDO, capítulo VI, n° V - Escolha de provas, perguntas 258 a 273)

814. Deus concedeu a uns a riqueza e o poder e a outros a miséria. Porquê ?

Para pô-los à prova, cada um de maneira diferente. Aliás, como sabeis, essas provas são escolhidas pelos próprios Espíritos antes de encarnarem e, muitas vezes, não conseguem cumpri-las. (Ver também pergunta 851)

815. Qual dessas duas provas é a mais temível para o homem, a da pobreza ou a da riqueza?

Ambas oferecem dificuldades. A miséria provoca queixumes contra a Providência, a riqueza leva a todos os excessos.

816. Se o rico sofre mais tentações, não dispõe também de mais meios para fazer o bem?

É justamente o que nem sempre faz, torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. As suas necessidades aumentam com a fortuna e o que tem para si mesmo nunca lhe parece o bastante.

− A categoria social e a autoridade que certas pessoas têm sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e arriscadas como a infelicidade. Quanto mais riqueza e poder, mais obrigações há para cumprir e maiores são os meios disponíveis para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz dos seus bens e da sua influência. A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à materialidade e nos distanciam da perfeição espiritual. Foi por isso

que Jesus disse: "Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus". (Ver pergunta 266)

[65 - A palavra “camelo”]

VI – Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817. O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

Deus deu a ambos a mesma compreensão do bem e do mal e a mesma capacidade de progredir.

818. Porquê a falta de emancipação da mulher em certas regiões do mundo?

É pelo domínio injusto e cruel que o homem tomou sobre ela. É o resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Para os homens pouco evoluidos do ponto de vista moral, a força faz o direito.

819. Qual a razão das diferenças de constituição física entre o homem e a mulher ?

Para lhes atribuir funções especiais. O homem está mais bem preparado para executar trabalhos pesados, por ser mais forte, a mulher para outras tarefas. Ambos se entreajudam para vencer as provas de uma vida cheia de dificuldades.

820. A menor força física da mulher coloca-a na dependência do homem?

Deus deu a alguns a força para protegerem o fraco e não para o escravizarem.

− Deus adaptou a constituição física de cada ser às funções que deve desempenhar. Se deu menor força física à mulher, dotou-a, por outro lado, de maior sensibilidade em relação à delicadeza das funções maternais e à fragilidade dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções a que a mulher foi destinada pela natureza têm tanta importância como as que foram conferidas ao homem?

Sim, e até maior, já que é ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.

822. As pessoas, sendo iguais perante a lei de Deus, devem sê-lo igualmente perante a lei humana?

O primeiro princípio de justiça é: Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam.

822-a. De acordo com isso, para uma legislação ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher?

De direitos sim, de funções não. É preciso que cada um tenha o seu respetivo lugar: o homem ocupa-se geralmente mais das funções exteriores e a mulher ocupa-se de outras mais recolhidas, cada um segundo a sua aptidão.

A lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher. Todo o privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o progresso da civilização, a sua escravização segue a barbárie. Os sexos, aliás, só existem na constituição física, visto que os Espíritos podem encarnar num ou noutro, não havendo diferenças entre eles a esse respeito. Por conseguinte, devem gozar dos mesmos direitos.

VII – Igualdade perante o túmulo

823. De onde vem o desejo que certas pessoas têm de perpetuar a sua memória com monumentos fúnebres?

É um derradeiro ato de orgulho.

823-a. A sumptuosidade dos monumentos fúnebres não será mais determinada pelos parentes que querem honrar a memória do falecido, do que desejo dele enquanto vivo?

É devida ao orgulho dos parentes que querem honrar-se a si mesmos. Geralmente não é por vontade expressa em vida da pessoa que faleceu que se fazem essas exéquias, mas por amor-próprio dos parentes, pelo mundo e pela exibição da riqueza material. A lembrança de um ente querido não dura menos no coração do pobre, porque coloca sobre a campa apenas uma flor modesta e o mármore não livra do esquecimento aquele que foi inútil na Terra.

824. Reprovais, de maneira absoluta, as pompas fúnebres?

Não. Quando homenageiam a memória de um homem de bem são justas e dão um bom exemplo.

– A campa é o lugar de encontro de todos os mortais e ali terminam impiedosamente todas as distinções humanas. É em vão que o rico quer perpetuar a sua memória por meio de faustosos monumentos. O tempo destrui-los-á, como faz aos corpos, assim o quer a natureza. A lembrança das suas boas e más ações é mais duradoura do que o seu túmulo. A pompa dos funerais não apaga os erros cometidos e não fará subir um único degrau na hierarquia espiritual. (Ver pergunta 320 e seguintes)

CAPÍTULO X – Lei de liberdade

I – Liberdade natural

825. Haverá posições no mundo em que o ser humano possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta?

Não, porque todos necessitais uns dos outros, os pequenos como os grandes.

826. Qual a condição em que poderia gozar de liberdade absoluta?

A condição do eremita. Desde que haja duas pessoas juntas, há direitos a respeitar e, portanto, já não há liberdade absoluta.

827. A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao ser humano o direito de ser senhor de si mesmo?

De forma nenhuma, por ser um direito natural.

828. Como conciliar as atitudes permissivas de alguns, com o despotismo que exercem tantas vezes no seu lar e sobre os seus subordinados?

Esses possuem o conhecimento da lei natural. Ela, contudo, está contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Compreendem como devem ser as coisas, se os seus princípios não são uma comédia ensaiada de forma calculista, mas não é assim que atuam.

828-a. Os princípios que professaram nesta vida ser-lhes-ão levados em conta na outra?

Quanto mais inteligência houver para compreender um princípio, menos desculpas haverá se não o aplicar a si mesmo. Digo-vos em verdade que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que quer parecer o que não é.

II – Escravatura

829. Há homens naturalmente destinados a serem propriedade de terceiros ?

Toda a sujeição absoluta de um indivíduo a outro é contrária à lei de Deus. A escravatura é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como pouco a pouco desaparecerão todos os abusos.

– A lei humana que estabelece a escravatura é contranatura, porque torna o homem semelhante ao animal e degrada-o moral e fisicamente.

830. Quando a escravatura pertence à tradição de um povo, os que dela se aproveitam serão condenáveis, por apenas se limitarem ao uso de um costume que lhes parece natural?

O mal é sempre o mal. Todos os vossos argumentos não farão com que uma ação má se torne boa. A responsabilidade por esse mal, contudo, é relativa aos meios disponíveis para compreendê-lo.

Aquele que lucra com a lei da escravatura é sempre responsável por uma violação da lei natural, mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. A escravatura, tendo entrado nos costumes de certos povos, pode ter sido aproveitada de boa-fé, como se fosse coisa natural. Porém,

desde que a sua razão mais desenvolvida, e sobretudo esclarecida pelas luzes do cristianismo, lhes mostrou o escravo como um seu semelhante perante Deus, deixou de haver desculpas para tal aproveitamento.

831. A desigualdade natural das aptidões coloca certos grupos humanos sob a dependência de outros grupos mais inteligentes?

Sim, para elevá-los e não para os inferiorizar ainda mais pela servidão. Os homens consideraram, durante demasiado tempo, certos grupos humanos como animais de trabalho, munidos de braços e de mãos, e julgaram-se no direito de os traficar, como bestas de carga. Consideraram-se de sangue mais puro. Insensatos, que só veem a matéria!... Não é o sangue que é mais ou menos puro, mas o Espírito. (Ver perguntas 361 e 803)

832. Houve pessoas que tratavam os seus escravos com humanidade, não deixando que lhes faltasse nada e pensando que a liberdade os forçaria a mais privações. Que dizer disso?

Digo que esses compreendiam melhor os seus interesses. Também teriam muito cuidado com os seus bois e com os seus cavalos, a fim de tirarem mais proveito deles no mercado. Não eram tão culpados como os que os maltratavam, mas nem por isso deixavam de usá-los como mercadoria, privando-os do direito de serem senhores de si mesmos.

III – Liberdade de pensamento

833. Haverá alguma coisa no ser humano que escape a todo o constrangimento e pela qual tenha direito a fruir de absoluta liberdade?

É pelo pensamento que goza de uma liberdade sem limites, porque o pensamento não está sujeito a entraves. Pode impedir-se a sua aberta manifestação, mas não pode anular-se.

834. O ser humano é responsável pelo seu pensamento ?

É responsável por ele perante Deus. Só Deus pode conhecê-lo e condena-o ou absolve-o, segundo o que for justo.

IV – Liberdade de consciência

835. A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar?

A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao ser humano como todos os outros pensamentos.

836. O ser humano tem o direito de colocar entraves à liberdade de consciência?

Não mais do que à liberdade de pensar, porque somente a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o ser humano regula, pelas suas leis, as relações entre as pessoas, Deus, servindo-se das suas leis naturais, regula as relações do homem com Deus.

837. Qual é o resultado dos entraves colocados à liberdade de consciência?

Constranger os indivíduos a agir de maneira contrária ao seu modo de pensar é torná-los hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso.

838. Toda a crença é respeitável, mesmo quando notoriamente falsa?

Toda a crença é respeitável, se for sincera e se conduzir à prática do bem. As crenças reprováveis são as que conduzem ao mal.

839. É condenável ofender pela sua crença aquele que não pensa como nós?

É falta de caridade e atenta contra a liberdade de pensar.

840. Será atentar contra a liberdade de consciência colocar entraves às crenças que, pela sua índole, perturbam a sociedade?

Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível.

− Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando esses atos acarretam qualquer prejuízo aos outros, não é atentar contra a liberdade de consciência, porque essa repressão deixa à crença a sua inteira liberdade.

841. Devemos, por respeito à liberdade de consciência, deixar que se propaguem ideias nocivas, ou podemos, sem atentar contra essa liberdade, procurar conduzir para o caminho da verdade os que se desviaram por falsos princípios?

Certamente que se pode e é mesmo um dever. Mas ensinai, a exemplo de Jesus, pela doçura e pela persuasão e não pela força, o que seria pior do que a crença daquele a quem se quisesse convencer. Se há alguma coisa que seja permitido impor é o bem e a fraternidade, mas não acreditamos que o meio de fazê-los aceitar seja a violência: a convicção não se impõe.

842. Como todas as ideologias têm a pretensão de ser a única expressão da verdade, por que sinais podemos reconhecer a que tem o direito de se apresentar como tal?

Será a que faz mais homens de bem e menos hipócritas, quer dizer, que pratiquem a lei de amor e de caridade na sua maior pureza e na sua aplicação mais ampla. Por esse sinal reconhecereis que é boa, pois todo o sistema de ideias que tiver por consequência semear a desunião e estabelecer divisões entre os filhos de Deus só pode ser falso e perigoso.

V – Livre-arbítrio

843. O ser humano tem livre-arbítrio dos seus atos?

Visto que tem a liberdade de pensar, tem a liberdade de agir. Sem livre arbítrio seria uma máquina.

844. O ser humano goza de livre-arbítrio desde o nascimento?

Há liberdade de agir logo que há vontade de fazê-lo. Nos primeiros tempos de vida a liberdade é quase nula, desenvolve-se e muda de objetivo com o aperfeiçoamento das faculdades. A criança, porque tem pensamentos relacionados com as necessidades próprias da sua idade, aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.

845. As predisposições instintivas que a pessoa traz ao nascer são um obstáculo ao exercício do seu livre-arbítrio?

As predisposições instintivas são as do Espírito antes da sua encarnação. Conforme for o seu grau evolutivo, podem levá-la a atos repreensíveis, sendo instigada por Espíritos que simpatizam com essas

atitudes. Contudo, não há impulsos irresistíveis quando se tem a vontade de resistir: lembrai-vos de que querer é poder. (Ver pergunta 361)

846. O organismo físico influi nos atos da vida? Se influi, é com prejuízo do livre-arbítrio?

O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode dificultar as suas manifestações. É por isso que nos mundos em que os corpos são menos densos do que na Terra, as capacidades se desenvolvem com mais liberdade. Porém, o corpo não confere a capacidade de agir. De resto, é necessário distinguir, neste caso, as capacidades morais das intelectuais.

Se alguém tem o instinto do assassínio, é seguramente o seu próprio Espírito que o possui e que lho transmite, mas não o seu organismo físico. Aquele que anula o seu pensamento para se ocupar apenas com a materialidade, torna-se semelhante a um animal; e ainda pior, porque deixa de pensar em precaver-se contra o mal. É nisso que é culpado, porque procede assim pela sua própria vontade. (Ver pergunta n°367e seguintes, sobre "Influência do organismo").

847. A perda de faculdades priva o ser humano do seu livre-arbítrio?

Uma pessoa cuj a inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o domínio do seu pensamento e a partir daí não tem liberdade. Essa perturbação é, em muitos casos, uma punição para o Espírito que, numa existência anterior, pode ter sido fútil e orgulhoso e ter feito mau uso das suas faculdades. Pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento do qual tem perfeita consciência. É nisto que está a ação dos órgãos do corpo.

(Ver pergunta 371 e seguintes)

848. A perturbação das faculdades intelectuais pela embriaguez desculpa os atos condenáveis?

Não, porque quem se embriaga voluntariamente priva-se da razão para satisfazer tendências negativas. Em lugar de uma falta, comete duas.

849. No indivíduo em estado primitivo, qual é a faculdade dominante: o instinto ou o livre-arbítrio?

É o instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Como a criança, usa essa liberdade para satisfazer as suas necessidades, e ela desenvolve-se com a inteligência.

Consequentemente, ao seres mais esclarecido do que o primitivo, és mais responsável pelos teus atos do que ele pelos seus.

850. A posição social poderá ser, por vezes, um obstáculo à inteira liberdade de ação?

O mundo tem, sem dúvida, as suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta, mas responsabiliza-vos pelo pouco esforço que fazeis para superar esses obstáculos.

VI – Fatalidade

851. Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido ligado a essa palavra? Se todos os acontecimentos foram decididos antecipadamente, onde fica o livre-arbítrio?

A fatalidade só existe para a escolha que o Espírito fez, ao encarnar, de prestar tal ou tal prova. Escolhendo-a, traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a consequência da posição em que se encontra situado. Falo de provas físicas, porque quanto às provas morais e às tentações, o Espírito, que conserva o seu livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou resistir. Um bom

Espírito, se o vir fraquejar, pode vir em sua ajuda, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar a sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe e exagerando um perigo físico, pode abalá-lo e assustá-lo, mas a vontade do Espírito encarnado continua livre de todos os entraves.

852. Há pessoas a quem uma fatalidade parece perseguir, independentemente da sua maneira de agir. Estará a infelicidade no seu destino?

São talvez provas que devem prestar e que elas escolheram. Mais uma vez atribuíste ao destino o que apenas é, tantas vezes, consequência da vossa própria falta. Nos males que te afligem, faz com que a tua consciência esteja limpa e já te sentirás em parte consolado.

− As ideias, certas ou erradas, que formamos sobre as coisas, levam-nos a vencer ou a fracassar, segundo o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante, para o nosso amor próprio, atribuir os nossos fracassos à sorte ou ao destino do que aos nossos próprios erros. Se a influência dos Espíritos contribui algumas vezes para isso, podemos sempre fugir a essa influência, repelindo as ideias que nos sugerem, se forem más.

853. Certas pessoas parecem ter azar, escapando por pouco à morte em sucessivos acidentes. Parecia impossível salvarem-se. Será fatalidade?

No verdadeiro sentido da palavra, a única coisa fatal que existe é o instante da morte. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, não se lhe pode fugir.

853-a. Assim, seja qual for o perigo que nos ameace, não morreremos se a nossa hora não tiver chegado?

Nesse caso não morrerás, e há milhares de exemplos desse facto. Mas, quando chegar a tua hora de partir, nada pode livrar-te disso. Deus sabe, com antecedência, de que género de morte partirás daqui. Em muitos casos, o Espírito também o sabe, porque isso lhe foi revelado quando fez a escolha desta ou daquela existência.

854. Da infalibilidade da hora da morte conclui-se que as precauções que se tomam para evitá-la são inúteis?

Não, porque as precauções que tomais são-vos sugeridas com o fim de evitar a morte que vos ameaça. São um dos meios para que ela não tenha lugar.

855. Qual o objetivo da Providência ao fazer-nos correr perigos que não devem ter consequências?

Quando a vida corre perigo é um aviso que tu mesmo desejaste, a fim de te desviares do mal e de te tornares melhor. Quando escapas a esse perigo, ainda sob a influência do risco, pensas com maior ou menor intensidade, conforme a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos, em tornares-te melhor. Surgindo um mau Espírito (digo mau, subentendendo o mal que ainda nele existe), pensas que escaparás da mesma maneira a outros perigos e deixas que as tuas paixões se desencadeiem de novo.

Pelos perigos que correis, Deus recorda-vos a vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Examinando a causa e a natureza do perigo ver-se-á, em muitos casos, que as consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou da negligência no cumprimento de um dever. Deus aconselhou-vos dessa maneira a refletir intimamente, continuando a corrigir-vos. (Ver perguntas 526 a 532)

856. O Espírito sabe por antecipação qual o género de morte pela qual vai sucumbir?

Sabe que o género de vida que escolheu o expõe a morrer mais de certa maneira do que de outra. Mas sabe também quais as lutas que tem de travar para evitá-lo e que, se Deus permitir, não sucumbirá.

857. Há homens que enfrentam perigos em combate com uma certa convicção de que a sua hora não chegou. Há algum fundamento nessa confiança?

Em muitos casos têm o pressentimento do fim, como podem ter o de que ainda não vão morrer. Esse pressentimento vem dos seus Espíritos protetores, que querem avisá-los para estarem prontos a partir ou que reforçam a sua coragem quando mais necessitam. Esse pressentimento também pode derivar da intuição que têm da existência que escolheram, ou da missão que aceitaram e sabem que devem cumprir. (Ver perguntas 411 e 522)

858. Porque se diz que aqueles que pressentem a sua morte têm menos medo dela?

É o indivíduo que teme a morte e não o Espírito. Aquele que a pressente pensa mais como Espírito do que como indivíduo. Compreende a sua libertação e espera.

859. Se a morte não pode ser evitada quando deve ter lugar, será assim com todos os acidentes que nos acontecem durante a vida?

São em geral coisas demasiado insignificantes para que valha a pena prevenir-vos delas, dirigindo o vosso pensamento para evitá-las, porque não gostamos do sofrimento físico; mas isso é pouco importante na vida que escolhestes. A fatalidade, verdadeiramente, só diz respeito à hora em que deveis aparecer e desaparecer deste mundo.

859-a. Há factos que devem ocorrer forçosamente e que a vontade dos Espíritos não pode evitar?

Há sim, mas factos que tu, no estado de Espírito, viste e pressentiste quando fizeste a tua escolha. Não julgues, porém, que tudo o que te acontece esteja escrito, como se diz.

Um acontecimento é muitas vezes consequência de um ato que fizeste de livre vontade, de tal sorte que se não o tivesses feito, o acontecimento não se verificaria. Se queimas um dedo, que nada é, foi apenas por imprudência e devido a consequências materiais. Só as grandes dores, os acontecimentos importantes capazes de influir na moral, são previstos por Deus, porque são úteis ao teu aperfeiçoamento e à tua aprendizagem.

860. As pessoas, pela sua vontade e pelos seus atos, podem fazer com que acontecimentos que deveriam ter lugar, não aconteçam, e vice-versa?

Podem, desde que esse desvio aparente possa entrar na vida que escolheram. Além disso, para fazerem o bem, como deve ser e como é o único objetivo da vida, podem impedir o mal, sobretudo aquele que poderia contribuir para um mal maior.

861. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino?

Não. Sabe apenas que, ao escolher uma vida de luta, tem a probabilidade de matar um dos seus semelhantes. Porém, ignora se o fará, porque é normal haver deliberação da sua parte antes de cometer o crime. Aquele que decide uma ação é sempre livre de a fazer ou de não a fazer. Se o Espírito souber com antecedência que, como indivíduo, deverá cometer um assassínio, é porque estaria predestinado

para isso. Sabei então que não há ninguém predestinado para cometer crimes, e que todo o crime, como qualquer ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio. De resto, sempre confundis duas coisas bastante diferentes: os acontecimentos da vida material ou física e os atos da vida moral. Se há acontecimentos que têm de acontecer fatalmente, são os da vida material ou física, cuja causa não está em vós e que não dependem da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, derivam sempre do próprio indivíduo, que tem sempre a liberdade de escolha: para estes atos nunca existe fatalidade.

862. Há pessoas que nunca conseguem êxito na vida e que um mau génio parece perseguir em todas as suas iniciativas. Não é a isso que podemos chamar fatalidade?

Isso é realmente fatalidade, se lhe queres chamar assim, mas deriva do género de existência que foi escolhida, porque essas pessoas quiseram ser confrontadas com uma vida de deceções, a fim de por à prova a sua paciência e a sua resignação.

Não julgues, no entanto, que esta fatalidade seja absoluta. Muitas vezes é apenas o resultado de terem tomado um caminho errado, que não está de acordo com a sua inteligência e as suas aptidões. Aquele que quer atravessar um rio a nado, sem saber nadar, tem grande probabilidade de se afogar. É assim na maioria dos acontecimentos da vida. Se o homem só empreendesse projetos de acordo com as suas faculdades, triunfaria quase sempre. O que o perde é o seu amor-próprio e a sua ambição, que o desviam do caminho para tomar por vocação o desejo de satisfazer certas paixões. Então fracassa e a culpa é sua, mas em vez de reconhecer o erro prefere acusar a sua estrela. Há aquele que teria sido um bom operário, ganhando honradamente a vida, mas fez-se mau poeta e morreu de fome. Haveria lugar para todos, se cada um soubesse colocar-se no seu lugar.

863. Os hábitos sociais obrigam muitas vezes um indivíduo a seguir um certo caminho em vez de outro, sempre sujeito às opiniões alheias, na escolha das suas tarefas. O respeito por essas opiniões será um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

É a sociedade que forma os seus hábitos e não Deus. Se as pessoas os seguem é porque lhes convém e isso também é um ato de livre-arbítrio, que sempre poderão evitar, se quiserem. Então de que se queixam? Aliás, não são os costumes que devem acusar, mas o seu tolo amor-próprio que os leva a preferir morrer de fome a desrespeitá-los. Ninguém dá valor a esse sacrifício que muita gente faz perante as opiniões alheias. Deus, sim, dará valor aos que sacrificarem a sua vaidade. Isso não quer dizer que se deva afrontar a opinião social sem necessidade, como certas pessoas que buscam mais a originalidade do que a verdadeira filosofia. É tão insensato o exibicionismo pretensioso ou a curiosidade indiscreta, como é sensata a humildade sem queixumes dos que sabem qual é o seu devido lugar.

864. Se há pessoas para as quais a sorte é adversa, a outras parece favorável pois tudo lhes sai bem. A que se deve isso?

Em geral, porque sabem orientar-se melhor. Mas isso também pode ser um género de prova. O sucesso embriaga-os, confiam no seu destino e mais tarde pagam esse sucesso com duros reveses que poderiam ter evitado se fossem prudentes.

865. Como explicar a sorte que favorece certas pessoas em circunstâncias que não dependem da vontade nem da inteligência, como no jogo, por exemplo?

Certos Espíritos escolheram antecipadamente determinadas espécies de prazer e a sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem perde como Espírito, é uma prova para o seu orgulho e para a sua ganância.

866. A fatalidade, que parece presidir ao curso do nosso destino, será também resultado do livre-arbítrio?

Foste tu que escolheste as tuas provas. Quanto mais duras e quanto melhor as venceres, mais evoluirás.

Os que passam a vida na abundância e no bem estar material são Espíritos negligentes que nada avançam, permanecendo estacionários. Assim, o número dos desafortunados ultrapassa muito o daqueles que alcançam o sucesso mundano, visto que os Espíritos procuram, na sua maioria, as provas que serão mais vantajosas para eles.

Os Espíritos veem muito bem a futilidade das vossas grandezas e dos vossos prazeres. Aliás, a vida mais feliz é sempre agitada e cheia de desafios; a solidão sem dor pode ser o seu contrário. (Ver pergunta 525 e seguintes)

867. De onde deriva a expressão: nascido sob uma boa estrela?

É uma velha superstição segundo a qual as estrelas estariam ligadas ao destino dos homens, alegoria que certas pessoas fazem a tolice de levar à letra.

VII – Conhecimento do futuro

868. O futuro pode ser revelado às pessoas?

Em princípio, o futuro é-lhes oculto e só em casos raros e excecionais Deus permite que lhes seja revelado.

869. Com que objetivo é oculto o futuro?

Se as pessoas conhecessem o futuro, descuidavam o presente e não agiriam com a mesma liberdade. Ficariam convencidas de que, se uma coisa deve acontecer, não adianta pensarem nisso; ou, no caso contrário, procurariam impedi-la.

Deus não quis que assim fosse, para que cada um concorra para a concretização das coisas, mesmo daquelas a que gostaria de opor-se. Assim, tu mesmo preparas muitas vezes, sem saber, os acontecimentos que irão ocorrer ao longo da tua vida.

870. Visto que é útil que o futuro nos seja desconhecido, porque permite Deus, às vezes, a sua revelação?

É quando esse conhecimento antecipado deve facilitar certos acontecimentos em vez de os dificultar, induzindo uma pessoa a agir diferentemente do modo que agiria, se nada lhe tivesse sido revelado. Além disso, frequentemente, também é uma prova.

A perspetiva de um acontecimento pode despertar pensamentos que sejam mais ou menos positivos. Se alguém souber, por exemplo, que pode herdar uma fortuna inesperada, pode ser tomado pelo sentimento da cobiça, pela alegria de aumentar os seus benefícios materiais e pelo desejo de os obter mais cedo, desejando a morte daquele que lhos pode deixar. Pelo contrário, pode despertar nele bons sentimentos e intenções generosas.

Se a previsão não se realizar, a prova será outra: a da maneira como suportará a deceção. O que não impede que tenha o mérito ou o demérito dos bons ou dos maus pensamentos que a crença na previsão lhe provocou.

871. Visto que Deus tudo sabe, também sabe se alguém vai ou não falhar perante certa prova. Nesse caso, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada pode revelar a Deus que ele não saiba já a respeito dessa pessoa?

Isso é o mesmo que perguntar a razão pela qual Deus não fez o homem perfeito e realizado. (Verpergunta 119) Ou por que passa pela infância antes de chegar à idade adulta. (Ver pergunta 379)

A prova não tem por fim revelar a Deus o mérito do indivíduo, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas confiar a este toda a responsabilidade dos seus atos, visto que tem a liberdade de praticá-los ou não. Colocando-o perante a escolha entre o bem e o mal, a prova tem como resultado pô-lo perante a tentação, permitindo-lhe todo o mérito de resistir. Embora Deus saiba antecipadamente o que vai acontecer, não pode puni-lo nem recompensá- lo, na sua justiça, por um ato que ele não tenha praticado. (Ver pergunta 258)

− Com os homens, as coisas passam-se assim: por mais capaz que seja um principiante, por muita confiança que tenhamos de que vai ter êxito, não se lhe dá nenhum diploma sem exame, o que quer dizer, sem provas. Da mesma maneira, um juiz só condena um acusado depois do ato consumado e não pela previsão de que ele pode ou deve praticá-lo.

Quanto mais se reflete sobre as consequências que teria para o homem o conhecimento do futuro, mais se vê como a Providência foi sábia em ocultar-lho. A certeza de um acontecimento feliz lançá-lo-ia na inação, a de um acontecimento infeliz, no desanimo. Num caso como no outro, as suas forças ficariam paralisadas. É por isso que o futuro só é mostrado ao homem como objetivo que ele deve atingir pelos seus esforços, mas sem conhecer o caminho pelo qual deve alcançá-lo. O conhecimento de todos os incidentes do percurso tirar-lhe-ia a iniciativa e o uso do livre-arbítrio. Deixar-se-ia arrastar pelo declive fatal dos acontecimentos, sem usar das suas faculdades. Quando um sucesso é garantido, já ninguém se preocupa a seu respeito.

VIII – Resumo Teórico do motivo das ações humanas

872. − A questão do livre-arbítrio pode resumir-se assim: o ser humano não é fatalmente conduzido ao mal, os atos que pratica não "estavam escritos" antecipadamente, os crimes que comete não são o resultado de um decreto do destino.

Pode, como prova e como expiação, escolher uma existência em que se sentirá arrastado para o crime, seja pelo meio em que vive, seja pelas circunstâncias, mas sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre- arbítrio existe, no estado de Espírito, com a escolha da existência e das provas, e no estado da existência corporal, com a faculdade de ceder ou de resistir às solicitações a que voluntariamente somos submetidos.

Cabe à educação corrigir as más tendências, tarefa que executará utilmente quando tiver aprofundado o estudo da sua natureza moral. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, conseguiremos modificá-la, como modificamos a inteligência pela instrução e o temperamento pelos bons hábitos de vida.

O Espírito liberto da matéria escolhe as suas existências corpóreas futuras segundo o grau de perfeição que tenha atingido. É nisso, como já dissemos, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é de modo nenhum anulada pela encarnação. Se cede à influência da materialidade é porque sucumbe nas provas por ele mesmo escolhidas e é para ajudá-lo a superá-las que pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (Ver pergunta 337)

Sem o livre-arbítrio não teria culpa pelo mal, nem mérito pelo bem. Isso é de tal modo reconhecido que, no mundo, se atribui sempre a censura ou o elogio à intenção, isto é, à vontade, e quem diz vontade, diz liberdade.

Os indivíduos não poderiam procurar uma desculpa dos seus erros com base na sua constituição física, sem abdicarem da sua razão e da sua condição de seres humanos, equiparando-se assim aos animais.

Se assim é quanto ao mal, resulta no mesmo quanto ao bem. Entretanto, quando praticam o bem, têm todo o cuidado de chamar o mérito a si e evitam atribuí-lo à sua constituição física, prova de que instintivamente não renunciam, apesar da opinião de alguns teóricos, ao mais belo privilégio da sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, como é vulgarmente entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se assim fosse, o homem seria uma máquina destituída de vontade. Para que lhe serviria a inteligência, se fosse invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino? Semelhante opinião, se fosse verdadeira, representaria a destruição de toda a liberdade moral. Deixaria de haver responsabilidade e, por conseguinte, não haveria bem nem mal, nem crimes nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar as suas criaturas por faltas sem culpa, nem recompensá-las por virtudes sem mérito. Seria, além disso, a negação da lei do progresso, porque o homem que esperasse tudo da sorte, nada tentaria fazer para melhorar a sua condição, sendo ela invariável.

A fatalidade não é, contudo, uma palavra vã. Existe no tocante à posição que o ser humano ocupa na Terra e às funções que nela desempenha, como consequência da escolha que o seu Espírito fez de o colocar em regime de prova, expiação ou missão. É fatalmente sujeito a todas as dificuldades desta existência e a todas as tendências boas ou más que lhe são inerentes. A fatalidade termina aí, porque depende da sua vontade ceder ou não a essas tendências. O detalhe dos acontecimentos está subordinado às circunstâncias que ele mesmo provoca pelos seus atos e sobre os quais podem influenciar os Espíritos pelos pensamentos que lhe sugerem. (Ver pergunta 459)

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos resultantes da escolha da existência feita pelo seu Espírito. Pode não estar no resultado desses acontecimentos, porque o indivíduo pode modificá-los se usar de prudência. A fatalidade nunca está nos atos da vida moral.

É na morte que o ser humano está submetido de maneira absoluta à inexorável lei da fatalidade, porque não pode fugir ao decreto que fixa a data e ao género de acontecimento que finalizará a sua existência.

Segundo o pensamento comum, o homem encontraria em si mesmo todos os instintos. Estes seriam originários, ou do seu organismo físico, pelo qual não poderia ser responsável, ou da sua própria natureza, na qual pode procurar uma justificação para consigo mesmo, dizendo que não é culpa sua ter sido criado assim.

O espiritismo é evidentemente mais moral: admite o livre-arbítrio da pessoa em toda a sua plenitude, ao dizer-lhe que, se pratica o mal, é porque cede a uma sugestão má que lhe vem de fora. Contudo, deixa-lhe toda a responsabilidade dessa cedência, uma vez que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse de lutar contra a sua própria natureza.

Segundo o espiritismo, portanto, não existem tentações irresistíveis. A pessoa pode sempre não dar ouvidos à voz oculta que a solicita para o mal no seu foro íntimo, como pode fechá-los à voz viva de quem lhe fala. Pode fazer isso pela sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e pedindo para esse fim a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensina na sublime oração dominical, quando nos manda dizer: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Essa teoria da "causa exterior" dos nossos atos ressalta evidentemente de todos os ensinamentos dados pelos Espíritos. Não é apenas de moralidade sublime, mas podemos acrescentar que engrandece o ser humano perante si mesmo, mostrando-o livre para sacudir um jugo obsessor, como é livre para fechar a porta da sua casa aos importunos. Deixa de ser uma máquina que age por impulso estranho à sua vontade, mas um ser dotado de razão que ouve, julga e escolhe livremente os melhores conselhos. Apesar disso, acrescentemos que não está, de modo algum, privado de iniciativa; age por vontade própria por ser um Espírito encarnado, que conserva, num corpo material, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Os erros que cometemos têm, pois, a sua origem inicial nas imperfeições do nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral, mas que permaneceu, entretanto, inteiramente dotado do seu livre-arbítrio. A vida corpórea é-lhe dada para se libertar das imperfeições, mediante as provas a que vai sendo submetido. São precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que as aproveitam para fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu.

Se sai vitorioso dessa luta, eleva-se. Se fraqueja, continua a ser o que era, nem pior, nem melhor: é uma prova que terá de recomeçar e que poderá demorar muito tempo. Quanto mais se aperfeiçoa, mais se reduzem os seus pontos fracos e menos ocasiões dá aos que o solicitam para o mal. A sua força moral cresce à medida da sua evolução e os maus Espíritos afastam-se.

Todos os Espíritos mais ou menos bons, enquanto permanecem encarnados, constituem a espécie humana. Como a Terra é um dos mundos menos evoluidos, nela se encontram mais Espíritos imperfeitos do que bons. É por isso que nela vemos tanta perversidade.

Façamos, pois, todos os esforços para não regressarmos a este mundo após esta passagem e para merecermos repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina por inteiro e onde só nos lembraremos da nossa permanência neste planeta como de um tempo de exílio.

CAPÍTULO XI – Lei de justiça, de amor e de caridade

[66 - Lei de justiça, de amor e de caridade]

I – Justiça e direitos naturais

873. O sentimento de justiça é natural ou resulta de ideias adquiridas?

É de tal modo natural que vos revoltais só de pensar numa injustiça. O progresso moral desenvolve sem dúvida esse sentimento, mas não o faz nascer. Deus colocou-o no coração do ser humano. Eis porque encontrais muitas vezes, entre a gente simples, noções mais exatas de justiça do que entre pessoas de muito saber.

874. Se a justiça é uma lei natural, como se explica que os seres humanos a entendam de maneiras tão diferentes, que um considere justo o que a outro parece injusto?

É porque se envolvem em paixões que alteram esse sentimento, como acontece com a maioria dos outros sentimentos naturais, e fazem ver as coisas sob falsos pontos de vista.

875. Como se pode definir a justiça?

A justiça consiste no respeito pelos direitos de todos.

875-a. O que determina esses direitos?

São determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Os seres humanos, porque fizeram leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, estabeleceram direitos que foram mudando com o progresso do conhecimento. As vossas leis de hoje, sem serem perfeitas, não consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Esses direitos retrógrados, que vos parecem monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. O direito estabelecido, portanto, nem sempre é conforme com a justiça. Aliás, só regula algumas relações sociais, enquanto na vida privada há uma infinidade de atos que são da competência exclusiva do tribunal da consciência.

876. Para além do direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundada sobre a lei natural?

Jesus disse: Querer para os outros o que quereis para vós mesmos. Deus pôs no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo de todos em ver os seus direitos respeitados. Na incerteza do que deve fazer para com o semelhante numa dada circunstância, pergunte cada um a si mesmo como desejaria que agissem consigo na mesma situação. Deus não lhe poderia dar um guia mais seguro do que a sua própria consciência.

- O critério da verdadeira justiça é de querer para os outros aquilo que se quer para si mesmo, e não de querer para si o que se quereria para os outros, o que não é exatamente a mesma coisa. Como não é natural que queiramos o mal para nós mesmos, tomando o nosso desejo pessoal como modelo de conduta, temos a certeza de desejar sempre o bem ao nosso próximo.

Desde sempre, em todas as crenças, o homem procurou fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal como base do direito do próximo.

877. A necessidade de o homem viver em sociedade acarreta-lhe obrigações especiais?

Sim, a primeira de todas é a de respeitar os direitos dos seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. No vosso mundo, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um faz represálias. É daí que vêm os problemas e a confusão da sociedade humana. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos.

878. Para evitar ilusões quanto à extensão dos seus direitos, o que pode dar-lhe a conhecer os seus limites?

É o limite dos direitos do seu semelhante em relação a ele mesmo, na mesma circunstância e reciprocamente.

878-a. Mas se cada um toma para si mesmo os direitos do semelhante, em que se transforma a subordinação aos superiores? Não fará isso a anarquia de todos os poderes?

Os direitos naturais são os mesmos para todos, desde os mais simples aos mais poderosos. Deus fê-los todos da mesma massa e todos são iguais perante ele. Esses direitos são eternos, enquanto os que foram estabelecidos pelos homens extinguem-se com as suas instituições. De resto, cada qual sente bem a sua força ou a sua fraqueza, e saberá ter sempre uma certa deferência para com os que forem merecedores, pela sua virtude e sabedoria. É importante assinalar isto para que os que se julgam superiores conheçam os seus deveres, para merecerem essas deferências. A subordinação não estará comprometida quando a autoridade for exercida com sabedoria.

879. Qual será o caráter daquele que pratica a justiça em toda a sua pureza?

O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porque pratica também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.

II – Direito de propriedade. Roubo

880. Qual é o primeiro de todos os direitos naturais da criatura humana?

É o direito de viver. É por isso que ninguém tem o direito de atentar contra a vida do seu semelhante ou de fazer algo que possa comprometer a sua existência corpórea.

881. O direito de viver permite o direito de economizar o necessário para viver e repousar quando já não se puder trabalhar?

Sim, mas deve fazer-se isso em família, como a abelha, pelo trabalho honesto, sem acumular de forma egoísta. Até alguns animais dão o exemplo dessa previdência.

882. As pessoas têm o direito de defender aquilo que amealharam pelo trabalho?

Deus disse: Não roubarás. Jesus disse: Dai a César o que é de César.

- Aquilo que a pessoa poupa com trabalho honesto é propriedade legítima que tem o direito de defender. A propriedade que é fruto do trabalho é um direito natural, tão sagrado como o de trabalhar e de viver.

883. O desejo de possuir é natural?

Sim, é natural. Mas quando se deseja só para si e só para a satisfação pessoal, é egoísmo.

883-a. Entretanto, será legítimo o desejo de possuir, para as pessoas que se bastam a si mesmas e não dependem de ninguém?

Há homens insaciáveis, que acumulam sem proveito para ninguém, apenas para satisfazer as suas paixões. Julgas que isso será bem visto por Deus ? Aquele que poupa pelo trabalho, com a intenção de auxiliar o semelhante, pratica a lei de amor e de caridade e o seu trabalho é abençoado por Deus.

884. Qual é o caráter da propriedade legítima?

Só há propriedade legítima se tiver sido adquirida sem prejuízo para outras pessoas. (Ver pergunta 808)

− A lei de amor e de justiça, que proíbe que se faça a outrem o que não queremos que nos seja feito, condena também qualquer outro meio de adquirir bens que contrarie essa lei.

885. O direito de propriedade não tem limites?

Sem dúvida que tudo o que é adquirido legitimamente é propriedade. Porém, como já dissemos, a legislação humana é imperfeita e consagra direitos convencionais que a justiça natural reprova. É por isso que as leis vão sendo revistas à medida que o progresso se afirma e se compreende melhor a justiça. O que parece perfeito num século parece bárbaro no século seguinte. (Ver pergunta 795)

III − Caridade e amor ao próximo

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como a entendia Jesus?

Benevolência para todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

− O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que está ao nosso alcance e que desejaríamos que nos fosse feito a nós. Esse é o sentido das palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros, como irmãos.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações que temos com os nossos semelhantes, sejam nossos inferiores, iguais ou superiores. Manda-nos ser indulgentes, porque nós próprios temos necessidade de indulgência, proíbe-nos de humilhar o infortúnio, ao contrário do que é feito com frequência. Se um rico nos procura, atendemo-lo com exagero de consideração e atenção, se é um pobre, parece que não é necessário incomodarmo-nos. Quanto mais lastimável for a sua situação, mais devemos evitar aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus disse também: Amai mesmo os vossos inimigos. Ora, o amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais? A inimizade não provém da falta de simpatia entre os Espíritos?

É claro que não se pode ter pelos inimigos um amor terno e apaixonado. Não foi isso que Jesus quis dizer. Amar os inimigos é perdoar-lhes e pagar-lhes o mal com o bem. Fazendo assim tornamo-nos superiores a eles, pela vingança tornamo-nos inferiores.

888. Que pensar da esmola?

O homem constrangido a pedir esmola degrada-se moral e fisicamente, embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, as pessoas destituídas de meios devem ser ajudadas, sem ser humilhadas. A sociedade deve assegurar a existência dos que nao podem trabalhar, sem os abandonar à mercê do acaso e da boa vontade.

888-a. Condenais a esmola?

"Não, não é a esmola que é censurável, mas quase sempre a maneira como é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do infeliz sem esperar que ele lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente, está tanto no conteúdo do ato, como na atitude de quem a pratica. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor. Se for com altivez, a necessidade obriga a aceitá-lo, mas o coração mal será tocado.

Lembrai-vos ainda de que a ostentação apaga, aos olhos de Deus, o mérito do gesto beneficente. Jesus disse: Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a mão direita. Com isso vos ensina a não manchar a caridade pelo orgulho.

É necessário distinguir a esmola propriamente dita, da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede. O temor da humilhação retém o verdadeiro pobre, que quase sempre sofre sem se queixar. É esse que a pessoa verdadeiramente humana sabe ir procurar sem ostentação.

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, a lei divina por meio da qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres organicamente vivos, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica. Não esqueçais que o Espírito, qualquer que seja o seu grau de evolução, esteja encarnado ou desencarnado, encontra-se sempre situado entre uma entidade que lhe é hierarquicamente superior, que o guia e aperfeiçoa, e outra inferior perante a qual tem iguais deveres a cumprir. Sede, portanto, caridosos, praticando não apenas a caridade que vos leva a tirar do bolso o donativo que friamente se entrega ao que ousa pedir, mas ide ao encontro da pobreza envergonhada.

Sede indulgentes para com os erros dos vossos semelhantes. Em lugar de desprezar os ignorantes e os viciados, tentai educá-los e moralizá-los. Sede afáveis e benevolentes para todos os que vos são inferiores. Sede assim igualmente para com os seres mais ínfimos da criação e tereis obedecido à lei de Deus." / São Vicente de Paulo.

889. Haverá pessoas reduzidas à mendicidade por sua própria culpa?

Sem dúvida. Mas se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos que causaram a sua perda. É disso, sobretudo, que depende a elevação progressiva do nível espiritual do vosso planeta. (Ver pergunta 707)

IV – Amor maternal e filial

890. O amor maternal é uma virtude ou um sentimento instintivo comum ao género humano e aos animais?

É uma coisa e outra. A natureza dotou a mãe com o amor pelos filhos para garantir a sua sobrevivência. Nos animais, esse amor é limitado às necessidades naturais e cessa quando os cuidados se tornam dispensáveis. No ser humano, o amor persiste por toda a vida; comporta uma dedicação e uma abnegação que são virtude; sobrevive à própria morte e segue o filho para além-túmulo.

É fácil ver-se que há nesse amor algo diferente do que há entre os animais. (Ver pergunta 205 e 385)

891. Visto que o amor materno é uma lei natural, porque existem mães que odeiam os filhos, por vezes desde o nascimento?

Quando isso acontece é uma prova escolhida pelo Espírito da criança, ou uma expiação se ele tiver sido mau pai, má mãe, ou mau filho numa outra existência. (Ver pergunta 392)

Em tais casos, a má mãe só pode ser animada por um mau Espírito que procura criar dificuldades ao do filho, para que ele seja derrotado na prova que escolheu. Mas essa violação das leis naturais não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que tiver vencido.

892. Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, têm desculpa por não terem por eles a ternura que teriam tido no caso contrário ?

Não, porque se trata de uma tarefa que lhes foi confiada e a sua missão é a de fazer todos os esforços para conduzi-los ao bem. (Verperguntas 582 e 583) Esses desgostos são muitas vezes a consequência do mau comportamento que os pais deixaram os filhos seguir desde o berço. Colhem, portanto, o que semearam.

CAPÍTULO XII – Perfeição moral

I – As virtudes e os vícios

893. Qual a mais meritória de todas as virtudes?

Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária à solicitação das más inclinações, mas a virtude mais sublime consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem reservas. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada.

894. Há pessoas que fazem o bem por impulso espontâneo, sem que tenham de lutar com nenhum sentimento contrário. Têm o mesmo mérito daquelas que têm de lutar contra a sua própria natureza e conseguem superá-la?

Os que não têm de lutar é porque já realizaram o progresso. Lutaram anteriormente e venceram. É por isso que os bons sentimentos não são para eles um esforço e as suas ações lhes parecem tão fáceis. O bem tornou-se para eles um hábito. Devem ser honrados como velhos guerreiros condecorados.

Como estais ainda longe da perfeição, esses exemplos espantam-vos pelo contraste e causam-vos grande admiração, porque são mais raros. Sabei, contudo, que nos mundos mais avançados do que o vosso, o que entre vós é exceção torna-se regra. O sentimento do bem é espontâneo por toda a parte, porque são mundos habitados apenas por bons Espíritos e uma única má intenção seria uma exceção monstruosa. É por isso que lá os indivíduos são felizes. Será assim também na Terra, quando a Humanidade se tiver transformado e quando compreender e praticar a caridade no seu verdadeiro sentido.

895. À parte os defeitos e os vícios, sobre os quais ninguém se enganará, qual é o sinal mais característico da imperfeição ?

É o interesse pessoal. As qualidades morais são a prova, de efeito comparável ao da pedra de toque, que não deixa lugar a dúvidas. Um homem pode possuir qualidades reais que fazem dele, para toda a gente, um homem de bem. Contudo, essas qualidades, embora representem um progresso, não resistem a certas provas, e basta ferir o interesse pessoal para se descobrir o que se passa lá no fundo. O verdadeiro desinteresse é tão raro na Terra que pode ser entendido como um autêntico fenómeno, quando se manifesta.

O apego às coisas materiais é um indício notório de inferioridade, pois quanto mais alguém se apega aos bens deste mundo, menos compreende o seu destino. De contrário, pelo desinteresse, prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.

896. Há pessoas desinteressadas, sem critério, que prodigalizam os seus haveres sem proveito real, por não saberem empregá-los de maneira razoável. Terão algum mérito?

Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre, pelo menos, uma falta de bom senso. A fortuna não é dada para ser lançada ao vento, como não o é para ser encerrada num cofre. É um depósito de que terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que poderiam ter feito e não fizeram, por todas as lágrimas que poderiam ter enxugado com o dinheiro que deram aos que dele não necessitavam.

897. Aquele que faz o bem, sem esperar uma recompensa na Terra, para lhe ser levado em conta na outra vida, melhorando aí a sua posição, é censurável? Esse juízo prejudica a sua evolução?

É necessário fazer o bem por caridade, isto é, com desinteresse.

897-a. Cada um tem o desejo natural de progredir para se libertar das dificuldades penosas desta vida. Os próprios Espíritos ensinam a praticar o bem com esse fim. Será errado pensar que, pela prática do bem, se pode esperar uma situação melhor depois desta vida?

Não, por certo. Mas aquele que faz o bem sem segunda intenção, pelo prazer único de ser agradável a Deus e ao seu próximo, já se encontra num certo grau de evolução. Este avanço permitir-lhe-á chegar bastante mais cedo à felicidade do que um irmão mais realista, que faz o bem calculadamente e não pelo impulso natural do coração. (Ver pergunta 894)

897-b. Não haverá que distinguir entre fazer o bem ao próximo e corrigir os nossos próprios defeitos? Julgamos que é pouco meritório fazer o bem com a ideia de que nos seja levado em conta na outra vida. Porém, emendarmo-nos, vencer as paixões e corrigir o caráter para nos aproximarmos dos bons Espíritos e progredir, será igualmente um sinal de inferioridade?

Não, não. Por fazer o bem, queremos dizer ser caridosos. Aquele que calcula o que cada boa ação pode render-lhe na vida futura, tal como na vida terrena, procede de maneira egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em melhorar com a intenção de se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo que todos devem ter em vista.

898. Visto que a vida corporal é apenas uma efémera passagem por este mundo, e que o nosso futuro deve ser a nossa principal preocupação, será útil o esforço para adquirir conhecimentos científicos que se referem somente às coisas e necessidades materiais?

Sem dúvida. Primeiro, porque isso vos possibilita ajudar os vossos semelhantes. Depois, o Espírito eleva-se mais rapidamente se já progrediu na inteligência. No intervalo das encarnações aprendereis numa hora aquilo que na Terra levaria anos. Nenhum conhecimento é inútil, todos contribuem mais ou menos para a evolução, porque o Espírito perfeito deve saber tudo e o progresso deve realizar-se em todos os sentidos. Todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e nunca conheceu privações; o outro deve a fortuna ao seu trabalho. Ambos empregam a riqueza exclusivamente na satisfação pessoal. Qual deles é o mais responsável?

O que conheceu o sofrimento. Sabe o que é sofrer e conhece a dor que não ajuda a aliviar. Demasiadas vezes, porém, já nem se lembra disso.

900. Aquele que acumula sem cessar, sem fazer o bem a ninguém, terá uma desculpa válida ao dizer que amealha para deixar mais aos seus herdeiros?

É um compromisso com a má consciência.

901. De dois avarentos, o primeiro priva-se do necessário e morre carente sobre o seu tesouro. O segundo só é avaro para os demais e pródigo para consigo mesmo; enquanto recua perante o mais pequeno sacrifício para prestar serviço ou fazer coisa útil, nada lhe parece demais para satisfazer os seus gostos e as suas paixões; se lhe pedem um favor, está sempre de má vontade, enquanto perante qualquer fantasia, está sempre pronto a satisfazer-se. Qual deles é o mais responsável e qual terá o pior lugar no mundo dos Espíritos?

Aquele que é pródigo para consigo mesmo, porque é mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu parte do seu castigo.

902. É condenável cobiçar a riqueza, quando é pelo desejo de praticar o bem?

O sentimento é louvável, quando for puro. Mas este desejo será sempre suficientemente desinteressado e isento de reservas de interesse pessoal? A primeira pessoa a quem se deseja contemplar, não será a si mesmo?

903. Há culpa em estudar os defeitos alheios?

Se é com a intenção de os criticar e divulgar será grande responsabilidade de quem o fizer, porque será falta de caridade. Se for para tirar benefício pessoal e procurar evitar tais defeitos, talvez possa ser útil. Mas é preciso não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outras pessoas é uma das virtudes componentes da caridade. Antes de fazer censuras a alguém pelas suas imperfeições, é preciso ver se o mesmo não pode ser dito a vosso respeito. Deveis procurar ter as qualidades opostas dos defeitos que criticais: esse será o modo de afirmar superioridade. Criticando a avareza, tereis que ser generosos. Criticando o orgulho, é preciso ser humilde e modesto. Criticando a dureza, deveis ser delicados e a crítica à mesquinhez obriga a atos de grandeza em tudo. Numa palavra, deveis agir de maneira que ninguém possa dizer-vos as palavras de Jesus: Ver um argueiro no olho do vizinho e não ver uma trave no seu próprio.

904. É-se culpado por investigar as chagas da sociedade, para revelá-las?

Isso depende do sentimento que leva a fazê-lo. Se o autor apenas deseja provocar o escândalo, é um prazer pessoal que procura, apresentando situações que, na maioria dos casos, serão antes mau exemplo do que bom. O Espírito aprecia, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que experimenta em revelar o mal.

904-a. Como julgar, nesse caso, a pureza das intenções e a sinceridade do autor?

Isso nem sempre é útil. Se escreve coisas boas, tirai proveito delas; se faz mal, é uma questão de consciência que lhe diz respeito. De resto, se quer provar a sua sinceridade, cabe-lhe reforçar as suas posições com o seu próprio exemplo.

905. Alguns autores publicaram obras muito belas e moralmente elevadas, que ajudam o progresso da Humanidade, mas das quais eles próprios não tiraram proveito. Ser-lhe-á levado em conta, como Espíritos, o bem que fizeram através dessas obras?

A moral sem ações é como a semente sem o trabalho. De que serve a semente se não a fazeis dar frutos que vos alimentem? Esses homens são mais responsáveis porque tinham inteligência para compreender. Não praticando os princípios que davam aos outros, renunciaram a colher os seus frutos.

906. É de criticar aquele que, fazendo conscientemente o bem, reconhece para si mesmo que o fez?

Uma vez que pode ter consciência do mal que faz, deve tê-la igualmente do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança da lei de Deus, e sobretudo na da lei da justiça, do amor e da caridade, que poderá avaliar se as suas ações são boas ou más e aprová-las ou desaprová-las. Não pode, pois, ser criticável por reconhecer que triunfou sobre as más tendências, e estar satisfeito por isso, desde que não se envaideça, porque então cairia noutro erro. (Ver resposta 919)

II – Das paixões

907. Visto que o princípio das paixões é natural, é mau em si mesmo?

Não, a paixão está no excesso associado à vontade. O princípio foi dado ao homem para o bem, e elas podem levá-lo a grandes coisas. É o abuso que se faz delas que causa o mal.

908. Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

As paixões são como um cavalo, que é útil quando obediente, e que é perigoso quando passa a dominar. Notai que uma paixão se torna prejudicial a partir do momento em que deixais de poder dominá-la, o que tem por resultado prejuízos de vária ordem, para vós ou para terceiros.

− As paixões são alavancas que multiplicam as forças e ajudam a cumprir os desígnios da Providência. Se em vez de as dirigir, a pessoa se deixa dirigir por elas, cai no excesso e a própria força que poderia fazer o bem, recai sobre ela e esmaga-a.

Todas as paixões têm o seu princípio num sentimento ou numa necessidade da natureza. O princípio das paixões não é um mal, visto que tem origem numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento, está no excesso e não na causa. Esse excesso torna-se nocivo quando tem más consequências.

Todas as paixões que aproximam o homem da natureza animal afastam-no da natureza espiritual; todos os sentimentos que elevam o homem acima da natureza animal anunciam o predomínio do Espírito sobre a matéria e aproximam-no da perfeição.

909. Seria possível ao ser humano vencer sempre as más tendências pelos seus próprios esforços?

Sim, e às vezes com pouco esforço. É a vontade que lhe falta. Poucos são aqueles que verdadeiramente se esforçam!

910. O ser humano pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar as paixões?

Se orar a Deus e ao seu anjo guardião com sinceridade, os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, porque essa é a sua missão. (Ver pergunta 459)

911. Existem paixões de tal maneira intensas e irresistíveis que a vontade seja impotente para dominá-las?

Há muitas pessoas que dizem: "eu quero", mas essa intenção não passa dos seus lábios. Querem, mas estão bem à vontade se isso não acontecer. Quando alguém julga não poder superar as paixões é quando o Espírito nelas se compraz, por causa da sua própria inferioridade. Aquele que procura reprimi-las, compreende a sua natureza espiritual: vencê-las é para si um triunfo do Espírito sobre a matéria.

912. Qual o meio mais eficaz para se combater a predominância da natureza corpórea?

Fazer renúncia espontânea ou abnegação de si mesmo.

III – Do egoísmo

913. Entre os vícios, qual é o que podemos considerar a raiz de todos os outros?

Já o dissemos muitas vezes: o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis não os conseguireis extinguir sem os atacar pela raiz e sem ter destruído o egoísmo, que é a sua causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque aí está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser aproximar- se, já nesta vida, da perfeição moral, deve expulsar do seu coração qualquer sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. O egoísmo neutraliza todas as outras qualidades.

914. Baseando-se o egoísmo no interesse pessoal, parece difícil afastá-lo inteiramente do coração do homem. Conseguiremos fazê-lo?

À medida que os seres humanos se esclarecerem sobre as coisas espirituais, darão menos valor às coisas materiais e terão que reformar as organizações humanas que sustentam e estimulam o egoísmo. Isso depende da educação.

915. Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, não será sempre um obstáculo ao domínio do bem absoluto sobre a Terra?

É certo que o egoísmo é o vosso mal maior, mas tem a ver com a inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não com a Humanidade em si mesma. Os Espíritos, ao progredirem pelas encarnações sucessivas, perdem o egoísmo assim como perdem as suas outras imperfeições. Quantas pessoas haverá na Terra destituídas de egoísmo e praticantes da caridade? Existem em maior número do que julgais, mas são pouco conhecidas porque a virtude não procura alcançar a fama. Se há uma, porque não haverá dez? Se há dez, porque não haverá mil, e assim por diante?

916. O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização que parece dar-lhe forças e apoiá-lo. Como poderá evitar-se esse efeito?

Quanto maior é o mal, mais horrível se torna. Era necessário que o egoísmo produzisse muito mal para fazer compreender a necessidade de eliminá-lo. Quando os seres humanos se tiverem libertado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não se tratando mal e ajudando-se mutuamente pelo sentimento fraterno da solidariedade. Então, o forte será apoio e não opressor do fraco e deixará de haver pessoas desprovidas do necessário, porque todas praticarão a lei da justiça. Esse é o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar. (Ver pergunta 784)

917. Qual é a forma de acabar com o egoísmo?

"O egoísmo é a imperfeição humana mais difícil de desenraizar, porque o ser humano, muito próximo da sua origem, está sob a influência da matéria, da qual não pôde ainda libertar-se. As suas leis, a sua organização social e a sua educação, tudo concorre para isso. O egoísmo enfraquecerá com a superioridade da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o espiritismo vos dá quanto à realidade do vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas.

O espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais. O egoísmo baseia-se na importância da personalidade. O espiritismo bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade como ela realmente é, combate necessariamente o egoísmo. É o choque que as pessoas sentem perante o egoísmo alheio que as torna também egoístas, porque sentem necessidade de se defenderem. Vendo que os outros pensam só neles, sentem-se reciprocamente levadas a pensar mais em si do que nos outros.

Se os princípios da caridade e da fraternidade passarem a ser a base das organizações sociais, das relações institucionais de povo a povo e de homem a homem, estes pensarão menos em si mesmos, quando virem que os outros também assim fizeram. Beneficiarão da influência moralizadora do exemplo e do contacto.

Em presença do alastramento do egoísmo, é necessária uma verdadeira virtude para renunciar espontaneamente aos interesses da própria personalidade, em proveito dos outros, que em geral nada agradecem. É para os que possuem essa virtude generosa que está aberto o reino dos céus. É sobretudo para esses que está reservada a felicidade dos eleitos, pois vos digo em verdade que, na hora da justiça, será posto de lado e sofrerá ao abandono quem tenha pensado só em si." (Ver pergunta 785) /Fénelon

- São feitos esforços louváveis para ajudar a Humanidade a avançar. Encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos mais do que em qualquer outra época e, não obstante, o verme devorador do egoísmo continua a ser praga social. É um verdadeiro mal que se espalha por todo o mundo e do qual cada um émais ou menos vítima. É necessário combatê-lo, portanto, como se combate uma epidemia. Para isso, deve proceder-se à maneira dos médicos: diagnosticar a causa da enfermidade.

Que se investigue em todos os setores da organização social, desde a família até aos povos, desde a casa mais humilde à mais luxuosa, todas as causas e influências evidentes ou ocultas que estimulam o sentimento do egoísmo. Uma vez conhecidas as causas, o remédio apresentar-se-á por si mesmo; basta combatê-las, se não todas ao mesmo tempo, pelo menos em parte e, pouco a pouco, o veneno será eliminado. A cura poderá ser prolongada porque as causas são numerosas, mas não é impossível. Não se chegará a esse ponto, contudo, se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, pela educação. Nao a que procura instruir, mas a que tenta formar homens de bem.

[67 - A educação moral, preocupação fundamental em Kardec]

A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manobrar o carácter, como se conhece a forma de estimular o intelecto, poder-se-á reforçar o progresso moral, tal como se estimula o crescimento das plantas novas. Essa arte, porém, requer muito tato, muita experiência e profunda observação. É um grave erro acreditar que basta dominar o conhecimento para aplicá-lo de maneira proveitosa.

Quem quer que observe os Alhos dos ricos, assim como os Alhos dos pobres, desde o instante do seu nascimento, notando todas as influências negativas que agem sobre eles, motivadas pela fraqueza,

pela incúria e pela ignorância dos seus educadores, notando quanto e como falham os processos de lhes incutir princípios de moralidade, de nada pode admirar-se de encontrar tantos erros no mundo.

Se for feito pela moral tanto como se tem feito pela inteligência, ver-se-á que, se há pessoas com caráter negativo, há também - e em maior número do que se pensa - as que apenas necessitariam de bom desenvolvimento cultural para darem bons frutos. (Ver pergunta 872)

O ser humano quer ser feliz e esse sentimento está na lei natural. Époр isso que trabalha sem cessar, para melhorar a sua situação na Terra e époр isso que procura as causas dos seus males, para remediá-los. Quando compreender que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que produz o orgulho, a ambição, a cobiça, a inveja, o ódio, o ciúme que o oprime a todo o instante; quando compreender que é o egoísmo que perturba todas as relações sociais, provoca conflitos, destrói a confiança, obrigando-o a estar sempre na defensiva frente aos seus semelhantes e enfim, que de cada amigo faz um inimigo, nesse momento compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, acrescentamos, com a sua própria segurança.

Quanto mais o ser humano tiver sofrido com os efeitos do egoísmo, mais sentirá a necessidade de o combater, como quem combate a peste, os animais daninhos e todos os outros flagelos: é um combate a travar no seu próprio interesse. (Ver pergunta 784)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra deve ser alvo de todos os esforços do ser humano, se desejar assegurar a sua felicidade tanto neste mundo, como no futuro.

IV − Características do homem de bem

918. Por que sinais podemos reconhecer no ser humano o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espiritual?

O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida terrena constituem a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

− O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, do amor e da caridade na sua maior pureza. Se interroga a sua consciência sobre os atos que pratica, pergunta a si mesmo se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve queixas dele, enfim, se fez aos outros tudo o que gostaria que lhe fizessem a si.

Tomado pelo sentimento da caridade e do amor ao próximo, faz o bem pelo bem sem esperar recompensa e sacrifica o seu interesse pela justiça. É bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os seus semelhantes, sem exceção de grupos sociais ou de crenças.

Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, vê isso como UM DEPÓSITO que deve usar para o bem, e não se envaidece porque sabe que se Deus deu, também pode tirar. Se a ordem social colocou pessoas sob a sua dependência, trata-as com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus. Usa a sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e recorda-se das palavras de Jesus: 'Aquele dentre vós que estiver sem pecado atire a primeira pedra".

Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para só se lembrar dos benefícios, porque sabe que lhe será perdoado assim como ele mesmo tiver perdoado. Respeita, enfim, todos os direitos naturais dos seus semelhantes, como deseja que respeitem os seus.

V – Conhecimento de si mesmo

919. Qual a prática mais eficaz para evoluir espiritualmente nesta vida e evitar as solicitações do mal?

Já um sábio da Antiguidade vos disse: Conhece-te a ti mesmo.

919-a. Compreendemos toda a sabedoria desse princípio, mas a dificuldade está em concretizá-lo. Como conseguir atingi-lo?

"*Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra. No fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que tinha feito e perguntava-me se tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se alguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que aprendi a conhecer-me e ver o que necessitava de melhorar em mim. Aquele que ao fim do dia fizer a revisão de todos os seus atos, analisando o que fez bem e o que fez mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclareçam, adquirirá uma grande força para se aperfeiçoar porque, acreditem em mim, Deus o ajudará.*

Apresentai dúvidas e perguntai sobre os vossos atos e motivos de agir em cada circunstância, se fizestes alguma coisa que poderíeis achar censurável noutra pessoa, ou se fizestes alguma coisa que não tendes sequer coragem de confessar. Perguntai ainda: se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? Examinai se alguma coisa fizestes durante o dia contra Deus, contra o próximo e por fim contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para a vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser remediado ?

O conhecimento de vós mesmos é, portanto, o melhor método do progresso individual. Mas, perguntareis, como julgar-me a mim mesmo? Há sempre a ilusão do amor-próprio que atenua as faltas e que as torna desculpáveis. O avaro julga que está só a ser poupado e previdente, enquanto o orgulhoso julga apenas ser uma pessoa com dignidade. Tudo isso é muito certo, mas há uma prova que não engana. Quando duvidais do valor de uma das vossas ações, tentai julgá-la como se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a julgais censurável praticada por outro, não poderia ser legítima se praticada por vós, porque Deus não tem duas medidas para a justiça. Procurai também saber o que pensam os outros, não pondo de lado a opinião dos vossos inimigos, porque esses não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade. Geralmente, Deus colocou-os ao vosso lado como um espelho, para vos chamar a atenção - com mais franqueza do que o faria um amigo.

Aquele que tem vontade séria de se corrigir, explore, portanto, a sua consciência, a fim de afastar as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço moral da sua tarefa diária como o comerciante que contabiliza as suas perdas e os seus lucros, e garanto-vos que uma das somas será mais avultada do que a outra. Se puder dizer que o dia correu bem, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Fazei, portanto, perguntas claras e precisas sem medo de multiplicá-las: vale bem a pena gastar alguns minutos para conquistar a felicidade eterna.

Não trabalhais todos os dias para economizar meios com que repousar na velhice? Esse repouso não é a finalidade de todos os vossos desejos, a razão que vos permite sofrer as fadigas e as privações passageiras ?

Pois bem, o que vale o repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, comparado com o que aguarda o homem de bem? Será que não vale a pena fazer alguns esforços?

Sei que muitos dirão que o presente é positivo e o futuro incerto. Esse é precisamente o pensamento que fomos encarregados de destruir em vós, pois desejamos fazer-vos compreender esse

futuro de maneira que nenhuma dúvida possa restar na vossa alma. Por isso, chamámos primeiro a vossa atenção por meio de fenómenos adequados a impressionar os vossos sentidos e depois estamos a dar-vos instruções que cada um tem o dever de divulgar. Foi com esse propósito que ditámos O Livro dos Espíritos." /Santo Agostinho

− Muitas faltas que cometemos passam-nos despercebidas. Com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, se interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falhamos sem dar conta, por não analisarmos a natureza e o motivo dos nossos atos. Fazer perguntas pode ser mais eficaz do que as regras que muitas vezes não se aplicam. Essas perguntas exigem respostas categóricas, um sim ou um não que não consentem alternativas. Tais respostas são argumentos pessoais que podem ser estudados de forma a avaliar o bem e o mal que existe em nós.

LIVRO QUARTO – ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

CAPÍTULO I – Penas e prazeres terrenos

I – Felicidade e infelicidade relativas

920. O ser humano pode beneficiar na Terra de uma felicidade completa?

Não, visto que a vida corpórea lhe foi dada como prova ou expiação. Mas depende dele atenuar os seus males e ser tão feliz quanto se pode ser na Terra.

921. Percebe-se que vai ser possível a felicidade na Terra, quando a Humanidade se tiver transformado. Entretanto, será possível uma felicidade relativa?

O ser humano é, na maioria dos casos, o artífice da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, pode evitar muitos males e alcançar uma felicidade correspondente aos méritos da sua existência ainda imperfeita.

– O ser humano devidamente consciente do seu destino futuro só vê, na vida corporal, uma passagem temporária. É como uma breve estadia num hotel de fraca qualidade. Recompõe-se sem dificuldade de alguns contratempos passageiros de uma viagem, que deve conduzi-lo a uma situação tanto melhor quanto melhor se tenha preparado antecipadamente.

Somos punidos, já nesta vida, pelas infrações que cometemos ás leis da existência corporal, pelos males que são a consequência dessas infrações e dos nossos próprios excessos. Se recuarmos, pouco a pouco, à origem do que chamamos as nossas infelicidades terrenas, veremos que, na sua maior parte, são consequências de um primeiro desvio do caminho certo. Em virtude desse desvio entrámos num mau caminho e, de consequência em consequência, caímos na infelicidade.

922. A felicidade terrena é relativa à situação de cada um. O que é bastante para a felicidade de uns faz o infortúnio de outros. Existe alguma medida comum de felicidade para todos os seres humanos?

Para a vida material é ter o que é necessário; para a vida moral é ter a consciência tranquila e fé no futuro.

923. Aquilo que seria supérfluo para um torna-se necessário para outros, e vice-versa, segundo a situação de cada um?

Sim, de acordo com o vosso estilo de vida, os vossos preconceitos, a vossa ambição e todos os erros ridículos que o futuro corrigirá, quando tiverdes a compreensão da verdade. Sem dúvida que alguém que já foi muito rico, tendo ficado apenas remediado, considera-se infeliz por não poder manter a sua imagem, afirmar o seu nível e satisfazer as suas paixões. Julga faltar-lhe o necessário. Mas quem vai lastimá-lo se ao seu lado houver quem passe fome e frio, sem um abrigo condigno para refugiar-se ? O homem sensato, para ser feliz, olha abaixo de si e nunca acima, a menos que seja para elevar a sua alma em direção ao infinito. (Ver pergunta 715)

924. Existem males que são independentes da maneira de agir e que atingem os mais justos. Há algum meio de se defenderem disso?

O atingido deve, nesse caso, resignar-se e sofrê-los sem lamentações, se quiser progredir. Porém, encontra sempre uma consolação na sua consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, se fizer o que é necessário para obtê-lo.

925. Por que motivo favorece Deus, com meios de fortuna, certas pessoas que parecem não o ter merecido?

É um favor aos olhos daqueles que só veem o presente. Repara bem que a riqueza é uma prova geralmente mais perigosa do que a pobreza. (Ver pergunta 814 e seguintes)

926. A civilização, ao criar novas necessidades, é fonte de novas aflições?

Os males deste mundo são proporcionais às necessidades supérfluas que criais para vós mesmos. Aquele que sabe moderar os seus desejos e não tem inveja do que está para além das suas possibilidades, poupa-se nesta vida a bom número de desilusões. O mais rico é aquele que tem menos necessidades.

Invejais as grandezas dos que vos parecem os felizes do mundo. Mas sabeis o que lhes está reservado? Se beneficiam apenas para si, sendo egoístas, virá, entretanto, o infortúnio. Lamentai-os, pois. Deus permite que o mau prospere, por vezes, mas essa felicidade não é para se invejar, porque a pagará com lágrimas amargas. Se o justo é infeliz, é uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem. Lembrai-vos das palavras de Jesus: Felizes os que sofrem porque serão consolados.

927. O supérfluo não é certamente indispensável à felicidade, mas não se dá o mesmo com o necessário. Não é real a infelicidade daqueles a quem falta o necessário?

O homem só é verdadeiramente infeliz quando sofre a falta daquilo que lhe é necessário para a vida e para a saúde do corpo. Essa privação pode ser consequência dos seus erros: nesse caso, só se pode queixar de si mesmo. Se a falta for causada por terceiros, a responsabilidade caberá a quem a provocou.

928. Pelas aptidões naturais de cada um, Deus sinaliza a nossa vocação neste mundo. Muitos males provêm do facto de não seguirmos essa vocação?

Isso é verdade. Muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, fazem os filhos desviarem-se do caminho traçado pela natureza e, por esse desvio, comprometem a sua felicidade. Serão responsabilizados por isso.

928-a. Seria justo que o filho de uma pessoa da alta sociedade fosse sapateiro, por exemplo, se fosse essa a sua aptidão?

Não é preciso cair no absurdo, nem exagerar. A civilização tem as suas necessidades. Por que motivo o filho de alguém da alta sociedade teria de consertar sapatos, se pode fazer outras coisas? Poderá tornar-se útil na medida das suas faculdades, se não as aplicar de forma incorreta. Por exemplo, em vez de um mau advogado, poderia ser, talvez, um bom mecânico, etc..

− O afastamento de alguém, para fora da sua própria esfera intelectual, é seguramente uma das causas mais frequentes de frustração. A inaptidão para uma carreira profissional mal escolhida é uma fonte inesgotável de revezes. Depois, o amor-próprio, impedindo a pessoa de recorrer a uma profissão mais humilde, pode chegar ao absurdo de lhe sugerir o suicídio como o supremo remédio para escapar

ao que julga uma humilhação. Se uma educação moral a tivesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais seria apanhada desprevenida.

929. Há pessoas privadas de todos os recursos, mesmo quando à sua volta reina a abundância, que apenas têm a morte como perspectiva. Que devem fazer? Deixar-se morrer à fome?

Nunca ninguém deve ter a ideia de se deixar morrer à fome. Sempre encontrariam meios de se alimentarem, se o orgulho não se intrometesse entre a necessidade e o trabalho. É hábito dizer-se que o trabalho, mesmo modesto, não envergonha, e que não é a profissão que desonra. Contudo, aplicamos isso aos outros e não a nós mesmos.

930. Sem os preconceitos sociais pelos quais muitos se deixam dominar, sempre encontrariam um trabalho qualquer que os ajudasse a viver, ainda que renunciando à situação social. Entre as pessoas que não têm preconceitos ou que os põem de lado, há as que não conseguem satisfazer as suas necessidades por motivos de saúde ou outras causas involuntárias?

Numa sociedade organizada segundo as leis de Jesus ninguém deve morrer à fome.

− Com uma organização social sensata e previdente, as pessoas não sofrerão necessidades a não ser por sua culpa. Essa culpa, no entanto, é muitas vezes o resultado do meio em que vivem. Quando todos praticarem a lei de Deus haverá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade, na qual o próprio indivíduo também será melhor. (Ver pergunta 793)

931. Por que razão, na sociedade, o número dos sofredores é maior do que o número das pessoas felizes?

Ninguém é perfeitamente feliz. Aquilo que parece felicidade, oculta muitas vezes desgostos profundos. O sofrimento está por toda a parte. Entretanto, para responder à questão, direi que o número dos que chamas sofredores é mais elevado porque a Terra é um lugar de expiação. Quando for morada do bem e dos bons Espíritos, já não haverá infelicidade neste mundo, que será o paraíso para todos os seus habitantes.

932. Por que motivo neste mundo a influência dos maus consegue, tantas vezes, dominar os bons?

Pela fraqueza dos bons. Os maus são intriguistas e audaciosos; os bons são tímidos. Estes, quando quiserem, tomarão a liderança.

933. Se o ser humano é, frequentemente, o artífice dos seus sofrimentos materiais, sê-lo-á também dos sofrimentos morais?

Mais ainda, porque os sofrimentos materiais são às vezes independentes da vontade, mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, enfim, constituem torturas da alma. A inveja e o ciúme! Felizes os que não conhecem estas duas pragas temíveis. Com elas ninguém tem calma nem repouso. Os objetos da sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito, erguem-se diante das suas vítimas como fantasmas que não lhe dão tréguas e perseguem-nas até durante o sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. Não é uma situação desejável e é fácil compreender que, com tais paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários, tornando-se a Terra para ele num verdadeiro inferno.

− Muitas expressões ilustram energicamente os efeitos de algumas paixões. Diz-se estar inchado de orgulho, morrer de inveja, ser devorado pelo ciúme ou pelo despeito, perder a vontade de comer e

de beber, etc. Esse quadro de situações é mais do que realista. Há pessoas naturalmente ciumentas, de um ciúme que nem tem objetivo determinado. Tudo aquilo que aparece acima do horizonte lhes faz confusão e, se estivessem em maioria na sociedade, desejariam reduzir tudo ao seu próprio nível. É o ciúme aliado à mediocridade.

O ser humano só é infeliz, em muitos casos, pela importância que dá às coisas deste mundo. A vaidade, a ambição e a cupidez fracassadas fazem-no infeliz. Se se elevar acima do círculo estreito da vida material, se elevar o seu pensamento ao infinito, que é o seu destino, as dificuldades humanas parecer-lhe-ão mesquinhas e infantis, como as mágoas da criança ao afiigir- se pela perda de um brinquedo que representava a sua suprema felicidade. Aquele que só encontra a felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz quando não os pode satisfazer. Ao contrário, os que nada esperam do que é supérfluo sentem-se felizes com o que para outros seria uma calamidade. Referimo-nos ao homem civilizado, porque o primitivo, tendo necessidades mais limitadas, não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias. A sua maneira de ver as coisas é completamente diferente. No estado de civilização, o homem observa racionalmente a sua infelicidade e analisa-a. É por isso que é mais afetado por ela. Mas pode também ponderar e analisar os meios de consolação. Esta consolação encontra-a no sentimento cristão que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e no espiritismo que lhe dá a certeza desse futuro.

II – Perda de entes queridos

934. Será a perda de entes queridos um sofrimento legítimo, por ser irreparável e independente da nossa vontade?

O sofrimento pela perda de entes queridos atinge tanto o rico como o pobre: é uma prova ou expiação e lei para todos. Mas é uma consolação poder comunicar com os vossos amigos pelos meios que tendes, enquanto esperais o aparecimento de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.

935. As comunicações de além-túmulo são uma profanação?

Não pode haver profanação nessas comunicações quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e decoro. A prova é que os Espíritos que vos amam se manifestam com prazer, sentem-se felizes com a vossa lembrança e por conversarem convosco. Haveria profanação, isto é, sacrilégio ou desprezo das coisas sagradas, se as evocações fossem feitas com superficialidade.

− A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma doce consolação, que nos proporciona o meio de conversar com os parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação, trazemo-los até junto de nós, ouvem-nos e respondem: deixa de haver separação. Ajudam-nos com os seus conselhos, dão testemunho do seu afeto e do contentamento que lhes causa serem lembrados. É para nós uma satisfação sabê-los felizes, ouvir da parte deles pormenores da sua nova existência e ficar com a certeza de que um dia nos encontraremos de novo.

936. Como é que as dores inconsoláveis dos que ficaram na Terra afetam os Espíritos que são o motivo dessas dores?

O Espírito é sensível à lembrança e aos pesares daqueles que amou, mas uma dor constante e desordenada desgosta-o dolorosamente, porque vê nesse excesso uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus. Por conseguinte, é um obstáculo ao progresso e talvez ao reencontro.

− Estando o Espírito mais feliz do que na Terra, lamentar o fim da sua vida é lamentar que se encontre feliz. Por exemplo: dois amigos estão presos e fechados no mesmo cárcere; ambos irão um dia ser libertados, mas um deles é libertado primeiro do que o outro. Será um ato de caridade do que continua preso ficar triste pelo facto do seu amigo ter sido libertado antes dele? Não será mais egoísmo do que afeição, querer que o outro ficasse mais tempo partilhando com ele o cativeiro e os sofrimentos? O mesmo acontece entre dois seres que se amam na Terra. O que parte antes foi o primeiro a libertar-se e devemos felicitá-lo por isso, esperando com paciência o momento em que também nos libertaremos.

Façamos a este respeito uma outra comparação: tendes um amigo junto de vós, que se encontra numa situação muito penosa. A saúde ou o interesse pessoal exigem que vá para outro país, onde estará melhor sob todos os aspetos. Deixarão de estar perto durante algum tempo, mas podem corresponder-se e a separação será apenas material. Ficareis penalizados com o seu afastamento, se é para o seu bem?

O espiritismo dá-nos provas evidentes quanto à vida futura, quanto à presença à nossa volta dos seres que muito amámos, da continuidade do seu afeto e da sua solicitude. Pelas relações que coloca ao nosso dispor para conversar com eles, oferece-nos a suprema consolação numa das causas mais legítimas de dor. Com o espiritismo deixa de haver solidão ou abandono. A mais isolada das criaturas tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar. Suportamos impacientemente as dificuldades da vida, parecem-nos tão intoleráveis que supomos não poder aguentá-las. Contudo, se as suportarmos com coragem, se soubermos calar as nossas lamentações, teremos de nos felicitar por isso ao sair da prisão terrena, como o doente que sofre se alegra por sentir-se curado, por ter suportado com resignação um tratamento doloroso.

III − Deceções, ingratidão, quebra de afeições

937. As deceções provocadas pela ingratidão e pela fragilidade dos laços de amizade serão, para a pessoa com bons sentimentos, uma fonte de amarguras?

Assim é, de facto. O nosso conselho é lamentar os ingratos e os amigos infiéis: eles serão mais infelizes do que vós. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis como ele mesmo o foi. Pensai em todos aqueles que procederam muito melhor, que tiveram maior valor e que, no entanto, foram tratados de forma ingrata. Pensai que o próprio Jesus foi ultrajado e desprezado durante a sua vida, tratado como patife e impostor, e não vos admireis que também assim se passe convosco. Que o bem que fizestes seja a vossa recompensa neste mundo. Não vos importeis com o que dizem acerca disso aqueles que foram beneficiados por vós. A ingratidão é uma prova para a vossa persistência em fazer o bem. Isso será considerado a vosso favor e os que não vos foram reconhecidos serão punidos, tanto mais, quanto maior tiver sido a sua ingratidão.

938. As deceções causadas pela ingratidão são feitas para endurecer o coração e torná-lo insensível?

Seria um erro, porque quem tem bons sentimentos fica sempre feliz pelo bem que pratica. Se os ingratos não se lembrarem da bondade nesta vida, lembrar-se-ão na vida futura, e terão vergonha e remorsos.

938-a. Esse pensamento não a impede de sentir ferido o seu coração. Poderá isso dar lugar à ideia de que seria mais feliz se fosse menos sensível?

Só se preferir a felicidade egoísta, que é uma triste felicidade! Que saiba, no entanto, que os amigos ingratos que a abandonam não são dignos da sua amizade, e que se enganou a seu respeito. Não terá, desde logo, que lamentar a sua perda. Mais tarde encontrará quem melhor a compreenda. Lamentai os que vos tratam de maneira que não mereceis, pois terão uma triste recompensa. Mas não vos preocupeis com isso: é o meio de serdes superiores a eles.

− A natureza deu ao ser humano a necessidade de amar e ser amado. Um dos maiores benefícios que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu. A natureza concede-lhe, dessa forma, os primeiros frutos da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência: esse benefício não é concedido aos egoístas.

IV – Uniões antipáticas

939. Visto que os Espíritos simpáticos são levados a unir-se, como poderá compreender-se que, entre os encarnados, a afeição exista tantas vezes apenas de um lado e o amor mais sincero sej a recebido com indiferença e mesmo com repulsa? Além disso, como é que a mais viva afeição entre dois seres pode transformar-se em antipatia e algumas vezes em ódio?

Deves compreender que é uma punição, embora passageira. Depois, há muitos que pensam amar perdidamente alguém, porque julgam só pelas aparências. Quando são obrigados a conviver, em breve chegam à conclusão de que se trata de uma paixão de índole corporal. Não basta estar cativado por uma pessoa que agrada à primeira vista e na qual se veem apenas qualidades. É vivendo realmente com ela que podereis apreciá-la. Há muitas uniões que, a princípio, parecem nunca vir a ser simpáticas e quando ambos aprendem a conhecer-se, se transformam num amor terno e durável, porque é baseado na verdadeira estima. É necessário não esquecer que o Espírito é que ama e não o corpo. Quando a ilusão material se dissipa, o Espírito vê a realidade. Há duas espécies de afeto, o do corpo e o da alma. Muitas vezes, toma-se um pelo outro. O afeto da alma, quando puro e simpático, é duradouro, o do corpo é passageiro. É por isso que, certas vezes, aqueles que julgam ter encontrado um amor eterno, chegam a detestar-se, quando passam as primeiras ilusões.

940. A falta de simpatia entre os seres destinados a viverem juntos, não será também uma fonte de sofrimentos, tão amargos que envenenam toda a existência?

Muito amargos, de facto, mas é uma dessas infelicidades das quais, na maioria das vezes, sois os principais causadores. Primeiro, são as vossas leis que estão erradas. Julgas que Deus te quer obrigar a viver com quem te desagrada? Depois, nessas uniões, o que muitas vezes procurais é mais a satisfação do orgulho e da ambição do que a felicidade do mútuo afeto. Sofreis então as consequências dos preconceitos.

940-a. Nesses casos, quase sempre há uma vítima inocente?

Sim, o que para ela é uma dura expiação. Porém, a responsabilidade da sua infelicidade recairá sobre os que a causaram. Se a luz da verdade penetra na sua alma, retirará consolação da sua fé no futuro. De resto, à medida que os preconceitos se enfraquecem, desaparecerão também as causas dessas infelicidades privadas.

V – Preocupação com a morte

941. A preocupação com a morte é para muitos uma causa de perplexidade. Porquê tal preocupação, se têm o futuro pela frente?

É sem razão que a têm. Foram convencidas, desde a juventude, que há um inferno e um paraíso, sendo o mais certo irem para o inferno, visto que domina a opinião de que os comportamentos que seguem os impulsos da natureza são pecados mortais para a alma. Quando adultos, se tiverem um pouco de sentido crítico, não podem aceitar tais princípios, tornando-se ateus ou materialistas. É assim que são levados a crer que, para além da vida presente, nada mais existe. Quanto aos que persistiram nas suas crenças de infância, temem o fogo eterno que deve queimá-los sem os consumir.

A morte não inspira ao justo nenhum temor, porque a fé dá-lhe a certeza do futuro, a esperança ajuda-o a confiar numa vida melhor e a caridade, cuja lei praticou, dá-lhe a segurança de que não encontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser cujo olhar lhe cause embaraços. (Ver pergunta 730)

− O homem carnal, mais ligado à vida corpórea do que à vida espiritual, tem na Terra as suas penas e os seus prazeres materiais. A sua felicidade está na satisfação fugaz de todos os seus desejos. A sua alma, constantemente preocupada e aflita com dificuldades da vida, permanece numa ansiedade e numa tortura permanentes. A morte mete-lhe medo, porque duvida do futuro eporque acredita que vai deixar na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se elevou acima das necessidades artificiais, criadas pelas paixões, tem, ainda nesta vida, benefícios que o homem carnal desconhece. A moderação dos desejos dá ao seu Espírito calma e serenidade. Feliz com o bem que faz, não sofre deceções e as contrariedades passam por si sem lhe deixarem marcas dolorosas na alma.

942. Alguns vão achar simples vulgaridades estes conselhos para se ser Feliz na Terra. Poderão concluir que o segredo da felicidade consiste em saber suportar a infelicidade?

Muitos dirão isso. São como certos doentes aos quais o médico receita fazer dieta: desejariam melhorar sem tratamentos e continuam a comer demais.

VI – Desgosto pela vida. Suicídio

943. De onde deriva o desgosto pela vida, que se apodera de alguns indivíduos, sem motivos razoáveis?

Do efeito da ociosidade, da falta de fé e muitas vezes da abundância excessiva. Para quem usa as suas faculdades com objetivos úteis e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida corre mais rapidamente; suportam as dificuldades com paciência e resignação, porque procuram a felicidade mais sólida e mais durável que os espera.

944. O ser humano tem o direito de dispor da sua própria vida?
Não. Só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

944-a. O suicídio não é sempre voluntário?
O louco que se mata não sabe o que faz.

945. E aqueles que cometem suicídio por causa do desgosto pela vida?
Insensatos! Porque não se dedicaram ao trabalho? A existência não lhes teria custado tanto!

946. E os suicidas que têm o intuito de escapar às misérias e às deceções deste mundo?
Pobres Espíritos que não têm coragem de suportar os infortúnios da existência! Deus ajuda os que sofrem e não os que não têm força nem coragem. As dificuldades da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Infelizes, ao contrário, os que esperam a salvação do que chamam, na sua impiedade, o acaso ou a sorte! Estes podem de facto favorecê-los por um instante, mas só para lhes fazer sentir, mais tarde e mais cruelmente, o vazio destas palavras.

946-a. Os que levaram um desorientado a esse ato de desespero sofrerão as consequências?
Infelizes deles, porque responderão como por um assassínio!

947. O indivíduo que, a braços com a necessidade, se deixa morrer de desespero, pode ser considerado suicida?
É um suicida. Mas aqueles que foram causadores dessa situação, e que poderiam tê-lo impedido, são mais responsáveis do que ele, e a indulgência espera-o. Não julgueis, porém, que seja inteiramente absolvido se lhe faltou a firmeza e a perseverança e se não fez uso de toda a sua inteligência para sair das dificuldades. Infeliz dele, sobretudo, se o seu desespero deriva do orgulho, quero dizer, se é daqueles a quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência e se envergonharia de dever a existência ao seu trabalho, preferindo morrer de fome a descer do que chama a sua posição social!

Há muito mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em enfrentar a crítica da sociedade fútil e egoísta, que só tem boa vontade com aqueles a quem nada falta e que vos volta as costas quando dela necessitais. Sacrificar a vida à consideração desse mundo é uma coisa insensata, porque ele não lhe dará o mínimo valor.

948. O suicida, que tem por fim escapar à vergonha de uma má ação, é tão censurável como o que é levado pelo desespero?
O suicídio não apaga o erro. Pelo contrário, passa a haver dois erros em vez de um só. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso tê-la para sofrer as consequências. Deus julga, e conforme a causa, pode às vezes diminuir os seus rigores.

949. O suicídio é desculpável quando tem por fim impedir que a vergonha atinja os filhos ou a família?
Aquele que assim age não procede bem, mas acredita que sim, e Deus levará em conta a sua intenção, porque será uma expiação que a si mesmo se impôs. Atenua o erro cometido pela intenção, mas nem por isso deixa de o cometer. De resto, se abolirdes os abusos da vossa sociedade e os vossos preconceitos, deixará de haver tais suicídios.

− Aquele que atenta contra a vida para fugir à vergonha de uma má ação, prova que leva mais em conta a estima da sociedade do que a de Deus. Vai entrar na vida espiritual com imperfeições, não tendo usado as suas capacidades para corrigi-las durante a vida. Deus é misericordioso: perdoa o arrependimento sincero e leva em conta o esforço de reparação do mal que fizemos. O suicídio nada resolve.

950. E aquele que põe termo à vida com a esperança de chegar mais cedo a uma vida melhor?

Outra loucura! Que pratique o bem e estará mais seguro de alcançá-la. Assim, adia a entrada num mundo melhor e ele mesmo pedirá para vir completar a vida que interrompeu, por equívoco. Um erro, seja qual for, nunca abre o santuário dos eleitos.

951. O sacrifício da própria vida será meritório se tiver a finalidade de salvar alguém ou de ser útil aos seus semelhantes?

É sublime, conforme a intenção e o sacrifício da sua vida. Nesse caso, não é um suicídio. Deus, porém, opõe-se a um sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer se estiver manchado pelo orgulho. Um sacrifício só é meritório pelo desinteresse, e quem o pratica tem às vezes uma segunda intenção que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.

− Qualquer sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que o homem dá maior valor, aquele que a ela renuncia pelo bem dos seus semelhantes não comete um atentado: é um sacrifício que realiza. Mas, antes disso, deve refletir sobre se a sua vida poderá ser mais útil do que a sua morte.

952. O ser humano que morre, vítima das paixões que sabe apressarem o seu fim, mas às quais não é capaz de resistir, porque os seus hábitos as transformaram em autênticas necessidades físicas, comete por esse facto um suicídio?

Comete um suicídio moral. Nesse caso, compreende-se que é duplamente culpado: por falta de coragem, bom senso e, sobretudo, esquecimento de Deus.

952-a. É mais ou é menos responsável do que aquele que põe termo à vida por desespero?

É mais responsável, porque tem tempo de raciocinar o seu suicídio. Naquele que o comete instantaneamente há, por vezes, uma espécie de desorientação que se aproxima da loucura. O outro será muito mais punido, porque as penas são sempre proporcionais à consciência que se tem das faltas cometidas.

953. Quando alguém vê à sua frente uma morte inevitável e terrível, comete falta se abreviar de alguns instantes o seu sofrimento por uma morte voluntária?

Há sempre falta em não se esperar o fim determinado por Deus. Poderá haver dúvidas de que o fim tenha chegado de facto, apesar das aparências, e pode surgir um socorro inesperado no último instante.

953-a. Julga-se, em circunstâncias normais, que o suicídio seja reprovável. Suponhamos o caso em que a morte é inevitável e que a vida só é abreviada por alguns instantes?

É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.

953-b. Nesse caso, quais são as consequências de tal ação?

Uma expiação proporcional à gravidade da falta, segundo as circunstâncias, como sempre.

954. Uma imprudência que causa a morte sem necessidade é censurável ?

Não há culpas quando não há intenção ou consciência de fazer o mal.

955. As mulheres que, em certos países, se imolavam voluntariamente pelo fogo, sobre os corpos dos seus maridos, podiam ser consideradas suicidas? Que consequências sofreriam com isso?

Essas mulheres obedeciam a um preconceito e, não raro, mais à força do que à sua própria vontade. Acreditavam cumprir um dever, o que não é característica do suicídio. A sua desculpa estava na falta de formação moral da maioria delas e na sua ignorância. Esses costumes bárbaros têm vindo a desaparecer com a civilização.

956. Aqueles que, não podendo suportar a perda de pessoas que lhe são queridas, cometem suicídio na esperança de se lhes reunirem, atingem com isso o seu objetivo?

O resultado para elas é totalmente oposto ao desejado e, em vez de se reunirem ao ente querido, afastam-se dele por muito mais tempo. Deus não pode recompensar um ato de covardia e a ofensa que lhe é feita por duvidarem da sua providência. Resgatarão esse instante de loucura com penas maiores do que aquelas que quiseram abreviar e não terão para compensá-las a satisfação por que esperavam. (Ver pergunta 934 e seguintes)

957. Quais são as consequências do suicídio sobre o estado do Espírito ?

As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penas determinadas e em todos os casos são sempre relativas às causas que o motivaram, mas uma consequência a que o suicida não pode escapar é a deceção. De resto, a sorte não é a mesma para todos, depende das circunstâncias. Alguns expiam a sua falta imediatamente, outros numa nova existência, que será mais difícil do que aquela cujo curso interromperam.

− A observação mostra, com efeito, que as consequências do suicídio não são sempre as mesmas. Há, porém, as que são comuns a todos os casos de morte violenta e à consequência da interrupção brusca da vida. Primeiro, é a persistência mais prolongada e tenaz da ligação fluídica entre o Espírito e o corpo, porque essa ligação está quase sempre em todo o seu vigor no momento em que foi desfeito, enquanto na morte natural se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes da extinção completa da vida. As consequências desse estado são o prolongamento da perturbação espiritual, seguida - durante um tempo mais ou menos longo - da ilusão que faz o Espírito acreditar que ainda se encontra no número dos vivos. (Ver perguntas 155 e 165)

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que sente os efeitos da decomposição, experimentando uma sensação cheia de angústias, estado que pode durar tanto como iria durar a vida que foi interrompida. Esse efeito não é geral.

O suicida, contudo, não se livra das consequências da sua falta de coragem e cedo ou tarde expia essa falta, de uma ou de outra maneira. É assim que certos Espíritos, que tinham sido muito infelizes na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente, tendo-se submetido voluntariamente a novas provas para tentar suportá-las com mais resignação. Para alguns, é uma espécie de apego à matéria, da qual procuram sem êxito desembaraçar-se para se dirigirem a mundos melhores, mas cujo

acesso lhes é interdito. Para a maioria, é o pesar de terem feito uma coisa inútil, da qual só colhem deceções.

A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural. Todas nos dizem, em princípio, que não se tem o direito de abreviar voluntariamente a vida.

Mas porque não se terá esse direito? Porque não se é livre de pôr um termo aos próprios sofrimentos?

Estava reservado ao espiritismo demonstrar, pelo exemplo e pelo depoimento dos que sucumbiram, que o suicídio não é apenas uma falta, mas também a infração de uma lei moral, consideração essa que pouco importa para certos indivíduos, mas também uma decisão insensata, pois que nada ganha quem o pratica e até pelo contrário. Os ensinamentos do espiritismo a este respeito não são apenas teóricos, porque colocam os próprios factos diante dos nossos olhos.

CAPÍTULO II – Penas e prazeres futuros

I – O nada. A vida futura

958. Por que razão o ser humano tem instintivamente o horror do nada?
Porque o nada não existe.

959. De onde recebe o sentimento instintivo da vida futura?
Já o dissemos: antes da encarnação o Espírito conhecia todas estas coisas e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual. (Ver pergunta 393)

- Os seres humanos sempre se preocuparam com a vida depois da morte, o que é muito natural. Seja qual for a importância dada à vida presente, não podem esquecer como é curta e sobretudo precária, pois pode ser interrompida a cada instante e ninguém está seguro do dia de amanhã. O que vai ser de cada um de nós depois do instante fatal? A pergunta é séria, pois não se trata apenas de alguns anos, mas da eternidade.

Quem emigrar alguns anos para um país estrangeiro, preocupa-se com as condições em que vai viver. Como podemos evitar preocuparmo-nos com o que nos espera ao deixar este mundo, já que irá ser para todo o sempre? A ideia do nada tem algo que repugna à razão. O indivíduo mais despreocupado nesta vida, chegado o momento supremo, pergunta a si mesmo o que lhe acontecerá e involuntariamente fica na expectativa. Crer em Deus sem admitir a vida futura, seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos. Deus não pode ter-nos dado esse sentimento em vão. A vida futura implica a sobrevivência da nossa individualidade após a morte. De que valeria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral tivesse de perder-se no oceano do infinito? As consequências disso para nós seriam as mesmas que defrontar o nada.

II – Intuição das penas e dos prazeres futuros

960. De onde deriva a crença, que se encontra em todos os povos, nas penas e recompensas futuras?
A resposta é sempre a mesma: pressentimento da realidade, dado ao ser humano pelo Espírito que em si encarnou. Reparai bem, não é em vão que uma voz interior vos fala; o vosso erro é não lhe dar suficiente atenção. Pensando bem nisso com a devida frequência, tornar-vos-íeis melhores.

961. No momento da morte, qual é o sentimento que domina a maioria das pessoas: a dúvida, o medo ou a esperança?
A dúvida, para os céticos endurecidos; o medo, para os culpados; a esperança para as pessoas de bem.

962. Porque é que há céticos, uma vez que o sentimento das coisas espirituais reside na alma de cada homem?

São em menor número do que se supõe. Muitos fazem-se fortes de espírito durante esta vida por orgulho, mas no momento da morte não se conservam tão fanfarrões.

– A consequência da vida futura é da responsabilidade dos nossos atos. A razão e a justiça dizem-nos que na distribuição da felicidade a que todos os homens aspiram, os bons e os maus não poderão ser tratados da mesma forma. Deus, certamente, não quer que uns disponham, sem trabalho, dos bens que outros só alcançam com esforço e firmeza.

A ideia que Deus nos dá da sua justiça e da sua bondade, pela sabedoria das suas leis, não nos permite crer que o justo e o mau estejam aos seus olhos no mesmo plano, nem duvidar de que receberão um dia, pelo mal ou pelo bem que fizeram, a pena ou a recompensa que merecem. É por isso que o sentimento inato que temos da justiça divina nos dá a intuição das penas e das recompensas futuras.

III – Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963. Deus ocupa-se pessoalmente de cada indivíduo? Não será demasiadamente grande e nós tão pequenos, para que cada um em particular tenha a seus olhos alguma importância?

Deus ocupa-se de todos os seres que criou por mais pequenos que sejam; nada é demasiado pequeno para a sua bondade.

964. Deus tem a necessidade de se ocupar de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maior parte desses atos não serão insignificantes para ele?

Deus tem as suas leis que regulam todas as vossas ações. Se as violais, a culpa é vossa. Sem dúvida que se uma pessoa comete um excesso, Deus não faz um julgamento contra ela para lhe dizer, por exemplo: foste guloso, vou punir-te. Mas traçou um limite: as doenças e por vezes a morte são consequência dos excessos. Essa é a punição, resultado da infração à lei. É assim em tudo.

– Todas as nossas ações estão sujeitas às leis de Deus, pormais insignificantes que nos pareçam. Se colhemos consequências por tê-las violado, só nos devemos queixar de nós mesmos, porque somos os únicos artífices da nossa felicidade ou infelicidade futura

Essa verdade é dada a compreender pela fábula seguinte:

"Um pai deu ao seu filho educação e instrução, isto é, os meios para saber como conduzir-se. Cedeu-lhe um terreno para cultivar e disse-lhe: Aqui tens as regras a seguir e todas as ferramentas necessárias para tornar fértil este terreno e assegurar a tua existência. Dei-te instrução para as compreenderes. Se as seguires produzirá bastante e o seu rendimento proporcionar-te-á o repouso na velhice. Se não as seguires, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isto, deixou-o agir à vontade".

É claro que o terreno produzirá na medida dos cuidados que forem dispensados ao seu cultivo e que toda a falta de cuidado prejudicará a colheita. O filho será, portanto, feliz ou infeliz durante a sua vida e na sua velhice, conforme tiver seguido ou negligenciado as regras traçadas pelo pai.

Deus é ainda mais previdente do que este pai, porque nos avisa constantemente se fazemos o bem ou o mal e envia-nos os Espíritos para nos inspirarem, que nem sempre escutamos. Há ainda outra diferença: Deus dá sempre ao ser humano um recurso, por meio de novas existências, para reparar todos os seus erros do passado. Pelo contrário, se o filho do agricultor cometeu erros e empregou mal o seu tempo, já não terá possibilidades de emendar tudo aquilo que fez.

IV – Natureza das penas e das alegrias futuras

965. As penas e as alegrias da alma, após a morte, têm alguma coisa de material?

Não podem ser materiais, visto que a alma não é material. É uma questão de bom senso. Essas penas e essas alegrias nada têm de carnal e, contudo, são mil vezes mais vivas do que aquelas que viveis na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais sensível: já não tem a matéria do corpo para lhe amortecer as sensações. (Ver perguntas 237a 257)

966. Por que razão o ser humano faz uma ideia tão limitada e absurda das penas e das alegrias da vida futura?

A sua inteligência ainda não está suficientemente desenvolvida, tal como é diferente a compreensão entre a criança e o adulto. Aliás, depende também do que lhe foi ensinado a respeito da vida no mundo espiritual: é aí que há necessidade de uma mudança.

A vossa linguagem é demasiado incompleta para exprimir o que existe para além de vós. Foram necessárias comparações, e essas imagens e símbolos foram por vós tomados como se fossem a realidade. À medida que o ser humano se esclarece, o seu pensamento compreende melhor muitas coisas que a sua linguagem não pode traduzir.

967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

Em conhecer todas as coisas. Não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos seres humanos. O amor que os une é, para eles, fonte de uma suprema felicidade. Não sentem necessidades, nem sofrimentos, nem angústias da vida material. São felizes com o bem que fazem.

De resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação. Só os Espíritos puros desfrutam, de facto, da felicidade suprema, mas os outros não são todos infelizes: entre os imperfeitos e os perfeitos há uma infinidade de níveis no acesso à felicidade, conforme a respetiva evolução moral.

Aqueles que já são bastante adiantados compreendem a felicidade dos que chegaram antes deles, aspiram alcançá-los, mas isso é motivo de emulação e não de inveja. Sabem que depende deles chegar a esse nível e trabalham com esse objetivo, mas com a calma da boa consciência. Sentem-se felizes por já não ter de passar o que é sofrido pelos maus Espíritos.

968. Colocais a ausência das necessidades materiais nas condições de felicidade dos Espíritos; mas a satisfação dessas mesmas necessidades não é, para o ser humano, uma fonte de prazer?

Sim, de prazer material que, se não podes satisfazê-lo, é um grave incómodo.

969. Por que motivo se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em cantar-lhe louvores?

É uma alegoria que descreve o sentimento que têm das perfeições de Deus, porque o veem e compreendem, mas que - como tantas outras alegorias - não deve ser tomada em sentido literal. Tudo na natureza, desde o grão de areia, canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Mas não julgues que os Espíritos bem-aventurados ficam em contemplação durante toda a eternidade. Isso seria uma felicidade monótona, sem sentido e, mais ainda, egoísta, pois a sua existência seria totalmente inútil. Deixaram de ter as dificuldades da existência corpórea, isso já é um benefício. Depois, como já dissemos, conhecem e sabem tudo e empregam proveitosamente a inteligência adquirida, para

auxiliar o progresso dos outros Espíritos: essa é a sua ocupação e, ao mesmo tempo, uma grande satisfação.

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

São tão variados como as causas que os produziram e proporcionais ao grau de inferioridade, como as alegrias o são ao grau de superioridade. Podemos resumi-los assim: cobiçarem tudo o que lhes falta para serem felizes e não poderem obtê-lo; verem a felicidade e não poderem alcançá-la; mágoa, ciúme, raiva, desespero por aquilo que os impede de serem felizes; remorsos e uma ansiedade moral inexplicável. Desejam todos os prazeres e não podem satisfazê-los. É isso que os tortura.

971. A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?

É sempre boa a influência dos bons Espíritos, é claro. Os maus Espíritos, porém, procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento os que consideram suscetíveis de ser influenciados e que muitas vezes eles arrastaram para o mal durante a vida terrena.

971-a. Então a morte não nos livra da tentação?

Não, mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre os outros Espíritos do que sobre as pessoas, porque não têm o auxílio das paixões materiais, às quais estas estão sujeitas. (Ver pergunta 996)

972. Como procedem os maus Espíritos para tentar os outros, uma vez que não têm o recurso das paixões materiais?

Se as paixões não existem materialmente, existem ainda no pensamento dos que são atrasados. Os maus cultivam esses pensamentos levando as suas vítimas aos lugares onde têm o espetáculo dessas paixões com tudo o que pode impressioná-los.

972-a. Mas para que servem essas paixões, se já não têm objetivo material?

É nisso precisamente que está o seu suplício: o avarento vê as fortunas que não pode possuir, o devasso, as orgias em que não pode participar e o orgulhoso as honras que inveja e de que não pode desfrutar.

973. Quais são os maiores sofrimentos que afligem os maus Espíritos?

Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Os próprios Espíritos que as sofrem teriam dificuldades em dar-vos uma ideia. Mas, seguramente, a mais horrível é julgarem que as penas que estão a sofrer não vão ter fim.

− O ser humano tem uma ideia das penas e das alegrias da alma após a morte, segundo a sua inteligência. Quanto mais evolui, mais essa ideia se aperfeiçoa e se distancia da materialidade. Compreende as coisas de maneira mais racional e deixa de levar à letra as imagens de uma linguagem figurada. A razão, ensinando-nos que a alma é um ser inteiramente espiritual, mostra que ela não pode ser afetada por impressões que só agem sobre a matéria. O que não quer dizer que esteja livre de sofrimentos ou da punição das suas faltas. (Ver pergunta 237). As comunicações espíritas têm por fim mostrar-nos o estado futuro da alma, não em teoria, mas na realidade. Mostram-nos os episódios da vida depois da morte, como consequências lógicas da vida terrena e que, embora libertos da fantasia criada pela imaginação dos indivíduos, são evidentemente penosos para os que fizeram mau uso das suas faculdades. A diversidade dessas consequências éilimitada, mas pode dizer-se, de maneira geral,

que cada um colhe as consequências dos erros que cometeu. Assim, há Espíritos punidos pela contemplação incessante do mal que fizeram, outros pelos remorsos, o medo, a vergonha, a dúvida, o isolamento, as trevas, a separação dos seres que lhes são queridos, etc.

974. De onde veio a doutrina do fogo eterno?

Não passa de uma imagem, como tantas outras, encarada como se fosse realidade.

974-a. Mas esse temor não poderá produzir bons resultados?

Esse temor nem sequer consegue reprimir muitos daqueles que tanto o divulgam. Se ensinais coisas que a razão rejeita mais tarde, dareis uma impressão que não é durável nem salutar.

− O ser humano, incapaz de traduzir na sua linguagem a natureza desses sofrimentos, não encontrou para ela comparação mais enérgica do que a do fogo, pois este é o tipo de suplício mais cruel e o símbolo da ação mais enérgica. Por essa razão é que a crença no fogo eterno teve a sua origem na Antiguidade, e dessa época foi herdada pelos povos mais recentes. É ainda por isso que, em linguagem figurada, se costuma dizer: o fogo das paixões, arder de amor, de ciúmes, etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade dos justos?

Sim, e é isso que os tortura, pois compreendem que estão privados dela por sua própria culpa. É por isso que o Espírito, liberto da matéria, aspira a uma nova existência corpórea, porque cada existência poderá abreviar a duração desse suplício, se for bem empregada. Escolhe então as provas que poderão expiar as suas culpas. Porque, tomai nota, o Espírito sofre por todo o mal que fez ou do qual foi causador voluntário; por todo o bem que terá podido fazer e não fez e por todo o mal resultante do bem que deixou de fazer.

O Espírito que já não está sob o véu da materialidade, é como se tivesse saído de um nevoeiro e vê o que o separa da felicidade. Então, sofre ainda mais, porque compreende como é culpado. Naquela situação já não existem ilusões: vê a realidade das coisas.

− A visão do Espírito desencarnado abrange, de um lado, todas as suas existências passadas, e do outro, o futuro prometido. Compreende assim o que lhe falta para atingi-lo. Como um viajante que chegou ao cume de uma montanha, vê a rota percorrida e o que falta para chegar ao seu destino.

976. Ver os Espíritos que sofrem é para os bons uma causa de aflição? Nesse caso, em que se transforma a sua felicidade assim perturbada?

Não é uma aflição, porque sabem que esse mal irá terminar. Ajudam os outros a aperfeiçoarem-se e estendem-lhes a mão. Essa é a sua ocupação e um prazer quando obtêm êxito.

976-a. Isso compreende-se da parte dos Espíritos que lhes são estranhos ou indiferentes, mas a visão das dores e dos sofrimentos dos que amaram na Terra não lhes perturba a felicidade?

Se eles não vissem esses sofrimentos, é porque vos seriam estranhos após a morte. A religião diz-vos que as almas vos veem, mas que consideram as vossas aflições de outro ponto de vista. Sabem que os vossos sofrimentos são úteis para o vosso adiantamento, se os suportais com resignação. Afligem-se, portanto, mais com a falta de coragem que vos atrasa, do que com os sofrimentos que sabem ser passageiros.

977. Sabemos que os Espíritos não podem ocultar reciprocamente os seus pensamentos, sendo conhecidos todos os atos da sua vida. Poderemos concluir que, desse modo, os que são culpados estão sempre na presença das suas vítimas ?

Não pode ser de outra forma, é o que nos diz o bom senso.

977-a. Essa revelação de todos os atos censuráveis e a presença constante daqueles que foram as suas vítimas serão um castigo para o culpado?

Maior do que se pensa, mas somente até ao momento em que tenha expiado as suas culpas, seja como Espírito, seja como pessoa em novas existências corporais.

− Quando nos encontramos no mundo dos Espíritos, com todo o nosso passado a descoberto, o bem e o mal que tenhamos feito serão igualmente conhecidos. É em vão que aquele que fez o mal tentará escapar à visão das suas vítimas. A sua presença inevitável será para ele um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado os seus erros. O homem de bem, pelo contrário, só encontrará por toda a parte olhares amigos e benevolentes. Para o mau, não há maior tormento na Terra do que a presença das suas vítimas. É por isso que ele sempre tenta evitar a sua presença. Que será dele quando, dissipada a ilusão das paixões, compreender o mal que praticou, vendo os seus atos mais secretos revelados, a sua hipocrisia desmascarada e sem poder subtraí-los à sua visão? Enquanto a alma dos maldosos é possuída pela vergonha, pelo pesar e pelo remorso, a dos justos beneficia de perfeita serenidade.

978. A recordação das faltas que a alma tenha cometido, enquanto ainda imperfeita, perturba a sua felicidade mesmo depois de se ter purificado?

Não, porque resgatou as suas faltas e saiu vitoriosa das provas a que se submeteu com esse fim.

979. As provas que a alma ainda terá que prestar, para completar a sua evolução, são uma preocupação penosa que perturba a sua felicidade?

Para a alma que ainda permanece manchada, sim. É por isso que só pode fruir de felicidade perfeita quando estiver inteiramente pura. Mas para aquela que já se elevou, o pensamento das provas pelas quais ainda tem que passar nada tem de penoso. A alma que chegou a um certo grau de pureza saboreia já a felicidade, um sentimento de doce satisfação envolve-a: sente-se feliz com tudo o que vê e que a rodeia. O véu levanta-se revelando-lhe os mistérios e as maravilhas da criação, e as perfeições divinas aparecem-lhe em todo o seu esplendor.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem é para eles um motivo de felicidade?

A união dos Espíritos que simpatizam para o bem é para eles um dos maiores prazeres, porque não temem vê-la perturbada pelo egoísmo. Formam, no mundo inteiramente espiritual, as famílias do mesmo sentimento; é nisso que consiste a felicidade espiritual, tal como no vosso mundo vos agrupais por afinidades e experimentais certo prazer quando vos reunis. A afeição pura e sincera de que desfrutam e de que são objeto é um motivo de felicidade, pois lá não há falsos amigos nem hipócritas.

− O ser humano aprecia os mais belos frutos dessa felicidade na Terra, quando encontra almas com as quais pode integrar-se numa união pura e santa. Numa vida mais purificada esse prazer será indescritível e sem limites, porque só encontrará almas simpáticas que o egoísmo não arrefecerá, pois tudo é amor na natureza: o egoísmo é que o aniquila.

981. Para a condição futura do Espírito, há alguma diferença entre aquele que em vida temia a morte e aquele que a via com indiferença e até mesmo com alegria?

A diferença pode ser muito grande, dependendo muitas vezes das causas que produzem esse medo ou essa alegria. A morte, seja temida ou desejada, pode sê-lo por sentimentos muito diversos e são eles que vão influir no estado do Espírito. Por exemplo, é evidente que aquele que deseja a morte unicamente por ver na mesma o fim das suas dificuldades está de certa maneira a queixar-se da Providência e das provas que deve prestar.

982. É necessário fazer profissão de fé no espiritismo e acreditar nas manifestações para garantir a nossa sorte na vida futura?

Se assim fosse, todos os que não acreditam ou que não puderam esclarecer-se seriam deserdados, o que é absurdo. É a prática do bem que assegura a vida futura. O bem é sempre o bem, qualquer que seja a via que a ele conduz. (Ver pergunta!65 e 799)

− A crença no espiritismo ajuda-nos a melhorar, definindo ideias acerca do nosso destino futuro. Apressa a evolução dos indivíduos e dos povos, porque permite conhecer o que seremos um dia, é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação, afasta-nos dos comportamentos que podem atrasar a felicidade futura. É assim que contribui para essa felicidade, mas não foi dito que sem ele não seja possível igualmente atingi-la.

V – Penas temporais

983. São exclusivamente morais os sofrimentos que afligem a alma depois da morte do corpo, e exclusivamente materiais os que padecem durante a sua existência material?

Quando a alma reencarna, as dificuldades da vida constituem para ela um sofrimento, mas só o corpo sofre de forma material. Existe o hábito de dizer que quem morre se liberta do sofrimento, mas isso nem sempre é verdade.

Como Espírito, deixa de ter dores físicas, mas, segundo as faltas que cometeu, pode ter dores morais mais penosas e numa nova existência pode ser ainda mais infeliz. O mau rico passará a pobre de pedir e estará frente a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; aquele que abusou da sua autoridade e tratou os seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais duro do que ele foi.

Todas as penas e dificuldades da vida são expiações de faltas de outra existência, quando não são a consequência das faltas da existência atual. Ao sair desta vida ireis compreender bem. (Ver perguntas 273, 393 e 399)

O homem que se julga feliz na Terra porque pode satisfazer as suas paixões é o que faz menos esforços para melhorar. Em muitos casos começa a expiar essa felicidade efémera já na vida atual, mas certamente expiá-la-á numa outra existência igualmente material.

984. As dificuldades da vida são sempre a punição das faltas atuais?

Não, já o dissemos. São provas impostas por Deus ou escolhidas por vós mesmos quando no estado de Espírito e antes da vossa reencarnação, para expiar as faltas cometidas numa outra existência. Porque jamais as infrações das leis de Deus, e sobretudo da lei da justiça, ficam impunes. Se não for nesta vida, será necessariamente noutra. É por isso que aquele que é justo aos vossos olhos é, por vezes, atingido pelo seu passado. (Ver pergunta 393)

985. A reencarnação da alma num mundo menos materializado é uma recompensa?

É o resultado da sua purificação. À medida que os Espíritos se purificam vão encarnando em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado de toda a materialidade e tenham lavado todas as suas manchas, para fruírem eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.

− Nos mundos em que a existência é menos materializada do que neste, as necessidades são menos imperfeitas e todos os sofrimentos físicos são menos pesados. Os seres humanos já não conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros.

Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz porque praticam a lei da justiça, do amor e da caridade. Não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que constituem o tormento da nossa existência terrena. (Ver perguntas 172 a 182)

986. O Espírito que progrediu na sua existência terrena pode reencarnar no mesmo mundo?

Sim, se não pôde cumprir a sua missão, ele mesmo pode pedir para completá-la numa nova existência, mas nesse caso já não é para ele uma expiação. (Ver pergunta 173)

987. O que acontece àquele que, sem praticar o mal, nada fez para se libertar da influência da matéria?

Uma vez que não deu nenhum passo na direção da perfeição, deve recomeçar uma existência semelhante à que deixou. Fica estacionário e, deste modo, pode prolongar os padecimentos da sua expiação.

988. Há pessoas cuja vida flui numa serenidade perfeita e que, não tendo necessidade de fazer qualquer coisa para si mesmas, estão livres de cuidados. Essa existência feliz é uma prova de que nada têm a expiar de uma existência anterior?

Conheces muitas assim? Se acreditas nisso, enganas-te. Em geral, essa calma é apenas aparente. Podem ter escolhido essa existência, mas, ao deixá-la, percebem que ela não os ajudou a progredir. Então, como os preguiçosos, lamentam o tempo perdido. Reparai que o Espírito só pode adquirir conhecimentos e elevar-se através da atividade. Se adormece na despreocupação, não evolui espiritualmente. É semelhante àquele que precisa, conforme os vossos usos, de trabalhar, e vai passear ou dormir, com a intenção de nada fazer. Tomai nota também que cada qual terá de prestar contas da inutilidade voluntária durante a sua existência. Essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura. A soma da felicidade futura é proporcional ao bem que se fez, a da infelicidade é proporcional ao mal e aos infelizes aos quais se deu origem.

989. Há pessoas que, sem serem positivamente más, tornam infelizes, em virtude do seu caráter, todos os que as rodeiam. Qual é, para si mesmas, a consequência disso?

Essas pessoas, seguramente, não são boas. Expiarão isso pela visão daqueles que tornaram infelizes, cuja presença constituirá para elas uma censura. Depois, numa outra existência, sofrerão aquilo que fizeram sofrer.

VI – Expiação e arrependimento

990. O arrependimento verifica-se no estado corporal ou no estado espiritual?

No estado espiritual, mas também pode verificar-se no estado corporal, quando houver uma boa compreensão da diferença entre o bem e o mal.

991. Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?

O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o impedem de ser feliz e aspira a uma nova existência, durante a qual possa expiar as suas faltas. (Ver perguntas 332 e 975)

992. Qual é a consequência do arrependimento no estado corpóreo?

Evoluir espiritualmente já na vida presente, se houver tempo para reparar os erros. Quando a consciência reprova e mostra uma imperfeição, é sempre possível melhorar.

993. Há pessoas que só possuem o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

Já te disse que se deve progredir sem cessar. Aquele que nesta vida só possui o instinto do mal, numa outra terá o do bem. É para isso que renasce muitas vezes. É necessário que todos evoluam e atinjam o objetivo, uns mais rapidamente e outros de maneira mais lenta, segundo os seus desejos. Aquele que só tem o instinto do bem já está purificado, porque pode ter tido o do mal numa existência anterior. (Ver pergunta 804)

994. O homem perverso, que durante a vida não reconheceu as suas faltas, reconhecê-las-á sempre depois da morte?

Sim, reconhece-as sempre, e então sofre mais porque sente todo o mal que praticou, ou de que foi causador voluntário. Entretanto, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se obstinam na via do mal, apesar dos seus sofrimentos. Cedo ou tarde reconhecerão o caminho errado que tinham tomado e o arrependimento virá. É para os esclarecer que os bons Espíritos trabalham e que vós mesmos podeis trabalhar.

995. Há Espíritos que, sem serem maus, são indiferentes à sua sorte?

Há Espíritos que nada fazem de útil, estão na expectativa. Mas sofrem, nesse caso, consoante as circunstâncias. Como deve haver progresso em tudo, este progresso manifesta-se pela dor.

995-a. Não têm o desejo de abreviar os seus sofrimentos?

Sem dúvida que têm, mas não dispõem de energia suficiente para querer o que poderia aliviá-los. Quantos dentre vós preferem viver na miséria em vez de trabalhar?

996. Visto que os Espíritos veem o mal que lhes causam as suas imperfeições, como se explica que alguns agravem a sua situação e prolonguem o seu estado de inferioridade, praticando o mal como Espíritos e desviando certas pessoas do bom caminho?

São os de arrependimento tardio que agem assim. O Espírito, que se arrepende, pode deixar-se levar novamente para o caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados. (Ver pergunta 971)

997. Há Espíritos de inferioridade notória que são acessíveis aos bons sentimentos e às preces feitas em seu favor. Como pode acontecer que outros Espíritos, que poderiam ser considerados mais esclarecidos, mostrem um endurecimento e um cinismo a toda a prova?

A prece só tem efeito a favor dos Espíritos que se arrependem. Aqueles que, impulsionados pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, exageram-nos ainda mais, como fazem os Espíritos infelizes. A esses, a prece nada pode nem poderá fazer, senão no dia em que neles se manifeste um vislumbre de arrependimento. (Ver pergunta 664)

− Não deve esquecer-se que o Espírito, depois da morte do corpo, não se transforma imediatamente. Se a sua vida foi censurável é porque era imperfeito. A morte não o torna imediatamente perfeito. Pode persistir nos seus erros, nas suas falsas opiniões e nos seus preconceitos até que seja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação cumpre-se no estado corpóreo ou no estado de Espírito ?

A expiação cumpre-se durante a existência corporal mediante as provas a que o Espírito é submetido. Na vida espiritual cumpre-se pelos sofrimentos morais inerentes ao seu estado de inferioridade de Espírito.

999. O arrependimento sincero durante a vida terrena é suficiente para apagar as faltas e merecer a graça de Deus?

O arrependimento auxilia a evolução do Espírito, mas o passado deve ser expiado.

999-a. De acordo com isso um criminoso poderá pensar que, visto que tem - em qualquer dos casos - de expiar o seu passado, não precisa de se arrepender. Que resultado poderia acarretar-lhe essa ideia?

Se se endurecer no pensamento do mal, a sua expiação será mais longa e mais penosa.

1000. Será possível reparar as nossas faltas já nesta vida?

Sim, corrigindo -as. Mas não poderá ser por privações infantis ou donativos póstumos, quando já de nada necessitais. Deus não considera o arrependimento fácil e sem sentido, que só custa o trabalho de bater no peito. A perda de um dedo mindi- nho, ao prestar um serviço, apaga maior número de faltas do que o suplício voluntário da carne suportado durante anos, com fim em si próprio. (Ver pergunta 726)

O mal só é reparado pelo bem, e a reparação só tem mérito se atingir a pessoa no seu orgulho ou nos seus interesses materiais.

De que lhe serve, para a sua justificação, restituir após a morte os bens mal adquiridos, agora já sem préstimo para si, e que foram desfrutados em vida?

De que lhe serve a privação de alguns prazeres fúteis e de algumas superfluidades, se o mal que fez a outrem continua o mesmo ? De que lhe serve, enfim, humildar-se diante de Deus, se conserva o seu orgulho diante dos homens? (Ver perguntas 720 e 721)

1001. Haverá algum mérito em garantir, após a morte, um emprego útil para os bens que deixámos?

Sempre terá algum valor. Mas o mal é que, aquele que só dá depois de morrer, geralmente é mais egoísta do que generoso: quis ter a honra do bem, sem ter nenhuma desvantagem.

Aquele que se priva em vida tem duplo proveito, o mérito do sacrifício e o prazer de ver felizes os que beneficiou. Mas o egoísmo está presente e diz- lhe: Aquilo que dás é tirado aos teus privilégios. Como

o egoísmo fala mais alto que o desinteresse e a caridade, a pessoa nada oferece com o pretexto das suas necessidades e das exigências da sua posição.

Lamentai, pois, aquele que desconhece o prazer de dar, porque esse está verdadeiramente deserdado de um dos mais puros e suaves prazeres. Deus, submetendo-o à prova da fortuna, tão escorregadia e perigosa para o seu futuro, quis dar-lhe como compensação a ventura da generosidade, a qual pode gozar já durante a sua estadia neste mundo. (Ver pergunta 814)

1002. O que deve fazer aquele que, antes de morrer, reconhece as suas faltas, mas não tem tempo de repará-las? É suficiente arrepender-se, nesse caso?

O arrependimento apressa a sua reabilitação, mas não o absolve. Tem diante de si o futuro, que nunca se fechará para ele.

VII – Duração das penas futuras

1003. A duração dos sofrimentos dos culpados, na vida futura, é arbitrária ou está subordinada a alguma lei?

Deus nunca age por capricho e tudo no Universo é regido por leis que revelam a sua sabedoria e a sua bondade.

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos dos Espíritos?

No tempo necessário ao seu aperfeiçoamento. Visto que o estado de sofrimento e de felicidade são proporcionais ao grau de evolução do Espírito, a duração e a natureza dos seus sofrimentos dependem do tempo que levar para se ir aperfeiçoando. À medida que progride e que os seus sentimentos se purificam, os sofrimentos diminuem e mudam de natureza. /São Luís

1005. Para o Espírito sofredor, o tempo parece tão ou menos longo como quando estava encarnado?

Parece um tanto mais longo, porque o Espírito não dorme. Só para os Espíritos que atingiram um certo grau de purificação é que o tempo se apaga, por assim dizer, perante o infinito. (Ver pergunta 240)

1006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

Se fosse eternamente mau, ou seja, se nunca se arrependesse ou nunca evoluísse, sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres destinados ao mal para todo o sempre. Criou-os apenas simples e ignorantes, e todos devem progredir num tempo mais ou menos longo, segundo a sua vontade. A vontade de progredir pode ser mais ou menos tardia, assim como há crianças mais ou menos precoces. Contudo chegará, cedo ou tarde, pela necessidade irresistível que o Espírito sente de sair da sua inferioridade e de ser feliz.

A lei que rege a duração das penas é eminentemente sábia e benevolente, pois subordina essa duração aos esforços de aperfeiçoamento do Espírito, que nunca é privado do seu livre-arbítrio. Se fizer mau uso dele, sofre as consequências respetivas. /São Luís

1007. Há Espíritos que nunca se arrependem?

Há Espíritos cujo arrependimento é muito tardio, mas afirmar que nunca se aperfeiçoarão seria negar a lei do progresso e dizer que uma criança não pode tornar-se adulta. /São Luís

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito ou há algumas que lhe são impostas por um tempo determinado?

Sim, há penas que podem ser-lhe impostas por determinado tempo, mas Deus, que só deseja o bem das suas criaturas, acolhe sempre de boa vontade o arrependimento, e o desejo de evoluir espiritualmente é sempre proveitoso. / São Luís

1009. Sendo assim, as penas impostas nunca seriam eternas?

Consultai o vosso bom senso, a vossa razão, e vereis se uma condenação perpétua como consequência de alguns momentos de erro seria compatível com a bondade de Deus. O que é a duração da vida, mesmo que durasse cem anos, em relação à eternidade? A eternidade!... Compreendeis bem essa palavra? Sofrimento, torturas sem fim e sem esperança, apenas por algumas faltas! O vosso julgamento repele sem hesitar tal pensamento.

Que os antigos tenham visto no senhor dos Universos um Deus terrível, ciumento e vingativo, ainda se compreende. Na sua ignorância atribuíram à divindade as paixões dos homens. Mas esse não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas na fila das primeiras virtudes. Poderia ele mesmo não assumir as qualidades que exige como um dever? Não será contradição atribuir-se-lhe simultaneamente a bondade e a vingança infinitas? Dizeis que, antes de tudo, Deus é justo e o homem não compreende a sua justiça. A justiça, porém, não exclui a bondade e Deus não seria bom se destinasse às penas perpétuas grande parte das suas criaturas. Poderia Deus fazer da justiça uma obrigação para os seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios para compreendê-la? Sublime é que seja a justiça, unida à bondade, que faz a duração das penas depender dos esforços do Espírito em evolução para se aperfeiçoar. É nisso que se baseia a verdade das palavras: "a cada um segundo as suas obras. /Santo Agostinho

Empenhai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, no combate para aniquilar a ideia da eternidade das penas, pensamento blasfemo para a justiça e a bondade de Deus e fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram os povos, desde que a sua inteligência começou a desenvolver-se. Mal o Espírito começou a esclarecer-se, bem nos princípios, logo compreendeu a injustiça de tal ideia. A sua razão repele-a e combina na mesma rejeição, quer o monstruoso castigo que a revolta, quer o Deus ao qual é atribuído. Daí os males sem conta que recaíram sobre vós e para os quais viemos trazer-vos remédio. A tarefa que vos apontamos está facilitada, visto que as próprias autoridades, sobre as quais se apoiavam os defensores dessa crença, evitaram pronunciar-se formalmente sobre ela. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja regularizaram essa grave questão. Se, de acordo com os próprios evangelistas, e tomando à letra as palavras alegóricas de Jesus ao ter ameaçado os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, nada existe nessas palavras que prove que ele os tenha condenado eternamente. Pobres ovelhas desgarradas, sabei ver junto de vós o bom Pastor que, longe de querer banir-vos para sempre da sua presença, vem ao vosso encontro para vos reconduzir ao redil. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário. Encaminhai os vossos passos para a morada paterna: o pai estende-vos os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso à família. /Lamennais

Guerras de palavras! Guerras de palavras! Ainda não chega o sangue que tendes feito correr? Será necessário tornar a acender as fogueiras? Discute--se o significado das palavras, as penas eternas, os castigos eternos. Ainda não sabeis que a vossa ideia de eternidade não é a mesma que tinham os antigos?

Que os teólogos consultem as fontes e, como todos vós, descobrirão que o texto hebraico não dava o mesmo significado às palavras que os gregos, os latinos e os modernos traduziram como "penas sem fim, irremissíveis".

A eternidade dos castigos corresponderia à eternidade do mal: enquanto existir o mal entre os seres humanos, também existirão os castigos. É no sentido relativo que importa interpretar os textos sagrados: a eternidade das penas é relativa e não absoluta.

No dia em que todos, pelo arrependimento, se revestirem com a capa da inocência, nesse dia não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. É certo que a razão humana é limitada, mas, sendo como é, representa um presente de Deus. Com a ajuda da razão não haverá uma só pessoa de boa fé que compreenda de outra maneira a eternidade dos castigos. A eternidade dos castigos, que absurdo! Se ela existisse seria necessário admitir a eternidade do mal.

Só Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno. Se fosse doutro modo, seria necessário privá-lo do mais belo dos seus atributos: o poder soberano, porque não seria soberanamente poderoso aquele que criasse um agente destruidor das suas próprias obras.

Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais o teu olhar sombrio nas profundezas da Terra, em busca de castigos! Chora, espera, expia e refugia-te no pensamento de um Deus intimamente bom, absolutamente poderoso e essencialmente justo. /Platão

Caminhar em direção à unidade divina, esse é o objetivo da Humanidade. Para lá chegar, três coisas são necessárias, a justiça, o amor e o conhecimento; e três coisas lhe são contrárias, a ignorância, o ódio e a injustiça. Em verdade vos digo, mentis a esses princípios fundamentais ao falsificar a ideia de Deus, exagerando a sua severidade.

Comprometeis duplamente essa ideia, fazendo entrar no Espírito da criatura que há nela mais clemência, mansidão, amor e verdadeira justiça do que atribuís ao ser infinito.

Destruís mesmo a ideia de inferno, tornando-o ridículo e inadmissível às vossas crenças, como o é para os vossos corações o horrendo espetáculo dos carrascos, das fogueiras e das torturas da Idade Média. Ora essa! Agora que a era das represálias cegas foi para sempre banida da legislação dos homens é que desejais mantê-la no ideal? Acreditai, caros irmãos em Deus e em Jesus, acreditai ou resignai-vos a deixar sucumbir nas vossas mãos todos os vossos dogmas, de preferência a permitir a sua alteração. Ou então fortalecei-os com o aroma propício que os bons Espíritos abrem neste momento. A ideia do inferno com fornalhas e caldeirões ardentes pode ser tolerada, isto é, perdoável, num século de ferro. Neste século XIX, porém, não passa de um fantasma oco que serve apenas para amedrontar crianças, no qual não vão acreditar quando forem grandes. Persistindo nessa mitologia apavorante engendrais a incredulidade, origem de toda a desorganização social. Tremo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre as próprias bases, por falta de sentido de justiça. Homens de fé ardente e viva, vanguarda do dia luminoso, mãos ao trabalho, pois! Não para sustentar velhas fábulas atualmente desacreditadas, mas para reavivar o verdadeiro sentido de justiça na forma correspondente aos vossos costumes, aos vossos sentimentos e às luzes da vossa época. Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um extravio, por um falso impulso da alma se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo e do bem, idealizados por Jesus. [68 - O nome de Jesus]

Qual é o castigo? É a consequência natural decorrente desse falso impulso, uma quantidade de dores necessárias para fazer com que o culpado se afaste da sua deformação pela prova do sofrimento. O castigo é a ferida que estimula a alma, pela amargura, a voltar-se para si mesma e regressar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo é só a reabilitação e a libertação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de ser. Em verdade vos digo, deixai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura. Seria

criar uma punição injustificável. Afirmai, pelo contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas mediante as sucessivas existências e consagrareis com a razão, unida ao sentimento, a unidade divina. /Paulo, apóstolo

− Deseja-se conduzir o ser humano ao bem e desviá-lo do mal, pela esperança das recompensas epelo temor dos castigos. Mas se esses castigos são apresentados de uma maneira em que a razão se recusa a aceitar, não terão nenhuma influência sobre ele. Longe disso, rejeitará tudo, a forma e o conteúdo. Se, pelo contrário, lhe for apresentado o futuro de uma forma lógica, não o recusará. O espiritismo dá-lhe essa explicação. A doutrina da eternidade das penas, no seu sentido absoluto, faz do ser supremo um Deus implacável. Não seria lógico dizer-se que um soberano é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que só deseja a felicidade dos que o rodeiam, mas que ao mesmo tempo é invejoso, vingativo, de um rigor inflexível. Pune, além disso, com o suplício máximo, três quartas partes dos seus súbditos, por uma ofensa ou uma infração ás suas leis, mesmo aqueles que falharam no cumprimento dessas leis por não as conhecerem. Seria certamente uma contradição, visto que Deus não pode ser menos bom do que o seria um ser humano. Outra contradição se apresenta neste caso. Visto que Deus tudo sabe, sabia então, ao criar uma alma, que ela iria errar, estando desde a sua formação destinada á infelicidade eterna. Seria isso possível ou racional? Com o conceito das penas relativas tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela teria de errar, mas dá-lhe os meios de se esclarecer pela sua própria experiência e pelos seus próprios erros. É necessário que ela os expie, para melhor se firmar no bem, mas a porta da esperança jamais lhe será fechada e Deus fez depender o momento da sua libertação, dos esforços que ela fizer para o atingir. Eis o que todos podem compreender, o que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas desta maneira, haveria muito menos céticos. A palavra "eterno" é quase sempre empregada, na linguagem vulgar, como imagem para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o fim, embora se saiba muito bem que esse fim existe. Dizemos, por exemplo, "as neves eternas" das altas montanhas ou dos polos, embora saibamos, por um lado, que o mundo físico pode ter um fim, e por outro, que o estado dessas regiões pode modificar-se pelo deslocamento normal do eixo da Terra ou por um cataclismo. A palavra "eterno", neste caso, não quer dizer perpétuo, até ao infinito. Quando sofremos uma longa doença dizemos que o nosso mal "é eterno". Não admira, pois, que os Espíritos que sofrem desde há muitos anos, desde há séculos e até mesmo de há milhares de anos, também digam assim. Não nos esqueçamos, sobretudo, de que a sua inferioridade não lhes permite ver o termo do caminho que têm de percorrer e eles creem que irão sofrer para sempre, o que é para eles uma punição. De resto, a teoria do fogo material, das fornalhas e das torturas que foram copiadas pelas do Tártaro do paganismo, está hoje completamente abandonada pela Teologia. Apenas nas escolas, esses apavorantes quadros alegóricos são ainda apresentados como verdades por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos. Este é um grande erro, porque as imaginações jovens, uma vez libertas do terror, poderão aumentar o número dos incrédulos. A Teologia reconhece hoje que a palavra fogo é empregada em sentido figurado, devendo ser entendida como fogo moral. (Ver pergunta 974)

Os que acompanharam, como nós, as peripécias da vida e dos sofrimentos de além-túmulo, através das comunicações espíritas, puderam convencer-se de que, por não terem nada de material, elas não são menos pungentes. A respeito da sua duração, alguns teólogos começam a admiti-las no sentido restrito que indicamos acima e pensam, de facto, que a palavra "eterno" pode referir-se às penas em si mesmas, como consequências de uma lei imutável e não na sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir esta interpretação, bem como outras que são igualmente a consequência do progresso das luzes, reconduzirá ao seu seio muitas ovelhas desgarradas.

VIII – Ressurreição da carne

1010. Dogma da “ressurreição da carne” é a consagração da reencar- nação ensinada pelos Espíritos?

Como poderia ser de outro modo ? Dá-se com essa expressão o que se dá com tantas outras, que só parecem desprovidas de razão aos olhos de certas pessoas, porque são tomadas à letra e por isso conduzem à incredulidade. Dai-lhe, porém, uma interpretação lógica e esses a que chamais livres-pensadores admiti-la-ão sem dificuldade, precisamente porque estão habituados a raciocinar. Esses livres-pensadores, de resto, só procuram crer. Têm, como outros, mais talvez do que outros, sede de futuro, mas não podem aceitar o que é rejeitado pela ciência. O princípio da pluralidade das existências está em conformidade com a justiça de Deus; somente ele pode explicar o que, sem ele, é inexplicável. Como quereríeis que esse princípio não estivesse na própria religião ?

[69 - A ressurreição da carne e o credo católico]

1010-a Então a Igreja, pelo dogma da “ressurreição da carne”, ensina ela própria o princípio da reencarnação?

Isso é evidente. Ess princípio é consequência de muitas coisas que passaram despercebidas e que não tardarão a compreender-se neste sentido. Dentro em pouco reconhecer-se-á que o espiritismo surge a cada passo do próprio texto das sagradas escrituras. Os Espíritos não vêm, portanto, derrubar a religião, como pretendem alguns, mas vêm, pelo contrário, confirmá-la, sancioná- la através de provas irrecusáveis. Como é chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, falam sem alegorias, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação. Eis porque, dentro de algum tempo, tereis mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que tendes hoje. /São Luís **[Nota: a este respeito aplica-se integralmente a Nota final 69]**

− A ciência demonstra a impossibilidade da “ressurreição” segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogéneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia a sua reunião em certa altura; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado por elementos diversos: oxigénio, hidrogénio, azoto, carbono, etc.. Pela decomposição, estes elementos dispersam-se, mas para servir à formação de novos corpos, de tal forma que a mesma molécula, por exemplo, de carbono, entrará na composição de muitos milhares de corpos diferentes (não falamos apenas nos corpos humanos, mas também nos dos animais). Dessa maneira, um indivíduo pode ter no seu corpo moléculas que pertenceram aos homens de tempos remotos. Essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos vossos alimentos, provêm talvez do corpo de um indivíduo conhecido e assim por diante. Sendo a matéria finita na sua quantidade e as suas transformações em número infinito, como poderia cada um desses corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? É verdadeiramente uma impossibilidade material.

Só pode, portanto, admitir-se racionalmente a ressurreição da carne, como uma imagem simbolizando o fenómeno da reencarnação.

Então nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência. É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só deve ocorrer no fim dos tempos, ao passo que, segundo o espiritismo, ocorre todos os dias. Nesse quadro do julgamento final há, entretanto, uma grande e bela figura que, sob o véu da alegoria, esconde uma dessas verdades imutáveis que os céticos aceitarão quando for reconduzida ao seu verdadeiro significado. Medite-se bem a respeito da teoria espírita sobre o futuro das almas, e sobre a sua sorte em seguimento das diferentes provas que elas devem prestar, e ver-se-á, que à exceção da simultaneidade, o julgamento que as condena ou que as

absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Assinalemos ainda que essa teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, ao passo que, segundo a doutrina do julgamento final, a Terra é considerada como o único mundo habitado.

[70 - Salto na numeração - **a pergunta 1011 não existe**]

1012 – Há algum lugar circunscrito no Universo destinado às penas e recompensas dos Espíritos, segundo os seus méritos?

Já respondemos a esta pergunta. As penas e as recompensas são inerentes ao grau de perfeição a que chegaram os Espíritos. Cada um encontra em si mesmo o princípio da sua própria felicidade ou infelicidade. Como os Espíritos estão por toda a parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado se destina mais a uns do que a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, são mais ou menos felizes ou infelizes, segundo o grau de evolução do mundo em que habitam.

1012-a. De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existem como são representados?

São apenas imagens simbólicas. Espíritos felizes e infelizes há-os por toda a parte. Entretanto, como já o dissemos também, os Espíritos da mesma ordem reúnem-se por simpatia. Quanto aos Espíritos perfeitos, podem reunir-se onde quiserem.

– A localização concreta do lugar das penas e das recompensas só existe imaginariamente. Provém da tendência de materializar e circunscrever as coisas cuja essência infinita não se pode compreender.

1013 – O que deve entender-se por purgatório?

Dores físicas e morais - é o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar as vossas faltas.

– O que o homem chama purgatório é uma figura literária pela qual se deve entender, não um lugar determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos, que estão em expiação até atingirem a purificação completa, que os elevará ao plano dos Espíritos felizes. Visto que a purificação se realiza depois de numerosas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014 – Como se explica que Espíritos, que pela sua linguagem revelam a sua superioridade, tenham respondido a pessoas bastante sérias, a respeito do inferno e do purgatório, de acordo com as ideias vulgarmente admitidas?

Usam uma linguagem que é compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando essas pessoas estão imbuídas de ideias preconcebidas, não querem chocar as suas convicções. Se um Espírito fosse dizer a um muçulmano, sem as devidas precauções, que Maomé não foi um profeta, seria muito mal recebido.

1014-a. Compreende-se isso de parte dos Espíritos que desejam instruir-nos. Mas como se explica que Espíritos interrogados sobre a sua situação, tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

Quando são ainda pouco evoluídos, ainda não completamente desmaterializados, conservam uma parte das suas ideias terrenas e traduzem as suas impressões pelos termos que lhes são familiares. Encontram-se num meio que não lhes permite sondar completamente o futuro. É por isso que, tantas vezes, os Espíritos libertos do seu corpo material há mais ou menos tempo, falam como se ainda

estivessem vivos na Terra. O termo "inferno" pode querer dizer uma vida de provas extremamente penosas, na incerteza de outra melhor. "Purgatório" pode significar também uma vida de provas, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando sofres dores muito aflitivas dizes que sofres como um "danado". São apenas palavras, sempre em sentido figurado.

1015 - O que deve entender-se por "alma penada"?

Um Espírito desencarnado, perturbado e sofredor, incerto do seu futuro, ao qual podeis proporcionar um alívio, que em certos casos ele solicita ao vir comunicar convosco. (Ver pergunta 664)

1016 - Em que sentido deve entender-se a palavra "céu"?

Não julgues que se trata de um lugar como os "Campos Elísios" dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão amontoados desordenadamente, sem outra preocupação que não seja a de beneficiar, durante toda a eternidade, de uma felicidade passiva. É o espaço universal: são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos fruem de todas as suas faculdades, sem as dificuldades da vida material nem as angústias inerentes à inferioridade.

1017 - Disseram alguns Espíritos habitar o quarto, o quinto céu, etc.; o que queriam dizer com isso?

Se lhes perguntais que céus habitam é porque tendes a ideia de muitos céus sobrepostos como os andares de uma casa. Neste caso, respondem de acordo com a vossa linguagem. Os termos que usam exprimem os diferentes graus de evolução espiritual e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se está infeliz, dirá que sim, porque para ele o inferno é sinónimo de sofrimento, mas sabe muito bem que não se trata de uma fornalha. Um pagão diria estar no Tártaro.

- Acontece o mesmo com outras expressões análogas, tais como a "cidade das flores", a "cidade dos eleitos", a primeira, segunda ou terceira esfera, etc, que são apenas alegorias usadas por certos Espíritos, seja como imagens, seja por ignorância da realidade das coisas e mesmo das mais simples noções científicas. Segundo a ideia restrita que outrora se fazia dos lugares de penas e de recompensas, e sobretudo de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do Universo, que o céu formava uma abóbada na qual havia uma região de estrelas, colocava-se o céu lá em cima e o inferno lá em baixo. Daí as expressões: "subir ao céu", "estar no mais alto dos céus", e "descer aos infernos".

Agora que a ciência demonstrou que a Terra é um pequeno mundo sem importância especial, entre tantos triliões de outros; que traçou também a história da sua formação; que descreveu a sua constituição; que provou que o espaço é infinito; que no Universo não há alto nem baixo, foi necessário desistir da ideia de que o céu está acima das nuvens e o inferno fica nas profundezas. Quanto ao purgatório, não lhe tinha sido reservado lugar. Estava reservado ao espiritismo dar sobre todas estas coisas a explicação mais racional, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a mais consoladora para a Humanidade. Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso. O purgatório, encontramo-lo na nossa encarnação, nas nossas vidas corporais ou físicas.

1018 - Em que sentido se devem entender as palavras de Jesus: "O meu reino não é deste mundo”?

Jesus, ao responder assim, falava em sentido figurado. Queria dizer que só reina nos corações puros e desinteressados. Está em todo o lado onde domina o amor do bem. Há muitos homens, porém, ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra, que não estão com ele.

1019 - O reino do bem poderá um dia ter o seu lugar na Terra?

O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons forem em maior número do que os maus. Então, farão reinar nela o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem chamará à Terra os bons Espíritos e afastará dela os maus que, no entanto, só a deixarão no dia em que o homem tenha banido do seu coração e da sua vontade o orgulho e o egoísmo. A transformação da Humanidade foi prevista e está chegado o momento tão esperado por aqueles que trabalham pelo progresso. Essa transformação irá cumprir-se pela encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma nova geração. Então, os Espíritos dos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentam retardar a marcha do progresso, serão excluídos, porque estarão deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbam. Irão para mundos novos, menos evoluídos, cumprir missões penosas nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio aperfeiçoamento, ao mesmo tempo que trabalharão para o aperfeiçoamento dos seus irmãos ainda mais atrasados. Não vedes na sua exclusão da Terra transformada a sublime figura do Paraíso Perdido? E no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo consigo o germe das suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original? Visto desta maneira, o pecado original faz parte da natureza ainda imperfeita do homem, que só é responsável por si mesmo e pelas suas próprias faltas, e não pelas dos seus pais. Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai com zelo e coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis, centuplicado, o grão que tiverdes semeado. Infelizes aqueles que fecham os olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e deceções. Infelizes os que colocam todas as suas alegrias nos bens do mundo, pois sofrerão mais privações do que os prazeres de que desfrutaram. Infelizes, sobretudo os egoístas, porque não encontrarão quem os ajude a carregar o fardo das suas misérias. /São Luís

(Ver também nota final n° 28 - O espiritismo rejeita o pecado original)

CONCLUSÃO

I

Aquele que só conheça do magnetismo terrestre o jogo dos patinhos com ímanes, que fazemos nadar na água de uma bacia, dificilmente compreenderá que esse brinquedo encerra o segredo do mecanismo do Universo e do movimento dos mundos. Acontece o mesmo a quem só conhece do espiritismo o movimento das mesas girantes do século XIX: não vê mais do que um divertimento antiquado, um passatempo das reuniões sociais, fora de moda. Não compreende que esse fenómeno, tão simples e tão vulgar, conhecido de há muito e até mesmo pelos povos semisselvagens, possa estar relacionado com os mais graves problemas de ordem social. Para o observador superficial, que relação pode ter uma mesa que gira sem ninguém lhe mexer com a moral e o futuro da Humanidade? Lembremos que, do simples fenómeno que faz erguer a tampa de uma panela com água a ferver, conhecido desde a Antiguidade, derivaram as possantes máquinas a vapor, com as quais, nos dias de hoje, se conquista o espaço e se reduzem distâncias. Vós, que não acreditais em nada fora do mundo material, sabei que dessa mesa que gira e provoca o vosso sorriso de desdém, saiu toda uma ciência, com a solução de problemas que nenhuma filosofia tinha podido resolver. Apelo a todos os adversários de boa-fé e peço-lhes que falem, se tiverem o trabalho de estudar o que criticam. Porque, em boa lógica, a crítica só tem valor quando o crítico conhece o assunto. Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se observou conscienciosamente, não é criticar, mas dar prova de leviandade e de fraca capacidade de julgamento. Seguramente, se tivéssemos apresentado esta filosofia como sendo uma obra do cérebro humano, ela teria encontrado menos desdém e teria merecido as honras de um exame dos que pretendem dirigir a opinião. Mas ela vem dos Espíritos, que grande absurdo! Não merece sequer uma olhadela. Julgam-na pelo título, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca. Esqueçam a origem deste livro. Suponham que foi escrito por um homem e perguntem no vosso íntimo e em boa consciência, depois de o ler seriamente, se há nele matéria para brincadeiras.

II

O espiritismo é o mais perigoso antagonista do materialismo. Não é de admirar, pois, que tenha os materialistas por adversários. Mas como o materialismo é uma ideologia que mal se ousa confessar (prova de que os seus adeptos estão pouco convictos e são dominados pela sua consciência) escondem-se debaixo do manto da razão e da ciência e, coisa bizarra, os mais céticos falam mesmo em nome da religião, que não conhecem e não compreendem melhor do que compreendem o espiritismo. Tomam por alvo sobretudo o maravilhoso e o sobrenatural, que não aceitam. Segundo dizem, sendo o espiritismo baseado no maravilhoso, só pode ser uma suposição ridícula. Não veem que, condenando o maravilhoso e o sobrenatural, fazem o mesmo com a religião. Com efeito, a religião baseia-se na revelação e nos milagres. O que é a revelação, senão as comunicações extra-humanas? Todos os autores sagrados, desde Moisés, falaram dessas espécies de comunicações. O que são os milagres senão factos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, uma vez que são, no sentido litúrgico, derrogações das leis da natureza? Por isso, rejeitando o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases da religião. Mas não é sob esse aspeto que devemos encarar o assunto. O espiritismo não tem de examinar se há ou não há milagres, quer dizer, se Deus pode ter posto de parte, em certos casos, as leis eternas que regem o Universo. Deixa, a esse respeito, toda a liberdade de crença. O espiritismo diz, e prova, que os fenómenos sobre os quais se apoia só têm de sobrenatural a aparência. Esses fenómenos não são o que julgam certas pessoas, apenas pelo facto de serem insólitos e de se situarem fora dos factos

conhecidos. Mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenómenos de que a ciência nos dá hoje a solução, e que, em outras épocas, pareciam maravilhosos. Todos os fenómenos espíritas, sem exceção, são consequências de leis gerais. Revelam-nos uma das forças da natureza, força desconhecida, melhor, incompreendida até hoje, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. O espiritismo, portanto, baseia-se menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião. Os que o atacam neste sentido não o conhecem. Mesmo que fossem os maiores sábios lhes diríamos: se a vossa ciência, que vos ensinou tantas coisas, não vos revelou que o domínio da natureza é infinito, sois apenas meio-sábios.

III

Dissestes querer livrar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Gostaríeis que fosse tomado, em vez disso, pela incredulidade que procurais propagar? Não é à falta de crença que temos de dar culpas pela deterioração dos laços de família e pela maioria das perturbações que minam a sociedade? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o espiritismo reforça a fé no futuro, levanta a coragem perdida, ajuda a suportar com resignação as dificuldades da vida. Ousareis dizer mal de tudo isso? Há duas opiniões em presença: uma que nega o futuro, outra que o afirma decididamente e que dá provas dele; uma que nada explica, outra que explica tudo o que há para explicar, e que, por isso mesmo, se dirige à razão. Uma facilita o egoísmo, a outra constrói a base da justiça, da caridade e do amor ao próximo. A primeira só mostra o presente e aniquila toda a esperança, a segunda consola e mostra o vasto horizonte do futuro. Qual das duas é a mais positiva? Certas pessoas, e das mais céticas, fazem-se apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas a fraternidade supõe o desinteresse, a abnegação da personalidade. Com uma sociedade em que reine a verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia. Com que direito imporeis um sacrifício àquele a quem dizeis que, depois de morto, tudo para ele terá acabado, e que em breve não será mais do que uma máquina estropiada e pronta para ser atirada para a valeta? Que motivos terá essa pessoa, para se sujeitar ao mínimo sacrifício? O mais natural é que, nos breves dias que lhe restam, procure viver o melhor possível, donde o desejo de possuir muito para melhor fruir da vida. Desse desejo nascerá a inveja contra aqueles que têm mais do que ele. Dessa inveja à vontade de lhes tirar o mais que puder do que têm, vai um passo. Quais os princípios que vão impedi-lo de o fazer? Será a lei? Mas a lei não abrange todos os casos. Direis que é a consciência, o sentimento do dever. Mas em que se baseia o sentimento do dever? Esse sentimento terá razão de ser para quem acreditar que com o fim da vida, tudo acaba? Com tal crença, apenas um princípio é racional: cada um por si. As ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e mesmo de progresso são apenas palavras vãs. Vós, que proclamais semelhantes teorias, não sabeis o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade! Porque falo aqui de responsabilidade? Para o cético ela não existe, pois só presta homenagem à matéria.

[71 - **Os céticos ou incrédulos são nossos irmãos**]

IV

O progresso da Humanidade resulta da aplicação prática da "lei da justiça, de amor e de caridade", e essa lei baseia-se na certeza do futuro. Retire-se essa certeza e o progresso da Humanidade fica sem o seu fundamental ponto de apoio. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade humana. Só ela pode curar as chagas da sociedade, e só o homem pode julgar, pela comparação das épocas e dos povos, o quanto a sua condição melhora à medida que esta lei é melhor compreendida e melhor praticada. Se uma aplicação parcial e incompleta desta lei produz um

benefício real, o que será quando ela for a base de todas as instituições sociais! Será isso possível? Sim, porque se já avançou dez passos, pode avançar vinte e assim por diante. Pode, portanto, avaliar-se o futuro comparando-o com o passado. Já estamos a ver dissiparem-se, pouco a pouco, as antipatias entre os povos; as barreiras que os separam caem com a civilização; dão-se as mãos de um extremo ao outro do mundo; maior justiça preside às leis internacionais; as guerras tornam-se cada vez mais raras e já não excluem os sentimentos de humanidade; a uniformidade estabelece-se nas relações; as distinções de raças e de castas desaparecem e os homens de crenças diferentes fazem calar os preconceitos sectários para se unirem na adoração de um único Deus. Falamos dos povos que se encontram à frente da civilização. (Ver perguntas 789 e 793)

Sob todos os aspetos estamos ainda longe da perfeição e há ainda um bom número de velhas ruínas a abater, até que tenham desaparecido os derradeiros vestígios da barbárie. Poderão essas ruínas, contudo, opor-se ao impulso irresistível do progresso, contra essa força viva que é, em si mesma, uma lei da natureza? Se a geração presente é mais avançada do que a geração que passou, porque não será aquela que virá depois de nós bem mais avançada do que a nossa? Isso sucederá pela força das coisas. Primeiro, porque com as gerações extinguem-se todos os dias alguns defensores de velhos abusos; é por isso que a sociedade é reconstruída, pouco a pouco, por elementos novos que se foram despojando dos velhos preconceitos. Em segundo lugar, porque o ser humano, desejoso de progresso, estuda bem os obstáculos e empenha-se em derrubá-los. Visto que o movimento progressivo é incontestável, o progresso futuro não está em dúvida. O ser humano quer ser feliz, é natural. De resto, só procura o progresso para aumentar a felicidade, que é o seu objetivo principal. Sem isso o progresso não teria objetivo. Onde estaria o progresso para ele, se não fosse para melhorar a sua situação? Quando tiver a soma de vantagens que pode dar o progresso intelectual, perceberá que não está completa a sua felicidade. Reconhecerá que ela é impossível sem a segurança das relações sociais e essa segurança só a pode encontrar no progresso moral. Pela força das coisas, portanto, impulsionará o progresso por essa via e será o espiritismo que lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para atingir tal objetivo.

V

Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam dessa maneira o seu poder, porque uma ideia sem fundamento e destituída de lógica não poderia tornar-se universal. Se o espiritismo se implanta por toda a parte, se recruta adeptos sobretudo nas classes esclarecidas, como todos o reconhecem, é porque tem um fundo de verdade. Contra esta tendência serão inúteis todos os esforços dos seus críticos, e o que prova isso é que o próprio ridículo de que procuraram cobri-lo, longe de deter o seu impulso, parece tê-lo revitalizado. Esse resultado justifica plenamente o que muitas vezes os Espíritos têm dito: Não vos inquieteis com a oposição. Tudo o que fizerem contra vós resultará a vosso favor e os vossos maiores adversários servirão a vossa causa mesmo sem querer. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá levar a melhor.

Com o espiritismo, a Humanidade deve entrar numa fase nova, a do progresso moral, que é a sua consequência inevitável. Deixem de admirar-se da rapidez com que se propagam as ideias espíritas. A causa disso está na satisfação que elas proporcionam a todos os que as aprofundam e que nelas veem algo mais do que um fútil passatempo. Como todos desejam ser felizes acima de tudo, não é de admirar que se interessem por uma ideia que traz a felicidade. O seu desenvolvimento apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenómenos produzidos; o segundo, o do raciocínio e da filosofia; o terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade já passou. A curiosidade passa depressa e, uma vez satisfeita, muda de objetivo. O mesmo,

porém, não acontece com o que se refere ao pensamento sério e ao raciocínio. O segundo período já começou e o terceiro segui-lo-á inevitavelmente. O espiritismo progrediu sobretudo depois de melhor compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque toca nas fibras mais sensíveis do ser humano: as da sua felicidade, mesmo neste mundo. Nisso está a causa da sua propagação, o segredo da força que o faz triunfar. Enquanto a sua influência não se estende sobre as massas, torna felizes os que o compreendem. Mesmo aquele que não tenha testemunhado fenómenos materiais de manifestações, dirá: além dos fenómenos há uma filosofia, e essa filosofia explica-me o que NENHUMA outra me tinha explicado. Encontro nela, pelo simples raciocínio, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro. Proporciona-me a calma, a segurança, a confiança, livra-me do tormento da incerteza. Por comparação com isso, a questão dos factos materiais torna-se secundária. Vós todos, que o atacais, quereis um meio de o combater com sucesso? É o seguinte: encontrai alguma coisa melhor, uma solução MAIS FILOSÓFICA para todas as questões que ele resolve. Dai ao ser humano OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendei bem o alcance da palavra "certeza", porque ele só aceita como certo o que lhe parece lógico. Não vos contenteis em dizer que as coisas não são assim, seria demasiado fácil. Provai, não por uma negação, mas através de factos, que isso não é, nunca foi, nem PODE ser. Se isso assim não é, dizei então o que deveria ser. Provai, por fim, que as consequências do espiritismo não tornaram os homens melhores e, portanto, mais felizes, pela prática da mais pura moral evangélica, moral que muito se louva, mas pouco se pratica. Quando tiverdes feito isso, tereis o direito de o atacar. O espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras. Também porque mostra essas penas e recompensas como consequências naturais da vida terrena e que, no quadro que oferece do futuro, nada pode ser reprovado pela razão mais exigente. Vós, cuja opinião consiste inteiramente na negação do futuro, que compensação ofereceis para os sofrimentos deste mundo? Apoiais-vos na incredulidade, o espiritismo apoia-se na confiança em Deus. Enquanto o espiritismo convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vós ofereceis-lhes o NADA como perspetiva e o EGOÍSMO como consolação. Ele explica tudo, vós nada explicais. Ele prova pelos factos e vós nada provais. Como quereis que o ser humano hesite entre essas duas opiniões?

VI

Seria fazer uma ideia completamente falsa do espiritismo acreditar que a sua força decorre da prática das manifestações materiais e que, portanto, entravando essas manifestações podem minar-se-lhe as bases. A sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. Na Antiguidade era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente ocultos ao vulgo. Hoje, não tem segredos para ninguém: fala uma linguagem clara, sem ambiguidades; nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. O espiritismo quer ser compreendido por todos porque já é tempo de dar a conhecer a verdade aos homens. Longe de se opor à difusão da luz, deseja-a por todo o mundo; o espiritismo não reclama uma crença cega, quer que se saiba porque se acredita nele. Como se apoia na razão, será sempre mais forte do que as teorias que se apoiam no vazio. Os entraves que fossem postos à liberdade das manifestações poderiam abafá-las? Não, porque produziriam o efeito de todas as perseguições, o de estimular a curiosidade e o desejo de conhecer aquilo que foi proibido. Por outro lado, se as manifestações espíritas fossem o privilégio de uma só pessoa, ninguém duvidaria que, pondo-a de lado, as manifestações acabariam. Infelizmente para o adversário, estão ao alcance de todos e são utilizadas por todos, desde o menor ao maior, desde o palácio à casa mais modesta. Pode proibir-se o seu exercício público, mas sabe-se precisamente que não é em público que elas se produzem melhor, mas sim na intimidade. Como qualquer pessoa pode ser médium, ninguém pode impedir uma família

no seu lar, um indivíduo no silêncio do seu gabinete, o prisioneiro na sua cela, de terem comunicações com os Espíritos, em segredo ou mesmo na presença dos carcereiros. Se as proibissem num país, não poderiam ser impedidas nos países vizinhos ou no mundo inteiro. Não há uma só região em qualquer parte da Terra em que não haja médiuns. Para encarcerar todos os médiuns seria necessário encarcerar metade do género humano. Conseguindo-se, o que não seria mais fácil, queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte estariam reproduzidos, porque a mente é inatingível e porque não se poderiam jamais encarcerar nem queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores.

O espiritismo não é obra de uma só pessoa. Ninguém pode dizer-se seu autor porque é tão antigo como a criação. Encontra-se por toda a parte, em todas as religiões e mais ainda na religião católica, com mais autoridade do que em todas as outras, porque nela se encontram os princípios de tudo: os Espíritos de todos os graus, as suas relações ocultas ou abertas com as pessoas, os anjos guardiões, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo o género, as aparições, e mesmo as aparições tangíveis. No que respeita aos demónios, são apenas Espíritos imperfeitos. Excetuando a ideia de que os demónios se dedicam perpetuamente ao mal, e que aos Espíritos imperfeitos não está vedada a evolução espiritual, são exatamente a mesma coisa, apenas com nomes diferentes.

O que faz a moderna ciência espírita? Reúne num todo o que estava disperso, explica em termos próprios o que só se conhecia em linguagem alegórica; põe de lado tudo o que a superstição e a ignorância tinham criado, para deixar somente o que é real e positivo. Esse é o seu papel. O papel de fundadora, porém, não lhe pertence: mostra o que existe e organiza, mas nada cria, porque as suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares. Quem é que ousaria, portanto, julgar-se suficientemente forte para sufocá-la com sarcasmos, ou mesmo com perseguições? Se a proibissem num lugar, renasceria noutros, nas mesmas condições em que foi banida, porque está na própria natureza, e não é possível aos homens aniquilar uma força da natureza nem opor o seu veto aos decretos de Deus.

De resto, que interesse haveria em se entravar a propaganda das ideias espíritas? Essas ideias, é verdade, levantam-se contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Mas esses abusos, de que alguns se aproveitam, prejudicam as massas. O espiritismo terá, portanto, as massas a seu favor e só terá por adversários sérios os interessados na manutenção desses abusos. Sob a sua influência, pelo contrário, essas ideias tornarão os homens melhores uns para com os outros, menos ávidos de interesses materiais e mais resignados ante os decretos da Providência, fazendo-se, portanto, uma garantia de ordem e tranquilidade.

VII

O espiritismo apresenta-se sob três aspetos diferentes:

O das manifestações; o dos princípios de filosofia e de moral que delas derivam; o da aplicação desses princípios.

Daí as três classes, ou antes, os três graus de adeptos:

Os que acreditam nas manifestações e se limitam a verificá-las: para eles é uma ciência de experimentação; os que compreendem as suas consequências morais; os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se encarem estes fenómenos estranhos, todos compreendem que é toda uma nova ordem de ideias que surge, cujas consequências não podem deixar de ser uma profunda modificação no estado da Humanidade, compreendendo

também que essa modificação só pode verificar-se no sentido do bem. Quanto aos adversários, também podemos classificá-los em três categorias:

Primeira: os que negam sistematicamente tudo o que é novo ou não procede da sua própria mente, e que dele falam sem conhecimento de causa. A esta classe pertencem todos os que nada admitem fora do testemunho dos sentidos. Nada viram, nada querem ver e menos ainda aprofundar; ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas de maneira muito clara, com medo de serem forçados a reconhecer que não têm razão. Para estes, o espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia, não existe: são os hermeticamente incrédulos. A seu lado podem colocar-se os que nem olharam de relance, para descargo de consciência, a fim de poderem dizer: quis ver e nada vi. Não compreendem que possa ser necessário mais de meia hora para se darem conta de toda uma ciência.

Segunda: os que, sabendo muito bem o que devem pensar da realidade dos factos, combatem-nos por motivos de interesse pessoal. Para eles o espiritismo existe, mas temem as suas consequências e atacam-no como inimigo.

Terceira: os que encontram na moral espírita uma censura demasiado severa para os seus atos ou para as suas tendências. O espiritismo, levado a sério, incomodá-los-ia. Não o rejeitam nem o aprovam, preferem fechar-lhe os olhos.

Os primeiros são levados pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros pelo egoísmo. Compreende-se que essas causas de oposição, nada tendo de sólidas, devem desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, ou seja, aquela que se apoiasse em causas contrárias evidentes, demonstrando um estudo consciencioso e laborioso do problema. Limitam-se à negação e nenhum apresenta uma demonstração séria e irrefutável. Seria esperar demasiado da natureza humana acreditar que ela pudesse transformar-se subitamente pelas ideias espíritas. A ação dessas ideias não é certamente a mesma nem do mesmo grau em todos os que as professam; mas qualquer que seja o seu resultado, mesmo fraco, representa sempre uma melhoria, mesmo que seja apenas a de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das ideias materialistas. Isto deriva da simples observação dos factos. Entre os que compreendem o espiritismo filosófico, e nele veem alguma coisa mais do que os fenómenos mais ou menos curiosos, os efeitos são outros: o primeiro, e o mais geral, é o de desenvolver o sentimento religioso até mesmo naquele que, sem ser materialista, é apenas indiferente às coisas espirituais. Disto resulta o desprezo da morte. Não se trata do desejo da morte, longe disso, porque o espírita defenderá a sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que lhe faz aceitar, sem queixume nem lamento, uma morte inevitável, como uma coisa mais feliz do que temível, pela certeza do estado que se lhe segue. O segundo efeito, quase tão geral como o primeiro, é o da resignação em face das dificuldades da vida. O espiritismo faz ver as coisas de tão alto que a vida terrena perde três quartas partes da sua importância, e o ser humano deixa de se perturbar tanto com as dificuldades que a acompanham; passa a ter mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos e daí também o afastamento do pensamento de abreviar a vida, porque a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, perde-se sempre o que se pretendia ganhar. Na certeza de um futuro que depende de nós tornar feliz, a possibilidade de estabelecer relações com os nossos entes queridos desaparecidos, proporciona ao espírita uma suprema consolação: o seu horizonte amplia-se até ao infinito pela visão contínua da vida após a morte, cujas misteriosas profundezas pode pesquisar. O terceiro efeito é o de estimular a tolerância perante os defeitos alheios. É, contudo, necessário dizer que o princípio do egoísmo e tudo o que dele deriva são o que há de mais persistente nas pessoas e, por conseguinte, mais difícil de desenraizar. Fazemos sacrifícios voluntários, contanto que nada custem e sobretudo que não nos privem de nada. O dinheiro exerce ainda sobre a maioria dos seres humanos uma atração irresistível, e raros compreendem a

palavra “supérfluo” quando se trata de si mesmos. Também o desapego do interesse pessoal é o sinal do mais eminente progresso.

VIII

Algumas pessoas perguntam se os Espíritos ensinam uma nova moral, qualquer coisa de superior ao que Jesus ensinou. Se essa moral é a do Evangelho, para que serve o espiritismo? Esse raciocínio parece-se, estranhamente, com o do califa Omar falando da Biblioteca de Alexandria: "Se a Biblioteca não contém mais do que existe no Alcorão, é inútil e, portanto, deve ser incendiada. Se contem coisas diferentes das que estão no Alcorão, muito mais razões há para incendiá-la". Não, o espiritismo não encerra uma moral diferente da de Jesus. Perguntaremos nós, pela nossa parte, se antes de Jesus os homens não dispunham da lei de Deus revelada a Moisés? A sua doutrina não se encontra no Decálogo? Será por isso legítimo dizer que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos também, aos que negam a utilidade da moral espírita, porque será que a moral de Jesus é tão pouco praticada, e porque será que mesmo aqueles que proclamam a sua perfeição são os primeiros a violar a primeira das suas leis: a da caridade universal. Os Espíritos vêm confirmá-la, mostrar-nos também a sua utilidade prática e tornam compreensíveis e evidentes as verdades que tinham sido ensinadas sob a forma alegórica. Além da nova moral, os Espíritos vêm definir-nos também os mais abstratos problemas da Psicologia. Jesus veio mostrar aos homens o verdadeiro caminho do bem. Porque é que Deus, que o enviou para relembrar a sua lei esquecida, não enviaria atualmente os Espíritos para relembrá-la de novo e de modo mais esclarecido, agora que os homens a esquecem para tudo sacrificarem ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria opor limites ao poder de Deus e determinar os seus caminhos? Quem dirá que os tempos não são chegados, como afirmam os Espíritos, e que não iremos alcançar aqueles em que as verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devem ser abertamente reveladas ao género humano para acelerar a sua evolução? Não haverá qualquer coisa de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo? Não é apenas um homem, um profeta que nos vem avisar; a luz aparece por todo o lado, é todo um mundo novo que se desenrola perante os nossos olhos. Do mesmo modo que a invenção do microscópio descobriu o mundo do infinitamente pequeno, do qual nem sequer suspeitávamos, e como o telescópio descobriu milhares de mundos de que também não suspeitávamos, as comunicações espíritas revelam-nos o mundo invisível que nos rodeia, cujos habitantes nos acotovelam a todo o momento, participando sem que o saibamos em tudo o que fazemos. Dentro de algum tempo, a existência desse outro mundo, aquele que nos espera depois da morte, será tão incontestável e evidente como a do mundo microscópico e o dos astros perdidos no espaço. Não terá valido a pena terem-nos revelado como é de facto o outro mundo? Não terá valido a pena terem-nos iniciado nos segredos da vida depois da morte? É verdade que essas descobertas, se assim as podemos chamar, contrariam de algum modo certas ideias estabelecidas. Mas todas as grandes descobertas científicas modificaram e até derrubaram ideias até então tidas como imutáveis, o que fatalmente obrigou o amor próprio de certos sábios a curvar-se perante as evidências. O mesmo acontecerá com o espiritismo e dentro em pouco ele terá direitos de cidadania entre os conhecimentos humanos. As comunicações espíritas com os que habitam o mundo de além da morte tiveram por resultado fazer-nos compreender a vida futura, ter-nos permitido vê-la, ensinar-nos os princípios das penas e das recompensas que nos esperam, segundo os nossos méritos e, por isso mesmo, conduzir ao espiritualismo aqueles que não admitiam em nós mais do que uma máquina orgânica. Assim, tivemos razão de dizer que o espiritismo matou o materialismo, pela apresentação dos factos. Tivesse o espiritismo feito apenas isso e a ordem social já teria de lhe ficar muito agradecida. Mas ele faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, por conseguinte, a necessidade do bem. O número dos que ele

conduziu a sentimentos melhores, neutralizando as suas tendências más e desviando-os do mal, é maior do que se pensa e aumenta todos os dias. Para esses, o futuro deixou de ser uma esperança vaga: é uma verdade que se compreende, que pode ser explicada, especialmente quando se veem e se ouvem aqueles que nos deixaram, lamentando-se ou felicitando-se pelo que fizeram durante a sua vida na Terra. Quem quer que seja testemunha de factos desses é levado a pensar e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar a si mesmo e de se emendar.

IX

Os adversários do espiritismo não se esqueceram de utilizar contra ele algumas divergências de opinião sobre certos pontos. Não é de admirar que no começo de uma ciência, quando as observações ainda estão incompletas e cada um as encara sob o seu ponto de vista, tenham podido aparecer teorias contraditórias. Três quartas partes dessas teorias, contudo, estão já esclarecidas por estudos mais aprofundados, a começar por aquela que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar bons Espíritos aos homens. Ideia absurda porque é desmentida pelos factos, ímpia porque é a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre nos aconselharam a não nos inquietarmos com essas divergências, pois que a unidade se faria: ora, a unidade já se fez sobre a maioria das questões e as divergências tendem a apagar-se. A esta pergunta: "Esperando que a unidade se faça, em que pode basear-se o homem imparcial e desinteressado para formular um juízo?" Eis a resposta que nos deram:

"Nenhuma nuvem pode obscurecer a luz mais pura, o diamante sem defeitos é o que tem mais valor. Julgai, pois, os Espíritos pela pureza dos seus ensinamentos. Não esqueçais que, entre os Espíritos, há muitos que ainda não se libertaram das ideias levadas do mundo material. Aprendei a conhecê-los pela sua linguagem. Julgai-os pelo conjunto do que vos dizem. Vede se há encadeamento lógico entre as ideias, se há coisas que revelam ignorância, orgulho ou maldade. Vede, numa palavra, se as suas palavras trazem a marca da sabedoria que revela a verdadeira superioridade. Se o vosso mundo estivesse fechado ao erro, seria perfeito. Mas está longe disso. Estais ainda a aprender a distinguir a mentira da verdade. Falta-vos a experiência para poder julgar e para vos permitir avançar. A unidade far-se-á onde o bem nunca se associou com o mal; é aí que os homens se unirão pela força das coisas, pois reconhecerão que é aí que se encontra a verdade. Que importam, aliás, algumas dissidências que são mais na forma do que no fundo? Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda a parte e devem unir-vos num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Sejam quais forem as formas de evoluir que se imaginem, ou as condições normais da vida futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem. Esse modelo não tem alternativa!'

Se entre os adeptos do espiritismo há os que divergem de opinião sobre alguns aspetos da teoria, todos, entretanto, estão de acordo sobre os pontos

fundamentais. Há, pois, unidade, a não ser da parte dos que, em número muito pequeno, ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações, atribuindo-as a causas puramente físicas - o que contraria o axioma de que "todo o efeito inteligente tem uma causa inteligente" - ou atribuindo-as ao reflexo do nosso próprio pensamento, o que é desmentido pelos factos. Os outros pontos são apenas secundários e não ferem em nada as bases fundamentais. Pode haver escolas que procuram esclarecer-se sobre aspetos ainda duvidosos da ciência, mas não devem formar-se seitas rivais opostas entre si. O único antagonismo possível seria entre os que querem o bem e os que quisessem ou desejassem o mal. Não há espírita sincero e imbuído dos princípios morais ensinados pelos Espíritos que possa querer o mal, ou desejar o mal ao próximo, sem divergência de opinião. Se uma dessas escolas estiver enganada, mais cedo ou mais tarde resolverá as suas dúvidas, se investigar de boa fé e sem

preconceitos. Na expetativa, todas estão ligadas pelo mesmo interesse e têm a mesma finalidade: pouco importa o itinerário que sigam, se lá chegarem. Nenhuma deve impor-se pelo constrangimento material ou moral e será falta grave maldizer outros, o que seria evidentemente agir sob a influência dos maus Espíritos. O exercício da razão deve ser o único argumento, e a moderação será mais favorável ao triunfo da verdade que as diatribes envenenadas pela inveja e pelo ciúme.

Os bons Espíritos só pregam a união e o amor ao próximo e nunca um pensamento mal intencionado ou contrário à caridade pode surgir de uma fonte pura. Ouçamos, sobre este assunto, para terminar, os conselhos do Espírito Santo Agostinho:

"Durante muito tempo os homens dilaceraram-se entre si e amaldiçoaram- se em nome de um Deus de paz e de misericórdia, deixando-o triste e ofendido com um tal sacrilégio. O espiritismo uni-los-á um dia mostrando-lhes onde está a verdade e onde está o erro. Mas, ainda por muito tempo haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram Jesus. Quereis, pois, saber sob influência de que Espíritos estão as diversas seitas que repartem o mundo entre siiJulgai- -as pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassínio e a violência; nunca alimentaram o ódio dos partidos nem a sede de riquezas e honrarias, nem a avidez dos bens terrenos.

Somente os bons, humanos e benevolentes para toda a gente são os seus preferidos, como são também os preferidos de Jesus, porque seguem o caminho indicado para levar a Deus.' /Santo Agostinho

FIM

NOTAS FINAIS

[1 - O espiritismo é uma religião?] - in Prefácio dos tradutores, Carácter da obra e suas qualidades essenciais.

Este é um assunto que tem tido interpretações diferentes no meio espírita. No livro O que é o Espiritismo? Kardec diz-nos: "O espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma filosofia. Como ciência prática, trata das relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, esclarece as consequências morais derivadas dessas relações".

Numa definição de espiritismo tão clara como esta, Allan Kardec não mencionou o termo “religião”. Talvez prevendo que esse problema pudesse colocar-se no futuro, explicou muito bem o seu ponto de vista no discurso que fez na Sociedade de Paris no dia 1 de novembro de 1868, publicado na Revista Espírita do mês seguinte com o título: “O espiritismo é uma religião”? Todo o artigo é bastante importante e merece uma leitura integral. Porque é muito longo, vamos aqui ver só alguns excertos.

Kardec utiliza como ponto central do seu discurso a importância daquilo a que chamou “a comunhão de pensamentos.” Falou do poder da união de pensamentos capaz de gerar reações extraordinárias de efeitos morais e físicos.

Revista Espírita de dezembro de 1868 (excertos):

“...Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria afasta-se deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo o seu dever consistir na realização da forma, julga-se livre de dívidas para com Deus e para com os homens, já que praticou uma fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de fraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado no meio da multidão e só pensa no céu para si mesmo.

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: “Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas.” Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios. Ora, qual é o princípio fundamental da mensagem de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e ações...”

“...Se é assim, perguntarão: então o espiritismo é uma religião? Sem dúvida! No sentido filosófico, o espiritismo é uma religião, e vangloriamo-nos por isso, porque funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que motivo, então, temos declarado que o espiritismo não é uma religião? Por não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o espiritismo não tem.

Se o espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimónias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a nossa opinião se levantou.

Não tendo o espiritismo nenhuma das características de uma religião, na aceção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria enganado. Eis por que motivo simplesmente se diz: pensamento filosófico e moral.

As reuniões espíritas podem ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupam; pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que, por isso, sejam tomadas por assembleias religiosas.

Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão não provém senão da falta de uma palavra para cada ideia ...”

CONCLUSÃO:

Lidos atentamente estes excertos da Revista Espírita, ficamos com ideias suficientemente esclarecidas para não confundirmos o espiritismo com as organizações histórico-culturais dogmáticas, com fortíssimas ligações aos poderes político-estratégicos, que têm assumido o papel das:

“...castas sacerdotais com seu cortejo de hierarquias, cerimónias e privilégios”; (...) e das “.ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a nossa opinião se levantou.”

HUMBERTO MARIOTTI (1905 - 1982) grande intelectual que foi por duas vezes presidente da Confederação Espírita Argentina, no fim dos anos 30 e durante os anos 60 do século XX, elaborou no prólogo escrito para a obra El Sermón de la Montana, uma síntese especialmente feliz que nos ajuda a acomodar uma cultura científico-filosófica de índole positiva e racionalista, com a espiritualizada atitude íntima de tantos dos adeptos espíritas:

“...O espiritismo, nos estudos universais que realiza, dedica à inteligência a ciência, ao pensamento a filosofia e ao sentimento a religião...”

Esta distribuição dos diferentes horizontes que o espiritismo contempla, pelas diversas formas do potencial humano, permite-nos acomodar a análise da fenomenologia mediúnica com o pensamento racional e com a subjetividade íntima. Os factos devem ser considerados como factos, as ideias ordenadas como ideias, restando livres os sentimentos para vibrar do modo que mais convier à pessoa. Isso só pode suceder num plano totalmente livre dos constrangimentos do dogma, do pensamento fechado, da repressão íntima e da intolerância coletiva.

Os adeptos e estudiosos do espiritismo são tão fortemente sensíveis à ideia de Deus como ao uso da razão crítica; são tão assíduos praticantes e beneficiários da prece, como estão disponíveis para entender a complexidade do mundo e a memória da Humanidade e as suas contradições.

O desenvolvimento das relações sociais e as contingências do trabalho e da vida não os incapacitam de se sentirem perto dos seus queridos ausentes, íntimos confidentes e agentes invisíveis da espiritualidade envolvente.

Porque é sempre possível analisar racionalmente factos concretos, ao mesmo tempo que se organizam ideias produtivas e harmoniosas enquanto se eleva o pensamento a Deus com um sorriso, uma lágrima ou uma prece.

[2- Henry Sausse - o primeiro biógrafo de Allan Kardec] in Prefácio dos tradutores, Hipólito Leão Denisard Rivail, organizador das mensagens dos Espíritos.

Henry Sausse nasceu e viveu em Lyon, de 1851 a 1928. Tinha 18 anos quando Allan Kardec desencarnou em Paris, onde vivia há mais de 40 anos. Descobriu que era médium, aos 16 anos e, em

1869, dedicou-se com entusiasmo ao estudo das obras de A.K., filiando-se no "Groupe Finet" de Lyon, que, em 1873, sob a acusação de anarquia, foi proibido pelo prefeito da cidade.

As sessões mediúnicas continuaram a realizar-se na sua casa, mas as mensagens recebidas eram destruídas logo após os encontros, para não deixar vestígios. Com amigos, criou o "Groupe Amitié" e, posteriormente, a "Fédération Spirite Lyonnaise" da qual foi Secretário-Geral de 1883 a 1923, tendo dedicado o resto da sua vida à investigação espírita.

No 27° aniversário do falecimento de A.K. fez uma breve nota biográfica sem pensar, sequer, em publicá-la. Mas as pessoas presentes receberam-na com entusiasmo, quiseram editá-la e depressa se esgotou. Foi então que decidiu fazer uma nova edição, mais completa.

Essa biografia, que é conhecida e foi publicada mais tarde, apresenta um prefácio do próprio autor, com data de 31 de Março de 1909, antecedido por outro de Léon Denis, datado de 1927.

No prefácio, Henri Sausse, diz-nos:

"Para chegar a este resultado, dirigi-me aos raros sobreviventes que tinham estado na intimidade de Allan Kardec, mas quer porque a memória lhes tenha sido infiel, ou porque não tenham querido desenterrar memórias de quarenta anos, todos os meus esforços foram em vão."

Por não ter conseguido testemunhas, que tivessem conhecido Kardec, decidiu então ler cuidadosamente a Revista Espírita. A respeito dessas leituras diz-nos:

"Quepreceitos sábios, que conselhos prudentes e esclarecedores, exemplos verdadeiros transbordam nesses doze primeiros anos da Revista Espírita e quanto, na minha opinião, erramos ao negligenciar esta fonte de informações sobre todos os pontos que nos podem preocupar, no que se refere à doutrina espírita. Para me documentar sobre Allan Kardec fiz de novo esta peregrinação reconfortante, o que quer dizer que reli essas páginas onde ele escreveu dia a dia, a propósito dos acontecimentos que se iam sucedendo, os seus pensamentos íntimos, as suas reflexões tão criteriosas, os seus conselhos tão claros, tão precisos, tão metódicos. A cada linha destas páginas sente-se vibrar a alma do autor e, numa clara irradiação, Allan Kardec mostra-se como sempre foi...l

Assim nasceu a primeira Biografia de Allan Kardec, da autoria de Henri Sausse.

[3 - Allan Kardec e a organização do espiritismo] - In Prefácio dos tradutores, "Hipólito Leão Denisard Rivail, o fundador do espiritismo".

Muitas foram as intervenções de Allan Kardec, de que eloquentemente nos falam os seus livros e a Revista Espírita, a respeito da organização do espiritismo e dos cuidados que os seus dirigentes deverão tomar para impedir a centralização abusiva e os desvios dogmáticos.

Notemos que têm sido esses vícios que, há milénios, têm retirado à Humanidade a capacidade de se autodeterminar social, cultural e moralmente. Fundamental é que a cultura espírita possa configurar-se como abordagem racional, tolerante e objetiva do mundo e da vida, de modo a permitir a realização concreta da Lei do Progresso.

As citações abaixo não passam de referências esparsas colhidas através da leitura das fontes indicadas. Contudo, ao mesmo tempo que designam os núcleos pouco numerosos de interessados como forma ideal de agremiação espírita, afirmam a decidida rejeição das várias formas de concentração de poder nas organizações espíritas, que possam reduzir o seu sentido de honestidade moral e intelectual.

Revista Espíritade dezembro de 1861, sobre "Organização do Espiritismo"

"...aos que têm a coragem da sua opinião, e que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a fazer se limita a falar abertamente do espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem pregá-la, e sobretudo sem buscar nem forçar

convicções, nem fazer prosélitos a todo custo. O espiritismo não deve ser imposto. Vem-se a ele porque dele se necessita, e porque ele dá o que não dão as outras filosofias...”

“… é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É necessário, pois, empenhar-se em multiplicar os grupos particulares. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros…”

“…. Quer a sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarem. Ela será completa em todos os grupos que seguirem a linha traçada pelo Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não dar lugar a interpretações divergentes, condição essencial de qualquer nova ideologia…”

O Livro dos Médiuns- Segunda parte

- “Das manifestações espíritas” Capítulo XXIX - **“Das reuniões e das Sociedades Espíritas”:**

“...A grande dificuldade de reunir grande número de elementos homogéneos (...) leva-nos a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações…”

“…As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessário nos pequenos grupos. A divergência de carácter, das ideias e das opiniões, é nelas mais frequente e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semearem a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é conterem-se todos os presentes…”

“…Os grupos pequenos jamais se encontram sujeitos às mesmas flutuações. A queda de uma grande Associação seria um insucesso aparente para a causa do espiritismo, do qual os seus inimigos não deixariam de tirar partido. A dissolução de um grupo pequeno passa despercebida e, além disso, se um se dispersa, vinte outros se formam nas proximidades. Ora, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas terão mais êxito e muito mais farão pelo ensino do espiritismo do que uma assembleia de trezentos ou de quatrocentos indivíduos…”

Revista Espírita de dezembro de 1868; “Constituição transitória do Espiritismo”:

“...Estabelecida a necessidade de uma direção, de quem receberia poderes o seu chefe ? Será aclamado pela totalidade dos adeptos dispersos pelo mundo inteiro ? É uma coisa impraticável. Se se impuser pelo seu próprio poder, será aceite por uns, rejeitado por outros e vinte pretendentes poderão surgir disputando a sua posição: seria ao mesmo tempo o despotismo e a anarquia. Semelhante ato seria próprio de um ambicioso, e ninguém seria menos adequado que um ambicioso, e por isto mesmo orgulhoso, para dirigir uma cultura baseada na abnegação, no devotamento, no desinteresse e na humildade. Estando fora dos seus princípios fundamentais, não poderia senão falsear-lhe o espírito...”

“…pretender que o espiritismo em toda a parte seja organizado da mesma maneira; que os espíritas do mundo inteiro sejam sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder; que devam esperar a luz de um ponto fixo no qual deverão fixar-se, seria uma utopia tão absurda como esperar que todos os povos da Terra formem uma só nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis e sujeita aos mesmos costumes...”

“...O espiritismo é uma questão de essência; ligar-se à forma seria uma puerilidade indigna da sua grandeza. Os verdadeiros centros espíritas deverão dar-se as mãos fraternalmente e unirem-se para combater os seus inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.”

[4 - A palavra "princípio"] – Introdução - II

A nota seguinte é a citação de um texto da autoria de Cosme Massi, no Volume I da coleção "Compreender Kardec", dedicado a O Livro dos Espíritos, na página 142:

"…A palavra "princípio" pode ser compreendida, no seu sentido filosófico, como o ponto de partida ou começo para um raciocínio ou uma explicação. É da natureza de um princípio não ser demonstrável, já que todo o raciocínio demonstrativo requer um ponto de partida indemonstrável. Não se pode demonstrar tudo. Toda a demonstração é incompleta. A demonstração apoia-se em hipóteses, que por sua vez, para serem demonstradas, se apoiarão em outras hipóteses, e assim ao infinito. Para pararmos esta regressão ao infinito e assim concluir a demonstração, adotamos princípios ou pontos de partida para o raciocínio.

(...) Porque, num raciocínio, aceitamos os "princípios" como verdadeiros? Às vezes porque vemos neles uma certa evidência. É o caso do princípio da causalidade: "todo o efeito tem uma causa." Outras vezes porque não podemos recusá-los sem duvidar de tudo. É o caso do princípio da não contradição: "duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo."

[5 - A palavra "fluido"] – Introdução - II

Do texto "O perispírito ante a psico-bio-física", da autoria de Carlos de Brito Imbassahy, colhemos as seguintes explicações a respeito da palavra "fluido":

"...a energia, sendo completamente desconhecida em sua estrutura, no século XIX, era chamada de "fluido"; até a eletricidade era conhecida como "fluido elétrico" conceito que atualmente só define os líquidos e os gases porque a energia não é material…"

"…cabe lembrar que, na época de Kardec, não se conhecia a energia. O próprio Newton teria definido a energia cósmica fundamental como sendo um fluido, o FCU. Portanto, naquela época, não sendo material, só poderia ser considerado como "semi-material" …"

[6 - A energia elétrica no século XIX] – Introdução - III

É preciso recordar que, em meados do século XIX, os fenómenos relacionados com a energia elétrica eram motivo de extraordinário interesse, embora não se imaginasse ainda a importância que viria a ter a sua utilização. (Comentário de Alberto Giordano, tradutor para castelhano de O Livro dos Espíritos)

[7 - Luigi Galvani] – Introdução - III

Referência feita ao sábio italiano Luigi Galvani (1737 —1798) que fez estudos iniciais na área da bioeletricidade e do sistema nervoso. A partir de estudos realizados em coxas de rãs, descobriu que músculos e células nervosas eram capazes de produzir eletricidade. Os seus trabalhos contribuíram para a descoberta do princípio das baterias.

[8 - Galileo Galilei] – Introdução - III

Alusão à célebre frase do astrónomo Galileo Galilei, "e pur si muove", proferida dissimuladamente depois de ter sido obrigado a renegar, em 1633, diante do tribunal da inquisição, a sua descoberta da teoria heliocêntrica.

[9 - O perispírito na visão científica atual] – Introdução VI

Pedimos aos nossos leitores que consultem a "Nota final n° 72", a respeito da importância do perispírito e da nova linguagem que agora se lhe aplica, mais conforme com a ciência atual. Informamos,

entretanto, que o vocabulário e a terminologia usados nesta tradução continuam a seguir, na generalidade, o texto original de Kardec.

[10 - A valorização da mediunidade, conforme o exemplo de Allan Kardec] Introdução VI

Em **"A Génese"**, Allan Kardec diz-nos:

"Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; aos seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo."

Ao longo de toda a **"Revista Espírita"** são abundantemente publicadas **"reuniões espíritas familiares"** que hoje **não são postas em prática, por motivos restritivos bem identificados e conhecidos, da ordem ideológica reinante nos centros obedientes às federações.**

Esta orientação prejudica imenso, quer a elucidação natural da fenomenologia espírita, quer a orientação de problemas da complexidade psíquica de pessoas de todas as idades.

Para verificar e confirmar as alterações práticas e conceptuais que têm sido introduzidas no exercício da mediunidade no meio espírita, por comparação com a prática usada por Allan Kardec, **consultar a este propósito o livro da autoria de Terezinha Colle, "Reuniões Espíritas familiares",** para descarga no site do GEAK-Grupo de Estudos Allan Kardec, em E-BOOKS GRÁTIS.

A seguir publicamos uma comunicação preciosa, para alívio das almas:

O reencontro de uma mãe com a sua filha recentemente falecida, tal como foi publicada na **"Revista Espírita"** por Allan Kardec, logo em Janeiro de 1858:

Uma mulher havia perdido, meses antes, a filha única, de catorze anos, objeto de toda a sua ternura e muito digna de seus lamentos, pelas qualidades que prometiam torná-la uma senhora perfeita. A moça falecera de longa e dolorosa enfermidade. Inconsolável com a perda, dia a dia a mãe via a sua saúde alterar-se e repetia incessantemente que em breve iria reunir-se à filha.

Informada da possibilidade de comunicar com os seres de além-túmulo, a mãe resolveu procurar, na conversa com a filha, um alívio para a sua pena. Uma senhora de seu conhecimento era médium, mas pouco afeitas uma e outra a semelhantes evocações, principalmente numa circunstância tão solene, pediram-me assistência. Éramos apenas três: a mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

A mãe: Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Júlia, minha filha querida, peço-te que venhas, se Deus o permitir.

Júlia: Mãe, aqui estou!

A mãe: És tu, minha filha, que me respondes ? Como posso saber que és tu?

Júlia: Sou a tua Lili

(Era esse o seu apelido familiar, na infância. Nem a médium o sabia, nem eu, pois há muitos anos só a chamavam Júlia. Com este sinal, a identidade era evidente. Não podendo dominar sua emoção, a mãe rompeu em soluços).

Júlia: Mãe, por que te afliges ? Sou feliz, muito feliz. Deixei de sofrer e vejo- te sempre.

A mãe: Mas eu não te vejo! Onde estás?

Júlia: Aqui ao teu lado, com a minha mão sobre a médium, para que escreva o que te digo. **Vê a minha letra** (a letra era realmente a da moça).

A mãe: Dizes: minha mão. Então tens corpo?

Júlia: Já não tenho o corpo que tanto me fez sofrer, mas tenho a sua aparência. Não estás contente por eu ter deixado de sofrer e poder conversar contigo?

A mãe: Se eu te visse, te reconheceria, então?

Júlia: Sim, sem dúvida; e já me viste muitas vezes em teus sonhos.

A mãe: Com efeito eu te revi nos meus sonhos, mas pensei que fosse efeito da imaginação, uma lembrança.

Júlia: Não. Sou eu mesma que estou sempre contigo e te procuro consolar; fui eu quem te inspirou a ideia de me evocar. Tenho muitas coisas a dizer-te. Desconfia do Sr. Z... Ele não é sincero. (**Esse senhor, conhecido apenas da mãe, citado assim espontaneamente, era uma nova prova de identidade do Espírito que se manifestava**).

A mãe: Que pode fazer contra mim o Sr. Z?

Júlia: Não te posso dizer. Isso me é vedado. Posso apenas advertir-te que desconfies dele.

A mãe: Estás entre os anjos?

Júlia: Oh! ainda não. Não sou suficientemente perfeita.

A mãe: Entretanto, não te conhecia nenhum defeito. Eras boa, meiga, amorosa e benevolente para com todos. Então isto não basta?

Júlia: Para ti, mãe querida, eu não tinha defeitos, e eu acreditava-o, pois mo dizias tantas vezes! Mas agora vejo o que me falta para ser perfeita.

A mãe: Como adquirirás essas qualidades que te faltam?

Júlia: **Em novas existências, que serão cada vez mais felizes**.

A mãe. É na Terra que terás novas existências ?

Júlia: Nada sei a esse respeito.

A mãe. Já que não fizeste o mal na tua vida, por que sofreste tanto ?

Júlia: Foi uma prova! Uma prova! Eu suportei-a com paciência, pela minha confiança em Deus. Hoje sou muito feliz por isso. Até breve, querida mãe!

Perante factos como este, quem ousará falar do nada do túmulo, quando a vida futura se nos revela, por assim dizer, palpável?

Esta mãe, minada pelo desgosto, experimenta hoje uma felicidade inefável em poder conversar com a filha; entre elas já não há separação; as suas almas confundem-se e expandem- se na intimidade espiritual, pela troca de seus pensamentos.

Apesar da discrição em que envolvemos este relato, não o teríamos publicado se não tivéssemos tido autorização formal. Aquela mãe dizia-nos: **Possam todos quantos perderam as suas afeições terrenas experimentar a mesma consolação que eu experimento!**

Acrescentaremos apenas uma palavra aos que negam a existência dos bons Espíritos. Perguntaremos como poderiam provar que o Espírito desta jovem era um demónio malfazejo!

[11 - O nome de Jesus] - Introdução VI

É neste ponto de O Livro dos Espíritos que surge a primeira referência ao nome de Jesus, tendo utilizado Allan Kardec o adjetivo “Cristo”, o que nos obriga a esclarecer qual foi o motivo que nos levou, ao longo de toda esta obra, a usar exclusivamente o seu verdadeiro nome para designá-lo.

Há dois mil anos, no Próximo Oriente como em muitas outras partes do mundo, as pessoas não tinham nomes tão organizados como agora, com sobrenomes e apelidos. Tinham apenas um nome pessoal ao qual se juntava um designativo para diferençar homónimos: o seu local de origem, a profissão ou uma caraterística muito própria do indivíduo. Jesus (derivado do nome judaico Joshua ou Jeshua) era conhecido no local onde vivia como filho de José, o carpinteiro, e mais genericamente como “o nazareno”. É muito comum, em meio espírita, usar-se esta designação: Jesus de Nazaré.

No tempo de Allan Kardec, numa sociedade profundamente influenciada pelo pesadíssimo predomínio católico, "Jesus Cristo" era designação usual, tanto que uma imensa maioria de católicos julgava que Cristo seria parte integrante do nome de Jesus, o que não é verdade.

Sendo o espiritismo uma cultura que é orientada pela ordenação racional de factos comprováveis pela experiência, isto é, uma filosofia não dogmática que parte de uma ciência de observação, não pode correr o risco de se deixar embalar por ideias que não são apenas diferentes, são antagónicas.

Ou seja, o espiritismo não aceita dogmas como o da designada "santíssima trindade", que sacralizou Jesus de Nazaré, afastando-o da sua natureza humana, escamoteando o seu papel fundamental de modelo de comportamento moral que nos propõe o ensino dos Espíritos.

Isto é muito claro ao lermos a **pergunta 625** de O Livro dos Espíritos, que pedimos leiam com a melhor atenção, bem como o comentário de Allan Kardec que se lhe segue.

Sendo Jesus de Nazaré modelo de todos os seres humanos, é impossível conceber Jesus como entidade constituído de forma artificialmente diferente de qualquer um de nós, seus irmãos, também muito legitimamente honrados pela categoria inalienável de filhos de Deus.

"Cristo", por seu turno, é um nome que deriva da palavra grega "christos", que no contexto do cristianismo primitivo de influência greco-judaica inseria Jesus no elenco do messianismo judaico, que quer dizer exatamente "o messias", "o enviado", "o ungido".

S. Paulo, que nunca conheceu pessoalmente Jesus, deu um primeiro passo nessa direção, quando criou "O Cristo da fé" que se afastava muito do Jesus histórico, cuja vida e mensagem lhe não interessavam, uma vez que centrava toda a sua doutrina na "morte e ressurreição" de Jesus.

Quando o cristianismo começou a helenizar-se e a expandir-se entre os gentios (os não judeus), o título de Cristo passou a ser uma espécie de sobrenome.

Depois do colapso do poder dos Césares de Roma, esvaziados da prerrogativa da sua divinização que lhes era conferida pelo paganismo, tiveram que lançar mão da popularidade crescente e progressiva do cristianismo.

Este tinha avançado de forma imparável, impulsionado pelos ensinamentos de Jesus de Nazaré, em coerência com as antigas sabedorias e com a vanguarda científico filosófica das escolas de pensamento Grego, nomeadamente Pitágoras, Sócrates e Platão (Ver capítulo III da Introdução de O Evangelho segundo o Espiritismo).

O Império romano, aliado ao poder de alguns altos dignitários do cristianismo nascente, apoderou-se do cristianismo para impor a universalidade da sua influência política e estratégica.

Cristo foi-se tornando uma expressão corrente, enquanto o Jesus ressuscitado recebia o sobrenome de "senhor" ou "kyrios", fórmula que encaixa adequadamente nas determinações políticas que foram assumidas no Concílio de Niceia, no ano de 325, pelo Imperador Constantino, o grande, para obedecer exclusivamente a interesses de predomínio político e estratégico.

Allan Kardec usou indistintamente as palavras Jesus, Cristo, e até Jesus Cristo com o mesmo significado. Porém, quer na ordem das ideias de carácter doutrinário, quer na ordem da consideração histórica da pessoa de Jesus, cento e cinquenta anos depois da elaboração de O Livro dos Espíritos, entendemos que é forçoso fazer opções quanto à utilização desta diversidade de nomes, que pode carregar consigo o peso de graves contradições. A nossa decisão não é apenas linguística nem apenas doutrinária: respeita e faz a devida utilização da memória dos povos, leva em conta as trágicas consequências de mais de 1.700 anos de dogmatismos impiedosamente intolerantes e sangrentos.

Reforçando ideias, repetimos as esclarecidas palavras de Kardec (ver comentário **pergunta nº 625** desta obra) : "...Se alguns dos que pretenderam instruir os seres humanos na lei de Deus algumas vezes os desviaram para falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos demasiado terrenos

e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas, criadas para servir as paixões e dominar os homens. ”

[12 - Uma visão resumida das obras de Allan Kardec] - Introdução VI

É a sistematização metodológica do ensino coletivo dos Espíritos, quanto às Causas Primárias, ao Mundo Espírita e às suas relações com os homens, às Leis Morais e às Esperanças e Consolações. Sublinhe-se que os restantes livros principais da obra de Allan Kardec são desenvolvimentos, mais ou menos por capítulos, dos conteúdos deste livro, que é a obra fundadora da visão espírita do mundo e da vida.

REVISTA ESPÍRITA / 1858 a 1869

A Revista Espírita foi criada por Allan Kardec em janeiro de 1858 e foi publicada mensalmente sob a sua direção até março de 1869, mês em que faleceu, tendo sido ainda publicado o número que tinha preparado para o mês seguinte. Representa um trabalho gigantesco de 136 fascículos mensais, com uma totalidade de cerca de 4.000 páginas, ao longo das quais está documentado todo o seu trabalho na defesa e divulgação do espiritismo. Contou com inúmeras colaborações das mais diversas origens na Europa e no mundo, sobre os mais diversos aspetos da fenomenologia espírita e outros assuntos relacionados. Segundo palavras do próprio Allan Kardec eram do interesse da Revista Espirita:

"O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao espiritismo; o ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro;

A história do espiritismo na antiguidade; as suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.".

A Revista também dá testemunho das controvérsias que Allan Kardec enfrentou na defesa e na divulgação da nova cultura. Apresenta a correspondência que trocou com inúmeros opositores a quem respondia sempre de forma construtiva, dialogante e racional. Descreve a sua atividade no seio de um movimento que se afirmou muito rapidamente na sociedade francesa, sobretudo no mundo do trabalho e dos direitos sociais.

A Revista foi um instrumento fundamental na construção do espiritismo, por documentar e abrir horizontes sobre todos os temas que Allan Kardec tratou nas outras cinco obras fundamentais.

Dá-nos uma ideia do seu esforço e sofrimento pessoal, ao longo de 11 anos, dando a conhecer o homem por detrás do escritor.

O LIVRO DOS MÉDIUNS / 1861

Este é considerado o livro científico do espiritismo, por tratar do carácter experimental das comunicações entre o mundo espiritual e o mundo material, esclarecendo as principais dificuldades que se podem encontrar na prática do espiritismo. É um guia, tanto para os médiuns como para os evocadores e doutrinadores. Faz o desenvolvimento da matéria constante dos capítulos I a VIII do Livro Segundo de O Livro dos Espíritos, cujo tema é o “Mundo Espírita ou dos Espíritos”.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO / 1864

É a obra que desenvolve o Livro Terceiro de O Livro dos Espíritos, isto é, a matéria relacionada com as Lei Morais. Abordando o ensino moral contido nos quatro Evangelhos canónicos, fornece-nos a

visão espírita dos principais episódios da vida de Jesus, clarificando a subjetividade alegórica dos seus ensinamentos.

O CÉU E O INFERNO - ou “A Justiça Divina segundo o Espiritismo” / 1865.

Faz o desenvolvimento do Livro Quarto de O Livro dos Espíritos que tem por título “Esperanças e Consolações”; expõe alguns conceitos segundo a ótica espírita: a vida após a morte, o Céu, o Inferno, o Purgatório e aJustiça Divina, seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.

A GÉNESE, os Milagres e as Profecias segundo o Espiritismo / 1868

- É o desenvolvimento do Livro Primeiro de O Livro dos Espíritos que trata das causas primárias, com uma análise da génese, ou criação do mundo, contida no primeiro livro da Bíblia (Génesis), vista a uma nova luz “...graças à qual o homem sabe de onde vem epara onde vai, porque se encontra agora no planeta Terra e porque sofre; sabe que tem o seu futuro nas mãos e que a duração do seu cativeiro depende de si. A Génese, saída da alegoria, mostra-se- lhe grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Sob este ponto de vista, a Génese irá ultrapassar e vencer a incredulidade...”citação de um breve trecho de A Génese, n° 26 do capítulo XII - sobre a Génese Mosaica (os seis dias e o paraíso perdido).

No restante, a obra debruça-se sobre o fenómeno dos “milagres e das profecias do Evangelho”, igualmente à novíssima luz da racionalidade emancipadora da cultura espírita.

[13 - Os nomes veneráveis] - Prolegómenos

Problemas secundários, como o da assinatura de certas comunicações por nomes célebres, são explicados por Kardec na "Introdução ao estudo do espiritismo", capítulos XI e XII, para os quais remetemos o leitor interessado. Algumas pessoas perguntam por que motivo Kardec não ocultou os nomes que subscrevem os "Prolegómenos", publicando apenas a mensagem, como fez com a maioria das respostas deste livro. Essas assinaturas, segundo dizem, afastam da obra muitos leitores, que a consideram mistificação grosseira.

A explicação está na sinceridade de Kardec e na sua fidelidade aos Espíritos que lhe revelaram os seus ensinamentos. Ocultar-lhes os nomes seria deixar uma possibilidade de lhe atribuírem a obra, e ele sempre fez questão de precisar que não passava de um colaborador dos autores espirituais. Além disso, as suas explicações a esse respeito são absolutamente claras, para todos os que estão aptos a compreender o fenómeno espírita na sua plenitude. (Citação da “Introdução a O Livro dos Espíritos” publicada por José Herculano Pires em 18 de abril de 1957, no centenário da publicação, por Allan Kardec, dessa mesma obra).

[14 - A palavra “sauvages”] – Pergunta nº 6

A palavra “sauvages”, usada por Kardec, empregava-se nos meados do século XIX para designar o que hoje poderíamos chamar “aborígenes”. Atualmente a palavra “selvagem” tem uma conotação negativa e, como sabemos que essa não era a sua intenção, foi substituída, sempre que conveniente, por “ditos primitivos”, expressão usada pelos antropólogos, à falta de melhor, para evitar qualquer sentido pejorativo.

[15 - Ainda a palavra "fluido"] – Perguntas nº 27-a. e nº 65

Apresentamos aqui a opinião de Carlos de Brito Imbassahy sobre este assunto, inserida num trabalho seu sobre o perispírito:

“... Todo o conceito espírita de Kardec data do início da segunda metade do século XIX, já que ele veio a falecer em 1869 e os seus estudos sobre os aludidos fenómenos espíritas datam da década de 50 em diante. Naquela época, a ciência ainda era incipiente na grande maioria dos fenómenos atualmente conhecidos e insipiente na sua terminologia.

Tinha-se como fluido tudo o que não fosse sólido: como a energia elétrica, enfim, tudo o que transcendesse as formas. Portanto, era chamado fluido o conceito espiritual que representasse qualquer tipo ou natureza de algo que não fosse sólido.

Hoje o conceito mudou, porque, de facto, se considerarmos - como o é - fluido uma fase material não sólida, não podemos incluir nela aquilo que não seja fase material e considerá-la como sendo fluido. É o caso da energia elétrica que, na época de Kardec se chamava fluido elétrico, embora o não fosse, ou seja, não pertencia à fase material das substâncias não sólidas.

Basta, todavia, trocarmos o termo “fluido” por “energia” e torna-se possível manter todos os conceitos de Allan Kardec. Atualmente, fluidos são simplesmente os gases e os líquidos.

Se insistirmos em conceitos desatualizados jamais conseguiremos influenciar os cientistas com os nossos estudos. Ou nos atualizamos com os seus conceitos ou seremos banidos. O que não se pode confundir é o conceito de que os campos energéticos continuem sendo chamados de fluídicos.

Infelizmente, em nome da pureza doutrinária, muitos são os que teimam em manter os conceitos arcaicos da época de Kardec, julgando-os perfeitos, esquecendo-se de que a ciência se adapta às novas descobertas e aos novos conceitos. Temos que nos atualizar neste ponto: usar a nova linguagem para definir os antigos conceitos. O facto é que, quem, atualmente, insistir em chamar o perispírito de fluido envoltório do Espírito, corpo fluídico ou o que o valha, usando este conceito arcaico e, como tal, ultrapassado, não vai estar coerente com a linguagem atual que, como tal, não poderá ser aceite pela comunidade científica que exige a atualização concetual.

Ou nos consciencializamos que temos que atualizar a linguagem, ou vamos ser considerados como dogmáticos que querem impor conceitos contrários à Verdade conhecida.”

Entendemos dever registar estas informações para os leitores interessados e, por respeito e consideração a Allan Kardec, que afirmou que “o espiritismo deve avançar passo a passo com a ciência”.

[16 - A “geração espontânea”] – Pergunta nº 46

É preciso esclarecer que esta questão não faz referência à teoria obsoleta da “geração espontânea”, questão cientificamente esclarecida por Louis Pasteur em 1864, mas sim a um princípio claramente espírita desenvolvido na obra A Génese de Allan Kardec. O sentido do texto é de que a vida surge em consequência da transformação da matéria orgânica; as moléculas do ser humano ou dos animais servem para que outros seres vivos se desenvolvam. “Tudo muda, nada permanece, tudo se transforma, tudo tem um sentido na evolução”. (Comentário de Alberto Giordano, tradução em castelhano de O Livro dos Espíritos).

[17 - Kardec e a teoria evolucionista de Darwin] – Pergunta nº 47

Nos livros de Allan Kardec, anteriores a 1868, não aparece qualquer referência à teoria evolucionista e nem a palavra evolução é utilizada como sinónimo de progressão espiritual.

Para estudar este tema, de acordo com o que nos dizem os Espíritos, temos de fazer uma explicação prévia, que é a seguinte: Os Espíritos sempre foram muito cautelosos, não dando uma informação fora da época em que ela podia ser compreendida pelos humanos, de acordo com o estado de evolução da ciência terrena. Ora, houve um acontecimento científico que teve uma influência muito grande na forma como os humanos encaravam certas questões, que foi a publicação da “Teoria da

Evolução das Espécies” de Charles Darwin, em 1859. Note-se que a publicação do 1° Livro dos Espíritos (500 perguntas) foi em 1857 e a 1a edição do livro completo foi em 1860.

Hoje, para nós, é fácil aceitar a evolução, quer seja das espécies, quer seja do Espírito, entre outros, mas na época não era assim.

Temos de considerar que, ainda hoje, apesar do avanço tecnológico dos meios de comunicação, uma nova teoria leva algum tempo até ser percebida pelo grande público, ainda mais se ela vem revolucionar muitos conceitos existentes e tem a oposição da Igreja católica. No tempo de Kardec levaria muito mais.

Kardec falou sobre a teoria de Darwin quase 10 anos depois de ela ter sido publicada, ou seja, em 1868.

Podemos ler na Revista Espírita de Julho 1868, no artigo intitulado “A geração espontânea e a Génese”, pretendendo esclarecer e completar o mesmo ponto abordado em “A Génese”, o seguinte:

“(...) Hoje, é facto cientificamente demonstrado que a vida orgânica nem sempre existiu na Terra, e que aí teve um começo; a Geologia permite seguir o seu desenvolvimento gradual. (.)

(...) Quanto às espécies que se propagam pela procriação, uma opinião que não é nova, mas que hoje se generaliza sob a égide da Ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim, estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen, até ao carvalho, e depois ao zoófito, desde o verme da terra e o ácaro até ao homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, se se considerarem apenas os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os elos intermediários, encontra-se uma filiação sem solução de continuidade.

Os partidários desta teoria (teoria evolucionista) que, repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos espíritas. Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Essa questão, pois, nada prejulga sobre a filiação desse princípio da animalidade na humanidade; é uma tese que não vamos tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, portanto, senão do invólucro carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma modificação do corpo do macaco, sem que se conclua que o seu espírito seja o mesmo que o do macaco. (A Génese, cap. XI, no 15.)

A questão que se liga à formação desse invólucro não deixa de ser muito importante, primeiro porque resolve um grave problema científico e destrói preconceitos de longa data arreigados pela ignorância, e depois porque, os que o estudam exclusivamente... não encontrarão a solução das suas dificuldades senão na ação do princípio espiritual que, afinal de contas, deverão admitir, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixar incompleta a sua teoria.

Complementando as palavras de A. K., hoje sabemos que a evolução da história humana é uma longa sucessão de factos desde a época em que se reconhece que ocorreu a divergência evolutiva, que levou a espécie humana para um lado e os macacos para outro. De facto, o homem não é descendente do macaco, são só descendentes de um mesmo tronco comum.

A tarefa de roubar a graça a tantos trocadilhos e anedotas a este respeito caberia à sensibilidade inteligente e à lucidez iluminada de Alfred Russel Wallace que interpretou, nos momentos chave da evolução dos seres, a intervenção prodigiosa, a única possível: a intervenção do princípio inteligente. (ver Nota final n° 18)

[18 - A teoria evolucionista de ALFRED RUSSEL WALLACE] – Pergunta nº 49

ALFRED RUSSEL WALLACE, contemporâneo de Darwin, chegou à teoria da evolução das espécies ao mesmo tempo que este. A grande diferença entre as duas Teorias é de que Walace era espiritualista e considerava não só a matéria mas também o princípio inteligente.

Inicialmente ateu, concluiu pela existência do espírito e tornou-se espíritualista. Argumentou que apenas a seleção natural não poderia justificar o grande número das prodigiosas faculdades morais, intelectuais, artísticas e culturais do género humano, por comparação com todos os outros, sem que algo no "invisível universo do Espírito"tenha intercedido de forma decisiva, pelo menos três vezes na História do seu desenvolvimento :

A criação da vida a partir da matéria inorgânica;

A introdução da consciência nos animais superiores;

A criação das faculdades acima mencionadas no espírito humano.

Na sociedade materialista aceitou-se a teoria de Darwin que é mundialmente conhecida e que foi, infelizmente, muitas vezes deturpada para fins imorais, como o caso da Eugenia e da superioridade da dita "raça branca", que tantos mortos causou na 2ª Guerra Mundial.

Alfred Russel Wallace, apesar de muitíssimo considerado nos meios científico-culturais, e de muito admirado pelas suas qualidades de cidadão defensor de valores humanos, sociais e morais, não atingiu a imensa notoriedade de Darwin. Russel, bastante mais novo do que ele, desenvolveu estudos paralelos na investigação dos mesmos temas científicos e, trilhando caminhos diversos, chegou essencialmente às mesmas conclusões do velho professor, por quem era conhecido e admirado.

Para nós, espíritas, a regra da evolução que verdadeiramente nos interessa é a da evolução do Espírito: criado simples e ignorante irá evoluir por todo o sempre, através das reencarnações sucessivas, alternando com a estadia no mundo espiritual, até à condição de Espíritos puros.

[19 - A palavra "raça"] – Pergunta nº 52

Allan Kardec utiliza o termo "raça" como era entendido no seu tempo. Contudo, a genética veio provar que as "raças" tradicionais não existem e que pode haver maior diferença genética entre dois indivíduos de pele branca do que entre um branco e um negro, por exemplo. Citando os cientistas Sérgio Pena e Telma Birchal:

"No passado existia a crença de que as "raças" humanas, entre si, possuíam diferenças biológicas substanciais e bem demarcadas. Isso contribuiu para justificar a discriminação, a exploração e enormes atrocidades. Recentemente, porém, os avanços da genética molecular e o sequenciamento do genoma humano permitiram um exame detalhado da correlação entre a variação genómica humana, a ancestralidade biogeográfica e a aparência física das pessoas, e mostraram que os rótulos previamente usados para distinguir "raças" não têm significado biológico. Pode parecer fácil distinguir fenotipicamente um europeu de um africano ou de um asiático, mas tal facilidade desaparece, completamente, quando procuramos provas dessas diferenças "raciais" no genoma das pessoas.

Apesar disso, o conceito de "raça" persiste, na construção social e cultural, como forma de privilegiar culturas, línguas, crenças, e diferenciar grupos com interesses económicos diferentes.

... Embora a ciência não seja o campo de origem dos mandamentos morais, ela tem um papel importante na instrução da esfera social, pois, ao mostrar "o que não é", liberta, ou seja, tem o poder de afastar erros e preconceitos.

... O facto científico da inexistência de "raças" deve ser absorvido pela sociedade e incorporado nas suas convicções e atitudes morais, no sentido de reforçar a oposição às afirmações de diferentes formas de hierarquia entre povos ou grupos humanos." Por tudo isto, entendemos dever substituir a

palavra “raça” por outras, mais de acordo com o atual conhecimento científico, como “povo”, “grupo”, “grupo étnico”, “grupo humano”, conforme as situações. Allan Kardec afirmou que o espiritismo devia avançar “passo a passo com a ciência”.

[20 - Família, Género, Espécie e Variedade] – Pergunta nº 53-a

Está assim no original, mas a verdade é que, dentro de uma família pode haver mais do que uma espécie.

Tradicionalmente, a classificação da família Hominidae incluía apenas o género Homo.

Porém, com base em dados moleculares, esta família foi alargada a parte dos grandes "antropóides": considera-se hoje que os hominídeos (Hominidae) constituem uma família da ordem dos Primatas, que engloba o orangotango (género Pongo), o gorila (género Gorilla), o chimpanzé (género Pan) e todas as espécies do género Homo.

A única espécie do género Homo que existe no presente é o Homem (Homo sapiens sapiens). Todas as restantes espécies pertencentes a este género são espécies que já se extinguiram.

Recorde-se que a Taxonomia é uma invenção humana e que o conceito de espécie, desde que foi criado, vem sendo alterado sempre que se melhoram os conhecimentos e surge alguma inconsistência em relação ao conceito anterior. Além de que há várias categorias de espécies. E que muitas vezes se utiliza erradamente a palavra espécie em vez de género, que é um conceito mais abrangente. Assim, uma família pode englobar vários géneros e estes, várias espécies. A espécies podem ter, ainda, variedades.

"Variedade" é um escalão taxonómico inferior a espécie. Um grupo de organismos vivos pertencentes à mesma variedade apresenta características em comum que o diferencia, num determinado genótipo ou fenótipo, de outras variedades da mesma espécie, mas não apresenta diferenças significativas em relação a um outro grupo de organismos com o qual compartilha muitas características e com o qual consegue reproduzir-se livremente, ou seja, pertencem à mesma espécie.

[21 - A imensidade dos corpos celestes] – Pergunta nº 55

Durante muito tempo, até aos anos vinte do século passado, julgava-se que o Universo se resumia à enormíssima galáxia de que faz parte o sistema solar, a Via Láctea; um conjunto de 200 a 400 biliões de estrelas, que se estendem num disco espiralado que tem 100.000 anos luz de diâmetro!...

O desenvolvimento das capacidades tecnológicas de observação astronómica revelou uma realidade absolutamente diferente, infinitamente mais vasta. O conhecido Astrónomo Edwin Hubble, prosseguiu estudos que estenderam muito para lá da Via Láctea os verdadeiros limites do Universo. Esse avanço passou-se em 1924, mas não foi na ordem das centenas, dos milhares ou dos milhões. As galáxias de todos os tamanhos, descobertas por Edwin Hubble, estendiam-se por todo o Universo, a imensas distâncias umas das outras, e eram na ordem dos milhares de milhões!...

O nosso telescópio, está na mente sensível...

Os espíritas, mentes sensíveis, habituados a contar como naturalíssima a realidade da evolução de todos os Espíritos por toda a eternidade, estão preparados para viajar pelo pensamento através dos mundos, porque sabem que no fim de uma existência, naturalmente se abrirá outra, muito mais libertadora do que esta, e na qual se poderá observar tudo de mais longe e de mais alto.

Basta que abramos a mente às realidades extraordinárias que nos rodeiam, o afeto desinteressado, a genersosidade sem contrapartidas, o bem pelo bem e, se não for possível de outro modo, o bem... pelo mal!...

Os dados dos milhares de milhões de galáxias, cada uma com milhares de milhões de sóis não nos causam vertigens. O que nos causa vertigens são as pesadas cortinas que escondem a luz, os caminhos

tortuosos que não nos deixam aprender mais e melhor em menos tempo. E a mão pesada das realidades imediatas, dos corações endurecidos, da falta de vontade fraterna, generosa e límpida.

Na nossa condição espiritual, na emancipação da alma, no entendimento da mediunidade, nas virtudes do nosso corpo perispiritual e no mistério distante do princípio inteligente, aí sim, abre-se de par em par o entendimento natural e sem medos do tamanho infinito do Universo.

[22 - A idade da Terra] – Comentário nº 59

A simples consulta de uma enciclopédia atual indica-nos que a idade da Terra é de cerca de 4500 milhões de anos. Esta avaliação é baseada na datação radiométrica de meteoritos e corresponde à idade das mais antigas amostras terrestres e lunares. Quanto à data em que teria ocorrido o "Big Bang" (suposta altura da criação do universo) tem sido apresentada uma antiguidade de 13,9 biliões de anos.

[23 - Moisés e o Génesis] – Comentário pergunta nº 59

No tempo de Kardec acreditava-se que Moisés escrevera os livros do Pentateuco, tal como estes indicam. Porém, hoje sabe-se que o facto de se atribuir a sua escrita a Moisés foi só para lhes dar autoridade, já que para os hebreus a palavra de Moisés era a palavra de Deus. Está provado, pelos exegetas bíblicos, que não foram escritos por Moisés, mas muito depois da sua morte.

Sabemos que o Génesisterá sido escrito por autor desconhecido, entre os anos 1225 e 1000 a. C., que terá recolhido tradições orais e histórias de povos tribais.

[24 - Escavações arqueológicas] – Comentário AK nº 59

As escavações arqueológicas realizadas por sir Charles Leonard Woolley no enclave de Ur, berço da civilização mesopotâmica, atual Iraque, a partir de 1922 e cujas conclusões começou a publicar em 1927, revelaram, entre imensidade de outros factos, os restos de grandes inundações ocorridas cerca de 4.000 a. C. Ao encontrar a camada de lodo que cobria as ruínas da Ur primitiva, Woolley informou que tinha encontrado provas de uma terrível inundação, que corresponderia ao dilúvio universal das lendas sumérias e hebraicas. Trabalhos posteriores comprovaram o facto, mostrando que houve um dilúvio regional nos deltas do Tigre e do Eufrates, aproximadamente na data assinalada pela Bíblia. Este facto vem confirmar o comentário de Allan Kardec. (Nota de José Herculano Pires, modificada pelos tradutores)

[25 - A palavra “enveloppe”] - Pergunta 93

O substantivo feminino francês “enveloppe” foi tradicionalmente traduzido para português, de forma literal, como “envelope”, o que julgamos ser pouco adequado para dar a ideia da natureza e das funções do perispírito. Em seu lugar usamos a expressão “corpo semimaterial” ou “corpo energético”, levando em conta os ensinamentos expressos nos textos referidos nas notas anteriores.

[26 - A palavra “ordem”] – Pergunta nº 96

A palavra “ordem”, aqui, não tem o mesmo sentido que no domínio da Biologia, da Arquitectura, dos grandes grupos sócio-profissionais e até da religião. Com efeito, as “ordens” são grupos fechados de certas coletividades, inacessíveis a membros que não tenham exatamente as mesmas características. Pelo contrário, os níveis hierárquicos entre os Espíritos são percorridos sucessivamente por todos eles, de conformidade com o critério de justiça plena e da absoluta igualdade, que é característica fundamental da Obra da Criação.

A classificação científica dos seres vivos inclui os seguintes níveis de organização (taxons), por ordem hierárquica de abrangências: Reino, Phylum, Classe, Ordem, Família, Género, Espécie e

Subespécie. Cada grupo de classificação é chamado de taxon - de onde vem o nome taxonomia. O termo "ordem" é usado aqui no sentido que lhe deu Allan Kardec.

[27 - A palavra "classe"] – Comentário AK nº 100

Tendo em atenção a nota anterior, o mesmo podemos dizer da palavra "classe", categoria taxonómica constituída por um conjunto de "ordens". Allan Kardec cita no texto os botânicos Lineu, Jussieu e Joseph Pitton de Tournefort. Este último definiu pela primeira vez o termo "classe", na sua obra "Eléments de Botanique", publicada em 1694. Contudo, entre os Espíritos as "classes" não são grupos fechados, são percorridos sucessivamente por todos eles, de acordo com a sua evolução espiritual. É nesse sentido que a palavra é usada aqui.

[28 - O espiritismo rejeita o pecado original] – Perguntas nº 122 e nº 1019

Léon Denis, no capítulo VII da sua obra Cristianismo e Espiritismo - Os Dogmas, os Sacramentos, o Culto - diz-nos, a abrir:

"...O pecado original é o dogma fundamental em que repousa todo o edifício dos dogmas cristãos - ideia verdadeira, no fundo, mas falsa na sua forma e desnaturada pela Igreja. Verdadeira, no sentido de que o homem sofre com a intuição que conserva das faltas cometidas nas suas vidas anteriores e pelas consequências que acarretam para ele. Esse sofrimento, porém, épessoal e merecido. Ninguém responsável pelas faltas deoutrem, se nelas não participou. Apresentado no seu aspeto dogmático, o pecado original, que pune toda a posteridade de Adão, isto é, a Humanidade inteira, pela desobediência do primeiro par, para depois salvá-la por meio de uma iniquidade ainda maior - a imolação de um justo - é um ultraje à razão e à moral, consideradas em seus princípios essenciais - a bondade e a justiça. Contribuiu mais para afastar o homem da crença em Deus, que todas as agressões e todas as críticas da Filosofia. "

Em confirmação, observemos Allan Kardec em A Génese segundo o Espiritismo: capítulo I - Caráter da Revelação Espírita - 38:

"38. Se as almas não tivessem vidas anteriores, isto é, se tivessem sido criadas à nascença para cada um de nós, o pecado original seria incompatível com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só. Seria também um contrassenso absoluto visto que, segundo essa opinião, à época em que teria cometido os ditos "pecados" a alma não existia, pura e simplesmente. Ao renascerem para a vida, os seres humanos trazem consigo apenas as imperfeições que não conseguiram corrigir em vidas anteriores e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para um ou outro vício. Só essas tendências podem herdar de uma vida para a outra, cujas consequências naturalmente terão que corrigir, mas com a diferença fundamental que é das faltas que trazem consigo do passado que derivam as provas que têm que prestar no presente ou no futuro, e não das faltas de terceiros.

Com outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente justa, de que cada existência lhe oferece os meios para se libertar pela reparação e de progredir, quer livrando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e assim, até que suficientemente purificado, já não necessite de regressar à vida corporal e viva exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem reservas e, por assim dizer, sem pensar nisso. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existem, portanto,

virtudes originárias, como existe o saber intuitivo, e tendências negativas ou, antes, os vícios originários.”

[29 - Necessidade lógica do perispírito, Gabriel Delanne] –- Gabriel Delanne – Pergunta nº 135-a

Esta nota tem o mesmo título que um dos números do capítulo II da obra da autoria de Gabriel Delanne, Documents pour servir à létude de la Réincarnation (A Reencarnação). Paris: Éditions de la B.P.S, 1927. Um fragmento traduzido desse capítulo vem publicado no penúltimo número deste conjunto de Notas Finais.

[30 - Alterações em “A Génese”] – Pergunta nº 139

Ao procurar “A Génese”, de Allan Kardec, o leitor interessado deverá ter o cuidado de escolher um livro traduzido de uma das suas primeiras quatro edições, aquelas que foram editadas em vida pelo seu autor.

A partir da quinta edição, já depois da morte física de Kardec, de 1872 em diante, “A Génese” foi modificada, com textos que vão contra conceitos importantes do espiritismo.

Apesar deste facto ter sido descoberto logo em 1884, por Amélie Boudet, viúva de Allan Kardec e pelos seus amigos, o facto só se tornou amplamente esclarecido muito mais tarde no Brasil, em 1998, por Carlos de Brito Imbassahy, por ter sido autor de uma tradução dessa obra. As provas concludentes e definitivas foram publicadas muito recentemente, em 2017, por Simone Privato Goidanich, diplomata e pesquisadora espírita brasileira, que mora na Argentina, no seu livro “El legado de Allan Kardec”, edição da Confederação Espiritista Argentina. Este trabalho está agora a ser divulgado no Brasil e vai ser traduzido para Português do Brasil ainda este ano de 2018.

[31 - A palavra “grossier”] – Pergunta nº 182

Em certas ocasiões em que Kardec se referiu ao corpo humano, foi usado o adjetivo “grossier”, traduzido habitualmente à letra pela palavra “grosseiro” nas versões em língua portuguesa que conhecemos, critério esse que rejeitamos.

Devido à delicadeza e complexidade do corpo humano não faz sentido algum associá-lo ao termo “grosseiro”, que na língua portuguesa tem conotação pejorativa, bastando o adjetivo “denso” para caracterizá-lo perfeitamente, atendendo à realidade da matéria.

A graça divina de um corpo tão fantasticamente dotado, peça fundamental para a evolução dos seres, afasta do conceito que temos dele tudo o que for negativo, ou que se encontre abaixo do mais elevado nível de consideração.

Ao longo de todo o comentário de Allan Kardec a esta pergunta fica bem marcada a relação entre densidade e grau de materialidade, o que dá razão aos critérios que seguimos: “La matière est moins dense”; “A sua matéria torna-se menos densa” e ainda:

«Moins le corps est matériel, moins il est sujet aux vicissitudes qui le désorganisent»: quanto menos material é o corpo, menos sujeito está às dificuldades que o debilitam. E segue:

«plus l'Esprit est pur, moins il a de passions qui le minent.» : Quanto mais puro é o Espírito, menos sujeito está às paixões que o consomem.

Esta última frase ilustra também, de modo claro, que a tendência para o mal tem origem no Espírito que habita o corpo, princípio que não recomenda a visão depreciativa deste último. Fazemos notar, entretanto, que a palavra francesa “grossier”, tal como foi usada por Allan Kardec no século XIX, poderia não ter o mesmo sentido que a palavra portuguesa “grosseiro”, tal como a conhecemos e usamos hoje. Pelo menos poderia ser utilizada em termos mais gerais, como notamos no texto original

desta obra e até no comentário de Kardec a esta pergunta quando nos diz que "La matière est moins dense... les besoins physiques sont moins grossiers"

[32 - A vida noutros planetas] – Pergunta nº 188

A propósito da vida em Júpiter: na atualidade é muito estranho falar-se da vida em Júpiter, Marte ou Vénus, por carecerem de condições ambientais de vida equivalentes às do planeta Terra. Isso não é de estranhar, pois todas as outras condições desses planetas são em absoluto diferentes das do nosso, por exemplo, quanto à natureza atmosférica e à massa respetiva, que determina forças de gravidade inferiores ou superiores. No caso de Júpiter, esmagadoramente superiores.

Do mesmo modo que não conseguimos ver os Espíritos das pessoas já falecidas (exceto se dotados da característica especial da vidência mediúnica), também não conseguiríamos observar seres ou estruturas caracterizadas por propriedades vibratórias diferentes das do nosso planeta. Isto, tendo em atenção aquilo que se encontra explicado na pergunta 236 e seguintes de O Livro dos Espíritos, a respeito dos mundos transitórios, onde a vida é apenas espiritual e não possui características materialmente visíveis para nós.

Kardec registou muitas comunicações mediúnicas nas quais alguns Espíritos afirmaram viver em Júpiter, como, por exemplo, o grande compositor Wolfgang Amadeus Mozart (ver Revista Espírita de 1858 e 1859, meses de maio). No seu testemunho, Mozart ditou uma sonata como forma de se identificar. Victorien Sardou, dramaturgo francês (Revista Espírita de agosto de 1858) efetuou mediunicamente desenhos nos quais mostrou as casas de certos Espíritos ali residentes, entre elas a do próprio Mozart, a do sábio persa Zoroastro ou Zaratustra e a do filósofo e artista francês Bernard Palissy. (Nota de Alberto Giordano, modificada pelos tradutores)

Consultar: de Allan Kardec; Revista Espírita dos meses de março, abril, agosto e setembro de 1858 e outubro de 1860, (pesquisa: IPEAK - Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec).

[33 - A palavra "dogma"] – Comentário nº 222, de AK, sobre a pluralidade das existências

No capítulo I da Introdução de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec diz-nos o seguinte: "Para ideias novas são precisas palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem, para evitar a confusão que causam termos com múltiplos sentidos."

Depois de ter mencionado o grave inconveniente da anfibologia, acrescenta um pouco mais adiante, no capítulo II: "Um idioma perfeito, no qual cada ideia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões."

Vem isto a propósito da palavra "dogme" (dogma), várias vezes utilizada no original deste comentário 222, a respeito da qual se tem estabelecido certa controvérsia, suscitada pelos diferentes significados da palavra, no desenvolvimento de uma cultura que, nem no fundo nem na forma, tem o mínimo a ver com a ideia mais vulgarizada desse termo.

No seu sentido original, a palavra grega de que deriva diretamente, tinha o sentido de opinião, crença, ponto de vista; ou princípio - que é o sentido com que Allan Kardec a utilizou. A nossa tradução, para ser mais clara e não cair em problemas de anfibologia, como os que são referidos de início, fez a opção lógica: traduziu a palavra "dogme", que é uma categoria não existente no espiritismo, como "princípio".

Contrariamente, no campo religioso, o dogma é uma verdade revelada e incontestável, que deve ser respeitada compulsoriamente, isto é, não pode ser discutida nem revogada.

No âmbito cultural mais alargado e com a evolução das ideias, o sentido da palavra foi-se tornando pejorativo, por caraterizar as ideias imobilistas e inflexíveis e as conceções preconcebidas, tendenciosas e até intolerantes.

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, em diversos momentos dos números 6 e 7 do capítulo XIX, podemos ler o seguinte:

“.. a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega nada examina, aceita sem controlo o falso e o verdadeiro e choca a cada passo com a evidência da razão. Levada ao excesso produz o fanatismo. Quando a fé se baseia no erro, desmorona-se mais cedo ou mais tarde. A que tem por base a verdade é a única que tem o futuro assegurado, porque nada tem a temer do progresso do conhecimento. De facto, o que é verdadeiro na obscuridade também o é em plena luz.

Cada religião pretende estar na posse exclusiva da verdade, mas preconizar a fé cega sobre uma questão de crença é confessar a impotência para demonstrar que se tem razão. ”

“...A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve acreditar. Para acreditar não basta ver, é necessário sobretudo compreender.

A fé cega já não é deste século. É precisamente o dogma da fé cega que produz o maior número de incrédulos atualmente, porque ela quer impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.

É sobretudo contra a fé dogmática que se levanta o incrédulo, o que mostra a verdade de que a fé não se impõe. Não admitindo provas, deixa no espírito um vazio de que nasce a dúvida.

A fé raciocinada, que se apoia nos factos e na lógica, não deixa nenhuma sombra: acredita-se porque se tem a certeza, e só se está certo quando se compreendeu. Épor isso que ela não se dobra: porque só é inabalável a fé que pode enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.”

É a esse resultado que o espiritismo conduz, triunfando assim da incredulidade todas as vezes em que não encontrar a oposição preconcebida e tendenciosa.

Para ilustrar estas causas não será necessário alargar este comentário a questões históricas de imensa projeção e gravidade, porque estamos convencidos de que todos os leitores estão conscientes que foi o dogmatismo cego e intolerante, vista a íntima proximidade e sobreposição do dogmatismo religioso e do poder político- estratégico, que ocasionou um ror de consequências verdadeiramente trágicas para a Humanidade, ainda ativas infelizmente, que mancharam e ainda mancham de sangue e intolerância a história de muitos povos de vários continentes.

No espiritismo não há dogmas

No espiritismo, a ideia da reencarnação não é um dogma e sim um princípio, uma verdade baseada em factos comprováveis pela experiência vivida. As comunicações dos Espíritos comprovam-na e tem vindo a ser motivo de crescente interesse na área de diversos campos de investigação científica, cujos caminhos, embora oriundos de origens muito diversas e provenientes de métodos muito diferenciados de observação da realidade, não deixam de produzir resultados concordantes, que entre si se confirmam.

[34 - Voltaire (1694-1778)] - Comentário 222

O filósofo que fez essa afirmação foi François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778), poeta, literato e filósofo francês.

[35 - Antropologia cultural, os hotentotes] - Comentário 222

Mais uma vez se tornam evidentes, como afirma Alberto Giordano neste ponto da sua tradução de O Livro dos Espíritos, os preconceitos vigentes na época em que viveu Allan Kardec, época em que o conceito de “raça” era profundamente diferente do que é hoje. O espiritismo, seguindo os passos do cristianismo, advoga a igualdade de todos os seres humanos, explicando as diferenças que se verificam entre as características de cada pessoa - por mais acentuadas ou mais dramáticas - mediante o historial de cada ser, de conformidade com a sua evolução espiritual ao longo de numerosas existências.

- Para os leitores que desejarem, pedimos o favor de consultar a Nota final N° 19, atrás publicada e relativa à Pergunta 52, dedicada à palavra “raça”, assim como a Nota final 37 também referida ao Comentário 222 deste livro.

[36 - A Teosofia, em sentido geral] - Comentário 222

Allan Kardec não se se refere neste ponto à teoria da Sociedade Teosófica, que só foi fundada mais tarde, em 1875, mas à Teosofia num sentido geral, como era então conhecida a palavra, ou seja, uma forma de conhecimento intuitivo ou racional das coisas, como esclareceu José Herculano Pires relativamente ao termo em questão.

[37 - A diversidade humana] - J. Herculano Pires; A diversidade humana em Kardec - Comentário 222

Texto de José Herculano Pires na Nota Explicativa de O Livro dos Espíritos, Luz da Razão Editora, Porto 2015:

“Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente. É baseado nestes informes “científicos” da época que Allan Kardec repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é perentório ao abordar a questão do preconceito racial: “O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque vê todos os homens como irmãos”. (.Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 3)

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”. (Revista Espírita, fevereiro de 1863, pág. 87)

“...Porque o espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.” (Revista Espírita, outubro de 1861, pág. 432)

“.Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o espiritismo.” (Revista Espírita, junho de 1867, pág. 231)

“...Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça de servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao facto material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal,

também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.” (Revista Espírita, setembro de 1867, pág. 373 e A Génese, cap. I, item 36)

Feitas estas considerações, é lícito concluir que no espiritismo vigora o mais absoluto respeito pela diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso guia e modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição económica, social ou moral.

[38 - As palavras “errante” e “erraticidade”] - I - O intervalo entre as reencarnações

Esta Nota final deve-se à pergunta de um amigo nosso, envolvido na organização de cursos de espiritismo, e procura tratar das dúvidas a respeito da “categoria específica” dos espíritos “errantes”, da “erraticidade”, etc.

O assunto é abordado pelas perguntas números 223 a 233 do primeiro grupo do Capítulo VI do Livro Segundo de ”O Livro dos Espíritos”, sendo clara a conclusão de que “errante” não é uma categoria espiritual propriamente dita, e serve mal para caraterizar espíritos cujo destino final e garantido é a perfeição absoluta.

Logo na pergunta número 225, acerca dos Espíritos que se encontram entre vidas, a resposta colhida por Allan Kardec afirma que, “no seu estado normal, o Espírito encontra-se liberto da matéria”, depois de ter esclarecido que, fazendo parte dela Espíritos de todos os níveis, a situação de tais espíritos não implica inferioridade.

Na resposta à pergunta seguinte o ciclo fecha-se, por ser afirmado que os Espíritos, tendo completado o seu aperfeiçoamento, deixam de ter a necessidade de encarnar.

A leitura das perguntas acima indicadas demonstra, a nosso ver, que a designação “errante” pode perfeitamente ser evitada, visto que não retrata adequadamente os espíritos desencarnados, livres, ou emancipados “entre vidas”, todos eles normalmente ativos, preparando-se para uma nova reencarnação, refletindo, aprendendo e desempenhando um variadíssimo leque de tarefas. Acerca da palavra errante, o dicionário diz-nos que é um adjetivo de dois géneros com os seguintes significados: “que anda vagueando; que anda sem destino certo; vagabundo; não firme; vacilante”. “Errar”, por seu turno é um verbo que deriva do latim “er- rare”: “andar ao acaso, vaguear, circular, espalhar-se, ir por um caminho errado”.

Como verbo transitivo significa: “enganar-se em; não acertar com; não dar em; não dar com; perder-se em”. Como verbo intransitivo, significa: “vaguear; enganar-se; perder-se; pecar”.

CONCLUINDO:

O Espírito é o princípio inteligente do Universo (pergunta n° 23) e os Espíritos são a individualização do princípio inteligente (pergunta n° 79). A resposta à pergunta n° 607 diz-nos “que é nos seres inferiores da Criação que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se prepara para a vida.”

A lógica do progresso da Criação não se detém desde o momento em que o princípio inteligente se torna Espírito, prosseguindo a partir daí uma evolução sem retrocessos, em tudo coerente com o brilhantismo evolutivo da obra divina.

A pergunta 607-a termina, até, pela ideia de que seria impensável a criação divina de seres sem objetivos, e seres inteligentes sem futuro. Os espíritos, mesmo que sujeitos à pior situação possível de estacionamento evolutivo, não podem ser considerados seres vagantes sem objetivos, errando perdidos no espaço e no tempo. O seu destino é progredir, o seu objetivo é a perfeição.

Sentimo-nos por isso obrigados a fazer uma pesquisa ao longo da nossa tradução e tivemos que reformular mais de quarenta expressões que usam essa imagem, quanto a nós desajustada, de espíritos indecisos, ociosos e perdidos...

[39 - A QUEDA DO HOMEM, o ensino primordial das religiões dogmáticas] Pergunta 262

Segundo "O Livro dos Espíritos" (perguntas 115; 121; 133; 634 e 1006) os espíritos são criados por Deus "simples e ignorantes". Simples, por não terem ainda adquirido desenvolvimento moral; ignorantes, por não terem ainda atingido o conhecimento intelectual.

Para nós, o Espírito desenvolve-se e aperfeiçoa-se pela LIBERDADE, através de sucessivas encarnações, o que lhe permite a máxima evolução moral e intelectual, até à perfeição. Na proposta espírita a liberdade leva ao ENTENDIMENTO.

Segundo os conceitos ideológicos dogmáticos a liberdade levaria ao erro.

Todas as religiões tradicionais são fundamentadas num conjunto de ideias metafísicas, entre as quais: a queda, a degeneração do homem, o mundo corrompido, a condenação divina ao sofrimento.

Todas as religiões partem de um ensinamento primordial. Para os cristãos é a Bíblia. De acordo com o Génesis, como surgiu o homem? Surgiu no paraíso com Adão e Eva, criados imortais e sem mácula. Viviam num mundo absolutamente perfeito, sem morte nem sofrimento; um mundo estabelecido, resolvido, perfeito.

Entretanto o que aconteceu? Foi de Adão ou de Eva a ideia de desobedecer às ordens de Deus quanto ao fruto proibido?

Tendo provado o fruto proibido, foram expulsos do paraíso na condição de mortais, o que configura "A QUEDA do homem" e a sua passagem para um mundo de sofrimento e de castigo. Todos os que nele vivem têm pecado.

Qual é então a finalidade do sofrimento neste mundo? Resgatar os erros cometidos, para poder recuperar o paraíso, para alcançar a salvação - dizem as religiões dogmáticas. Segundo estas, todos os seres humanos irão ter direito a regressar ao paraíso? Não! Porque muitos não vão ser salvos!... E quem não for salvo, vai para o inferno, porque a alma foi criada só para um determinado corpo, só para uma determinada vida.

E vai logo depois da morte? Não, pois como fica sem corpo no momento da morte, não pode ir assim para o inferno. Morre o corpo, a alma fica em suspensão; por ser imaterial não pode sofrer no inferno nem ir para o céu, é o que diz a Igreja. Isso irá tornar-se uma decisão para a eternidade, depois do juízo final, como está esclarecido no catecismo dogmático da igreja católica. Este mundo deixará de existir e cada um dos seres humanos receberá, pela ressurreição da carne, um corpo incorruptível, como eram os de Adão e Eva.

É com esse corpo (esta é a teoria criada há 1.700 anos pela igreja católica), depois do julgamento final, que todos os homens e mulheres irão respetivamente para o céu ou para o inferno, por toda a eternidade. Os corpos de quem for para o inferno são vulneráveis às chamas ? Não, visto que - segundo a mesma teoria - esses corpos serão incorruptíveis - para terem de sofrer horrores por toda a eternidade.

Ver: **A teoria esquecida de Allan Kardec**, palestra de **PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO**; publicado in: https://palavraluz.wordpress.com/2017/07/11/ revespphf/

[40 - “Derramar sangue”] - Pergunta 271

Há várias traduções desta resposta, pelo menos no Brasil e na Argentina, que escrevem: “exercer entre nós uma profissão que não os obrigasse a derramar sangue.” Consultadas várias versões francesas, nomeadamente a 15a e 35a edições, pesquisadas na Biblioteca Nacional de França, a tradução utilizada aqui é a que está correta: “...comme ce serait un progrèspour nos anthropophages dexercer parminous uneprofession quiles obligerait à verserle sang.”

[41 - O mal, o livre-arbítrio e a justiça do Alto] - Pergunta 281

A constância das atitudes negativas dos Espíritos ainda menos bem colocados não deve levar-nos a concluir pelo império inevitável do mal. Com efeito, ela resulta apenas de uma das dotações fundamentais dos seres, o livre arbítrio, que lhes confere a liberdade plena, com plena responsabilidade, e que permite a todos agir sempre de acordo com a sua consciência e a sua vontade. Sem esse atributo, o direito de fazer ou não fazer seja o que for, seriamos autómatos ingénuos desprovidos de personalidade moral e do domínio pleno do nosso próprio destino. Há que sublinhar que a evolução dos seres é igual para todos e tem a eternidade como plano de desenvolvimento sem limites. O livre-arbítrio, além de garantir os direitos da individualidade consciente, também assegura a justiça plena dos desígnios do Alto. (Ver pergunta 843 e seguintes e Nota final 38)

[42 - Respeito pelos mortos] - Pergunta 329

O respeito pelos mortos não é apenas um costume, como se vê: é um dever de fraternidade, que a consciência conserva e para o qual nos alerta. Por pior que tenha sido o morto, não temos o direito de aumentar-lhe o suplício com as nossas vibrações agressivas. A caridade nos manda esquecer o mal e lembrar o bem, pois só assim ajudaremos o Espírito desencarnado a superar as suas falhas e esforçar-se para evoluir. Pensando e falando mal dele, só podemos prejudicá- lo, irritá-lo e até mesmo voltá-lo contra nós. (Nota de José Herculano Pires)

[43 - A morte, transformação libertadora] - Pergunta 339

A morte aparece na resposta a esta pergunta bem caracterizada como uma transformação libertadora, o contrário da destruição: na hora da morte, o Espírito deixa a escravidão. A que corresponde, no original: “A la mort, l'Esprit sort de l'esclavage”.

[44 - O sono, a emancipação da alma e os seus atributos prodigiosos] - Pergunta 402

O espiritismo, a ciência da alma e de todos os seus fenómenos, dá-nos neste Capítulo VII, da Emancipação da alma, uma mão cheia de informações tão extraordinárias, que não serão fáceis de apreender ao fim das primeiras leituras. É preciso ler, reler e pesquisar o que for possível.

A realidade transcendente dos humanos é extensa e variada. O sono, à partida, não nos merece as mínimas dúvidas ou a mínima ansiedade. Num dado minuto estamos completamente despertos e atentos ao que nos rodeia, capazes de ver, ouvir e falar. Um instante depois mergulhamos num estado de esquecimento e ausência, em muitas coisas semelhante à morte. Tendo perdido o uso da viva consciência, tendo estado sensivelmente ausentes, regressamos algumas horas depois, senhores da mesma individualidade, com as mesmas dúvidas e as mesmas certezas.

Dormimos, ora essa, porque o corpo precisa de descansar!...

Esta é a atroz e comezinha simplificação a que reduzimos o importantíssimo fenómeno do sono, durante o qual vivemos - sem plena consciência desse facto - uma outra vida, numa condição diferente da que conhecemos quando acordados e que está na sua imediata continuidade.

A ruptura definitiva dessa continuidade dar-se-á um dia para todos, como coisa perfeitamente natural. De tal maneira que, muitos dos que por ela passam "desta para melhor", nem sequer se apercebem de que já "chegou a sua hora".

Os fenómenos tão brevemente aludidos neste Capítulo VII merecem largo estudo para que possamos dar-nos conta da densidade fascinante da existência. Como tudo o que é explicado em "O Livro dos Espíritos", alteram as visões da vida e da criação, sobretudo se houver a coragem e a vontade de estudar os variados fenómenos envolvidos, aparentemente miraculosos, mas que são apenas atributos naturais da alma.

O fenómeno do sono, o adormecimento para uma suave morte aparente e a "reencarnação" da manhã seguinte, se houver um mínimo de atenção para os prodígios da vida, são uma maneira expedita e eficaz para descobrir a maravilhosa dádiva da vida e da evolução perene dos Espíritos.

[45 - Experiências fora do corpo...] - Pergunta 402

Todos os fenómenos que têm a ver com o invisível, o intocável, as experiências de quase-morte, a reincarnação, a memória das vidas passadas, a hiper-sensibilidade infantil, as visões e perceções inexplicáveis, o caso crescente dos meninos-prodígio, a atenção alargada - até de nível académico - às comunicações mediúnicas e aos fenómenos PSI em geral, merecem, de há muito tempo, nos países tecnologicamente desenvolvidos, uma atenção notoriamente crescente.

Noutros países pesa ainda sobre esses temas a marca do mistério, do oculto, quando não da condenação dogmático-religiosa e o peso do tabu socio-cultural. Como, entretanto, os fenómenos psíquicos não deixam de ser fenómenos como tal, não é de estranhar que muitas pessoas procurem as explicações de que necessitam, sobretudo se são atingidas diretamente.

As experiências fora do corpo (em inglês as iniciais OBE - "out of the body experiences") estão exatamente nessa situação, sendo de notar nas muitas que são relatadas, o aumento da sua extensão e do seu significado.

Na tropa da aviação, já há muitos anos, tive um amigo que não acreditava em nada para além do imediatamente material, declarando-se liminarmente ateu. Muito simpático para mim, nunca aceitou a versão espírita que, durante toda a vida, não me inibi de confidenciar a qualquer pessoa.

Alguns anos mais tarde telefonou-me muito excitado, visto que tinha experimentado algo de fantástico: saíra do corpo, ao adormecer, já por várias vezes, de início muito timidamente, mas depois como verdadeiras viagens ao mundo espiritual, com interlocutores e tudo. Mudou completamente a sua visão do mundo e da vida.

"Olha, agora acredito em tudo aquilo de que tu me falaste! Vou até dedicar- me a fundo a investigar tudo o que puder! Infelizmente emigrou para muito longe e não sei a que ponto chegaram as suas investigações.

Esta breve narrativa, de que tenho honestíssimo conhecimento direto, tem de facto a ver com as prodigiosas faculdades da alma e é um exemplo claro da sua "emancipação".

Conto-a porque tenho o privilégio de fazê-lo na primeira pessoa e porque fui beneficiário direto da narrativa empolgante do meu amigo "Luciano" (nome alterado) das suas formidáveis "experiências fora do corpo", das suas conversas com espíritos melhores e menos bons, das explicações que obteve (de fonte direta...) do ambiente e das regras vividas no mundo espiritual, já para não esquecer as surpreendentes viagens através das amplas e magníficas paisagens do céu!...

Todos lemos livros em que queremos acreditar pela lógica do raciocínio. Mas quando vivemos qualquer coisa em direto, aí, todas as dúvidas se dissipam.

Os espíritas organizadores, os médiuns ativos e os videntes que se prezam dos seus dotes, deveriam pensar um minuto nestas coisas, e passar recado de forma aberta, sem reservas do oculto.

Para que muito mais gente soubesse... [ver Nota final 10 - A valorização da mediunidade, conforme o exemplo de Allan Kardec]

[46 - Convulsionários e crisíacos] - Perguntas 481 a 483

O termo "convulsionários" teve a sua origem no séc. XVIII a partir do termo médico "convulsão". Serviu inicialmente para designar coletivamente as pessoas atingidas por transtornos mentais em transes místico-religiosos. (Ver enciclopédias)

O termo "crisíaco" caiu em desuso e designa as pessoas que se encontram em estado de transe hipnótico.

[47 - Os verbos dominar e ultrapassar] - Pergunta 585

No original, nos comentários feitos por Allan Kardec à pergunta 585, pode ler-se: "l'homme, ayant tout ce qu'il y a dans les plantes et dans les animaux, « domine » toutes les autres classes par une intelligence spécial."

Esta afirmação, de que o homem "domina" as outras classes, aceitável no século XIX, foi posta em causa no século XX, até em relação à tradução do versículo 26, do primeiro capítulo do Génesis, onde se pode ler:

Génesis, 1, 26: E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e "domine" sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a Terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a Terra.

Vejamos o que nos diz, por exemplo, Herman Northrop Frye, um dos mais conceituados críticos de literatura do século XX, que estuda a Bíblia a partir das suas grandes narrativas míticas e metafóricas que vieram influenciar em grande parte a literatura ocidental:

"...as ideologias derivadas do primeiro mito da criação, na medida em que o homem "domina" a criação-natureza, levaram a falsas interpretações políticas e sociais, arvorando-se o homem, ao longo dos milénios, como superior a tudo e a todos. O poder arbitrário de monarcas, imperadores, faraós, ditadores, autoridade das sociedades europeias sobre as "ditas inferiores" arranca deste paradigma bíblico. O mesmo se poderia dizer do poder do homem contra a natureza-criação, nestes últimos tempos de tecnologia poluidora e devastadora."

Por isso, convictos de que respeitamos o sentido do texto e a visão progressista da cultura espírita, que antecipou preocupações ecológicas e de igualdade entre os homens, optámos por traduzir da seguinte forma: "o homem "ultrapassa" todas as outras classes por uma inteligência especial".

[48 - A ideia de Deus] - Pergunta 621

Descartes, na terceira das suas Meditações Metafísicas, declara que a ideia de Deus está impressa no homem "como a marca do obreiro na sua obra". Essa ideia de Deus é inata no homem e impele-o à perfeição. Embora as escolas modernas de Psicologia neguem a existência de ideias inatas, o espiritismo aceita-as. Decorrem do princípio da reencarnação, que foi provado pelo espiritismo através de pesquisas. Por outro lado, as ideias de Deus, da sobrevivência e do bem e do mal existem e sempre existiram entre todos os povos. A lei de Deus está escrita na consciência do homem, como a assinatura do artista na sua obra. (Nota de José Herculano Pires).

[49- As Experiências de Quase Morte, EQM ou NDE's] - Pergunta 628

A resposta a esta pergunta 628 refere-se ao nível de informações que tem sido oferecido à Humanidade para a revelação do que na Antiguidade era chamado "a ciência sagrada", isto é, as

informações a respeito da vida depois da morte e das características do mundo espiritual. A resposta afirma que nunca Deus permitiu ao homem, como agora, receber tantas de tais informações.

Se assim era considerado no tempo em que foi escrito O Livros dos Espíritos, os níveis de informação a que tem acesso a Humanidade nos dias de hoje, a respeito da parte invisível do Universo criado, encontram-se em permanente expansão. Sobre a reencarnação, sobre a vida depois da morte e a respeito da natureza do mundo espiritual, sobre as recordações de vidas passadas e até sobre as experiências fora do corpo, que a ciência espírita designa como "emancipações da alma", têm sido recebidos abundantes contributos de diversas áreas do conhecimento técnico-científico. É facilmente observável, nos países de maior desenvolvimento nestas áreas, crescente atividade de pesquisa e divulgação.

Há um exemplo que entre todos se destaca, pela sua projeção mundial: os avanços da ciência médica e das tecnologias de reanimação deram origem ao fenómeno das EQM ("Experiências de Quase-Morte") ou, em inglês, NDE (Near-Death Experiences). São já dezenas de milhões de casos observados por todo o mundo, sobretudo depois de 1967, devido à descoberta e crescente utilização dos desfibriladores nos casos de paragem cardíaca, entre outros fatores inerentes à assistência médica de emergência.

Grande quantidade de depoimentos de protagonistas desse género de ocorrências tem-se tornado objeto de estudo de observadores com elevada formação científica. Na atualidade, é cada vez mais frequente encontrar pessoas que já tiveram conhecimento direto de ocorrências desse tipo com conhecidos, amigos, conterrâneos ou compatriotas seus, como é o caso no nosso país e no local onde habitamos.

Além disso, é flagrante a semelhança entre o que essas pessoas descrevem e as informações que é possível colher neste mesmo livro a respeito dos momentos a seguir à morte. Ver capítulo III do Livro Segundo desta obra, sobre o "Retorno da vida corpórea à vida espiritual" (perguntas 154 a 165) e comparar essas informações com os depoimentos dos milhões de "ressuscitados" por todo o mundo.

[50 - Erro antigo de tradução] - Pergunta 633

633. Em Francês: "La règle du bien et du mal, quon pourrait appeler de réciprocité ou de solidarité, ne peuts'appliquer à la conduite personnelle de l'homme envers lui-même. Trouve-t-il, dans la loi naturelle, la règle de cette conduite et un guide sûr ?

« Quand vous mangez trop, cela vous fait mal. Eh bien ! C'est Dieu qui vous donne la mesure de ce qu'il vous faut. Quand vous la dépassez, vous êtes puni. Il en est de même de tout. La loi naturelle trace à l'homme la limite de ses besoins ; quand il la dépasse, il en est puni par la souffrance. Si l'homme écoutait en toutes choses cette voix qui lui dit assez, il éviterait la plupart des maux dont il accuse la nature. »

Quer o teor da pergunta n° 633, quer a resposta, indicam-nos, pela sua lógica mais elementar, que na primeira parte da pergunta a partícula "ne" não configura uma expressão negativa. Trata-se de uma construção muito usada por Allan Kardec ao longo de toda a sua obra, para enfatizar uma questão colocada. Para ser uma negativa falta-lhe a partícula "pas", além de que é necessário considerar que o ponto de interrogação colocado ao fim da pergunta também caracteriza a sua primeira frase.

Um grande número de versões para o português traduziram a primeira frase como se fosse uma declaração negativa, o que é um erro.

A simples consideração da pergunta e da resposta é muito clara: a regra do bem e do mal aplica-se, muito evidentemente, ao proceder do homem consigo mesmo. Nunca poderia ser de outra forma.

A tradução da pergunta como afirmação negativa é, pois, uma perceção deficiente da linguagem que é familiar em Allan Kardec. A prova deste ponto de vista encontra-se em evidência logo a seguir, na

Pergunta n° 635 : La loi naturelle paraîtrait ainsi n'être pas une règle uniforme ?, onde a particula "pas" depois da partícula "ne" já caracteriza bem tratar-se de uma negativa.

[51 - A razão do bem e do mal] - Pergunta 634

Esta pergunta trata de um problema filosófico central para a compreensão do destino dos seres humanos: a razão da existência do mal. A dificuldade que tantos de nós temos sentido para acolher no nosso íntimo o conceito do mal com a devida disciplina espiritual, isto é, sem revolta nem rejeição, tem sido também uma grande barreira para o racionalismo imediatista aceitar a coerência do projeto da criação, dito de outro modo, da infinita misericórdia de Deus.

Os tradutores, quanto à última frase da resposta, em primeiro lugar, chamam a atenção para a importância do corpo, instrumento material da dor, que o Espírito é constrangido a envergar para tornar séria e profunda a aprendizagem a que está destinado, até alcançar a perfeição. Em segundo e último lugar, reforçando ânimos de evolução gloriosa, fazer ver que essa circunstância apenas diz respeito ao breve lapso de um indeterminado número de vidas de escolaridade espiritual. Que será isso para seres cuja existência irá estender-se por toda a eternidade? (Nota final 31)

[52- Episódio bíblico de Abraão e Isaac] - Pergunta 669-b

Segundo o relato do Génesis, Deus quis pôr à prova a fidelidade de Abraão pedindo que lhe sacrificasse o seu filho único, Isaac. Quando Abraão

se preparava para o imolar, por fidelidade total a Deus, este não permitiu que o sacrifício se concretizasse (Génesis, 22, 1-18).

[53 - A educação moral e o carácter] - Pergunta 685-a

A ATUALIDADE POLÍTICO-SOCIAL DOS CONCEITOS MORAIS DE ALLAN KARDEC

O substancial comentário feito por Allan Kardec a esta pergunta 685-a e à sua resposta, ambas tão curtas, oferece-nos a antevisão de uma sociedade verdadeiramente evoluída, onde as condições de vida e a dignidade material e moral estejam ao alcance de todos.

Como tinha sido dito na resposta à pergunta 677, o trabalho que a todos diz respeito e que a todos valoriza, tem a finalidade de contribuir para a sobrevivência das pessoas, ao mesmo tempo que lhes aguça o engenho e lhes desenvolve a inteligência. Neste outro comentário Allan Kardec avança para o conceito superior do trabalho como ensejo para a educação moral, individual e coletiva. Um autêntico programa político-económico, emancipador de todas as sociedades do mundo, ainda hoje muito longe da realidade imperante.

Allan Kardec aborda aqui, como noutros momentos da sua obra, princípios que, mesmo nos dias de hoje, são escassamente debatidos e ainda menos levados à prática.

O flagelo do desemprego e da miséria revelam, em vastas áreas do mundo, um cenário de desigualdades crescentes e a vigência de uma ciência económica sem alma. Ou seja, nem consegue equilibrar a produção e o consumo nem promove a continuidade do trabalho, isto é, a dignidade material e moral dos indivíduos.

A situação social e humana nos tempos de Allan Kardec

Para termos uma noção mais realista das dificuldades que se deviam agigantar na mente de Allan Kardec nesse dificílimo período da história do seu país, tentemos, pois, em breves linhas, avaliar qual o pano de fundo humano e social da época em que foi escrito o já referido comentário.

A precedência histórica de séculos tinha deixado uma mancha atroz de desigualdades e injustiças, num contexto marcado por sucessivos conflitos sociais, ideológicos e religiosos, marcados por inúmeras campanhas militares, geradoras de glórias tão funestas como transitórias, mas em que os povos, as famílias e as sociedades de ambos os lados saíam sempre como os maiores derrotados.

O numeroso proletariado europeu, surgido depois da primeira revolução industrial na Europa, enfrentava dificuldades tão árduas e terríveis que procurava apenas sobreviver, já que era humanamente impossível chamar vida ao tipo de existência que lhe estava reservada.

Mais de metade dos habitantes de Paris, em meados do século XIX, era constituída por paupérrimos operários que viviam em bairros insalubres, cujos míseros salários davam apenas para a subsistência mínima, sujeitos a jornadas laborais que iam de doze a dezasseis horas por dia, sem nenhuma espécie de proteção social. O desemprego era elevadíssimo, a fome, a miséria e a degradação imperavam, tal como a aberrante escravatura infantil e a incansável presença da repressão cultural e ideológica, essa de projeção interclassista, que afetou o próprio espiritismo nascente.

Devido a lutas corajosas e ao trabalho hercúleo de muitos cidadãos anónimos e de gloriosos ativistas, muitos deles sacrificados, foi possível à sociedade francesa atingir, muito mais tarde, níveis de qualidade de vida muito dignos. A sua sustentabilidade, contudo, não está definitiva nem equitativamente garantida, um século e meio depois.

Em Kardec, fé em Deus e na Humanidade

As breves mas claríssimas palavras de Allan Kardec, que empolgam o leitor, são uma prova corajosa de fé na Humanidade que crê em Deus e se deseja senhora de um futuro risonho, liberto de carências e injustiças, isto é, num mundo onde reine a solidariedade, a previdência e onde haja trabalho e pão para todos.

Se esse comentário fosse transposto para a constituição político-económica das nações renovaria a face do mundo e seria alicerce da Paz: estas, como tantas outras palavras de Allan Kardec escritas neste livro, poriam em marcha a verdadeira e tão distante REGENERAÇÃO DO PLANETA.

[54 - A Microbiologia] - Pergunta 692

É verdade que o homem sempre procurou produzir mais. Já na Antiguidade utilizava micro-organismos para fazer pão, cerveja e vinho. Esse foi o início da utilização de micro-organismos para criar novos e diferentes alimentos. A partir do século XIX, com o progresso da técnica e da ciência, especialmente da microbiologia, aconteceram grandes avanços nas indústrias agroalimentares.

A resposta a esta pergunta teve naturalmente em atenção o que se passava nessa época, e não contempla a enorme intrusão de processos antinaturais que, entretanto, se verificou, como é o caso dos alimentos transgénicos, espécies cuja constituição não existe na natureza.

[55 - A palavra sobrevivência] - Perguntas 702 e 703

Preferimos a palavra “sobrevivência” à palavra “conservação”, pela contaminação semântica que esta arrasta consigo, longe da generalidade antropológica que oferece a primeira. Ao fazer esta opção, sabemos que estão a ser quebrados velhos hábitos de tradução de O Livro dos Espíritos para a língua portuguesa. Julgamos, entre outras razões, que foi o conceito da “tradução à letra”, que de maneira nenhuma perfilhamos, que justifica a tradução do termo francês original “conservation” pelo termo português “conservação”.

Consultando muito cuidadosamente a base de dados francesa **Ortolang**, criada pelo **CNRTL-Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales**, uma boa quantidade de razões recomenda a opção do termo “sobrevivência” e outras tantas razões prejudicam a escolha do termo “conservação”.

Poderia até esta última ser preferida, caso se compusesse com uma segunda palavra, isto é: "conservação da espécie". Mas a ideia de "sobrevivência" tem maior grau de generalidade e é mais adequada à variedade de usos que a palavra tem ao longo de O Livro dos Espíritos, onde o uso do termo "conservação" sempre apresenta inconvenientes expressivos. Concentrar a designação da lei numa só palavra também é vantajoso. A página na internet da Ortolang, bem como a da plataforma Lexilogos, são importantíssimos recursos linguísticos que não estavam ao alcance dos primeiros tradutores brasileiros da obra de Kardec, cuja probidade e generosidade em nada procuramos atingir.

[56 - A Ecologia] - Pergunta 711

Em 1869 foi usado pela primeira vez, pelo cientista alemão Ernest Haeckel, o termo "ecologia", para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem. A origem da palavra resulta da utilização de duas palavras gregas, "oikos", que significa casa e "logos", que significa estudo. O novo termo, ou seja, o estudo desta "casa da Humanidade", condiz perfeitamente com o teor dos ensinamentos apresentados neste capítulo de O Livro dos Espíritos, publicado por Allan Kardec em Paris, uma dúzia de anos antes. Devido ao atual aumento exponencial dos problemas de caráter ecológico, o comportamento dos indivíduos e das nações cada vez mais se coloca em termos de ordem moral, pelos importantes efeitos que estão em marcha e já mostram as mais graves consequências, como, de forma coerente e progressista, assinala esta obra.

[57 - A palavra TRANSFORMAÇÃO] - Perguntas 728 a 736

A palavra francesa "destruction", nas várias versões em língua portuguesa de O Livro dos Espíritos foi, durante muitos anos, traduzida pela palavra "destruição". Também aqui prevaleceu o conceito menos correto da "tradução à letra".

Assinalemos o distanciamento semântico da palavra "destruição", relativamente à ideia da morte como momento feliz de regresso à pátria espiritual, episódio natural da transformação evolutiva, permanente e universal que caracteriza a cosmovisão espírita.

Nos dicionários, o primeiro significado da palavra destruir é: "proceder à destruição de; causar destruição em; demolir, arrasar; aniquilar". Esses significados remetem o termo para o seu mais nítido campo significativo, tal como está claramente definido na pergunta 752 desta mesma obra, ao definir de modo contundentemente negativo o "instinto de destruição":

"Peut-on rattacher le sentiment de cruauté à l'instinct de destruction ? C'est l'instinct de destruction dans ce qu'il a de plus mauvais, car si la destruction est quelquefois une nécessité, la cruauté ne l'est jamais ; elle est toujours le résultat d'une mauvaise nature. »

De resto, o próprio teor da pergunta 730 vem em apoio do que dizemos acima: «Puisque la mort doit nous conduire à une vie meilleure, qu'elle nous délivre des maux de celle-ci, et qu'ainsi elle est plus à désirer qu'à redouter, pourquoi l'homme en a-t-il une horreur instinctive qui la lui fait appréhender ?»

Como forma de justificar a adoção da palavra "transformação" como tradução mais correta de "destruction", para além da pesquisa feita na já referida base de dados Ortolang, podemos ainda socorrer-nos de outros momentos desta mesma obra de Allan Kardec. Recorremos ao texto em francês da resposta a esta mesma pergunta 728, que é totalmente eloquente a este respeito:

« Il faut que tout se détruise pour renaître et se régénérer ; car ce que vous appelez destruction n'est qu'une transformation qui a pour but le renouvellement et l'amélioration des êtres vivants ».

No comentário à pergunta 182, Allan Kardec esclarece que nos mundos mais evoluídos do que a Terra, a morte não causa a mínima apreensão aos Espíritos, porque a aceitam sem temor, como uma simples "transformação":

« L'intuition qu'ils ont de leur avenir, la sécurité que leur donne une conscience exempte de remords, font que la mort ne leur cause aucune appréhension ; ils la voient venir sans crainte et comme une simple transformation ».

Coube ao francês Antoine Lavoisier a honra de dar nome a essa importantíssima lei da ciência, que encerra até profundo significado filosófico, mediante a conhecidíssima expressão: "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

As razões de natureza científico-cultural que podem ter levado Allan Kardec à adoção do termo "destruction", neste capítulo de O Livro dos Espíritos, foram esclarecidas por **Gabriel Delanne**, um dos mais importantes seguidores de Kardec, na sua obra **L'Evolution Animique**, no que toca às investigações e descobertas efetuadas, por altura da publicação de O Livros dos Espíritos, pelo cientista francês **Claude Bernard**, fundador da medicina experimental, sobretudo na sua obra publicada em Paris no ano de 1867 Principes de Médecine Expérimentale.

Quanto ao uso corrente da língua portuguesa, se alguém morre de morte natural ou acidental, ninguém dirá entre nós - em sentido próprio - que essa pessoa "se destruiu" ou "foi destruída".

[58 - Os difíceis questionamentos] - Perguntas 737 a 741

Aqui, como em muitas das perguntas deste capítulo VI, das Leis Morais, somos confrontados com uma concisa densidade filosófica que nos desconcerta, pelo distanciamento concetual de quem nos fala, de um plano superior onde não vigoram as limitações do espaço e do tempo, onde não está ativo o véu do esquecimento e onde não se faz sentir a densidade fragilizante do veículo corporal.

Esta reflexão aplica-se a todos os difíceis questionamentos deste capítulo, que nos forçam a colocar em perspetiva os dramatismos da vida e a cósmica circunstância que nos permitiu chegar aqui, candidatos à imortalidade em contexto da máxima felicidade, do máximo conhecimento e de total responsabilidade.

[59 - A causa da guerra] - Pergunta 742

O teor desta resposta parece refletir mais o intuito de paz de quem faz a pergunta, alicerçada no otimismo pressuposto na resposta à pergunta seguinte, 743, do que a realidade imediata da guerra, que nunca nos surge associada ao respeito pela Humanidade.

De notar que no século seguinte àquele em que foi redigido O Livro dos Espíritos, para além de muitos outros conflitos armados, todos brutalmente sangrentos, ocorreram duas guerras mundiais, cujas consequências tiveram uma projeção superior a tudo o que tinha sido observado antes no planeta Terra.

[60 - A liberdade e o progresso] - Pergunta 744

Parece-nos conveniente alargar um pouco a concisão da resposta a esta pergunta, para que ela encontre acolhimento no horizonte cientifico-filosófico, com objetivos morais, que o espiritismo nos oferece, tal como está em evidência na resposta à pergunta 743.

Assim, quer a palavra "liberdade" quer a palavra "progresso" deixariam de estar confinadas aos seus significados mais vulgares e imediatos:

No termo "liberdade" estaria incluída a infinita misericórdia de Deus ao ter-nos feito participar, liberrimamente, do princípio inteligente, com total livre arbítrio. Dessa divina condição, pela qual

estamos animados, faz parte fundamental a noção de que o bem (a paz) nos é proporcionado pela existência contrastante do mal (a guerra). Noção muito bem esclarecida na pergunta 634 desta obra.

No termo “progresso” estaria incluída, mais uma vez, a infinita misericórdia de Deus, por estarmos destinados ao progresso sem limites a caminho da perfeição, conforme a resposta à pergunta 115 desta mesma obra.

[61 - Estimular os povos] - Pergunta 744-a

Esta resposta também causa perplexidade, visto que nos é impossível lê-la no mesmo plano em que se situava a entidade que a ditou, fora das contingências do espaço e do tempo. Para temperar a concisão do raciocínio e a noção da “pressa” de chegarmos a resultados transformadores, é importante lembrar que certas das mutações aqui apresentadas se desenvolvem por séculos, na perspetiva da sucessão das vidas, e do gesto magnânimo que nos dotou da máxima liberdade com a máxima responsabilidade. A salvaguarda da justiça equitativa é repetidamente referida, como na pergunta que vem já a seguir, com o 745.

[62 - Os povos “ditos primitivos”] - Pergunta 753

Para evitar termos com juízos valorativos, à falta de melhor, os antropólogos de épocas mais recentes usam as expressões: povos “ditos primitivos” e povos “ditos civilizados”.

A antropologia cultural, surgida apenas nos anos finais de novecentos, e uma abordagem científica das sociedades “ditas primitivas”, vieram lançar uma nova luz a respeito deste problema, mediante estudos de caráter experimental, que os académicos de gabinete de meados do século XIX não tinham ainda empreendido.

Segundo o contacto direto dos investigadores com esses povos, foi possível modificar grandemente a opinião em que eram tidos em conta no mundo “dito civilizado”. Este, sendo responsável por grandes passos em frente na marcha da Humanidade, continua a fornecer os mais desastrosos exemplos de violência organizada e de maus hábitos de toda a ordem, que tem imposto, de modo perverso, a quase todas as regiões do planeta.

É muito claro que muitas das tais sociedades “ditas primitivas” nos foram oferecendo exemplos pacíficos e muito harmoniosos do convívio dos humanos entre si, destes com o meio ambiente, e até com a transcendência, pelos hábitos de conhecimento e relacionamento proveitoso com o “mundo dos Espíritos”.

Infelizmente, pese muito embora a inevitável “marcha da civilização”, o choque de tais povos com a penetração do “homem branco” incluiu uma dolorosa sucessão de tragédias, que pesam duramente na consciência de toda a Humanidade, sem que por isso sejam muito claros os benefícios averbados e, muito menos, se tenha guardado memória do património cultural e civilizacional, entretanto violentamente desperdiçados.

Em suma, nem sempre seriam muito evoluídos alguns Espíritos encarnados junto dos homens “ditos civilizados”, como aliás nos é claramente dado a conhecer mediante a resposta à pergunta 755, nem seriam todos imperfeitos aqueles que animavam os povos “ditos primitivos”. A este respeito é muito importante a resposta dada à pergunta 780-b, em que se diz que “os povos mais esclarecidos são por vezes os mais perversos”, no original: “Comment se fait-il alors que les peuples les plus éclairés soient souvent les plus pervertis ?” Consultar também a Nota 29, referida ao Comentário 222.

[63 - Os duelos] - Pergunta 757

O tema de que trata este grupo é mais um dos que solicita uma contextualização sociocultural muito específica. Primeiro, por se tratar de uma tradição completamente em desuso; depois, porque - mesmo na época de Allan Kardec - se tratava de um hábito de estratos sociais francamente restritos.

[64 - O "estado de natureza"] - Pergunta 776

O aparecimento da expressão "estado natural" nas versões mais conhecidas de O Livro dos Espíritos, como tradução do francês "état de nature", sem a mínima alusão à ideia de "estado de natureza" e às suas origens no contexto do desenvolvimento da ciência política, arrisca-se a simplificar o tema, esvaziando-o de sentido próprio.

Julgo que entre "estado natural" e "lei natural" a aliteração alcançada nas terminações estabelece uma proximidade pouco conveniente, o que não acontece nas palavras utilizadas no original "état de nature" e "loi naturelle".

O "estado de natureza" seria o dos seres humanos antes da constituição da sociedade civil, antes da vigência do "contrato social" e sem governo formado para estabelecer ou impor a "ordem".

Sugiro, pois, uma pesquisa a respeito dos seguintes tópicos: estado de natureza; contrato social; Thomas Hobbes e o absolutismo; John Locke e o liberalismo; e Jean-Jacques Rousseau e a Revolução Francesa.

Estes três filósofos viveram épocas muito diferentes e tinham teorias muito diversas. Rousseau, de modo francamente utópico, não julgava o "estado de natureza" como etapa inconveniente da história humana que devesse ser substituída pela sociedade dita "organizada", tão inconveniente pelas imposições do poder.

[65 - A palavra "camelo"] - Pergunta 816

A palavra "camelo" aqui utilizada não se refere ao corpulento animal assim designado, mas à forma como se chamava certo fio bastante grosso que se usava, nesse tempo, para trabalhos diversos.

[66 - Lei de JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE] - Pergunta 873 e seguintes

A lei da justiça, amor e caridade é designada como a mais importante, por ser por ela que os seres humanos podem avançar mais na vida espiritual, tal como já nos tinha sido dito na resposta à pergunta 648.

Uma importante tarefa dos verdadeiros espíritas deveria ser o alargamento dos três conceitos, conferindo-lhes a profundidade mediante a qual se tornariam conjuntamente mais eficazes.

Isto porque um dos seus componentes aparece mais citado do que os outros no trato imediato das palavras, dos gestos e atitudes das pessoas no meio espírita, onde o valor da caridade aparece singularizado na frase síntese mais visível: sem caridade não há salvação.

Pressupõe-se evidentemente que a caridade é um conceito unificador resultante da interação das três componentes da lei maior e que onde está uma, estarão as outras.

Vem a propósito referir o aparecimento, em certas áreas no meio espírita, de forma emblemática e com carácter de afirmação, das chamadas "práticas assistencialistas".

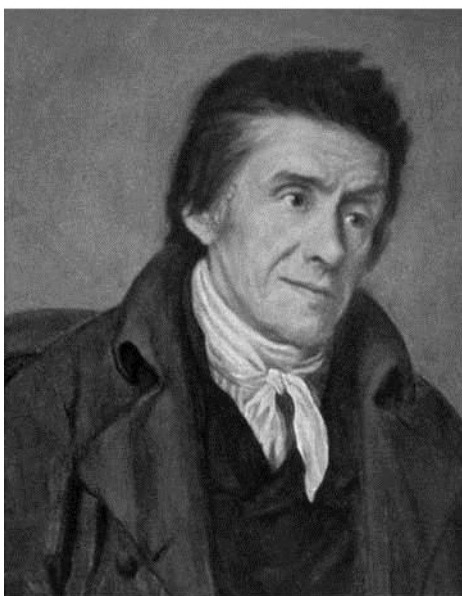
Acreditaríamos como positivas as práticas assistencialistas, sobretudo quando se pusesse também em evidência a NECESSIDADE DA JUSTIÇA SOCIAL e se procurasse enriquecer a PRÁTICA DO AMOR, não no sentido estrito de uma caridade muito bem-intencionada, mas que só atinge expressão reduzidamente simbólica.

Quem é vítima de graves injustiças e está na miséria, se lhe derem um cabaz de géneros básicos de raro em raro, há-de julgar certamente que algo de fundamental ficou pelo caminho de um esquecimento imperdoável.

E uma criança que ficou sem pais não vai terminar estudos, nem arranjar emprego condigno, a menos que tenha muita sorte do seu lado, como poderá acontecer muito naturalmente aos meninos que têm pais abastados e instruídos. Entretanto, o exercício da caridade ostensiva sempre foi uma forma simples e pouco dispendiosa de doirar o brasão de gente rica, e de outros mais modestos que querem iludir-se, procurando garantir com alguma comodidade a sua entrada no céu.

Falamos nisto porque antiquíssima é a Humanidade e persiste a amargura causada pela falta de justiça e de amor entre os povos, as nações, as comunidades grandes e pequenas e até entre os indivíduos.499

Falamos nisto porque é da emancipação geral da Humanidade que nos fala o ensinamento dos Espíritos e que muito bem foi traduzido pela filosofia científica com objetivos morais metodizada pela mente esclarecida de Allan Kardec, figura comprometida com a caridade, com o amor e com a justiça, todas as três em igual medida.

[67 - **A educação moral, preocupação fundamental em Kardec**] - Pergunta 917

Johann Heinrich Pestalozzi

Mais um comentário de Allan Kardec, cuja razão lúcida avança sempre para além do elemento revelado, transformando-o numa plataforma de ideias humanamente úteis para todo o coletivo histórico e social, neste caso passando da luta contra o egoísmo para a necessidade de uma educação que, "mais do que procurar instruir, deverá tentar formar homens de bem".

A esse respeito, e porque costuma ser dado grande relevo à importância que teve para Allan Kardec a sua experiência no colégio de Yverdun, casa em que Johann Heinrich Pestalozzi exercia o melhor do seu talento para transformar radicalmente o ensino dogmático, castrador e punitivo, num conjunto de tarefas naturalmente interessantes. Para além de se considerar o conteúdo e a eficácia do

ensino, era fundamental considerar-se o carácter, a liberdade feliz e a dignidade daqueles que ali se encontravam - mais do que para serem ensinados, para serem orientados a aprender por si mesmos, em entreajuda fraterna.

Yverdun não foi, para Hipólito Leão, nem o instituto de altos estudos, nem a academia notável que alguns se esforçaram por imaginar. Foi ali que Leão coleccionou noções e atitudes importantes para encarar a vida com brio e seriedade e foi ali que aprendeu a respeitar e estimular em si, e no seu próximo, valores humanos essenciais, aos quais deu o devido uso, a tempo de podermos, nós próprios, colhermos tais ensinamentos.

Obrigados a resumir, citamos aqui parcialmente um ótimo trabalho da distinta professora brasileira Dora Incontri que estabelece um relacionamento muito inteligente entre Comenius, Rousseau, Pestalozzi. Allan Kardec e José Herculano Pires:

"...Pode-se entender este papel precursor de Pestalozzi em vários sentidos. Em primeiro lugar, na função que teve de educar o menino Rivail, dentro dos princípios de liberdade de consciência, de universalismo, de pedagogia livre, ativa e amorosa, que marcou determinantemente a vocação pedagógica do discípulo. Entenda-se que, embora o Espírito iluminado que vem ao mundo em missão já traga sua bagagem de outras experiências, a influência que recebe na existência presente pode determinar quais das heranças passadas virão à tona. O estímulo da educação do presente ajuda no despertar harmonioso das tendências positivas do passado."

PESTALOZZI, pedagogo e militante generoso de causas

"...Em segundo lugar, Kardec propõe com o espiritismo uma continuidade das ideias que vinham sendo trabalhadas desde Comenius, passando por Rousseau e chegando em Pestalozzi. A primeira delas está relacionada com a visão otimista do ser humano, que rompe com a ortodoxia cristã do pecado original. Comenius já dava menor ênfase a este aspeto e Rousseau e Pestalozzi rompem definitivamente com esse dogma, proclamando a herança divina na criatura e o mal como resultado da liberdade humana."

"A terceira, que decorre da segunda Ideia, está ligada ao plano de mudança social. Tanto Comenius, como Rousseau e Pestalozzi, preocupados igualmente com o estabelecimento de uma sociedade mais justa na Terra (ou seja, o aspeto espiritualista do pensamento desses autores não os tornava alienados socialmente), veem na educação a melhor estratégia de reforma da sociedade. Nem revolução armada, nem apenas mudanças na estrutura económica: trata-se de formar um novo homem, para fundar uma nova sociedade. Mas, como avisa Herculano Pires, que compreendia o espiritismo de forma dialética (e com isso se inseria na melhor tradição desses grandes pedagogos, que também entendiam assim), não basta apenas mudar o indivíduo: "Transformar o mundo pela transformação do homem e transformar o homem pela transformação do mundo. Eis a dialética do Reino, que o cristão deve seguir."

[68 - O nome de Jesus] - Pergunta 1009

A designação de Jesus que aparecia na versão original de Allan Kardec era "arqchétype-humain, l'Homme-Dieu,Jésus-Christ". A tradução desta expressão pela simples menção do seu nome, Jesus, mais usual em contexto espírita, leva em conta as razões expostas na Nota final 9 atrás inserida.

[69 - A ressurreição da carne e o credo católico] - Pergunta 1010 e 1010a

O "credo", profissão de fé fundamental do catolicismo, em que se diz "creio na ressurreição da carne", ou, noutras versões, "creio na ressurreição dos mortos", não foi elaborado por Jesus nem tão pouco pelos seus discípulos. Esta ideia não consta, por isso, das "Sagradas Escrituras".

Esta profissão de fé foi redigida no Concílio de Niceia (325 d. C.) e pode ler-se nas suas atas. Sofreu, porém, algumas alterações no segundo Concílio de Constantinopla (553 d. C.), daí a designação de Credo Niceno-constantinopolitano.

Lembremos que foi este concílio que aboliu dos "textos sagrados” o conceito de reencarnação.

Por vezes, é impropriamente chamado de “credo dos apóstolos”, ou ”símbolo dos apóstolos”, o que não corresponde à verdade. A fórmula mais antiga que dele se conhece é o “symbolum breve”, que data de 150-180 d. C., e dizia: “creio no Pai todo poderoso/ e em Jesus Cristo nosso salvador/ e no Espírito Santo protetor/ na Santa Igreja e na remissão dos pecados.”

No cristianismo primitivo, apenas estas cinco crenças básicas eram apresentadas a todos os candidatos ao batismo, para que as aceitassem formalmente.

Para podermos comparar as duas ideias e para ficarmos mais informados a respeito da “ressurreição da carne”, propomos a leitura das palavras proferidas na audiência geral realizada pelo Papa Francisco na Praça de São Pedro em Roma, no dia 4 de dezembro de 2013:

“Caros irmãos e irmãs, bom dia! Hoje volto a falar ainda sobre a afirmação «Creio na ressurreição da carne». Trata-se de uma verdade que não é simples nem óbvia porque, vivendo imersos neste mundo, não é fácil compreender as realidades vindouras. Mas o Evangelho ilumina-nos: a nossa ressurreição está intimamente ligada à ressurreição de Jesus; Ele ressuscitou, e esta é a prova de que a ressurreição dos mortos existe. Então, gostaria de apresentar alguns aspetos que se referem à relação entre a ressurreição de Cristo e a nossa. Ele ressuscitou, e dado que Ele ressuscitou, também nós ressuscitaremos.

E mais adiante, o Papa Francisco esclareceu:

O que significa ressuscitar? A ressurreição de todos nós acontecerá no último dia, no fim do mundo, por obra da omnipotência de Deus, que restituirá a vida ao nosso corpo, reunindo-o à alma, em virtude da ressurreição de Jesus. Esta é a explicação fundamental: dado que Jesus ressuscitou, também nós ressuscitaremos; temos a esperança na ressurreição, porque Ele nos abriu a porta para esta ressurreição. E esta transformação, esta transfiguração do nosso corpo épreparada nesta vida pela relação com Jesus, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. Nós, que nesta vida somos alimentados pelo Corpo e Sangue, ressuscitaremos como Ele, com Ele e por meio dele. Assim como Jesus ressuscitou com o seu próprio Corpo, mas não voltou a uma vida terrena, também nós ressuscitaremos com os nossos corpos, que serão transfigurados em corpos gloriosos. Não se trata de uma mentira! Isto é verdade. Acreditamos que Jesus ressuscitou, que Jesus está vivo neste momento. Mas vós credes que Jesus está vivo? E se Jesus está vivo, pensais que nos deixará morrer e não nos ressuscitará? Não! Ele espera por nós, e dado que ressuscitou, a força da sua ressurreição ressuscitará todos nós. ”

A intervenção acima do Papa Francisco vem confirmar aquilo que ouvimos em crianças a respeito da ideia da “ressurreição da carne”, na catequese católica, que frequentámos como a generalidade dos portugueses desse tempo.

Mais confirma que a Igreja Católica, nem hoje nem nunca aceitou a ideia da reencarnação.

O texto da citação do Papa Francisco, foi visto no site da Santa Sé, no seguinte endereço: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/ papa-francesco_20131204_udienza-generale.html

[70 - Salto na numeração - a pergunta 1011 não existe]

O salto da pergunta 1010 para a pergunta 1012 é um erro que deriva das edições originais de O Livro dos Espíritos, feitas ainda em vida de Hippolyte Léon Denizard Rivail, aliás Allan Kardec. No grande número de versões e traduções que foram sendo feitas desta obra, tem havido várias soluções para

diluir esta falha original. Em certas edições mantem-se um total de 1019 perguntas, e noutras um total de 1018 perguntas. A nossa opção foi seguir a numeração da edição original de 1860.

[71 - Os céticos ou incrédulos são nossos irmãos - Conclusão III]

A cultura, a ciência e os conceitos relativos aos seres humanos e à sociedade atual, por comparação com equivalentes realidades de meados do século XIX, já foram motivo de algumas notas feitas neste trabalho de tradução, no apelo para a atualização de ideias e referências fundamentais.

No caso deste ponto III da CONCLUSÃO, a evidência do choque cultural entre essas duas épocas vai mais longe e suscita uma clarificação dos juízos formulados relativamente aos céticos, incrédulos e materialistas, aos quais é dedicada uma muito significativa parte de toda a argumentação desenvolvida nesta e noutras obras de Allan Kardec.

Os céticos racionalistas e pessoas afastadas de perspetivas espiritualistas que conhecemos são uma minoria de indivíduos geralmente orientados por princípios de caráter intelectual, possuidores de sentido crítico e quase sempre pessoas de cultura.

Temos amigos céticos, agnósticos e ateus que são pessoas respeitáveis, honestas, civicamente ativas e animadas de princípios éticos, artístico-culturais e humanistas.

Entre uma infinidade de exemplos oriundos desse setor poderíamos referir os importantes trabalhos desenvolvidos pelo filósofo francês André Comte- Sponville, por exemplo: "O Espírito do Ateísmo - Introdução a uma Espiritualidade sem Deus" e muitas outras obras que, na atualidade, vêm sinalizando uma crescente aproximação entre universos culturais outrora incompatíveis.

Os avanços na área da cultura académica, até há pouco impermeável às solicitações da complexidade sensível da Humanidade face ao Eterno, têm conhecido enriquecimentos e aberturas em várias partes do mundo a que as pessoas permanecem alheias, por motivos porventura compreensíveis, mas tão lamentáveis como aqueles que têm mantido o espiritismo na área das culturas quase completamente ignoradas.

Se o ateísmo for uma crença, como de facto pode ser encarado, porquê tentar aproximações improváveis às religiões dogmáticas e anatemizar cidadãos sérios e respeitadores só porque não acreditam no mesmo que nós ?

Quando um crente, que tem fé na vida depois da morte, é muito bonzinho e se comporta muito bem para evoluir mais rapidamente no plano espiritual, que virtude terá perante um cético que é honrado e cumpridor - até da caridade e da prática do bem - nada esperando depois de morto?

Ver, nesta obra, em apoio desta nota o conteúdo da

Pergunta 982: É necessário fazer profissão de fé no espiritismo e acreditar nas manifestações para garantir a nossa sorte na vida futura?

Se assim fosse, todos os que não acreditam ou que não puderam esclarecer- se seriam deserdados, o que é absurdo. É a prática do bem que assegura a vida futura; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja a via que a ele conduz. E ainda a

Pergunta 165: O conhecimento do espiritismo exerce alguma influência sobre a duração maior ou menor da perturbação?

Uma influência muito grande, pois o Espírito compreende antecipadamente a sua situação, mas a prática do bem e a pureza de consciência é o que exerce maior influência.

72 – A IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL DO PERISPÍRITO

Ao ler o conteúdo de O Livro dos Espíritos e tudo o que ele nos diz a respeito da evolução perispiritual dos seres humanos, já ficámos com uma ideia da "concentração de complexidades" que o nosso veículo perispiritual carrega consigo. A ciência atual, oferecendo-nos informações técnico-

científicas que a experiência e os factos confirmam, ajuda-nos a construir uma imagem mais compreensível da sua verdadeira natureza e propriedades.

Apresentamos algumas ideias base, ponto de partida para as pesquisas que os leitores desejarem fazer:

Textos de GABRIEL DELANNE, CARLOS DE BRITO IMBASSAHY, e REINALDO DI LUCIA, importantes expoentes de épocas diversas da investigação científica relativa a temas de espiritismo;

A seguir ao texto de Carlos de Brito Imbassahy, por fazer parte dos investigadores que ele mesmo refere, fazemos alusão a um notável cientista norte americano, HAROLD SAXTON BURR, que trabalhou em eletrodinâmica biológica e fez investigações acerca dos "campos de vida" (fields of life) e dos "agentes estruturadores", termos e ideias fundamentais para a compreensão da natureza e funcionamento do perispírito.

Fragmentos de GABRIEL DELANNE:

"...Se realmente existe no homem um segundo corpo, que é o modelo inabalável pelo qual se ordena a matéria carnal, compreende-se que - apesar do turbilhão de matéria que se movimenta no corpo humano - se mantenha em nós o tipo individual que nos caracteriza, no meio das incessantes mutações resultantes da desagregação e da reconstituição de todas as partes do corpo, comparáveis a uma máquina à qual, a cada instante, se mudassem todas as suas partes constituintes. O perispírito é o regulador das funções, o arquiteto que vela pela manutenção do edifício, porque essa tarefa não pode depender essencialmente das atividades cegas da matéria.

Reflitamos sobre:

A diversidade dos órgãos que compõem o corpo humano;

Os tecidos que servem à construção dos órgãos;

A cifra prodigiosa de muitos triliões de células aglomeradas, que formam todos os tecidos;

O número colossal de moléculas do protoplasma;

E, enfim, a imensa quantidade dos átomos que constituem as moléculas orgânicas.

Achamo-nos em presença de um verdadeiro Universo, tão variado que ultrapassa em complexidade o que a imaginação possa conceber.

A maravilha é a ordem que reina nesses milhares de milhões de ações enredadas.

(...) Se no meio desse turbilhão existe um factor que permanece estável, é lógico que seja ele o organizador ao qual a matéria obedece. Esse factor é o perispírito, visto que é evidente a sua existência durante a vida, como é evidente que existe para além da morte. Os avanços no conhecimento das suas propriedades resultarão preciosíssimos no domínio da Fisiologia e da Medicina.

O que os antigos chamavam a "vis medicatrix naturae" é o mecanismo estável, incorruptível, sempre ativo, que defende o organismo contra as ações mecânicas, físicas, químicas e microbianas às quais está sempre sujeito, e que recompõe a cada instante a integridade do ser vivo quando é afetada.

Numa palavra, o corpo não é somente um aglomerado de células

justapostas: é um todo harmónico cujas partes constituintes têm funções bem definidas, subordinadas ao papel que desempenham no plano geral.

O perispírito é a realização física dessa "ideia diretora", que o grande cientista CLAUDE BERNARD assinalou como a verdadeira característica da vida. Essa "ideia diretora" é também o "desígnio vital" que cada um de nós realiza e conserva ao longo de toda a sua existência..."

Texto pesquisado e traduzido a partir da obra "Documents pour servir à l'étude de la Réincarnation" (A Reencarnação). Paris: Éditions de la B.P.S, 1927.

Palavras de CARLOS DE BRITO IMBASSAHY *

Breve citação de um texto visto no site Era do Espíritoenviado a Ellio Mollo pelo autor no dia 2 de novembro de 2007; Tema, "O Perispírito ante a Psico-bio-física"

"...o "campo de vida" seria o que Kardec definiu como perispírito e o "agente estruturador" seria, portanto - e por correspondência - o Espírito encarnante.

(.)

"... o campo pode ser definido como sendo a área física em torno de um agente qualquer sobre a qual sua ação é percebida. Exemplificando: em torno de uma fogueira há uma região em que seu calor é percebido; será, pois, o campo térmico da mesma. O íman é sempre o exemplo ideal porque em sua volta há uma região restrita de atração fora da qual ela não é sentida."

". A primeira característica de qualquer campo é a energia atuante e relacionada com o agente estruturador. O campo do imã tem a propriedade de aglutinar limalhas de ferro e níquel dando-lhes uma formação relacionada com o imã, criando imagens conhecidas como "linhas de força" do campo.

Temos aí uma ideia do que Kardec disse ao definir o perispírito como não sendo material, ou melhor, sendo semimaterial, porque teria esta propriedade aglutinadora de reunir a energia cósmica em si como o campo do imã quando atua sobre as aludidas limalhas.

Esta energia cósmica modulada por um agente físico que atua em determinada região em torno do seu agente estruturador é conhecida como sendo um dos estados físicos da energia fundamental. Assim, o conceito de "semimaterial" emitido à época de Kardec satisfaz plenamente às condições de conhecimento da atualidade.

O perispírito só tem sentido porque é capaz de agir de forma semelhante, agregando energia cósmica em seu campo para poder atuar sobre as células orgânicas fetais no útero materno, quando no processo encarnatório.

O campo do íman também é formado de energia agregada a ele, sem o que jamais atuaria sobre as limalhas.

Cabe lembrar que, na época de Kardec, não se conhecia a energia. O próprio Newton teria definido a energia cósmica fundamental como sendo um fluido, o FCU. Portanto, naquela época, não sendo material, só poderia ser considerado como "semimaterial". Entenda-se, pois, desta forma, o conceito em apreciação."

Propriedades do perispírito

(...) "...Rigorosamente coerente com o que Kardec informa em O Livro dos Médiuns e na Seleta de artigos da Revista Espírita, vamos chegar às seguintes conclusões obtidas pela verificação feita em laboratório com uso de aparelhos espectrográficos capazes de detetar o aludido "campo de vida":

- O perispírito é elaborado pelo Espírito segundo suas necessidades junto ao mundo cósmico em que vá viver;

- É um campo quântico de natureza psíquica capaz de estruturar células orgânicas e formar corpos somáticos;

- Em decorrência da propriedade anterior, ele detém a condição de transmitir ao corpo dito somático as suas necessidades orgânicas decorrentes da vida que deva ter;

- Como tal, comparando-o ao campo de uma fita de gravador, ele pode interferir diretamente no corpo somático modulando-o para que ele se estruture segundo suas necessidades encarnatórias.

- No sentido inverso, ele pode gravar tudo o que o encarnante faça durante sua vida terrena, sendo o arquivo temporário das suas reações; dessa forma, nossas atitudes presentes podem se refletir nas vidas futuras e o "assim como fizeres, assim acharás" terá plena justificativa, lembrando que, como

numa pilha elétrica, toda energia que emana de um polo volta para o outro, fechando o circuito; caso contrário, ela não circula pelo mesmo.

- Sendo transitório, como todo e qualquer campo, decorrente da ação indutora do agente, ele não poderá ser o registro de nossos atos, ou seja, a "memória inconsciente" freudiana, arquivo de todos os nossos atos passados, mas servirá de elo entre nossa vida encarnada e os demais campos e sistemas integrados do Espírito.

- Do mesmo modo que um campo de um condutor elétrico se modifica de acordo com a corrente que passe por ele, também o perispírito será modulado pela índole ou variação de sentimentos do Espírito, motivo pelo qual este necessita de um ambiente compatível com a sua evolução para nele se encarnar, a fim de que seu perispírito possa atuar nas suas energias materiais.

O que se pode concluir é que tudo isso foi comentado por Kardec sem que, à sua época, se tivesse noção ou o conhecimento atual relacionado com um campo energético e principalmente, de natureza psíquica."

* O Engenheiro e professor universitário **Carlos de Brito Imbassahy** é investigador espírita com formação científica, muito conhecido no universo espírita brasileiro, tem numerosos artigos e livros publicados a respeito do tema de que tratamos aqui. É filho de Carlos Imbassahy (1883-1969), advogado, jornalista e importante individualidade ligada ao espiritismo brasileiro.

- A ELETRODINÂMICA BIOLÓGICA e a noção dos "CAMPOS DE VIDA" e dos "AGENTES ESTRUTURADORES" na obra de Harold Saxton Burr (citado em textos da autoria de Carlos de Brito Imbassahy).

HAROLD SAXTON BURR (1889-1973), cientista norte americano não espírita, não foi o único investigador a ter interesse por estes temas e a estudá-los.

Na linguagem dos homens de ciência é possível afirmar que tudo o que existe, visível ou invisível, obedece ao potencial organizador de "campos de vida", "agentes estruturadores" ou "FRAMEWORKERS".

Harold S. Burr foi professor da "Yale University School of Medicine", na área da neuroanatomia e da eletrodinâmica biológica. As suas principais áreas de estudo foram: "A teoria eletrodinâmica da vida"; "As características elétricas dos sistemas vivos" e "A comprovação da existência de campos eletrodinâmicos nos organismos vivos".

Há três obras suas bastante marcantes: "A Natureza do Homem e o Significado da Existência", "Projeto para a Imortalidade" e "Os Campos de Vida, as Nossas Ligações com o Universo".

Na sua obra "A Natureza do Homem e o Significado da Existência" de 1962, a que tivemos acesso online, conclui de forma muito expressiva, e com argumentos científico-filosóficos, pela existência de DEUS.

Recomendamos vivamente a leitura desta obra, que pode ser consultada online, e descarregada, página a página, pelo menos nos "sites" de duas bibliotecas universitárias dos EUA.

O PERISPÍRITO / Uma abordagem do século XX
Reinaldo Di Lucia *

Incluímos esta breve citação do investigador aqui referido, por ser o documento mais recente que conseguimos encontrar, de fonte espírita, com referências científicas, a respeito do perispírito. Com efeito foi publicado no site do Instituto Cultural Kardecista de Santos em 5 de setembro e 10 de outubro de 2016, como atualização de outro artigo do mesmo autor e com o mesmo título, publicado em outubro de 2002 no Caderno Cultural Espírita.

“...Dentre todos os continuadores do pensamento de Allan Kardec, Delanne é o que maior importância atribui ao perispírito. Provavelmente, isto se dá na medida em que é de grande dificuldade para qualquer pessoa adepta ao positivismo, aceitar que o Espírito, este ser imaterial e, para muitos, puramente abstrato, possa ser o princípio de todas as manifestações intelectivas do homem.

Assim, ele vai atribuir ao perispírito uma gama significativa de funções relativas à organização ou mesmo às capacidades inteligentes do ser humano. As principais funções cujas bases são por ele atribuídas ao perispírito são sumariamente descritas abaixo.

Primeiramente, temos a formação do corpo físico. Delanne depara-se com o problema de explicar como o corpo físico pode ser formado com tantos detalhes e reconstruído, com a mesma semelhança, sempre que certas partes são destruídas. Lança mão então da explicação perispiritual:

A força vital por si só não bastaria para explicar a forma característica de todos os indivíduos, e tampouco justificaria a hierarquia sistematizada de todos os órgãos, sua sinergia em função de um esforço comum, visto serem

eles, simultaneamente, autónomos e solidários. Neste ponto é que incide o ascendente da intervenção do perispírito, ou seja, de um órgão que possua as leis organogenéticas, mantenedoras da fixidez do organismo, através de constantes mutações moleculares."

O perispírito é então, em sua opinião, o modelo fluídico, o molde que servirá para construir o corpo físico. Como veremos, esta também é a opinião de Hernâni Guimarães, atualizando o raciocínio a partir de recentes descobertas científicas.

A grande preocupação desse pensador, para atribuir ao perispírito o papel de molde do corpo está na explicação da forma. Enquanto que ele podia perfeitamente admitir uma força vital primária idêntica para todos os seres vivos, desde a planta até o homem, pressupunha que deveria existir uma outra força que diferenciasse as muitas espécies no que tange à sua forma. Essa força seria o perispírito.

Em segundo lugar, Delanne dá ao perispírito um papel psicológico fundamental. Para ele, o perispírito é a base da memória do homem, a qual, por sua vez, é fundamental para a asseguração contínua de sua identidade.

Ele baseia esta opinião sobre a ideia que, mais que qualquer outra célula do corpo humano, as do cérebro são substituídas rapidamente, o que impossibilitaria a manutenção, neste órgão, da memória.

"O cérebro, porém, muda perpetuamente, as células dos seus tecidos são incessantemente agitadas, modificadas, destruídas por sensações vindas do interior e exterior. Mais do que as outras, essas células submetem-se a uma desagregação rápida e, num período assaz curto, são integralmente substituídas."

Partindo do principio acima descrito, o eminente pensador espírita debita ao perispírito a função da memória, já que esta não poderia ser unicamente do corpo. Em sua tese, qualquer facto guardado pela memória é registrado no perispírito. Quando uma célula cerebral morre, é substituída por outra formada pelo mesmo perispírito, que lhe imprimirá, qual disco gravado por uma matriz, as mesmas impressões que ele próprio guarda. Fica assim resguardada a memória.

Ideias semelhantes a essas são igualmente defendidas por Léon Denis e Gustave Geley, em vários dos seus livros, o que nos dá a impressão que eram bastante difundidas no meio espirita à época - apesar de não terem sido defendidas por Kardec em sua obra.

(•••)

Em resumo, as principais ideias sobre o perispírito expostas por estes eminentes pensadores, e ainda hoje bastante difundidas no movimento espírita são:

• O perispírito é um envoltório do espírito, que o acompanha desde a sua criação e, portanto, preexistente ao nascimento e sobrevive à morte do corpo físico.

É composto de matéria, porém, em nível diferente daquela a que os encarnados estão acostumados. Kardec afirma ser uma matéria “quintessenciada”, obtida por modificação direta do fluido cósmico (que é a matéria primordial), contendo ainda elementos do princípio vital e mesmo de componentes físicos e eletromagnéticos.

A sua composição energética é tanto mais densa, ou menos subtil, quanto menos evoluído (do ponto de vista intelectual e moral) for o espírito. Com a evolução deste, vai-se tornando mais subtil, ainda que não se saiba ao certo o que isto significa fisicamente, mas sempre acompanha o espírito.

É totalmente sujeito à vontade do espírito, que pode plasmá-lo a seu gosto e dar-lhe a forma que desejar.

Serve como elemento de ligação entre o espírito e o corpo físico, uma vez que um e outro não podem interagir diretamente devido à diferença estrutural entre ambos.

É o elemento que possibilita a manutenção de uma forma para o espírito desencarnado e, assim, permite que este possa identificar-se como uma individualidade.

É o princípio fundamental das manifestações mediúnicas, em especial daquelas caracterizadas como efeitos físicos.

É o molde do corpo físico, uma forma que conteria os elementos informacionais que permitiriam a sua formação e a sua manutenção. Esta função também é a única forma de adequar o surgimento da vida à Segunda Lei da Termodinâmica.

É a sede dos sentimentos e das faculdades, notadamente da memória. Por vezes, é apontado como sede da inteligência.

Possui órgãos e células, como o corpo físico. Este, aliás, é uma cópia daquele.

Reinaldo di Lucia * (Nota curricular provavelmente desatualizada e inexata)

Engenheiro Químico formado pela Faculdade de Engenharia Industrial, FEI, S.Bernardo,SP; professor universitário, com especialização em Qualidade na Fundação Getúlio Vargas, Reinaldo Di Lucia tem formação em MBA executivo em Gestão Empresarial também pela FGV e pós-graduação em Engenharia de Qualidade pela Faculdade de Engenharia Industrial. Reinaldo di Lucia, da cidade de Santos, Brasil, é membro do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita- CPDoc e colunista do Jornal Abertura, mantido pelo Instituto Cultural Kardecista de Santos-ICKS, em que trata de assuntos contemporâneos sob a ótica progressista do espiritismo.

73 - Antes da palavra "perispírito" de Allan Kardec, o termo "corpo espiritual" de Johann Caspar Lavater

O ensino dos Espíritos, na remota Antiguidade

Uma das constantes da mensagem que nos é transmitida ao longo das obras de Allan Kardec é a da perenidade do conhecimento, que a Humanidade foi possuindo ao longo dos séculos, dos princípios fundamentais que são desenvolvidos e amplamente documentados através da sua obra.

No Capítulo IV da Introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo", Allan Kardec surpreende-nos com uma referência fortíssima ao legado de Platão e de Sócrates que está na linha do que nos informa a Introdução de "O Livro dos Espíritos", no número VI - Resumo dos ensinamentos dos Espíritos, de resto integralmente coerente com todo o conteúdo da sua obra.

(em: https://espiritismocultura.com, procurar o título: **Da cultura da Grécia antiga a Allan Kardec, a falta de memória da Humanidade**)

Esses preciosos conhecimentos herdados da Antiguidade foram sendo acumulados, em prestigiadíssimos centros de estudo e investigação, orientados por mestres bem conhecidos, durante vários séculos, nas áreas mais avançadas culturalmente dessas épocas.

A obra de Allan Kardec não inaugura esses conhecimentos a partir do zero, antes recupera patrimónios notabilíssimos de que a Humanidade se viu privada pela implantação violenta e organizada das religiões dogmáticas a partir do século IV, da nossa era, que ao longo de quase 16 séculos transformaram todas as outras ideologias em heresias, que foram perseguidas sem piedade nem tolerância, fosse qual fosse a área ou os características que possuíssem.

A lenta recuperação de uma antiquíssima cultura: o espiritismo

O caso de **Johann Caspar Lavater** (1741-1801) é um de muitos casos notáveis de personalidades que, embora inseridos em culturas de carácter dogmático, conseguiram atingir alguma percepção da

filosofia espiritualista, por intermédio - neste caso - da capacidade conjunta da sensibilidade cultural e do evidente potencial da hipersensibilidade mediúnica.

Johann Caspar Lavater foi um importantíssimo investigador, homem de vasta cultura, que teve o talento de se relacionar com um variado número de intelectuais e pessoas notáveis do seu tempo.

Consultando os arquivos oficiais das entidades em que exerceu a sua actividade, esta área de conhecimentos e estudos é geralmente escamoteada, como é hábito. Porém, devido ao altíssimo nivel socio-cultural dos interlocutores que alcançou, ao longo das suas pesquisas, as suas correspondências, a respeito de conhecimentos que conseguiu obter, tornaram-se documentos de uma especialíssima e muito rara importância.

Publicamos a seguir um breve extrato das cartas que Johann Caspar Lavater, sábio suíço, endereçou em 1798 a Maria Feodorovna da Rússia, publicadas por Allan Kardec na Revista Espírita de março de 1868 e que tinham sido escritas 59 anos antes da edição de O Livro dos Espíritos.

São escritos excelentes e importantíssimos, verdadeiramente percursores da obra realizada por Allan Kardec na estruturação metodológica e no comentário científico-filosófico dos ensinamentos dos Espíritos.

Ideias a respeito das almas após a morte, de Johann Caspar Lavater

Lavater inscreve na sua primeira carta esta preciosíssima alusão ao perispírito quando, a pedido de Maria Feodorovna, lhe falava nas suas ideias a respeito das almas após a morte. Notemos que a designação “perispírito” não existia ainda em 1798, tendo sido criada por Allan Kardec, pelo que Lavater usou o termo **corpo espiritual**:

“…Estamos ligados à matéria e são os nossos sentidos e os nossos órgãos que dão à nossa alma as perceções e o entendimento.

(...) Penso que o mundo visível deve desaparecer para a alma separada de seu corpo, assim como lhe escapa durante o sono. Ou então o mundo, que a alma entrevia durante sua existência corporal, deve aparecer à alma desmaterializada sob um aspeto completamente diferente.

Se, durante algum tempo, ela pudesse ficar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Mas se, logo depois de haver deixado o seu corpo - o que acho muito provável - ela for provida de um corpo espiritual, que teria retirado do seu corpo material, o novo corpo lhe dará indispensavelmente uma perceção muito diversa das coisas. Se, o que facilmente pode acontecer às almas impuras, esse corpo ficasse, durante algum tempo, imperfeito e pouco desenvolvido, todo o Universo apareceria à alma num estado de perturbação, como seria visto através de um vidro fosco.

Mas se o corpo espiritual, condutor e intermediário das suas novas impressões, se tornasse mais desenvolvido ou mais organizado, o mundo da alma lhe pareceria, conforme a natureza e as qualidades dos seus novos órgãos, bem como segundo o seu grau de harmonia e perfeição, mais regular e mais belo.

Os órgãos simplificam-se, adquirem harmonia entre si e são mais apropriados à natureza, ao caráter, às necessidades e às forças da alma, conforme ela se concentre, se enriqueça e se depure aqui em baixo, perseguindo um só objetivo e agindo num sentido determinado.

Existindo na Terra, a alma aperfeiçoa, por si mesma, as qualidades do seu corpo espiritual, do veículo no qual continuará a existir após a morte do seu corpo material, e que lhe servirá de órgão para conceber, sentir e agir na sua nova existência.

Esse novo corpo, apropriado à sua natureza íntima, a tornará pura, amável, vivaz e apta a mil belas sensações, impressões, contemplações, ações e prazeres.

Tudo o que podemos e tudo o que ainda não podemos dizer sobre o estado da alma após a morte, basear-se-á sempre neste único axioma, permanente e geral: o homem colhe o que semeou. É difícil encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e mais próprio a ser aplicado a todos os casos possíveis.

Existe uma lei geral da natureza estreitamente ligada, ou mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, a respeito do estado da alma após a morte. É uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber: "o que se assemelha tende a reunir-se. Tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união."

Todas as ideias sobre o estado da alma após a morte são baseadas neste simples princípio. Tudo quanto vulgarmente chamamos de julgamento prévio, compensação, felicidade suprema, danação, pode ser explicado desta maneira: "conforme tenhas semeado o bem em ti mesmo, nos outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora de si; gozarás da amizade daqueles aos quais te terás assemelhado na sua maneira de semear o bem.

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias da matéria, aparece a si mesma tal qual é na realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que a impediam de se reconhecer e de ver as suas forças, as suas fraquezas e seus defeitos, desaparecerão..."